O DESPERTAR DOS MÁGICOS
Introdução ao Realismo Fantástico
Louis Pauwels
Jacques Bergier
DIFEL

digital source

Estamos diante de uma obra singular. Manifesto, tratado, obra esotérica, história, ficção científica, narrativa romanesca, coletânea de curiosidades, "O despertar dos mágicos" pode ser todas essas coisas mas não se encaixa em nenhuma. É uma defesa de uma estranha maneira de encarar o mundo: o realismo fantástico. Não confundir com o realismo mágico, gênero literário criado por escritores modernos sul-americanos como Jorge Luis Borges e Gabriel García Márquez, embora não deixe de haver alguma conexão.

O realismo fantástico, segundo os autores do livro, é a disposição de investigar o mundo sem os "preconceitos" ditados pelo "cientificismo" e o "intelectualismo" da era moderna. Nas palavras de Louis Pauwels: "Há superstições antigas e modernas. Para certas pessoas, nenhum fenômeno de civilização é compreensível se não admitirmos, nas origens, a existência da Atlântida. Para outros, o marxismo chega para explicar Hitler".

Em "O despertar dos mágicos", a Alquimia é levada a sério, e os resultados dos alquimistas, como transformar chumbo em ouro, podiam ser antecipações ainda mais sofisticadas das transformações nucleares da Física Moderna. A História é revista, podendo ser o produto de uma guerra entre sociedades secretas, regidas pelos "Superiores Desconhecidos".

Hitler e o nazismo seriam uma tentativa de uma sociedade mística prevalecer sobre outra tecnocrática. Contando assim, parece piada; mas os autores levam a cabo seus argumentos com elegância, profundidade e erudição, amparados num monumental trabalho de pesquisa. Uma leitura instigante que, no mínimo, poderá abrir alguns horizontes.

# Louis Pauwels e Jacques Bergier

# O Despertar dos Mágicos

## Prefácio

Tenho uma grande falta de habilidade manual e lamento-o.

Seria mais perfeito se as minhas mãos soubessem trabalhar. Mãos que fazem qualquer coisa de útil mergulham nas profundidades do ser e dali extraem uma fonte de bondade e de paz. O meu padrasto (a quem chamarei aqui pai, pois foi ele que me educou) era alfaiate. Tinha uma alma profunda, um espírito verdadeiramente mensageiro. Por vezes dizia, sorrindo, que a traição dos clérigos, principiara no dia em que um deles representou um anjo com asas: é com as mãos que se sobe ao céu.

A despeito desta falta de habilidade, consegui no entanto encadernar um livro. Tinha dezesseis anos. Era aluno do curso complementar de Juvisy, nuns arrabaldes pobres. Ao sábado à tarde podíamos escolher entre o trabalhar a madeira, o ferro, a modelagem ou a encadernação. Nessa época eu lia os poetas, principalmente Rimbaud. No entanto, impus a mim próprio não encadernar Une Saison en Enfer. Meu pai possuía cerca de trinta livros dispostos no estreito armário da sua oficina, juntamente com os carros de linhas, o giz, os chumaços e os moldes.

Havia também, nesse armário, milhares de notas tomadas numa caligrafia miúda e aplicada, a um canto da banca de alfaiate durante as inumeráveis noites de labor. Entre esses livros eu lera Le Monde avant la Création de l'Homme, de Flammarion, e entregava-me à descoberta, nessa altura, de Para Onde Vai o Mundo? de Walter Rathenau. Foi o livro de Rathenau que resolvi encadernar, não sem custo. Rathenau fora a primeira vítima dos nazistas, e nós estávamos em 1936. Na pequena oficina do curso complementar, aos sábados, eu fazia trabalhos manuais por amor ao meu pai e ao mundo operário. No dia 1 de Maio ofereci-lhe, juntamente com um ramo de junquilho, o Rathenau encadernado.

Nesse livro, meu pai sublinhara a lápis vermelho uma longa frase que nunca mais esqueci:

Mesmo as épocas de opressão são dignas de respeito, pois são a obra, não dos homens, mas da humanidade, e portanto da natureza criadora, que pode ser dura, mas nunca é absurda. Se a época que vivemos é dura, temos o dever de a amar ainda mais, de a penetrar com o nosso amor, até que tenhamos afastado as enormes montanhas

que dissimulam a luz que há para além delas.

Mesmo as épocas de opressão... Meu pai morreu em 1948 sem jamais deixar de crer na natureza criadora, sem jamais deixar de amar e de penetrar com o seu amor o mundo sofredor em que vivia, sem jamais perder a esperança de ver brilhar a luz para além das enormes montanhas. Ele pertencia à geração dos socialistas românticos, que tinham como ídolos Vítor Hugo, Romain Rolland, Jean Jaurès, usavam grandes chapéus e conservavam a pequena flor azul da sentimentalidade entre as pregas da bandeira vermelha. Na fronteira da mística pura e da ação social, o meu pai, preso à sua banca de alfaiate mais de catorze horas por dia - e nós vivíamos à beira da miséria - conciliava um ardente sindicalismo e uma busca de libertação interior. Nos gestos muito limitados e humildes do seu ofício introduzira um método de concentração e de purificação do espírito a respeito do qual deixou centenas de páginas. Enquanto fazia casas, ou passava a ferro as fazendas, tinha uma presença resplandecente. À quinta-feira e ao domingo, os meus camaradas reuniam-se à volta da sua banca, para o escutar e sentir aquela presença vigorosa, e a maior parte deles alteraram as suas vidas devido à sua influência.

Cheio de confiança no progresso e na ciência, acreditando na ascensão do proletariado, elaborara uma sólida filosofia. Sentira uma espécie de inspiração ao ler a obra de Flammarion sobre a pré-história. Depois, guiado pela paixão, lera livros de paleontologia, de astronomia, de física. Embora sem preparação, penetrara no âmago dos assuntos. Falava pouco mais ou menos como Teilhard de Chardin, que então desconhecíamos: O que o nosso século vai viver é mais importante do que a aparição do budismo! De futuro já não se trata de dedicar a tal ou tal divindade as faculdades humanas.

É o poder religioso da terra que sofre em nós uma crise definitiva: a da sua própria descoberta. Começamos a perceber, e para sempre, que para o homem a única religião aceitável é a que antes de mais o ensinará a reconhecer, amar e servir apaixonadamente o Universo de que ele é o elemento mais importante . Ele achava que a evolução não se confunde com o transformismo, mas que ela é integral e ascendente, aumentando a densidade psíquica do nosso planeta, preparando-o para tomar contacto com as inteligências dos outros mundos, para se aproximar da própria alma do cosmos.

Para ele, a espécie humana não estava concluída. Ela progredia em direção a um estado de superconsciência, através da ascensão da vida coletiva e da lenta criação de um psiquismo unânime. Dizia que o homem ainda não estava perfeito e salvo, mas que as leis de condensação da energia criadora permitem-nos alimentar, à escala do cosmos, uma formidável esperança. E não perdia de vista essa esperança. Era por isso que julgava com uma serenidade e um dinamismo religiosos os problemas deste mundo, indo procurar muito longe, muito alto, um otimismo e uma coragem imediatamente e realmente utilizáveis.

Em 1948 a guerra terminara, e ressurgiam ameaças de batalhas, desta vez atômicas. No entanto ele considerava as inquietações e os sofrimentos atuais como negativos de uma imagem magnífica. Havia nisso um fio que o unia ao destino espiritual da Terra e espalhava sobre a época de opressão em que terminava a sua vida de trabalhador, apesar de imensos desgostos íntimos, muita confiança e muito amor.

Morreu nos meus braços, na noite de 31 de Dezembro e disse-me, antes de fechar os olhos:

É preciso não contar demasiadamente com Deus, mas talvez Deus conte conosco...

Em que ponto da minha evolução estava eu nesse momento? Tinha vinte e oito anos. Fizera vinte anos em 1940, em plena derrocada. Pertencia a uma geração de transição que assistira ao desmoronar de um mundo, estava separada do passado e desconfiava do futuro. Eu estava longe de acreditar que a época de opressão fosse digna de respeito e que era necessário penetrá-la com o nosso amor. Antes me parecia que a lucidez nos levava a recusar um jogo em que todos fazem batota.

Durante a guerra refugiara-me no hinduísmo. Era o meu mundo. Nele vivia em resistência absoluta. Não procuremos o ponto de apoio na história e entre os homens: escapa-se-nos sem cessar. Procuremo-lo em nós próprios. Sejamos deste mundo como se o não fôssemos. Coisa alguma me parecia tão bela como o pássaro mergulhador da Bhagavad Gita, que mergulha e volta à superfície sem ter molhado as penas. Perante os acontecimentos contra os quais nada podemos, pensava eu, procedamos de forma que eles nada possam contra nós. Permanecia nas alturas, sentado em lódão sobre uma nuvem vinda do Oriente. À noite, meu pai lia às escondidas os meus livros de cabeceira tentando compreender a estranha doença que tanto me afastava dele. Mais tarde, após a Libertação, ofereci a mim próprio um mestre para viver e pensar. Tornei-me discípulo de Gurdjieff. Esforçava-me por me separar das minhas emoções, dos meus sentimentos, dos meus impulsos, a fim de encontrar, para além, qualquer coisa de imóvel e permanente, uma presença muda, anônima, transcendente, que me consolaria da minha pequena realidade e da incongruência do mundo. Julgava meu pai com certa comiseração. Supunha possuir os segredos do governo do espírito e de todo o conhecimento. Na verdade, eu não possuía mais que a ilusão de possuir um enorme desprezo por aqueles que não partilhavam essa ilusão.

Meu pai desesperava-se por minha causa. Eu próprio me desesperava. Mantinha-me obstinadamente numa posição de recusa.

Lia René Guénon. Pensava que tínhamos a pouca sorte de viver num mundo radicalmente pervertido e justamente votado ao apocalipse. Fazia meu o discurso de Cortes à Câmara dos Deputados de Madrid em 1849: Meus senhores, a causa de todos os vossos erros é ignorardes o caminho da civilização e do mundo. Julgais que a civilização e o mundo progridem, e eles retrocedem! Para mim, a idade atual era a idade negra. Entretinha-me a enumerar os crimes do espírito moderno contra o espírito.

Desde o século &I que o Ocidente, separado dos Princípios, corria para a própria destruição. Alimentar qualquer esperança era aliar-se ao mal. Denunciava a mais pequena confiança como uma cumplicidade. Só me restava entusiasmo para a recusa, para a ruptura. Neste mundo cujas três quartas partes já se perdiam no abismo, onde os padres, os sábios, os políticos, os sociólogos e os organizadores de toda a espécie me apareciam como coprófagos, apenas os estudos tradicionais e uma resistência incondicional ao século eram dignos de respeito. Neste estado de espírito chegava a considerar meu pai um ingênuo primário. O seu poder de adesão, de amor, de visão remota irritava-me como coisa ridícula.

Acusava-o de ter permanecido nos entusiasmos da Exposição de 1900. A esperança que ele punha numa coletivização crescente (e colocava-a infinitamente mais acima que o plano político) provocava-me desprezo. Eu só acreditava nas antigas teocracias.

Einstein fundava um núcleo desesperado dos sábios do átomo, a ameaça de uma

guerra total pairava sobre a humanidade dividida em dois blocos. Meu pai morria sem nada ter perdido da sua fé no futuro, e eu já não o compreendia. Não evocarei, nesta obra, os problemas de classe. Não é o lugar adequado.

Mas sei muito bem que esses problemas existem, pois crucificaram o homem que me amava. Não conheci o meu verdadeiro pai. Ele pertencia à velha burguesia de Gante. Tanto minha mãe como o meu segundo pai eram operários, descendiam de operários. Foram os meus antepassados flamengos, folgazões, artistas, ociosos e orgulhosos, que me afastaram do pensamento generoso, dinâmico, que me fizeram desprezar e ignorar a virtude da participação. Há muito tempo já que existia uma barreira entre meu pai e eu.

Ele que não quisera outro filho além deste que não era do seu sangue, com receio de me prejudicar, sacrificara-se para que eu me tornasse um intelectual. Tendo-me dado tudo, idealizara a minha alma semelhante à dele. A seus olhos eu devia tornar-me um farol, um homem capaz de esclarecer os outros homens, de lhes dar coragem e esperança, de lhes mostrar, como ele dizia, a luz que brilha no fundo de nós.

Mas eu não via qualquer espécie de luz, senão a luz negra, em mim e no fundo da humanidade. Não passava de um letrado semelhante a tantos outros. Levava até às suas conseqüências extremas esse sentimento de exílio, essa necessidade de revolta radical que se exprimia nas revistas literárias por volta de 1947, ao falar de inquietação metafísica, e que constituíram a complicada herança da minha geração.

Nestas condições, de que maneira ser um farol? Esta idéia, expressão à Vítor Hugo faziam-me sorrir maldosamente. Meu pai censurava-me por me deixar corromper, por ter passado, como ele dizia, para o lado dos privilegiados da cultura, dos mandarins dos orgulhosos da sua impotência. A bomba atômica, ao passo que para mim marcava o princípio do fim dos tempos, era para ele o sinal de um novo despertar. A matéria ia-se espiritualizando e o homem descobriria à sua volta e em si próprio forças até ali insuspeitadas.

O espírito burguês, para o qual a Terra é um local de descanso confortável de que é necessário extrair o máximo, ia ser sacudido pelo espírito novo, o espírito dos obreiros da Terra, para quem o mundo é uma máquina em marcha, um organismo em evolução, uma unidade a construir, uma Verdade a fazer desabrochar. A humanidade estava apenas no início da sua evolução. Ela recebia as primeiras informações a respeito da missão que lhe era destinada pela Inteligência do Universo. Mal começávamos a perceber o que é o amor do mundo.

Para meu pai, a aventura humana tinha uma direção. Ele julgava os acontecimentos conforme se situavam ou não nessa direção. A história tinha um sentido: ela evoluía para qualquer forma de ultra-humano, trazia em si a promessa de uma superconsciência. A sua filosofia cósmica não o separava do século.

No presente, as suas adesões eram progressistas. Eu irritava-me, sem perceber que ele punha uma espiritualidade infinitamente maior no seu progressismo do que os progressos que eu fazia na minha espiritualidade.

No entanto, eu sufocava no meu pensamento limitado. Diante daquele homem sentia-me por vezes um pequeno intelectual árido e transido, e acontecia-me desejar pensar como ele, respirar tão amplamente como ele. Ao canto da sua banca de alfaiate, à

noite, eu levava a contradição ao extremo, provocava-o, desejando secretamente sentir-me perturbado e modificado. Mas, com a ajuda do cansaço, ele exaltava-se contra mim, contra o destino que lhe dera um grande pensamento sem lhe conceder os meios de o transferir para esse filho de sangue rebelde, e separávamo-nos encolerizados e indispostos.

Eu buscava de novo as minhas meditações e os meus livros desesperados. Ele inclinava-se sobre os tecidos e pegava novamente na agulha, sob a luz forte que lhe amarelecia os cabelos. Da minha cama ouvia-o durante muito tempo resfolgar, resmungar. Depois, de súbito, começava a assobiar entre dentes, suavemente os primeiros compassos do Hino à Alegria de Beethoven, para me dizer de longe que o amor encontra sempre os seus. Penso nele quase todas as noites, à hora das nossas antigas discussões. Ouço essa respiração, esse resmungar que terminava em canto, esse sublime vento desaparecido.

Há doze anos que morreu! E eu vou fazer quarenta. Se o tivesse compreendido em vida teria encaminhado mais habilmente a minha inteligência e o meu coração. Não parei de procurar. Agora, alio-me de novo a ele, mas após quantas pesquisas, muitas vezes inúteis, e perigosas divagações! Podia ter conciliado, muito mais cedo, o gosto pela vida interior e o amor pelo mundo em movimento. Podia ter construído mais cedo, e talvez com maior eficácia, quando as minhas forças estavam intactas, uma ponte entre a mística e o espírito moderno. Ter-me-ia sentido simultaneamente religioso e solidário com o grande impulso da história. Podia ter sentido mais cedo a fé, a caridade e a esperança. Este livro resume cinco anos de pesquisas, em todos os sectores do conhecimento, nas fronteiras da ciência e da tradição Lancei-me nesta empresa nitidamente superior às minhas possibilidades, porque já não podia recusar por mais tempo este mundo presente e futuro que, no entanto, é o meu.

Mas todo o excesso é esclarecedor. Podia ter descoberto mais cedo um meio de comunicação com a minha época. Pode ser que não tenha perdido totalmente o tempo ao ir até ao extremo da minha procura. Não acontece aos homens aquilo que eles merecem, mas sim o que se lhes assemelha. Procurei durante muito tempo, como o desejava o Rimbaud da minha adolescência, a Verdade numa alma e num corpo. Não o consegui. Na perseguição dessa Verdade perdi o contacto com as pequenas verdades que teriam feito de mim, não decerto o super-homem por que ansiava, mas um homem melhor e mais unificado do que sou.

No entanto, aprendi, a respeito do comportamento profundo do espírito, dos diversos estados possíveis da consciência, da memória e da intuição, coisas preciosas que não teria aprendido de outra forma e que me permitiriam, mais tarde, compreender o que há de grandioso, de essencialmente revolucionário na base do espírito moderno: a interrogação sobre a natureza do acontecimento e a necessidade imperiosa de uma espécie de transmutação da inteligência.

Quando saí do meu nicho de Yogi para lançar um golpe de vista sobre este mundo moderno que eu condenava sem o conhecer, aprendi repentinamente o maravilhoso. O meu estudo reacionário, tão cheio de orgulho e de ódio, fora útil na medida em que me impedira de aderir a este mundo pelo lado mau: o velho racionalismo do século XIX, o progressismo demagógico.

Impedira-me igualmente de aceitar este mundo como uma coisa natural e simplesmente porque era o meu, de o aceitar num estado de consciência sonolenta, como acontece à

maior parte das pessoas. Com os olhos remoçados por essa longa permanência fora do meu tempo, vi este mundo tão rico em fantástico real como o mundo da tradição era para mim em fantástico suposto. Melhor ainda: aquilo que aprendia sobre a época modificava, aprofundando-o, o meu conhecimento do espírito antigo. Vi as coisas antigas com um olhar novo, e os meus olhos estavam igualmente novos para ver as coisas novas.

Encontrei Jacques Bergier (mais adiante direi em que circunstâncias) na altura em que acabava de escrever uma obra a respeito do grupo de espíritos reunido à volta de Gurdjieff. Esse encontro, que não atribuo ao acaso, foi determinante. Acabava de consagrar dois anos a descrever uma escola esotérica e a minha própria aventura. Mas nesse momento principiava para mim outra aventura. Foi o que me pareceu necessário dizer ao despedir-me dos meus leitores. Terão de desculpar-me o fato de me citar a mim próprio, dado que não tenho a menor preocupação em chamar as atenções para a minha obra: são outros os meus objetivos. Inventei a fábula do macaco e da cabaça. Os indígenas, a fim de capturarem o animal com vida, amarram a um coqueiro uma cabaça contendo pistaches. O macaco precipita-se, estende a pata, pega nas pistaches, fecha a mão. E eis que não a pode retirar novamente. Aquilo que conquistou retêm-no prisioneiro. Ao sair da escola Gurdjieff escrevi:

É necessário apalpar, examinar os frutos-armadilhas, depois afastarmo-nos com rapidez. Satisfeita uma certa curiosidade, convém dirigir imediatamente a nossa atenção para o mundo em que estamos, recuperar a nossa liberdade e a nossa lucidez, retomar o caminho sobre a terra dos homens da qual fazemos parte.

O que importa é ver em que medida o movimento essencial do pensamento dito tradicional encontra o movimento do pensamento contemporâneo. A física, a biologia, as matemáticas, nos seus aspectos terminais, contém atualmente certos dados do esoterismo, reúnem certas visões do cosmos, relações da energia e da matéria que são visões ancestrais. As ciências de hoje, se as abordamos sem conformismo científico, mantêm um diálogo com os antigos mágicos, alquimistas, taumaturgos. Opera-se, sob o nosso olhar uma revolução, e há de novo um casamento inesperado da razão, no auge das suas conquistas, com a intuição espiritual. Para os observadores verdadeiramente atentos, os problemas que se põem à inteligência contemporânea já não são problemas de progresso. Há alguns anos que a noção de progresso deixou de existir. São problemas de mudança de estado, problemas de transmutação. Neste sentido, os homens atentos às realidades da experiência interior vão na direção do futuro e dão solidamente a mão aos sábios de vanguarda que preparam o surgimento de um mundo sem nada de comum com o mundo de pesada transição no qual vivemos ainda por algumas horas.

É exatamente o assunto que será desenvolvido neste grande volume. É portanto necessário, pensava eu antes de o iniciar, projetar a inteligência muito longe em direção ao passado e muito longe em direção ao futuro para compreender o presente. Apercebi-me de que tinha razão para não amar, outrora, as pessoas que são simplesmente modernas. Somente eu condenava-as sem saber porquê. Na verdade, são condenáveis porque o seu espírito apenas ocupa uma fração demasiado pequena do tempo. Mal surgem, tornam-se anacrônicas. O que é preciso ser, para estar presente, é contemporâneo do futuro.

E o próprio passado remoto pode ser interpretado como uma ressaca do futuro. Desde

então, quando interrogo o presente, obtenho respostas cheias de estranhezas e de promessas.

James Blish, escritor americano, diz em homenagem a Einstein que este último engoliu Newton vivo. Admirável fórmula! Se o nosso pensamento se eleva para uma visão mais alta da vida, é vivas que ele deve ter absorvido as verdades do plano inferior. Tal é a certeza que adquiri no decorrer das minhas pesquisas. Isto pode parecer banal, mas quando se viveu no meio de idéias que pretendiam estar acima de tudo, como seja a sabedoria de Guénon e o sistema Gurdjieff, e que ignoravam ou desprezavam a maior parte das realidades sociais e científicas, esta nova forma de julgar modifica a direção e os anseios do espírito. As coisas inferiores, já Platão dizia, devem encontrar-se entre as coisas superiores, embora num estado diferente. Agora tenho a convicção de que qualquer filosofia superior, na qual não continuem a existir as realidades do plano que ela pretende ultrapassar, é uma impostura.

Eis a razão que me levou a fazer uma longa digressão pelos domínios da física, da antropologia, das matemáticas, da biologia, antes de tentar novamente fazer uma idéia do homem, da sua natureza, dos seus poderes, do seu destino. Outrora, eu procurava conhecer e compreender o todo do homem, e desprezava a ciência. Julgava o espírito capaz de atingir altitudes sublimes. Mas que sabia eu das suas diligências no domínio científico? Não revelara ele alguns desses poderes nos quais eu me sentia inclinado a acreditar? Dizia para mim próprio: é necessário ultrapassar a contradição aparente entre materialismo e espiritualismo. Mas o progresso científico não nos conduziria a isso? E, nesse caso, não seria meu dever informar-me? Não seria, no fim de contas, uma atitude mais racional, para um ocidental do século XX, do que agarrar num bordão de peregrino e dirigir-se descalço para a Índia? Não haveria à minha volta número suficiente de homens e de livros onde colher informações? Não deveria eu, antes de mais nada, perscrutar a fundo o meu próprio terreno? Se a reflexão científica, nos seus aspectos extremos, tendia para uma revisão das idéias admitidas a respeito do homem então era necessário que eu o soubesse. E havia ainda outra necessidade. Depois disso, qualquer idéia que eu fizesse sobre o destino da inteligência, sobre o sentido da aventura humana, não poderia ser dada como válida senão na medida em que não fosse contra o movimento do conhecimento moderno.

Descobri o eco desta meditação nas seguintes palavras de Oppenheimer:

Atualmente vivemos num mundo em que poetas, historiadores, filósofos sentem orgulho em dizer que não quereriam sequer prever a hipótese de aprender fosse o que fosse relativo as ciências: vêem a ciência ao fundo de um longo túnel, longo demais para que um homem precavido lá meta a cabeça. A nossa filosofia - se é que temos uma - é portanto francamente anacrônica, e, estou convencido, perfeitamente inadaptada à nossa época. Ora, para um intelectual bem preparado, não é mais difícil, se realmente o deseja, compreender o sistema de pensamento que rege a física nuclear do que penetrar na economia marxista ou no tomismo. Não é mais difícil aprender a teoria da cibernética do que analisar as causas da revolução chinesa ou a experiência poética de Mallarmé. Na verdade, recusamo-nos a esse esforço, não por recearmos o esforço, mas porque pressentimos que ele provocaria uma mudança na forma de pensar e de exprimir, uma revisão dos valores até aqui admitidos.

E no entanto, prossegue Oppenheimer, há muito tempo já que uma compreensão mais subtil a respeito da natureza do conhecimento humano e das relações do homem com o

Universo deveria ter sido prescrita.

Resolvi-me portanto a pesquisar o tesouro das ciências e das técnicas atuais, seguramente de forma inexperiente, com uma ingenuidade e uma admiração talvez perigosas, mas propícias ao desabrochar de comparações, de correspondências, de aproximações esclarecedoras. Foi então que recuperei um certo número de convicções que tivera, outrora, em relação ao esoterismo, à mística, à grandeza infinita do homem. Mas recuperei-as num estado diferente. Atualmente eram convicções que tinham absorvido com vida as formas e as obras da inteligência humana do meu tempo, aplicada ao estudo das realidades. Já não eram reacionárias, reduziam os antagonismos em vez de os excitar. Conflitos muito pesados, como sejam entre materialismo e espiritualismo, vida individual e vida coletiva, fundiam-se sob o efeito de uma alta temperatura. Neste caso, elas já não eram o resultado de uma opção, e portanto de uma ruptura, mas de um devir, de uma ultrapassagem, de uma renovação, por assim dizer, da Existência.

As reviravoltas das abelhas, tão rápidas e incoerentes, parecem desenhar no espaço figuras matemáticas precisas e constituem uma linguagem. Idealizo escrever um romance no qual todos os encontros que um homem tem durante a sua existência, fugazes ou importantes, conduzidos por aquilo a que chamamos o acaso, ou pela necessidade, desenhassem igualmente figuras, exprimissem ritmos e fossem o que talvez sejam: um discurso sabiamente planeado, dedicado a uma alma para que se realize totalmente, e de que esta não apreende, ao longo da vida, mais do que algumas palavras sem continuidade.

Por vezes julgo abranger o sentido deste bailado humano à minha volta, adivinhar que alguém me fala através do movimento dos seres que se aproximam, se detêm ou se afastam. Depois perco o fio à meada, como toda a gente, até à próxima grande e no entanto fragmentária evidência.

Acabava de abandonar Gurdjieff. Liguei-me a André Breton por uma intensa amizade. Foi por seu intermédio que conheci René Alleau, historiador de Alquimia. Um dia em que procurava um vulgarizador científico para uma coleção de obras da atualidade, Alleau apresentou-me Bergier. Tratava-se de questões alimentares, e eu fazia pouco caso da ciência, vulgarizada ou não. Ora esse encontro absolutamente fortuito viria a influenciar durante muito tempo a minha vida, a reunir e orientar todas as grandes influências intelectuais ou espirituais que se tinham exercido em mim, de Vivekananda a Guénon, de Guénon a Gurdjieff, de Gurdjieff a Breton, e conduzir-me-ia na idade madura ao ponto de partida: meu pai.

Em cinco anos de estudos e reflexões, no decorrer dos quais os nossos dois espíritos, bastante dessemelhantes, se sentiram sempre felizes em conjunto, parece-me que descobrimos um novo ponto de vista e rico em possibilidades. Era o que faziam, à sua maneira, os surrealistas há trinta anos atrás. Mas, ao contrário deles, não foi no sono e na infraconsciência que procuramos. Foi na outra extremidade: do lado da ultraconsciência e da vigília superior. Resolvemos chamar à escola que iniciávamos a escola do realismo fantástico. Ela não manifesta em coisa alguma preferência pelo insólito, o exotismo intelectual, o barroco, o pitoresco. O viajante caiu morto, ferido pelo pitoresco, disse Max Jacob. Nós não procuramos a fuga a este mundo. Não exploramos os arrabaldes longínquos da realidade, tentamos pelo contrário, instalar-nos no centro. Cremos que é no próprio centro da realidade que a inteligência, por muito pouco

excitada que seja, descobre o fantástico. Um fantástico que não convida a evasão, mas antes a uma mais profunda adesão.

É por falta de imaginação que os letrados, os artistas vão procurar o fantástico fora da realidade, entre as nuvens. Trazem apenas um subproduto. O fantástico, à semelhança das outras matérias preciosas, deve ser arrancado às entranhas da terra, do real. E a verdadeira imaginação é coisa muito diferente de uma fuga para o irreal. Nenhuma faculdade do espírito se afunda e penetra mais que a imaginação: é ela a grande mergulhadora.

Geralmente o fantástico é definido como uma violação das leis naturais, como a aparição do impossível. Para nós não é nada disso. O fantástico é uma manifestação das leis naturais, um resultado do contacto com a realidade quando esta nos chega diretamente, e não filtrada pelo véu do sono intelectual, pelos hábitos, os preconceitos, os conformismos.

A ciência moderna ensina-nos que para além do visível simples está o invisível complicado. Uma mesa, uma cadeira, o céu estrelado são na verdade radicalmente diferentes da idéia que deles fazemos: sistemas em rotação, energias em suspenso, etc. Era neste sentido que Valéry dizia que, no conhecimento moderno, o maravilhoso e o positivo contraíram uma espantosa aliança.

O que sobressai claramente, como se verá, segundo espero, neste livro, é que esse contrato entre o maravilhoso e o positivo não é apenas válido no domínio das ciências físicas e matemáticas.

O que é verdadeiro para essas ciências é sem dúvida igualmente verdadeiro para os outros aspectos da existência: a antropologia, por exemplo, ou a história contemporânea, ou a psicologia individual, ou a sociologia. O que tem valor nas ciências físicas, é provável que também tem valor nas ciências humanas. Mas existem grandes dificuldades para que disso nos apercebamos. É que, nas ciências humanas, todos os preconceitos se refugiaram, incluindo aqueles que as ciências exatas atualmente desprezaram. E que, num domínio tão perto deles, e tão instável, os investigadores, para verem enfim claro, constantemente tentaram reduzir tudo a um sistema: Freud explica tudo, O Capital explica tudo, etc. Quando dizemos preconceitos, deveríamos dizer: superstições. Há as antigas e há as modernas. Para certas pessoas, nenhum fenômeno de civilização é compreensível se não admitimos, nas origens, a existência da Atlântida. Para outros, o marxismo chega para explicar Hitler. Alguns vêem Deus em todo e qualquer gênio, outros vêem apenas o sexo. Toda a história humana é templária, a menos que seja hegeliana. O nosso problema é portanto tornar sensível, no estado bruto, a aliança entre o maravilhoso e o positivo no homem isolado ou no homem em sociedade, da mesma forma que o é em biologia, em física ou em matemática modernas, onde se fala muito abertamente e, no fim de contas, muito simplesmente, de Algures Absoluto de Luz Interdita e de Número Quântico de Estranheza. À escala do cósmico (toda a física moderna no-lo ensina), só o fantástico tem probabilidades de ser verdadeiro, diz Teilhard de Chardin. Mas, para nós, o fenômeno humano deve igualmente medir-se pela escala do cósmico. É o que dizem os mais antigos textos da sabedoria. É igualmente o que diz a nossa civilização, que principia a lançar foguetões em direção aos planetas e procura o contacto com outras inteligências. A nossa posição é portanto a de homens testemunhas das realidades do seu tempo. Vista de perto, a nossa atitude, que introduz o realismo fantástico das

ciências superiores nas ciências humanas, nada tem de original. Aliás, nós não pretendemos ser espíritos originais. A idéia de aplicar as matemáticas às ciências não era realmente revolucionária: não obstante, deu resultados novos e importantes. A idéia de que o Universo talvez não seja aquilo que supomos não é original: mas reparemos como Einstein altera as coisas ao aplicá-la.

É evidente que a partir do nosso método, um trabalho como o nosso, elaborado com o máximo de honestidade e o mínimo de ingenuidade, deve provocar mais interrogações do que soluções. Um método de trabalho não é um sistema de pensamento. Não acreditamos que um sistema, por muito engenhoso que seja, possa esclarecer por completo a totalidade da vida que nos ocupa. Podemos remoer indefinidamente o marxismo sem conseguir que nele caiba o fato de que Hitler teve várias vezes consciência, com terror, de que o Superior Desconhecido o visitara. E podia virar-se em todos os sentidos a medicina anterior a Pasteur sem dela extrair a idéia de que as doenças são causadas por animais pequenos demais para serem vistos. No entanto, é possível que haja uma resposta global e definitiva para todas as perguntas que formulamos, e que não a tenhamos ouvido. Nada é excluído, nem o sim, nem o não. Nós não descobrimos nenhuma panacéia; não nos transformamos em discípulos de um novo messias; não propomos doutrina alguma.

Esforçamo-nos simplesmente por abrir para o leitor o maior número possível de portas, e, como a maior parte delas se abrem do lado de dentro, afastamo-nos para o deixar passar.

Repito: o fantástico, a nossos olhos, não é o imaginário. Mas uma imaginação poderosamente aplicada ao estudo da realidade descobre que é muito tênue a fronteira entre o maravilhoso e o positivo, ou, se preferem, entre o universo visível e o universo invisível. Existe talvez um ou vários universos paralelos ao nosso. Creio que não teríamos empreendido esta tarefa se, no decorrer da nossa vida, não tivesse acontecido sentirmo-nos, realmente, fisicamente, em contacto com outro mundo. Isto deu-se, com Bergier, em Mauthausen. Em escala diferente, comigo deu-se na escola de Gurdjieff. As circunstâncias são muito diferentes, mas o fato essencial é o mesmo.

O antropólogo americano Loren Eiseley, cuja forma de pensar se aproxima da nossa, conta uma bela história que exprime bem o que pretendo dizer.

Descobrir outro mundo, diz ele, não é apenas um fato imaginário. Pode acontecer aos homens. Aos animais também.

Por vezes, as fronteiras resvalam ou interpenetram-se: basta estar presente nesse momento. Vi o fato acontecer a um corvo. Esse corvo é meu vizinho: nunca lhe fiz mal algum, mas ele tem o cuidado de se conservar no cimo das árvores, de voar alto e de evitar a humanidade. O seu mundo principia onde a minha vista acaba. Ora, uma manhã, os nossos campos estavam mergulhados num nevoeiro extraordinariamente espesso, e eu dirigia-me às apalpadelas para a estação. Bruscamente, à altura dos meus olhos, surgiram duas asas negras, imensas, precedidas por um bico gigantesco, e tudo isto passou como um raio, soltando um grito de terror tal que eu faço votos para que nunca mais ouça coisa semelhante. Esse grito perseguiu-me durante toda a tarde. Cheguei a consultar o espelho, perguntando a mim próprio o que teria eu de tão revoltante...

Acabei por perceber. A fronteira entre os nossos dois mundos resvalara, devido ao

nevoeiro. Aquele corvo, que supunha voar à altitude habitual, vira de súbito um espetáculo espantoso, contrário, para ele, às leis da natureza. Vira um homem caminhar no espaço, mesmo no centro do mundo dos corvos. Deparara com a manifestação de estranheza mais completa que um corvo pode conceber: um homem voador....

Agora, quando me vê, lá do alto, solta pequenos gritos, e reconheço nesses gritos a incerteza de um espírito cujo universo foi abalado. Já não é, nunca mais será como os outros corvos...

Este livro não é um romance, embora a intenção seja romanesca. Não faz parte da ficção científica, embora nele se deparem mitos que sustentam esse gênero. Não é conjunto de fatos estranhos, embora o Anjo do Bizarro nele se sinta à vontade. Também não é uma contribuição científica, o veículo de um ensino desconhecido, um documentário, ou uma efabulação. É a narrativa, por vezes romanceada e por vezes exata, de uma primeira viagem pelos domínios dos conhecimentos ainda quase por explorar.

Como nos diários de bordo dos Navegadores do Renascimento, o imaginário e o real, a extrapolação audaciosa e a visão confundem-se. É que não tivemos nem o tempo nem os meios de aprofundar completamente a exploração. Podemos apenas sugerir hipóteses e indicar as vias de comunicação entre esses diversos domínios que ainda são, por agora, terrenos proibidos. Sobre esses terrenos proibidos apenas fizemos pequenas paragens. Quando tiverem sido melhor explorados, sem dúvida se verificará que muitas das nossas suposições eram delirantes, como os relatos de Marco Polo. É uma eventualidade que aceitamos calmamente. Havia uma quantidade de disparates no livro de Pauwels e Bergier. Eis o que dirão. Mas se tiver sido este livro a provocar a curiosidade de aprofundar o assunto, o nosso fim terá sido atingido.

Poderíamos escrever, como Fulcanelli ao tentar esclarecer e descrever o mistério das catedrais: Deixamos ao leitor o cuidado de estabelecer todas as comparações úteis, de coordenar as versões, de isolar a verdade positiva combinada com a alegoria lendária nestes fragmentos enigmáticos. Todavia, a nossa documentação nada deve a sábios ocultos, a livros enterrados ou a arquivos secretos. É vasta, mas acessível a todos. Para que não se tornasse excessivamente pesada, evitamos multiplicar as referências, as notas no final das páginas, as indicações bibliográficas, etc. Por vezes servimo-nos de imagens e alegorias, preocupados com a eficácia e não por gosto pelo mistério, tão vivo nos esotéricos que nos faz pensar neste diálogo dos Irmãos Marx:

Olha, há um tesouro na casa ao lado.

- Mas não há casa alguma aqui ao lado.

- Então construiremos uma!

Este livro, como já disse, deve muito a Jacques Bergier. Não apenas na sua teoria geral, que é o fruto de uma comunhão das nossas idéias, como ainda na documentação. Todos aqueles que se aproximaram deste homem de memória sobre-humana, de curiosidade voraz e - o que é ainda mais raro - com uma permanente presença de espírito, acreditar-me-ão facilmente se eu disser que num lustro Bergier fez-me ganhar vinte anos de leitura ativa. Nesse cérebro poderoso há uma formidável biblioteca sempre em serviço; a escolha, a classificação, as conexões mais complexas

estabelecem-se à velocidade eletrônica. O espetáculo dessa inteligência em movimento jamais deixou de provocar em mim uma exaltação das faculdades sem a qual concepção e a redação deste trabalho me teriam sido impossíveis.

Num escritório da Rua de Berri que um grande impressor pusera generosamente à nossa disposição, reunimos uma quantidade de livros, revistas, relatos, jornais em todas as línguas, e uma secretária datilografou centenas de páginas de notas, de citações, de traduções de reflexões que nós lhe ditamos. Em minha casa, no Mesnil-le-Roi, prosseguíamos todos os domingos a nossa conversa, entrecortada por leituras, e eu anotava por escrito, na própria noite, o essencial das nossas palavras, as idéias que delas tinham surgido, as novas direções sugeridas pelas pesquisas.

Todos os dias, durante cinco anos, me sentei à secretária logo de madrugada, porque mais tarde esperavam-me longas horas de trabalho exterior. Sendo as coisas como são neste mundo a que não queremos fugir, a questão do tempo é uma questão de energia. Mas ter-nos-iam sido necessários mais dez anos, muito dinheiro e uma numerosa equipa para podermos iniciar com êxito a nossa empresa. O que desejaríamos, se um dia pudéssemos dispor de algum dinheiro, arranjado aqui e além, era criar e dar vida a uma espécie de instituto onde os estudos, esboçados neste livro fossem continuados. Desejo que estas páginas nos auxiliem nesse sentido, se acaso têm algum valor.

Como diz Chesterton, a idéia que não procura tornar-se palavra é uma idéia inútil, e a palavra que não procura tornar-se ação é uma palavra inútil. Por diversas razões, as atividades exteriores de Bergier são numerosas; As minhas também, e de certa amplidão. Mas na minha infância vi pessoas morrerem de trabalho. Como consegue fazer tudo o que faz? Não sei, mas poderia responder pelas palavras do Zen: Caminho a pé e no entanto estou sentado sobre o dorso de um boi.

Inúmeras dificuldades, solicitações e incômodos de toda a espécie surgiram inopinadamente, chegando a fazer-me desesperar. Detesto a figura do criador grotescamente indiferente a tudo o que não seja a sua obra. Anima-me um amor mais vasto e a pequenez em,amor, mesmo que o preço seja uma bela obra parece-me uma contorção indigna. Mas devem compreender que nestas disposições, na confusão de uma vida largamente participante, corremos o risco do afogamento.

Ajudou-me um pensamento de Vicente de Paula: Os grandes propósitos são sempre atravessados por diversos obstáculos e dificuldades. A carne e o sangue dirão que é necessário abandonar a missão, evitemos portanto dar-lhes ouvidos. Deus jamais altera aquilo que uma vez decidiu, seja o que for que de contrário nos aconteça.

Naquele curso complementar de Juvisy, que evoquei no início deste prefácio, deram-nos um dia para comentar a frase de V'tgny: Uma vida plena é um sonho de adolescente realizado na idade madura. Então eu sonhava aprofundar e honrar a filosofia de meu pai, que era uma filosofia do progresso. É, após bastantes fugas, oposições e desvios, o que tento fazer. Que a minha luta conceda paz às suas cinzas! Às suas cinzas hoje dispersas, como ele desejava, pensando, como eu penso também, que a matéria talvez não seja mais do que uma das máscaras entre todas as máscaras usadas pelo Grande Rosto.

## PRIMEIRA PARTE

## O FUTURO ANTERIOR

### I

**Homenagem ao leitor apressado. - Uma demissão em 1875. - As aves agourentas. - Como o século XIX fechava as portas. - O fim das ciências e o recalcamento do fantástico. - Os desesperos de Poincaré. - Somos os nossos próprios avós. - Juventude!Juventude!**

Como poderia um homem inteligente, hoje em dia, não se sentir apressado? Levante-se, senhor, pois tem grandes coisas a fazer! Mas é necessário levantarmo-nos cada dia um pouco mais cedo. Acelerai os vossos aparelhos de ver, ouvir, pensar, recordar, imaginar. O nosso melhor leitor, para nós o mais precioso, devorar-nos-á em duas ou três horas. Conheço alguns homens que lêem com o máximo proveito cem páginas de matemática, filosofia, história ou arqueologia em vinte minutos. Os atores aprendem a colocar a voz. Quem nos ensinará a colocar a atenção? Há uma altura a partir da qual tudo muda de velocidade. Eu não sou neste trabalho, um desses escritores que desejam conservar o leitor a seu lado o mais tempo possível, entretendo-o.

Nada para o sono, tudo para o despertar. Despachem-se, escolham e partam! Lá fora há uma ocupação. Se for preciso, saltem capítulos, comecem por onde lhes apetecer, leiam em diagonal: isto é um instrumento com múltiplas aplicações, como a faca dos campistas. Por exemplo, se receiam chegar tarde demais ao âmago do assunto que lhes interessa, saltem estas primeiras páginas.

Saibam apenas que elas dão a conhecer a forma como o século XIX fechou as portas à realidade fantástica do homem, do mundo, do Universo; a maneira como o século XX as reabre, e como as nossas leis morais, as nossas filosofias e a nossa sociologia, que deviam ser contemporâneas do futuro, não o são, continuando acorrentadas a esse caduco século XIX. Não foi lançada a ponte entre a época das espingardas e a dos foguetões, mas pensa-se nisso. É para que se pense ainda mais que nós escrevemos. Apressados como estamos, não é sobre o passado que choramos, é sobre o presente, e com impaciência. Pronto. Já sabem o bastante para poderem folhear rapidamente este início se for necessário, e ler mais adiante.

A história esqueceu-se de o citar, o que é pena. Era diretor do Patent Office americano e foi ele que deu o sinal de alarme. Em 1875 pediu a sua demissão ao Secretário do Estado do Comércio. Ficar para quê? - dizia ele -, já não há mais nada para inventar.

Doze anos depois, em 1877, o ilustre químico Marcellin Berthelot escrevia: De futuro o Universo não terá mistério. Para obter do mundo uma imagem coerente, a ciência libertara-se totalmente. A perfeição pela omissão. A matéria era constituída por um certo número de elementos impossíveis de transformar uns nos outros. Mas enquanto Berthelot rebatia no seu sábio trabalho as fantasias alquímicas, os elementos, que o ignoravam, continuavam a sofrer alterações sob o efeito da radioatividade natural. Em 1852, o fenômeno fora descrito por Reichenbach, mas imediatamente rejeitado. Certos trabalhos, com data de 1870, evocavam um quarto estado da matéria constatado por ocasião da descarga dos gases. Mas era necessário recalcar qualquer mistério. Recalcamento: é a palavra. Há que fazer a psicanálise de uma certa forma de pensar do século XIX.

Um alemão, cujo nome era Zeppelin, de regresso ao seu país após ter combatido nas fileiras sulistas, tentou interessar alguns industriais pela direção dos balões. Desgraçado! Não sabe então que há três assuntos a respeito dos quais a Academia das Ciências francesa já não admite que se fale: a quadratura do círculo, o túnel sob a Mancha e a direção dos balões. Outro alemão, Herman Gaswindt, propunha construir máquinas voadoras mais pesadas do que o ar, propulsionadas por foguetões. Sobre o quinto manuscrito, o ministro da guerra alemão, depois de ouvir a opinião dos técnicos, escreveu, com a suavidade da sua raça e do seu cargo: Quando será que esta ave agourenta morrerá de vez!

Os Russos, esses tinham-se desembaraçado de outra ave agourenta, Kibaltchich, igualmente partidário das máquinas voadoras com foguetões. Pelotão de execução. É verdade que Kibaltchich se servira das suas qualidades de técnico para fabricar uma bomba que acabava de reduzir a pedacinhos o imperador Alexandre II.

Mas não havia motivos para expor no pelourinho o professor Langley, do Smithsonian Institute americano, o qual propunha máquinas voadoras acionadas pelos motores de explosão de fabrico muito recente. Desonraram-no, arruinaram-no, expulsaram-no do Smithsonian. O professor Simon Newcomb demonstrou matematicamente a impossibilidade do mais pesado que o ar. Alguns meses antes da morte de Langley, que morria de desgosto, um garoto inglês regressou um dia da escola a soluçar. Mostrara aos camaradas a fotografia de uma maquete, que Langley acabava de enviar a seu pai. Proclamara que os homens acabariam por voar. Os camaradas tinham feito troça. E o professor dissera: Meu amigo, será caso que o seu pai seja um idiota? O pressuposto idiota chamava-se Herbert George Wells.

Todas as portas se iam fechando com um ruído seco.

De fato, apenas restava pedir a demissão e o Sr. Brunetière podia falar tranquilamente, em 1895, de A falência da ciência.

O célebre professor Lippmann, nessa mesma altura, declarava a um dos seus alunos que a Física estava concluída, classificada arrumada, completa, e que seria melhor enveredar por outros caminhos. O aluno chamava-se Helbronner e viria a ser o maior professor de química-física da Europa, e a fazer notáveis descobertas relativas ao ar líquido, ao ultravioleta e aos metais coloidais. Moissan, químico genial, era obrigado à autocrítica e teria de declarar publicamente que não fabricara diamantes, que se tratava de um erro experimental. Inútil procurar mais longe: as maravilhas do século eram a máquina a vapor e a lâmpada de gás, jamais a humanidade faria uma invenção mais importante. A eletricidade? Simples curiosidade técnica. Um inglês louco, Maxwell, pretendera que por meio da eletricidade se poderiam produzir raios luminosos invisíveis: uma brincadeira. Alguns anos mais tarde, Ambrose Bierce poderia escrever no seu Dicionário do Diabo: Não se sabe o que é a eletricidade, mas em todo o caso ela ilumina melhor do que um cavalo-vapor e é mais veloz do que um bico de gás.

Quanto à energia, era uma entidade completamente independente da matéria, e sem o menor mistério. Era composta por fluidos. Os fluidos desempenhavam todas as funções, deixavam-se descrever por equações de grande beleza formal e satisfaziam o pensamento: fluido elétrico, luminoso, calorífico, etc. Uma progressão contínua e clara: a matéria com os seus três estados (sólido, líquido, gasoso) e os diversos fluidos energéticos, mais subtis ainda do que os gases. Bastava pôr de parte como fantasia filosófica as novas teorias do átomo para conservar uma imagem científica do mundo. Estava-se muito longe dos grãos de energia de Planck e Einstein.

O alemão Clausius demonstrava que nenhuma fonte de energia além do fogo era concebível. E a energia, se se conserva em quantidade, degrada-se em qualidade. O Universo foi construído um belo dia como um relógio. Parará quando a mola estiver frouxa. Nada a esperar, não há surpresas. Neste universo de destino previsível, a vida surgira por acaso e evoluíra simplesmente devido às regras das seleções naturais. No pináculo definitivo desta evolução: o homem. Um conjunto mecânico e químico, dotado de uma ilusão: a consciência. Sob o efeito dessa ilusão, o homem inventara o espaço e o tempo: imagens do espírito. se se tivesse dito a um investigador oficial do século XIX

que a física absorveria um dia o espaço e o tempo e estudaria experimentalmente a curvatura do espaço e a contração do tempo, ele chamaria a polícia. O espaço e o tempo não têm qualquer existência real. São divagações de matemático e temas de reflexão gratuita para filósofos. O homem não poderia ter qualquer relação com essas grandezas. A despeito dos trabalhos de

Charcot, de Breuer, de Hyslop, a idéia de percepção extra-sensorial ou extratemporal deve ser rejeitada com desprezo. Não há incógnitas no Universo, não há incógnitas no homem. Sábio meu filho, tem juízo!

Era completamente inútil tentar uma exploração do mundo interior, mas no entanto havia um fato que criava certas dificuldades na engrenagem da simplificação: falava-se muito em hipnose.

O ingênuo Flammarion, o duvidoso Edgar Poe, o suspeito H. G. Wells interessavam-se pelo fenômeno. Ora, por muito fantástico que isto possa parecer, o século XIX oficial demonstrou que a hipnose não existia. O paciente tem tendência para mentir, para simular a fim de agradar ao hipnotizador. É exato. Mas, desde Freud e Morton Price, sabe-se que a personalidade pode ser dividida. A partir de críticas exatas, esse século conseguiu Criar uma mitologia negativa, eliminando o menor traço de incógnita no homem, rejeitando qualquer suspeita de mistério.

A biologia também estava completa. O Sr. Claude Bernard esgotara-lhe as possibilidades e concluíra-se que o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bílis. Sem dúvida, acabaria por ser possível revelar essa secreção e escrever-lhe a fórmula química de acordo com as belas disposições em hexágonos imortalizadas pelo Sr. Berthelot. Quando se soubesse de que forma os hexágonos de carbono se associam para criar o espírito, estaria virada a última página. Que nos deixem trabalhar seriamente! Os doidos que vão para o manicômio! Numa bela manhã de 1898, um senhor grave deu ordem à governanta para não mais permitir que seus filhos lessem Julio Verne. Aquelas idéias falsas deformariam os jovens espíritos. O senhor grave chamava-se Édouard Branly. Acabava de tomar a decisão de renunciar às suas experiências sem interesse sobre as ondas para se transformar em médico de bairro.

O sábio deve abdicar. Mas deve igualmente reduzir a pó os aventureiros quer dizer, as pessoas que pensam, imaginam, sonham. Berthelot ataca os filósofos que lutam contra o seu próprio fantasma na arena solitária da lógica abstrata (eis uma boa descrição de Einstein, por exemplo). E Claude Bernard declara: Um homem que descobre o mais pequeno fato presta maiores serviços do que o maior filósofo do Mundo. A ciência não podia ser senão experimental. Fora dela não havia esperança.

Fechemos as portas. Jamais alguém poderá igualar os gigantes que inventaram a máquina a vapor.

Neste Universo organizado, compreensível, e aliás condenado, o homem devia manter-se no seu devido lugar de epifenômeno. Fora a utopia e fora a esperança. O combustível fóssil esgotar-se-á dentro de alguns séculos, e então será o fim, devido ao frio e à fome. Jamais o homem voará, jamais ele viajará pelo espaço. Jamais também visitará o fundo dos mares. Estranha proibição essa da visita aos abismos marinhos! Nada impedia o século XIX, em relação ao estado da técnica, de construir o batis cafo do professor Piccard. Apenas uma enorme timidez, apenas a preocupação, para o

homem, de se manter no seu lugar. Turpin, que inventou a melinite, foi imediatamente internado num manicômio. Os inventores dos motores de explosão sentem-se desencorajados e tenta-se provar que as máquinas elétricas não passam de formas do movimento perpétuo. É a época dos grandes inventores isolados, revoltados, escondidos. Hertz escreve à Câmara do Comércio de Dresde dizendo que é necessário desencorajar as pesquisas relativas às ondas hertzianas: não é possível a menor aplicação prática. Os peritos de Napoleão III provam que o dínamo Gramme nunca girará. Quanto aos primeiros automóveis, ao submarino, ao dirigível, à luz elétrica (uma aldrabice desse maldito Edison!), as doutas academias não se incomodam. A esse respeito há uma na imortal. É o relato da recepção do fonógrafo na Academia Ciências de Paris: Assim que o aparelho emitiu algumas palavras, o Secretário Perpétuo precipita-se sobre o impostor e aperta-lhe a garganta com pulso de ferro.

- Vocês vão ver! disse aos seus colegas. Mas, perante o assombro geral, o aparelho continuou a emitir sons.

Equipam-se em segredo para preparar a mais formidável revolução dos conhecimentos que o homem histórico presenciou. Mas, de momento, todos os caminhos estão vedados.

Vedados à frente e atrás. Ocultam-se os fósseis de seres pré-humanos que se começam a descobrir em quantidade. Não provou o grande Heinrich Helmholtz que o Sol extrai energia da própria contração, isto é, da única força, juntamente com combustão, que existe no Universo? E não demonstram os seus séculos que nos separam do nascimento do Sol, quanto muito, a centena de milhares de anos? Como teria podido produzir-se uma longa evolução? E, aliás, quem descobrirá jamais a forma de datar o passado do mundo? Neste curto espaço entre dois nadas, nós, os epifenômenos, mantenhamo-nos graves. Fatos apenas fatos!

Dado que a pesquisa sobre a matéria e a energia não é de forma nenhuma encorajada, os mais curiosos atiram-se para um beco sem saída: o éter. É o meio penetrando toda a matéria e servindo de suporte às ondas luminosas e eletromagnéticas. ao mesmo tempo infinitamente sólido e infinitamente subtil. Rayleigh, que representa no final do século XIX a ciência oficial inglesa em todo o seu esplendor, elabora uma teoria sobre o éter giroscópico. Um éter composto por múltiplos íons girando em todos os sentidos e reagindo entre si. Aldous Huxley escreverá mais tarde que se uma obra humana pode dar a idéia da fealdade absoluta, a teoria de Lord Rayleigh é na especulação sobre o éter que estão comprometidas as inteligências disponíveis, no despontar do século XX.

Em 1898 produz se a catástrofe: a experiência de Michelson e Morley destrói a hipótese do éter. Toda a obra de Henri Poincaré vai testemunhar esse desmoronamento. Poincaré, matemático de gênio, sentia sobre ele o enorme peso desse século XIX carcereiro e carrasco do fantástico. Teria descoberto a relatividade se o ousasse. Mas não ousou. La Valeur de la Science L, a Sczence et I Hypothèse são livros de desespero e demissão. Para ele, a hipótese científica. nunca é autêntica, não pode ser senão útil. É como uma estalagem espanhola: só se encontra aquilo que para lá se leva. Segundo Poincaré, se o Universo se contraísse um milhão de vezes, e nós com ele, não nos aperceberíamos de nada. Especulações inúteis, visto estarem separadas de toda a realidade sensível.

O argumento foi citado até ao princípio do nosso século como modelo de profundidade. Até ao dia em que um engenheiro prático observou que pelo menos o salsicheiro notá-

lo-ia Pois todos os presuntos cairiam ao chão. O peso de um presunto é proporcional ao seu volume, mas a força de um cordel apenas é proporcional à sua secção. Que o Universo se contraia apenas um milionésimo, e não haverá mais presuntos no teto! Pobre, grande e querido Poincaré! Era esse mestre do pensamento quem escrevia: O bom senso só por si é suficiente para nos dizer que a destruição de uma cidade por meio da desintegração de meio quilo de metal é uma impossibilidade evidente. Caráter limitado da estrutura física do Universo, inexistência dos átomos, fracos recursos da energia fundamental, incapacidade de uma fórmula matemática dar mais do que aquilo que contém, vacuidade da intuição, estreiteza e mecanicidade absoluta do mundo interior do homem: tal é o espírito nas ciências, e esse espírito estende-se a tudo, cria o clima no qual mergulha toda a inteligência desse século. Século inferior? Não. Grande mas estreito. Um anão que foi esticado.

Bruscamente, as portas cuidadosamente fechadas pelo século XIX sobre as infinitas possibilidades do homem, da matéria, da energia, do espaço e do tempo vão cair em estilhaços. As ciências e as técnicas darão um salto formidável, e a própria natureza do conhecimento vai ser novamente discutida. Mais do que um progresso: uma transmutação. Neste novo estado do mundo, a própria consciência deve mudar de estado. Atualmente, em todos os domínios, todas as formas da imaginação estão em movimento. Exceto nos domínios onde se desenrola a nossa vida histórica, obstruída, dolorosa, com a precariedade das coisas condenadas.

Um fosso imenso separa o homem da aventura da humanidade, as nossas sociedades da nossa civilização. Vivemos à base de idéias, de morais, de sociologias, de filosofias e de uma psicologia que pertencem ao século XIX. Somos os nossos próprios bisavós. Contemplamos a subida dos foguetões em direção ao céu, sentimos a terra vibrar devido a mil radiações novas, chupando o cachimbo de Thomas Graindorge. A nossa literatura, os nossos debates filosóficos, os nossos conflitos ideológicos, a nossa atitude perante a realidade, tudo isto dormita atrás das portas que acabam de ir pelos ares. Juventude! Juventude! Ide dizer a toda a gente que as entradas estão abertas e que o Exterior já penetrou!

## II

**A deleitação burguesa. - Um drama da inteligência ou a tempestade do irrealismo. - perspectiva sobre outra realidade. - Para além da lógica e das filosofias literárias. A noção do eterno presente. - Ciência sem consciência: e consciência sem ciência? - A esperança.**

A marquesa tomou o seu chá às cinco horas Valéry dizia mais ou menos que não se pode escrever semelhantes coisas quando já se entrou no mundo das idéias, mil vezes mais importante, romanesco, mil vezes mais real do que o mundo do amor e dos sentidos. António amava Maria que amava Paulo eles foram muito infelizes e tiveram uma série de questiúnculas. Uma literatura de amebas e de infusórios, quando o pensamento arrasta tragédias e dramas gigantescos, transmuda seres, altera civilizações, mobiliza multidões imensas. Sonolentos prazeres, deleitação burguesa! Nós os adeptos da consciência alerta, trabalhadores da terra, sabemos onde se encontram a insignificância, a decadência, o divertimento corrupto...

O final do século XIX marca o apogeu do teatro e do romance burguês, e a geração literária de 1885 reconhecerá durante algum tempo como mestres Anatole France e Paul Bourget. Ora, nessa mesma época há um drama, no domínio do conhecimento

puro, muito maior e palpitante do que entre os heróis do Divorce ou do Lys Rouge. Produz-se uma súbita embriagues no diálogo entre materialismo e espiritualismo, ciência e religião. Do lado dos sábios, herdeiros do positivismo de Taine e Renan, formidáveis descobertas farão desmoronar as muralhas da incredubilidade. Apenas se acreditava nas realidades devidamente estabelecidas: bruscamente, é o irreal que se torna possível. Observai os fatos como se se tratasse de uma intriga romanesca, com mudança repentina de personagens, intervenção dos traidores, paixões contrariadas, debate entre ilusões. O princípio da conservação da energia era algo de sólido, de fixo, de marmóreo.

E eis que o rádio produz energia sem a ir buscar a qualquer fonte. Havia certezas a respeito da identidade da luz e da eletricidade: só se podiam propagar em linha reta e sem atravessar obstáculos. E eis que as ondas, os raios X atravessam os sólidos. Nos tubos de descarga, a matéria parece eclipsar-se, transformar-se em corpúsculos. A transmutação dos elementos opera-se na natureza: o rádio torna-se hélio e chumbo.

Eis que a Época das Certezas se desmorona. O mundo já não brinca ao jogo da razão! Tudo se torna então possível? De chofre, aqueles que sabem, ou julgam saber, cessam de fazer a divisão entre física e metafísica, coisa verificada e coisa sonhada. Os pilares do Templo fazem-se em nevoeiro, os clérigos de Descartes deliram. Se o princípio de conservação da energia é falso, que impediria o médium de fabricar um ectoplasma a partir de zero? Se as ondas magnéticas atravessam a terra, por que motivo não poderá um pensamento viajar?

Se todos os corpos emitem forças invisíveis, porque não um corpo astral? Se há uma quarta dimensão, será ela o domínio dos espíritos? Madame Curie, Crookes, Lodge fazem mexer as mesas.

Edison tenta construir um aparelho que comunique com os mortos. Marconi, em 1901, julga ter captado mensagens dos Marcianos. Simon Newcomb acha absolutamente natural que um médium materialize crustáceos frescos do Pacífico. Uma tempestade de fantástico irreal deita por terra os investigadores de realidades.

Mas os puros, os irredutíveis, tentam repelir essa corrente. A velha guarda do positivismo insurge-se. E, em nome da Verdade, em nome da Realidade, recusa tudo: os raios X e os ectoplasmas, os átomos e o espírito dos mortos, o quarto estado da matéria e os Marcianos.

Assim, entre o fantástico e a realidade vai desenrolar-se um combate muitas vezes absurdo, cego, desordenado, que em breve se fará sentir em todas as formas do pensamento, em todos os domínios: literário, social, filosófico, moral, estético. Mas é na ciência física que a ordem se estabelecerá, não por regressão ou amputações, mas por excesso. É na física que surge uma nova concepção. Devemo-la ao esforço de titãs como Longevin, Perrin, Einstein. Uma nova ciência aparece, menos dogmática que a antiga. Abrem-se portas sobre uma realidade diferente. Como em todo o grande romance, não há no fundo nem bons nem maus e todos os heróis têm razão se a atenção do romancista se tiver colocado numa dimensão complementar onde os destinos se tornam a encontrar, confundindo-se, elevados em conjunto a um grau superior.

Onde estamos nós atualmente? Abriram-se portas em quase todos os edifícios científicos, mas o edifício da física de hoje em diante quase que não tem paredes: é

uma catedral cheia de vitrais onde se refletem os clarões de outro mundo, infinitamente próximo.

A matéria revelou-se tão rica, se não mais rica em possibilidades do que o espírito. Ela contém uma energia incalculável, é susceptível de transformações infinitas, têm recursos insuspeitáveis. O termo materialista, segundo o significado do século XIX, perdeu todo o sentido, da mesma forma que o termo racionalista.

A lógica do bom senso já não existe. Na física atual, uma proposição pode ser simultaneamente verdadeira e falsa. A. B. já não é igual a B. A.. Uma entidade pode ser a um tempo contínua e descontínua. Já não nos poderíamos referir à física para condenar tal ou tal aspecto do possível.

Peguem numa folha de papel. Façam-lhe dois buracos pouco distanciados. Aos olhos do senso comum, é evidente que um objeto suficientemente pequeno para passar através desses buracos passará quer por um, quer por outro. Aos olhos do senso comum um elétron é um objeto. Possui um peso definido, produz um clarão luminoso quando impressiona um écran de televisão, um choque quando atinge um microfone. Temos portanto um dos sinais mais espantosos da abertura que se produz no domínio da física é a introdução daquilo a que se chama o número quântico de estranheza. Eis, por alto, de que se trata. No princípio do século XIX, pensava-se ingenuamente que dois números, o máximo três, seriam suficientes para definir uma partícula.

Esse número seria a sua massa, a sua carga elétrica e o seu momento magnético. A verdade estava longe de ser tão simples. Para descrever completamente uma partícula foi necessário acrescentar uma importância intraduzível em palavras e a que se chamava spin. A princípio julgou-se que essa importância correspondia a um período da rotação da partícula sobre si própria, qualquer coisa que para o planeta Terra corresponderia ao período de vinte e quatro horas, regulando a alternância dos dias e das noites. Chegou-se à conclusão de que nenhuma explicação simplista deste gênero poderia manter-se de pé.

Profundos trabalhos, devidos sobretudo ao Professor Louis de Broglie, só parcialmente conseguiram explicar o mistério do spin. Mas, bruscamente, descobriu-se que entre as três partículas conhecidas: prótons, elétrons, nêutrons (e as suas imagens no espelho, antipróton negativo, positron, antineutron), existia mais uma trintena de outras partículas. Os raios cósmicos, esses grandes aceleradores, produziam-nas em grandes quantidades. Ora, para descrever essas partículas, os quatro números habituais, massa, carga, momento magnético, spin, já não eram suficientes.

Era necessário criar um quinto número, talvez um sexto, e assim indefinidamente. E foi de uma forma absolutamente natural que os físicos chamaram a essas novas importâncias números quânticos de estranheza. Esta saudação ao anjo do Bizarro tem qualquer coisa de imensamente poético. Como muitas outras expressões da física moderna: Luz Interdita, Algures Absoluto, o número quântico de estranheza prolonga-se para além da física, e tem ligações com as profundezas do espírito humano. o nosso objeto suficientemente pequeno para passar por um dos dois buracos. Ora, a observação pelo microscópio eletrônico ensinar-nos-á que o elétron passou simultaneamente pelos dois buracos. Como?! Se passou por um, não pode ter passado ao mesmo tempo pelo outro! Mas a verdade é que ele passou por um e por outro. É absurdo, mas é experimental.

Das tentativas de explicações nasceram diversas doutrinas, em particular a mecânica ondulatória. Mas a mecânica ondulatória não chega no entanto para explicar totalmente um fato semelhante, que se mantém para além das nossas possibilidades de compreensão, a qual só poderá funcionar através de um sim ou um não, A ou B. Era a própria estrutura do nosso entendimento que seria necessário modificar, para que se pudesse compreender. A nossa filosofia exige tese e antítese. É preciso acreditar que na filosofia do elétron, tese a antítese são simultaneamente autênticas. Parecerá absurdo o que dizemos? O elétron parece obedecer a leis, e a televisão, por exemplo, é uma realidade. O elétron existe ou não? Aquilo a que a natureza chama existir não tem existência a nossos olhos. O elétron faz parte do ser ou do nada [2]? Eis uma pergunta completamente vazia de sentido. Assim desaparecem, devido à ação enérgica do conhecimento, os nossos habituais métodos de pensamento e as filosofias literárias, provenientes de uma visão nula dos fatos.

A Terra está ligada ao Universo, o homem não está em contacto apenas com o planeta em que habita. Os raios cósmicos, a radioastronomia, os trabalhos de física teórica revelam contactos com a realidade do cosmos. Já não vivemos num mundo fechado: um espírito verdadeiramente testemunha da sua época não o poderia ignorar.

Nessas condições, de que forma pode o pensamento, no plano social, por exemplo, continuar preocupado com problemas que nem sequer são planetários, mas estritamente regionais, provinciais? E como pode a nossa psicologia, tal como ela se exprime no romance, manter-se tão fechada, reduzida aos movimentos infraconscientes da sensualidade e da sentimentalidade? Enquanto milhares de seres civilizados abrem livros, vão ao cinema ou ao teatro para saber de que maneira Françoise se sentirá impressionada por René e como, por outro lado, odeia a amante do pai e se tornará lésbica por surda vingança, vários investigadores, que fazem com que os números entoem uma música celeste, perguntam a eles próprios se o espaço se contrai ou não em redor de um círculo.

Nesse caso todo o Universo se tornaria acessível: haveria possibilidades, durante o espaço de uma vida humana, de atingir a estrela mais longínqua. Se tais equações fossem confirmadas, o pensamento humano seria alterado. Se o homem não está limitado a esta terra, novas interrogações se terão de fazer a respeito do sentido profundo da iniciação e dos eventuais contactos com inteligências do Exterior. Em que ponto estamos nós ainda? Em matéria de pesquisa sobre as estruturas do espaço e do tempo, as nossas noções de passado e de futuro já não servem.

Ao nível da partícula, o tempo circula simultaneamente nos dois sentidos: futuro e passado. A uma velocidade extrema, limite da velocidade da luz, o que é o tempo? Estamos em Londres, em Outubro de 1944. Um foguetão V2, voando a 5000 quilômetros à hora, está sobre a cidade. Ele vai cair. Mas vai a que é que se aplica? Para os habitantes do prédio que será destruído dentro de instantes, e que apenas possuem olhos e ouvidos, o V2 vai cair. Mas para o operador de radar, que se serve de ondas que se propulsam a 300 000 quilômetros por segundo (velocidade em relação à qual o foguetão é uma lesma), a trajetória da bomba já está fixada. Ele observa: mas não pode fazer coisa alguma.

À escala humana, já nada pode interceptar o instrumento de morte, nem evitar seja o que for. Para o operador o foguetão já caiu. À velocidade do radar, praticamente o tempo não corre. Os habitantes do prédio vão morrer. No super-olho do radar já estão

mortos. Outro exemplo: encontram-se nos raios cósmicos, quando estes atingem a superfície da Terra, algumas partículas, os mesons rodariam com tal velocidade que para elas o tempo teria praticamente deixado de correr. Desta forma, uma vida de um milésimo de segundo poderia ser mantida e observada durante minutos ou horas. . .

É preciso não supor que o tempo decorrido regressa ao nada; o tempo é uno e eterno, o passado, o presente e o futuro não passam de aspectos diferentes - gravuras diferentes, se preferem - de um registro contínuo e invariável da existência perpétua. Para os discípulos atuais de Einstein, apenas existiria verdadeiramente um eterno presente.

Era o que os antigos místicos diziam. Se o futuro já existe, a precognição também. Toda a aventura do conhecimento antecipado é orientada no sentido de uma descrição das leis da física, mas igualmente da biologia e da psicologia no continuo de quatro dimensões, quer dizer, no eterno presente. Passado, presente e futuro são. Talvez seja apenas a consciência que se desloca. Pela primeira vez, a consciência é admitida sem discussão nas equações de física teórica. Neste eterno presente, a matéria surge como um delgado fio estendido entre o passado e o futuro. Ao longo desse fio desliza a consciência humana. Por que meios é ela capaz de modificar ' Eric Temple Bell: Le Flot du Temps, Gallimard edit., Paris as tensões desse fio, de forma a controlar os acontecimentos? Sabê-lo-emos um dia e então a psicologia fará parte da física.

A liberdade é provavelmente conciliável com este eterno presente. O viajante que sobe Sena de barco sabe antecipadamente as pontes que encontrará. Nem por isso é menos senhor das suas ações, nem menos capaz de prever o que poderá acontecer inopinadamente. Liberdade de vir a ser, no centro de uma eternidade que é. Visão dupla, admirável visão do destino humano ligado à totalidade do Universo!

Se eu pudesse recomeçar a minha vida, com certeza não escolheria ser escritor e passar os meus dias numa sociedade retardatária na qual a aventura dormita debaixo das camas, como um cão. Ser-me-ia necessária uma aventura-leão. Far-me-ia físico teórico, para viver no âmago ardente do verdadeiro romanesco. O moderno mundo da física desmente terminantemente as filosofias do desespero e do absurdo. Ciência sem consciência não passa de uma ruína da alma.

Mas consciência sem ciência é ruína idêntica. Aquelas filosofias que atravessaram a Europa no século XX eram fantasmas do século XIX, vestidos à moda atual. Um conhecimento real, objetivo, do fato técnico e científico, que tarde ou cedo arrasta o fato social, ensina-nos que há uma direção nítida na história humana, um acréscimo do poder do homem, uma subida do espírito geral, uma enorme forja das massas que as transforma em consciência ativa, o acesso a uma civilização na qual a vida será tão superior à nossa como a nossa em relação à dos animais.

Os filósofos literários disseram-nos que o homem é incapaz de compreender o mundo. Já André Maurois, em Les Nouveaux Discours du Docteur O Grady, escrevia: Tem de admitir, no entanto, doutor, que o homem do século XIX podia acreditar que, um dia, a ciência explicaria o mundo. Renan, Berthelot, Taine também esperavam o mesmo, no princípio da sua vida. O homem do século já não tem tais esperanças. Sabe que as descobertas só fazem recuar o mistério. Quanto ao progresso, nós constatamos que os direitos do homem só provocaram fome, terror, desordem, tortura e confusão de espírito. Que esperança resta? Para que vive, doutor? Ora o problema já não se punha desta forma.

Sem que os palradores se apercebessem, o círculo fechava-se à volta do mistério e o progresso incriminado abria as portas do céu. Já não é Berthelot ou Taine a fazer previsões a respeito do futuro da humanidade, mas sim homens como Teilhard de Chardin.

De um recente confronto entre sábios de diversas disciplinas sobressai a seguinte idéia: talvez um dia os derradeiros segredos das partículas elementares nos venham a ser revelados pelo comportamento profundo do cérebro, pois ele é o resultado e a conclusão das reações mais complexas na nossa região do Universo, e talvez contenha em si próprio as leis mais íntimas dessa região.

O mundo não é absurdo e o espírito não é de forma alguma inapto para o compreender. Antes pelo contrário, pode ser que o espírito humano já tenha compreendido o mundo, mas que ainda o não saiba...

## III

**Reflexões apressadas sobre os atrasos da sociologia. - Um diálogo de surdos. - Os planetários e os provincianos. Um cavaleiro que regressou para junto de nós. - Um pouco de Lirismo.**

Na física, nas matemáticas e na biologia modernas a vista espraia-se até ao infinito. Mas a sociologia tem sempre o horizonte tapado pelos monumentos do século passado. Recordo-me do nosso triste espanto quando seguimos, Bergier e eu, em 1957, a correspondência entre o célebre economista soviético Eugênio Varga e a revista americana Fortune. Esta luxuosa publicação exprime as opiniões do capitalismo esclarecido. Varga é um espírito sólido e goza da consideração do supremo poder. Podia esperar-se, de um diálogo público entre estas duas autoridades, um auxílio sério para a compreensão da nossa época. Ora o resultado foi terrivelmente decepcionante.

Varga seguia à letra o seu evangelho. Marx anunciava uma inevitável crise do capitalismo. Via essa crise muito próxima. O fato de a situação econômica dos Estados Unidos melhorar constantemente e de o grande problema ser agora a utilização racional dos períodos de descanso não impressionava de forma alguma esse teórico que, na época do radar, continuava a ver as coisas pelos mesmos prismas de Karl.

A idéia de que o desmoronamento anunciado poderia não se produzir segundo o esquema fixado, e de que talvez estivesse prestes a surgir uma nova sociedade além-Atlântico, nem por um momento lhe passava pela cabeça. Por outro lado, a redação da Fortune também não previa uma mudança de sociedade na U.R.S.S., e explicava que a América de 1957 exprimia um ideal perfeito, definitivo.

Tudo o que os Russos podiam esperar era aceder a esse estado se tivessem juízo, dentro de um século ou século e meio. Nada inquietava ou perturbava os adversários teóricos de Varga, nem a multiplicidade de cultos novos entre os intelectuais americanos (Oppenheimer, Aldous Huxley, Gerald Heard, Henri Miller e muitos outros, tentados pelas antigas filosofias orientais), nem a existência, nas grandes cidades, de milhares de jovens rebeldes sem motivo, agrupados em gangs, nem os vinte milhões de indivíduos que apenas resistiam ao ambiente tomando drogas tão perigosas como a morfina ou o ópio.

O problema de um objetivo na vida não parecia atingi-los. Quando todas as famílias

americanas possuírem dois automóveis, será necessário que comprem um terceiro. Quando o mercado dos postos de televisão estiver saturado, será necessário equipar os automóveis. E, no entanto, em relação aos sociólogos, aos economistas e aos pensadores do nosso país, Eugênio Varga e a direção da Fortune estão avançados. O complexo de decadência não os paralisa. Eles não se entregam a uma deleitação morosa.

Não pensam que o mundo é absurdo e que a vida não merece ser vivida. Acreditam com firmeza na virtude do progresso, caminham a direito para um aumento indefinido do poder do homem sobre a natureza. Têm dinamismo e grandeza. Têm vistas largas e grandiosas. Seria desagradável declararmos que Varga é partidário da empresa livre e que a redação da Fortune é composta por progressistas.

E no entanto, no significado europeu, estritamente doutrinal, isso é verdade. Eugênio Varga não é comunista. A Fortune não é capitalista, se nos basearmos nas nossas maneiras de ver acanhadas, provincianas. O russo e o americano responsáveis têm em comum a ambição, a ânsia de poder e um inquebrantável otimismo. Estas forças, manejando a alavanca das ciências e das técnicas, fazem saltar os quadros da sociologia elaborados no século XIX. Se a Europa Ocidental se devesse afundar e perder em conflitos bizantinos - praza a Deus que não! -, nem por isso a marcha da humanidade para a frente deixaria de prosseguir, fazendo explodir os alicerces, estabelecendo uma nova força de civilização entre os dois recentes pólos da consciência ativa que são Chicago e Tachkent, ao mesmo tempo que as imensas multidões do Oriente; e depois da África, passarão pela forja.

Enquanto em França um dos nossos melhores sociólogos chora sobre Le Travail en miettes, título de uma das suas obras, os sindicatos americanos estudam a semana de vinte horas. Enquanto os intelectuais parisienses, supostamente de vanguarda, perguntam a si próprios se Marx deverá ser ultrapassado, ou se o existencialismo é ou não um humanismo revolucionário, o Instituto Sternfeld de Moscou estuda a implantação da humanidade na Lua. Enquanto Eugênio Varga aguarda o desmoronamento dos Estados Unidos anunciado pelo profeta, os biólogos americanos preparam a síntese da vida a partir do inanimado. Enquanto o problema da coexistência se continua a pôr, o comunismo e o capitalismo estão prestes a ser alterados pela mais poderosa revolução tecnológica que possivelmente a Terra jamais conheceu. Estamos com os olhos colocados na parte de trás da cabeça. Seria altura de os pormos no seu devido lugar.

O último sociólogo poderoso e imaginativo foi talvez Lenine. Definiu com clareza o comunismo de 1917: É o socialismo mais a eletricidade. Já passou cerca de meio século depois disso.

A definição continua válida para a China, a África, a Índia. Mas para o mundo moderno é letra morta. A Rússia aguarda o pensador que venha a descrever a nova ordem: o comunismo mais a energia atômica, mais a automatização, mais a síntese dos carburantes e dos alimentos a partir do ar e da água, mais a física dos corpos sólidos, mais a conquista das estrelas, etc. John Buchan, depois de assistir ao funeral de Lenine, anunciava a chegada de outro Vidente que criaria um comunismo com quatro dimensões.

Se a U.R.S.S. não tem a sociologia que merece, a América não está mais bem fornecida. A reação contra os historiadores vermelhos do final do século XIX provocou,

por parte dos observadores, o elogio declarado das grandes dinastias capitalistas e das organizações poderosas. Há qualquer coisa de saudável em tal franqueza, mas a perspectiva é pequena. Os críticos do american zuay of Izfe são raros, literários, e procedem da forma mais negativa. Nenhum parece incitar a imaginação ao ponto de ver surgir, através dessa multidão solitária, uma civilização diferente das suas formas exteriores, até sentir uma crepitação das consciências, a aparição de novos mitos.

Através da abundante e espantosa literatura chamada de ficção científica sobressai no entanto a aventura de um espírito quase adolescente ainda, que se desdobra à medida do planeta, se empenha numa reflexão à escala cósmica e situa, de maneira diferente, o destino humano no vasto Universo. Mas o estudo de semelhante literatura, tão comparável à tradição oral dos narradores antigos, e que dá provas dos profundos movimentos da inteligência em marcha, não é coisa séria para os sociólogos.

Quanto à sociologia européia, continua estritamente provinciana, com toda a sua inteligência empenhada em longas discussões a respeito de ninharias. Nestas condições, não é de admirar que as almas sensíveis se refugiem no catastrófico. Tudo é absurdo e a bomba H pôs um ponto final na história. Esta filosofia, que parece simultaneamente sinistra e profunda, é mais fácil de manejar que os pesados e delicados instrumentos de análise do real. É uma passageira enfermidade do pensamento dos civilizados que não adaptaram as noções herdadas (liberdade individual, pessoa humana, felicidade, etc.) à alteração dos fins da civilização que se inicia.

É uma fadiga nervosa do espírito, no momento que esse espírito, preocupado com as suas próprias conquistas, deve, não só soçobrar, como mudar de estrutura. No fim de contas, não é a primeira vez que na história da humanidade a consciência é obrigada a passar de um plano para outro. Qualquer modificação é dolorosa. Se há um futuro, merece ser examinado. E, neste presente apressado, não é em referência ao passado mais próximo que a reflexão deve ser feita.

O nosso próprio futuro é tão diferente daquilo com que acabamos de tomar contacto como o século XIX era diferente da civilização Maia. Portanto, é por meio de incessantes projeções através do tempo e do espaço que devemos proceder, e de forma alguma por meio de comparações minúsculas numa fração ínfima, onde o passado recentemente vivido não possui qualquer das probabilidades do futuro e onde o presente, logo que toma forma, é tragado por esse inutilizável passado.

A primeira idéia verdadeiramente fecunda é que há diferença de alvos. Um cavaleiro das cruzadas que regressasse para junto de nós perguntaria imediatamente por que motivo se não utiliza a bomba atômica contra os Infiéis. De sentimentos firmes e inteligência aberta, no fim de contas sentir-se-ia menos assombrado com as nossas técnicas do que pelo fato de os Infiéis ainda possuírem metade do Santo Sepulcro, estando a outra, aliás na mão dos Judeus.

O que ele teria maior dificuldade em compreender seria uma civilização rica e poderosa, cuja riqueza e poderio não são explicitamente consagrados ao serviço e à glória de Jesus. Que lhe diriam os nossos sociólogos? Que estes imensos esforços, batalhas, descobertas, têm como objetivo único elevar o nível de vida de todos os homens? Isso parecer-lhe-ia absurdo, pois a vida apresentava-se sem objetivo.

Eles falar-lhe-iam ainda de Justiça, de Liberdade, de Pessoa Humana, recitar-lhe-iam o

evangelho humanista-materialista do século XIX.

E o cavaleiro sem dúvida responderia: mas liberdade para quê? Justiça para quê? A pessoa humana para dela fazer o quê? Para que o cavaleiro encarasse a nossa civilização como uma coisa digna de ser vivida por uma alma seria necessário não utilizar uma linguagem retrospectiva dos sociólogos.

Seria necessário utilizar uma linguagem prospectiva. Haveria que mostrar-lhe o mundo em marcha, a inteligência em marcha, como a formidável vibração de uma cruzada. Trata-se, uma vez mais, de libertar o Santo Sepulcro: o espírito retido na matéria, e repelir o Infiel: tudo o que é infiel ao infinito poder do espírito. Continua sempre a tratar-se de religião: tornar manifesto tudo o que une o homem à sua própria grandeza e essa grandeza às leis do Universo.

Seria necessário mostrar-lhe um mundo onde os ciclotrons são como as catedrais, as matemáticas como um cântico gregoriano, onde as transformações se operam, não apenas no centro da matéria, mas nos cérebros, onde as massas humanas de todas as cores se agitam, onde a interrogação do homem faz vibrar as suas antenas nos espaços cósmicos, onde a alma do planeta desperta. Então talvez o nosso cavaleiro não pedisse para regressar ao passado. Talvez se sentisse aqui como em sua casa, apenas colocado noutro nível. Talvez se lançasse a caminho do futuro, como outrora se lançava a caminho do Oriente, depois de se ligar novamente à fé, mas num grau diferente. Vede portanto o que vivemos! Fixai o olhar nos vossos próprios olhos! Fazei luz nestas trevas!

## A CONSPIRAÇÃO EM PLENO DIA

### I

**A geração dos obreiros da Terra. - Sois um moderno atrasado ou um contemporâneo do futuro? - Um cartaz nas paredes de Paris em 1622. - A linguagem esotérica e a linguagem técnica. - Uma nova noção da sociedade secreta. - Um novo aspecto do espírito religioso.**

Griffin, o homem invisível de Wells, dizia: Os homens, mesmo cultos, não se apercebem dos poderes ocultos nos livros de ciência. Nesses volumes há maravilhas, milagres.

Compreendem-no agora, e mais os homens da rua do que os letrados, sempre em atraso de uma revolução. Há milagres, há maravilhas e há terrores. Os poderes da ciência, depois de Wells, alastraram para além do planeta e ameaçam-lhe a vida. Uma nova geração de sábios surgiu. São pessoas que têm a consciência de ser, não investigadores desinteressados e puros espectadores, mas, segundo a bela expressão de Teilhard de Chardin, obreiros da Terra, solidários com o destino da humanidade e, em grande parte, responsáveis por esse destino.

Joliot-Curie lança garrafas de gasolina contra os tanques alemães durante os combates pela libertação de Paris. Norbert Wiener, o cibernético, intima violentamente os políticos: Nós demos-vos um reservatório infinito de poder, e vós haveis feito Bergen-Belsen e Hiroshima!.

São sábios de um estilo novo, cuja aventura está ligada à aventura do mundo. São os herdeiros diretos dos investigadores da primeira quarta parte do nosso século: os Curie,

Langevin, Perrin, Planck, Einstein, etc. Não se disse com a necessária insistência que durante esses anos a chama do gênio atingiu altitudes jamais alcançadas depois do milagre grego. Mesmo estes travaram lutas contra a inércia do espírito humano.

E foram violentos nessas batalhas. A verdade jamais triunfa, mas os seus adversários acabam por morrer, dizia Planck. E Einstein: Não acredito na educação. O teu único modelo deves ser tu próprio, mesmo que esse modelo seja assustador. Mas não eram conflitos ao nível da terra, da história, da ação imediata. Eles sentiam-se responsáveis unicamente perante a Verdade. No entanto, a política reuniu-os. O filho de Planck foi assassinado pela Gestapo, Einstein exilado.

A geração atual sente que, por todos os lados, em todos os sentidos, o sábio está ligado ao mundo. Ele retém a quase totalidade do saber útil. Ele reterá, em breve, a quase totalidade do poder. É a personagem-chave da aventura em que a humanidade está empenhada. Cercado pelas políticas, acossado pela polícia e pelos serviços de informação, vigiado pelos militares, tem idênticas probabilidades de obter, no final da sua carreira, tanto o Prêmio Nobel como o pelotão de execução. Ao mesmo tempo, os seus trabalhos levam-no a avaliar o ridículo dos particularismos, elevam-no a um nível de consciência planetária, senão cósmica.

Entre o seu poder e os poderes há um mal-entendido. Entre o que ele próprio arrisca e os riscos a que submete o mundo, só um incrível cobarde poderia hesitar. Kourchatov quebra a ordem de silêncio e revela o que sabe aos físicos ingleses de Harwell. Pontecorvo foge para a Rússia, para aí prosseguir a sua obra. Oppenheimer entra em conflito com o seu governo. Os atomistas americanos tomam partido contra o exército e publicam o seu extraordinário Boletim: a capa reproduz um relógio cujos ponteiros caminham para a meia-noite cada vez que uma experiência ou uma descoberta temíveis caem nas mãos dos militares.

Eis o meu vaticínio para o futuro, escreve o biólogo inglês J. B. S. Haldane: aquilo que não foi será. E ninguém está protegido! A matéria liberta a sua energia e o caminho dos planetas abre-se. Semelhantes acontecimentos parecem sem paralelo na história. Vivemos um momento em que a história retém o fôlego, em que o presente se desliga do passado assim como o iceberg quebra os laços que o prendiam às falésias de gelo e desliza sobre o oceano sem limites. (Arthur Clarke: Les Enfants d'Icare (Gallimard)

Se o presente se desliga do passado, trata-se de uma ruptura, não com todos os passados, não com os passados que atingiram a maturidade, mas com o passado recém-nascido, quer dizer, com aquilo a que chamamos a civilização moderna. Esta civilização saída da efervescência das idéias na Europa Ocidental do século XVIII, que desabrochou no século XIX, que espalhou os seus frutos pelo mundo inteiro durante a primeira metade do século XX, está prestes a deixar-nos. Sentimo-lo a cada instante. Estamos na época da ruptura. Ora nos apresentamos como modernos atrasados, ora como contemporâneos do futuro. A nossa consciência e a nossa inteligência dizem-nos que são coisas completamente diferentes.

As idéias sobre as quais a civilização moderna assentou estão gastas. Neste período de ruptura, ou antes de transmutação, não nos devemos admirar muito se o papel da ciência e a missão do sábio sofrerem profundas alterações. Quais serão essas alterações? Uma visão oriunda de um passado longínquo pode permitir-nos esclarecer o futuro. Ou, mais precisamente, pode refrescar-nos a vista para a pesquisa de um novo ponto de partida.

Num dia de 1622, os parisienses descobriram sobre as paredes da sua cidade certos cartazes assim redigidos:

Nós, delegados da agremiação principal dos Irmãos da Rosa-Cruz, fazemos uma estada visível e invisível nesta cidade, pela graça do Altíssimo, em direção ao qual se dirige o coração dos Justos, a fim de libertar os homens, nossos semelhantes, do erro mortal.

O assunto foi considerado por muitos como uma brincadeira, mas, segundo o recorda Serge Hutin: Atribuía-se aos Irmãos Rosa-Cruzes os seguintes segredos: a transformação dos metais, o prolongamento da vida, o conhecimento do que se passa em locais afastados, a aplicação da ciência oculta para a descoberta dos objetos mais escondidos. Suprimi o termo oculto: encontrais-vos perante os poderes que a ciência moderna possui ou para os quais se encaminha.

Segundo a lenda há muito conhecida nessa época, a sociedade dos Rosa-Cruzes afirmava que o poder do homem sobre a natureza e sobre si próprio se tornaria infinito, que a imortalidade e o controlo de todas as forças naturais estavam ao seu alcance e que ele poderia tomar conhecimento de tudo o que se passa no Universo. Nada há de absurdo nisto e os progressos da ciência justificaram em parte tais sonhos. De forma que o apelo de 1622, em linguagem moderna, poderia ser colocado sobre as paredes de Paris ou aparecer num jornal diário, caso vários sábios se reunissem em congresso para informar os homens dos perigos que correm e da necessidade de empregar as suas atividades em novas perspectivas sociais e morais.

Uma patética declaração de Einstein, um discurso de Oppenheimer, um edital do Boletim dos atomistas americanos produzem exatamente o mesmo efeito do manifesto Rosa-Cruz. Vejamos mesmo um recente texto russo. A respeito da conferência sobre os radioisótopos, realizada em Paris em 1957, o escritor soviético Vladimir Orlov escrevia: os atuais alquimistas devem recordar-se dos estatutos dos seus predecessores da Idade Média, estatutos conservados numa biblioteca parisiense, e que proclamavam que não se podem consagrar a alquimia senão os homens de coração puro e intenções elevadas.

A idéia de uma sociedade internacional e secreta, reunindo homens intelectualmente muito avançados, transformados espiritualmente pela intensidade do seu saber, desejosos de proteger as suas descobertas científicas contra os poderes organizados, a curiosidade e a avidez dos outros homens, reservando-se o direito de utilizar as suas descobertas no momento oportuno, ou de as sepultar durante vários anos, ou de apenas pôr em circulação uma ínfima parte - tal idéia é simultaneamente muito antiga e ultramoderna.

Era inconcebível no século XIX ou mesmo apenas há vinte e cinco anos. Mas hoje é concebível. Num determinado plano, ouso afirmar que essa sociedade existe neste momento. Certos hóspedes de Princeton (recordo especialmente um sábio viajante oriental,) puderam ter consciência disso. Se nada prova que a sociedade secreta Rosa-Cruz existiu no século XVII, tudo nos leva a pensar que uma sociedade dessa natureza se constitui atualmente, pela força das circunstâncias, e que ela se inscreve logicamente no futuro. E ainda teremos de falar a respeito da noção de sociedade secreta. Essa mesma noção, tão longínqua, é esclarecida pelo presente.

Voltemos aos Rosa-Cruzes. Segundo nos diz o historiador Serge Hutin, eles constituem

a coletividade dos seres elevados ao estado superior à humanidade vulgar, possuindo desta forma os mesmos caracteres interiores que lhes permitem reconhecer-se entre si.

Pelo menos quanto a nós, esta definição tem o mérito de pôr de lado o estilo ocultista. É que nós temos, em relação ao estado superior, uma idéia clara, quase científica, atual, otimista.

As nossas pesquisas chegaram a um ponto em que se prevê a possibilidade de transformações artificiais que aperfeiçoarão os seres vivos e o próprio homem. A radioatividade pode criar monstros, mas também nos dará gênios, declara um biólogo inglês. O términus da investigação alquímica, que é a transformação do próprio operador, talvez seja o términus da investigação científica atual. Veremos mais adiante que, em certa medida, isso já se deu com alguns sábios contemporâneos.

Os estudos mais avançados de psicologia parecem provar a existência de um estado diferente dos estados de sono e de vigília, de um estado de consciência superior no qual o homem possuiria faculdades intelectuais duas vezes superiores. À psicologia das profundezas, que devemos à psicanálise, acrescentamos hoje uma psicologia das altitudes que nos coloca na direção de uma superintelectualidade possível. O gênio não seria mais que uma das etapas do percurso que o homem pode percorrer dentro de si próprio, para alcançar a utilização das suas faculdades totais.

Numa vida intelectual normal, não utilizamos a décima parte das nossas possibilidades de atenção, prospecção, memória, intuição ou coordenação. Pode ser que estejamos prestes a descobrir, ou redescobrir, as chaves que nos permitirão abrir dentro de nós as portas para além das quais nos espera uma imensidade de conhecimentos. A idéia de uma próxima transformação da humanidade, neste plano, não faz parte do sonho ocultista, mas da realidade. Voltaremos demoradamente ao assunto mais adiante. Provavelmente, já existem mutantes entre nós, ou; pelo menos, homens que já deram alguns passos sobre a estrada que, um dia ou outro, todos nós percorreremos.

Segundo a tradição, não sendo a expressão gênio suficiente para exprimir todos os possíveis estados superiores do cérebro humano, os Rosa-Cruzes pertenciam a espíritos de outra categoria, que se reuniam por cooptação. Digamos antes que a lenda dos Rosa-Cruzes serviu de suporte a uma realidade: a sociedade secreta permanente dos homens superiormente esclarecidos - uma conspiração feita à luz do dia.

A sociedade Rosa-Cruz ter-se-ia formado naturalmente, através de homens que tinham atingido um estado de consciência elevado, em busca de correspondentes, de outros homens, seus semelhantes pelo nascimento, com os quais o diálogo fosse possível. Vemos assim Einstein ser compreendido apenas por cinco ou seis homens no mundo, e existirem só algumas centenas de matemáticos e físicos susceptíveis de refletir proveitosamente a respeito de uma nova revisão da lei de paridade.

Para os Rosa-Cruzes não há outro estudo além do da natureza, mas este estudo só é realmente esclarecedor para espíritos de uma categoria diferente do espírito vulgar.

Aplicando um espírito da categoria diferente ao estudo da natureza, alcança-se a totalidade dos conhecimentos e a sabedoria. Esta idéia nova, dinâmica, seduziu Descartes e Newton. Ao falar-se de ambos, os Rosa-Cruzes foram mais de uma vez evocados. Quer dizer que eles eram filiados? Esta pergunta não faz sentido. Não é uma sociedade organizada que concebemos, mas os necessários contactos entre espíritos

de outra categoria, e uma linguagem comum, não secreta, mas simplesmente ininteligível para os homens em determinada época.

Se alguns dos profundos conhecimentos sobre a matéria e a energia, sobre as leis que regem o Universo, foram elaborados por civilizações atualmente desaparecidas, e se se conservaram, através dos séculos, fragmentos desses conhecimentos (do que aliás não estamos certos), não pode ter sido senão por espíritos superiores e numa linguagem forçosamente incompreensível para o vulgo. Mas caso não queiramos aceitar esta hipótese, podemos pelo menos imaginar, no decorrer dos tempos, uma sucessão de espíritos fora do comum, comunicando entre si.

Tais espíritos sabem evidentemente que não têm o menor interesse em fazer estendal do seu poder. Se Cristóvão Colombo fosse um espírito fora do comum, teria mantido secreta a sua descoberta. Obrigados a uma espécie de clandestinidade, esses homens só com os seus semelhantes podem manter contactos satisfatórios. Basta pensar na conversa dos médicos em redor do leito de um enfermo no hospital, conversa em voz alta e da qual no entanto o paciente nada entende para compreender o que pretendemos dizer sem baralhar idéias no obscuridade do ocultismo, da iniciação, etc.

É bem visível que espíritos desta natureza, empenhados em passar desapercebidos simplesmente para não sofrerem entraves, teriam mais que fazer do que brincar entre si aos conspiradores. Se eles formam uma sociedade é pela força das circunstâncias. Se têm uma linguagem especial, é porque as noções gerais que essa linguagem exprime são inacessíveis ao espírito humano vulgar. É exclusivamente neste sentido que nós aceitamos uma idéia de sociedade secreta. As outras sociedades secretas, ligadas entre si, que são inúmeras e mais ou menos poderosas e pitorescas, para nós não passam de imitações, de brincadeiras de crianças que pretendem copiar os adultos.

Enquanto os homens alimentarem o sonho de obter seja o que for a troco de coisa alguma, dinheiro sem trabalhar, conhecimentos sem estudos, poder sem sabedoria, virtude sem ascese as sociedades supostamente secretas e iniciáticas prosperarão, com as suas hierarquias imitativas e o seu rosnar que imita linguagem secreta, quer dizer, técnica.

Escolhemos o exemplo dos Rosa-Cruzes de 1622 porque, segundo a tradição, o autêntico Rosa-Cruz não se fundamenta em qualquer iniciação misteriosa, mas num estudo profundo e coerente do Liber Mundi, do livro do Universo e da natureza.

A tradição Rosa-Cruz é portanto a mesma que a da ciência contemporânea. Começamos agora a compreender que um estudo profundo e coerente deste livro da natureza exige mais qualquer coisa do que simples espírito de observação, ou aquilo a que ultimamente chamamos científico, e mesmo qualquer coisa mais do que aquilo a que chamamos inteligência. No ponto em que as nossas investigações estão, seria necessário que o espírito se vencesse a si próprio, que a inteligência se transcendesse. O humano, demasiado humano, não basta. Talvez seja a esta mesma constatação, feita nos séculos passados por homens superiores, que devemos, senão a realidade, pelo menos a lenda Rosa-Cruz. O moderno atrasado é racionalista. O contemporâneo do futuro sente-se religioso. Modernismo a mais afasta-nos do passado. Um pouco de futurismo aproxima-nos dele.

Entre os jovens atomistas, escreve Robert Jungkl, há os que julgam os seus trabalhos como uma espécie de concurso intelectual que não contém significado profundo nem

obrigações, mas outros descobrem na investigação uma experiência religiosa.

Os nossos Rosa-Cruzes de 1622 faziam uma estada invisível em Paris. O que nos espanta é o fato de que, apesar do atual regime de polícia e de espionagem, os grandes investigadores consigam comunicar entre si destruindo as pistas que poderiam conduzir os governos até aos seus trabalhos. O destino do mundo poderia ser debatido por dez sábios, e em voz alta, diante de Khruchtchov e Eisenhower, sem que estes senhores compreendessem uma única palavra.

Uma sociedade internacional de investigadores que não interviesse nos assuntos dos homens teria todas as probabilidades de passar desapercebida, da mesma forma que passaria desapercebida uma sociedade que limitasse as suas intervenções a casos muito especiais. Os seus próprios meios de comunicação poderiam não ser captados. A T.S.F. poderia muito bem ter sido descoberta no século XVII e os aparelhos de galena, tão simples, poderiam ter servido para os iniciados. Da mesma forma, as modernas pesquisas a respeito dos meios parapsicológicos obtiveram como resultado aplicações em telecomunicações. O engenheiro americano Victor

Enderby escreveu recentemente que, se se obtiveram resultados nesse domínio, foram mantidos secretos, por livre vontade dos inventores.

O que também nos impressiona é que a tradição Rosa-Cruz alude a aparelhos ou máquinas que a ciência oficial da época não pode fabricar: lâmpadas perpétuas, registradores de sons e de imagens, etc. A lenda descreve aparelhos encontrados no túmulo do simbólico Christian Rosen Kreutz, que poderiam ser do ano de 1958, mas não de 1622. É que a doutrina Rosa-Cruz baseia-se no domínio do Universo pela ciência e pela técnica, mas de forma alguma pela iniciação ou pela mística. Do mesmo modo, podemos conceber na nossa época uma sociedade que manteria uma tecnologia secreta.

As perseguições políticas, as dificuldades sociais, o desenvolvimento do senso moral e da consciência de uma aterradora responsabilidade forçarão cada vez mais os sábios a refugiar-se na clandestinidade. Ora não será esta clandestinidade que retardará as pesquisas. Não é possível acreditar que os foguetões e as enormes máquinas para destruir o átomo serão de futuro os únicos instrumentos do investigador. As verdadeiras grandes descobertas sempre foram feitas com materiais simples, um equipamento sucinto.

É possível que existam no mundo, neste momento, certos locais onde a densidade intelectual é particularmente grande e onde essa nova clandestinidade se afirma. Entramos numa época que se assemelha, sob certos aspectos, ao princípio do século XVII e talvez esteja em preparação um novo manifesto de 1622. Talvez até já tenha aparecido. Mas nós não nos apercebemos disso.

O que nos afasta desses pensamentos, é que as épocas antigas se exprimem sempre em fórmulas religiosas. Portanto, apenas lhes dedicamos uma atenção literária, ou espiritual. É por isso que somos modernos. É por isso que não somos contemporâneos do futuro.

O que finalmente nos impressiona é a afirmação reiterada dos Rosa-Cruzes e dos alquimistas, segundo a qual o objetivo da ciência das transmutações é a transmutação do próprio espírito. Não se trata nem de magia, nem de recompensa vinda do céu mas

de uma descoberta das realidades que obriga o espírito do observador a tomar outra posição. Se pensarmos na evolução extremamente rápida do estado de espírito dos maiores atomistas, começaremos a compreender o que os Rosa-Cruzes queriam dizer.

Estamos numa época em que a ciência, no seu termo máximo, atinge o universo espiritual e transforma o espírito do próprio observador, situando-o num nível diferente do da inteligência científica, tornada insuficiente. Aquilo que acontece aos nossos atomistas é comparável à experiência descrita pelos textos alquímicos e pela tradição Rosa-Cruz. A linguagem espiritual não é uma balbuciação que precede a linguagem científica, mas principalmente a superação desta. Aquilo que se passa no nosso presente pode ter-se passado em tempos idos, noutro plano do conhecimento, de forma que a lenda Rosa-Cruz e a realidade de hoje se esclarecem mutuamente. É preciso ver as coisas antigas com olhos atuais, o que nos ajudará a compreender o futuro.

Já não estamos na época em que o progresso se identifica exclusivamente com o avanço científico e técnico. Surge outra probabilidade, aquela que se encontra nos Superiores Desconhecidos dos séculos passados quando eles mostram que a observação do Liber Mundi desemboca noutra coisa. Um físico eminente, Heisenberg, declara atualmente: O espaço em que se desenvolve o ser espiritual do homem tem outras dimensões além daquela em que se desenvolveu durante os últimos séculos.

Wells morreu desanimado. Esse espírito poderoso vivera com fé no progresso. Ora Wells, no fim da vida, viu esse progresso tomar aspectos assustadores. Já não tinha confiança. A ciência arriscava-se a destruir o mundo, pois acabavam de ser inventados os mais extraordinários processos de aniquilamento. O homem, disse em 1946 o velho Wells desesperado, chegou ao termo das suas possibilidades. Foi nesse momento que o ancião que fora um gênio da antecipação deixou de ser um contemporâneo do futuro. Nós começamos a perceber que o homem apenas atingiu o términus de uma das suas possibilidades. Outras possibilidades surgem.

Outros caminhos se abrem, que o fluxo e refluxo do oceano dos séculos encobrem e descobrem alternadamente. Wolfgang Pauli, matemático e físico mundialmente conhecido, professava outrora o cientismo na mais perfeita tradição do século XIX. Em 1932, no congresso de Copenhage, pelo seu frio cepticismo e pela sua ânsia de poder, surgiu como o Mefistófeles de Fausto. Em 1955, esse espírito penetrante alargara tão amplamente as suas perspectivas que se transformou no eloqüente defensor de uma via de salvação interior, desprezada durante muito tempo. Esta evolução é típica. É a da maior parte dos grandes atomistas.

Não é um regresso ao moralismo ou a uma vaga religiosidade. Trata-se, pelo contrário, de um progresso no equipamento do espírito de observação, de uma nova reflexão sobre a natureza do conhecimento. Em face da divisão das atividades do espírito humano em diferentes domínios, estritamente mantida desde o século XVII, diz Wolfgang Pauli, imagino um objetivo que seria a conciliação dos contrários, uma síntese que abarcasse a inteligência racional e a experiência mística da unidade. Este fim é o único que se adapta ao mito, expresso ou não, da nossa época.

## II

**Os profetas do Apocalipse. - Uma Comissão do Desespero. - A metralhadora de Luis XVI. - A Ciência não é uma vaca Sagrada. - O Senhor Despotopoulos quer ocultar o progresso. - A lenda dos Nove Desconhecidos.**

Existiu, na segunda metade do século XIX, no despontar dos tempos modernos, uma plêiade de pensadores violentamente reacionários. Eles viam um logro na mística do progresso social, no progresso científico e técnico uma corrida para o abismo. Foi Philippe Lavastine, moderna encarnação do herói do Chefd'Oeuvre inconnu, de Balzac e discípulo de Gurdjieff, que mos fez conhecer.

Nessa época em que eu lia René Guénon, mestre do antiprogressismo, e convivia com Lanza del Vasto, que regressara das Índias, não estava longe de aderir às opiniões desses pensadores contra-a-corrente. Havia muito pouco tempo que a guerra terminara. Einstein acabava de mandar o seu famoso telegrama:

O nosso mundo está na iminência de uma crise de que ainda se não aperceberam aqueles que têm o poder de tomar as grandes decisões para o bem ou para o mal. O poder extraído do átomo alterou tudo, exceto o nosso hábito de pensar, e encaminhamo-nos para uma catástrofe sem precedentes. Nós, cientistas, que libertamos esse imenso poder, possuímos a esmagadora responsabilidade, nesta luta mundial de vida ou de morte, de forçar a sua utilização em benefício da humanidade e não da sua destruição. A federação dos sábios americanos adere a este meu apelo. Pedimos que apóiem os nossos esforços para levar a América a compreender que o destino da humanidade se decide hoje, agora, neste preciso minuto. Necessitamos imediatamente de duzentos mil dólares para uma campanha nacional destinada a dar a conhecer aos homens que é essencial uma nova forma de pensar, se a humanidade quer sobreviver e atingir níveis mais altos. Este apelo só vos é dirigido após longa meditação sobre a imensa crise que enfrentamos. Peço-vos com urgência um cheque imediato que me deve ser enviado a mim, presidente da Comissão de Desespero dos Sábios do Átomo, Princeton, New Jersey. Reclamamos o vosso auxílio neste instante fatal como prova de que nós, os homens de ciência, não estamos sós.

Tal catástrofe, pensava eu (e duzentos mil dólares nada alterarão), há muito que os meus mestres a tinham previsto. Deus oferecera ao homem o obstáculo da matéria e, como dizia Blanc de Saint-Bonnet, o homem é filho do obstáculo. Mas os modernos, libertos dos princípios, pretenderam fazer desaparecer os obstáculos. A matéria, que constituía um obstáculo, foi vencida. O caminho para o nada está aberto. Há dois mil anos, Orígenes escrevia que a matéria é o absorvente da iniqüidade. De futuro, a iniqüidade não mais será absorvida: antes se derramará em vagas destruidoras. Essa Comissão do Desespero não a conseguirá fazer desaparecer.

Os antigos eram sem dúvida tão maus como nós, mas sabiam-no. Essa sabedoria levava-os a criar obstáculos. Surge uma bula do Papa condenando o emprego da tripeça, destinada a tornar mais sólido o arco: esta máquina, aliada aos poderes normais do arqueiro, tornaria o combate desumano. A bula é discutida durante duzentos anos. Rolando de Roncevaux, ferido de morte pelas fundas moiras, exclama: Maldito seja o cobarde que inventou armas capazes de matar à distância! Mais recentemente, em 1775, um engenheiro francês, Du Perron, apresentou ao jovem Luís XVI um órgão militar que, acionado por uma manivela, lançava simultaneamente vinte e quatro balas. Um memorial acompanhava este instrumento, embrião das modernas metralhadoras. A máquina pareceu tão mortífera ao rei e aos ministros Malesherbes e Turgot que foi recusada e o seu inventor considerado um inimigo da humanidade.

Ao pretendermos emancipar tudo, emancipamos igualmente a guerra. Sendo outrora motivo de sacrifício e de salvação para alguns, transformou-se depois na condenação

para todos. Tais eram pouco mais ou menos os meus pensamentos por volta de 1946, e sonhava publicar uma antologia dos pensadores reacionários cujas vozes foram abafadas, no seu tempo, pelo coro dos progressistas românticos. Esses escritores intratáveis, esses profetas do Apocalipse, que gritavam no deserto, chamavam-se Blanc de Saint-Bonnet, Emile Montagut, Albert Sorel, Donoso Cortês, etc. Foi num estado de espírito muito semelhante aos destes antepassados que elaborei um panfleto intitulado Le Temps des Assassins, no qual colaboraram especialmente Aldous Huxley e Albert Camus. A imprensa americana deu publicidade a esse panfleto em que sábios, militares e políticos eram muito maltratados, e no qual se pedia um processo de Nuremberg para todos os técnicos da destruição.

Creio que hoje as coisas não são tão simples e que é preciso ver com olhos diferentes, e mais de cima, a história irreversível. No entanto, em 1946, no inquietante após-guerra, essa corrente de pensamento provocava um sulco resplandecente no oceano de angústias em que se afundavam os intelectuais que não queriam ser nem vítimas nem carrascos. E é verdade que, depois do telegrama de Einstein, as coisas pioraram. O que está dentro das pastas dos sábios é pavoroso, diz Khruchtchov em 1960.

Mas os espíritos acabaram por se aborrecer e, após inúmeros e inúteis protestos, dedicaram-se a outros motivos de reflexão. Aguardando, como o condenado à morte na sua cela, que seja ou não perdoado. Todavia, de hoje em diante, haverá em todas as consciências um fundo de revolta contra a ciência capaz de destruir o mundo, uma dúvida quanto à possibilidade salvadora do progresso técnico: Acabarão por fazer com que tudo vá pelos ares. Depois das furiosas críticas de Aldous Huxley em Contraponto e

O Admirável Mundo Novo, o otimismo científico desapareceu. Em 1951, o químico americano Anthony Standen publicava um livro intitulado: A Ciência é uma vaca Sagrada, no qual protestava contra a admiração excessiva pela ciência. Em Outubro de 1953, um célebre professor de direito de Atenas, M.O.J. Despotopoulos, dirigia um manifesto à U.N.E.S.C.O. pedindo que interceptasse o desenvolvimento científico, ou então que o mantivesse secreto. A investigação, propunha ele, seria dali em diante confiada a um conselho de sábios mundialmente escolhidos e portanto com o direito de manter o silêncio. Esta idéia, por utópica que seja, não deixa de ter interesse.

Ela esboça uma possibilidade do futuro e, como mais adiante veremos, refere-se a um dos grandes temas das civilizações passadas. Numa carta que em 1955 nos dirigiu, Despotopoulos explicava com maior precisão a sua idéia: A ciência da natureza é sem dúvida um dos empreendimentos mais dignos da história humana. Mas a partir do momento em que desencadeia forças capazes de destruir a humanidade inteira, deixa de ser aquilo que era sob o ponto de vista moral.

A diferença entre ciência pura e as suas aplicações técnicas tornou-se praticamente impossível. Não se poderia portanto falar da ciência como de um valor em si. Ou antes, em certos sectores, e são os mais importantes, é atualmente um valor negativo, na medida em que escapa ao controlo da consciência para espalhar os seus perigos segundo o capricho e ânsia de poder dos responsáveis políticos. A idolatria do progresso e da liberdade em matéria de pesquisa científica é completamente perniciosa. A nossa proposta é esta: codificação das conquistas da ciência da natureza realizadas até agora e proibição total ou parcial do seu progresso futuro por meio de um conselho supremo mundial de sábios.

Tal medida é, sem dúvida alguma, tragicamente cruel, por o seu objetivo ir de encontro a um dos mais nobres impulsos da humanidade, e ninguém pode ignorar as dificuldades inerentes a tal medida. Mas não há outra suficientemente eficaz. As objeções fáceis: regresso à Idade Média, à barbárie, etc., não contém qualquer argumento importante. Não se trata de fazer retroceder a inteligência, mas sim de a defender. Não se trata de restrições em benefício de uma classe social: mas sim da proteção de toda a humanidade. Tal é o problema. O resto não passa de divisão e dispersão da atividade, dedicando-se a problemas menores.

Estas idéias tiveram um favorável acolhimento na imprensa inglesa e alemã, e foram amplamente comentadas no boletim dos sábios atomistas de Londres. Elas não se afastam muito de certas propostas formuladas nas conferências mundiais consagradas ao desarmamento.

Talvez seja lícito pensar que noutras civilizações não houve ausência de ciência, mas sim dissimulação da ciência. Tal parece ser a origem da maravilhosa lenda dos Nove Desconhecidos. A tradição dos Nove Desconhecidos remonta à época do imperador Asoka, que governou as Índias a partir do ano 273 a.C. Era neto do Chandragunta, primeiro unificador da Índia. Cheio de ambição como o seu antepassado, cuja tarefa quis completar, empreendeu a conquista de Kalinga, que se estendia desde a atual Calcutá até Madras. Os kalinganeses resistiram e perderam cem mil homens na batalha.

O espetáculo dessa multidão massacrada transtornou Asoka. Ficou, para todo o sempre, com horror à guerra. Renunciou a prosseguir na integração dos países insubmissos, declarando que a verdadeira conquista consiste em captar a estima dos homens pela lei do dever e da piedade, pois a Majestade Sagrada deseja que todos os seres animados usufruam de segurança, liberdade, paz e felicidade.

Convertido ao budismo e devido à sua maneira de agir, Asoka espalhou esta religião através das Índias e do seu império, que ia até à Malásia, Ceilão e Indonésia. Depois o budismo chegou ao Nepal, Tibet, China e Mongólia. No entanto, Asoka respeitava todas as seitas religiosas. Aconselhava os homens a serem vegetarianos, aboliu o álcool e o sacrifício de animais. H. G. Wells, no seu sumário da história universal, escreve: Entre as dezenas de milhares de nomes de monarcas que se amontoam nos pilares da história, o de Asoka brilha quase isolado, como uma estrela.

Diz-se que, consciente dos horrores da guerra, o imperador Asoka quis proibir para sempre aos homens que utilizassem a inteligência de uma forma prejudicial. Sob o seu reinado, a ciência da natureza passou a ser secreta, tanto passada como futura.

As pesquisas, indo da estrutura da matéria às técnicas de psicologia coletiva, esconder-se-ão, dali em diante e durante vinte e dois séculos, atrás do rosto místico de um povo que o mundo julga apenas preocupado com o êxtase e o sobrenatural. Asoka fundou a mais poderosa sociedade secreta do Universo: a dos Nove Des conhecidos.

Continua a dizer-se que os grandes responsáveis pelo atual destino da Índia - e sábios como Bose e Ram acreditam na existência dos Nove Desconhecidos - deles recebiam conselhos e mensagens. Com alguma imaginação, é possível avaliar-se a importância dos segredos que poderiam guardar nove homens beneficiando diretamente das experiências, dos trabalhos, dos documentos acumulados durante mais de duas dezenas de séculos. Quais os objetivos que esses homens têm em vista? Não deixar

cair em mãos profanas os meios de destruição. Prosseguir as investigações benéficas para a humanidade. Esses homens seriam renovados por cooptação a fim de defender os segredos técnicos de um passado longínquo.

São raras as manifestações exteriores dos Nove Desconhecidos. Uma delas está ligada ao prodigioso destino de um dos homens mais misteriosos do Ocidente: o papa Silvestre II, conhecido sob o nome de Gerbert d'Aurillac. Nascido em Auvergne no ano 920, falecido em 1003, Gerbert foi monge beneditino, professor da universidade de Reims, arcebispo de Ravena e papa por mercê do imperador Otão III. Teria passado algum tempo em Espanha, depois, uma misteriosa viagem tê-lo-ia levado até às Índias, onde captara diversos conhecimentos que causaram assombro no seu séqüito.

Também possuía, no seu palácio, uma cabeça de bronze que respondia SIM ou NÃO às perguntas que ele lhe fazia sobre a política e a situação geral da cristandade. Na opinião de Silvestre II (volume CXXXIX da Patrologia Latina, de Migne), esse processo era muito simples e correspondia ao cálculo feito com dois números. Tratar-se-ia de um autômato análogo às nossas modernas máquinas binárias. Essa cabeça mágica foi destruída quando da sua morte, e os conhecimentos trazidos por ele cuidadosamente escondidos.

A biblioteca do Vaticano proporcionaria sem dúvida algumas surpresas ao investigador autorizado. O número de Outubro de 1954 de Computers and Automation, revista de cibernética, declara: Temos de imaginar um homem de um saber extraordinário, de uma destreza e de uma habilidade mecânica fora do comum. Essa cabeça falante teria sido feita sob determinada conjunção das estrelas que se dá exatamente no momento em que todos os planetas estão prestes a iniciar o seu percurso.

Não se tratava nem de passado, nem de presente, nem de futuro, pois aparentemente essa invenção ultrapassava de longe a importância da sua rival: o perverso espelho sobre a parede da rainha, precursor dos nossos modernos cérebros automáticos. Houve quem dissesse, evidentemente, que Gerbert apenas foi capaz de construir semelhante máquina porque mantinha relações com o Diabo e lhe jurara eterna fidelidade.

Teriam outros europeus estado em contacto com essa sociedade dos Nove Desconhecidos? Foi preciso esperar pelo século XIX para que reaparecesse este mistério, através dos livros do escritor francês Jacolliot.

Jacolliot era cônsul de França em Calcutá na época de Napoleão III. Escreveu uma obra de antecipação considerável, comparável, se não superior, à de Jules Verne. Deixou, além disso, várias obras consagradas aos grandes segredos da humanidade. Essa obra extraordinária foi roubada pela maior parte dos ocultistas, profetas e taumaturgos. Completamente esquecida em França, é célebre na Rússia.

Jacolliot é formal: a sociedade dos Nove Desconhecidos é uma realidade. E o mais estranho é que cita a este respeito técnicas absolutamente inimagináveis em 1860, como seja, por exemplo, a libertação da energia, a esterilização por meio de radiações e a guerra psicológica.

Yersin, um dos mais próximos colaboradores de Pasteur e de Roux, teria sido informado de segredos biológicos por ocasião da sua viagem a Madras, em 1890, e, segundo as indicações que lhe teriam sido dadas, preparou o soro contra a peste e a

cólera.

A primeira divulgação da história dos Nove Desconhecidos deu-se em 1927, com a publicação do livro de Talbot Mundy, que pertenceu, durante vinte e cinco anos, à polícia inglesa das Índias. Esse livro está a meio caminho entre o romance e a investigação. Os Nove Desconhecidos utilizariam uma linguagem sintética. Cada um deles estaria de posse de um livro constantemente renovado e contendo o relatório pormenorizado de uma ciência.

O primeiro destes livros seria consagrado às técnicas da propaganda e da guerra psicológica. De todas as ciências, diz Mundy, a mais perigosa seria a do controlo do pensamento dos povos, pois permitiria governar o mundo inteiro. É de notar que a Semântica Geral, de Korjybski, apenas data de 1937 e que foi necessário aguardar a experiência da última guerra mundial para que principiassem a cristalizar-se no Ocidente as técnicas da psicologia da linguagem, quer dizer, da propaganda.

O primeiro colégio de semântica americano só foi criado em 1950. Em França, apenas conhecemos A Violação das Multidões, de Serge Tchokhotine, cuja influência nos meios intelectuais e políticos foi importante, apesar de só ao de leve tocar no assunto.

O segundo livro seria consagrado à psicologia. Falaria especialmente na maneira de matar um homem ao tocar-lhe, provocando a morte pela inversão do influxo nervoso. Diz-se que o judô deriva de certos trechos dessa obra.

O terceiro estudaria a microbiologia e especialmente os colóides de proteção.

O quarto trataria da transmutação dos metais. Diz uma lenda que nas épocas de fome, os templos e os organismos religiosos de proteção recebem de uma fonte secreta enormes quantidades de ouro muito fino.

O quinto incluía o estudo de todos os meios de comunicação, terrenos e extraterrenos.

O sexto continha os segredos da gravitação.

O sétimo seria a mais vasta cosmogonia concebida pela nossa humanidade.

O oitavo trataria da luz.

O nono seria consagrado à sociologia, indicaria as leis da evolução das sociedades e permitiria a previsão da queda. À lenda dos Nove Desconhecidos está ligado o mistério das águas do Ganges. Multidões de peregrinos, portadores das mais pavorosas e diversas doenças, ali se banham sem prejuízo para os de boa saúde. As águas sagradas tudo purificam. Pretenderam atribuir essa estranha propriedade do rio à formação de bacteriófagos. Mas por que motivo não se formariam eles igualmente no Bramaputra, no Amazonas ou no Sena? A hipótese de uma esterilização por meio de radiações aparece na obra de Jacolliot, cem anos antes de se saber possível um tal fenômeno. Essas radiações, segundo Jacolliot, seriam originárias de um templo secreto cavado sob o leito do Ganges.

Afastados das agitações religiosas, sociais e políticas, resoluta e perfeitamente dissimulados, os Nove Desconhecidos encarnam a imagem da ciência calma, da ciência com consciência. Senhora dos destinos da humanidade, mas abstendo-se de

utilizar o seu próprio poder, essa sociedade secreta é a mais bela homenagem possível à liberdade em plena elevação. Vigilantes no âmago da sua glória escondida, esses nove homens vêem fazer-se, desfazer-se e tornar a fazer-se as civilizações, menos indiferentes que tolerantes, prontos a auxiliar, mas sempre sob essa imposição de silêncio que é a base da grandeza humana. Mito ou realidade? Mito soberbo em todo o caso, vindo das profundezas dos séculos - e ressaca do futuro.

## III

**Ainda uma palavra sobre o realismo fantástico. - Ali existiram técnicas. - Houve a necessidade do segredo e volta a haver. - Nós viajamos no tempo. - Queremos ver na sua continuidade, o oceano do espírito. - Novas reflexões sobre o engenheiro e o mágico. - O passado, o futuro. - O presente atrasa-se nos dos sentidos: O ouro dos livros antigos. - Um olhar novo sobre o mundo antigo.**

Nós não somos nem materialistas, nem espiritualistas: aliás, tais distinções já não têm, para nós, o menor sentido. Apenas procuramos a realidade sem nos deixarmos dominar pelo reflexo condicionado do homem moderno (a nossos olhos retardatários), que se desvia assim que essa realidade se reveste de uma forma fantástica. Tornamo-nos novamente bárbaros, a fim de vencer esse reflexo, exatamente como tiveram de o fazer os pintores para destruir a barreira das convenções colocada entre os olhos e os objetos. Também como eles, optamos por métodos balbuciantes, selvagens, por vezes infantis.

Colocamo-nos perante os elementos e os métodos do conhecimento como Cézanne em frente da maçã. Van Gogh em frente do campo de trigo. Recusá-mo-nos a pôr de parte fatos, aspectos da realidade, sob o pretexto de que não são convenientes, de que ultrapassam as fronteiras impostas pelas teorias habituais. Gauguin não põe de parte um cavalo vermelho, Manet uma mulher nua entre os convivas do Déjeuner sur L'herbe, Max Ernst, Picabia, Dali, as figuras saídas do sonho e o mundo vivente na imensidade da consciência. A nossa forma de agir e de ver provocará revolta, desprezo, sarcasmos.

Seremos recusados no Salão. Aquilo que finalmente aceitaram nos pintores, nos poetas, nos cineastas, nos decoradores, etc., ainda não há preparação para ser aceite no nosso domínio. A ciência, a psicologia, a sociologia são florestas de tabos. Mal é expulsa, a idéia do sagrado volta a galope, sob vários disfarces. Que diabo! A ciência não é uma vaca sagrada: podemos empurrá-la, desimpedir o caminho.

Voltemos ao nosso assunto. Nesta parte do nosso trabalho, intitulada O Futuro Anterior, o nosso raciocínio é o seguinte:

- Poderia dar-se o caso de que aquilo a que chamamos esoterismo, alicerce das sociedades secretas e das religiões, seja o resíduo, dificilmente compreensível e manejável, de um conhecimento muito antigo de natureza técnica, adaptável simultaneamente a matéria e ao espírito. É o que mais adiante desenvolveremos.

- Segredos não seriam fábulas, histórias ou divertimentos, mas receitas técnicas exatas, chaves para libertar os poderes contidos no homem e nas coisas.

- A ciência não é a técnica. Contrariamente ao que se pode supor, a técnica, em bastantes casos, não segue a ciência, precede-a. A técnica executa. A ciência

demonstra que é impossível executar. Depois as barreiras das impossibilidades desmoronam-se. Evidentemente que não pretendemos dar a entender, bem longe disso, que a ciência é vã. Ver-se-á a importância que damos à ciência e com que olhos maravilhados a vemos mudar de rosto. Pensamos simplesmente que no longínquo passado algumas técnicas podem ter precedido a aparição da ciência.

- Pode acontecer que técnicas passadas tenham dado aos homens poderes demasiado temíveis para ser divulgados.

- A necessidade de segredo poderia ter dois motivos:

a) A prudência. Aquele que sabe não fala. Não deixar cair as chaves em más mãos.

b) O fato de que a possessão e manejo de tais técnicas e conhecimentos exige do homem outras estruturas mentais além das do estado de vigília normal, uma situação da inteligência e da linguagem sobre outro plano - de tal forma que nada é comunicável na condição do homem vulgar. O segredo não é um resultado da vontade daquele que o guarda, é o resultado da sua própria natureza.

- Verificamos a existência de um fenômeno idêntico no nosso mundo atual. Um desenvolvimento constantemente acelerado das técnicas incita aqueles que sabem ao desejo, depois à necessidade de segredo. O perigo extremo leva à discrição extrema. À medida que o conhecimento se desenvolve e atinge determinado nível, tende a ocultar-se. Formam-se corporações de sábios e de técnicos. A linguagem da sabedoria e do poder torna-se incomunicável. O problema das diferenças nas estruturas mentais é posto com clareza, no plano de investigação físico-matemática. Ao fim e ao cabo, aqueles que possuem, como Einstein dizia, o poder de tomar as grandes decisões, para o bem e para o mal, formam uma verdadeira criptocracia. O futuro imediato assemelha-se às descrições tradicionais.

- A nossa visão do conhecimento passado não está de acordo com o esquema espiritualista. A nossa visão do presente e do futuro imediato introduz magia onde apenas se queria pôr o racional. Para nós, trata-se simplesmente de procurar correspondências esclarecedoras. Estas podem permitir-nos situar a aventura humana na totalidade dos tempos. Tudo o que nos pode servir de ponte é útil.

No fundo, tanto nesta parte do livro como noutras, a nossa opinião é a seguinte: O homem tem, provavelmente, a possibilidade de estar em comunicação com a totalidade do Universo. É conhecido o paradoxo do viajante de Langevin. Andrômeda está a três milhões, de anos-luz da Terra. Mas o viajante, deslocando-se a uma velocidade pouco mais ou menos igual à da luz, apenas envelheceria alguns anos. Segundo a teoria unitária de Jean Charon, por exemplo, não seria inadmissível que a Terra, durante essa viagem, também não envelhecesse mais do que isso. O homem estaria portanto em contacto com o todo da criação, estando o espaço e o tempo a jogar um jogo diferente do jogo aparente. Por outro lado, a investigação físico-matemática, no ponto em que Einstein a deixou, é uma tentativa da inteligência humana para descobrir a lei que, possivelmente, regula o conjunto das forças universais (gravitação, eletromagnetismo, luz, energia nuclear) . Uma tentativa de visão unitária, visto todo o esforço do espírito ser para se situar num ponto em que a continuidade fosse visível. E de onde viria esse desejo do espírito se este não pressentisse que esse ponto existe e que lhe é possível situar-se dessa maneira? Não me procurarias se não me tivesses já encontrado.

Noutro plano, mas dentro deste mesmo movimento, aquilo que procuramos é uma visão contínua da aventura da inteligência humana, do conhecimento humano. Eis a razão por que passamos com a maior velocidade da magia para a técnica, dos Rose-Croix para Princeton, dos Maia para o homem das próximas mutações, do selo de Salomão para a tabela periódica dos elementos, das civilizações extintas para as civilizações a surgir, de Fulcanelli para Oppenheimer, do feiticeiro para a máquina eletrônica analógica, etc. Com a maior velocidade, ou antes a uma velocidade tal que o espaço e o tempo provoquem a destruição da sua carapaça e que a visão do contínuo surja. Há o viajar em sonho e o viajar realmente. Nós preferimos a viagem real.

Neste sentido é que o presente livro não é produto de imaginação. Nós construímos aparelhos (isto é, correspondências demonstráveis, comparações válidas, equivalências incontestáveis). Aparelhos que funcionam, foguetões que partem. E, por vezes, em certos momentos, pareceu-nos que o nosso espírito atingia o ponto em que a totalidade do esforço humano é visível. As civilizações, os períodos do conhecimento e da organização humana são como outros tantos rochedos no meio do oceano. Quando se contempla uma civilização, um período do conhecimento, apenas se vê o choque do oceano contra esse rochedo, o quebrar da.onda, a espuma borbulhante. O que procuramos foi o local de onde se pudesse contemplar o oceano inteiro, na sua calma e poderosa continuidade, na sua harmoniosa unidade.

Voltemos agora às reflexões sobre a técnica, a ciência e a magia. Elas irão determinar com exatidão a nossa tese sobre a idéia de sociedade secreta (ou antes de conspiração às claras) e servir-nos de preparação para próximos estudos, um sobre alquimia, outro sobre as civilizações desaparecidas.

Quando um jovem engenheiro entra para a indústria, depressa distingue dois universos diferentes. Há o do laboratório, com as leis definidas das experiências que se podem reproduzir, com uma imagem compreensível do mundo. E há o Universo real, no qual as leis nem sempre são aplicadas, onde os fenômenos são por vezes imprevistos, onde o impossível se realiza. Se tem um temperamento forte, o engenheiro em questão reage pela cólera, a paixão, o desejo de violar essa maldita matéria. Os que adotam esta atitude vivem existências trágicas. Veja-se Edison, Tesla, Armstrong. Um demônio os arrasta.

Werner von Braun experimenta os seus foguetões sobre os londrinos, massacra milhares deles e é finalmente preso pela Gestapo por ter declarado: No fim de contas, estou-me nas tintas para a vitória da Alemanha, o que eu quero é a conquista da Lua! [1] Disse-se que a grande tragédia atual é a política. Essa idéia já caducou. A tragédia é o laboratório. É a esses mágicos que se deve o progresso técnico. Na nossa opinião, a técnica não é de forma alguma a aplicação prática da ciência. Muito pelo contrário, ela desenvolve-se contra a ciência. O eminente matemático e astrônomo Simon Newcomb demonstra que aquilo que é mais pesado do que o ar não teria possibilidades de voar.

Dois mecânicos de bicicletas provar-lhe-ão o contrário. Rutheford, Millikan, provam que jamais será possível explorar as reservas de energia do núcleo atômico. A bomba de Hiroshima explode. A ciência ensina que uma massa de ar homogênea não se pode dividir em ar quente e ar frio. Hilsch demonstra que basta fazer circular essa massa através de um tubo apropriado. A ciência coloca barreiras de impossibilidades. O engenheiro, da mesma forma que o mágico sob o olhar do explorador cartesiano, transpõe as barreiras por meio de um fenômeno análogo ao que os físicos chamam o

efeito de túnel. Uma conspiração mágica o atrai. Pretende ver para além do muro, ir até Marte, ativar a pólvora, fazer ouro. Não procura o lucro, nem a glória. Pretende apanhar o Universo em flagrante delito de mistério. No sentido apresentado por Jung, é um arquétipo. Pelos milagres que tenta realizar, pela fatalidade que sobre ele pesa e pelo doloroso fim que a maior parte das vezes o espera, é o filho do herói dos Sagas e das tragédias gregas.

Como o mágico, guarda o segredo e, também como ele, obedece a essa lei de similitude que Frazer sublinhou no seu estudo sobre a magia. No início, a invenção é uma imitação do fenômeno natural. A máquina voadora assemelha-se ao pássaro, o autômato ao homem. Ora a semelhança com o objeto, o ser ou o fenômeno de que ele pretende captar os poderes é quase sempre inútil, mesmo nociva para o bom funcionamento do aparelho inventado. Mas, como o mágico, o inventor encontra na similitude um poder, uma volúpia que o empurra para a frente. A passagem da imitação mágica para a tecnologia científica poderia ser, em muitos casos, relatada com facilidade. Exemplo: Millikan: Elétron.

Na origem, o endurecimento superficial do aço foi obtido, no Próximo-Oriente, mergulhando uma lâmina em brasa no corpo de um prisioneiro. Este é um típico processo mágico: trata-se de transferir para a lâmina as qualidades guerreiras do adversário. Esta prática foi divulgada no Ocidente pelos Cruzados, que tinham verificado que de fato o aço de Damasco era mais rijo do que o aço da Europa. Fizeram-se experiências: mergulhou-se o aço em água sobre a qual flutuavam peles de animais. Obteve-se o mesmo resultado. No século XIX, descobriu-se que esses resultados eram devidos ao azote orgânico. No século XX, quando foi aperfeiçoada a liquefação dos gases, aperfeiçoou-se o processo mergulhando o aço em azote líquido a baixa temperatura. Sob esta forma, a nitruração faz parte da nossa tecnologia. Poder-se-ia verificar outro elo entre magia e técnica estudando os encantamentos que os antigos alquimistas pronunciavam durante os seus trabalhos. Provavelmente, tratava-se de medir o tempo na obscuridade do laboratório. Os fotógrafos servem-se muitas vezes de verdadeiras canções infantis que recitam enquanto procedem à revelação, e nós ouvimos uma dessas canções no alto da Jungfrau, enquanto se revelava uma placa impressionada pelos raios cósmicos.

Finalmente, existe outro elo, mais forte e curioso, entre magia e técnica: é a simultaneidade na aparição das invenções. A maior parte dos países registram o dia, e mesmo a hora em que uma patente é depositada. Ora, foi várias vezes constatado que inventores que se não conheciam e trabalhavam a grandes distâncias uns dos outros depositavam patentes idênticas e no mesmo instante. Este fenômeno não poderia ser explicado pela vaga idéia de que as invenções estão no ar ou que a invenção aparece assim que se torna necessária. Se existe ali percepção extra-sensorial, circulação das inteligências debruçadas sobre a mesma investigação, então o fato merecia um profundo estudo estatístico. Talvez esse estudo nos tornasse compreensível este outro fato: que as técnicas mágicas se reconhecem, idênticas, na maior parte das antigas civilizações, através de montanhas e oceanos. . .

Vivemos convencidos de que a invenção técnica é um fenômeno contemporâneo. É porque nunca nos demos ao trabalho de consultar os velhos documentos. Não existe um único serviço de investigação científica que vise o passado. Os livros antigos, se são lidos, são-no apenas por raros eruditos de formação puramente literária ou histórica. Portanto aquilo que eles contêm de ciência e de técnica escapa à atenção.

Será o desinteresse pelo passado devido a estarmos demasiado ocupados na preparação do futuro? Não é certo. A inteligência francesa parece atrasada segundo os esquemas do século XIX. Os escritores de vanguarda estão sem apetite para a ciência, e uma sociologia que data da máquina a vapor, um humanismo revolucionário nascido com a espingarda Chassepot continuam a mobilizar a atenção. Não se imagina até que ponto a França se condensou em redor do ano de 1880. Estará a indústria mais alerta? Realizou-se em 1955 a primeira conferência atômica mundial, em Genebra. René Alleau foi encarregado da difusão em França dos documentos relativos às aplicações pacíficas da energia nuclear. Os dezesseis volumes que contêm os resultados experimentais obtidos pelos sábios de todos os países constituem a mais importante publicação da história das ciências e das técnicas. Cinco mil indústrias que se hão-de interessar na energia nuclear com maior ou menor brevidade receberam uma carta anunciando essa publicação. Houve vinte e cinco respostas.

Será sem dúvida necessário esperar que as novas gerações alcancem cargos de responsabilidade para que a inteligência francesa recupere uma verdadeira agilidade. É para essas gerações que escrevemos este livro. Se estivéssemos verdadeiramente atraídos pelo futuro, está-lo-íamos também pelo passado, buscaríamos riquezas nos dois sentidos do tempo, com o mesmo apetite. Nada sabemos ou quase nada do passado. Há tesouros que dormem nas bibliotecas.

Preferimos imaginar, nós que afirmamos amar o homem, uma história do conhecimento descontínua, e centenas de milhares de anos de ignorância a precederem alguns lustros de saber. A idéia de que tivesse surgido, de súbito, um século da luz, idéia que admitimos com uma desconcertante ingenuidade, mergulhou na sombra todas as restantes épocas. Um olhar novo sobre os livros antigos modificaria tudo. Ficaríamos transtornados pelas riquezas que contêm. E teríamos de chegar à conclusão, de acordo com o que dizia Atterbury, contemporâneo de Newton, que há mais obras antigas perdidas do que conservadas.

Foi esse olhar novo que o nosso amigo René Alleau, simultaneamente técnico e historiador, pretendeu lançar. Imaginou um sistema e obteve alguns resultados. Até à data, parece não ter obtido qualquer espécie de incitamento para prosseguir na tarefa que ultrapassa as possibilidades de um homem só. Em Dezembro de 1955, perante os engenheiros da Mecânica Automóvel, reunidos sob a presidência de Jean-Henri Labourdette, ele pronunciava, a meu pedido, uma conferência cujo essencial era o seguinte:

Que resta dos milhares de manuscritos da biblioteca de Alexandria fundada por Ptolomeu Soter, desses manuscritos insubstituíveis e para sempre perdidos, referentes à ciência antiga?

Onde estão as cinzas das 200000 obras da biblioteca de Pérgamo? Que foi feito das coleções de Pisístrato em Atenas, e da biblioteca do Templo de Jerusalém, e da do santuário de Phtah em Mênfis? Que tesouros continham os milhares de livros que foram queimados no ano 213 antes de Cristo por ordem do imperador Cheu-Hoang-Ti, com um fim unicamente político? Nestas condições, encontramo-nos perante as obras antigas como perante as ruínas de um templo imenso de que apenas restam algumas pedras. Mas o exame atento desses fragmentos e dessas inscrições permite-nos entrever verdades profundas demais para se atribuírem apenas à intuição dos antigos.

Em primeiro lugar, ao contrário do que se supõe, os métodos do racionalismo não

foram inventados por Descartes. Consultemos os textos: Aquele que procura a verdade, escreve Descartes, deve tanto quanto possível duvidar de tudo. É uma frase muito conhecida, e a idéia parece bastante recente. No entanto, se lermos o segundo livro da Metafísica de Aristóteles veremos: Aquele que procura instruir-se deve em primeiro lugar duvidar, pois a dúvida do espírito conduz a descobrir a verdade. Aliás, pode ; constatar-se que Descartes foi buscar a Aristóteles não apenas i esta frase capital, mas também a maior parte das suas famosas regras espirituais, que têm como base o método experimental. Em todo o caso isto prova que Descartes tinha lido Aristóteles, do que se abstêm inúmeras vezes os modernos cartesianos. Estes também poderiam constatar que houve alguém que disse: Se me engano, chego à conclusão que existo, pois aquele que não existe não se pode enganar, e, precisamente porque me engano, sinto que existo. Infelizmente, não foi Descartes, mas santo Agostinho. Quanto ao cepticismo necessário ao observador, não se pode na verdade levá-lo muito mais longe que Demócrito, o qual só considerava válida a experiência a que pessoalmente assistira e cujos resultados autenticara com o seu próprio selo. Isto parece-me muito diferente da ingenuidade de que os Antigos são acusados. Sem dúvida, direis vós, os filósofos da Antiguidade eram dotados de um gênio superior no domínio do conhecimento, mas enfim, no plano científico, que sabiam eles realmente?

Ao contrário também do que se pode ler nas atuais obras de divulgação, as teorias atômicas não foram encontradas nem desenvolvidas por Demócrito, Leucipo e Epicuro. De fato, Sextus Empiricus diz-nos que o próprio Demócrito as recebera e obtivera por intermédio de Moschus o Fenício, o qual parece ter afirmado que o átomo era divisível, ponto capital que convém notar.

Reparai que a teoria mais antiga é também mais exata ; do que as de Demócrito e dos atomistas gregos em relação à indivisibilidade dos átomos. Neste caso determinado, parece tratar-se mais de um obscurecimento dos conhecimentos arcaicos, tornados incompreensíveis, do que de descobertas originais. Enfim, no plano cosmológico, e apesar da ausência de telescópios, com espanto verificamos serem muitas vezes os conhecimentos astronômicos tanto mais exatos quanto mais antigos.

No que respeita, por exemplo, à via Láctea, segundo Tales e Anaxímenes, seria constituída por estrelas, formando cada uma delas um mundo com sol e planetas, e esses mundos estavam situados num espaço imenso. Pode verificar-se em Lucrécio a percepção da uniformidade da queda dos corpos no vácuo e a concepção de um espaço infinito ocupado por uma infinidade de mundos. Pitágoras, antes de Newton, criou a lei inversa do quadrado das distâncias. Plutarco, depois de explicar a lei da gravidade, procura a origem da mesma numa atração recíproca entre todos os corpos e diz que é essa a razão por que a Terra atrai todos os corpos terrestres da mesma maneira que o Sol e a Lua atraem para o seu centro todas as partes que lhes pertencem e as retêm na sua esfera particular.

Galileu e Newton confessaram claramente aquilo que deviam à ciência antiga. Também Copérnico, no prefácio das suas obras dedicadas ao Papa Paulo III, escreve textualmente que descobriu a idéia do movimento da Terra ao ler os Antigos. Aliás, a confissão desses empréstimos em nada diminui a glória de Copérnico, de Newton e de Galileu, os quais pertencem a essa raça de espíritos superiores cujo desinteresse e generosidade os levam a não se preocuparem com o amor-próprio de autor ou a originalidade, seja a que preço for, que são preconceitos modernos. Mais humilde e mais profundamente autêntica parece a atitude da modista de Maria Antonieta,

Mademoiselle Bertin. Ao modernizar habilidosamente um chapéu antigo, exclamou: Só é novo o que está esquecido.

Tanto a história das invenções como a das ciências seria suficiente para mostrar a verdade deste dito. Dá-se com a maior parte das descobertas, escreve Fournier, o mesmo que com essa fugidia ocasião de que os Antigos haviam feito uma deusa inacessível para aquele que a deixasse escapar uma primeira vez.

Se, logo que apareça, a idéia que nos põe no bom caminho, a palavra que pode levar à resolução do problema, o fato significativo não são agarrados com presteza, será uma invenção perdida ou, pelo menos, adiada por várias gerações. Para que ela regresse triunfante, será preciso o acaso de um pensamento novo que faça ressuscitar o anterior, ou então o plagio feliz de qualquer inventor de segunda categoria; em questões de invenção, a desgraça é para o primeiro, a glória e os proveitos para o segundo . São considerações desta espécie que justificam o título da minha exposição.

De fato, pensei que devia ser possível substituir largamente o acaso pelo determinismo, e os riscos dos mecanismos espontâneos da invenção pelas garantias de uma vasta documentação histórica baseada em controles experimentais. Tendo isto em conta, propus constituir um serviço especializado não na investigação da anterioridade das patentes, a qual de toda a maneira se detém no século XVIII, mas um serviço tecnológico que estudaria simplesmente os processos antigos e que tentaria adaptá-los eventualmente às necessidades da indústria contemporânea.

Se um serviço desta espécie tivesse existido outrora, teria podido assinalar, por exemplo, o interesse de um pequeno livro passado despercebido, publicado em 1618 e intitulado Histoire naturelle de la fontaine qui brûle près de Grenoble. O autor era um médico de Tournon, Jean Tardin. Se este documento tivesse sido estudado, o gás de iluminação podia ter sido utilizado desde o princípio do século XVII. De fato, Jean Tardin não só estudou o gasômetro natural da nascente, como reproduziu no seu laboratório os fenômenos observados. Meteu hulha num recipiente fechado, submeteu-o a uma alta temperatura e obteve a produção das chamas cuja origem procurava. Ele explicou com clareza que a chama é provocada pelo betume e que basta reduzir esta matéria a gás para que ela produza um fluido inflamável. Mas o francês Lebon, anterior ao inglês Winsor, só no ano VII da República é que registrou a sua termo-lâmpada. Devido a os textos antigos não serem lidos, fora esquecida, portanto praticamente perdida, durante cerca de dois séculos, uma descoberta cujas conseqüências industriais e comerciais teriam sido consideráveis.

Da mesma forma, cerca de cem anos antes dos sinais ópticos de Claude Chappe, inventados em 1793, numa carta que Fénelon dirigiu em 26 de Novembro de 1695 a Jean Sobieski, secretário do rei da Polônia, refere-se a recentes experiências não apenas de telegrafia óptica, mas também de telefonia com porta-voz.Já em 1636, um autor desconhecido, Schwenter, examina nos seus Délassements physico-mathématzques o princípio do telégrafo elétrico e de que forma, segundo a sua própria expressão, dois indivíduos podem comunicar entre si por meio da agulha magnética. Ora as experiências de Oersted sobre os desvios da agulha de marear datam de 1819. Também neste caso, perto de dois séculos tinham decorrido.

Vou citar rapidamente algumas invenções pouco conhecidas: a câmara de imersão é referida num manuscrito do Romance de Alexandre do Real Gabinete das Estampas de Berlim; a inscrição tem a data de 1320. Um manuscrito do poema alemão Salman und

Morolf, escrito em 1190 (biblioteca de Estutgard), falava no projeto de um barco submarino; a inscrição subsiste, o submersível era em cabedal e capaz de resistir às tempestades.

Encontrando-se um dia rodeado de galeras, o inventor, que corria o risco de ser capturado, fez submergir o barco e permaneceu catorze dias no fundo do mar respirando por meio de um tubo flutuante. Num trabalho escrito pelo cavaleiro Ludwig Von Hartenstein, por volta de 1510, encontra-se o modelo para um escafandro; tem duas aberturas à altura dos olhos, cobertas por óculos de vidro. Na parte de cima, um comprido tubo com uma torneira na extremidade permite a entrada de ar. À direita e à esquerda do desenho vêem-se os acessórios indispensáveis para facilitar a descida e a vinda à superfície, como seja solas de chumbo e uma vara com escalões.

Eis ainda outro exemplo de esquecimento: um escritor desconhecido, nascido em 1729 em Montebourg, perto de Coutances (França), publicou um trabalho intitulado Giphantie, anagrama da primeira parte do nome do autor, Tiphaigne de la Roche. Nele se descreve não só a fotografia das imagens, como também a das cores: A impressão das imagens, escreve o autor, faz-se no primeiro instante em que a tela as recebe. Deve ser retirada imediatamente e colocada num local escuro. Uma hora depois, o reboco está seco e tereis um quadro tanto mais precioso quanto é certo não ser possível a qualquer arte imitar a verdade. O autor acrescenta: Em primeiro lugar trata-se de examinar a natureza do corpo viscoso que intercepta e conserva os raios, em segundo lugar as dificuldades para o preparar e usar, em terceiro lugar o jogo da luz e desse corpo enxuto. Ora é sabido que a descoberta de Daguerre foi anunciada por Arago à Academia das Ciências, um século mais tarde, a 7 de Janeiro de 1839. Aliás, convém notar que as propriedades de certos corpos metálicos susceptíveis de fixar as imagens foram assinaladas num tratado de Fabricius: De rebus metallicis, publicado em 1566.

Outro exemplo: a vacinação, descrita desde tempos imemoriais por um dos Vedas, o Sactaya Grantham. Este texto foi citado por Moreau de Jouet a 16 de Outubro de 1826, na Academia das Ciências, no seu Relatório sobre a varíola: Recolhei o fluido das pústulas com a ponta de uma lanceta, introduzi-o no braço misturando o fluido com o sangue e a febre surgirá: dessa forma a doença será bastante benigna e não inspirará preocupações. Em seguida há uma descrição completa de todos os sintomas.

Tratar-se-á de anestésicos? A este respeito poderia consultar-se um trabalho de Denis Papin escrito em 1681 e intitulado: Le traité des opérations sans douleur, ou então prosseguir as antigas experiências dos chineses sobre os extratos de cânhamo indiano, ou ainda utilizar o vinho de mandrágora, muito conhecido na Idade Média, completamente esquecido no século XVII e do qual um médico de Tolosa, em 1823, o doutor Auriol, estudou os efeitos. Jamais alguém pensou em verificar os resultados obtidos.

E a penicilina? Neste caso, podemos citar em primeiro lugar um conhecimento empírico, como seja os pensos de queijo Roquefort utilizados na Idade Média 1, mas a este respeito pode constatar-se um fato ainda mais curioso. Ernest Duchesne, aluno da École de Santé Militaire de Lião, apresentou a 17 de Dezembro de 1897 uma tese intitulada: Contribution à I'étude de la concur rence vitale chez les micro-organismes - antagonisme entre les moisissures et les microbes. Neste trabalho encontram-se experiências relatando a ação do penicillum glaucum sobre as bactérias. Ora esta tese

passou despercebida. Insisto sobre este exemplo de evidente esquecimento numa época muito próxima da nossa, em pleno triunfo da bacteriologia. (Sabe-se hoje que este queijo francês contém colônias de penicillum (cogumelo microscópio). - N. da T.)

Quereis mais exemplos? São inúmeros e seria necessário consagrar uma conferência a cada um deles. Citarei especialmente o oxigênio, cujos efeitos foram estudados no século XV por um alquimista, Eck de Sulsback, como o assinalou Chevreul no Journal des Savants, de Outubro de 1849; aliás, Teofrasto já dizia que a chama era sustentada por um corpo aeriforme e São Clemente de Alexandria era da mesma opinião.

Não citarei qualquer das extraordinárias antecipações de Roger Bacon, Cyrano de Bergerac e outros, pois é muito fácil justificá-las por um excesso de imaginação. Prefiro manter-me no terreno sólido dos fatos controláveis. A propósito do automóvel - e peço desculpa de não poder insistir sobre um assunto que muitos de vós conheceis bem melhor do que eu - farei notar que no século XVII, em Nuremberg, um tal Jean Hauteh fabricava carros com molas. Em 1645, foi experimentado um carro deste gênero na cerca do Templo e creio que a sociedade comercial fundada para explorar esta invenção não se pôde concretizar.

Possivelmente encontrou obstáculos comparáveis aos que sofreu a primeira Sociedade dos Transportes Parisienses, cuja iniciativa - convém recordá-lo - se deve a Pascal, que levou um dos seus amigos, o duque de Roannes, a patrociná-la com o seu nome e a sua fortuna.

Mesmo em relação a descobertas mais importantes do que estas, esquecemos a influência dos dados fornecidos pelos Antigos. Cristóvão Colombo confessou sinceramente tudo o que devia aos sábios, aos filósofos e aos poetas antigos. Geralmente ignora-se que Colombo copiou duas vezes o coro do segundo ato de Medeia, uma tragédia de Sêneca, onde o autor falava de um mundo cuja descoberta estava reservada para os séculos futuros. Essa cópia pode ser examinada no manuscrito das Profecias que se encontra na biblioteca de Sevilha. Colombo também se lembrou da afirmação de Aristóteles, no seu tratado De Caelo, a propósito da esfericidade da Terra.

Não teria Joubert razão ao dizer que coisa alguma torna os espíritos tão imprudentes e inúteis como a ignorância do passado e o desprezo pelos livros antigos? Tal como Rivarol escrevia admiravelmente: Todo o Estado é um misterioso navio ancorado no céu, poder-se-ia dizer a propósito do tempo que o navio do futuro está ancorado no céu do passado. Apenas o esquecimento nos ameaça com os piores naufrágios.

Ele parece atingir o limite máximo com a história inacreditável, se não fosse verdadeira, das minas de ouro na Califórnia. Em Junho de 1848, Marshall descobriu pela primeira vez pedaços de ouro nas margens de um regato perto do qual vigiava a construção de um moinho. Ora Fernando Cortês já por ali passara, procurando, na Califórnia, mexicanos que se diziam portadores de tesouros consideráveis; Cortês transtornou a região inteira, revistou todas as cabanas, sem sequer pensar em apanhar um pouco de areia; durante três séculos, os bandos espanhóis, as missões da Companhia de Jesus calcaram com os pés a areia aurífera, procurando o Eldorado sempre um pouco mais longe. No entanto, em 1737, mais de cem anos antes da descoberta de Marshall, os leitores da Gazeta da Holanda poderiam ter sabido que as minas de ouro e de prata de Sonora eram exploráveis, pois o jornal em questão indicava a sua posição exata. Além disso, em 1767, podia comprar-se em Paris um livro intitulado Histoire naturelle. et civile

de la Californie, onde o autor, Buriel, descrevia as minas de ouro e transcrevia testemunhos dos navegadores a propósito dos pedaços de ouro. Ninguém reparou nesse artigo, nem nesse trabalho, nem nesses fatos que, um século mais tarde, foram suficientes para provocar a corrida para o ouro. Aliás, será que ainda são lidas as descrições dos antigos navegadores árabes?

E, no entanto, ali se encontrariam preciosas indicações para a exploração mineira.

Na verdade, o esquecimento não perdoa. Demoradas pesquisas, verificações precisas convenceram-me de que a Europa e a França possuem tesouros que praticamente não exploram: os documentos antigos das nossas grandes bibliotecas. Ora toda a técnica industrial deve ser elaborada a partir de três dimensões: a experiência, a ciência e a história. Eliminar ou desprezar esta última é dar provas de orgulho e ingenuidade. É igualmente preferir correr o risco de encontrar aquilo que ainda não existe em vez de procurar racionalmente adaptar o que existe ao que se deseja obter. Antes de investir grandes capitais, um industrial deve estar de posse de todos os elementos tecnológicos de um problema. Ora é evidente que, só por si, a procura da anterioridade das patentes não é, de forma alguma, suficiente para situar uma técnica num dado momento da história. De fato, as indústrias são muito mais antigas do que as ciências, por tanto, devem ser completamente informadas quanto aos seus métodos, a respeito. dos quais estão muito menos ao fato do que julgam.

Os Antigos, servindo-se de técnicas muito simples, obtinham resultados que podemos reproduzir, mas que, a maior parte das vezes, teríamos dificuldades em explicar, apesar do imenso arsenal teórico de que dispomos. Essa simplicidade era o dom por excelência da ciência antiga.

Pois sim, direis vós, mas e a energia nuclear? A essa objeção responderei com uma citação que nos deveria obrigar a refletir um pouco. Num livro precioso, quase desconhecido, mesmo de muitos especialistas, publicado há mais de oitenta anos e intitulado Les Atlantes, o autor, que prudentemente se escondeu sob o pseudônimo de Roisel, expôs os resultados de cinqüenta e seis anos de pesquisas e trabalhos sobre a ciência antiga. Ao explicar os conhecimentos científicos que atribui aos Atlantas, Roisel escreve estas linhas extraordinárias para a sua época: A conseqüência dessa atividade incessante é, de fato, o aparecimento da matéria, desse outro equilíbrio cuja ruptura igualmente determinaria poderosos fenômenos cósmicos. Se, devido a uma causa desconhecida, o nosso sistema solar se desagregasse, os átomos que o constituem, devido à independência adquirida, tornar-se-iam imediatamente ativos e brilhariam no espaço com uma luz inefável que anunciaria ao longe uma vasta destruição e a esperança num mundo novo. Parece-me que este último exemplo é suficiente para fazer compreender toda a profundidade da frase de Mademoiselle Bertin: Só é novo o que está esquecido.

Vejamos agora qual o interesse prático que apresenta para a indústria uma sondagem sistemática do passado. Quando digo que nos devemos debruçar com o maior interesse sobre os trabalhos antigos, não se trata de forma alguma de efetuar um trabalho de erudição. Apenas é necessário, em função de um problema concreto posto pela indústria, verificar nos documentos científicos e técnicos antigos se existem fatos significativos desprezados, ou então métodos esquecidos, mas dignos de interesse e que digam diretamente respeito à questão apresentada. As matérias plásticas, cuja invenção nós supomos muito recente, poderiam ter sido descobertas muito antes se se

tivesse o cuidado de prosseguir certas experiências do químico Berzélius. Quanto à metalurgia, apontarei um fato de certa importância. No início das minhas investigações sobre certos processos químicos dos Antigos, fiquei bastante surpreendido por não poder reproduzir no laboratório experiências metalúrgicas que me pareciam descritas com muita clareza. Procurava, em vão, compreender os motivos de tal insucesso, pois cumprira as indicações e as proporções que eram dadas. Refletindo melhor, apercebi-me que no entanto cometera um erro. Utilizara fundentes quimicamente puros, enquanto os Antigos se serviam de fundentes impuros, quer dizer, de sais obtidos a partir de produtos naturais e por conseqüência susceptíveis de provocar ações catalíticas. De fato, a experiência confirmou este ponto de vista. Os especialistas compreenderão as importantes perspectivas que estas observações apresentam. Poderiam fazer-se economias de combustível e de energia se fossem adaptados à metalurgia certos processos antigos que, quase todos, se baseiam sobre a ação de catalisadores. Neste ponto, as minhas experiências foram confirmadas, assim como os trabalhos do doutor Ménétrier sobre a ação catalítica dos oligoelementos e as pesquisas do alemão Mittasch sobre a catálise na química dos Antigos. Por vias diferentes obtiveram-se resultados convergentes. Essa convergência parece provar que a tecnologia chegou à altura de ter em conta a importância fundamental da noção de qualidade e do seu papel na produção de todos os fenômenos quantitativos susceptíveis de ser observados.

Os Antigos conheciam igualmente processos metalúrgicos que parecem esquecidos, como, por exemplo, temperar o cobre em certos banhos orgânicos. Desta forma, obtinham instrumentos extraordinariamente duros e penetrantes. Não eram menos hábeis em derreter esse metal, mesmo no estado de óxido. Darei apenas um exemplo. Um dos meus amigos, especialista da prospecção mineira, encontrava-se a noroeste de Agadès, em pleno Saara. Ali descobriu minerais de cobre que apresentavam indícios de fusão e crisóis que ainda continham metal. Mas não se tratava de um sulfureto, e sim de um óxido, quer dizer, de um corpo que, para a indústria atual, apresenta problemas de redução que não é possível resolver com uma simples fogueira de nômade.

No domínio das ligas de metais, que é um dos mais importantes da indústria atual, não escaparam aos Antigos muitos fatos significativos. Não só conheciam os processos de produzir diretamente, a partir de minerais complexos, ligas com singulares propriedades, processos a que a indústria soviética dedica, neste momento, grande interesse, como ainda utilizavam ligas raras, como seja o âmbar amarelo, que nós jamais tivemos a curiosidade de estudar seriamente, apesar de conhecermos as receitas de fabricação.

Insistirei apenas sobre as perspectivas do domínio farmacêutico e médico, quase inexplorado e propício a tantas investigações. Apontarei simplesmente a importância do tratamento das queimaduras, questão tanto mais grave quanto é certo que os acidentes de automóvel e de avião obrigam a pensar nela, praticamente, a cada minuto. Foi na Idade Média, época incessantemente devastada por incêndios, que se descobriram os melhores remédios contra as queimaduras, receitas essas completamente esquecidas. A este respeito, convém saber que certos produtos da antiga farmacopéia não só acalmavam as dores, como permitiam evitar as cicatrizes e regenerar as células.

Quanto aos corantes e aos vernizes, seria supérfluo recordar a excelente qualidade das matérias elaboradas segundo os processos dos Antigos. As admiráveis cores utilizadas pelos pintores da Idade Média não se perderam, como geralmente se supõe; há em

França pelo menos um manuscrito que explica a sua composição. Jamais alguém pensou em adaptar e verificar esses processos. Ora os pintores modernos, se daqui a um século ainda fossem vivos, não reconheceriam os seus quadros, pois as cores utilizadas atualmente não duram. Aliás, os amarelos de Van Gogh já perderam, segundo parece, a extraordinária luminosidade que os caracterizava.

Tratar-se-á de minas? A este respeito, falarei apenas de uma relação entre a investigação médica e a exploração mineira. As aplicações terapêuticas das plantas, a que se chama fitoterapia, muito conhecida dos Antigos, de fato está ligada a uma ciência nova, a biogeoquímica. Esta disciplina propõe-se revelar as anomalias positivas relativas aos indícios de metais nas plantas e que indicam a proximidade de camadas de minérios. Desta forma é possível determinar particulares afinidades de certas plantas com certos metais e, por conseqüência, esses dados podem ser utilizados tanto no plano da exploração mineira como no domínio da ação terapêutica. Isso é mais um exemplo característico de um fato que me parece ser o mais importante da história atual das técnicas, como seja a convergência das diversas disciplinas científicas, o que implica a existência de sínteses constantes.

Citemos ainda algumas outras tendências de pesquisas e aplicações industriais: os adubos, vasto domínio em que os antigos químicos obtiveram resultados geralmente ignorados. Penso especialmente naquilo a que eles chamavam a essência da fecundidade, produto composto por certos sais misturados a estrumes digeridos ou destilados.

A vidraria antiga é um assunto ainda pouco conhecido: os Romanos já utilizavam os sobrados em vidro; aliás, o estudo dos antigos processos de vidraceiros poderia proporcionar um precioso auxílio para a solução de problemas ultramodernos, como a dispersão das terras raras e do paládio no vidro, o que permitiria obter tubos fluorescentes de luz negra.

Quanto à indústria têxtil, apesar do triunfo dos plásticos, ou talvez justamente devido a esse triunfo, deveria orientar-se para a produção, para o comércio de luxo, de tecidos de muito boa qualidade, que poderiam ser tintos segundo as normas antigas, ou então tentar o fabrico daquele pano raro que era conhecido sob o nome de Pilema. Tratava-se de tecidos de linho ou lã preparados com certos ácidos e que resistiam ao gume do ferro e à ação do fogo. Aliás, o processo foi conhecido dos Gauleses, que o utilizavam no fabrico de couraças.

A indústria do mobiliário, devido ao preço ainda muito elevado dos revestimentos plásticos, também poderia encontrar soluções vantajosas adaptando processos antigos que aumentavam consideravelmente, devido a uma espécie de imersão, a resistência da madeira a diversos agentes físicos e químicos. As empresas de trabalhos públicos teriam interesse em prosseguir o estudo de cimentos especiais cujas proporções são indicadas nos tratados dos séculos XV e XVI e que apresentam características muito superiores às do cimento moderno. A indústria soviética utilizou recentemente, na fabricação utensílios cortantes, uma cerâmica mais dura que os metais. Esse endurecimento poderia igualmente ser estudado à luz dos antigos processos de imersão.

Enfim, sem poder insistir sobre este problema, indicarei um resumo de investigações físicas que poderiam ter conseqüências profundas. Refiro-me a trabalhos relativos à energia magnética terrestre. Neste sentido, há observações muito antigas que jamais

foram seriamente verificadas, apesar do seu incontestável interesse. Quer se tratasse, finalmente, das experiências do passado ou das possibilidades do futuro, creio que o realismo profundo ensina a desviar-nos do presente. Esta afirmação pode parecer paradoxal, mas basta refletir para compreender que o presente é apenas um ponto de contacto entre a linha do passado e a do futuro. Firmemente apoiados sobre a experiência ancestral, devemos olhar para a frente e não para baixo, sem levar exageradamente em conta o breve intervalo de desequilíbrio durante o qual atravessamos o espaço e a duração. Prova-o o movimento da marcha e a lucidez do nosso olhar deve manter sempre igual a balança entre aquilo que foi e o que vai ser.

## IV

**O saber e o poder ocultam-se. - Uma visão da guerra revolucionária. - A técnica ressuscita as Guildas. O regresso à idade dos Adeptos. - Um romancista falara verdade: existem  Centrais de Energia. - Da monarquia à criptocracia. - A sociedade secreta, futura forma de governo. - A própria inteligência é uma sociedade secreta. - Batem à porta.**

Num artigo muito estranho, mas que, segundo parece refletia a opinião de muitos intelectuais franceses, Jean-Paul Sartre recusava pura e simplesmente à bomba H o direito de existência.

A existência, na teoria daquele filósofo, precede a essência. Mas surge um fenômeno cuja essência não lhe convém: e ele recusa a existência. Singular contradição! A bomba H, escrevia Jean-Paul Sartre, é contra a história. De que forma um fato de civilização poderia ser contra a história? O que é a história? Para Sartre é o movimento que deve necessariamente conduzir as multidões ao poder. O que é a bomba H? Uma reserva de poder manejável por alguns homens. Uma sociedade muito limitada de sábios, técnicos, políticos, que pode decidir da sorte da humanidade. aspira a ser dirigente complica ao máximo o sistema que deseja destruir para o chamar a si sem reações de defesa, da mesma forma que a aranha envolve a presa. Os homens ditos de poder, possessores e governantes, não passam de intermediários numa época que é igualmente intermediária.

- Ao passo que as armas soberanas se multiplicam, a guerra muda de aspecto. Trava-se um combate sem interrupção, sob a forma de guerrilhas, de revoluções palacianas, de emboscadas, de maquis, de artigos, de livros, de discursos.

A guerra revolucionária substitui a guerra simples. Esta mudança de formas de guerra corresponde a uma mudança de objetivos da humanidade. As guerras eram feitas para o haver. A guerra revolucionária é feita para o ser. Outrora a humanidade dilacerava-se pela divisão da terra e para nela viver o melhor possível. Para que alguns dividam entre si os bens terrenos e deles gozem. Agora, através deste incessante combate que se assemelha à dança dos insetos que apalpam mutuamente as suas antenas, tudo se passa como se a humanidade procurasse a união, o ajuntamento, a unidade para modificar a Terra. Ao desejo de gozar substitui-se o propósito de realizar. Os homens de ciência, que também aperfeiçoaram as armas psicológicas, não são estranhos a esta profunda alteração. A guerra revolucionária corresponde ao aparecimento de um espírito novo: o espírito operário.

O espírito dos operários da Terra. É neste sentido que a história é um movimento messiânico das massas. Esse movimento coincide com a concentração do saber. Tal é

a fase que atravessamos, na aventura de uma humanização crescente, de uma contínua assunção do espírito.

Detenhamo-nos nos fatos aparentes. Achar-nos-emos transportados à época das sociedades secretas. Quando atingirmos os fatos mais importantes, e portanto menos visíveis, chegaremos à conclusão de que penetramos igualmente na época dos Adeptos. Os Adeptos irradiavam a sua sabedoria sobre um conjunto de sociedades organizadas com o fim de manter secretas as técnicas. Não é impossível imaginar um mundo muito próximo construído à base deste modelo. Tendo em conta, porém, que a história não se repete. Ou antes, quando passa por um período idêntico, é num grau mais elevado da espiral.

Historicamente, a conservação das técnicas foi um dos fins das sociedades secretas. Os sacerdotes egípcios guardavam zelosamente as leis da geometria plana. Recentes pesquisas revelaram a existência, em Bagdá, de uma sociedade que conserva o segredo da pilha elétrica e o monopólio da galvanoplastia há dois mil anos. Na Idade Média, em França, na Alemanha, na Espanha, formaram-se corporações de técnicos. Observai a história da Alquimia. Vede o segredo da coloração do vidro em vermelho devido à introdução do ouro no momento da fusão. Vede o segredo das misturas incendiárias o óleo de linhaça com a gelatina antecessor do napalm.

Nem todos os segredos da Idade Média foram encontrados: o do vidro mineral flexível, o do processo simples para obter a luz fria, etc. Hoje assistimos igualmente ao aparecimento de grupos de técnicos que não divulgam os segredos de fabricação, quer se trate de técnicas artesanais, como a fabricação das harmônicas, dos berlindes de vidro, ou de técnicas industriais, como a produção de gasolina sintética. Nas grandes fábricas atômicas americanas, os físicos usam distintivos indicando o seu grau de saber e de responsabilidade. Só é permitido dirigir a palavra ao portador do mesmo distintivo.

Existem clubes e as amizades e os amores formam-se no interior de cada categoria. Desta forma constituem-se círculos fechados semelhantes às corporações da Idade Média, quer se trate de aviação a jacto, de ciclotrons ou de eletrônica. Em 1956, trinta e cinco estudantes chineses, saídos do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, pediram para regressar a casa. Não tinham trabalhado em problemas militares, no entanto pensou-se que sabiam demais. O regresso foi-lhes proibido. O governo chinês, muito desejoso de recuperar esses jovens esclarecidos, propôs, em troca, aviadores americanos detidos sob a acusação de espionagem.

A vigilância das técnicas e segredos científicos não pode ser confiada à polícia. Ou antes, atualmente, os especialistas da segurança são obrigados a estudar as ciências e as técnicas que têm como missão vigiar. Ensina-se a esses especialistas a trabalhar nos laboratórios nucleares, e aos físicos nucleares a assegurarem, eles próprios, a sua segurança. Desta forma vemos surgir uma casta mais poderosa do que os governos e as polícias políticas.

Enfim, o quadro ficará completo se pensarmos nos agrupamentos de técnicos dispostos a trabalhar para os países que melhor pagam. São os novos mercenários. São as espadas que se alugam da nossa civilização, em que o condottière usa blusão branco. A África do Sul, a Argentina, a Índia são os seus melhores terrenos de ação. Aí constroem verdadeiros impérios.

Voltemos aos fatos menos visíveis, mas mais importantes.

Neles veremos o regresso à época dos Adeptos. Não há no Universo coisa alguma que possa resistir ao ardor convergente de um número suficientemente grande de inteligências agrupadas e organizadas, dizia, confidencialmente, Teilhard de Chardin a Georges Magloire.

Há mais de cinqüenta anos, John Buchan, que representou, em Inglaterra, um papel importante como político, escrevia um romance que era ao mesmo tempo uma mensagem dirigida a certos espíritos esclarecidos. Nesse romance intitulado, e não sem motivo, A Central de Energia, o herói encontra um senhor distinto e discreto que lhe diz, num tom de conversa de golfo, frases bastante desconcertantes:

- Evidentemente, disse eu, há inúmeras vigas-mestras na civilização, e se as destruíssemos seria o seu desmoronamento. Mas elas aguentam-se bem.

- Não muito... Pense que a fragilidade da máquina se torna cada vez maior. À medida que a vida se complica, o mecanismo torna-se mais inextricável e por conseqüência mais vulnerável. As vossas supostas sanções multiplicam-se tão desmedidamente que cada uma delas é precária. Nos séculos de obscurantismo existia uma força única: o medo de Deus e da sua Igreja. Atualmente há uma infinidade de pequenas divindades, igualmente delicadas e frágeis e cuja única força é devida ao nosso tácito consentimento em não as discutir.

- Esquece-se de uma coisa, repliquei, o fato de que os homens estão realmente de acordo em manter a máquina em andamento. Era isso a que eu há pouco chamava a boa vontade civilizada.

- Pôs o dedo sobre o único ponto importante. A civilização é uma conspiração. Para que serviria a vossa polícia se cada criminoso encontrasse um asilo do outro lado do mar, ou os seus tribunais, se houvesse outros que não reconhecessem as suas decisões? A vida moderna é o pacto não formulado dos possessores para manter as suas pretensões. E esse pacto será eficaz até ao dia em que se fizer outro que os despoje. - Não discutiremos o indiscutível, disse eu. Mas eu supunha que o interesse geral levava os espíritos mais esclarecidos a fazer parte daquilo a que chama uma conspiração.

- Não sei, disse ele lentamente. São de fato os espíritos mais esclarecidos que aderem a esse pacto? Examine a conduta do governo. Bem vistas as coisas, somos dirigidos por amadores e por pessoas de segunda categoria. Os métodos das nossas administrações arrastariam para a falência qualquer empresa particular. Os métodos do Parlamento - desculpe-me - fariam vergonha a qualquer assembléia de acionistas. Os nossos dirigentes simulam adquirir a sabedoria por meio da experiência, mas estão longe do que seria capaz de fazer um homem de negócios, e quanto à sabedoria, quando a adquirem, não têm coragem de a pôr em prática. Qual é o atrativo que vê, para um homem de gênio, em vender o cérebro aos nossos miseráveis governantes? E no entanto o saber é a única força - agora e sempre. Um pequeno dispositivo mecânico afundará esquadras completas. Uma nova combinação química poderá alterar todas as leis de guerra. E o mesmo se passa no comércio. Bastarão algumas pequeníssimas alterações para reduzir a Grã-Bretanha ao nível da República do Equador, ou para dar à China a chave da riqueza mundial. E no entanto não desejamos imaginar que estas alterações sejam possíveis. Tomamos os nossos castelos de cartas pelas muralhas do Universo.

Jamais tive o dom da palavra, mas admiro-o nos outros. Um discurso neste gênero

produz um encantamento nocivo, uma espécie de embriaguez, que quase nos envergonha. Sentia-me interessado e meio seduzido.

- mas, vejamos, disse eu, o primeiro cuidado do inventor é tornar pública a sua invenção. Como deseja honras e glória, pretende receber dinheiro por essa invenção. Ela passa a fazer parte integrante da ciência mundial e por conseqüência todo o resto se modifica. Foi o que se passou com a eletricidade. Chamais à nossa civilização uma máquina, mas ela é bem mais dócil do que uma máquina. Possui o poder de adaptação de um organismo vivo.

- Aquilo que diz seria verdade se a nova ciência se tornasse realmente propriedade de todos. Mas acha que é possível? Leio de vez em quando numa ou noutra revista que um sábio eminente fez uma descoberta. Participa-a à Academia das Ciências, aparecem a esse respeito artigos de fundo, e a fotografia do sábio ornamenta os jornais. O perigo não vem desse homem. Ele não passa de uma roda da máquina, um aderente ao pacto. É com os homens que se mantêm afastados dele que é preciso contar, os artistas em descobrimentos que só utilizarão a sua ciência na altura em que puderem produzir o máximo de efeito. Acredite-me, os grandes espíritos estão fora daquilo a que se chama civilização. Pareceu hesitar um instante e continuou:

- Há-de ouvir várias pessoas dizer que os submarinos já suprimiram o couraçado, e que a conquista do ar aboliu o domínio dos mares. Pelo menos os pessimistas afirmam-no. Mas acha que a ciência disse a sua última palavra apenas com os nossos vulgares submarinos ou os nossos frágeis aviões?.

- Não duvido que se venham a aperfeiçoar, disse, mas os processos de defesa hão-de progredir paralelamente. Ele meneou a cabeça.

- É pouco provável. Por enquanto a ciência que permite realizar os grandes engenhos de destruição é muito maior do que as possibilidades defensivas. É necessário não ver apenas as invenções de pessoas de segunda categoria, ansiosas por conquistar riqueza e glória. A verdadeira ciência, a ciência temível, ainda continua secreta. Mas, acredite-me, meu caro, ela existe.

Calou-se um momento e vi o contorno tênue do.fumo do seu charuto perfilar-se na escuridão. Depois citou-me vários exemplos, calmamente como se receasse ir longe demais.

Foram esses exemplos que me despertaram. Eram de vária espécie: uma grande catástrofe, uma ruptura súbita entre dois povos, uma doença que destrói uma colheita importante, uma guerra, uma epidemia. Não os enumerarei. De momento não o acreditei, e hoje ainda menos o acredito. Mas eram terrivelmente surpreendentes, expostos nessa voz calma, naquela sala sem luz, numa escura noite de Junho. Se dizia a verdade, aqueles flagelos não eram obra da natureza ou do acaso, mas sim de uma arte. As inteligências anônimas de que ele falava, trabalhando secretamente, revelavam de vez em quando a sua força por meio de qualquer manifestação catastrófica. Recusava-me a acreditá-lo, mas, enquanto ele desenvolvia o seu exemplo, apresentando a evolução do jogo com estranha nitidez, não faz o mínimo protesto.

No final, recuperei a palavra.

- O que me acaba de descrever é a superanarquia. E no entanto não serve para nada.

Qual o móbil a que obedeceriam essas inteligências?

Ele riu-se.

- Como quer que eu o saiba? Sou apenas um modesto investigador, e as minhas investigações proporcionam-me curiosos documentos. Mas não seria capaz de precisar os motivos. Vejo apenas que existem enormes inteligências anti-sociais. Admitamos que elas suspeitam da Máquina. A menos que se trate de idealistas que pretendem criar um mundo novo, ou simplesmente de artistas, desejosos apenas de alcançarem a verdade. Se tivesse de formular uma hipótese, diria que foram necessárias estas duas últimas categorias de indivíduos para provocar resultados, pois os segundos encontram a ciência e os primeiros desejam empregá-la.

Então recordei um fato. Estava nas montanhas do Tirol, num prado cheio de sol. Num prado coberto de flores e ao norte de um curso de água saltitante, almoçava após uma manhã passada a escalar as brancas falésias. Encontrara no caminho um alemão, de pequena estatura e com aspecto de professor, que me deu a honra de partilhar as sandes comigo. Falava rapidamente um inglês incorreto e era um nietzshiano, um impetuoso revoltado contra a ordem estabelecida. A desgraça, exclamou, é que aqueles que sabem são indolentes demais para tentar reformas. Virá o dia em que o saber e a vontade se hão-de unir, e então o mundo progredirá.

- Está a mostrar-nos um quadro pavoroso, disse eu. Mas se essas inteligências anti-sociais são assim tão poderosas, por que motivo produzem tão pouco? Um vulgar agente da polícia, com a Máquina atrás dele, fica em posição de fazer troça da maior parte das tentativas anarquistas.

- Sem dúvida, respondeu, e a civilização triunfará até que os seus adversários saibam por ela própria qual a verdadeira importância da Máquina. O pacto deve durar até que haja um antipacto. Veja os processos dessa tolice a que atualmente se chama niilismo ou anarquia. Do fundo de uma mansarda parisiense, alguns vagos iletrados lançaram um desafio ao mundo, e ao fim de oito dias ei-los na cadeia. Em Genebra, uma dúzia de intelectuais russos exaltados combinam derrubar os Romanos, e ei-los cercados pela polícia da Europa. Todos os governos e as suas pouco inteligentes forças policiais dão-se mutuamente as mãos e, pronto, acabam-se os conspiradores. Pois a civilização sabe utilizar as energias de que dispõe, ao passo que as infinitas possibilidades dos não-oficiais se desfazem em fumo. A civilização triunfa porque é uma aliança mundial; os seus inimigos fracassam porque não passam de uma panelinha. Mas imagine...

Calou-se novamente e ergueu-se do caldeirão. Aproximou-se de um interruptor e inundou a sala de luz. Ofuscado, levantei o olhar para o meu hóspede e vi-o sorrir-me amavelmente com toda a cortesia de um velho gentleman.

- Gostaria de ouvir o final das suas profecias, declarei. Dizia. . .

- Dizia o seguinte: Imagine a anarquia instruída pela civilização e tornada internacional. Oh, não falo desses bandos de imbecis que se intitulam com grande estrépito a União Internacional dos Trabalhadores, e outras parvoíces no gênero. Quero dizer que a verdadeira substância pensante do Mundo viria então a ser internacionalizada. Suponha que os elos do cordão civilizado sofram a pressão de outros elos constituindo uma cadeia muito mais poderosa. A Terra está repleta de energias incoerentes e de inteligência desorganizada. Já alguma vez pensou no caso da China? Ela encerra

milhares de cérebros pensantes asfixiados por atividades ilusórias. Não têm nem diretrizes, nem energia condutora, tanto assim que o resultado dos seus esforços é igual a zero, e que o mundo inteiro se ri da China. A Europa concede-lhe de tempos a tempos um empréstimo de alguns milhões, e ela, em paga, reclama cinicamente as orações da cristandade. Mas, dizia eu, suponha....

- Isso é uma perspectiva atroz, exclamei, e, graças a Deus, não a creio realizável. Destruir para destruir, forma um ideal demasiado estéril para que possa tentar um novo Napoleão, e sem ele nada podereis fazer.

- Não seria uma destruição completa, replicou ele suavemente. Chamemos iconoclastia a essa abolição das fórmulas que sempre ligaram uma multidão de idealistas. E não será necessário um Napoleão para a realizar. É apenas preciso uma direção, a qual pode vir de homens muito menos dotados do que Napoleão. Numa palavra, bastaria uma Central de Energia para inaugurar a era dos milagres.

Se pensarmos que Buchan escrevia estas linhas por volta de 1910, e se pensarmos na confusão mundial a partir dessa época e nos movimentos que alastram atualmente através da China, da África, das Índias, perguntaremos a nós próprios se não entraram de fato em ação uma ou várias Centrais de Energia. Esta visão só aos observadores superficiais parecerá romanesca, quer dizer, aos historiadores vítimas da vertigem da explicação pelos fatos, a qual não passa, afinal, de uma forma de escolher entre os fatos. Faremos a descrição, noutro capítulo do nosso trabalho, de uma central de energia que se malogrou, mas só depois de mergulhar o mundo no fogo e no sangue: a central fascista. Não é possível duvidar da existência de uma Central de Energia comunista, da sua prodigiosa eficácia. Nada no Universo poderia resistir ao impulso convergente de um número suficientemente grande de inteligências agrupadas e organizadas. Repito esta citação: a sua verdade explode aqui.

Nós fazemos, a respeito das sociedades secretas, uma idéia primária. Vemos de forma banal os fatos estranhos. Para compreender o mundo que surge ser-nos-ia necessário corrigir, refrescar, revigorar a idéia de sociedade secreta por meio de um estudo mais profundo do passado e pela descoberta de um ângulo do qual fosse visível o movimento da história de que fazemos parte.

É possível, até é provável, que a sociedade secreta seja a futura forma de governo no mundo novo do espírito operário.

Observai rapidamente a evolução dos fatos. As monarquias pretendiam ter um poder de origem sobrenatural. O rei, os fidalgos, os ministros, os responsáveis empenham-se em sair da normalidade, em causar espanto com os seus vestuários, as suas residências, as suas maneiras. Tudo fazem para se tornar notados.

Ostentam o maior fausto possível. E estão presentes em todas as ocasiões. Extraordinariamente abordáveis e infinitamente diferentes. Segui sempre, todos vós, o meu penacho branco!

E, por vezes, no Verão, Henrique IV toma banho nu no Sena, em pleno coração de Paris. Luís XIV é um sol, mas qualquer pessoa pode entrar no palácio e assistir às suas refeições. Constantemente expostos a todos os olhares, semideuses carregados de ouro e de plumas, sempre a chamar as atenções, simultaneamente à parte e públicos. Após a Revolução, o poder impregna-se de teorias abstratas e o governo oculta-se.

Os responsáveis empenham-se em passar por pessoas como as outras, e ao mesmo tempo põem-se a certa distância. Tanto no plano humano como no plano dos fatos torna-se difícil definir com exatidão o governo. As democracias modernas prestam-se a mil interpretações esotéricas. Vêem-se pensadores assegurar que a América obedece unicamente a alguns chefes de indústria, a Inglaterra aos banqueiros da City, a França aos franco-maçons, etc. Com os governos procedentes da guerra revolucionária o poder oculta-se quase completamente. As testemunhas da revolução chinesa, da guerra da Indochina, da guerra da Argélia, os especialistas do mundo soviético sentem-se impressionados com a entrada do poder nos mistérios da humanidade, com o segredo em que mergulham as responsabilidades, com a impossibilidade de saber quem é que e quem decide que.

Entra em ação uma verdadeira criptocracia. Aqui não temos tempo para analisar esse fenômeno, mas haveria um trabalho a escrever sobre o nascimento daquilo a que chamamos criptocracia. Num romance de Jean Lartéguy, que participou da revolução de Azerbaijão, da guerra da Palestina e da guerra da Coréia, um capitão francês é feito prisioneiro após a derrota de Dien-Bien-Phu: Glatigny voltou a encontrar-se num abrigo em forma de túnel, longo e estreito. Estava sentado no chão, com as costas nuas apoiadas à terra da parede. Na sua frente, um nha-quê acocorado sobre os calcanhares fumava um tabaco infecto enrolado em velho papel de jornal.

O nha-quê está com a cabeça nua. Usa um fato de fazenda caqui sem insígnias. Não tem alparcatas e os dedos dos seus pés espalham-se voluptuosamente sobre a lama tépida do abrigo. Entre duas baforadas pronunciou algumas palavras, e um bô-doi, de movimentos ágeis e ondulantes de boy inclinou-se para Glatigny:

- O chefe batalhão pergunta a você onde está comandante francês que comandava ponto de apoio.

Glatigny tem um reflexo de oficial de tradição; não pode acreditar que aquele nha-quê acocorado, que fuma tabaco ordinário, comandasse, como ele, um batalhão, tivesse a mesma categoria e as mesmas responsabilidades. . . É então um dos responsáveis da divisão 308, a melhor, a mais bem preparada de todo o Exército Popular; foi aquele camponês saído do seu arrozal que o bateu, a ele, Glatigny, descendente de uma das grandes dinastias militares do Ocidente. . .

Paul Mousset, jornalista célebre, correspondente de guerra na Indochina e na Argélia, dizia-me: Sempre tive a impressão de que o boy, o pequeno lojista talvez fossem os grandes responsáveis... O mundo moderno disfarça os seus chefes, como os insetos que parecem ramos de árvores, ou folhas. . .

Após a queda de Stálin, os árbitros políticos não conseguem ficar de acordo quanto à identidade do verdadeiro governante da U.R.S.S. No momento em que esses árbitros nos asseguram finalmente que é Béria, vem a saber-se que este acaba de ser executado. Ninguém poderia designar exatamente os verdadeiros chefes de um país que controla um bilhão de homens e metade das terras habitáveis do globo. . .

A ameaça de guerra revela a verdadeira forma dos governos. Em Junho de 1955, a América previra uma operação alerta durante a qual o governo abandonava Washington para ir trabalhar em qualquer parte nos Estados Unidos. No caso de esse refúgio ser destruído, estava previsto um processo que permitiria a esse governo transferir os seus poderes para as mãos de um governo fantasma (a expressão textual

é governo de sombras) já designado. Esse governo inclui senadores, deputados e peritos cujos nomes não podem ser divulgados. E assim é oficialmente anunciada a passagem para a criptocracia num dos países mais poderosos do planeta.

Em caso de guerra, veríamos sem dúvida os governos aparentes serem substituídos por esses governos de sombras, possivelmente instalados nas cavernas da Virgínia, para os Estados Unidos, numa estação flutuante do Ártico, para a U.R.S.S. E, a partir desse momento, seria crime de traição desvendar a identidade dos responsáveis. Munidos de cérebros eletrônicos, para reduzir ao mínimo o pessoal administrativo, as sociedades secretas organizariam o gigantesco combate dos dois blocos da humanidade. Nem sequer está excluída a hipótese de que esses governos possam residir fora do nosso mundo, em satélites artificiais que girariam ao redor da Terra.

Não estamos a fazer ficção filosófica nem ficção histórica. Fazemos realismo fantástico. Somos cépticos sobre muitos pontos em que espíritos que passam por razoáveis o são muito menos do que nós. Não procuramos de forma alguma chamar a atenção para qualquer inútil ocultismo, para qualquer interpretação mágico-delirante dos fatos. Não propomos qualquer religião. Apenas acreditamos na inteligência. Pensamos que, em determinado nível, a própria inteligência é uma sociedade secreta. Achamos que o seu poder é ilimitado quando chega a desenvolver-se por inteiro, como um carvalho em boa terra, em vez de definhar como num vaso.

É em função das perspectivas que acabamos de descobrir, e de outras ainda, mais estranhas, que em breve se manifestarão sob os nossos olhos, que convém portanto reconsiderar a idéia de sociedade secreta. Apenas podemos, tanto aqui como noutros capítulos, esboçar o trabalho de pesquisas e de reflexões. Sabemos muito bem que a nossa visão das coisas se arrisca a parecer louca: é porque dizemos, rápida e brutalmente o que temos a dizer, da mesma forma que se bate à porta de um dorminhoco quando o tempo urge.

## A ALQUIMIA COMO EXEMPLO

### I

**Um alquimista no café Procope, em 1953. - Conversa a propósito de Gurdjieff - Um homem que pretende saber que a pedra filosofal é uma realidade. - Bergier arrasta-me a toda a velocidade para um estranho atalho. Aquilo que vejo liberta-me do imbecil desprezo pelo progresso. - O nosso pensamento secreto a respeito da alquimia: nem revelação, nem tentativa. - Rápida meditação sobre a espiral e a esperança.**

Foi em Março de 1953 que encontrei pela primeira vez um alquimista. Isso passou-se no café Procope, que teve, na época, um curto período de vida. Foi um grande poeta que, na altura em que eu escrevia o meu livro sobre Gurdjieff, me preparou esse encontro e, depois disso, eu muitas vezes havia de tornar a ver esse homem singular, sem no entanto desvendar os seus segredos.

Eu tinha, a respeito da alquimia e dos alquimistas, idéias primárias, extraídas da imaginação popular, e estava longe de supor que ainda havia alquimistas. O homem que estava sentado na minha frente, na mesa de Voltaire, era jovem e elegante. Fizera profundos estudos clássicos, seguidos de estudos de química. Atualmente ganhava a vida no comércio e dava-se com muitos artistas, assim como com algumas pessoas da

alta sociedade. Não tenho diário, mas acontece-me, em determinadas ocasiões importantes, anotar as minhas impressões ou os meus sentimentos. Nessa noite, ao regressar a casa, escrevi:

Que idade terá ele? Diz ter trinta e cinco. Isso espanta-me. A cabeleira branca, ondulada, cortada sobre o crânio como uma peruca. Inúmeras e profundas rugas numa carne rosada, num rosto cheio. Poucos gestos, e lentos, medidos, astutos. Um sorriso calmo e subtil. Olhos risonhos, mas que riem com indiferença. Tudo exprime outra idade. Nas suas frases nem a menor fenda, pausa, ou quebra de presença de espírito. Há qualquer coisa de esfinge atrás daquele rosto amável fora do tempo. Incompreensível.

E não sou só eu a sentir isto. A.B., que o vê quase todos os dias há várias semanas, diz-me que jamais, nem por um segundo, o apanhou em falta de objetividade superior. O que o faz condenar Gurdjieff:

1ª - Quem sente a necessidade de ensinar não vive inteiramente a sua doutrina e não atingiu o ponto culminante da iniciação.

2.ª - Na escola de Gurdjieff não existe intercessão material entre o aluno a quem se persuadiu da sua inutilidade e a energia que ele deve possuir para passar ao ser real. Essa energia - essa vontade da vontade, diz Gurdjieff - deve o aluno encontrá-la em si próprio, apenas em si próprio. Ora tal caminhada é parcialmente falsa e só pode conduzir ao desespero. Essa energia existe fora do homem, e é preciso captá-la. O católico engole a hóstia: captação ritual dessa energia. Mas se não tiverdes fé? Se não tendes fé, arranjai uma fogueira: é o princípio de toda a alquimia. Uma autêntica fogueira. Uma fogueira material. Tudo começa, tudo acontece pelo contacto com a matéria.

3º - Gurdjieff não vivia só, mas sempre rodeado, sempre em falanstério. Há um caminho na solidão, há regatos no deserto. Não há caminho nem regatos no homem misturado com os outros Faço perguntas a respeito da alquimia que devem parecer-lhe de uma assustadora estupidez. Sem o deixar transparecer responde:

Nada além da matéria, apenas o contacto com a matéria, o trabalho sobre a matéria, o trabalho com as mãos. Insiste muito neste ponto:

- Gosta de jardinagem? Eis um belo começo, a alquimia é parecida com a jardinagem.

- Gosta de pesca? A alquimia tem qualquer coisa de comum com a pesca.

Trabalho de mulher e brincadeira de criança.

Não é possível ensinar alquimia. Todas as grandes obras literárias que resistiram aos séculos têm qualquer coisa desse ensinamento. São a obra de homens adultos - verdadeiramente adultos - que falaram para as crianças, mas respeitando as leis do conhecimento adulto. Jamais se apanha uma grande obra em falta a respeito dos princípios. Mas o conhecimento desses princípios e o caminho que leva a esse conhecimento devem manter-se secretos. No entanto, há um dever de auxilio mútuo para os investigadores do primeiro grau.

Cerca da meia-noite interrogo-o sobre Fulcanelli , e dá-me a entender que Fulcanelli

não morreu:

- Pode viver-se, diz-me, infinitamente mais tempo do que o homem não esclarecido o supõe. E pode mudar-se totalmente de aspecto. Eu sei-o. Os meus olhos sabem-no. mas trata-se de outro estado da matéria, diferente daquele que conhecemos.

Esse estado permite, como todos os outros estados, mensurações. Os processos de trabalho e de mensuração são simples e não exigem aparelhos complicados: trabalho de mulher e brincadeira de criança. . .

Acrescenta:

- Paciência, esperança, trabalho. E, seja qual for o trabalho, nunca se trabalha o bastante.

Esperança: em alquimia, a esperança baseia-se na certeza de que há um objetivo. Não teria começado, disse ele, se não me tivessem provado claramente que esse objetivo existe e que é possível atingi-lo nesta vida.

Tal foi o meu primeiro contacto com a alquimia. Se a tivesse abordado por meio da magia, creio que as minhas investigações não teriam ido longe: falta de tempo, falta de gosto pela erudição literária. Falta de vocação também: essa vocação que se apossa do alquimista, quando ele ainda se ignora como tal, no momento em que abre, pela primeira vez, um velho tratado. A minha vocação não é a de executar, mas a de compreender. Não é realizar, mas ver. Creio, como diz o meu velho amigo André Billy, que compreender é tão belo como cantar, mesmo se a compreensão for apenas fugitiva. Sou um homem apressado, como a maior parte dos meus contemporâneos. Tive o contacto mais moderno possível com a alquimia: uma conversa num botequim de Saint-Germain-des-Prés.

Em seguida, quando pretendia dar um sentido mais completo ao que me dissera aquele jovem, encontrei Jacques Bergier, que não saía coberto de pó de um sótão cheio de velhos livros, mas de locais onde a vida do século se concentrou: laboratórios e escritórios de informações. Também Bergier procurava qualquer coisa no caminho da alquimia. Não era para fazer uma peregrinação ao passado. Esse homem extraordinário, completamente ocupado com os segredos da energia atômica, tomara aquele caminho para abreviar.

Eu voava, agarrado às abas do seu casaco, por entre os textos veneráveis, concebidos por gente sensata apaixonada no seu cárcere de Reading, Óscar Wilde descobre que a falta de atenção do espírito é o crime fundamental, que a atenção extrema desvenda o acordo perfeito entre todos os acontecimentos de uma vida, e também, possivelmente, num plano mais vasto, o acordo perfeito entre todos os elementos e todos os movimentos da Criação, a harmonia de todas as coisas. E exclama: Tudo o que é compreendido está certo. É a mais bela frase que conheço. pela lentidão, inebriada de paciência - eu voava a uma velocidade supersônica. Bergier gozava da confiança de alguns dos homens que, ainda hoje, se dedicam à alquimia, bem como da estima dos sábios modernos. Junto dele, em breve adquiri a certeza de que existem íntimos pontos de contacto entre a alquimia tradicional e a ciência de vanguarda. Vi a ciência lançar uma ponte entre dois mundos. Meti-me por essa ponte e verifiquei que ela se agüentava.

Senti uma grande felicidade, uma calma profunda. Há muito refugiado no pensamento antiprogressista hinduísta, gurdjáeffiano, vendo o mundo de hoje como um princípio de Apocalipse, não esperando mais (e com grande desespero) do que um horroroso final dos tempos e não muito seguro no orgulho de estar à parte, eis que me era dado ver o velho passado e o futuro darem-se as mãos. A metafísica da alquimia, várias vezes milenária, escondia uma técnica finalmente compreensível, ou quase, no século XX. As pavorosas técnicas de hoje abriam-se sobre uma metafísica quase semelhante à dos tempos antigos. Que falsa poesia havia no meu refúgio! A imortal alma dos homens luzia com a mesma chama de cada lado da ponte.

Acabei por acreditar que os homens, num passado muito longínquo, tinham descoberto os segredos da energia e da matéria. Não apenas por meio de meditação, mas também de manipulação. Não apenas espiritualmente, mas tecnicamente. O espírito moderno, servindo-se de vias diferentes, pelos caminhos durante muito tempo desagradáveis, a meus olhos, da razão pura, da falta de religião, com processos diferentes e que durante muito tempo me tinham parecido maus, preparava-se por sua vez para descobrir os mesmos segredos. Interrogava-se a esse respeito, entusiasmava-se e inquietava-se simultaneamente. Tropeçava no essencial, exatamente como o espírito de elevada tradição.

Vi então que a oposição entre a prudência milenária e a loucura contemporânea era uma invenção da inteligência demasiado fraca e demasiado lenta, um produto de compensação para o intelectual incapaz de tanta velocidade quanta a sua época exige.

Há várias maneiras de aceder ao conhecimento essencial. E o nosso tempo tem algumas. As antigas civilizações tiveram as delas. Não falo apenas de conhecimento teórico.

Vi finalmente que, sendo as técnicas atuais mais poderosas, aparentemente, do que as técnicas de outrora, esse conhecimento essencial, que os alquimistas provavelmente já possuíam (e outros sábios antes deles), chegaria até nós com maior força ainda, maior peso, maiores perigos e maior número de exigências. Atingimos o mesmo ponto que os Antigos, mas a uma altura diferente. Em lugar de condenar o espírito moderno em nome da sensatez iniciática dos Antigos, ou em lugar de negar essa sensatez declarando que o conhecimento real começa com a nossa própria civilização, seria conveniente admirar e venerar o poder do espírito que, sob diferentes aspectos, torna a passar pelo mesmo ponto de luz, elevando-se em espiral. Em vez de condenar, repudiar, escolher, seria conveniente amar. O amor é tudo: a um tempo repouso e movimento.

Vamos submeter à vossa apreciação os resultados das nossas investigações sobre alquimia. Trata-se apenas, evidentemente, de esboços. Ser-nos-iam necessários dez ou vinte anos, e talvez faculdades que não possuímos, para dar ao assunto uma contribuição realmente positiva. No entanto, aquilo que fizemos, e a maneira como o fizemos, torna o nosso trabalho muito diferente das obras até aqui consagradas à alquimia. Encontrareis poucos esclarecimentos sobre a história e a filosofia desta ciência tradicional, mas algumas explicações sobre as inesperadas relações entre os sonhos dos velhos filósofos químicos e as realidades da física atual. É preferível revelarmos imediatamente as idéias que nos guiaram.

A alquimia, segundo a nossa opinião, poderia ser um dos mais importantes resíduos de uma ciência, de uma técnica e de uma filosofia pertencentes a uma civilização

desaparecida. Aquilo que descobrimos na alquimia, à luz do saber contemporâneo, não é de molde a fazer-nos acreditar que uma técnica tão subtil, complicada e precisa possa ter sido o resultado de uma revelação divina caída do céu. Não quer dizer que desprezemos toda a idéia de revelação. Mas, ao estudarmos os santos e os grandes místicos, jamais podemos chegar à conclusão de que Deus fala aos homens em linguagem técnica: Coloca o teu crisol sob a luz polarizada, ó meu Filho! Lava as escórias com água ultradestilada!

Também não acreditamos que a técnica alquimista se possa ter desenvolvido por meio de tentativas, pequenos passatempos de ignorantes, fantasias de maníacos do crisol, até atingir aquilo a que temos de chamar a desintegração atômica. Antes nos sentiríamos dispostos a acreditar que existem na alquimia restos de uma ciência desaparecida, difíceis de compreender e de utilizar, por faltar o contexto. A partir desses restos há inevitavelmente tentativas, mas em direção determinada. Há também uma superabundância de interpretações técnicas, morais e religiosas. E há por fim, para os detentores desses restos, a imperiosa necessidade de guardar segredo.

Somos levados a crer que a nossa civilização, ao atingir uma sabedoria que talvez tenha pertencido a uma civilização anterior, em condições diferentes, noutro estado de espírito, talvez tivesse o maior interesse em interrogar com seriedade a antiguidade para tornar mais rápida a sua própria progressão.

Finalmente pensamos o seguinte: o alquimista no fim do seu trabalho sobre a matéria assiste, segundo a lenda, a uma espécie de transformação na sua própria pessoa. Aquilo que se passa no seu crisol passa-se igualmente na sua consciência ou na sua alma. Há uma mudança de estado. Todos os textos tradicionais insistem nesse ponto, evocam o momento em que a Grande Obra se realiza e em que o alquimista se transforma num homem desperto. Parece-nos que esses velhos textos descrevem deste modo o termo de todo o conhecimento real das leis da matéria e da energia, incluindo o conhecimento técnico.

É para a possessão de tal conhecimento que se precipita a nossa civilização. Não nos parece absurdo supor que os homens serão chamados, num futuro relativamente próximo, a mudar de estado, como o alquimista lendário, a sofrer qualquer transformação. A menos que a nossa civilização desapareça por inteiro um momento antes de ter atingido o fim, como é possível que tenham desaparecido outras civilizações. Também se podia dar o caso de que, no nosso último segundo de lucidez, não desesperássemos, pensando que se a aventura do espírito se repete, é sempre, de cada vez, num grau mais alto da espiral. Remeteríamos a outros milenários o cuidado de conduzir essa aventura até ao ponto final, até ao centro imóvel, e afundar-nos-íamos com esperança.

## II

**Cem mil livros que nunca são interrogados. - Pede-se uma expedição cientifica ao país da alquimia. - Os inventores. - O delírio pelo mercúrio. - Uma linguagem cifrada. Terá existido outra civilização atômica? - Os pilares do Museu de Bagdá. - Newton e os grandes iniciados. Helvétius e Spinoza perante o ouro filosofal. - Alquimia e física moderna. - Uma bomba de hidrogênio sobre um fogão de cozinha. - Materializar humanizar espiritualizar.**

Conhecem-se mais de cem mil livros ou manuscritos alquímicos. Essa imensa literatura,

à qual se consagraram espíritos de categoria, homens importantes e honestos, essa imensa literatura que afirma solenemente a sua adesão a fatos, a realidades experimentais, nunca foi explorada cientificamente. O pensamento reinante, católico no passado, racionalista atualmente, manteve em redor desses textos uma conspiração de ignorância e desprezo. Existem cem mil livros que possivelmente contêm alguns dos segredos da energia e da matéria. Se isso não é verdade, eles pelo menos assim o proclamam. Os príncipes, os reis e as repúblicas encorajaram inúmeras expedições a países longínquos, financiaram investigações científicas de todos os gêneros. Nunca uma equipe de criptógrafos, historiadores, lingüistas e sábios, físicos, químicos, matemáticos e biologistas se reuniu numa biblioteca alquímica completa com a missão de verificar o que há de verdadeiro e de utilizável nesses velhos tratados. Isso é que é inconcebível. Que tais limitações do espírito sejam possíveis e duradouras, que sociedades humanas muito civilizadas e, como a nossa, aparentemente sem preconceitos de qualquer espécie, possam manter esquecidos nas suas águas-furtadas cem mil livros e manuscritos com a etiqueta de: Tesouro, eis o que convencerá os mais cépticos de que vivemos no fantástico.

As raras investigações sobre alquimia são feitas quer por místicos que procuram nos textos uma confirmação das suas atitudes espirituais, quer por historiadores sem o menor contacto com a ciência e as técnicas.

Os alquimistas falam da necessidade de destilar milhares de vezes a água que servirá para a preparação do Elixir. Ouvimos dizer a um historiador especializado que essa operação era demencial. Ignorava tudo a respeito da água pesada e dos métodos que se empregam para enriquecer a água simples em água pesada. Ouvimos um erudito afirmar que a refinação e a purificação indefinidamente repetidas de um metal ou de um metalóide não alteram absolutamente nada as propriedades deste; seria então necessário ver nas recomendações alquímicas uma mística aprendizagem da paciência, um gesto ritual comparável ao desfiar das contas do rosário.

E, no entanto, é com essa refinação por meio de uma técnica descrita pelos alquimistas e a que hoje se chama a fusão de zona que se prepara o germânio e o silício puros dos transistores. Atualmente sabemos, graças a esses trabalhos sobre os transistores, que, se se purificar profundamente um metal e introduzir em seguida alguns milionésimos de grama de impurezas cuidadosamente escolhidas, concede-se ao corpo tratado novas e revolucionárias propriedades. Não desejamos multiplicar os exemplos, mas gostaríamos de fazer compreender até que ponto seria conveniente um exame verdadeiramente metódico da literatura alquímica. Seria um trabalho imenso, que exigiria dezenas de anos de trabalho e dezenas de investigadores pertencentes a todas as disciplinas. Nem Bergier nem eu pudemos sequer esboçar semelhante trabalho, mas se o nosso volumoso e desajeitado livro pudesse um dia decidir um mecenas a permitir esse trabalho, não teríamos perdido completamente o nosso tempo.

Ao estudarmos um pouco os textos alquímicos, constatamos que estes são geralmente modernos em relação à época em que foram escritos, ao passo que as outras obras de ocultismos estão em atraso. Por outro lado, a alquimia é a única prática para-religiosa que, de fato, enriqueceu o nosso conhecimento real. Alberto o Grande (1193-1280) conseguiu preparar a potassa cáustica. Foi o primeiro a descrever a composição química do cinabre, do alvaiade e do mínio.

Raimundo Lull (1235-1315) preparou o bicarbonato de potássio.

Teofrasto Paracelso (1493-1541) foi o primeiro a descrever o zinco, desconhecido até então. Introduziu igualmente na medicina o uso dos compostos químicos.

Giambattista della Porta (1541-1615) preparou o óxido de estanho.

Jean-Baptiste Van Helmont (1577-1644) descobriu a existência dos gases.

Basile Valentin (do qual ninguém jamais soube a verdadeira identidade) descobriu no século XVII o ácido sulfúrico e o ácido clorídrico.

Johann Rudolf Glauber (1604-1668) descobriu o sulfato de sódio.

Brandt (falecido em 1692) descobriu o fósforo.

Johann Friedrich Boetticher (1682-1719) foi o primeiro europeu a fazer a porcelana.

Blaise Vigenère (1523-1596) descobriu o ácido benzóico. Tais são alguns dos trabalhos alquímicos que enriquecem a humanidade no momento em que a química progride.

À medida que se desenvolvem outras ciências, a alquimia parece seguir e muitas vezes preceder o progresso. Le Breton, nas suas Clefs de la Philosophie Spagyrzque, em 1722, fala do magnetismo de maneira mais do que inteligente e frequentemente antecipa a respeito das descobertas modernas. O Padre Castel, em 1728, no momento em que as idéias sobre a gravitação começam a divulgar-se, fala desta e das suas relações com a luz em termos que, dois séculos mais tarde, ecoarão estranhamente ao pensamento de Einstein:

Eu disse que, se subtraíssemos o peso do Mundo, subtrairíamos simultaneamente a luz. De resto a luz e o som, e todas as outras qualidades sensíveis, são uma conseqüência e como que um resultado da mecânica, e por conseqüência do peso dos corpos naturais que são mais ou menos luminosos ou sonoros, conforme têm maior peso e elasticidade.

Nos tratados alquímicos do nosso século vê-se aparecer frequentemente, mais depressa do que nas produções universitárias, as últimas descobertas da física nuclear, e é provável que os tratados de amanhã mencionem as teorias físicas e matemáticas o mais abstratas possível.

É evidente a distinção entre a alquimia e as falsas ciências como a radiestesia, que introduz ondas ou raios nas suas publicações depois de a ciência oficial as ter descoberto. Tudo nos leva a pensar que a alquimia é susceptível de fornecer uma contribuição importante aos conhecimentos e às técnicas do futuro baseadas na estrutura da matéria.

Constatamos igualmente, na literatura alquímica, a existência de um número impressionante de textos puramente delirantes.

Pretenderam por vezes explicar esse delírio por meio da psicanálise (Jung: Psicologia e Alquimia, ou Herbert Silberer: Problemas do Misticismo) . Como a alquimia contém uma doutrina metafísica e supõe uma atitude mística, a maior parte das vezes os historiadores, os curiosos e sobretudo os ocultistas obstinaram-se em interpretar esses conceitos demenciais no sentido de uma revelação supranatural, de uma profecia

inspirada. Observando melhor, pareceu-nos prudente tomar, a par dos textos técnicos e dos textos de sabedoria, os textos demenciais por textos demenciais. Pareceu-nos também que essa demência do adepto experimentador podia ter uma explicação material, simples, satisfatória. O mercúrio era frequentemente utilizado pelos alquimistas. O seu valor é tóxico e o envenenamento crônico provoca o delírio. Teoricamente, os recipientes empregados eram absolutamente herméticos, mas o segredo desse encerramento não é divulgado a todos os adeptos, e a loucura pôde apossar-se de mais de um filósofo químico.

Por fim, ficamos impressionados com o aspecto criptogâmico da literatura alquímica. Blaise Vigenère, que citamos mais atrás, inventou códigos aperfeiçoadíssimos e métodos de cifragem dos mais engenhosos. As suas invenções nesta matéria ainda hoje são utilizadas. É provável que Blaise Vigenère tenha tomado contacto com essa ciência da cifra ao tentar interpretar os textos alquímicos. Seria conveniente acrescentar às equipas de investigadores que desejamos ver reunidas especialistas do deciframento.

A fim de dar um exemplo mais evidente, escreve René Alleau [1], servir-nos-emos do jogo do xadrez, do qual conhecemos a relativa facilidade das regras e dos elementos, assim como a indefinida variedade das combinações. Se supusermos que o conjunto dos tratados acromáticos da alquimia se nos apresenta como outras tantas partes anotadas numa linguagem convencional, é preciso admitir em primeiro lugar, com a maior honestidade, que ignoramos tanto as regras do jogo como a cifra utilizada. De contrário, afirmamos que a indicação criptográfica é composta por sinais diretamente compreensíveis para qualquer indivíduo, o que é precisamente a ilusão imediata que deve provocar um criptograma bem composto. Portanto a prudência aconselha-nos a não nos deixarmos seduzir pela tentação de um sentido claro, e a estudarmos esses textos como se se tratasse de uma linguagem desconhecida.

Aparentemente, tais mensagens só se dirigem a outros jogadores, a outros alquimistas que somos levados a crer que já possuem, por qualquer processo diferente da tradição escrita, chave necessária para a compreensão exata dessa linguagem.

Por muito longe que remontemos na investigação do passado, encontraremos manuscritos alquímicos. Nicolas de Valois, no século XV, deduzia por isso que as alterações, os segredos e as técnicas da libertação da energia foram descobertas pelos homens antes mesmo da escrita. A arquitetura precedeu a escrita. Por isso vemos a alquimia muito intimamente ligada à arquitetura. Um dos textos mais significativos da alquimia, cujo autor é um tal Esprit Gobineau de Montluisant, intitula-se: Explicações muito curiosas dos enigmas e figuras hieroglíficas que existem no portal de Notre-Dame de Paris. As obras de Fulcanelli são consagradas ao Mistério das Catedrais e às minuciosas descrições das Moradas Filosofais. Algumas construções medievais testemunhariam o hábito imemorial de transmitir por meio da arquitetura a mensagem da alquimia, que data de eras infinitamente longínquas da humanidade.

Newton acreditava na existência de uma cadeia de iniciados alastrando no tempo até uma antiguidade muito remota, e que teriam conhecido os segredos das alterações e da desintegração da matéria. O sábio atomista inglês Da Costa Andrade, num discurso pronunciado diante dos seus pares por ocasião do tricentenário de Newton, em Cambridge, em Julho de 1946, não hesitou em dar a entender que o inventor da gravitação talvez fizesse parte de uma cadeia e apenas revelara ao mundo uma

pequena parte do seu saber:

Não posso esperar, disse, convencer os cépticos de que Newton tinha poderes de profecia ou de visão especial que lhe possam ter revelado a energia atômica, mas direi simplesmente que as frases que vou citar ultrapassam em muito, na opinião de Newton ao falar da transmutação alquímica, o receio de um transtorno no comércio mundial depois da síntese do ouro. Eis o que Newton escreveu:

A forma como o mercúrio pode ser assim impregnado foi mantida em segredo por aqueles que sabiam, e constitui provavelmente um acesso para qualquer coisa de mais nobre do que a fabricação do ouro e que não pode ser comunicada sem que o mundo corra um imenso perigo, caso os escritos de Hermes digam a verdade.E, mais adiante, Newton escreve: Existem outros grandes mistérios além da transmutação dos metais, se os grandes mestres não se gabam. Só eles conhecem esses segredos.

Refletindo no sentido profundo desta passagem, lembrai-vos de que Newton fala com as mesmas reticências e a mesma prudência anunciadora nas suas próprias descobertas de óptica.

De que passado viriam esses grandes mestres invocados por Newton, e de que passado teriam eles próprios extraído a sua ciência?

Se subi tão alto, diz Newton, é porque estava sobre os ombros de gigantes.

Atterbury, contemporâneo de Newton, escrevia:

A modéstia ensina-nos a falar com respeito dos Antigos, sobretudo quando não conhecemos profundamente as suas obras. Newton, que quase as sabia de cor, tinha por eles o maior respeito e considerava-os como homens de profundo gênio e de um espírito superior, que tinham levado muito mais longe as suas descobertas de todos os gêneros do que nos possa parecer atualmente, segundo o que resta dos seus escritos. Há mais obras antigas perdidas do que conservadas e talvez as nossas novas descobertas não valham as perdas antigas.

Para Fulcanelli, a alquimia seria o elo de ligação com as civilizações desaparecidas desde há milênios e ignoradas pelos arqueólogos. Evidentemente, nenhum arqueólogo considerado honesto e nenhum historiador de igual reputação admitirá a existência no passado de civilizações que tenham possuído uma ciência e técnicas superiores às nossas. Mas uma ciência e técnicas avançadas simplificam ao máximo a aparelhagem, e talvez os vestígios estejam sob os nossos olhos sem que sejamos capazes de os ver como tais. Nenhum arqueólogo e nenhum historiador honesto, que não tenha recebido uma formação científica em alto grau, poderá efetuar pesquisas susceptíveis de nos fornecer a esse respeito qualquer esclarecimento. A separação das disciplinas, que foi uma necessidade do fabuloso progresso contemporâneo, talvez nos dissimule qualquer coisa de fabuloso no passado. Sabe-se que foi um engenheiro alemão, encarregado da construção dos esgotos de Bagdá, que descobriu na amálgama de objetos do museu local, sob a vaga etiqueta de objetos de culto, pilhas elétricas fabricadas dez séculos antes de Volta, durante a dinastia dos Sassanides.

Enquanto a arqueologia apenas for praticada por arqueólogos, não saberemos se a noite dos tempos era obscura ou luminosa. Jean-Fredérich Schweitzer, dito Helvétius, violento adversário da alquimia, conta que na manhã de 27 de Dezembro de 1666 se

apresentou em sua casa um estrangeiro. Era um homem de aparência honesta e séria, e de expressão autoritária, vestido com um simples capote, como um mennonita.

Depois de perguntar a Helvétius se acreditava na pedra filosofal (ao que o famoso médico respondeu negativamente), o estrangeiro abriu uma pequena caixa de marfim que continha três pedaços de uma substância semelhante ao vidro ou à opala. O seu proprietário declarou tratar-se da famosa pedra, e que com uma tão mínima quantidade podia produzir vinte toneladas de ouro. Helvétius pegou num dos fragmentos e, depois de agradecer ao visitante a sua amabilidade, pediu-lhe que lhe desse um bocado.

O alquimista recusou num tom brusco, acrescentando com mais cortesia que, mesmo a troco de toda a fortuna de Helvétius, não se poderia separar da menor parcela desse mineral, por uma razão que não lhe era permitido divulgar. Instado para que desse uma prova das suas palavras, realizando uma transmutação, o estrangeiro respondeu que voltaria três semanas mais tarde e mostraria a Helvétius uma coisa susceptível de o assombrar.

Voltou pontualmente no dia marcado, mas recusou executar a operação, afirmando que lhe era proibido revelar o segredo. Condescendeu no entanto em dar a Helvétius um pequeno fragmento da pedra, não maior do que um grão de mostarda. E como o médico emitisse a dúvida de que uma tão ínfima quantidade pudesse produzir o menor efeito, o alquimista partiu o corpúsculo em dois, deitou uma metade fora e entregou-lhe a outra dizendo: Aqui está justamente aquilo de que precisa.

O nosso sábio viu-se então obrigado a confessar que durante a primeira visita do estrangeiro conseguira apoderar-se de algumas partículas da pedra, as quais tinham transformado o chumbo, não em ouro, mas em vidro. - Devia ter protegido a pedra com cera amarela, respondeu o alquimista, isso ajudá-la-ia a penetrar o chumbo e a transformá-lo em ouro. O homem prometeu voltar de novo no dia seguinte de manhã, às nove horas, e realizar o milagre - mas não apareceu, e no dia a seguir também não. Posto isto, a mulher de Helvétius persuadiu-o a tentar ele próprio a transmutação:

Helvétius procedeu de acordo com as instruções do estrangeiro. Derreteu três dracmas de chumbo, envolveu a pedra em cera, e deixou-a cair no metal líquido. E este transformou-se em ouro! Levamo-lo imediatamente ao ourives, que declarou tratar-se do ouro mais fino que jamais vira, e propôs pagá-lo a cinqüenta florins a onça. Helvétius, ao concluir a sua narrativa, disse-nos que a barra de ouro continuava na sua mão, prova tangível da transmutação. Possam os Santos Anjos do Senhor velar por ele (o alquimista anônimo) como sobre um manancial de bênçãos para a cristandade. Tal é a nossa prece constante, por ele e por nós.

A novidade espalhou-se como um rastilho de pólvora. Spinoza, que não podemos incluir no número dos ingênuos, quis saber a verdade da história. Fez uma visita ao ourives que avaliara o ouro. O relatório foi mais do que favorável: durante a fusão, a prata incorporada à mistura transformara-se igualmente em ouro.

O ourives, Brechtel, era moedeiro do duque de Orange. Sabia sem dúvida do seu ofício. Parece difícil acreditar que ele possa ter sido vítima de um subterfúgio, ou que tenha pretendido enganar Spinoza. Spinoza dirigiu-se então a casa de Helvétius, que lhe mostrou o ouro e o crisol que servia para a operação. Aderiam ainda ao interior do recipiente restos do precioso metal; como os outros, Spinoza ficou convencido de que a transmutação se operara realmente.

A transmutação, para o alquimista, é um fenômeno secundário, realizado apenas a título de demonstração. É difícil formar uma opinião sobre a realidade dessas transmutações, embora diversas observações, como a de Helvétius ou a de Van Helmont, por exemplo, pareçam surpreendentes. Pode alegar-se que a arte do prestidigitador não tem limites, mas será possível que tenham sido consagrados a uma aldrabice quatro mil anos de pesquisas e cem mil volumes ou manuscritos? Propomos outra coisa, como mais adiante se verá.

Propomo-lo timidamente, pois o peso da opinião científica já formada é de temer. Tentaremos descrever o trabalho do alquimista que consegue a fabricação da pedra az pólvora de projeção, e veremos que a interpretação de certas operações choca o nosso atual saber sobre a estrutura da matéria. Mas não é evidente que o nosso conhecimento dos fenômenos nucleares seja perfeito, definitivo. Em especial a catálise pode intervir nestes fenômenos de uma forma ainda desconhecida para nós.

Não é impossível que certas misturas naturais produzam, sob o efeito dos raios cósmicos, reações núcleo-catalípticas em grande escala, susceptíveis de conduzir a uma transmutação compacta dos elementos. Seria necessário ver nisso uma das chaves da alquimia e a razão pela qual o alquimista repete indefinidamente as suas manipulações, até ao momento em que as condições cósmicas se reúnem.

A objeção é a seguinte: se tais transmutações são possíveis, que virá a ser da energia libertada? Muitos dos alquimistas deveriam então ter feito ir pelos ares a cidade que habitavam e algumas dezenas de milhares de quilômetros quadrados da sua pátria nessa mesma ocasião. Ter-se-iam produzido numerosas e imensas catástrofes.

Os alquimistas respondem: é justamente por se terem dado semelhantes catástrofes num passado longínquo que receamos a terrível energia contida na matéria e que mantemos secreta a nossa ciência. Além disso, a Grande Obra é atingida por fases progressivas e aquele que, ao fim de dezenas e dezenas de anos de manipulações e de ascese, aprende a desencadear as forças nucleares, aprende igualmente quais as precauções que convém tomar para evitar o perigo.

Argumento válido? Talvez. Os físicos de agora admitem que, em certas condições, a energia de uma transmutação nuclear poderia ser absorvida por partículas especiais a que eles chamam neutrinos e antineutrinos. Parece agora comprovada a existência do neutrino. Talvez haja tipos de transmutação que libertam apenas um pouco de energia, ou nas quais a energia libertada se evola sob a forma de neutrinos. Voltaremos a este assunto.

Eugène Canseliet, discípulo de Fulcanelli e um dos melhores especialistas atuais sobre alquimia, deteve-se sobre uma passagem de um estudo que Jacques Bergier escrevera como prefácio para uma das obras clássicas da Biblioteca Mundial. Tratava-se de uma antologia da poesia do século XVI. Nesse prefácio, Bergier fazia alusão aos alquimistas e ao seu desejo de segredo. Escrevia: Sobre este ponto especial é difícil não lhes dar razão. Se existe um processo que permite fabricar bombas de hidrogênio num fogão de cozinha, é francamente preferível que esse processo não seja revelado.

Eugène Canseliet respondeu-nos então: Acima de tudo seria necessário que não se tomasse isto por um gracejo. Tendes toda a razão, e eu estou em boa posição para afirmar que é possível atingir a desintegração atômica partindo de um mineral relativamente comum e barato, e isto por um processo de operações que apenas exige

uma boa chaminé, um forno de fusão de carvão, alguns tubos de combustão Meker e quatro garrafas de gás butano.

Mesmo na física nuclear, não está excluído que se possam obter resultados importantes por meio de processos simples. É o futuro de toda a ciência e de toda a técnica.

Podemos mais do que aquilo que sabemos, dizia Roger Bacon. Mas acrescentava esta frase que poderia ser um adágio alquímico: Embora nem tudo seja permitido, tudo é possível.

Para o alquimista, é preciso recordá-lo constantemente, poder sobre a matéria e a energia não passa de uma realidade acessória. O verdadeiro objetivo das operações alquímicas, que talvez sejam o resíduo de uma ciência muito antiga pertencente a uma civilização desaparecida, é a transformação do próprio alquimista, o seu acesso a um estado de consciência superior.

Os resultados materiais são apenas as promessas do resultado final, que é espiritual. Tudo se dirige para a transmutação do próprio homem, para a sua divinização, a sua fusão com a energia divina fixa, da qual irradiam todas as energias da matéria. A alquimia é a ciência com consciência de que Rabelais fala. É uma ciência que humaniza, para repetir uma expressão do Pe. Teilhard de Chardin, que dizia: A verdadeira física é a que conseguir integrar o Homem total numa representação coerente do mundo.

Sabei, dizia um mestre alquimista, sabei vós todos, os Investigadores dessa Arte, que o Espírito é tudo, e que se nesse Espírito não está encerrado outro Espírito semelhante, esse todo para nada serve.

## III

**Onde se vê um pequeno Judeu preferir o mel ao açúcar. - Onde um alquimista, que poderia ser o misterioso Fulcanelli, fala do perigo atômico em 1937, descreve a pilha atômica e evoca as civilizações desaparecidas. Onde Bergier corta um cofre forte com um maçarico e anda com uma garrafa de urânio debaixo do braço. Onde um major americano anônimo procura um Fulcanelli definitivamente oculto. - Onde Oppenheimer canta um dueto com um sábio chinês de há mil anos atrás.**

Era em 1933. O pequeno estudante judeu tinha um nariz pontiagudo, encimado por uns óculos de lentes redondas atrás das quais brilhava um olhar rápido e frio. Sobre o crânio redondo começava a despontar uma cabeleira semelhante a uma penugem de pintainho. Um sotaque pavoroso, agravado por gaguejos, dava às suas frases o tom cômico e a baralhada do grasnar de patos num charco.

Depois de o conhecerem um pouco melhor, dava a impressão de que bailava dentro desse homenzinho desgracioso uma inteligência bulímica, atenta, sensível, extraordinariamente rápida, de que estava cheio de malícia e de uma pueril incapacidade para viver, como um enorme balão vermelho preso por um fio ao pulso de uma criança.

Pretende então tornar-se alquimista?, perguntou o venerando professor ao estudante Jacques Bergier, que mantinha a cabeça baixa, sentado na beira de um caldeirão, com

uma pasta cheia de papelada sobre os joelhos. O venerando era um dos maiores químicos franceses.

Não o compreendo, senhor, disse o estudante, vexado. Tinha uma memória prodigiosa, e recordou-se de ter visto, aos seis anos, uma gravura alemã que representava dois alquimistas a trabalhar, no meio de uma confusão de retortas, de pinças, de crisóis, de foles.

Um deles, esfarrapado, vigiava uma fogueira, de boca aberta, e outro, desgrenhado, coçava a cabeça titubeando no meio de toda aquela desordem.

O professor consultou uns documentos:

Durante os seus dois últimos anos de trabalho interessou-se sobretudo pelo curso livre de física nuclear de Jean Thibaud. Esse curso não conduz a qualquer diploma nem certificado. Exprime o desejo de prosseguir nesse sentido ainda me seria possível compreender essa curiosidade da parte de um físico. Mas o senhor está destinado à química. Tencionará, por acaso. aprender a fabricar ouro?

- Senhor - disse o estudante judeu erguendo as pequenas mãos gordas e mal tratadas -, eu acredito no futuro da química nuclear. Penso que, num futuro próximo, serão realizadas transmutações industriais.

- Isso parece-me delirante.

- Mas, senhor. . .

Por vezes detinha-se no início de uma frase e começava a repetir esse início, como um gramofone avariado, não por falta de atenção, mas porque o seu espírito divagava de forma inconfessável pelo reino da poesia. Sabia de cor milhares de versos e todos os poemas de Kipling:

Copiaram tudo o que podiam entender;
Mas não podiam alcançar o meu pensamento;
Por isso deixarei-os para trás, sem fôlego,
E pensando com ano e meio de atraso. . .

- Mas, mesmo se V. Ex.a não acredita nas transmutações, deveria acreditar na energia nuclear. Os imensos recursos potenciais do núcleo. . .

- Ta ta ta - exclamou o professor. - Isso é primário e infantil. Aquilo a que os físicos chamam energia nuclear é uma constante de integração nas suas equações. A consciência é o principal motor dos homens. Mas não é a consciência que faz andar as locomotivas, não é verdade? Por isso, sonha-se com uma máquina acionada pela energia nuclear... Não, meu rapaz.

O rapaz engolia a saliva.

- Desça à Terra e pense no seu futuro. O que o incita, de momento, pois não o julgo saído da infância, é um dos mais velhos sonhos do homem: o sonho alquímico. Leia novamente

Berthelot. Ele descreve muito bem essa quimera da transmutação da matéria. As suas

notas não são lá muito, muito brilhantes. Dou-lhe um conselho: entre o mais depressa possível para a indústria. Faça um estágio numa refinaria de açúcar. Três meses numa fábrica pô-lo-ão de novo em contacto com a realidade. Precisa disso. Falo-lhe como um pai.

O filho indigno agradeceu gaguejando, e saiu de nariz no ar, a enorme pasta debaixo do braço curto. Era um obstinado: pensou que era necessário tirar partido daquela conversa, mas que o mel era melhor do que o açúcar. Continuaria a estudar os problemas do núcleo atômico. E documentar-se-ia a respeito de alquimia.

Foi assim que o meu amigo Jacques Bergier decidiu prosseguir uns estudos considerados inúteis e completá-los com outros estudos considerados delirantes. As necessidades da vida, a guerra e os campos de concentração afastaram-no um pouco do estudo nuclear. No entanto, enriqueceu-o com algumas contribuições apreciadas pelos especialistas. Durante as suas investigações, os sonhos dos alquimistas e as realidades da física matemática misturaram-se mais de uma vez. Mas no domínio científico operaram-se grandes alterações a partir de 1933, e o meu amigo teve cada vez menos a sensação de navegar contra a corrente.

De 1934 a 1940, Jacques Bergier foi o colaborador de André Helbronner, um dos homens notáveis da nossa época. Helbronner, que foi assassinado pelos nazistas em Buchenwald, em Março 1944, fora, em França, o primeiro professor universitário a ensinar a químico-física. Essa ciência, que é uma fronteira entre duas disciplinas, deu origem, mais tarde, a muitas outras ciências: a eletrônica, a nucleônica, a estereotrônica. (A estereotrônica é uma ciência muito recente que estuda a transformação da energia nos sólidos. Uma das suas aplicações é o transistor.)

Helbronner viria depois a receber a grande medalha de ouro do Instituto Franklin pelas suas descobertas sobre os metais coloidais. Interessou-se igualmente pela liquefação dos gases, pela aeronáutica e pelos raios ultravioletas.

Em 1934 consagrou-se à física nuclear e montou, com o auxílio de grupos industriais, um laboratório de pesquisas nucleares, no qual, até ao ano de 1940, se obtiveram resultados de interesse considerável. Além disso, Helbronner era árbitro dos tribunais em todas as questões relacionadas com a transmutação dos elementos, e por esse motivo é que Jacques Bergier teve ocasião de conhecer um certo número de falsos alquimistas, escroques ou iluminados, e um verdadeiro alquimista, um autêntico mestre.

O meu amigo nunca soube o verdadeiro nome desse alquimista, e mesmo que o soubesse evitaria dar excessivos esclarecimentos.

O homem de quem vamos falar há já muito tempo que desapareceu, sem deixar rastos visíveis. Entrou em clandestinidade e cortou voluntariamente todos os contactos com a sua época. Bergier crê que se tratava simplesmente do homem que, sob o pseudônimo de Fulcanelli, escreveu por volta de 1920 dois livros estranhos e admiráveis: Les Demeures Philosophales e Le Mystère des Cathédrales. Estes livros foram editados sob a vigilância de Eugène Canseliet, que nunca revelou a identidade do autor. Figuram, sem dúvida alguma, entre as obras mais importantes sobre alquimia. Exprimem um conhecimento e uma sabedoria superiores, e conhecemos mais de um espírito notável que venera o nome lendário de Fulcanelli.

Poderia ele, escreve Eugène Canseliet, uma vez atingido o auge do conhecimento

recusar obediência às ordens do Destino? Ninguém é profeta na sua terra. talvez este velho adágio dê a razão oculta da alteração que provoca, na vida solitária e estudiosa do filósofo, a chama da revelação. Sob o efeito dessa chama divina, o homem já velho é inteiramente consumido. Nome, família, pátria, todas as ilusões, todos os erros, todas as vaidades caem como pó. E dessas cinzas, como a fênix dos poetas, uma nova personalidade renasce. Pelo menos, a tradição filosófica assim o diz.

O meu mestre sabia-o. Desapareceu quando soou a hora fatídica, quando o sinal foi dado. Quem ousaria subtrair-se à lei? Eu próprio, apesar do sofrimento de uma separação dolorosa mas inevitável, se de mim se apossasse a feliz exaltação que obrigou o meu mestre a fugir das homenagens do mundo, sei que não agiria de outra forma.

Eugène Canseliet escreveu estas linhas em 1925. O homem que o encarregava de editar as suas obras ia mudar de aspecto e de ambiente. Numa tarde de Junho de 1937, Jacques Bergier julgou ter excelentes motivos para pensar que se encontrava em presença de Fulcanelli.

Foi a pedido de André Helbronner que o meu amigo se encontrou com a misteriosa personagem, no ambiente prosaico de um laboratório de experiências da Sociedade do Gás de Paris. Eis, com exatidão, a conversa que houve:

- André Helbronner, de quem V. Ex.a, segundo creio, é o assistente, anda em busca da energia nuclear. Ele teve a amabilidade de me manter ao corrente de alguns dos resultados obtidos, particularmente da aparição da radioatividade correspondente à do polônio, quando um filamento de bismuto é volatilizado por uma descarga elétrica no deutério a alta pressão. Estão muito perto do êxito, aliás como outros sábios contemporâneos. Ser-me-á permitido pô-los de sobreaviso? Os trabalhos a que se dedicam, bem como os seus colegas, são terrivelmente perigosos.

Não são apenas os senhores que correm perigo. Este é de recear para a humanidade inteira. A libertação da energia nuclear é mais fácil do que pensam. E a radioatividade artificialmente produzida pode envenenar a atmosfera do planeta dentro de poucos anos. Além disso, podem ser fabricados explosivos atômicos a partir de alguns gramas de metal, e arrasar cidades. Posso dizer-lhe com sinceridade: há muito que os alquimistas o sabem.

Bergier tentou interromper, protestando. Os alquimistas e a física moderna! la lançar-se em sarcasmos, quando o outro o interrompeu:

- Sei o que me vai dizer, mas não interessa. Os alquimistas desconheciam a estrutura do núcleo, desconheciam a eletricidade, não possuíam qualquer processo de detecção. Por isso nunca puderam realizar qualquer transmutação, nunca puderam libertar a energia nuclear. Não tentarei provar-lhes o que agora vou declarar, mas peço-lhe que o repita ao Sr. Helbronner: para desencadear as forças atômicas bastam disposições geométricas de materiais extremamente puros, sem que seja necessário utilizar a eletricidade ou a técnica do vácuo. Limitar-me-ei em seguida a fazer-lhe uma pequena leitura.

O homem retirou de cima da sua secretária o livro de Frédéric Soddy, L'interprètation du Radium, abriu-o e leu: Penso que existiram no passado civilizações que tiveram conhecimento da energia do átomo e que uma má aplicação dessa energia as destruiu

totalmente.

Depois continuou:

- Peço-lhe que acredite que sobreviveram algumas técnicas parciais. Peço-lhe também que medite no fato de que os alquimistas juntavam às suas pesquisas preocupações morais e religiosas, ao passo que a física moderna surgiu no século XVIII como resultado do divertimento de alguns nobres e de alguns ricos libertinos. Ciência sem consciência... Julguei meu dever avisar alguns investigadores, aqui e além, mas não tenho a menor esperança de ver esse aviso produzir efeitos. Aliás, não tenho necessidade de esperar.

Bergier nunca mais esqueceria o som daquela voz precisa, metálica e digna.

Permitiu-se fazer uma pergunta:

- Se V. Ex.a também é alquimista, não posso acreditar que passe o tempo tentando fabricar ouro, como Dunikovski ou o doutor Miethe. Há um ano que tento documentar-me sobre alquimia, e vejo-me rodeado de charlatães ou de interpretações que me parecem fantasistas. Poderá V. Ex.a dizer-me em que consistem as suas investigações?

- Pede-me para resumir, em quatro minutos, quatro mil anos de filosofia e os esforços de toda a minha vida. Pede-me, além disso, para traduzir em linguagem clara conceitos para os quais a linguagem clara não é feita. Apesar de tudo posso dizer-lhe o seguinte: não ignora que, na ciência oficial em progresso, o papel do observador se torna cada vez mais importante. A relatividade, o princípio da incerteza mostram-nos até que ponto o observador de hoje intervém nos fenômenos. O segredo da alquimia é o seguinte: existe uma forma de manipular a matéria e a energia de maneira a produzir aquilo a que os cientistas contemporâneos chamariam um campo de força. Esse campo de força age sobre o observador e coloca-o numa situação de privilégio em face do Universo. Desse ponto privilegiado, ele tem acesso a realidades que o espaço e o tempo, a matéria e a energia habitualmente nos dissimulam. É aquilo a que chamamos a Grande Obra.

- Mas a pedra filosofal? A fabricação do ouro?

- São apenas aplicações, casos particulares. O essencial não é a transmutação dos metais, mas a do próprio investigador.

É um segredo antigo, que em cada século vários homens voltam a encontrar.

- E o que é então feito deles?

- Talvez eu um dia o venha a saber.

O meu amigo não tornaria a ver esse homem que deixou um rasto indelével sob o nome de Fulcanelli. Tudo o que dele sabemos é que sobreviveu à guerra e desapareceu completamente após a Libertação. Todas as diligências para o reencontrar foram inúteis.

Eis-nos agora numa manhã de Julho de 1945. Ainda que esquelético e triste, Jacques

Bergier, com um fato de caqui, prepara-se para cortar um cofre-forte com um maçarico. É mais uma metamorfose. Durante esses últimos anos foi sucessivamente agente secreto, terrorista e deportado político. O cofre-forte está numa bela vivenda, sobre o lago de Constança, que pertenceu ao diretor de um grande trust alemão. Depois de cortado, o cofre-forte expõe o seu segredo: uma garrafa que contém um pó extremamente pesado. Na etiqueta lê-se: Urânio, para aplicações atômicas. É a primeira prova formal da existência na Alemanha de um projeto de bomba atômica suficientemente forte para exigir grandes quantidades de urânio puro. Goebbels não deixava de ter razão quando, desde o seu bunker bombardeado, fazia circular pelas ruas arruinadas de Berlim o boato de que a arma secreta estava prestes a explodir na cara dos invasores. Bergier participou a descoberta às autoridades aliadas.

Os americanos mostraram-se cépticos e declararam que qualquer investigação sobre a energia nuclear era sem interesse. Era um disfarce. Na realidade, a primeira bomba americana explodira

A opinião dos mais cultos e dos mais qualificados é que aquele que se escondeu, ou se esconde ainda nos nossos dias, sob o famoso pseudônimo de Fulcanelli, é o mais célebre e, sem dúvida, o único alquimista autêntico (talvez o último) deste século em que o átomo é rei.

Claude d'Ygé, revista Initiation et Science, n.o 44, Paris. em segredo, em Alamogordo, e, nessa mesma ocasião, encontrava-se na Alemanha uma missão americana dirigida pelo físico Goudsmidth, em busca da pilha atômica que o professor Heisenberg elaborara antes do desmoronamento do Reich. Em França nada se sabia de positivo, mas havia indícios. Especialmente este, para as pessoas atentas: os americanos compravam a peso de ouro todos os manuscritos e documentos alquímicos.

Bergier apresentou um relatório ao governo provisório sobre a realidade provável das investigações a respeito dos explosivos nucleares tanto na Alemanha como nos Estados Unidos.

O relatório foi sem dúvida para o cesto dos papéis, e o meu amigo conservou a sua garrafa, que agitava na cara das pessoas, exclamando: Vêem isto? Bastaria que um nêutron passasse pelo interior para que Paris fosse pelos ares! Aquele homenzinho de sotaque cômico gostava decididamente de gracejar e era espantoso que um deportado há pouco saído de Mauthausen tivesse conservado tanto humor. Mas, bruscamente, a brincadeira deixou de ter graça, na manhã de Hiroshima.

O telefone do quarto de Bergier começou a tocar sem interrupção. Diversas autoridades competentes pediam cópias do relatório. Os serviços de informação americanos pediam ao possuidor da famosa garrafa para procurar urgentemente um certo major que não queria divulgar a sua identidade. Outras autoridades exigiam o rápido afastamento da garrafa do centro de Paris. Foi em vão que Bergier explicou que essa garrafa com certeza não continha urânio 235 puro e que, mesmo se o contivesse, o urânio estava sem dúvida abaixo da massa perigosa. De contrário, há muito que teria explodido. Confiscaram-lhe o brinquedo, do qual nunca mais ouviu falar. Para o consolar, enviaram-lhe um relatório da Direção-Geral dos Estudos e Investigações. Era tudo o que aquele organismo, pertencente aos serviços secretos franceses, sabia a respeito da energia nuclear. O relatório trazia três menções carimbadas: Secreto, Confidencial, Para não ser divulgado. Continha, simplesmente, recortes da revista Science et Vie.

Restava-lhe apenas, para satisfazer a sua curiosidade, procurar o famoso major anônimo de quem o professor Goudsmith contou algumas aventuras no seu livro Alsos. Esse misterioso oficial, dotado de humorismo negro, dissimulara os seus serviços atrás de uma organização destinada à busca dos túmulos dos soldados americanos. Estava muito agitado e parecia perseguido por Washington. Em primeiro lugar quis saber tudo o que Bergier conseguira apurar ou adivinhar sobre os projetos nucleares alemães. Mas era principalmente indispensável, para a salvação do mundo, para a causa aliada e para a promoção do maior, que encontrassem com urgência Eric Edward Dutt e o alquimista conhecido sob o nome de Fulcanelli.

Dutt, sobre quem Helbronner fora encarregado de fazer investigações, era um hindu que pretendia ter consultado manuscritos muito antigos. Afirmava que deles extraíra certos processos de transmutação dos metais e que, devido a uma descarga condensada através de um condutor de boreto de tungstênio, obtinha indícios de ouro nos produtos obtidos. Muito mais tarde, os russos viriam a obter resultados análogos, mas utilizando potentes aceleradores de partículas.

Bergier não pôde prestar grandes serviços ao mundo livre, à causa aliada e à promoção do major. Eric Edward Dutt, colaboracionista, fora fuzilado pela contra-espionagem francesa na África do Norte. Quanto a Fulcanelli, desaparecera definitivamente. No entanto, o major, como agradecimento, mandou entregar a Bergier, antes da publicação, as provas do relatório: Acerca da Utilização Militar da Energia Atômica, pelo professor H. D. Smith. Era o primeiro documento autêntico sobre o assunto.

Ora, nesse texto havia uma estranha confirmação das frases pronunciadas pelo alquimista em Junho de 1937.

A pilha atômica, peça essencial para a fabricação da bomba, era de fato apenas uma disposição geométrica de substâncias extremamente puras. Como Fulcanelli o dissera, esse utensílio, no início, não utilizava nem a eletricidade, nem a técnica do vácuo. O relatório Smyth fazia igualmente alusão a venenos irradiantes, a gases, a poeiras radioativas extremamente tóxicas, que era relativamente fácil preparar em grandes quantidades. O alquimista falara de um possível envenenamento de todo o planeta.

De que forma um investigador obscuro, isolado, místico pudera prever, ou ter conhecimento, de tudo aquilo? De onde te vem isso, alma humana, de onde te vem isso?

Ao folhear as provas do relatório, o meu amigo recordou também esta passagem do De Alchymia, de Alberto o Grande: Se tens a pouca sorte de te aproximares do príncipes e dos reis, eles não cessarão de te perguntar: Então, Mestre, como vai a Obra? Quando é que finalmente veremos qualquer coisa de positivo? E, na sua impaciência, chamar-te-ão aldrabão e velhaco e causar-te-ão toda a espécie de aborrecimentos. E, se não obtiveres êxito, sofrerás todo o efeito da sua cólera. Se, pelo contrário, o obtiveres, conservar-te-ão em suas casas em cativeiro perpétuo, com o propósito de te fazerem trabalhar em seu benefício.

Seria esse o motivo por que Fulcanelli desapareceu e os alquimistas de todos os tempos mantiveram ciosamente o segredo?

O primeiro e o último conselho dado pelo papiro Harris era: Fechai as bocas! Cerrai as bocas!

Anos depois de Hiroshima, a 17 de Janeiro de 1955, Oppenheimer viria a declarar: Num sentido profundo, que nenhum gracejo de mau gosto será susceptível de extinguir, nós, os sábios, tomamos contacto com o pecado.

E mil anos antes, um alquimista chinês escrevia:

Seria um pecado terrível desvendar aos soldados o segredo da tua arte. Toma cuidado! Que nem um inseto haja na sala em que trabalhas!

**IV**

**O alquimista moderno e o espírito de investigação. Descrição do que um alquimista faz no seu laboratório. - A repetição indefinida da experiência. - O que espera ele? - A preparação das trevas. - O gás eletrônico. A água dissolvente. - Será a pedra filosofal energia em suspensão? - A transmutação do próprio alquimista. Para além começa a verdadeira metafísica.**

O alquimista moderno é um homem que lê os tratados de física nuclear. Está convencido de que se podem obter transmutações e fenômenos ainda mais extraordinários por meio de manipulações e com um material relativamente simples. É nos alquimistas contemporâneos que se torna a encontrar o espírito do investigador isolado. A conservação de um tal espírito é preciosa para a nossa época. De fato, acabamos por acreditar que o progresso dos conhecimentos já não é possível sem equipas numerosas, sem uma enorme aparelhagem, sem um financiamento considerável. Ora as descobertas fundamentais, como, por exemplo, a radioatividade ou a mecânica ondulatória, foram realizadas por homens isolados. A América, que é o país das grandes equipas e dos grandes processos, espalha atualmente agentes pelo Mundo inteiro em busca de espíritos originais.

O diretor da investigação científica americana, o doutor James Killian, declarou em 1958 que era prejudicial confiar-se apenas no trabalho coletivo e que achava necessário que se fizesse apelo aos homens solitários, portadores de idéias originais.

Rutheford efetuou os seus trabalhos mais importantes sobre a estrutura da matéria com latas de conserva e pedaços de guita. Jean Perrin e Madame Curie, antes da guerra, enviavam os seus colaboradores ao Marché aux Puces, ao domingo, em busca de um pouco de material. Evidentemente, os laboratórios com aparelhagem poderosa são necessários, mas seria importante organizar uma cooperação entre esses laboratórios, essas equipas, e os originais solitários. No entanto, os alquimistas furtam-se ao convite. A sua lei é o segredo. A sua ambição é a ordem espiritual. Está fora de dúvida, escreve René Alleau, que as manipulações alquímicas servem de suporte a uma ascese interior. Se a alquimia contém uma ciência, essa ciência é apenas um meio de atingir a consciência. Importa, portanto, que não saia para o exterior, onde se transformaria num fim.

Qual é o material do alquimista? O mesmo do investigador de química mineral de altas temperaturas: fornos, crisóis, balanças, instrumentos de medição, aos quais se vieram juntar os aparelhos modernos acessíveis de controlo das radiações nucleares: contador Geiger, cintilômetro, etc.

Esse material pode parecer irrisório. Um físico ortodoxo não poderia admitir que é possível fabricar um cálculo emitindo nêutrons por processos simples e econômicos. Se

as informações que temos são autênticas, os alquimistas conseguem-no. Na altura em que o elétron era considerado o quarto estado da matéria, inventaram-se dispositivos extremamente onerosos e complicados para produzir correntes eletrônicas. Após o que, em 1910, Eister e Gaitel demonstraram que bastava aquecer cal ao rubro no vácuo. Não sabemos tudo a respeito das leis da matéria. Se a alquimia é uma ciência em avanço sobre a nossa, usa processos mais simples do que os nossos.

Conhecemos vários alquimistas em França e dois nos Estados Unidos. Há-os em Inglaterra, na Alemanha e em Itália. E.J. Holmyard diz ter encontrado um em Marrocos. De Praga escreveram-nos três. A imprensa científica soviética, atualmente, parece fazer grande caso da alquimia e realiza investigações históricas.

E agora vamos tentar, pela primeira vez, segundo cremos, descrever com precisão o que faz um alquimista no seu laboratório. Não pretendemos revelar a totalidade do método alquímico, mas julgamos ter, a respeito desse método, alguns conhecimentos de certo interesse. Não esquecemos que a última finalidade da alquimia é a transmutação do próprio alquimista, e que as manipulações não passam de um lento caminhar em direção à libertação do espírito. É sobre essas manipulações que tentamos apresentar novos esclarecimentos.

Em primeiro lugar, durante vários anos, o alquimista decifrou velhos textos onde o leitor se deve embrenhar desprovido do fio de Ariana, mergulhado num labirinto no qual tudo foi preparado consciente e sistematicamente a fim de lançar o profano numa inextricável confusão mental. Paciência, humildade e fé elevaram-no a um certo nível de compreensão desses textos. Nesse nível vai poder iniciar realmente a experiência alquímica. Vamos descrever essa experiência, mas falta-nos um elemento. Sabemos o que se passa no laboratório do alquimista.

Mas ignoramos o que se passa no próprio alquimista, na sua alma. Pode dar-se o caso de que tudo esteja ligado. Pode ser que a energia espiritual represente um papel nas manipulações físicas e químicas da alquimia. Pode ser que uma certa forma de adquirir, concentrar e orientar a energia espiritual seja indispensável ao êxito do trabalho alquímico. Não é certo, mas, em questão tão delicada, não podemos deixar de reservar um lugar para a frase de Dante: Vejo que acreditas nestas coisas porque sou eu a dizer-tas, mas não sabes porquê, de forma que por serem acreditadas nem por isso estão menos escondidas.

O nosso alquimista começa por misturar muito bem, num almofariz de ágata, três constituintes. O primeiro, numa percentagem de 95 %, é um minério: uma pirite arseniosa, por exemplo, um minério de ferro que contém especialmente, como impurezas, arsênico e antimônio. O segundo é um metal: ferro, chumbo, prata ou mercúrio. O terceiro é um ácido de origem orgânica: ácido tartárico ou cítrico. Vai moê-los e triturá-los com as mãos, depois conserva a mistura durante cinco ou seis meses. Em seguida aquece tudo num crisol. Aumenta progressivamente a temperatura e faz com que a operação dure cerca de dez dias. Deverá tomar certas precauções. Há gases tóxicos que se evolam: o vapor de mercúrio e sobretudo o hidrogênio arsenioso, que matou mais de um alquimista, logo no início dos trabalhos.

Finalmente dissolve o conteúdo do crisol com um ácido. Foi procurando um dissolvente que os alquimistas de outrora descobriram o ácido acético o ácido nítrico e o ácido sulfúrico. Essa dissolução deve efetuar-se sob uma luz polarizada: quer uma réstia de luz solar, refletida num espelho, quer a luz da Lua. Sabe-se hoje que a luz polarizada

vibra numa única direção, ao passo que a luz normal vibra em todas as direções em redor de um eixo. Em seguida evapora o líquido e recalcina o sólido. Recomeça essa operação milhares de vezes, durante vários anos. Porquê? Ignoramo-lo. Talvez na expectativa do momento em que as melhores condições estejam reunidas: raios cósmicos, magnetismo terrestre, etc. Talvez a fim de obter uma fadiga da matéria em estruturas profundas que nós ainda ignoramos. O alquimista fala de paciência sagrada, de lenta condensação do espírito universal. Há certamente qualquer outra coisa atrás desta linguagem para-religiosa.

Esta forma de operar repetindo indefinidamente a mesma manipulação pode parecer demencial a um químico moderno. Ensinaram-lhe que há um único método experimental válido: o de Claude Bernard. É um método que age por meio de variações concomitantes. Repete-se milhares de vezes a mesma experiência, mas fazendo variar, de cada vez, um dos fatores: proporções de um dos constituintes, temperatura, pressão, catalisador, etc. Anotam-se os resultados obtidos e deduzem-se algumas das leis que regem o fenômeno. É um método que deu as suas provas, mas não é o único. O alquimista repete a sua manipulação sem a menor alteração, até que qualquer coisa de extraordinário se produza.

No fundo, acredita numa lei natural bastante comparável ao princípio de exclusão formulado pelo físico Pauli, amigo de Jung. Para Pauli, num dado sistema (o átomo e as suas moléculas), não podem existir duas partículas (elétrons, prótons, mésons) no mesmo estado. Tudo é único na natureza: a vossa alma não tem outra semelhante.. . É por isso que se passa bruscamente, sem intermediário, do hidrogênio ao hélio, do hélio ao lítio e assim indefinidamente, como o indica, para o físico nuclear, a Tabela Periódica dos Elementos. Quando se junta uma partícula a um sistema, essa partícula não pode tomar nenhum dos estados existentes no interior desse sistema. Toma um novo estado e a combinação com as partículas já existentes cria um sistema novo e único.

Para o alquimista, da mesma forma que não existem duas almas semelhantes, dois seres semelhantes, duas plantas semelhantes (Pauli diria: dois elétrons semelhantes), não há duas experiências semelhantes. Se se repetir milhares de vezes uma experiência, qualquer coisa de extraordinário acabará por se produzir. Não somos bastante competentes para lhe dar ou não razão. Contentamo-nos em observar que uma ciência moderna, a ciência dos raios cósmicos, adotou um método comparável ao do alquimista. Essa ciência estuda os fenômenos causados pelo aparecimento, num aparelho de detecção ou sobre uma chapa, de partículas com energia formidável, vindas de estrelas. Estes fenômenos não podem ser obtidos segundo a nossa vontade. É preciso esperar. Por vezes registra-se um fenômeno extraordinário.

Foi assim que no Verão de 1957, no decorrer das investigações feitas nos Estados Unidos pelo professor Bruno Rossi, uma partícula animada de uma energia formidável, jamais registrada até ali, e vinda talvez de outra galáxia sem ser a nossa Via Láctea, impressionou 1500 computadores ao mesmo tempo num raio de oito quilômetros quadrados, provocando, à sua passagem, um feixe enorme de destroços atômicos. Não é possível imaginar qualquer máquina capaz de produzir tal energia.

Nenhum sábio tinha conhecimento de que jamais se tivesse produzido semelhante acontecimento e ignora-se se voltará a repetir-se. É também um acontecimento excepcional, de origem terrestre ou cósmica, e capaz de influenciar o seu crisol, que

parece aguardar o nosso alquimista. Talvez ele pudesse abreviar a sua expectativa utilizando processos mais ativos do que o fogo, aquecendo por exemplo, o crisol num forno de indução pelo método de levitação, ou ainda juntando isótopos radioativos à sua mistura. Ele poderia então fazer e refazer a sua manipulação, não várias vezes por semana, mas milhares de vezes por segundo multiplicando desta forma as probabilidades de captar o acontecimento necessário ao bom êxito da experiência. Mas o alquimista atual, como o de ontem, trabalha em segredo, pobremente, e considera a expectativa uma virtude.

Prossigamos a nossa descrição: ao fim de vários anos de um trabalho sempre igual, de dia e de noite, o nosso alquimista acaba por deduzir que a primeira fase terminou. Junta então um oxidante à sua mistura: o nitrato de potássio, por exemplo.

Há enxofre no crisol, proveniente da pirite, e carvão proveniente do ácido orgânico. Enxofre, carvão e nitrato: foi durante essa manipulação que os antigos alquimistas descobriram a pólvora. Ele vai recomeçar a dissolver, depois a calcinar, sem descanso, durante meses e anos, na expectativa de um sinal. Sobre a natureza desse sinal, as obras alquímicas diferem, mas é talvez porque há vários fenômenos possíveis. Esse fenômeno produz-se no momento de uma dissolução. Para certos alquimistas, trata-se da formação de cristais em forma de estrelas à superfície umidade, até ao primeiro dia da próxima Primavera. Quando retomar as operações, estas visarão aquilo a que se chama, nos velhos textos, a preparação das trevas. Recentes investigações sobre a história da química demonstraram que o monge alemão Berthold Le Noir (Berthold Schwarz), a quem vulgarmente se atribui a invenção da pólvora no Ocidente, nunca existiu. É uma figura simbólica desta preparação das trevas.

A mistura é colocada num recipiente transparente, em cristal de rocha, fechado de forma especial. Há poucas indicações a respeito dessa fechadura, chamada fechadura de Hermes, ou hermética. Dali em diante o trabalho consiste em aquecer o recipiente dosando, com uma infinita delicadeza, as temperaturas. No recipiente fechado, a mistura contém sempre enxofre, carvão e nitrato. Trata-se de elevar essa mistura a um certo grau de incandescência, evitando no entanto a explosão. São numerosos os casos de alquimistas gravemente queimados ou mortos. As explosões que se produzem são de particular violência e exalam temperaturas para as quais não estávamos logicamente preparados.

O fim em vista é a obtenção, no recipiente, de uma essência, de um fluido, a que os alquimistas por vezes chamam a asa de corvo.

Sejamos mais claros. Esta operação não tem equivalente na física e química modernas. No entanto, não deixa de ter analogias. Quando se dissolve no gás amoníaco líquido um metal como o cobre, obtém-se uma coloração azul-escuro que passa ao negro nas grandes concentrações. Produz-se o mesmo fenômeno se se dissolver no gás amoníaco liquidificado hidrogênio sob pressão ou amidas orgânicas, de forma a obter o composto instável NH4, que tem todas as propriedades de um metal alcalino e que, por esse motivo, foi chamado amônio. Há razões para crer que essa coloração azul-negro, que faz pensar na asa de corvo do fluido obtido pelos alquimistas, é justamente a cor do gás eletrônico.

O que é o gás eletrônico? É para os sábios modernos, o conjunto de elétrons livres que constituem um metal e lhe asseguram as propriedades mecânicas, elétricas e térmicas. Ele corresponde, na terminologia atual, ao que o alquimista chama a alma ou ainda a

essência dos metais. É essa alma ou essa essência que se liberta no recipiente hermeticamente fechado e pacientemente aquecido do alquimista.

Ele aquece, deixa arrefecer, aquece de novo, e isto durante meses ou anos, observando através do cristal de rocha a formação daquilo a que também se chama o ovo alquímico: a mistura transformada em fluido azul-negro. Abre finalmente o seu recipiente na obscuridade, apenas sob a claridade dessa espécie de líquido fluorescente. Em contacto com o ar, esse líquido fluorescente solidifica-se e separa-se.

Obterá desta forma substâncias completamente novas, desconhecidas na natureza e com todas as propriedades dos elementos químicos puros, quer dizer, inseparáveis pelos processos da química.

Os alquimistas modernos pretendem ter obtido desta forma elementos químicos novos, e isto em quantidades consideráveis. Fulcanelli teria extraído de um quilo de ferro vinte gramas de um corpo completamente novo, cujas propriedades químicas e físicas não correspondem a qualquer elemento químico conhecido. Seria aplicável a mesma operação a todos os elementos, cuja maior parte daria dois elementos novos por cada elemento tratado. Tal afirmação é de molde a chocar o homem de laboratório. Atualmente, a teoria não permite prever outras separações além das seguintes:

- A molécula de um elemento pode alcançar vários estados: Oto-hidrogênio e para-hidrogênio, por exemplo.

- O núcleo de um elemento pode tomar um certo número de estados isotópicos caracterizados por um número de nêutrons diferentes. No lítio 6 o núcleo contém três nêutrons e no lítio 7 contém quatro.

Os nossos técnicos, para separar os diversos estados alotrópicos da molécula e os diversos estados isotópicos do núcleo, exigem para isso um enorme material.

Os processos do alquimista são, em comparação, irrisórios, e ele alcançaria, não uma mudança de estado da matéria, mas a criação de uma matéria nova, ou pelo menos uma decomposição e recomposição diferente da matéria. Todo o nosso conhecimento do átomo e do núcleo se baseia no modelo saturnino de Nagasoka e Rutheford: o núcleo e o seu anel de elétrons. Não é impossível que, no futuro, outra teoria nos leve a realizar mudanças de estados e separações de elementos químicos por enquanto inconcebíveis.

Portanto, o nosso alquimista abriu o seu recipiente de cristal de rocha e obteve, por meio do arrefecimento do líquido fluorescente em contacto com o ar, um ou vários elementos novos.

Restam as escórias. Essas escórias, vai ele lavá-las durante meses em água tridestilada. Depois manterá essa água ao abrigo da luz e das variações de temperatura.

Essa água teria propriedades químicas e medicinais extraordinárias. É o dissolvente universal e o elixir de longa vida tradicional, o elixir de Faustol.

Aqui, a tradição alquímica parece de acordo com a ciência de vanguarda. De fato, para a ciência ultramoderna, a água é uma mistura extremamente complexa e reagente. Os

investigadores debruçados sobre a questão dos oligoelementos, especialmente o doutor Jacques Ménétrier, constataram que, praticamente, todos os metais eram solúveis na água em presença de certos catalisadores, como a glucose, e sob determinadas variações de temperatura.

Além disso, a água formaria verdadeiros compostos químicos, hidratos, com gases inertes tais como o hélio e o árgon. Se se soubesse qual o constituinte da água responsável pela formação dos hidratos em contacto com um gás inerte, seria possível estimular o poder solvente da água e portanto obter um verdadeiro dissolvente universal. A revista russa Saber e Força, incontestavelmente séria escrevia no seu número 11, de 1957, que talvez um dia se obtivesse esse resultado bombardeando a água com radiações nucleares e que o dissolvente universal dos alquimistas seria uma realidade antes do final do século. E essa revista previa um certo número de aplicações, imaginava a abertura de túneis por meio de um jacto de água ativada.

O nosso alquimista, portanto, encontra-se agora de posse de um certo número de corpos simples desconhecidos na natureza e de alguns frascos de uma água alquímica susceptível de lhe prolongar consideravelmente a vida, através do rejuvenescimento dos tecidos.

Agora vai tentar combinar novamente os elementos simples que obteve. Mistura-os no seu almofariz e derrete-os a baixas temperaturas, na presença de catalisadores a respeito dos quais os textos são muito vagos. Quanto mais se avança no estudo das manipulações alquímicas, mais os textos são difíceis de compreender. Aquele trabalho irá ocupá-lo ainda durante alguns anos.

Afirmam que, desta forma, ele obteria substâncias absolutamente semelhantes aos metais conhecidos, e em especial aos metais bons condutores do calor e da eletricidade. Seriam estes o cobre alquímico, a prata alquímica, o ouro alquímico. Os testes clássicos e a espectroscopia não permitiriam verificar a novidade dessas substâncias, e no entanto elas possuiriam propriedades novas, diferentes das dos metais conhecidos, e muito surpreendentes.

Se as informações que temos são exaltas, o cobre alquímico, aparentemente semelhante ao cobre conhecido e no entanto muito diferente, teria uma resistência elétrica infinitamente fraca, comparável à dos supercondutores que o físico obtém nas proximidades do zero absoluto. Este cobre, se pudesse ser utilizado, revolucionaria a eletroquímica.

Outras substâncias, resultantes da manipulação alquímica, seriam mais surpreendentes ainda. Uma delas seria solúvel no vidro, a baixa temperatura e antes do momento da fusão deste.

Essa substância, ao tocar o vidro ligeiramente amolecido, dispersar-se-ia no interior, dando-lhe um colorido vermelho-rubi, com fluorescência lilás na escuridão. É ao pó obtido pela trituração desse vidro, modificado no almofariz de ágata, que os textos alquímicos chamam o pó de projeção ou pedra filosofal. Com isso, escreve Bernard, conde da Marche Trévisane, no seu tratado filosófico, se termina a elaboração dessa Pedra superior a todas as pedras preciosas, a qual é um tesouro infinito à glória de Deus que vive e reina eternamente.

São conhecidas as maravilhosas lendas ligadas a essa pedra pó de projeção que seria

susceptível de assegurar transmutações de metais em quantidades consideráveis. Transformaria, inclusivamente, certos metais vis em ouro, prata ou platina, mas tratar-se-ia então de um dos aspectos do seu poder. Seria uma espécie de reservatório de energia nuclear em suspensão, facilmente manejável.

Voltaremos em breve aos problemas que as manipulações do alquimista põem ao homem moderno esclarecido, mas detenhamo-nos exatamente onde se detêm os textos alquímicos. Eis a grande obra realizada. Produz-se no próprio alquimista uma transformação que esses textos evocam, mas que nós somos incapazes de descrever por não possuirmos a esse respeito mais do que umas poucas noções analógicas. Essa transformação seria como que a promessa, através de um ser privilegiado, daquilo que espera a humanidade inteira no termo do seu contacto inteligente com a Terra e os seus elementos: a sua fusão em Espírito, a sua concentração num ponto espiritual fixo e a sua união com outros centros de consciência através dos espaços cósmicos. Progressivamente, ou num súbito clarão, o alquimista, segundo a tradição, descobre o significado do seu longo trabalho. Os segredos da energia e da matéria são-lhe desvendados, e ao mesmo tempo tornam-se-lhe visíveis as infinitas perspectivas da vida. Ele possui a chave da mecânica do Universo. Ele próprio estabelece novas relações entre o seu espírito, dali em diante animado, e o espírito universal em eterno progresso de concentração. Serão certas radiações do pó de projeção responsáveis de uma transmutação do ser físico?

A manipulação do fogo e de certas substâncias permite, portanto, não só transmutar os elementos, como ainda transformar o próprio investigador. Este, sob a influência das forças emitidas pelo crisol (quer dizer, das radiações emitidas por núcleos a sofrerem modificações de estrutura), entra noutro estado. Nele se operam mutações. A sua vida prolonga-se, a sua inteligência e as suas percepções atingem um nível superior. A existência de tais seres, biológica e psiquicamente novos, é um dos alicerces da tradição Rosa-Cruz. O alquimista passa a outro estado do ser. É elevado a outro grau da consciência. Tem a sensação de que só ele se encontra desperto e que todos os outros homens ainda dormem. Escapa ao vulgar humano e desaparece, como Mallory sobre o Everest, depois de ter tido o seu minuto de verdade.

A Pedra filosofal representa desta forma o primeiro degrau susceptível de auxiliar o homem a elevar-se em direção ao Absoluto 1. Para além começa o mistério. Aquém não há mistério, nem esoterismo, nem outras sombras exceto as que projetam os nossos desejos e sobretudo o nosso orgulho. Mas, como é mais fácil satisfazermo-nos de idéias e de palavras do que fazer qualquer coisa com as próprias mãos, com a nossa dor e a nossa fadiga, no silêncio e na solidão, é mais cômodo procurar um refúgio no pensamento chamado puro, do que batermo-nos corpo a corpo contra o peso e as trevas da matéria. A alquimia proíbe qualquer evasão deste gênero aos seus discípulos. Deixa-os frente a frente com o grande enigma. . . Apenas nos assegura que se lutarmos até ao fim para nos libertarmos da ignorância, a própria verdade lutará por nós e vencerá finalmente todas as coisas. Talvez comece então a VERDADEIRA metafísica.

## V

**Há um tempo para tudo. - Há mesmo um tempo para que os tempos se tornem a encontrar.**

Os velhos textos alquímicos asseguram que as chaves da matéria se encontram em

Saturno. Por uma estranha coincidência, tudo o que hoje se sabe a respeito de física nuclear apóia-se sobre uma definição do átomo saturnino. O átomo seria, segundo a definição de Nagasoka e Rutheford, uma massa central exercendo uma atração, rodeada por anéis de elétrons giratórios. É esta concepção saturnina do átomo que é admitida por todos os sábios do Mundo, não como uma verdade, mas como a mais eficaz hipótese de trabalho. É possível que se apresente para os físicos do futuro como uma ingenuidade. A teoria dos quanta e a mecânica ondulatória aplicam-se ao comportamento dos elétrons. Nenhuma teoria e nenhuma mecânica definem com exatidão as leis que regem o núcleo. Supõe-se que este é formado por prótons e nêutrons, e é tudo. Nada se sabe de preciso sobre as forças nucleares. Elas não são nem elétricas, nem magnéticas, nem da mesma natureza que a gravitação.

A última hipótese formulada alia essas forças a partículas intermediárias entre o nêutron e o próton, chamadas mésons. Isto só satisfaz até se encontrar qualquer outra coisa. Daqui a dois ou dez anos as hipóteses terão sem dúvida tomado outro rumo. No entanto, é preciso notar que estamos numa época em que os sábios não têm o direito nem o tempo de se dedicar à física nuclear. todos os esforços e todo o material disponível estão concentrados sobre a fabricação de explosivos e a produção de energia. A investigação fundamental é atirada para um segundo plano. O urgente é extrair o máximo daquilo que já se conhece. Poder importa mais do que saber. É deste apetite de poder que os alquimistas parecem ter sempre tido o cuidado de fugir.

Em que ponto estamos nós? O contacto com nêutrons torna todos os elementos radioativos. As explosões nucleares experimentais envenenam a atmosfera do planeta. Este envenenamento, que progride de forma geométrica, aumentará extraordinariamente o número de crianças nascidas mortas, dos cancros, das leucemias, destruirá as plantas, alterará os climas, produzirá monstros, escangalhará os nervos, sufocar-nos-á. Os governos, quer sejam totalitários ou democratas, não renunciarão. Não renunciarão por duas razões. A primeira é que a opinião popular não pode abranger a questão. A opinião popular não possui nível de consciência planetária suficiente para reagir. A segunda é que não há governos, mas sociedades anônimas com capital humano, encarregadas, não de fazerem a história, mas de exprimir os diversos aspectos da fatalidade histórica.

Ora se nós acreditamos na fatalidade histórica, acreditamos que ela não é senão uma das formas do destino espiritual da humanidade, e que esse destino é belo. Nós não pensamos que a humanidade venha a desaparecer, mesmo que tenha de sofrer mil agonias, mas que através das suas dores imensas e pavorosas encontrará - ou tornará a encontrar - a alegria de se sentir em marcha.

Irá a física nuclear, orientada na direção do poder, como diz Jean Rostand, destruir o capital genético da humanidade? Sim, talvez, durante alguns anos. Mas não podemos deixar de imaginar a ciência tornando-se capaz de desatar o nó górdio que acaba de dar.

Os métodos de transmutação atualmente conhecidos não permitem dominar a energia e a radioatividade. Trata-se de transmutações estreitamente limitadas, cujos efeitos nocivos são, pelo contrário, ilimitados. Se os alquimistas têm razão, há processos simples, econômicos e sem perigo de produzir transmutações maciças. Tais processos devem passar por uma dissolução da matéria e pela sua reconstrução num estado diferente do estado inicial. Nenhuma conquista da física atual permite acreditar nisso. É

no entanto o que, há milênios, os alquimistas afirmam.

Ora a nossa ignorância sobre a natureza das forças nucleares obriga-nos a não falar de impossibilidades radicais. Se a transmutação alquímica existe, é porque o núcleo tem propriedades que desconhecemos. A importância do que está em jogo justificaria um estudo verdadeiramente sério da literatura alquímica. Se esse estudo não conduz à observação de fatos irrefutáveis, há pelo menos algumas probabilidades de que venham a surgir novas idéias. E são as idéias que mais faltam no atual estado da física nuclear, submetida ao anseio de poder e esmagada pela enormidade do material.

Começam a entrever-se estruturas infinitamente complicadas no interior do próton e do nêutron, e verifica-se que as leis ditas fundamentais, como, por exemplo, o princípio de paridade, não se aplicam ao núcleo. Já se fala numa antimatéria, da coexistência possível de vários universos dentro do nosso universo visível, de forma que tudo é possível no futuro, e especialmente a desforra da alquimia. Seria belo, e estaria de acordo com a nobreza da linguagem alquímica, que a nossa salvação se conseguisse por intermédio da filosofia espagírica. Há tempo para tudo, e há mesmo um tempo para que os tempos se tornem a encontrar.

## AS CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

### I

**Onde os autores descrevem o extravagante e maravilhoso Senhor Fort. - O incêndio do sanatório das coincidências exageradas. - O Senhor Fort vítima do conhecimento universal. - Quarenta mil notas sobre as tempestades de pervincas, as chuvas de rãs e os aguaceiros de sangue. O Livro dos Danados. - Um certo professor Kreyssler. - Elogio e ilustração do intermediarismo. - O eremita do Bronx ou o Rabelais cósmico. - Onde os autores visitam a catedral de Santo-Algures. - Bom apetite, senhor Fort.**

Em Nova Iorque, no ano de 1910, num pequeno apartamento burguês do Bronx, habitava um homenzinho de idade indefinida, que parecia uma foca tímida. Chamava-se Charles Hoy Fort.

Tinha umas manápulas redondas e gordas, barriga e rins avantajados, o pescoço muito curto, a cabeça enorme, de cabeleira rala, um largo nariz asiático, óculos com aros de metal e um bigode à Gurdjieff. Dir-se-ia também um professor monchevíque. Nunca saía, exceto para se dirigir à Biblioteca Municipal, onde examinava uma quantidade de jornais, revistas e anais de todos os Estados e de todas as épocas. Em redor da sua velha secretária amontoavam-se caixas de sapatos vazias e pilhas de periódicos: o American Almanach de 1833, o London times dos anos 1880-93, o Annual Record of Science, vinte anos de Philosophical Magazine, Les Annales de la Société Entomologique de France, a Monthly Theather Review, o Observatory, o Meteorological Journal, etc. Ele usava uma viseira verde, e, quando a mulher acendia o fogão para o almoço, ia à cozinha ver se não havia perigo de que ela incendiasse a casa. Era apenas isso que aborrecia a senhora Fort, em solteira Anna Filan, que ele escolhera devido à sua total ausência de curiosidade intelectual, de quem gostava muito e que por sua vez o amava com ternura.

Até à idade de trinta e quatro anos, Charles Fort, filho de uns merceeiros de Albany, vegetara graças a um medíocre talento de jornalista e a uma certa habilidade no

embalsamamento de borboletas. Mortos os pais e vendida a mercearia, arranjara uns minúsculos rendimentos que finalmente lhe permitiam dedicar-se em exclusivo à sua paixão: acumular notas sobre acontecimentos extraordinários e no entanto reconhecidos.

No dia 2 de Novembro de 1819, chuva vermelha sobre Blan Kenberghe, no dia 14 de Novembro de 1902, chuva de lama na Tasmânia. Flocos de neve do tamanho de pratos em Nashville, a 24 de Janeiro de 1891. Chuva de rãs em Birmingham a 30 de Junho de 1892. Aerólitos. Bolas de fogo. Pegadas de um animal ; fabuloso no Devonshire. Discos voadores. Marcas de ventosas sobre as montanhas. Engenhos no céu. Caprichos de cometas. Desaparecimentos estranhos. Cataclismos inexplicáveis. Inscrições sobre meteoritos. Neve preta. Luas azuis. Sóis verdes. Aguaceiros de sangue.

E assim reuniu vinte e cinco mil notas, que arrumou em caixas de cartão. Fatos que, assim que eram mencionados, imediatamente caíam no esquecimento. Contudo, eram fatos. Ele chamava a isso o seu sanatório das coincidências exageradas. Fatos sobre os quais as pessoas se recusavam a falar. Parecia -lhe que saía dos seus arquivos um verdadeiro clamor de silêncio. Começara a sentir uma espécie de ternura por essas realidades incongruentes, expulsas do domínio do conhecimento, às quais ele dava asilo no seu pobre escritório de Bronx e que acariciava ao arrumá-las. Pequenas prostitutas, anões, corcundas, bobo e no entanto o seu desfile em minha casa terá a impressionante solidez das coisas que passam, e tornam a passar, e não cessam de passar.

Quando se sentia cansado de reunir os fatos que a Ciência entendeu que devia pôr de parte (Um icebergue voador cai em pedaços sobre Ruão no dia 5 de Julho de 1853. Carcaças de viajantes celestes. Seres alados a uma altitude de 8000 metros sobre Palermo, a 30 de Novembro de 1880. Rodas luminosas no mar. Chuvas de enxofre, de carne. Restos de gigantes na Escócia. Caixões de pequenos seres vindos de algures, sobre os rochedos de Edimburgo...), quando se sentia fatigado, repousava o espírito jogando sozinho intermináveis partidas de superxadrez, sobre um tabuleiro da sua invenção, que era composto por 1600 casas.

Depois, um dia, Charles Hoy Fort apercebeu-se de que aquele formidável trabalho não servia para nada. Era inutilizável. Duvidoso. Uma simples ocupação de maníaco. Compreendeu que só ficara no limiar daquilo que procurava, e que não fizera nada daquilo que realmente tinha a fazer. Não era uma investigação, apenas a sua caricatura. E ele, que tanto receava os incêndios, lançou fogo às caixas e às fichas.

Acabava de descobrir a sua verdadeira natureza. Aquele fanático das realidades singulares era um fanático das idéias gerais. O que começara ele inconscientemente a fazer, durante esses anos mais ou menos perdidos? Encolhido no fundo da sua gruta de borboletas e papéis velhos, na verdade trabalhara contra uma das grandes potências do século: a certeza que os homens civilizados têm de saber tudo a respeito do Universo em que vivem. Porque se escondera, como que envergonhado, Charles Hoy Fort? É que a menor alusão ao fato de que possam existir no Universo domínios imensos de Desconhecido perturba desagradavelmente os homens. No fim de contas, Charles Hoy Fort conduzira-se como um erotomaníaco: conservemos secretos os nossos vícios, a fim de que a sociedade se não enfureça ao saber que deixou por explorar a maior parte dos terrenos da sexualidade. Tratava-se, agora, de passar da mania à profecia, do gozo solitário à declaração de princípio. De futuro, tratava-se de

fazer uma obra autêntica, quer dizer, revolucionária.

O conhecimento científico não é objetivo. Assim como a civilização, é uma conspiração. Repudiam-se uma quantidade de fatos porque eles alteram os raciocínios correntes. Vivemos sob um regime de inquisição em que a arma mais frequentemente utilizada contra a realidade discordante é o desdém acompanhado de risos. O que é o conhecimento em tais condições? Na topografia da inteligência, diz Fort, poder-se-ia definir o conhecimento como a ignorância envolvida em risos. Será por tanto necessário reclamar um acréscimo às liberdades que a Constituição garante: a liberdade de duvidar da ciência. Duvidar da evolução (e se a obra de Darwin fosse pura ficção?), da rotação da Terra, da existência de uma velocidade da luz, da gravitação, etc. De tudo, exceto dos fatos. Dos fatos não selecionados, tais como se apresentam, nobres ou não, bastardos ou puros com o seu séqüito de estranhezas e as suas concomitâncias incongruentes. Não excluir nada do real: uma ciência futura descobrirá relações desconhecidas entre os fatos que nos parecem sem qualquer afinidade entre si. A ciência precisa de ser sacudida por um espírito ávido, embora crédulo, novo, selvagem.

O mundo precisa de uma enciclopédia dos fatos excluídos, das realidades condenadas. Receio bem que seja necessário apresentar à nossa civilização novos mundos em que as rãs brancas terão o direito de viver.

Em oito anos, a foca tímida de Bronx julgou-se na obrigação de aprender todas as artes e todas as ciências - e de inventar cerca de meia dúzia para uso próprio. Possuído pelo delírio enciclopédico, empenha-se nessa tarefa gigantesca que consiste não tanto em aprender como em tomar consciência da totalidade dos seres vivos. Espantava-me que alguém se sentisse satisfeito por ser apenas romancista, alfaiate, industrial ou varredor de ruas. Princípios, fórmulas, leis, fenômenos foram digeridos na Biblioteca Municipal de Nova Iorque, no Museu Britânico e também graças a uma enorme correspondência com as maiores bibliotecas e livrarias do Mundo. Quarenta mil notas, divididas em trezentas secções, escritas a lápis sobre minúsculos cartões, numa linguagem estenográfica da sua invenção. Sobre este louco empreendimento brilha o dom de considerar todos os assuntos sob o ponto de vista de uma inteligência superior que só agora soube da existência deles: a astronomia.

Um guarda noturno vigia meia dúzia de lanternas vermelhas numa rua interceptada. Há bicos de gás, lampadários e janelas iluminadas no bairro. Riscam-se fósforos, acendem-se fogos, declarou-se um incêndio, há sinais de néon e faróis de automóveis. Mas o guarda noturno cinge-se ao seu acanhado sistema. . .

Ao mesmo tempo retoma as suas pesquisas sobre os fatos rejeitados, mas sistematicamente, e esforçando-se por verificar cautelosamente cada um deles. Submete a sua empresa a um plano que engloba a astronomia, a sociologia, a psicologia, a morfologia, a química, o magnetismo. Já não faz uma coleção: tenta obter o desenho da rosa-dos-ventos exteriores, fabricar a bússola para a navegação sobre os oceanos do outro lado, reconstituir o puzzle dos mundos escondidos atrás deste mundo. Necessita de cada folha que estremece na árvore imensa do fantástico: o céu de Nápoles é atravessado por bramidos no dia 22 de Novembro de 1821; vindos das nuvens, caem peixes sobre Singapura em 1861; em Indre-et-Loire, num certo 10 de Abril, há uma catarata de folhas secas; juntamente com uma faísca abatem-se sobre Sumatra achas de pedra; quedas de matéria viva; piratas do espaço cometem raptos; destroços de mundos errantes circulam sobre nós... Sou inteligente e por isso sou muito

diferente dos ortodoxos. Como não possuo o desdém aristocrático de um conservador nova-iorquino ou de um feiticeiro esquimó, sou obrigado a conceber outros mundos.. .

A senhora Fort não sente o menor interesse por tudo isso.

Ele não fala dos seus trabalhos, a não ser a raros amigos maravilhados. Não mostra empenho em vê-los. Escreve-lhes de tempos a tempos. Tenho a sensação de me dedicar a um novo vício recomendado aos amadores de pecados inéditos. Ao princípio, alguns dos meus raciocínios eram tão pavorosos ou tão ridículos que as pessoas os detestavam ou desprezavam ao lê-los. Agora, tudo está melhor: há um pouco de lugar para a piedade.

A sua vista começa a estar cansada. Vai ficar cego. Pára e medita várias vezes, alimentando-se apenas de pão escuro e queijo. Depois de ter repousado os olhos, resolve expor a sua visão pessoal do Universo, antidogmática, e de excitar a compreensão dos outros com grandes golpes de humor. Por vezes, eu próprio me surpreendia a não pensar aquilo em que preferia acreditar. À medida que progredira no estudo das diversas ciências, progredira na descoberta das suas insuficiências. É preciso demoli-las pela base: é o espírito que não está certo. É necessário recomeçar tudo, voltando a introduzir os fatos excluídos a respeito dos quais reuniu uma documentação ciclópica. Antes de mais reintroduzi-los. Em seguida explicá-los, se possível. Creio que não faço do absurdo um ídolo. Creio que nas primeiras tentativas não é possível averiguar o que mais tarde será aceitável. Se um dos pioneiros da zoologia (que está por fazer) ouvisse falar de pássaros que crescem sobre as árvores, deveria assinalar que ouviu falar de pássaros que crescem sobre as árvores. E em seguida deveria, mas só nessa altura, verificar escrupulosamente e selecionar esses dados.

Assinalemos, assinalemos, e um dia acabaremos por descobrir que qualquer coisa nos faz sinal.

São as próprias estruturas do conhecimento que devem ser revistas. Charles Hoy Fort sente palpitar em si próprio numerosas teorias que têm todas as asas do anjo do bizarro. Vê a Ciência como um automóvel muito civilizado lançado sobre uma auto-estrada. Mas de cada lado dessa maravilhosa pista, toda ela betume e néon, estende-se um país selvagem, cheio de prodígios e de mistérios. Stop. Examinai esse país também em largura! Extraviai-vos! Ziguezagueai! É portanto necessário fazer grandes gestos desordenados, grotescos até, como os que se fazem para tentar fazer com que um automóvel pare. Pouco importa que sejamos um pouco ridículos: é urgente. Charles Hoy Fort, eremita de Bronx, deseja realizar o mais rápida e ruidosamente possível um certo número de macaquices absolutamente necessárias Persuadido da importância da sua missão e liberto da sua documentação, resolve reunir em trezentas páginas os seus melhores explosivos. Queimem-me o tronco de um pinheiro, folheiem-me as páginas de falésias de calcário, multipliquem-me por mil e substituam a minha imodéstia fútil por uma megalomania de Titã, e só então talvez me seja possível escrever com a amplidão que o meu trabalho reclama.

Compõe a sua primeira obra, O Livro dos Danados, onde, segundo diz, são apresentadas um certo número de experiências em matéria de estrutura do conhecimento. Este trabalho apareceu em Nova Iorque em 1919. Produziu uma verdadeira revolução nos meios intelectuais. Antes das primeiras manifestações do dadaísmo e do surrealismo, Charles Fort introduzia na Ciência aquilo que Tzara, Breton

e os seus discípulos viriam a introduzir nas artes e na literatura: a terminante recusa de entrar num jogo em que todos fazem batota, a colérica afirmação de que há mais qualquer coisa. Um enorme esforço, não talvez para entender o real na sua totalidade, mas para impedir que o real seja entendido de uma forma falsamente coerente. Uma ruptura essencial. Sou um moscardo que perturba o cérebro do conhecimento para o impedir de dormir.

O Livro dos Danados? Um Ramo de Ouro para os chalados, declarou John Winterich. Uma das monstruosidades da literatura, escreveu Edmund Pearson. Para Ben Hecht, Charles Fort é o apóstolo da exceção e o sacerdote mistificador do improvável. Martin Gardner, no entanto, reconhece que os seus sarcasmos estão de acordo com as críticas mais válidas de Einstein e de Russel. John Campbell afirma que há nesta obra os gérmenes de, pelo menos, seis novas ciências. Ler Charles Fort é cavalgar sobre um cometa, confessa Maynard Shiplev, e Theodore Dreiser vê nele a maior figura literária depois de Edgar Poe. Só em 1955 é que O Livro dos Danados é publicado em França por minha iniciativa, que sem dúvida não foi suficientemente diligente. A despeito de uma excelente tradução e apresentação de Robert Benayoun .e de uma mensagem de Tiffany Thayer, que é presidente nos Estados Unidos da Sociedade dos Amigos de Charles Fort [2], esta obra extraordinária passou quase despercebida. Eu e Bergier consolamo-nos dessa desdita

As qualidades de Charles Fort seduziram um grupo de escritores americanos que decidiram prosseguir, em honra dele, o ataque aos grandes sacerdotes do novo deus: a Ciência, bem como a todas as formas de dogmas. Neste intuito foi fundada a Sociedade Charles Fort, a 26 de Janeiro de 1931.

Entre os seus fundadores estavam Theodore Dreiser, Booth Tarkington, Ben Hecht, Harry Leon Wilson, John Cowper Powys, Alexander Woolcott, Burton Rascoe, Aaron Sussman e o secretário, autor destas linhas, Tiffany Thayer.

Charles Fort morreu em 1932, nas vésperas da publicação da sua quarta obra Talentos Selvagens. As inúmeras notas que recolhera nas bibliotecas de todo o Mundo, graças a uma correspondência internacional, foram legadas à Sociedade Charles Fort: hoje constituem o núcleo dos arquivos desta sociedade que vão crescendo de dia para dia devido à contribuição dos membros de quarenta e nove países, além dos Estados Unidos, Alasca e as ilhas Hawai.

A sociedade publica uma revista trimestral, Doubt (A Dúvida) . Esta revista é também como que um refúgio para todos os fatos malditos, quer dizer, os que a ciência ortodoxa não pode ou não quer admitir: por exemplo, os discos voadores. De fato, as informações e estatísticas que a sociedade possui sobre o assunto constituem o conjunto mais antigo, mais vasto e mais completo que existe atualmente.

A revista Doubt também publica as notas de Fort. de um dos nossos mais queridos mestres imaginando-o a gozar, do fundo do supermar dos Sargaços celestes, onde sem dúvida reside, este clamor do silêncio que do país de Descartes sobe até ele.

O nosso ex-embalsamador de borboletas odiava o estabelecido, o classificado, o definido. A ciência isola os fenômenos e as coisas para os observar. O grande pensamento de Charles Fort é que nada é isolável. Toda a coisa isolada deixa de existir. Uma borboleta sulca um goivo: é uma borboleta mais o suco de goivo; é um goivo menos um apetite de borboleta. Toda a definição de uma coisa em si é um

atentado contra a realidade. Entre as tribos consideradas selvagens, os pobres de espírito são rodeados de respeitosas atenções. Reconhecem geralmente a definição de uma coisa em termos próprios como um sinal de fraqueza de espírito. Todos os sábios iniciam os seus trabalhos por este gênero de definição, e entre as nossas tribos os sábios são rodeados de respeitosas atenções.

Eis Charles Hoy Fort, amador do insólito, escriba dos milagres, empenhado numa formidável reflexão sobre a reflexão. Pois é à estrutura mental do homem civilizado que ele se agarra. Já não concorda com o motor a dois tempos que alimenta o raciocínio moderno. Dois tempos: o sim e o não, o positivo e o negativo. O conhecimento e a inteligência modernas assentam sobre este funcionamento binário: exato, falso, aberto, fechado, vivo, morto, líquido, sólido, etc. O que Fort reclama contra Descartes é uma concepção do geral a partir da qual o particular poderia ser definido nas suas relações com ele, e cada coisa reconhecida como intermediária de outra. O que ele reclama é uma nova estrutura mental, capaz de reconhecer como reais os estados intermediários entre o sim e o não, o positivo e o negativo. Quer dizer, um raciocínio superior ao binário. De certa maneira, um terceiro olho da inteligência. Para exprimir a visão deste terceiro olho, a linguagem, que é um produto do binário (uma conjura, uma limitação organizada), não é suficiente. Portanto Fort precisa de utilizar adjetivos com duplo sentido nos epítetos bicéfalos real-irreal, imaterial-material, solúvel-insolúvel. Um dos nossos amigos, num dia em que Bergier e eu almoçamos com ele, inventara com a maior minúcia um grave professor austríaco, filho do dono de um hotel de Madeburgo chamado Dos Dois Hemisférios, com o apelido de Kreyssler. Herr professor Kreyssler, de quem nos falou demoradamente, dedicara uma obra gigantesca à refundição da linguagem ocidental.

O nosso amigo ambicionava publicar numa revista séria um estudo sobre o verbalismo de Kreyssler, o que teria sido uma mistificação muito útil. Portanto, Kreyssler tentara pôr em liberdade as estruturas da linguagem, a fim de que esta se enriquecesse finalmente com os estados intermédios desprezados pela nossa atual estrutura mental. Tomemos um exemplo. O atraso e o avanço. Como poderia eu definir o atraso sobre o avanço que desejava tomar? Não há palavra para isso. Kreyssler propunha atraso. E o avanço sobre o atraso que tinha. O atraso. Não se trata aqui senão de caracteres intermediários do tempo. Penetremos nos estados psicológicos. O amor e o ódio. Se amo covardemente, amando-me a mim próprio através do outro, desta forma encaminhando-me para o ódio, tratar-se-á de amor? É apenas amódio. Se odeio o meu inimigo, sem no entanto perder o fio da unidade de todos os seres, cumprindo o meu dever de inimigo mas conciliando ódio e amor, não se trata de ódio, mas de ódimor. Passemos aos caracteres intermédios fundamentais. O que é morrer e o que é viver? Tantos estados intermédios que recusamos ver! Há viver, que não é viver, que é apenas evitar a morte. Há viver realmente, a despeito de ser obrigado a morrer, que é viver. Observai por fim os estados de consciência. Como a nossa consciência oscila entre dormir e velar! Quantas vezes a minha consciência não faz senão dormir: acreditar que vela quando se deixa dormir! Queira Deus que, sabendo-se tão pronta a adormecer, ela tente velar, e é então dorlar.

O nosso amigo acabava de ler Fort quando nos apresentou esta farsa genial: Em termos metafísicos, diz Fort, creio que tudo a que vulgarmente se chama existência, e a que eu chamo caráter intermédio, é uma quase-existência, nem real, nem irreal, mas a expressão de uma tentativa para atingir o real ou uma existência real. Esta empresa não tem precedentes nos tempos modernos. Anuncia a grande transformação da

estrutura do espírito que as descobertas de certas realidades físico-matemáticas atualmente exigem. Ao nível da partícula, por exemplo, o tempo circula simultaneamente nos dois sentidos. Há equações a um tempo verdadeiras e falsas. A luz é simultaneamente contínua e irregular.

Aquilo a que se chama Ser é o movimento: nem todo o movimento é a expressão de um equilíbrio, mas de uma tentativa de equilíbrio ou do equilíbrio ainda não atingido. E o simples fato de ser manifesta-se no caráter intermediário entre equilíbrio e desequilíbrio. Isto data de 1919 e lembra as reflexões contemporâneas de um físico biologista como Jacques Ménétrier sobre a inversão da entropia. Todos os fenômenos, no nosso estado intermédio ou quase-estado, representam uma tentativa para a organização, a harmonização, a individualização, quer dizer, uma tentativa para atingir a realidade. Mas toda a tentativa é levada a uma situação crítica pela continuidade, ou pelas forças exteriores, pelos fatos excluídos, contíguos aos inclusos. Isto antecipa uma das operações mais abstratas da física quântica: a normalização das funções, operação que consiste em estabelecer a função que descreve um objeto físico de tal forma que haja uma possibilidade de reencontrar esse objeto no Universo inteiro.

Concebo todas as coisas como ocupando gradações, etapas seriais entre a realidade e a irrealidade. É a razão por que, para Fort, pouca importância tem apoderar-se deste ou daquele fato para começar a descrever a totalidade. E por que motivo escolher um fato tranqüilizador para a razão, em vez de um fato perturbante? Por que motivo excluir? Para calcular um círculo, pode começar-se não importa onde. Ele assinala, por exemplo, a existência de objetos voadores a partir dos quais se pode começar a apreender a totalidade. Mas, diz ele logo em seguida, uma tempestade de pervincas teria a mesma utilidade.

Não sou um realista. Não sou um idealista. Sou um intermediarista. Se nos opomos à raiz da compreensão, à própria base do espírito, como nos poderemos fazer compreender?

Por uma aparente excentricidade que é a linguagem-choque do gênio verdadeiramente centralista: procura as suas imagens tanto mais longe quanto está certo de as reconduzir ao ponto fixo e profundo da sua meditação. De certo modo, o nosso camarada Charles Hoy Fort procede à maneira de Rabelais. Faz um alarido de humorismo e de imagens capaz de acordar os mortos.

Coleciono notas sobre todos os assuntos dotados de qualquer diversidade, como seja os desvios da concentricidade na cratera lunar Copérnico, a súbita aparição de Britânicos cor de púrpura, os meteoros estacionários, ou o súbito nascimento de cabelos sobre a cabeça calva de uma múmia. No entanto, o meu maior interesse não tem como objeto os fatos, mas as relações entre os fatos. Meditei muito a respeito das supostas relações a que chamamos coincidências. E se não houvesse coincidências?

Outrora, quando eu era um doidivanas especialmente perverso, condenavam-me a trabalhar ao sábado na loja paterna, onde era obrigado a raspar as etiquetas das latas de conservas concorrentes para nelas colar as dos meus pais. Um dia em que dispunha de uma autêntica pirâmide de conservas de frutos e de legumes, só me restavam etiquetas de pêssegos. Colei-as sobre as latas de pêssegos, até que cheguei às de damascos.

E pensei: os damascos não serão pêssegos? Nessa altura comecei, por brincadeira ou

cientificamente, a colar as minhas etiquetas de pêssegos sobre as latas de ameixas, de cerejas, de feijões e de ervilhas. Por que motivo? Ignorava-o então, pois ainda não decidira se era um sábio ou um humorista.

Surge uma nova estrela; até que ponto ela se diferencia de certas gotas de origem desconhecida que acabam de ser descobertas sobre um algodoeiro do Oklahoma?

Tenho neste momento um espécime de borboleta particularmente ruidoso: uma esfinge com cabeça de morto. Guincha como um rato e o som parece-me vocal. Dizem da borboleta Kalima, por ela se assemelhar a uma folha seca, que imita a folha seca. Mas a esfinge com cabeça de morto será que imita as ossadas?

Se não existem diferenças positivas, não é possível definir seja o que for como positivamente diferente de outra coisa. O que é uma casa? Uma granja é uma casa, contanto que lá viva alguém. Mas se a residência constitui a essência de uma casa, mais do que o estilo da arquitetura, então um ninho de ave é uma casa. A ocupação humana não estabelece o critério, visto que os cães têm a sua casa; nem a matéria, visto que os esquimós têm casas de neve. E duas coisas tão positivamente diferentes como a Casa Branca de Washington e a concha de um caranguejo ermita revelam-se contíguas.

Ilhas de coral branco sobre um mar de um azul-escuro.

A sua aparência de distinção, a sua aparência de individualidade ou a diferença positiva que os separa não são mais do que a projeção do mesmo fundo oceânico: a diferença entre terra e mar não é positiva. Em toda a porção de água há um pouco de terra, em toda a porção de terra há um pouco de água. De forma que todas as aparências são enganadoras. Visto que fazem parte de um espectro comum. Um pé de mesa não tem nada de positivo, não passa de uma projeção de qualquer coisa.

E nenhum de nós é um ser, visto que fisicamente somos contíguos daquilo que nos cerca, visto que psiquicamente nada nos acontece que não seja a expressão das nossas relações com tudo o que nos cerca.

A minha disposição é a seguinte: todas as coisas que parecem possuir uma identidade individual não passam de ilhas, projeção de um continente submarino, e não possuem contornos reais.

Como beleza, designarei o que parece completo. O incompleto ou o mutilado é totalmente feio. A Vênus de Milo. Uma criança achá-la-ia feia. Se um espírito puro a imagina completa, tornar-se-á bela. Uma mão concebida sob o ponto de vista de uma mão pode parecer bela. Abandonada sobre um campo de batalha, já o não é. Mas tudo o que nos cerca é uma parte de qualquer coisa, e esta parte de outra: neste mundo não há nada belo, só as aparências são intermediárias entre a beleza e a fealdade. Só a universalidade é completa, só o completo é belo.

O profundo pensamento do nosso mestre Fort é portanto a unidade subjacente de todas as coisas e de todos os fenômenos. Ora o pensamento civilizado do passado século XIX coloca parêntesis um pouco por toda a parte, e a nossa forma de raciocínio binária, só encara a dualidade. Eis o louco-sensato do Bronx em revolta contra a Ciência exclusivista do seu tempo, e também contra a própria estrutura da nossa inteligência. Parece-lhe necessária outra forma de inteligência: uma inteligência de

certa maneira mística, excitada em presença da totalidade. A partir do que ele sugere outros métodos de conhecimento. 176

Para nos preparar para isso, realiza cortes, fendas nos nossos hábitos de pensamento. Atirar-vos-ei às portas que abrem para outra coisa.

No entanto, Fort não é um idealista. Ele insurge-se contra a nossa falta de realismo: recusamos o real quando é fantástico. Fort não prega uma nova religião. Antes pelo contrário, apressa-se a erguer uma barreira em volta da sua doutrina para impedir que os espíritos fracos ali entrem. Que tudo esteja em tudo, que o Universo esteja contido num grão de areia, é a sua teoria. Mas esta certeza metafísica só pode brilhar no mais alto nível da reflexão.

Não pode descer até a um ocultismo primário sem se tornar ridícula. Não poderia permitir os delírios do pensamento analógico, tão do agrado dos esoteristas duvidosos que constantemente explicam um fato com outro fato: a Bíblia pelos números, a última guerra pela Grande Pirâmide, a Revolução pela cartomancia, o meu futuro pelos astros que em tudo vêem sinais a respeito de tudo. Provavelmente existe uma relação entre uma rosa e um hipopótamo, no entanto nunca passará pela cabeça de um jovem a idéia de oferecer à noiva um ramo de hipopótamos.

Mark Twain, ao denunciar o mesmo vício de pensamento, declarava com certa graça que A Canção da Primavera pode ser explicada pelas Tábuas da Lei, visto que Moisés e Mendelssohn são nomes idênticos: basta substituir Moisés por Mendelssohn. E Charles Fort volta à carga com a seguinte caricatura: Pode identificar-se um elefante a um girassol: ambos possuem uma comprida haste. Não é possível distinguir um camelo de um amendoim, se só tivermos em conta as bossas.

Tal é o homenzinho, sólido e alegremente sabedor. Vejamos agora o seu pensamento adquirir uma amplidão cósmica.

E se a própria Terra não fosse real sob esse ponto de vista? Se não passasse de qualquer coisa intermédia no cosmos? Talvez a Terra não seja de forma alguma independente, e a vida sobre a Terra talvez não seja de forma alguma independente de outras vidas, de outras existências nos espaços.

Quarenta mil notas sobre toda a espécie de chuvas que tem caído sobre a Terra há muito que levaram Charles Fort a admitir a hipótese de que a maior parte delas não são de origem terrestre. Proponho que se admita a idéia de que há, para além do nosso mundo, outros continentes dos quais caem objetos, da mesma forma que os destroços da América vêm ter à Europa. Digamo-lo imediatamente: Fort não é um ingênuo. Ele não acredita em tudo. Apenas se insurge contra o hábito de negar a priori. Não aponta com o dedo as verdades: desfere golpes ara demolir o edifício científico da sua época, constituído por verdades tão parciais que dir-se-iam erros. Ri? É que não compreendemos por que motivo o esforço humano em relação ao conhecimento não poderia por vezes ser entrecortado pelo riso, que é igualmente humano. Inventa? Sonha? Rabelais cósmico? Ele concorda. Este livro é uma ficção, como As Viagens de Gulliver, a Origem das Espécies e, aliás, a Bíblia.

Chuvas e neves pretas, flocos de neve negra como azeviche. Escórias de fundição tombam do céu sobre o mar da Escócia. São encontradas em tal quantidade que o produto poderia representar o rendimento global de todas as fundições do

Mundo. Penso numa ilha vizinha de um trajeto comercial transoceânico. Ela poderia receber várias vezes por ano detritos provenientes de navios de passagem. Porque não destroços ou resíduos de navios interestelares?

Chuvas de substância, de matéria gelatinosa, acompanhadas de um forte odor de podridão. Admitir-se-á que nos espaços infinitos flutuam vastas regiões viscosas e gelatinosas? Tratar-se-ia de carregamentos alimentares depositados no céu pelos Grandes Viajantes de outros mundos? Tenho a impressão de que por cima das nossas cabeças uma região estacionária, na qual as forças de gravidade da Terra, bem como as meteorológicas, são relativamente inertes, recebe do exterior produtos análogos aos nossos.

Chuvas de animais vivos: peixes, rãs, cágados. Vindos de algures? Nesse caso, os seres humanos é provável que também tenham vindo ancestralmente de algures. . . A menos que se trate de animais arrancados à Terra devido a furacões, a trombas, e depositados numa região do espaço sem gravitação, espécie de câmara fria onde se conservam indefinidamente os produtos desses raptos. Arrancados à Terra e tendo ultrapassado a porta que dá para o além, reunidos num supermar dos Sargaços do céu.

Os objetos revolvidos pelos furacões podem ter atingido uma zona de suspensão situada por cima da Terra, flutuar um ao lado do outro durante muito tempo, e por fim cair.. . Aqui estão os dados, fazei deles o que vos aprouver.. . Para onde vão as trombas, de que são elas feitas? . . .  Um supermar dos Sargaços: destroços, detritos, velhos carregamentos dos naufrágios interplanetários, objetos atirados para aquilo a que se chama espaço, devido às convulsões dos planetas vizinhos, relíquias do tempo dos Alexandres, dos Césares e dos Napoleões de Marte, Júpiter e Netuno.

Objetos revolvidos pelos nossos ciclones: granjas e cavalos, elefantes, moscas, pterodáctilos, moas, folhas de árvores recentes ou da idade carbonífera, tudo isto com tendência a desintegrar-se em lamas ou em poeiras homogêneas, vermelhas, negras ou amarelas, tesouros para paleontologistas ou arqueólogos, acumulações de séculos, furacões do Egito, da Grécia, da Assíria.. .

Os raios provocam a queda de pedras. Os camponeses acreditaram nas meteoritos, a Ciência excluiu-as. Os camponeses acreditam nas pedras de raio, a Ciência exclui-as. É inútil sublinhar que os camponeses percorrem os campos, enquanto os sábios se encerram nos seus laboratórios e nas salas de conferência. Pedras de raio facetadas. Pedras cheias de marcas, de sinais.

E se outros mundos tentassem desta forma, e de outras, comunicar conosco, ou pelo menos com alguns de nós? Com uma seita, talvez uma sociedade secreta, ou certos habitantes muito esotéricos desta terra?  Há milhares e milhares de testemunhos dessas tentativas de comunicação. A minha prolongada experiência da supressão e da indiferença faz-me pensar, mesmo antes de entrar no assunto, que os astrônomos viram esses mundos, que os meteorólogos, os sábios, os observadores especializados os vislumbraram diversas vezes. Mas que o Sistema excluiu todos esses dados.

Lembremos uma vez mais que isto foi escrito por volta de 1910.Atualmente,Russos e Americanos constroem laboratórios para estudo dos sinais que nos poderiam ser transmitidos de outros mundos.

E não teremos sido visitados num passado longínquo? E se a paleontologia fosse

falsa? E se as grandes ossaturas descobertas pelos sábios exclusionistas do século XIX tivessem sido arbitrariamente reunidas? Restos de seres gigantescos,visitantes ocasionais do nosso planeta? No fundo,quem nos obriga a acreditar na fauna pré-humana de que nos falam os paleontologistas que não sabem mais do que nós? Seja qual for a minha natureza otimista e crédula cada vez que visito o Museu Americano da História Natural o cinismo apodera-se de mim na secção dos Fósseis. Ossaturas gigantescas, reconstruídas de maneira a formarem dinossauros verossímeis.No andar de cima há uma reconstituição do Dodô.É pura ficção como tal apresentada. Mas edificada com tal amor,tal ânsia de convencer.. . Se já fomos visitados,qual o motivo por que deixamos de o ser?

Pressinto uma resposta simples e imediatamente aceitável: Se o pudéssemos fazer,educaríamos e civilizaríamos porcos, patos e vacas? Atrever-nos-íamos a estabelecer relações diplomáticas com a galinha, que funciona para nos satisfazer com o seu sentido absoluto de aperfeiçoamento?

Creio que somos bens imobiliários,acessórios,gado. Creio que fazemos parte de qualquer coisa.Que outrora a Terra era uma espécie de no man's land que outros mundos exploraram, colonizaram e disputaram entre si.

Atualmente, há qualquer coisa que possui a Terra e dela afastou todos os colonos.Nada nos apareceu vindo de algures, tão abertamente como um Cristóvão Colombo desembarcando em S. Salvador ou Hudson subindo o rio que tem o seu nome. Mas, quanto às visitas sub-reptícias feitas ao planeta, muito recentemente ainda, quanto aos viajantes emissários vindos talvez de outro mundo e que mostram o maior interesse em nos evitar, teremos disso provas convincentes.

Ao empreender esta tarefa, serei por minha vez obrigado a pôr de parte certos aspectos da realidade. Parece-me difícil, por exemplo, englobar num único volume todas as maneiras possíveis de se servir da humanidade numa forma diferente de existência, ou mesmo justificar a ilusão lisonjeira que pretende que somos úteis a qualquer coisa. Os porcos, os patos e as vacas devem antes de mais descobrir que os possuímos, depois preocupar-se em saber por que motivo os possuímos.

Talvez nós sejamos utilizáveis, talvez se tenha operado uma coordenação entre diversas partes: qualquer coisa tem sobre nós direito legal pela força, depois de ter pago para obter o equivalente das quinquilharias que lhe reclamava o nosso proprietário precedente, mais primitivo. E essa transação é conhecida desde há vários séculos por alguns de nós, cabecilhas de um culto ou de uma ordem secreta cujos membros, como escravos de primeira classe, nos dirigem segundo as instruções recebidas, e nos encaminham para a nossa misteriosa função.

Outrora, muito antes que a posse legal ficasse estabelecida, habitantes de uma imensidade de Universos aterraram sobre a Terra, por ela deambularam, voaram, navegaram a todo o pano, arrastados, empurrados para as nossas costas, isoladamente ou em grupos, visitando-nos ocasional ou periodicamente, por razões de caça, de permuta ou de sondagem, talvez para rechearem os seus haréns. Fundaram as suas colônias, perderam-se ou tiveram de partir. Povos civilizados ou primitivos, seres ou coisas, formas brancas, negras ou amarelas.

Nós não estamos sós, a Terra não está só, somos todos insetos e ratos, e apenas expressões diferentes de um enorme queijo universal do qual apercebemos vagamente

as fermentações e o cheiro. Há outros mundos atrás do nosso, outras vidas para além daquilo a que chamamos vida. Abolir os parêntesis do exclusionismo para dar acesso às hipóteses da Unidade fantástica.

E paciência se nos enganamos, se desenhamos, por exemplo, um mapa da América sobre o qual o Hudson se dirige diretamente à Sibéria: o essencial, neste momento de renascimento do espírito e dos métodos de conhecimento, é que tenhamos a firme convicção de que os mapas devem ser refeitos, que o Mundo não é aquilo que pensávamos que fosse, e que nós próprios nos devemos transformar, no seio da nossa própria consciência, em qualquer coisa de diferente do que éramos.

Outros mundos comunicam com a Terra. Há provas disso. As que julgamos ver talvez não sejam as autênticas. Mas existem. As marcas de ventosas sobre as montanhas: serão provas? Ignoramo-lo. Mas despertarão o nosso espírito para que encontre outras melhores. Essas marcas parecem-me simbolizar a comunicação. Mas não meios de comunicação entre habitantes da Terra.

Tenho a impressão de que uma força exterior cobriu de símbolos os rochedos da Terra, e isto de muito longe. Não creio que as marcas de ventosas sejam comunicações inscritas entre diversos habitantes da Terra, pois parece inaceitável que os habitantes da China, da Escócia e da América tenham todos concebido o mesmo sistema. As marcas de ventosas são uma série de impressões sobre a rocha que obrigam irresistivelmente a pensar em ventosas. Por vezes são rodeadas por um círculo, outras por um simples semicírculo.

Encontram-se mais ou menos por toda a parte, em Inglaterra, em França, na América, na Argélia, no Cáucaso e na Palestina, por toda a parte exceto talvez no Grande Norte. Na China, as falésias estão cheias dessas marcas. Sobre uma falésia próxima do lago de Como existe um labirinto dessas marcas. Na Itália, em Espanha e nas Índias encontram-se em quantidade inacreditável. Suponhamos que uma força, digamos análoga à energia elétrica, possa de longe marcar os rochedos da mesma forma que o selênio pode, a centenas de quilômetros, ser marcado pelos telefotógrafos, mas eu sou o homem de dois espíritos.

Exploradores perdidos vindos de qualquer parte. De qualquer outro sítio tentam comunicar com eles, e um frenesi de mensagens chove em catadupa sobre a Terra, na esperança de que algumas delas marquem as montanhas, perto dos exploradores perdidos. Ou ainda, em qualquer parte sobre a Terra, há uma superfície rochosa de um gênero muito especial, um receptor, uma construção polar, ou uma colina abrupta e cônica sobre a qual há séculos que se inscrevem as mensagens de outro mundo. Mas, por vezes, essas mensagens perdem-se e marcam superfícies situadas a milhares de quilômetros do receptor. Talvez as forças dissimuladas atrás da história da Terra tenham deixado sobre os rochedos da Palestina, da Inglaterra, da China e das Índias arquivos que um dia serão decifrados, ou instruções mal dirigidas destinadas a ordens esotéricas, aos franco-maçons e aos jesuítas do espaço.

Nenhuma imagem será louca demais, nenhuma hipótese será excessiva: aríetes para arrombar a fortaleza. Há engenhos voadores, há exploradores no espaço. E se eles apanhassem, à passagem, para os examinar, alguns organismos vivos deste mundo? Creio que nos pescam. Será que somos muito apreciados pelos feitores das esferas superiores? Sinto-me encantado por supor que, afinal de contas, posso ser útil a qualquer coisa. Estou certo de que flutuaram diversas redes na nossa atmosfera, e que

foram identificadas a trombas ou a furacões. Creio que nos pescam, mas apenas o menciono de passagem.. .

Eis atingidas as profundezas do inadmissível, murmura com tranqüila satisfação o nosso amável precursor Charles Hoy Fort. Retira a sua viseira verde, esfrega os olhos cansados, alisa o bigode de foca, e vai à cozinha ver se a sua boa esposa, Ana, ao cozer os feijões do jantar, não corre o risco de lançar fogo à barraca, aos cartões, às fichas, ao museu da coincidência, ao conservatório do improvável, ao salão dos artistas celestes, ao gabinete dos objetos caídos, a essa biblioteca dos outros mundos, a essa catedral de Santo-Algures (Universo pressentido, onde o fantástico se torna provável), ao cintilante, fabuloso trajo de Loucura que usa a Sabedoria.

Ana, minha boa amiga, é melhor que apague o seu fogão. Bom apetite, Senhor Fort!

## II

**Uma hipótese para a fogueira. - Onde o eclesiástico e o biologista fazem o papel de cômicos. - Pede-se um Copérnico da antropologia. - Muitos espaços brancos sobre todos os mapas. - O doutor Fortune não é curioso. - O mistério da platina derretida. - Barbantes que são livros. - A árvore e o telefone. - Um relativismo cultural. - E agora, uma boa historieta!**

Ação militante para a maior amplidão de espírito possível, iniciação à consciência cósmica, a obra de Charles Fort vai inspirar diretamente o maior poeta dos universos paralelos, H. P. Lovecraft, pai daquilo a que se chama geralmente ficção científica e que nos parece, na realidade, ao nível das dez ou quinze obras-primas do gênero, como a Ilíada e a Odisséia da civilização em marcha. Em certa medida, o espírito de Charles Fort inspira igualmente o nosso trabalho. Nós não acreditamos em tudo. Mas acreditamos que tudo deve ser examinado. Por vezes é a observação dos fatos duvidosos que dá aos fatos verdadeiros a sua mais ampla expressão. Não é pela prática da omissão que se atinge o todo. Como Fort, esforçamo-nos por rever um certo número de omissões, e aceitamos o risco de passar por anormais. Ficará para outros o cuidado de descobrir boas pistas na nossa floresta virgem.

Fort estudava tudo o que, aparentemente, caíra do céu.

Nós estudamos todos os vestígios, prováveis ou menos prováveis, que algumas civilizações desaparecidas possam ter deixado sobre a Terra. Sem excluir a menor hipótese: civilização atômica bem anterior ao que chamamos a pré-história, ensinamento vindo dos habitantes de Algures, etc. Dado que o estudo científico do passado longínquo da humanidade foi iniciado há pouco e nele reina a maior confusão, estas hipóteses não são mais loucas nem têm menos fundamento do que as hipóteses vulgarmente aceites. O importante, para nós, é dar ao assunto o máximo de amplidão.

Não vamos apresentar ao leitor uma tese sobre as civilizações desaparecidas. Vamos simplesmente propor-lhe que encare o problema segundo um novo método: não inquisitorial. Segundo o método clássico, há duas espécies de fatos: os escandalosos e os outros. Por exemplo, as descrições de engenhos voadores em textos sagrados muito antigos, a prática de poderes parapsicológicos entre os primitivos, ou a presença de níquel em moedas datando de 235 antes de Jesus Cristo' são fatos escandalosos. Excluídos. Proibição de os examinar. E há duas espécies de hipóteses: as incômodas e as outras. Os frescos descobertos na gruta de Tassili, no Saara, representam, entre

outras personagens de capacetes com longos cornos, dos quais saem fusos desenhados por meio de milhares de pontos minúsculos.

Dizem que se trata, possivelmente, de grãos de trigo, testemunhos de uma civilização pastoral. De acordo, mas não há disso prova alguma. E se se tratasse da representação de campos magnéticos? Horror! Pavorosa hipótese! Bruxaria! Loucura! Para a fogueira! Afinal, o método clássico, a que chamamos inquisitorial, dá resultados como este:

Um eclesiástico indiano, o reverendo Pravananavanda, e um biologista americano, o doutor Strauss, da John Hopkins University, acabam de identificar o abominável homem das neves. Seria pura e simplesmente o urso pardo do Himalaia. Nenhum dos dois estimáveis sábios viu o animal. Mas, declaram eles, a nossa hipótese, visto ser a única que não é fantástica, deve ser a autêntica. Portanto, ir-se-ia contra o espírito científico prosseguindo pesquisas supérfluas. Glória ao reverendo e ao doutor! Resta apenas comunicar ao Yéti que ele é o urso pardo do Himalaia.

O nosso método, de acordo com a nossa época (comparável, em vários pontos, com o Renascimento), apóia-se sobre o princípio da tolerância. Fora a inquisição. Recusamo-nos a excluir fatos e a desprezar hipóteses. Escolher lentilhas é uma ação útil: as pedras são impróprias para consumo. Mas nada prova que certas hipóteses excluídas e certos fatos escandalosos não sejam nutritivos. Nós não trabalhamos para os débeis, os alérgicos, mas para todos aqueles que têm, como se costuma dizer, bom estômago.

Estamos persuadidos de que existem no estudo das antigas civilizações inúmeras negações da evidência, exclusões a priori, execuções inquisitoriais. As ciências humanas progrediram menos do que as ciências físicas e químicas, e o espírito positivista do século XIX ainda reina ali, como senhor tanto mais exigente quanto pressente que a morte se aproxima.

A antropologia está à espera do seu Copérnico: Antes de Copérnico, a Terra era o centro do Universo. Para o antropologista clássico, a nossa civilização é o centro de todo o pensamento humano, no espaço e no tempo. Lamentemos o pobre primitivo, encerrado nas trevas da mentalidade pré-lógica. Quinhentos anos nos separam da Idade Média e mal principiamos a libertar essa época da acusação de obscurantismo. O século de Luís XV prepara a Europa moderna, e foram necessários os recentes trabalhos de Pierre Gaxotte para que esse século deixasse de ser considerado como uma barreira de egoísmo erguida contra o movimento da história. A nossa civilização como qualquer outra, é uma conspiração.

O Ramo de Ouro, de sir James Frazer, é uma volumosa, obra revestida de autoridade. Ali se encontram reunidos os folclores de todos os países. Nem por instantes passa pela cabeça de sir Frazer que se poderia tratar de qualquer outra coisa além de comoventes superstições ou costumes pitorescos. Os selvagens atingidos por doenças contagiosas comem o cogumelo penicillum notatun: servindo-se da magia imitativa, eles procuram aumentar as suas forças ingerindo esse símbolo fálico. Continua a ser uma superstição o emprego da digitalina. A ciência dos antibióticos, as operações sob o efeito do hipnotismo, a obtenção da chuva artificial por meio da dispersão de sais de prata, por exemplo, deveriam ser suficientes para que certas práticas primitivas fossem retiradas da rubrica ingenuidades.

Sir Frazer, profundamente convencido de fazer parte da única civilização digna desse

nome, recusa-se a admitir que possam existir, entre os inferiores, técnicas autênticas, mas de uma espécie diferente das nossas, e o seu Ramo de Ouro assemelha-se a esses mapas elaborados por iluminadores que apenas conheciam o Mediterrâneo: cobriam os espaços brancos com desenhos e inscrições, aqui o País dos Dragões, aqui a Ilha dos Centauros... Aliás, não é verdade que o século XIX se apressa, em todos os domínios, a camuflar todos os espaços em branco de todos os mapas? E mesmo nos mapas geográficos? Existe no Brasil, entre o rio Tapajós e o rio Xingu, uma terra desconhecida, vasta como a Bélgica. Também nenhum explorador se aproximou jamais de El Yafri, a cidade interdita da Arábia. Um dia, em 1943, na Nova Guiné, desapareceu sem deixar rasto uma divisão japonesa armada. E se as duas potências que entre si dividem o mundo chegarem a um acordo, o verdadeiro mapa do planeta reservar-nos-á algumas surpresas. Depois da bomba H, os militares procedem em segredo ao recenseamento das cavernas: extraordinário labirinto subterrâneo na Suécia, subsolo da Virgínia e da Checoslováquia, lago oculto sob as Baleares... Espaços em branco sobre o mundo dos homens. Nós não sabemos tudo a respeito dos poderes do homem, dos recursos da sua inteligência e do seu psiquismo, e inventamos ilhas de Centauros e países de Dragões: mentalidade pré-lógica, superstição, folclore, magia imitativa.

Hipótese: existiram civilizações que podem ter ido muitíssimo mais longe do que nós na exploração dos poderes parapsicológicos.

Resposta: não existem poderes parapsicológicos.

Lavoisier provara que não havia meteoritos declarando: Não podem cair pedras do céu, visto que não há pedras no céu. Simon Newcomb provara que os aviões não poderiam voar, visto que é impossível uma aeronave mais pesada do que o ar. O doutor Fortune vai para a Nova Guiné para estudar os Dobus. É um povo de mágicos, mas têm a particularidade de acreditar que as suas técnicas mágicas são válidas em toda a parte e para todos. Quando o doutor Fortune parte, um indígena oferece-lhe um feitiço que permite tornar-se invisível aos olhos dos outros. Servi-me dele para roubar carne de porco em pleno dia. Siga à risca as minhas recomendações, e poderá fanar tudo o que quiser nas lojas de Sidney. - Evidentemente, diz o doutor Fortune, nunca tentei. Lembrai-vos do nosso amigo Charles Fort: Na topografia da inteligência poder-se-ia definir o conhecimento como a ignorância rodeada de risos.

No entanto, está prestes a aparecer uma nova escola de antropologia, e Lévi-Strauss não hesita em provocar indignação declarando que provavelmente os Negritos são mais fortes do que nós em matéria de psicoterapia. Pioneiro desta nova escola o americano William Seabrook, após a primeira guerra mundial, partiu para o Haiti para estudar o culto do Taudou. Não para o ver do exterior, mas para viver essa magia, entrar sem precaução nesse outro mundo. Paul Morand descreve-o magnificamente:

Seabrook talvez seja o único branco da nossa época que recebeu o batismo de sangue. Recebeu-o sem cepticismo nem fanatismo. A sua atitude em relação ao mistério é a de um homem de hoje. A ciência dos últimos dez anos levou-nos à beira do infinito: ali tudo pode vir a acontecer, viagens interplanetárias, descoberta da quarta dimensão, T.S.F com Deus. É preciso reconhecer esta nossa superioridade em relação aos nossos pais: daqui em diante estamos prontos para tudo, somos menos crédulos e mais crentes. Quanto mais remontamos às origens do Mundo, quanto mais analisamos os primitivos, mais verificamos que os seus segredos tradicionais coincidem com as nossas atuais investigações. Só há pouco tempo é que a Via Láctea é considerada geradora dos

mundos estelares: ora os astecas afirmaram-no e não foram acreditados. Os selvagens conservaram o que a ciência redescobre. Eles acreditaram na unidade da matéria muito antes que o átomo de hidrogênio tenha sido isolado. Eles acreditaram na árvore-homem, no ferro-homem muito antes de sir J. C. Bose ter medido a sensibilidade dos vegetais, e envenenado metal com veneno de cobra. A fé humana, diz Huxley nos Ensaios de um Biologista, desenvolveu-se do Espírito para os espíritos, depois dos espíritos para os deuses e dos deuses para Deus. Poderia acrescentar-se que de Deus regressamos ao Espírito.

Mas para descobrir que os segredos tradicionais dos primitivos coincidem com as nossas atuais investigações, seria necessário que se estabelecesse uma circulação entre a antropologia e as ciências físicas, químicas e matemáticas recentes. O simples viajante curioso, inteligente e de formação histórico-literária, corre o risco de passar ao lado das mais importantes observações. Até agora a exploração não foi mais do que uma parte da literatura, um luxo da atividade subjetiva. Quando for mais qualquer coisa, talvez nos venhamos a aperceber da existência, há milhares de séculos, de civilizações dotadas de equipamentos técnicos tão consideráveis como os nossos, embora diferentes.

J. Alden Mason, antropologista eminente e muito oficial, afirma, com referências devidamente controladas, que foram descobertos sobre o planalto peruano ornamentos de platina fundida. Ora a platina derrete a 1730 graus, e para a trabalhar é necessária uma tecnologia comparável à nossa. O professor Mason compreende a dificuldade: supõe portanto que esses ornamentos foram fabricados a partir de pó calcinado, e não fundidos. Semelhante suposição prova uma verdadeira ignorância da metalurgia. Dez minutos de pesquisas no Tratado dos Pós Calcinados, de Schwartzkopf, ter-lhe-iam demonstrado que a hipótese era inadmissível. Porque não consultar os especialistas das outras disciplinas? Todo o processo da antropologia lá está. Com a mesma inocência, o professor Mason assegura que se encontra na mais longínqua civilização do Peru a soldadura dos metais à base de resina e de sais metálicos fundidos. O fato de que essa técnica está na base da eletrônica e acompanha tecnologias excessivamente desenvolvidas parece escapar-lhe. Pedimos desculpa de fazer alarde de conhecimentos, mas voltamos a sentir aquela necessidade da informação concomitante, tão intensamente pressentida por Charles Fort.

A despeito da sua atitude muito prudente, o professor John Alden Mason, Curator Emeritus do museu das Antiguidades Americanas da Universidade de Pensilvânia, na sua obra The Ancient Civilization of Peru, abre uma porta sobre o realismo fantástico quando fala dos Quipu. Os Quipu são guitas com nós muito complicados. Encontram-se entre os Incas e os pré-Incas. Tratar-se-ia de uma forma de escrita. Teriam servido para exprimir outros mistérios da história das técnicas: o método da análise espectral foi recentemente utilizado pelo Instituto de Física Aplicada da Academia das Ciências chinesa para examinar um cinto enfeitado com pequenos furos, que data de há 1600 anos e foi descoberto enterrado no meio de muitos outros objetos no túmulo do famoso general dos Tsin do Oeste, Chou Chu, contemporâneo do final do império romano (265-316 depois de J. C.). Verificou-se que o metal desse cinto era composto por oitenta e cinco por cento de alumínio, 10 por cento de cobre e 5 por cento de manganês.

Ora, embora o alumínio esteja largamente espalhado sobre a Terra, é difícil de extrair. O processo de eletrolização, que é até agora o único conhecido para extrair o alumínio da bauxita, só se desenvolveu a partir de 1808. Que os artífices chineses tenham sido

capazes de extrair alumínio de uma tal bauxita, há 1600 anos, é por conseguinte uma importante descoberta na história mundial da metalurgia. (Horizons, n.o 89, Outubro de 1958). idéias, ou grupos de idéias abstratas. Um dos melhores especialistas dos Quipu, Nordenskield, vê neles cálculos matemáticos, horóscopos, diversos métodos de previsão do futuro.

O problema é capital: podem existir outras formas de registrar o pensamento além da escrita. Vamos mais longe: o nó, base dos Quipu, é considerado pelos matemáticos modernos como um dos maiores mistérios. Ele só é possível num número ímpar de dimensões, impossível no plano e nos espaços superiores pares: 4, 6, 2 dimensões, e os topologistas só conseguiram estudar os nós mais simples. Portanto não é improvável que se encontrem inscritos nos Quipu conhecimentos que nós ainda não possuímos.

Outro exemplo: a reflexão moderna sobre a natureza do conhecimento e as estruturas do espírito poderia enriquecer-se com o estudo da linguagem dos Índios Hopi da América Central. Essa linguagem presta-se melhor do que a nossa às ciências exaltas. Não contém palavras-verbo e palavras-substantivos, mas sim palavras-acontecimentos, portanto mais intimamente aplicáveis ao contínuo espaço-tempo no qual agora sabemos que vivemos. Mais ainda, a palavra-acontecimento possui três modos: certeza, probabilidade, imaginação. Em vez de dizer: um homem atravessava a ribeira numa lancha, o Hopi empregará o conjunto homem-ribeira-canoa em três combinações diferentes conforme se tratar de um fato observado pelo narrador, contado por outrem, ou sonhado.

O homem verdadeiramente moderno, no sentido em que Paul Morand o entende e que é também o nosso, descobre que a inteligência é una, através de estruturas diferentes, como a necessidade de viver sob abrigo é una, através de mil arquiteturas. E descobre que a natureza do conhecimento é múltipla, como a própria Natureza.

Pode ser que a nossa civilização seja o resultado de um longo esforço para obter da máquina certos poderes que o homem antigo possuía: comunicar à distância, elevar-se no espaço, libertar a energia da matéria, anular o peso, etc. Pode também acontecer que no final das nossas descobertas nos venhamos a aperceber de que esses poderes são manejáveis com um equipamento tão reduzido que a palavra máquina terá outro sentido. Teremos ido, nesse caso, do espírito para a máquina, e da máquina para o espírito, e certas civilizações longínquas parecer-nos-ão muito menos afastadas.

No seu discurso de recepção na Universidade de Oxford, em 1946, Jean Cocteau conta a seguinte anedota:

O meu amigo Pobers, professor de uma cadeira de parapsicologia em Utreque, foi enviado em missão para as Antilhas a fim de estudar o papel da telepatia, correntemente usada entre os selvagens. Se desejam corresponder-se com o marido ou o filho, na cidade, as mulheres dirigem-se a uma árvore e pai ou filho respondem ao que lhes é perguntado. Um dia em que Pobers assistia a este fenômeno e perguntava à camponesa por que motivo se servia de uma árvore, a sua resposta foi surpreendente e apta a resolver todo o problema moderno dos nossos instintos atrofiados pelas máquinas, nas quais o homem delega todo o esforço. Eis a pergunta: Porque se dirige a uma árvore? E eis a resposta: Porque sou pobre. Se fosse rica, teria o telefone. Certos eletroencefalogramas de Yogis em êxtase apresentam curvas que não correspondem a nenhuma das atividades cerebrais conhecidas em estado de vigília ou de sono. Há muitos brancos com bonecos de fantasia sobre o mapa do espírito

civilizado: precognições, intuição, telepatia, gênio, etc. No dia em que a exploração destas regiões estiver realmente desenvolvida e se tiverem aberto pistas através de diversos estados de consciência ignorados pela nossa psicologia clássica, o estudo das civilizações antigas e dos povos considerados primitivos revelará talvez verdadeiras tecnologias e aspectos essenciais do conhecimento. A um centralismo cultural sucederá um relativismo que nos apresentará a história da humanidade sob uma luz nova e fantástica. O progresso não está em reforçar os parêntesis, mas em multiplicar os traços de união.

Antes de prosseguir, e para vos distrair um pouco, gostaríamos que lessem uma pequena história de que muito gostamos. É da autoria de Arthur Clarke, quanto a nós um bom filósofo. Traduzimo-la em vossa intenção. Repousemos portanto e vamos dar lugar às infantilidades explosivas!

## III

## Os nove bilhões de nomes de Deus

O doutor Wagner conseguiu reprimir-se. Era meritório. Depois disse:

- O seu pedido é um pouco desconcertante. Que eu saiba, a primeira vez que um mosteiro tibetano faz a encomenda de um computador eletrônico. Não quero ser curioso, mas estava longe de pensar que semelhante instituição pudesse necessitar desta máquina. Posso perguntar-lhe em que deseja utilizá-la?

O lama ajeitou a saia da sua túnica de seda e pousou sobre secretária a régua de calcular com a qual acabava de efetuar conversões libra-dólar.

- Com certeza. O computador eletrônico tipo 5 pode fazer, segundo diz o catálogo, todas as operações matemáticas até 10 decimais. No entanto, o que me interessa são letras, não números. Pedir-lhe-ei portanto que modifique o circuito de saída de forma que imprima letras em vez de colunas de números.

- Não compreendo muito bem. . .

- Desde que a nossa instituição foi fundada, há mais de três séculos, que nos consagramos a um determinado trabalho. É um trabalho que pode parecer-lhe estranho e peço-lhe que me escute com a maior largueza de espírito.

- De acordo.

- É simples. Tentamos organizar a lista de todos os nomes possíveis de Deus.

- Perdão?

O lama continuou imperturbavelmente:

- Temos excelentes motivos para crer que todos esses nomes incluem quando muito nove letras do nosso alfabeto.

- E ocuparam-se disso durante três séculos?

- Sim. Tínhamos calculado que precisaríamos de quinze mil anos para terminar o

trabalho.

O doutor deu um assobio de vencido, e disse um pouco atordoado:

- O.K., agora compreendo porque deseja alugar uma das nossas máquinas. Mas qual é o objetivo da operação?

Durante uma fração de segundo o lama hesitou e Wagner receou ter ofendido aquele estranho cliente que acabava de fazer a viagem Lassa-Nova Iorque com uma régua de calcular e o Catálogo da Companhia dos Contadores Eletrônicos na algibeira da sua túnica cor de açafrão.

- Chame a isto um ritual, se quiser - disse o lama -, mas é uma das bases fundamentais da nossa religião. Os nomes do Ser Supremo, como seja Deus, Júpiter, Jeová, Alá, etc., não passam de etiquetas feitas pelos homens. Certas considerações filosóficas, demasiado complexas para que as possa expor agora, deram-nos a certeza de que, entre todas as permutas e possíveis combinações das letras, se encontram os verdadeiros nomes de Deus. Ora o nosso objetivo é descobri-los e escrevê-los todos.

- Já compreendo: Começaram por A.A.A.A.A.A.A.A.A., e acabarão por chegar a Z.Z.Z.Z.Z.Z.Z.Z.Z.

- Simplesmente utilizamos o nosso alfabeto. Evidentemente que lhe há-de ser fácil modificar a máquina de escrever elétrica, de forma que ela utilize o nosso alfabeto. Mas um problema mais importante será o de preparar os circuitos especiais de forma que eliminem antecipadamente as combinações inúteis. Por exemplo, nenhuma das letras deve aparecer mais de três vezes sucessivamente.

- Três? Quer dizer duas.

- Não. Três. Mas a explicação completa exigiria imenso tempo, mesmo se o senhor compreendesse a nossa língua. Wagner disse precipitadamente:

- Claro, claro. Siga, por favor.

- Ser-lhe-á fácil adaptar o computador automático em função deste objetivo. Com um plano bem elaborado, uma máquina desse gênero pode trocar as letras umas a seguir às outras e imprimir um resultado. Desta forma, concluiu calmamente o lama, aquilo que nos levaria ainda quinze milênios estará terminado em cem dias.

O doutor Wagner sentia que ia perdendo o sentido das realidades. Através das janelas do edifício, os ruídos e as luzes de Nova Iorque perdiam a intensidade. Sentia-se transportado a um mundo diferente. Lá longe, no seu longínquo asilo montanhoso, geração após geração, os monges tibetanos há trezentos anos que elaboravam a sua lista de nomes desprovidos de sentido... Não havia então limite para a loucura dos homens? Mas o doutor Wagner não devia deixar transparecer os seus pensamentos.

O cliente tem sempre razão...

E respondeu:

- Não duvido de que possamos modificar a máquina tipo 5, de forma a imprimir listas desse gênero. A instalação e a conservação é que mais me inquietam. Aliás, não será

fácil enviá-la para o Tibet.

- Nós trataremos disso. As peças separadas têm dimensões suficientemente pequenas para serem transportadas por avião. De resto, foi esse o motivo por que escolhemos a máquina. Enviem as peças para a Índia, que nós nos encarregaremos do resto.

- Deseja contratar dois dos nossos engenheiros?

- Sim, para montarem e vigiarem a máquina durante cem dias.

- Vou mandar instruções à direção do pessoal - disse Wagner enquanto escrevia no bloco de notas. - Mas restam duas questões a resolver. .

Antes que tivesse podido terminar a frase, o lama tirou do bolso uma delgada folha de papel:

- Esta é a posição certificada da minha conta no Banco Asiático.

- Muito obrigado. Está muito bem... Mas, se me permite, a segunda questão é de tal maneira elementar que hesito em mencioná-la. Acontece muitas vezes esquecermos qualquer coisa evidente. . . Têm uma fonte de energia elétrica?

- Temos um gerador Diesel elétrico de 50 KW de potência 100 volts. Foi instalado há cinco anos e funciona bem. Facilita-nos a vida no convento. Compramo-lo sobretudo para acionar os moinhos de orações.

- Ah, sim, evidentemente, eu devia ter pensado nisso...

Do parapeito a vista era vertiginosa, mas habituamo-nos a tudo.

Tinham decorrido três meses e Jorge Hanley já não se impressionava com os seiscentos metros em vertical que separavam o mosteiro do quadriculado dos campos na planície.

Apoiado sobre pedras que o vento arredondara, o engenheiro contemplava com olhar triste as montanhas longínquas de que ignorava o nome. A operação nome de Deus, como a batizara um humorista da Companhia, era sem dúvida a pior tarefa de louco em que jamais participara.

Semana após semana, a máquina tipo 5, modificada, cobrira milhares de folhas de uma incrível algaravia. Paciente e inexorável, o computador reunira as letras do alfabeto tibetano em todas as combinações possíveis, esgotando série após série. Os monges recortavam certas palavras à saída da máquina de escrever elétrica e colavam-nas com devoção em enormes registros. Dentro de uma semana acabariam.

Hanley ignorava quais seriam os obscuros cálculos que os tinham feito chegar à conclusão de que não deviam estudar conjuntos de dez, vinte, cem, mil letras, e nem pretendia sabê-lo. Nos seus pesadelos sonhava por vezes que o grande lama decidira bruscamente complicar um pouco mais a operação e que o trabalho continuaria até ao ano 2060. Aliás, aquele estranho homenzinho parecia perfeitamente capaz de o fazer. A pesada porta de madeira soou. Chuk vinha ter com ele ao terraço. Chuk fumava, como de costume, um charuto: tornara-se popular entre os lamas distribuindo-lhes havanos. Aqueles tipos seriam completamente chalados - pensou Hanley -, mas não

eram puritanos. As freqüentes expedições à aldeia não tinham sido desprovidas de interesse. . .

- Ouve, Jorge - disse Chuk -, vamos ter aborrecimentos.

- A máquina escangalhou-se?

- Não.

Chuk sentou-se sobre o parapeito. Era espantoso, pois habitualmente receava ter vertigens:

- Acabo de descobrir o objetivo da operação.

- Mas já o sabíamos!

- Sabíamos o que os monges queriam fazer, mas não sabíamos porquê.

- Bah!, são uns loucos...

- Escuta, Jorge, o velho acaba de me explicar. Eles crêem que assim que tenham escrito todos aqueles nomes (e segundo pensam são cerca de nove bilhões), o objetivo divino será atingido. A raça humana terá realizado a tarefa para que foi criada.

- Então e depois? Esperam que nos suicidemos?

- Inútil. Quando a lista estiver terminada, Deus intervirá e será o fim.

- Quando terminarmos, será então o fim do Mundo? Chuk teve um risinho nervoso:

- Foi o que eu disse ao velho. Ele olhou-me de uma forma estranha, como um professor olha para um aluno particularmente estúpido, e disse-me: Oh, não será assim tão insignificante!... Jorge refletiu um instante.

- É um tipo que visivelmente tem idéias largas, mas, mesmo assim, que importância tem isso? Nós já sabíamos que eram uns loucos.

- Sim. Mas não vês o que pode acontecer? Se a lista fica pronta e se as trombetas do anjo Gabriel, versão tibetana, não tocam, eles podem decidir que é por nossa culpa. No fim de contas, era a nossa máquina que eles utilizavam. Não gosto disto. . .

- Estou a ver. . . - disse lentamente Jorge - mas eu já vi tanta coisa! Quando era garoto, na Luisiana, apareceu um pregador que anunciou o fim do Mundo para o próximo domingo. Houve centenas de tipos que o acreditaram. Alguns chegaram a vender as suas casas. Mas ninguém se enfureceu no domingo a seguir. As pessoas pensaram que ele apenas errara um pouco os cálculos, e muitas delas ainda o acreditam.

- Caso não te tenhas apercebido disso, faço-te notar que não estamos na Luisiana. Estamos os dois sozinhos, no meio de centenas de monges. Eu adoro-os, mas preferia estar longe quando o velho lama se aperceber de que a operação falhou.

- Há uma solução. Uma pequenina sabotagem inofensiva. O avião chega dentro de uma semana e a máquina acaba o trabalho dentro de quatro dias, à razão de 24 horas

por dia. Basta-nos começar a reparar qualquer coisa durante dois ou três dias. Se calcularmos bem, podemos estar lá em baixo, no aeroporto, quando o último nome sair da máquina.

Sete dias mais tarde, enquanto os pequenos pôneis das montanhas desciam o caminho em espiral, Hanley disse:

- Sinto um pouco de remorsos. Não fujo por medo, mas porque me faz pena. Não gostaria de ver a cara daqueles pobres homens quando a máquina parar.

- Na minha opinião - disse Chuk -, eles desconfiaram que fugimos, o que os deixou indiferentes. Agora já sabem até que ponto a máquina é automática, e que não precisa de vigilância. E supõem que não haverá nenhum depois.

Jorge voltou-se para trás e olhou.

Os edifícios do mosteiro apareciam em silhueta escura sobre o poente. De vez em quando brilhavam pequeninas luzes sob a massa sombria das muralhas, como as vigias de um navio singrando no mar. Lâmpadas elétricas colocadas sobre o circuito da máquina n.o 5.

Que aconteceria ao computador elétrico? - pensou Jorge.

- Na sua fúria e desapontamento iriam os monges destruí-lo? Ou então recomeçariam tudo?

Como se ainda lá estivesse, via o que naquele momento se passava sobre a montanha atrás das muralhas. O grande lama e os seus assistentes examinavam as folhas, enquanto alguns noviços recortavam os nomes barrocos e os colavam no enorme caderno. E tudo aquilo era feito em religioso silêncio. Só se ouviam as teclas da máquina, batendo no papel como se fosse chuva miúda. O próprio computador, que combinava milhares de letras por segundo, estava completamente silencioso... A voz de Chuk interrompeu o seu devaneio:

- Lá está ele! Que grande alegria que dá!

Semelhante a uma minúscula cruz prateada, o velho avião de transportes D.C. 3 acabava de pousar lá em baixo no pequeno aeródromo improvisado. Aquela visão dava vontade de beber um grande copo de uísque gelado. Chuk começou a cantar, mas depressa se calou. As montanhas não o encorajavam. Jorge consultou o relógio.

- Estaremos lá dentro de uma hora - disse. E acrescentou:

- Pensas que o cálculo já terminou?

Chuk não respondeu e Jorge levantou a cabeça. Viu o rosto de Chuk muito branco, voltado para o céu.

- Olha - murmurou Chuk.

Jorge, por sua vez, levantou os olhos.

Pela última vez, por cima deles, na paz das alturas, uma a uma as estrelas começavam

a extinguir-se. . .

**IV**

**Onde os autores, que não são nem muito crédulos, nem muito incrédulos, se interrogam a respeito da Grande Pirâmide. - E se existissem outras técnicas? - O exemplo hitleriano. - O império de Almançor. - Muitos fins do Mundo. - A impossível ilha de Páscoa. - A lenda do Homem Branco. - As civilizações da América. - O mistério Maia. - Da ponte de luz, à estranha planície de Nazca. - Onde os autores não passam de pobres quebradores de pedras.**

De Aristarco de Samos aos astrônomos de 1900, a humanidade levou vinte e dois séculos para calcular com uma aproximação satisfatória a distância da Terra ao Sol: 149400000 quilômetros. Teria bastado multiplicar por um bilhão a altura da pirâmide de Kéops, construída 2900 anos antes de Jesus Cristo.

Hoje sabemos que os Faraós depositaram nas pirâmides os resultados de uma ciência da qual ignoramos a origem e os métodos. Ali se volta a encontrar o número n, o cálculo exato da duração de um ano solar, do raio e do peso da Terra, a lei de precessão dos equinócios, o valor do grau de longitude, a direção real do Norte, e talvez muitos outros dados ainda por decifrar. De onde vêm estas informações? Como foram obtidas? Ou transmitidas? E, nesse caso, por quem?

Para o padre Moreux, Deus deu aos homens antigos conhecimentos científicos. Eis-nos em plena imaginação. Escuta, ó meu filho: o número 3, 14116 permitir-te-á calcular a superfície de um círculo! Para Piazzi Smyth, Deus ditou estas informações a Egípcios demasiado ímpios e ignorantes para poderem compreender aquilo que inscreviam na pedra. E por que motivo Deus, que tudo sabe, se teria tão estrondosamente enganado sobre a qualidade dos seus alunos? Para os egiptólogos positivistas, as mensurações efetuadas em Gizé foram falseadas por investigadores iludidos pela sua ânsia de maravilhoso: nenhuma ciência está inscrita. Mas a discussão vacila entre as decimais, e nem por isso a construção das pirâmides deixa de ser o testemunho de uma técnica que para nós continua a ser totalmente incompreensível. Gizé é uma montanha artificial de 6 500 000 toneladas.

Tem blocos de doze toneladas ajustados com uma precisão de meio milímetro. A idéia mais banal é a que geralmente se admite: o Faraó disporia de uma mão-de-obra colossal. Restava explicar como foi resolvido o problema do atravancamento dessas imensas multidões. E os motivos de um tão louco empreendimento. E a maneira como foram os blocos extraídos das pedreiras. A egiptologia clássica não admite como técnica senão o emprego de cunhas de madeira molhada introduzidas nas fendas da rocha. Os construtores só deviam dispor de martelos de pedra, e de serras de cobre, metal mole.

Eis o que adensa o mistério. De que forma foram içadas e unidas pedras cortadas com dez mil quilos e mais de peso? No século XIX tivemos a maior dificuldade em transportar dois obeliscos que os Faraós transportavam às dúzias. De que forma é que os Egípcios se iluminavam dentro das pirâmides? Até 1890 só conhecemos as candeias com chama que se alonga e enegrece o teto. Ora não se vislumbra nas paredes o menor vestígio de fumo. Captariam a luz solar fazendo-a penetrar por meio de um sistema óptico? Não foi encontrado o mais pequeno fragmento de lente.

Não se encontrou nenhum instrumento de cálculo científico, nenhum vestígio como testemunho de uma grande tecnologia.

Das duas uma: ou temos de admitir a tese místico-primária: Deus dita informações astronômicas a obreiros obtusos mas aplicados e dá-lhes uma ajuda. Então há informações inscritas nas pirâmides. Os positivistas, à falta de argumentos, declaram que se trata de uma coincidência. Quando as coincidências são tão claramente exageradas, como diria Fort, como se lhes deve chamar? Ou temos de admitir que arquitetos e decoradores surrealistas, para satisfazerem a megalomania do seu rei, mandaram, segundo medidas que lhes passaram pela cabeça ao acaso da inspiração, extrair, transportar, decorar, erguer e ajustar perfeitamente os 2 600 000 blocos da grande pirâmide por empreiteiros que trabalhavam com pedaços de madeira e serras de cortar cartão atropelando-se uns aos outros.

As coisas datam de há cinco mil anos e nós ignoramos quase tudo. Mas o que sabemos é que as pesquisas foram feitas por pessoas para quem a civilização moderna é a única civilização técnica possível. Partindo deste critério, temos de imaginar que tiveram, ou o auxílio de Deus, ou um colossal e estranho trabalho de formigas. No entanto, é possível que um pensamento completamente diferente do nosso possa ter concebido técnicos tão aperfeiçoadas como as nossas, mas diferentes, instrumentos de medida e métodos de manipulação da matéria sem relação com os que nós conhecemos, e que não tenham deixado, a nossos olhos, nenhum vestígio aparente. Pode ser que uma ciência e uma tecnologia poderosas, que deram soluções diferentes das nossas aos problemas postos, tenham desaparecido totalmente com o mundo dos Faraós. É difícil acreditar que uma civilização possa morrer, extinguir-se. É ainda mais difícil acreditar que possa ter divergido da nossa a tal ponto que temos certa relutância em reconhecê-la como civilização. E no entanto!...

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, a 8 de Maio de 1945, a Alemanha vencida começou imediatamente a ser percorrida por missões de investigação. Os relatórios dessas missões foram publicados. Só o catálogo contém 300 páginas. A Alemanha só se separou do resto do mundo a partir de 1933. Em doze anos, a evolução técnica do Reich tomou caminhos singularmente divergentes. Se os Alemães estavam em atraso no domínio da bomba atômica, puseram em estado de funcionar foguetões gigantescos sem equivalente na América ou na Rússia. Se ignoravam o radar, produziram detectores de raios infravermelhos, igualmente eficazes. Se não inventaram os silicones, desenvolveram uma química orgânica completamente nova.

Para além destas diferenças radicais em matéria de técnica, diferenças filosóficas ainda mais espantosas... Tinham posto de lado a relatividade e abandonado em parte a teoria dos quantas. A sua cosmogonia teria deixado estupefatos os astrofísicos aliados: era a tese do gelo eterno, segundo a qual planetas e estrelas seriam blocos de gelo flutuando no espaço z. Se tais abismos se puderam formar em doze anos, no nosso mundo moderno, a despeito dos intercâmbios e comunicações, que pensar das civilizações tal como se puderam desenvolver no passado? Em que medida é que os nossos arqueólogos são qualificados para avaliar o estado das ciências, das técnicas, da filosofia, do conhecimento entre os Maias ou dos Khmers?

Não cairemos na armadilha das lendas: Lemúria ou Atlântida, Platão, no Critias, ao cantar as maravilhas da cidade desaparecida, e, antes dele, Homero, na Odisséia, ao evocar a fabulosa Scheriá, descrevem talvez Tartesso, a Tarshih bíblica de Jonas e

objetivo da sua viagem. Na embocadura do Guadalquivir, Tartesso é a mais rica cidade mineira do Mundo e exprime a quinta-essência de uma civilização. Floresceu há não se sabe quantos séculos, depositária de uma sabedoria e de segredos. Por volta do ano 500 antes de Cristo sumiu-se completamente, não se sabe como nem porquê. Pode ser que Numinor, misterioso centro celta do século v antes de Cristo, não seja uma lenda, mas nada sabemos.

As civilizações de cuja existência passada estamos certos, e que desapareceram, são na verdade tão estranhas como a Lemúria. A civilização árabe de Córdova e de Granada inventa a ciência moderna, descobre a investigação experimental e as suas aplicações práticas, estuda a química e até a propulsão a reação. Alguns manuscritos árabes do século XII apresentam esquemas de foguetões de bombardeamento. Se o império de Almançor estivesse tão avançado em biologia como nas outras técnicas, se a peste não se tivesse aliado aos espanhóis para o destruir, a revolução industrial talvez se tivesse dado no século XV e XVI na Andaluzia, e então o século XX seria uma era de aventureiros interplanetários árabes prontos a colonizar a Lua, Marte e Vênus.

O império de Hitler, o de Almançor desmoronaram-se no meio do fogo e do sangue. Uma bela manhã de Junho de 1940, o céu de Paris escureceu, o ar ficou carregado de vapores de gasolina, e sob aquela imensa nuvem que ensombrou os rostos alterados pelo espanto, o pavor, a vergonha, uma civilização vacila, milhares de seres fogem ao acaso pelas estradas metralhadas. Quem viveu esses momentos, e presenciou também o crepúsculo dos deuses do III Reich, pode imaginar o fim de Córdova e de Granada, e milhares de outros fins do mundo, no decorrer dos milenários. Fim do mundo para os Incas, fim do mundo para os Tolteques, fim do mundo para os Maias. Toda a história da Humanidade: um fim sem fim...

A ilha de Páscoa, a 3000 quilômetros ao largo da costa do Chile, é tão grande como Jersey. Quando o primeiro navegador europeu, um holandês, ali acostou, em 1722, julgou-a habitada por gigantes. Sobre aquela pequena superfície vulcânica da Polinésia erguem-se 593 imensas estátuas. Algumas têm mais de vinte metros de altura e pesam cinqüenta toneladas. Quando foram erigidas? Como? Porquê? Julga-se poder distinguir, por meio do estudo desses misteriosos monumentos, três categorias de civilizações, cuja mais perfeita seria a mais antiga. Como no Egito, os enormes blocos de tufo, de basalto, de lava são ajustados com prodigiosa habilidade. Mas a ilha é acidentada, e as poucas árvores enfezadas não podem servir de cilindros: como foram as pedras transportadas? E poder-se-á invocar uma mão-de-obra colossal? No século XIX, os pascoanos eram duzentos: três vezes menos numerosos que as suas estátuas. Jamais puderam ser mais de três ou quatro mil sobre essa ilha de terreno fértil e sem animais. Então?

Como em África, como na América do Sul, os primeiros missionários que desembarcaram em Páscoa tiveram o cuidado de fazer desaparecer todos os vestígios da civilização extinta. Na base das estátuas havia tabuinhas de madeira, cobertas de hieróglifos: foram queimadas ou enviadas para a biblioteca do Vaticano, onde repousam inúmeros segredos. Tratar-se-ia de destruir os vestígios de antigas superstições, ou de apagar os testemunhos de outro saber, A recordação da passagem pela Terra de outros seres? De visitantes vindos de algures?

Os primeiros europeus que exploraram Páscoa descobriram entre os pascoanos homens brancos e barbudos. De onde provinham? Descendentes de que raça várias

vezes milenária, degenerada, hoje totalmente submersa? Pedaços de lendas falavam de uma raça de mestres, de docentes, vinda dos confins dos séculos, caída do céu.

O nosso amigo, o explorador e filósofo peruano Daniel Ruzo, parte em 1952 para estudar a planura desértica de Marcahuasi, a 3800 metros de altitude, a oeste da cordilheira dos Andes. Essa planura sem vida, que só pode ser atingida a cavalo numa mula, mede três quilômetros quadrados. Ruzo descobre animais e rostos humanos esculpidos na rocha, e somente visíveis no solstício de Verão, por meio do jogo das luzes e das sombras. Ali encontra estátuas de animais da época secundária, como o estegossauro; leões, tartarugas, camelos, desconhecidos na América do Sul. Uma colina esculpida representa uma cabeça de velho.

O negativo da fotografia revela um jovem radiante. Visível no decorrer de que rito de iniciação? Datar a carbono 14 ainda não foi possível: nem o menor vestígio orgânico sobre Marcahuasi. Os indícios geológicos obrigam a regressar à noite dos tempos. Ruzo pensa que essa planura teria sido o berço da civilização Masma, talvez a mais antiga do Mundo.

Volta a encontrar-se a recordação do homem branco sobre outra fabulosa planura, Tiahuanaco, a 4000 metros. Quando os Incas conquistaram essa região do lago Titicaca, Tiahuanaco era já aquele campo de ruínas gigantescas, inexplicáveis, que nós conhecemos. Quando Pizarro ali chegou, em 1532, os Índios deram aos conquistadores o nome de Viracochas: senhores brancos. A sua tradição, já mais ou menos perdida, fala de uma raça de grandes senhores desaparecida, gigantesca e branca, vinda de algures, surgida dos espaços, de uma raça de Filhos do Sol. Ela reinava e ensinava há vários milênios. Desapareceu subitamente. E há-de voltar. Por toda a parte, na América do Sul, os europeus que se encarniçavam na conquista do ouro encontraram essa tradição e dela beneficiaram. O seu mais baixo desejo de conquista e de lucros foi auxiliado pela mais misteriosa e maior recordação.

A exploração moderna revela, sobre o continente americano, uma enorme profundidade de civilização. Cortês apercebe-se com assombro de que os Astecas são tão civilizados como os espanhóis. Hoje sabemos que eles viviam dos restos de uma cultura mais elevada, a dos Tolteques. Os Tolteques construíram os monumentos mais gigantescos da América. As pirâmides do Sol de Teotihuacon e de Cholula são duas vezes mais importantes do que o túmulo do rei Kéops. Mas os próprios Tolteques eram os descendentes de uma civilização ainda mais perfeita, a dos Maias, cujos restos foram descobertos nos matagais das Honduras, da Guatemala, do Iucatão. Enterrada sob a desordem da natureza, revela-se uma civilização muito anterior à grega, mas superior a ela. Extinta quando e como? Duas vezes morta, em todo o caso, pois os missionários também ali se empenharam em destruir os manuscritos, quebrar as estátuas, fazer desaparecer os altares. Resumindo as investigações mais recentes sobre as civilizações desaparecidas, Raymond Cartier escreve:

Em inúmeros domínios, a ciência dos Maias ultrapassou a dos gregos e dos romanos. Senhores de profundos conhecimentos matemáticos e astronômicos, desenvolveram até uma perfeição minuciosa a cronologia e a ciência do calendário. Construíam observatórios com cúpulas muito melhor orientados que o de Paris no século XVII, como o Caracol colocado sobre três terraços na sua capital de Chichen Itza. Eles utilizavam o ano sagrado de 260 dias, o ano solar de 365 dias e o ano venusiano de 584 dias. A duração exata do ano solar hoje é fixada em 365,422 dias. Os Maias tinham

calculado 365,2420 dias, ou seja, com uma diferença de decimal, o número a que nós chegamos após demorados cálculos.

É possível que os egípcios tenham obtido a mesma aproximação, mas, para o admitir, é preciso acreditar nas discutidas concordâncias das Pirâmides, enquanto possuímos o calendário Maia. Na arte admirável dos mexicanos são visíveis outras analogias com o Egito. As suas pinturas murais, os seus frescos, as partes laterais dos seus vasos mostram homens com o violento perfil semita em todas as tarefas da agricultura, da pesca, da construção, da política, da religião.

Só o Egito pintou esse labor com uma verdade tão cruel, mas os barros vidrados dos Maias fazem lembrar os Etruscos, os seus baixos-relevos a Índia e as grandes escadarias abruptas dos seus templos piramidais, Ankor. Se não receberam tais modelos do exterior, então os seus cérebros eram constituídos de tal maneira que passou pelas mesmas formas de expressão artística que todos os grandes povos antigos da Europa e da Ásia. Terá a civilização surgido numa região geográfica determinada e ter-se-á propagado pouco a pouco como um incêndio numa floresta? Ou terá aparecido espontânea e separadamente em diferentes regiões do globo?

Terá existido um povo instrutor e povos alunos, ou vários povos autodidatas? Sementes isoladas ou um tronco único e estacas espalhadas um pouco por toda a parte?

Não sabemos, e não possuímos qualquer explicação satisfatória sobre as origens de tais civilizações - nem o seu desaparecimento Certas lendas bolivianas reunidas por Cynthia Fainl e que ascendem a mais de cinco mil anos, contam que as civilizações dessa época se teriam extinguido após um conflito com uma raça não humana, cujo sangue não era vermelho.

O altiplano da Bolívia e do Peru evoca outro planeta. Não é a Terra, é Marte. Ali a pressão do oxigênio é inferior à metade da que existe ao nível do mar, e no entanto encontram-se homens até uma altitude de 3500 metros. Eles têm mais dois litros de sangue do que nós, oito milhões de glóbulos vermelhos em vez de cinco, e o seu coração bate mais lentamente.

O método de datar com radiocarbono revela uma presença humana há nove mil anos. Certas determinações recentes levam a pensar que os homens ali viveram há 30000 anos. Não se pode de forma alguma excluir a hipótese de que seres humanos que sabiam trabalhar metais, que possuíam observatórios e uma ciência, tenham edificado há 30 000 anos cidades gigantescas. Conduzidos por quem?

Certos trabalhos de irrigação efetuados pelos pré-Incas dificilmente seriam realizáveis com as nossas turbo-brocas elétricas. E por que motivo homens que não utilizavam rodas terão construído estradas pavimentadas? O arqueólogo americano Hyatt Verrill consagrou trinta anos à investigação das civilizações desaparecidas da América Central e da América do Sul. Na sua opinião, os grandes trabalhos dos homens antigos não foram realizados com utensílios para cortar a pedra, mas com uma pasta radioativa que corrói o granito: uma espécie de gravura à escala das grandes pirâmides. Essa pasta radioativa, legada por civilizações ainda mais antigas, pretendia Verrill tê-la visto nas mãos dos últimos feiticeiros. Num belo romance, The Bridge of Light, descreve ele uma cidade pré-Inca que se atinge por meio de uma ponte de luz, uma ponte de matéria ionizada, que aparece e desaparece à-vontade e permite transpor um desfiladeiro rochoso que de outra forma seria inacessível. Até aos últimos dias de vida (morreu com

oitenta anos).

Verrill afirmou que o seu livro era muito mais do que uma lenda, e sua mulher, que morreu mais tarde, continuou a afirmá-lo. Que significam as figuras de Nazca? Trata-se de linhas geométricas imensas traçadas na planície de Nazca, apenas visíveis de avião ou de balão, e que a exploração aeronáutica permitiu que fossem descobertas. O professor Mason, que não poderia ser suspeito de fantasista, como Verrill, perde-se em conjecturas. Terá sido necessário que os construtores fossem auxiliados por um engenho suspenso no espaço. Mason rejeita a hipótese e pensa que essas figuras foram colocadas a partir de um modelo reduzido ou de um esquema.

Tendo em conta o nível da técnica dos pré-Incas admitido pela arqueologia clássica, torna-se ainda mais improvável. E qual seria a significação desse traçado? Religiosa? É o que sempre se diz, mais ou menos ao acaso. A explicação por meio da religião desconhecida, método corrente. Prefere supor-se toda a espécie de loucuras do espírito, mas não outros estados do conhecimento e da técnica. É uma questão de precedência: as luzes de hoje são as únicas luzes. As fotografias que possuímos da planície de Nazca fazem pensar irresistivelmente na balizagem de um terreno de aterragem. Filhos do Sol, vindos do céu... O professor Mason evita cuidadosamente referir-se a essas lendas e prefere inventar uma espécie de religião da trigonometria, da qual a história das crenças não nos dá, aliás, qualquer exemplo. E, no entanto, um pouco mais adiante, menciona a mitologia pré-Inca segundo a qual as estrelas são habitadas e os deuses desceram da constelação das Plêiades.

Não nos recusamos a admitir visitas de habitantes do exterior, civilizações atômicas desaparecidas sem quase deixar vestígios, etapas do conhecimento e da técnica comparáveis à etapa presente, vestígios de ciências submersas em diversas formas daquilo a que chamamos esoterismo, e realidades operativas naquilo que colocamos na categoria de práticas mágicas.

Não afirmamos que acreditamos em tudo, mas mostraremos no próximo capítulo que o campo das ciências humanas é provavelmente muito mais vasto do que imaginamos. Integrando todos os fatos, sem qualquer exclusão, e aceitando considerar todas as hipóteses sugeridas por esses fatos, sem qualquer espécie de a priorismo, um Darwin, um Copérnico da antropologia criarão uma ciência completamente nova se 'estabelecerem uma circulação constante entre a observação objetiva do passado e todos os segredos do conhecimento moderno em matéria de parapsicologia, de física, de química, de matemática. Talvez lhes pareça que a idéia de uma constante e lenta evolução da inteligência, de um sempre longo avançar do saber, não é uma idéia sólida mas um tabu que nós instituímos para nos supormos beneficiários, hoje, de toda a história humana.

Qual o motivo por que as civilizações passadas não teriam conhecido súbitos clarões durante os quais a quase totalidade do conhecimento lhes teria sido revelada? Por que motivo aquilo que por vezes se produz numa vida de homem, a inspiração, a intuição fulgurante, a explosão do gênio, não se teria produzido várias vezes na vida da humanidade? Não interpretamos nós as poucas recordações desses instantes de uma forma bastante falsa ao falar de mitologia, de lendas, de magia? Se me mostrarem uma fotografia não falsificada de um homem flutuando no espaço, não direi: é a representação do mito de Ícaro, mas direi: é o instantâneo de um salto ou de um mergulho. Qual o motivo por que não haveria estados instantâneos nas civilizações?

Vamos citar outros fatos, efetuar outras aproximações, formular outras hipóteses ainda. Haverá sem dúvida muitos disparates no nosso livro, repetimo-lo, mas isso importa muito pouco se este livro suscitar algumas vocações e, em certa medida, preparar caminhos mais amplos à investigação. Não passamos de dois pobres quebradores de pedras: outros construirão a estrada.

Memória mais antiga do que nós. . .

**V**

**- Onde os autores voltam a encontrar pássaros metálicos. - História de um curioso mapa do Mundo. - Bombardeamentos atômicos e naus interplanetárias nos textos sagrados. - Outra idéia sobre as máquinas. - O culto pelo cargo. - Outra visão do esoterismo. - A sagração da inteligência. - Mais uma história, por favor.**

De há dez anos para cá, a exploração do passado foi facilitada pelos novos métodos baseados na radioatividade e pelo progresso da cosmologia. Daí ressaltam dois fatos extraordinários.

1º - A Terra seria contemporânea do Universo. Dataria portanto de há 4500 milhões de anos. Ter-se-ia formado ao mesmo tempo e talvez antes do Sol, por condensação das partículas a frio.

2º - O homem tal como nós o conhecemos, o homo sapiens, só existiria há 75 000 anos. Esse período muito curto a nossos olhos, rastos visíveis, mas a sua recordação persistiria nas lendas. O busto sobrevive à cidade: a sua recordação poderia ter sobrevivido às centrais de energia, às máquinas, aos monumentos das suas civilizações extintas. É possível que a nossa memória remonte a uma época muito anterior à nossa existência, à própria existência da nossa espécie. Que registros infinitamente longínquos se dissimulam nos seus cromossomos e nos seus genes? De onde te vem isto, alma do homem, de onde te vem isto?.

Aqui, permitimo-nos fazer duas perguntas:

a) Durante esses 75 000 anos, a humanidade conheceu outras civilizações técnicas além da nossa? Em coro, os especialistas respondem-nos que não. Mas não é manifesto que eles saibam distinguir um instrumento de um objeto considerado de culto. Nesse domínio, a investigação nem sequer começou. No entanto, há problemas perturbantes. A maior parte dos paleontologistas consideram os eólitos (pedras descobertas em 1867 perto de Orleans) objetos naturais. Mas outros vêem neles a obra do homem. De que homem? Outro sem ser o homo sapiens. Encontraram-se outros objetos em Ipswich, no Norfolk: eles provariam a existência de homens terciários na Europa ocidental.

b) As experiências de Washburn e de Dice provam que a evolução do homem pode ter sido causada por modificações muito banais. Por exemplo, uma ligeira alteração dos ossos do crânio [l]. Uma única mutação, e não, como se supôs, uma conjunção complexa de mutações, teria bastado para passar do pré-hominiano ao homem.

Portanto, em 4500 milhões de anos, apenas uma mutação?

É possível. Por que motivo seria certo? Não seria possível que tivessem havido vários ciclos de evolução antes desse ano de 75.000? Outras formas de humanidade, ou antes, outros seres pensantes podem ter surgido e desaparecido. Não teriam deixado,

Em arqueologia tudo é diferente. A nossa civilização acelera as comunicações, e as observações feitas sobre o conjunto da superfície do globo, reunidas, confrontadas, põem em relevo grandes mistérios. Em Junho de 1958, o Instituto Smithson publica os resultados obtidos por americanos, índios e Russos '. Nas buscas efetuadas na Mongólia, Escandinávia, Ceilão, perto do lago Baikal e sobre o curso superior da ribeira Lena, na Sibéria, descobrem-se exatamente os mesmos objetos de ossos e pedras. Ora a técnica de fabricação desses objetos já não se encontra senão entre os Esquimós.

O Instituto Smithson julga-se portanto no direito de concluir que há dez mil anos os Esquimós habitavam na Ásia central, Ceilão e Mongólia. Em seguida teriam emigrado bruscamente para a Groenlândia. Mas porquê? De que maneira puderam esses seres primitivos decidir bruscamente, e, todos ao mesmo tempo, trocar essas terras pelo mesmo ponto inóspito do globo? Aliás, como o puderam atingir? Ainda agora ignoram que a Terra é redonda e não têm a menor idéia do que é geografia. E abandonaram o Ceilão, paraíso terrestre? O Instituto não responde a estas perguntas. Nós não pretendemos impor a nossa hipótese e só a formulamos como exercício de amplificação do espírito: uma civilização superior, há dez mil anos, controla o globo. Ela cria no Grande Norte uma zona de deportação. Ora, que diz o folclore esquimó? Fala de tribos transportadas para o Grande Norte, na origem dos tempos, em gigantescos pássaros metálicos. Os arqueólogos do século XIX insistiram muito no contra-senso desses pássaros metálicos. E nós?

Ainda não foi feito qualquer trabalho comparável ao do Instituto Smithson a respeito de objetos mais bem definidos. Por exemplo, sobre as lentes. Foram encontradas lentes ópticas no Iraque e na Austrália Central. Serão provenientes da mesma origem, da mesma civilização? Não foi chamado a pronunciar-se qualquer óptico moderno. Todos os vidros de óptica, há cerca de vinte anos, na nossa civilização, são polidos por meio de óxido de cerium. Dentro de mil anos, a análise espectroscópica provará, por meio de análise feita a esses vidros, a existência de uma civilização única no globo. E será verdade.

De estudos neste gênero poderia nascer uma nova visão do mundo passado. Deus queira que o nosso livro superficial e mal documentado suscite em qualquer jovem ainda cândido a idéia de um trabalho louco que um dia lhe dará a chave das antigas causas.

Há outros fatos:

Sobre vastas regiões do deserto de Gobi observam-se vitrificações do solo semelhantes às que as explosões atômicas produzem.

Nas cavernas do Bohistão foram encontradas inscrições acompanhadas de mapas astronômicos representando as estrelas na posição que ocupavam há treze mil anos. Vênus está ligada à Terra por algumas linhas.

A meio do século XIX, um oficial de marinha turco, Piri Reis, oferece à Library of Congress um pacote de mapas que descobriu no Oriente. Os mais recentes datam de

Cristóvão Colombo, os mais antigos do século I após Cristo, copiados uns pelos outros. Em 1952, Arlington H. Mallery, grande especialista em cartografia, examina esses documentos. Apercebe-se de que, por exemplo, tudo o que existe no Mediterrâneo foi inscrito, mas não no devido lugar. Pensariam eles que a Terra é plana? A explicação não é suficiente. Terão organizado o seu mapa por projeção, tendo em conta a rotundidade da Terra? Impossível, geometria projetiva data de Monge. Em seguida Mallery confia o estudo a Walters, cartógrafo oficial, que transfere esses mapas para um globo terrestre moderno: estes são exatos, não apenas quanto ao Mediterrâneo, mas em relação a toda a Terra, incluindo as Américas e o Antártico. Em 1955, Mallery e Walters submetem o seu trabalho à comissão do Ano Geográfico. A comissão confia os documentos ao padre jesuíta Daniel Linehan, diretor do Observatório de Weston e responsável pela cartografia da marinha americana. O padre constata que o relevo da América do Norte, a localização dos lagos e montanhas do Canadá, o traçado das costas, na extremidade norte do continente, e o relevo antártico (coberto pelos gelos e dificilmente revelado pelos nossos instrumentos de medida) estão certos. Cópias de mapas mais antigos ainda? Traçados a partir de observações feitas a bordo de um engenho voador ou espacial? Notas tomadas por visitantes vindos do Exterior?

Seremos censurados por fazer estas perguntas? O Popul Vuh, livro sagrado dos Quichuas da América, fala de uma civilização infinitamente remota que conhecia as nebulosas e todo o sistema solar. Os da primeira raça, segundo ali se lê, eram capazes de tudo saber. Examinavam os quatro pontos do horizonte, os quatro pontos da abóbada celeste e a superfície redonda da Terra.

Algumas dessas crenças e dessas lendas que a Antiguidade nos legou estão tão universalmente e tão profundamente enraizadas que adquirimos o hábito de as considerar quase tão velhas como a própria humanidade. Ora somos levados a investigar até que ponto a conformidade de várias dessas crenças e lendas é realmente produto do acaso, ou até que ponto poderia ser o reflexo da existência de uma antiga civilização, totalmente desconhecida e insuspeitada, e da qual todos os outros vestígios tivessem desaparecido.

O homem que, em 1910, escrevia estas linhas não era nem um escritor de ficção científica, nem um vago ocultista. Era um dos pioneiros da ciência, o professor Frédéric Soddy, prêmio Nobel, descobridor dos isótopos e das leis de transformação em radioatividade natural.

A Universidade de Oklahoma publicou em 1954 os anais das tribos índias da Guatemala, que datavam do século XVI. Narrativas fantásticas, aparições de seres lendários, costumes imaginários de deuses. Examinando-as mais cuidadosamente apercebemo-nos de que os índios cackchiquels não contavam histórias loucas: mencionavam à maneira deles os seus primeiros contactos com os invasores espanhóis.

Estes últimos, no espírito dos historiadores cackchiquels, tomavam lugar ao lado dos seres pertencentes à sua própria mitologia e tradição. Desta forma o real era descrito sob um aspecto fabuloso, e é muito provável que textos considerados puramente folclóricos ou mitológicos se baseiem em fatos reais mal interpretados e integrados noutros fatos por sua vez imaginários. A divisão não foi feita e uma literatura completa, várias vezes milenária, repousa nas nossas bibliotecas especializadas sobre as prateleiras destinadas às lendas sem que ninguém, nem por instantes, imagine que

talvez ali se dissimulem crônicas iluminadas de acontecimentos verdadeiros.

O que nós sabemos da ciência e da técnica modernas deveria no entanto obrigar-nos a ler com espírito diferente essa literatura.

O livro de Dzyan fala de mestres de rosto fascinante que abandonam a Terra, retirando os seus conhecimentos aos homens impuros e apagando por meio da desintegração os vestígios da sua passagem. Partem em carros voadores, impelidos pela luz, ao encontro do país do ferro e do metal a que pertencem.

Num recente estudo da Literatournaya Gazeta, o professor Agrest, que admite a hipótese de uma antiga visita de viajantes interplanetários, descobre, entre os primeiros textos introduzidos na Bíblia pelos sacerdotes judeus, a recordação de Seres vindos de algures, que, tal como Enoch, desapareciam para subir novamente ao céu em misteriosas arcas. As obras sagradas hindus, o Ramayana e o Mahabhratra, descrevem as aeronaves que circularam no céu, no início dos tempos, e que se assemelhavam a nuvens azuladas em forma de ovos ou, de globo luminoso.

Podiam efetuar várias vezes a volta à Terra. Eram acionadas por uma força etérea que fustiga o solo à partida, ou por uma vibração proveniente de uma força invisível. Emitiam sons agradáveis e melodiosos, irradiavam brilhando como fogo e a sua trajetória não era em linha reta, mas surgia como uma longa ondulação aproximando-as ou afastando-as da Terra. A matéria desses engenhos é definida, nessas obras com mais de três mil anos e sem dúvida escritas à base de recordações infinitamente mais longínquas, como sendo formada por vários metais, uns brancos e leves, outros vermelhos.

No mausoléu Purva pode ler-se esta singular descrição, incompreensível para os etnólogos do século XIX, como é evidente, mas não para nós:

É uma arma desconhecida, um raio de ferro, gigantesco mensageiro da morte, que reduziu a cinzas todos os membros da raça dos Vrishnis e dos Andhakas. Os cadáveres queimados nem sequer eram reconhecíveis. Os cabelos e as unhas caíam, os barros quebravam sem causa aparente, os pássaros tornavam-se brancos. Ao fim de algumas horas toda a alimentação era malsã. O raio ficou reduzido a uma poeira fina.

E isto:

Cukra, voando a bordo de um vimana de grande potência, lançou sobre a tríplice cidade um projétil único carregado com a potência do Universo. Um fumo incandescente, semelhante a dez mil sóis, se elevou no seu esplendor... Quando o vimana aterrou apareceu como um magnífico bloco de antimônio pousado no solo. . .

Objeção: se admitis a existência de civilizações tão fabulosamente avançadas, como explicais que as inúmeras buscas, feitas sobre todo o globo terrestre, não tenham trazido para a luz do dia um único resto de qualquer objeto susceptível de nos fazer acreditar nessa existência?

Respostas:

1ª - Há apenas um século que se pesquisa sistematicamente, e a nossa civilização

atômica ainda não conta vinte anos. Não foi feita a menor exploração conscienciosa na Rússia do Sul, na China, na África Central ou na África do Sul. Extensões imensas continuam a guardar o seu passado secreto.

2ª - Foi necessário que um engenheiro alemão, Wilhelm Kónig, ao visitar por acaso o museu de Bagdá, se apercebesse de que certas pedras planas, encontradas no Iraque, e como tal classificadas, eram afinal pilhas elétricas, utilizadas dois mil anos antes de Galvani. Os museus de arqueologia regurgitam de objetos classificados como objetos de culto ou diversos sobre os quais nada se sabe. Os russos descobriram recentemente em cavernas do Gobi e do Turquestão meias esferas de cerâmica ou vidro, terminadas por um cone com uma gota de mercúrio. De que se trata? Finalmente, poucos arqueólogos têm conhecimentos científicos ou técnicos. Muito menos ainda estão em condições de se aperceber de que um problema técnico pode ser resolvido de várias maneiras, e de que há máquinas que não se parecem com aquilo a que nós chamamos máquinas: sem biela, sem manivela, sem rodagem. Algumas linhas traçadas com uma tinta especial sobre papel preparado constituem um receptor de ondas eletromagnéticas. Um simples tubo de cobre serve de ressoador quando da produção de ondas de radar. Um diamante é um detector sensível à radiação nuclear e cósmica.

Certos cristais podem conter gravações complexas. Será caso que estejam encerradas bibliotecas completas em pequenas pedras esculpidas. Se, dentro de mil anos, depois de a nossa civilização se ter extinguido, os arqueólogos descobrissem fitas magnéticas, por exemplo, que fariam delas? E de que maneira se aperceberiam da diferença entre uma fita virgem e uma fita gravada? Atualmente estamos prestes a descobrir os segredos da antimatéria e da antigravitação. Amanhã, o manejo desse segredos exigirá uma aparelhagem pesada, ou, pelo contrário, de uma desconcertante leveza? Ao desenvolver-se, a técnica não complica, simplifica, reduz o equipamento até o tornar quase invisível.

No seu livro Magie Chaldéenne, Lenormand, referindo-se a uma lenda que recorda o mito de Orfeu, escrevia: Nos tempos antigos, os sacerdotes de On, servindo-se de sons, provocavam tempestades e erguiam no ar, para construir os seus templos, pedras que não poderiam ser levantadas por mil homens. E Walter Owen: As vibrações sonoras são forças. . .

A criação cósmica é mantida por vibrações que poderiam igualmente interrompê-la. Esta teoria não se afasta muito das concepções modernas. Amanhã será fantástico: todos o sabem. Mal talvez o seja duplamente, tirando-nos a idéia de que ontem era banal.

Nós temos da Tradição, isto é, do conjunto dos textos mais antigos da humanidade, uma concepção muito literária, religiosa, filosófica. E se se tratasse de imemoriais recordações, consignadas por pessoas já muito afastadas do tempo em que se desenrolavam os acontecimentos, transpondo, fantasiando? Imemoriais recordações de civilizações técnica e cientificamente tão avançadas como a nossa, se não infinitamente mais? Que diz a Tradição, vista sob este aspecto?

Em primeiro lugar, que a ciência é perigosa. Esta idéia podia surpreender um homem do século XIX. Sabemos agora que bastaram duas bombas sobre Nagasaki e Hiroshima para matar 300 000 pessoas, que aliás essas bombas já estão ultrapassadas, e que um projétil de cobalto de quinhentas mil toneladas poderia acabar

com a vida sobre a maior parte do Mundo.

Em seguida, que pode haver contacto com seres não terrestres. Contra-senso para o século XIX, mas não para nós. Já não é impensável que existam universos paralelos ao nosso, com os quais se poderia estabelecer comunicação. Os radio-telescópios captam ondas emitidas há dez bilhões de anos-luz, moduladas de tal forma que se assemelham a mensagens. O astrônomo John Krauss, da Universidade de Ohio, afirma ter captado, a 2 de Junho de 1956, sinais provenientes de Vênus. Outros sinais, provenientes de Júpiter, teriam sido recebidos no Instituto de Princeton.

Finalmente a Tradição assegura que tudo o que se passou, desde o início dos tempos, foi gravado na matéria, no espaço, nas energias, e pode ser revelado. É exatamente o que diz um grande sábio como Bowen na sua obra A Exploração do Tempo, e é um pensamento de que hoje participa a maior parte dos investigadores.

Nova objeção: uma elevada civilização técnica e científica não desaparece inteiramente, não se extingue completamente. Resposta: Nós, as civilizações, sabemos agora que somos mortais. São justamente as técnicas mais evoluídas que se arriscam a provocar o desaparecimento total da civilização de que brotaram. Imaginemos a nossa própria civilização num futuro próximo. Todas as centrais de energia, todas as armas, todos os emissores e receptores de telecomunicações, todos os aparelhos de eletricidade e de nucleônica, enfim, todos os instrumentos tecnológicos se baseiam no mesmo princípio de produção de energia. Após qualquer reação em cadeia, todos esses instrumentos, gigantescos ou de algibeira, explodem. Todo o potencial material e a maior parte do potencial humano de uma civilização desaparece. Só restam as coisas que não testemunham essa civilização, e os homens que viviam mais ou menos afastados dela.

Os sobreviventes tornam a cair na simplicidade. Só restam recordações, consignadas desajeitadamente após a catástrofe: narrativas de aparência lendária, mítica, onde se sente o tema da expulsão de um paraíso terrestre e o sentimento de que há grandes perigos, grandes segredos escondidos no seio da matéria. Tudo recomeça a partir do Apocalipse: A Lua adquiriu um aspecto sangrento e os céus fecharam-se como um rolo de pergaminho.. .

Em 1946, as patrulhas do governo australiano, ao aventurarem-se nas altas regiões incontroláveis da Nova Guiné, ali encontraram tribos agitadas por um grande vento de excitação religiosa: acabava de nascer o culto do cargo. O cargo é um termo inglês que designa as mercadorias comerciais destinadas aos indígenas: latas de conserva, garrafas de álcool, candeeiros de parafina, etc. Para esses homens ainda na idade da pedra o súbito contacto com semelhantes riquezas não podia deixar de ser profundamente perturbante. Seria caso que os homens brancos pudessem ter fabricado tais riquezas? Impossível.

Os Brancos que se vêem é evidente que são incapazes de construir com as próprias mãos um objeto maravilhoso. Sejamos positivos, era mais ou menos o que pensavam os indígenas da Nova Guiné: já alguma vez se viu um homem branco fabricar fosse o que fosse? Não, mas os Brancos dedicam-se a tarefas muito misteriosas: vestem-se todos da mesma maneira. Por vezes sentam-se diante de uma caixa de metal sobre a qual há mostradores e escutam ruídos estranhos que de lá saem. Fazem sinais sobre folhas em branco. Trata-se de ritos mágicos, graças aos quais obtêm dos deuses que estes lhes enviem o cargo.

Os indígenas resolveram então copiar esses ritos: experimentaram vestir-se à européia, falaram para dentro de latas de conserva, espetaram troncos de bambu sobre as suas choupanas, a imitarem antenas. E construíram falsas pistas de aterragem, na expectativa do cargo.

Ora bem. E se os nossos antepassados tivessem interpretado desta forma os seus contactos com as civilizações superiores? Restar-nos-ia a Tradição, quer dizer, o ensinamento de ritos que na realidade eram formas muito legítimas de agir em função de conhecimentos diferentes. Teríamos imitado infantilmente atitudes, gestos, manipulações, sem os compreender, sem os relacionar com uma realidade complexa que nos escapava, na expectativa de que esses gestos, essas atitudes, essas manipulações nos trouxessem qualquer coisa.

Qualquer coisa que não vem: um maná celestial, na verdade conduzido por vias que a nossa imaginação não podia conceber. É mais fácil cair no ritual do que atingir o conhecimento, mais fácil inventar deuses do que compreender técnicas. Posto isto, acrescento que nem Bergier nem eu próprio pretendemos reduzir todo o impulso espiritual a uma ignorância material. Pelo contrário. Para nós, a vida espiritual existe. Se Deus ultrapassa a realidade, encontraremos Deus quando conhecermos toda a realidade. E se o homem tem poderes que lhe permitem compreender todo o Universo, Deus é talvez o Universo todo, mais qualquer outra coisa.

Mas continuemos o nosso exercício de desenvolvimento espiritual: se aquilo a que chamamos esoterismo não passasse, de fato, de um exoterismo? Se os mais antigos textos da humanidade, a nossos olhos sagrados, não passassem de traduções adulteradas, de divulgações sem autoridade, de relatos em terceira mão, das recordações um pouco falseadas de realidades técnicas? Nós interpretamos esses velhos textos sagrados como se realmente fossem a expressão de verdades espirituais, de símbolos filosóficos, de imagens religiosas.

É que, ao lê-los, só recorremos a nós próprios, homens ocupados pelo nosso pequeno mistério interior: gosto do bem e faço o mal, vivo e vou morrer, etc. Eles dirigem-se a nós: esses engenhos, esses raios, esses manás, esses apocalipses são representações do mundo do nosso espírito e da nossa alma. É a mim que falam, a mim; para mim... E se se tratasse de longínquas recordações deformadas de outros mundos que existiram, da passagem por esta terra de outros seres que procuravam, que sabiam, que trabalhavam? Imaginai uma época muito remota em que as mensagens provenientes de outras inteligências do Universo eram captadas e interpretadas, em que os visitantes interplanetários tinham instalado uma rede sobre a Terra, onde fora estabelecido um tráfico cósmico.

Imaginai que ainda existe em qualquer santuário notas, diagramas, relatórios, decifrados com dificuldade, no decorrer dos milenários, por monges detentores dos segredos antigos, mas de forma nenhuma qualificados para compreender esses segredos na sua totalidade, que não cessaram de interpretar, de extrapolar. Exatamente como seriam capazes de fazer os feiticeiros da Nova Guiné ao tentarem compreender uma folha de papel sobre a qual estivessem inscritos os horários dos aviões entre Nova Iorque e São Francisco. Por fim, tendes o livro de Gurdjieff: Narrações de Belzebu a seu Neto, cheio de referências a conceitos desconhecidos, a uma linguagem inverossímil. Gurdjieff diz que teve acesso a fontes. Fontes que não passam de desvios. Faz uma tradução em milésima mão, acrescentando-lhe idéias

pessoais, edificando uma simbólica do psiquismo humano: eis o esoterismo.

Um prospecto-guia das linhas internas de aviação dos U.S.A.: Pode marcar o seu lugar em qualquer parte. Esse pedido de marcação é registrado por um autômato eletrônico. Outro autômato marca o lugar no avião que você deseja. O bilhete que lhe for entregue será perfurado conforme, etc. Imaginai o que isto daria à milésima tradução em dialeto amazônico, feita por pessoas que nunca tivessem visto um avião e que ignorassem o que seja um autômato, bem como o nome das cidades citadas no guia. E agora: imaginai o esoterista perante esse texto, remontando às origens da sabedoria antiga e procurando um ensinamento para a conduta da alma humana...

Se existiram, na noite dos tempos, civilizações edificadas sobre um sistema de conhecimentos, também houve manuais. As catedrais seriam manuais do conhecimento alquímico. Não está posto de parte que alguns desses manuais, ou fragmentos, tenham sido novamente descobertos, piedosamente conservados e indefinidamente recopiados por monges cuja tarefa era mais salvaguardar do que compreender. Indefinidamente recopiados, fantasiados, transpostos, interpretados, mas em função do limitado saber da época seguinte.

Mas, no fim de contas, todo o real conhecimento técnico, científico, levado ao extremo, conduz a um conhecimento profundo da natureza do espírito, dos recursos do psiquismo, leva a um estado superior de consciência. Se, a partir dos textos esotéricos - mesmo que não sejam senão aquilo que aqui dizemos -, alguns homens puderam ascender a esse estado superior de consciência, de certa maneira restabeleceram contacto com o esplendor das civilizações extintas. Também não está excluído que haja duas espécies de textos sagrados: fragmentos de testemunhos de um antigo conhecimento técnico, e fragmentos de livros puramente religiosos, inspirados por Deus. Ambos se confundiriam, à falta de referências que permitissem distingui-los. E, na verdade, tanto num caso como noutro, trata-se de textos igualmente sagrados.

Sagrada é a aventura indefinidamente recomeçada, e no entanto indefinidamente progressiva, da inteligência sobre a Terra. E sagrado é o olhar que Deus lança sobre essa aventura, o olhar sob o qual se encontra suspensa essa aventura.

Permitem que terminemos este estudo, ou antes, este exercício, com uma história? É uma narrativa de um jovem escritor americano, Walter M. Miller. Quando a descobrimos, Bergier e eu, sentimos uma profunda alegria.

Oxalá os nossos leitores tenham a mesma sensação!

## VI

## Um cântico para São Leibowitz

Se não fosse aquele peregrino que de repente lhe apareceu mesmo a meio do deserto, onde prosseguia o jejum ritual da Quaresma, Frei Francis Gérard de L'Utah com certeza nunca teria descoberto o documento sagrado. Era aliás a primeira vez que tinha oportunidade de ver um peregrino com uma tanga a envolvê-lo, de acordo com a melhor tradição, mas um simples olhar bastou para convencer o jovem monge de que a personagem era autêntica. O peregrino era um velho desengonçado que coxeava

apoiando-se ao clássico bordão; a barba selvagem estava manchada de amarelo à volta do queixo e transportava um pequeno odre ao ombro. Com a cabeça coberta por um amplo chapéu e sandálias nos pés, tinha os rins apertados por um pedaço de pano de sacos, bastante sujo e esfarrapado. Era o único vestuário que usava e assobiava (falso) enquanto descia a pista pedregosa do norte. Parecia dirigir-se para a abadia dos frades de Leibowitz, situada a uma dezena de quilômetros na direção do sul.

Assim que avistou o jovem monge no seu deserto de pedras, o peregrino cessou de assobiar e começou a examiná-lo com curiosidade. Quanto a Frei Francis, absteve-se de quebrar a lei do silêncio imposta pela Ordem para os dias de jejum; afastando rapidamente o olhar, continuou portanto a trabalhar, trabalho que consistia em erguer uma muralha de pedras grandes para proteger dos lobos a sua provisória habitação.

Um pouco enfraquecido após dez dias de um regime exclusivamente composto por bagas de cactos, o jovem monge sentia que a cabeça lhe andava à roda enquanto continuava o trabalho. Há já algum tempo que a paisagem parecia bailar-lhe diante dos olhos e via manchas negras flutuarem à sua volta; por isso, a princípio, perguntou a si próprio se aquela barbuda aparição não seria uma simples miragem provocada pela fome. . . Mas o peregrino não tardou em dissipar-lhe as dúvidas:

- Ola allay!, exclamou alegremente, numa voz agradável e melodiosa.

Visto que a lei do silêncio o impedia de responder, o jovem monge limitou-se a esboçar um sorriso, sem erguer o rosto. Este caminho vai realmente para a abadia?, continuou então o vagabundo.

Sempre sem levantar os olhos, o noviço acenou afirmativamente com a cabeça, depois inclinou-se para apanhar um pedaço de pedra branca, semelhante a giz.

O que é que aqui faz, no meio de todos estes rochedos?, continuou o peregrino aproximando-se dele.

Rapidamente, Frei Francis ajoelhou-se para riscar sobre uma grande pedra lisa as palavras Solidão e Silêncio. Se soubesse ler - o que aliás era pouco provável, considerando as estatísticas - dessa forma o peregrino poderia compreender que a sua simples presença era um motivo de pecado para o penitente, e com certeza se retiraria sem insistir.

Ah, bom, disse o barbudo.

Ficou um instante imóvel, passeando o olhar em volta depois bateu com o bordão numa grande rocha:

Olhe, disse, aqui está uma que lhe convinha... Então boa sorte, e oxalá encontre a Voz que procura!

De momento, Frei Francis não compreendeu que o estrangeiro quisera dizer Voz com V maiúsculo; pensou simplesmente que o velho o tomara por um surdo-mudo. Depois de lançar um rápido olhar ao peregrino que se afastava assobiando novamente, apressou-se a dedicar-lhe uma bênção silenciosa para que fizesse boa viagem, depois regressou ao seu trabalho de pedreiro, desejoso de construir um recinto fechado em forma de caixão no qual se pudesse estender para dormir sem que a sua carne servisse de

atrativo para os lobos devoradores.

Passou-lhe por cima da cabeça um celestial rebanho de nuvenzinhas: depois de induzirem cruelmente o deserto em tentação, aquelas nuvens preparavam-se agora para derramar sobre as montanhas a sua úmida bênção... Essa passagem refrescou por momentos o jovem monge protegendo-o dos escaldantes raios de sol e aproveitou-os para intensificar o seu trabalho, sublinhando cada gesto com orações segredadas para confirmar a verdadeira vocação - pois era esse, na verdade, o fim que pretendia atingir durante o período de jejum no deserto.

Finalmente, Frei Francis pegou na grande pedra que o peregrino lhe indicara... mas as boas cores que adquirira ao cumprir o seu penoso trabalho abandonaram-lhe o rosto e deixou cair precipitadamente o pedaço de rocha, como se tivesse tocado numa serpente.

Jazia a seus pés uma caixa de lata enferrujada, parcialmente oculta pelas pedras. . .

Levado pela curiosidade, o jovem monge quis imediatamente pegar-lhe, mas primeiro recuou um passo e benzeu-se rapidamente, resmungando em latim, após o que, tranqüilizado, não receou dirigir-se à própria lata.

Vade retro, Satanás!, ordenou-lhe, ameaçando-a com o pesado crucifixo do seu rosário. Desaparece, Vil Sedutor! Tirando dissimuladamente de sob a túnica um minúsculo hissopo, borrifou a lata com água benta, para o que desse e viesse. Se és uma criatura diabólica, desaparece! Mas a caixa não deu provas de querer desaparecer, nem de explodir, nem sequer de se encarquilhar num odor de enxofre... Contentou-se em continuar tranquilamente no seu lugar, deixando ao vento do deserto o cuidado de fazer evaporar as gotas santificadoras que a cobriam.

Assim seja!, exclamou então o frade ajoelhando-se para pegar no objeto.

Sentado no meio das pedras, passou mais de uma hora martelando a caixa com uma grande pedra, a fim de a abrir. Enquanto se dedicava a essa tarefa, veio-lhe a idéia de que aquela relíquia arqueológica - pois era bem visível que disso se tratava - talvez fosse um sinal enviado pelo Céu para lhe indicar que a vocação lhe era concedida. No entanto, afastou imediatamente tal idéia, recordando-se a tempo de que o Frei Abade o pusera seriamente de sobreaviso contra qualquer revelação pessoal direta de caráter espetacular. Se deixara a abadia para cumprir no deserto aquele jejum de quarenta dias, refletiu, era justamente para que a penitência lhe proporcionasse uma inspiração vinda do Céu, a chamá-lo para as Ordens Sagradas.

Não devia esperar ser testemunha de visões ou ouvir-se chamar por vozes celestiais: tais fenômenos apenas trariam uma vã e estéril presunção. Inúmeros noviços tinham trazido do seu retiro no deserto abundantes histórias de presságios, de premonições e visões celestiais, motivo por que o Frei Abade adotara uma política enérgica em face desses pretensos milagres. O Vaticano é o único qualificado para se pronunciar sobre o assunto, resmungara, e é necessário evitar interpretar como revelação divina o que não passa do resultado de um golpe de sol.

Apesar de tudo, no entanto, Frei Francis não podia impedir-se de manipular a velha caixa de metal com infinito respeito, enquanto a martelava o melhor que podia para a abrir...

Subitamente a caixa cedeu, espalhando o seu conteúdo pelo chão, e o jovem religioso sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Ia-se-lhe revelar a própria Antiguidade! Apaixonado por arqueologia, tinha dificuldade em acreditar no que via e pensou de repente que Frei Jeris ia ficar doente de inveja - mas logo se censurou por esse pensamento pouco caridoso e começou a agradecer ao Céu que o gratificava com semelhante tesouro.

Tremendo de emoção, tocou cautelosamente nos objetos que a caixa continha esforçando-se por os espalhar. Os seus antigos estudos permitiram-lhe descobrir no meio do conjunto uma chave de parafusos - espécie de instrumento utilizado outrora para introduzir na madeira toros de metal com roscas e uma espécie de pequena tesoura, de lâminas afiadas. Descobriu também uma ferramenta bizarra, composta por um cabo de madeira carunchosa e por uma sólida haste de cobre à qual aderiam ainda algumas parcelas de chumbo derretido, mas não conseguiu identificá-la. A caixa continha ainda um pequeno rolo de fita negra e aderente, muito deteriorada pelos séculos para que fosse possível saber do que se tratava, e inúmeros fragmentos de vidro e de metal, assim como diversos desses pequenos objetos tubulares com escovas de fios de ferro que os pagãos das montanhas consideravam amuletos, mas que certos arqueólogos supunham ser restos da lendária machina analytica, anterior ao Dilúvio de Chamas.

Frei Francis examinou cuidadosamente todos aqueles objetos antes de os colocar a seu lado sobre a grande pedra lisa; quanto aos documentos, resolveu examiná-los em último lugar. Como sempre, aliás, eram eles que constituíam a mais importante descoberta, tendo em conta o reduzido número de papéis que tinham escapado aos terríveis autos-de-fé ateados durante a Era da Simplificação por uma população ignorante e vingativa, que não receava destruir dessa forma os próprios textos sagrados.

A preciosa caixa continha dois desses inestimáveis papéis, assim como três pequenas folhas de notas manuscritas. Todos aqueles documentos veneráveis eram muito frágeis, por a antiguidade os ter ressequido e tornado quebradiços; por isso o jovem monge pegou-lhes com a maior das precauções, tendo todo o cuidado em protegê-los do vento com uma aba da túnica.

Aliás eram dificilmente legíveis e redigidos em inglês antediluviano, essa língua antiga que, como o latim, já não era utilizada atualmente, a não ser pelos monges e pelo Ritual litúrgico. Frei Francis começou a decifrá-los lentamente, lendo as palavras de passagem sem lhes penetrar o verdadeiro sentido. Sobre uma das pequenas folhas lia-se: 1 libra de salsicha, 1 lata de choucroute para Ema. A segunda folha dizia: Pensar em ver a fórmula 1040 para declaração de impostos. Finalmente a terceira só continha números e uma longa adição, depois um número que manifestamente representava uma percentagem subtraída ao total precedente e seguida da palavra Bolas!. Incapaz de compreender fosse o que fosse daqueles documentos; o monge contentou-se em verificar os cálculos e achou-os certos.

Dos outros dois papéis que a caixa continha, um, apertado em forma de pequeno rolo, ameaçava desfazer-se se se tentasse desenrolá-lo. Frei Francis só lhe conseguiu decifrar duas palavras: Aposta Mútua, z e voltou a colocá-lo na caixa para o examinar mais tarde, depois de submetido a um tratamento conservador apropriado.

O segundo documento compunha-se de um grande papel dobrado várias vezes, e tão

quebradiço no sítio dos vincos que o religioso teve de contentar-se em afastar cuidadosamente as pontas para lançar uma olhadela.

Era um plano, um emaranhado confuso de linhas brancas, traçadas sobre fundo azul!

Um novo arrepio percorreu a espinha de Frei Francis: era um azul que ali estava - um desses documentos antigos e raríssimos que os arqueólogos tanto apreciavam e que os sábios e intérpretes especializados encontravam por vezes tanta dificuldade em decifrar!

Mas a inacreditável bênção que semelhante descoberta representava não ficava por ali: entre as palavras traçadas num dos ângulos inferiores do documento, eis, de fato, que Frei Francis descobre subitamente o próprio nome do fundador da sua ordem: o Bem-Aventurado Leibowitz em pessoa!

As mãos do jovem monge começaram a tremer tanto, na sua alegria, que correu o risco de rasgar o inestimável papel. As últimas palavras que o peregrino lhe dirigira voltaram-lhe então à memória: Oxalá encontres a Voz que procuras! Era de fato uma voz que acabava de descobrir, uma voz com V maiúsculo, semelhante ao que as asas de uma pomba formam quando esta desliza em direção à Terra vinda do Céu, um V maiúsculo como o de Trere dignum, ou Vidi aquam, um V majestoso e solene, como os que ornamentam as grandes páginas do Missal - em suma, um V como o de Vocação!

Após um último olhar ao papel azul para ter a certeza de que não sonhava, o religioso entoou as suas ações de graças: a Beate Leibowitz, ora pro me... Sancte Leibowitz, exaudi me... - e esta última fórmula não deixava de revelar certa audácia, visto que o fundador da Ordem ainda aguardava ser canonizado!

Esquecido das prescrições do Abade, Frei Francis ergueu-se de um salto e investigou o horizonte do lado do sul, na direção em que seguira o velho caminhante com tanga de juta. Mas o peregrino há muito que desaparecera. . . Era com certeza um anjo do Senhor, pensou Frei Francis, e - quem sabe? - talvez o Bem-Aventurado Leibowitz em pessoa. . . Não lhe indicara ele o local onde descobrira o milagroso tesouro, aconselhando-o a deslocar determinada pedra no momento em que lhe dirigia proféticas despedidas?. . .

O jovem frade continuou mergulhado nas suas exaltantes reflexões até à hora em que o Sol-posto ensangüentou as montanhas, enquanto as sombras do crepúsculo o rodeavam. Só então a noite que se aproximava lhe interrompeu a meditação. Disse para consigo que a inestimável dádiva que acabava de receber certamente não o colocaria ao abrigo dos lobos, pelo que se apressou a terminar a muralha protetora. Depois, como as estrelas apareciam, reanimou o lume e juntou as pequenas bagas cor de violeta dos cactos, que constituíam a sua refeição. Era este o seu único alimento, à exceção da mão-cheia de trigo seco que um padre lhe levava todos os domingos. Por isso acontecia-lhe lançar um olhar ávido aos lagartos que percorriam os rochedos vizinhos - e os seus sonhos eram frequentemente povoados de pesadelos gulosos.

Naquela noite, no entanto, a fome passara para o segundo plano das suas preocupações. O que teria desejado, antes de mais, era dirigir-se a toda a pressa à abadia para participar aos seus irmãos o maravilhoso encontro que tivera e a milagrosa descoberta que fizera. Mas, evidentemente, era problema que nem se podia pôr. Quer tivesse ou não vocação, teria de permanecer ali até ao fim da Quaresma e continuar a

agir como se nada de extraordinário lhe tivesse acontecido.

Há-de construir-se uma catedral neste sítio, pensou enquanto meditava junto do fogo. E já a imaginação o fazia ver o majestoso edifício que surgiria das ruínas da antiga aldeia, com os seus sinos altaneiros, que poderiam ser vistos de vários quilômetros em redor.

Acabou por adormecer e, quando acordou em sobressalto só uns vagos tições ardiam ainda na fogueira quase extinta. Teve de súbito a sensação de que não estava só naquele deserto. Semicerrando os olhos, esforçou-se por atravessar a escuridão que o envolvia e foi então que distinguiu, atrás das últimas brasas da sua modesta fogueira, as pupilas de um lobo que brilhavam nas trevas. Soltando um grito de pavor, o jovem monge correu a encerrar-se no seu túmulo de pedras secas. O grito que acabava de soltar, pensou ele enquanto se escondia, muito trêmulo, no seu refúgio, aquele grito não constituía, na verdade, uma infração à lei do silêncio... E começou a acariciar a caixa de metal que apertava junto ao coração, enquanto rezava para que a Quaresma terminasse rapidamente.

À sua volta, as pedras do esconderijo eram arranhadas por garras. . .

Todas as noites os lobos rondavam o miserável abrigo do frade, enchendo as trevas com os seus uivos de morte, enquanto durante o dia, ele era atacado por autênticos pesadelos provocados pela fome, pelo calor e pelas impiedosas queimaduras do sol. Frei Francis ocupava os dias a apanhar madeira para queimar e também a rezar, empenhando-se em martirizar a própria impaciência de ver finalmente chegar o Sábado Santo que marcaria o fim da Quaresma e do seu jejum.

No entanto, quando esse bendito dia surgiu enfim, o jovem monge estava demasiado enfraquecido pelas privações para arranjar forças para se alegrar. Vencido por uma enorme fadiga, arranjou a sacola, pôs o capuz na cabeça para se preservar do sol e colocou debaixo do braço a preciosa caixa. Com menos uma quinzena de quilos em relação à Quarta-Feira de Cinzas, e num andar vacilante, iniciou o percurso de dez quilômetros que o separavam da abadia... Esgotado, deixou-se cair no momento em que atingia a porta; os frades que o recolheram e prodigalizaram os primeiros cuidados à sua pobre carcaça desidratada contaram que, enquanto delirava, não cessara de falar num anjo com tanga de juta e de invocar o nome do Bem-Aventurado Leibowitz, agradecendo-lhe com fervor o fato de lhe ter revelado as relíquias sagradas, assim como a Aposta Mútua. A notícia desses vaticínios espalhou-se pela comunidade e chegou rapidamente aos ouvidos do Padre Abade, responsável pela disciplina geral, o qual logo se enfureceu. Tragam-mo aqui!, disse num tom capaz de dar asas aos menos solícitos. Enquanto esperava o jovem monge, o Abade passeou de um lado para o outro, ao mesmo tempo que a cólera o invadia. Não era, evidentemente, contra os milagres, longe disso. Embora fossem dificilmente compatíveis com as necessidades da administração interna, o bom Padre acreditava piamente em milagres, visto que constituíam a própria base da sua fé. Mas achava que esses milagres deviam pelo menos ser devidamente controlados, verificados e autenticados nas formas prescritas, segundo as regras estabelecidas. Depois da recente beatificação do venerado Leibowitz, de fato, aqueles jovens loucos dos monges resolviam descobrir milagres em toda a parte.

Por compreensível que na verdade fosse essa propensão para o maravilhoso, nem por isso era menos intolerável. Evidentemente, toda a ordem monástica digna desse nome tem o maior interesse em contribuir para a canonização do seu fundador, reunindo com

o maior zelo todos os elementos susceptíveis de concorrerem para o fato, mas há limites! Ora, de há uns tempos a essa parte, o Abade constatara que o seu rebanho de monges tinha tendência para escapar à sua autoridade, e o apaixonado zelo que os jovens frades punham em descobrir e recensear os milagres metera de tal forma a ridículo a Ordem Albertiana de Leibowitz que até no Novo Vaticano já troçavam do fato...

Por isso o Padre Abade estava bem decidido a ser severo: dali para o futuro, qualquer propagador de notícias milagrosas sofreria um castigo. No caso de se tratar de um falso milagre, o responsável pagaria dessa forma o preço da indisciplina e da credulidade; no caso de um milagre autêntico, revelado por verificações ulteriores, pelo contrário, o castigo sofrido constituiria a penitência obrigatória que devem sofrer todos aqueles que beneficiam da dádiva de uma graça.

No momento em que o jovem noviço bateu timidamente à porta, o bom Padre, que chegara ao final das suas reflexões, encontrava-se portanto na disposição que convinha para a circunstância, um estado de espírito realmente feroz, dissimulado sob a mais hipócrita das aparências.

- Entre, meu filho - disse numa voz suave.

- Mandou-me chamar, meu Reverendo Padre? – inquiriu o noviço, e teve um sorriso encantado ao descobrir a sua caixa de metal em cima da mesa do Abade.

- Mandei - respondeu o Padre, que pareceu hesitar um instante.

Mas - prosseguiu - é talvez preferível que, daqui em diante, seja eu que o procure, visto que se tem transformado numa personagem tão célebre?

- Oh!, não, meu Padre! - exclamou Frei Francis, escarlate e meio sufocado.

- Tem dezessete anos, e é visível que não passa de um imbecil.

Sem dúvida alguma, meu Reverendo.

- Nessas condições, quer dizer-me por que insensato motivo se acha digno de entrar para as Ordens?

- Não tenho absolutamente nenhum motivo, ó meu venerável mestre. Não passo de um miserável pecador cujo orgulho não tem perdão.

- E ainda aumentas os teus pecados - rugiu o Abade -, supondo o teu orgulho tão grande que é imperdoável!

- É verdade, meu Padre. Não passo de um verme.

O Abade teve um sorriso glacial e recuperou a sua calma vigilante.

- Está então disposto a desdizer-se - continuou - e a renegar todas as divagações que proferiu sob o efeito da febre a propósito de um anjo que lhe teria aparecido e lhe teria confiado este. . . (designou com um gesto desdenhoso a caixa de metal) . . . esta miserável pacotilha?

Frei Francis teve um sobressalto e fechou receosamente os olhos.

- Eu. . . receio muito não o poder fazer, ó meu mestre disse num sopro.

- O quê?!

- Não posso negar o que os meus olhos viram, meu Reverendo Padre.

- Sabe o castigo que o espera?

- Sei. meu Padre.

- Muito bem. Prepare-se portanto para o receber. Com um suspiro resignado, o noviço arregaçou a longa túnica até à cintura e inclinou-se sobre a mesa. Tirando então da gaveta uma sólida vara de nogueira, o bom Padre vergastou-lhe dez vezes seguidas o traseiro. (Após cada golpe, o noviço pronunciava com submissão o Deo gratias! merecido pela lição de humildade que dessa forma lhe era concedida).

- E agora - perguntou o Abade, recompondo as mangas -, está disposto a desdizer-se?

- Meu Padre, não posso fazê-lo.

Voltando-lhe bruscamente as costas, o padre ficou por momentos silencioso.

- Muito bem - disse por fim numa voz mordaz. - Seja como o deseja. Mas não conte tomar ordens solenes este ano, ao mesmo tempo que os outros.

Banhado em lágrimas, Frei Francis regressou à sua cela.

Os outros noviços receberiam o trajo monacal, ao passo que ele, pelo contrário, teria de esperar ainda um ano e passar outra Quaresma no deserto, no meio dos lobos, em busca de uma vocação que no íntimo sabia que lhe fora amplamente concedida. . . No decorrer das semanas que se seguiram, o desgraçado teve pelo menos a consolação de constatar que o Abade não tivera inteiramente razão ao classificar o conteúdo da caixa de metal de desprezível pacotilha. Aquelas relíquias arqueológicas era evidente que tinham despertado vivo interesse entre os Frades que dedicavam muito tempo à sua limpeza e arrumação; esforçavam-se, igualmente, por restaurar os documentos escritos e por lhes decifrar o sentido. Corria mesmo o boato, na comunidade, de que Frei Francis descobrira realmente as verdadeiras relíquias do Bem-Aventurado Leibowitz - particularmente sob a forma do documento, ou azul, que tinha o seu nome e sobre o qual se viam ainda algumas manchas acastanhadas. (Sangue de Leibowitz, talvez? O Padre Abade era de opinião que se tratava de sumo de maçã) . Em todo o caso, o documento tinha a data do Ano da Graça de 1956, o que parecia provar que era contemporâneo do venerando fundador da Ordem.

Aliás sabia-se muito pouco a respeito do Bem-Aventurado Leibowitz; a sua história perdia-se na bruma do passado, que ainda mais obscurecia a lenda. Afirmava-se simplesmente que Deus, para pôr à prova o gênero humano, ordenara aos sábios de outrora entre os quais figurava o Bem-Aventurado Leibowitz - que aperfeiçoassem certas armas diabólicas, graças às quais o Homem, no espaço de algumas semanas, conseguira destruir o essencial da civilização, suprimindo ao mesmo tempo grande número dos seus semelhantes. Dera-se então o Dilúvio de Chamas, seguido da peste e

de flagelos diversos, e finalmente da loucura coletiva que viria a conduzir à Idade da Simplificação. No decurso desta última época, os derradeiros representantes da humanidade, invadidos por um furor vingativo, cortaram às postas todos os politiqueiros, técnicos e homens de ciência; além disso, queimaram todas as obras e documentos que teriam permitido enveredar novamente pelas vias da destruição científica. Naquele tempo perseguiram com um ódio sem precedentes todos os escritos, todos os homens cultos - a tal ponto que a palavra papalvo acabara por ser sinônimo de cidadão honesto, íntegro e virtuoso.

Para escapar à legítima cólera dos papalvos sobreviventes, muitos sábios e eruditos tentaram refugiar-se no seio da Nossa Madre Igreja. De fato Ela acolheu-os, cobriu-os com trajos monacais e esforçou-se por os subtrair às perseguições da população. Aliás este processo nem sempre resultou, pois alguns mosteiros foram invadidos, os arquivos e os textos sagrados lançados à fogueira, enquanto os que ali se tinham refugiado eram enforcados. No que se refere a Leibowitz, encontrara asilo entre os Cistercienses. Tendo tomado ordens, tornou-se padre e, ao fim de doze anos, foi-lhe concedida autorização para fundar uma nova ordem monástica, a dos Albertianos, assim chamada em memória de Alberto o Grande, professor do famoso São Tomás de Aquino e padroeiro de todos os cientistas. A congregação recentemente criada devia dedicar-se à proteção da cultura, tanto sagrada como profana, e os seus membros teriam como obrigação principal transmitir às gerações seguintes os raros livros e documentos que tinham escapado à destruição e que os obrigavam a manter escondidos. Finalmente certos papalvos reconheceram em Leibowitz um antigo sábio e condenaram-no à forca. No entanto, a Ordem que fundara nem por isso deixou de funcionar e os seus membros, logo que foi novamente dada autorização de possuir documentos escritos, puderam mesmo dedicar-se a transcrever de memória numerosas obras do passado. Mas sendo a memória desses analistas forçosamente limitada (aliás, eram poucos os que possuíam cultura suficiente para compreender as ciências físicas), os frades copistas consagravam a maior parte dos seus esforços aos textos sagrados assim como às obras referentes às belas-letras ou às questões sociais. Por esse motivo, de todo o imenso repertório de conhecimentos humanos apenas sobreviveu uma insignificante coleção de pequenos tratados manuscritos.

Após seis séculos de obscurantismo, os monges continuavam a estudar e a recopiar a sua pobre colheita. Aguardavam... Evidentemente, a maior parte dos textos que tinham salvado não lhes serviam para nada - mantendo-se, alguns deles, rigorosamente incompreensíveis para os monges. Mas, para aqueles bons religiosos, bastava saber que eram senhores do Conhecimento: saberiam salvá-lo e transmiti-lo, como exigia o seu dever - e isto, mesmo que o obscurantismo universal viesse a durar dez mil anos... Frei Francis Gérard de L'Utah voltou para o deserto no ano seguinte e ali fez, solitariamente, o seu jejum. Mais uma vez regressou ao mosteiro fraco e emagrecido, e novamente foi convocado pelo Padre Abade, que lhe perguntou se estava finalmente decidido a renegar as suas extravagantes declarações.

Não posso, meu Padre - repetiu ele -, não posso negar o que vi com os meus próprios olhos.

E o Abade, uma vez mais, o castigou; uma vez mais, também, adiou para uma data ulterior a sua entrada nas ordens... No entanto, os documentos contidos na caixa de metal tinham sido confiados a um seminário, para estudo, depois de tirada uma cópia. Mas Frei Francis continuava a ser um simples noviço, um noviço que ainda sonhava

com o magnífico santuário que um dia seria edificado no local da sua descoberta. . .

Diabólica teimosia!, explodia o Abade. Se o peregrino de que aquele idiota se obstina a falar se dirigia, como diz, para a nossa abadia, como seria possível que nunca o tivéssemos visto?... Um peregrino com tanga de juta, hã?!

No entanto, essa história da tanga de juta não deixava de inquietar o bom do Padre. De fato, segundo a tradição, o Bem

- Aventurado Leibowitz, na altura do enforcamento, levara um saco de juta na cabeça, à guisa de capuz.

Frei Francis manteve-se noviço durante sete anos e viveu no deserto sete Quaresmas sucessivas. Com esse regime tornou-se mestre na arte de imitar o uivo dos lobos e aconteceu várias vezes, por questão de brincadeira, arrastar a matilha de feras até aos muros da abadia, por noites sem Lua... Durante o dia contentava-se em trabalhar nas cozinhas e esfregar as lajes do mosteiro, ao mesmo tempo que continuava a estudar autores antigos.

Um belo dia chegou à abadia um enviado do seminário montado num burro, portador de uma notícia muito agradável. Está provado, anunciou ele, que os documentos encontrados perto daqui pertencem realmente à data indicada e, especialmente, que o azul se relaciona de certa maneira com a carreira do vosso bem-aventurado fundador. Enviaram-no ao Novo Vaticano, que o estudará mais profundamente.

- Nesse caso - perguntou o Abade -, poder-se-ia tratar, no fim de contas, de uma autêntica relíquia de Leibowitz? Mas o mensageiro, pouco disposto a comprometer-se, limitou-se a arquear as sobrancelhas.

- Diz-se que Leibowitz era viúvo, quando da sua ordenação

- Murmurou. - Evidentemente, se fosse possível descobrir o nome da sua defunta esposa. . .

Foi então a vez do Abade, ao lembrar-se da pequena nota onde figurava um nome de mulher, de erguer também as sobrancelhas. . .

Pouco depois mandou chamar Frei Francis.

- Meu filho - declarou-lhe num tom positivamente radiante -, creio chegada para si a altura de poder finalmente tomar ordens solenes. Que me seja permitido felicitá-lo pela paciência e firmeza de opiniões de que não tem cessado de nos dar provas. Evidentemente, nunca mais falaremos do seu... hum... encontro com um hum! - caminhante do deserto. meu filho, é um bom papalvo, e pode ajoelhar-se se deseja que o abençoe.

Frei Francis soltou um profundo suspiro e perdeu os sentidos, fulminado pela emoção. O Padre abençoou-o, depois reanimou-o e permitiu que pronunciasse os seus votos perpétuos: pobreza, castidade, obediência - e observância da regra. Pouco tempo depois, o novo professor da Ordem Albertiana dos Frades de Leibowitz foi afetado à sala dos copistas, sob a vigilância de um velho monge chamado Horner, e começou a ornamentar conscienciosamente as páginas de um tratado de álgebra com belas

iluminuras representando ramos de oliveira e querubins bochechudos.

- Se assim o deseja - participou-lhe o velho Horner na sua voz cansada -, pode dedicar cinco horas por semana a qualquer ocupação à vossa escolha, sob reserva de aprovação, evidentemente. Caso contrário, utilizará essas horas de labor facultativo copiando a Summa Theological, assim como os fragmentos da Enciclopédia Britânnica que nos vieram parar às mãos. Depois de ter refletido no assunto, o jovem monge perguntou :

- Ser-me-ia permitido consagrar essas horas a fazer uma bela cópia do documento de Leibowitz?

- Não sei, meu filho - replicou Frei Horner franzindo o sobrolho. - Trata-se de um assunto a respeito do qual o nosso excelente Padre se mostra um pouco irritado, como sabe... Enfim, concluiu perante as súplicas do jovem copista, acedo apesar de tudo a dar-lhe o meu consentimento, pois é um trabalho que não lhe tomará muito tempo.

Frei Francis arranjou portanto o mais belo pergaminho que pôde encontrar e passou longas semanas a raspar e polir a pele com uma pedra lisa, até que conseguiu dar-lhe uma resplandecente brancura de neve. Depois consagrou outras semanas a estudar as cópias do precioso documento, até que decorou todo o traçado, todo o misterioso emaranhado de linhas geométricas e de símbolos incompreensíveis. Por fim, sentiu-se capaz de reproduzir de olhos fechados a espantosa complexidade do documento. Então, ainda passou várias semanas a revistar a biblioteca do mosteiro em busca de documentos que lhe permitissem fazer uma idéia, mesmo vaga, do significado do plano.

Frei Jeris, um jovem monge que também trabalhava na sala dos copistas e troçara muitas vezes dele e das suas milagrosas aparições no deserto, surpreendeu-o entregue a essa tarefa.

- Posso perguntar-lhe - disse inclinando-se-lhe por cima do ombro - o significado da menção Mecanismo de Controle Transitorial para Elemento 6-B?

- É evidentemente o nome do objeto que o esquema representa - replicou Frei Francis num tom um pouco seco -, pois Frei Jeris apenas lera em voz alta o título do documento.

- Sem dúvida. . . Mas então o que representa esse esquema?

- Mas... o mecanismo de controlo transitorial de um elemento 6-B, evidentemente!

Frei Jeris soltou uma gargalhada, e o jovem copista sentiu-se corar.

- Suponho - continuou que o esquema representa na realidade qualquer conceito abstrato. Na minha opinião, este Mecanismo de Controlo Transitorial devia ser uma abstração transcendental.

- E em que categoria de conhecimento classificaria a vossa abstração? - perguntou Jeris, sempre sarcástico.

- Bom, vejamos... - Frei Francis hesitou um momento, depois continuou: - tendo em conta os trabalhos que o Bem-Aventurado Leibowitz realizava antes de se dedicar à

religião, parece-me que o conceito de que aqui se trata se referia a essa arte hoje esquecida e a que outrora se chamava eletrônica.

- De fato, essa palavra figura nos textos escritos que nos foram transmitidos. Mas o que é que significa exatamente?

- Os textos também no-lo dizem: o objetivo da eletrônica era a utilização do Eléctron, que um dos manuscritos em nosso poder, infelizmente em fragmentos, nos define como uma porção do Nada Negativamente Carregada. (Definição exata (dada pelo Pr. Léon Brillouin, depois retomada por Robert Andrews Mullikan, prêmio Nobel) . De fato é incompreensível, caso não se possua o contexto, isto é, toda a complexa estrutura da nossa física.)

A sua subtileza impressiona-me - extasiou-se Jeris.Posso ainda perguntar-lhe o que é a negação do nada?

Frei Francis, cada vez mais corado, embasbacou.

- A torção negativa do nada - prosseguiu o impiedoso Jeris - deve apesar de tudo ir dar a qualquer coisa de positivo. Portanto, Frei Francis, suponho que acabará por nos criar essa qualquer coisa, se nisso empenhar todos os seus esforços. Graças a si, não há dúvida de que acabaremos por possuir esse famoso Elétron. Mas que faremos então dele? Onde o meteremos? Em cima do altar-mor, talvez?

- Não faço a menor idéia - replicou Francis, que começava a enervar-se -; e também ignoro o que era um Elétron, assim como a utilidade que poderia ter. Tenho apenas a profunda convicção de que deve ter existido, numa determinada época, e é tudo.

Soltando um riso trocista, Jeris o iconoclasta deixou-o e regressou ao seu trabalho. Esse incidente entristecera Frei Francis, sem no entanto o afastar do projeto que acalentava. Assim que assimilou as informações que a biblioteca do Mosteiro lhe podia fornecer sobre a arte perdida em que Leibowitz se celebrizara, esboçou alguns anteprojetos do plano que queria reproduzir sobre o pergaminho.

O próprio esquema, visto que não conseguia penetrar-lhe o significado, seria reproduzido com todo o cuidado, tal como se apresentava no documento original. Para isso empregaria tinta preta; em contrapartida, utilizaria tintas de cor e caracteres de fantasia altamente decorativos para reproduzir os números e as legendas do plano. Decidiu igualmente quebrar a austera e geométrica monotonia da sua reprodução ornamentando-a com pombas e querubins, parras verdejantes, frutos dourados e aves multicolores - até mesmo de uma artificiosa serpente. Ao alto da obra desenharia uma representação simbólica da Santíssima Trindade, e em baixo, para fazer simetria, um desenho da cota de malha que servia de emblema à Ordem. O Mecanismo de Controlo Transitorial do Bem-Aventurado Leibowitz estaria desta forma dignificado como convinha e a sua mensagem dirigir-se-ia tanto aos olhos como ao espírito. Assim que terminou o esboço preliminar, submeteu-o timidamente à opinião de Frei Horner.

- Apercebo-me - disse o velho monge com certo ar de remorso - de que este trabalho o ocupará muito mais tempo '; do que pensei... Mas pouco importa: continue. O desenho é belo, realmente muito belo.

- Obrigado, meu irmão.

Frei Horner teve um piscar de olhos para o jovem religioso:

- Disseram-me - murmurou em tom de confidência que decidiram ativar as formalidades necessárias para a canonização do Bem-Aventurado Leibowitz. Portanto, é provável que atualmente o nosso bondoso Padre se sinta muito menos inquieto com aquilo que sabemos.

Evidentemente, todos estavam ao corrente dessa importante notícia. A beatificação de Leibowitz há muito que era um fato consumado, mas as últimas formalidades que fariam dele um santo podiam exigir ainda um bom número de anos. Além disso, havia sempre a recear que o Advogado do Diabo descobrisse qualquer motivo que tornasse impossível a Canonização projetada.

Ao fim de vários meses, Frei Francis começou finalmente a trabalhar sobre o seu belo pergaminho, traçando amorosamente os finos arabescos, as volutas complicadas e as elegantes iluminuras, realçadas por folhas douradas. Era um trabalho de grande fôlego que ele empreendera, um trabalho que exigia vários anos para ser levado a bom fim. Os olhos do copista, como é natural, foram submetidos a uma rude prova e por vezes viu-se obrigado a interromper o seu labor durante longas semanas, com receio de que um descuido motivado pela fadiga fosse estragar todo conjunto. Todavia, pouco a pouco, a obra criava forma, e apresentava uma beleza tão grandiosa que todos os monges da abadia se empenhavam em a contemplar com admiração. Apenas o céptico Frei Jeris continuava a criticar.

Pergunto a mim próprio, dizia ele, porque não emprega o tempo num trabalho útil.

Quanto a ele, era nesse gênero de trabalhos que ocupava o seu tempo, visto que fabricava abajours de pergaminho ornamentado para as candeias de azeite da capela. Entretanto, o velho Frei Horner adoeceu e começou a enfraquecer rapidamente. Nos primeiros dias do Advento, os seus irmãos cantaram em sua intenção a Missa dos Defuntos e confiaram-lhe os despojos à terra original. O Abade escolheu Frei Jeris para suceder ao defunto na vigilância dos copistas e o invejoso imediatamente aproveitou o fato para ordenar a Frei Francis que abandonasse a sua obra-prima. Já era tempo, disse-lhe, de acabar com aquelas infantilidades; agora era altura ' de fabricar abajours. Frei Francis colocou em lugar seguro o fruto das suas vigílias e obedeceu sem recalcitrar.

Enquanto pintava os seus abajours, consolava-se pensando que todos somos mortais... Um dia, sem dúvida, a alma de Frei Jeris iria juntar-se no Paraíso à alma de Frei Horner, pois no fim de contas a sala dos copistas nunca fora mais do que a antecâmara da Vida Eterna. Então, se essa fosse a vontade de Deus, ser-lhe-ia permitido continuar a obra-prima interrompida. . . No entanto, a divina Providência encarregou-se do caso muito antes da morte de Frei Jeris. Logo no Verão seguinte apresentou-se à porta do mosteiro um bispo que cavalgava montado numa mula, acompanhado por um numeroso séqüito de dignitários eclesiásticos. O Novo Vaticano, anunciou, encarregara-o de ser o advogado da canonização de Leibowitz e vinha recolher junto do Padre Abade todas as informações susceptíveis de o auxiliar na sua missão; em particular, desejava esclarecimentos a respeito de uma aparição terrestre do Bem-Aventurado, com que fora agraciado um certo Frei Francis Gerard de L'Utah.

O enviado do Novo Vaticano foi calorosamente acolhido, como é da praxe. Instalaram-no nos aposentos reservados aos prelados de passagem e puseram-lhe às ordens seis

jovens noviços atentos a satisfazer os seus mínimos desejos. Abriram em sua honra as melhores garrafas, assaram-se as mais delicadas aves e chegaram ao ponto de se preocupar com as suas distrações, arranjando-lhe, todas as noites, vários violinistas e uma companhia inteira de palhaços.

Havia três dias que o bispo ali estava quando o bom Padre Abade fez comparecer diante dele Frei Francis.

- Monsenhor Di Simone deseja vê-lo - disse-lhe.Se tiver a infelicidade de dar livre curso à sua imaginação, atiraremos a sua carcaça aos lobos e os seus ossos serão sepultados em terra que não seja sagrada... Agora, meu filho, vá em paz: Monsenhor está à sua espera.

Frei Francis não tinha a menor necessidade da advertência do bom Padre para refrear a língua. Desde o longínquo dia em que a febre o tornara loquaz, depois da primeira Quaresma passada no deserto, evitara falar fosse a quem fosse no encontro com o peregrino. Mas perturbava-o ver que as maiores autoridades eclesiásticas se interessavam bruscamente por esse mesmo peregrino, por isso o coração batia-lhe com força quando se apresentou diante do bispo.

Aliás o seu pavor revelou-se sem o menor fundamento.

O prelado era um velho muito paternal, que parecia interessar-se acima de tudo pela carreira do fradinho.

- E agora - disse-lhe ele, após alguns momentos de amena conversa -, fale-me do encontro que teve com o vosso Bem-Aventurado fundador.

- Oh, Monsenhor! Eu nunca disse que se tratava do Bem-Aventurado Leibo. . .

- Claro, meu filho, claro... Aliás, trouxe-lhe um auto dessa aparição. Foi elaborado segundo informações recolhidas nas melhores fontes. Peço-lhe apenas para o ler. Após o que me confirmará a exatidão do mesmo, ou, se for necessário, corrigi-lo-á. Bem entendido, este documento baseia-se apenas no que se diz. Na realidade, só o Frei Francis nos pode dizer o que na verdade se passou. Peço-lhe portanto para o ler muito atentamente. Frei Francis pegou no espesso maço de papéis que o prelado lhe estendia e começou a ler a descrição oficial com uma apreensão cada vez maior, que não tardou em degenerar num verdadeiro pavor.

- Muda de expressão, meu filho - notou o bispo. – Terá constatado algum erro?

- Mas. . . mas. . . não foi assim. . . não foi nada assim que as coisas se passaram! - exclamou o desgraçado monge, aterrado. - Só o vi uma vez e ele limitou-se a perguntar-me o caminho para a abadia. Depois bateu com o bordão sobre a pedra debaixo da qual descobri as relíquias. . . - Se estou a compreender bem, não houve então coro celestial?

- Oh, não!

- Nem auréola em redor da sua cabeça, nem tapete de rosas desenrolando-se sob os seus passos à medida que ele avançava?

- Perante Deus que me observa, Monsenhor, afirmo que nada disso aconteceu!

- Bom, bom - disse o bispo suspirando. - Bem sei que as histórias que os viajantes narram contêm sempre uma grande dose de exagero. . .

Como parecia desiludido, Frei Francis apressou-se a pedir desculpas, mas o advogado do futuro santo acalmou-o com um gesto:

- Não tem importância, meu filho - assegurou-lhe. - Não nos faltam milagres, devidamente controlados, graças a Deus!.. Em todo o caso os papéis que descobristes tiveram pelo menos uma utilidade, visto que nos permitiram descobrir o nome da esposa do vosso venerável fundador, a qual morreu, como sabe, antes de ele se dedicar à religião.

- Realmente, Monsenhor?

- Sim. Chamava-se Emília.

Manifestamente muito desapontado com a descrição que o jovem monge lhe fizera do encontro com o peregrino, Monsenhor Di Simone nem por isso deixou de passar cinco dias inteiros no local onde Francis descobrira a caixa de metal. Acompanhava-o uma corte de noviços, agitando pás e enxadas... Depois de terem cavado muito fundo, o bispo regressou à abadia, na noite do quinto dia, com um rico espólio de diversas relíquias, entre as quais uma velha caixa de alumínio que continha ainda alguns vestígios de uma massa ressequida que talvez tivesse sido outrora, choucroute.

Antes de deixar a abadia, visitou a sala dos copistas e quis ver a reprodução que Frei Francis tinha feito do célebre papel azul de Leibowitz. O monge, ao mesmo tempo que protestava dizendo tratar-se de coisa sem importância, exibia-o com mão trêmula.

Arre! exclamou o bispo (pelo menos foi o que julgaram ouvir). É preciso terminar este trabalho, meu filho, é preciso!

Sorridente, o monge procurou o olhar de Frei Jeris. Mas o outro apressou-se a voltar a cabeça... No dia seguinte, Frei Francis metia novamente mãos à obra, com grande reforço de penas de pato, folhas douradas e variados pincéis.

... Continuava ocupado naquela tarefa quando se apresentou no convento uma nova delegação vinda do Vaticano. Desta vez tratava-se de um grupo numeroso, incluindo mesmo guardas armados para impedir os ataques dos salteadores de estrada.

À cabeça, orgulhosamente montado numa mula preta, pavoneava-se um prelado com a cabeça ornamentada com pequeninos chifres e a boca com longos colmilhos acerados (foi, pelo menos, o que mais tarde afirmaram vários noviços). Apresentou-se como o Advocatus Diaboli, encarregado de se opor por todos os meios à canonização de Leibowitz, e explicou que vinha à abadia para investigar sobre certos boatos absurdos, postos a circular por fradinhos histéricos, e cujo rumor chegara aos ouvidos das autoridades supremas do Novo Vaticano. Bastava olhar para aquele emissário para imediatamente ver que não era pessoa que se deixasse enganar.

O Abade acolheu-o delicadamente e ofereceu-lhe um pequeno leito todo de ferro, numa cela exposta ao sul, pedindo desculpa por não o poder alojar nos aposentos de honra,

provisoriamente inabitáveis por uma questão de higiene. Este novo hóspede contentou-se, para o seu serviço, com as pessoas do seu séqüito e, no refeitório, partilhou das refeições habituais dos monges: ervas cozidas e caldo de raízes.

- Disseram-me que está sujeito a crises nervosas, com perda de sensibilidade - disse ele a Frei Francis quando o monge compareceu na sua frente. - Quantos loucos ou epilépticos houve nos seus ascendentes ou parentes?

- Nenhum, Excelência.

- Não me chame Excelência! - rugiu o dignitário.E fique sabendo que não terei a menor dificuldade em fazer-lhe dizer toda a verdade.

Falava do assunto como de uma intervenção cirúrgica das mais banais e era visível que achava que deveria ter sido feita há muitos anos.

- Não ignora - continuou - que existem processos para envelhecer artificialmente os documentos, não é verdade? Frei Francis ignorava-o.

- Sabe igualmente que a mulher de Leibowitz se chamava Emília e que Ema não é de forma nenhuma o diminutivo desse nome?

Francis também não tinha grandes conhecimentos a respeito do assunto. Lembrava-se simplesmente que os pais, na sua infância, empregavam por vezes certos diminutivos um pouco ao acaso... E depois, pensou, se o Bem-Aventurado Leibowitz abençoado seja ele! - decidiu chamar Ema à mulher, estou certo de que sabia o que fazia.. .

O enviado do Novo Vaticano começou então a dar-lhe uma lição de semântica com tamanha impetuosidade que o pobrezinho do frade julgou que ia enlouquecer. No final dessa tumultuosa sessão já nem sequer sabia se alguma vez encontrara ou não um peregrino.

Antes da partida, o Advogado do Diabo quis também ver a cópia iluminada que Francis fizera e o pobre apresentou-lha com a morte na alma. O prelado, a princípio, pareceu atrapalhado; depois engoliu em seco e fez um esforço para dizer qualquer coisa.

- É evidente que não lhe falta imaginação. Mas, quanto a isso, creio que já todos o sabiam aqui.

Os chifres do emissário tinham encurtado vários centímetros e ele partiu nessa mesma noite para o Novo Vaticano.

... E os anos passaram, acrescentando algumas rugas aos rostos juvenis, alguns cabelos brancos às têmporas dos monges.

No mosteiro a vida corria como de costume, e os monges continuavam absorvidos nas suas cópias, como antigamente. Frei Jeris, um belo dia, resolveu construir uma prensa para imprimir. Quando o abade lhe perguntou o motivo só soube responder:

- Para aumentar a produção.

- Ah, sim? - disse o Padre. - E para que pensa que poderiam servir as suas papeladas, num mundo em que se é tão feliz por não saber ler? Talvez as possa vender aos

camponeses para acenderem o lume, não acha?

Mortificado, Frei Jeris encolheu tristemente os ombros e os copistas do mosteiro continuaram a trabalhar com penas de pato. . .

Numa manhã de Primavera, um pouco antes da Quaresma, apresentou-se no mosteiro um novo mensageiro trazendo uma boa, excelente notícia: os documentos reunidos para a canonização de Leibowitz já estavam completos, o Sacro Colégio não tardaria a reunir-se e o fundador da Ordem dos Albertianos em breve figuraria entre os santos do calendário.

Enquanto toda a confraria se regozijava, o Padre Abade muito velho, atualmente, e bastante gagá - mandou chamar Frei Francis.

- Sua Santidade exige a sua presença por ocasião das festas que se vão realizar para a Canonização de Isaac Edward Leibowitz - cuspinhou ele. - Prepare-se para partir. E acrescentou num tom resmungão:

- Se deseja desmaiar, vá fazê-lo para longe daqui!

A viagem do jovem monge até ao Novo Vaticano exigiria pelo menos três meses - talvez mesmo mais: tudo dependia da distância que pudesse percorrer antes que os inevitáveis salteadores de estrada o privassem do seu burro.

Partiu só e sem armas, munido apenas de uma gamela de mendigo. Apertava contra o coração a cópia iluminada do plano de Leibowitz e pedia a Deus, enquanto avançava, que não lho roubassem. . . É verdade que os ladrões eram pessoas ignorantes e não saberiam que destino lhe dar. . . Por precaução, apesar de tudo, o monge ostentava um pedaço de tecido negro sobre o olho direito. Os camponeses eram supersticiosos, de fato, e a simples ameaça de mau olhado bastava por vezes para os pôr em fuga.

Após dois meses e alguns dias de viagem, Frei Francis encontrou o seu gatuno, num atalho da montanha ladeado por espesso mato, longe de qualquer habitação. Era um homem baixo, mas visivelmente sólido como um boi. As pernas afastadas, os braços vigorosos cruzados sobre o peito, estava parado a meio do atalho, à espera do monge, que ia lentamente ao seu encontro, no passo vagaroso da sua montada... Parecia estar só e como arma apenas tinha uma faca que nem sequer retirou do cinto. O encontro causou grande desapontamento ao monge: de fato, no íntimo do seu coração, não cessara de acreditar que, ao longo do caminho, encontraria o peregrino de outrora.

- Alto! - ordenou o ladrão.

O burro parou por sua livre vontade. Frei Francis ergueu o capuz para mostrar a pala preta e dela aproximou lentamente a mão, como se se preparasse para revelar qualquer espetáculo horrível, dissimulado sob o tecido. Mas o homem, atirando a cabeça para trás, soltou um riso sinistro e verdadeiramente satânico.

O monge apressou-se a murmurar um exorcismo, com o qual o ladrão não pareceu impressionado.

- Há muitos anos que isso não pega - disse ele.Vamos, salta para o chão, e depressa!

Frei Francis encolheu os ombros, sorriu e desceu da montada sem protestar.

- Desejo-lhe muito boa tarde, senhor! - disse num tom amável. - Pode ficar com o burro, a caminhada far-me-á bem. E já se afastava, quando o ladrão lhe barrou o caminho.

- Espera! Despe-te todo, e mostra-me o que há dentro desse embrulho!

O monge mostrou-lhe a gamela, com um pequeno gesto de escusa, mas o outro começou a rir cada vez mais.

- O truque da pobreza. . . também já mo empregaram!afirmou ele à sua vítima em tom sarcástico -, mas o último pedinte que mandei parar tinha meio cheio de ouro na bota. . . Vamos, despe-te depressa!

Depois de o monge ter cumprido a ordem, o homem revistou-lhe as roupas, nada encontrou e voltou a entregar-lhas.

- Agora - continuou -, vejamos esse embrulho.

- É apenas um documento, senhor - protestou o frade -, um documento sem valor a não ser para o proprietário.

- Abre o embrulho, já te disse!

Frei Francis obedeceu sem uma palavra e as iluminuras do pergaminho em breve brilharam sob os raios solares. O gatuno deu um assobio admirativo.

- Bonito! A minha mulher é que vai ficar contente por poder pregar isto na parede da cabana!

A estas palavras, o pobre monge sentiu o coração parar e começou a murmurar uma silenciosa oração: Se tu mo enviaste para me pôr à prova, ó Senhor, suplicou com fervor, dá-me pelo menos a coragem de morrer como um homem, pois se está escrito que ele mo vai roubar, só o poderá tirar ao cadáver do seu indigno servo!

- Embrulha-me o objeto! - ordenou de súbito o ladrão, cuja decisão estava tomada.

- Por quem é, senhor - gemeu Frei Francis -; não quer decerto privar um pobre homem de um trabalho em que empenhou a vida inteira... Passei quinze anos a iluminar este manuscrito e...

- O quê? - interrompeu o gatuno. - Foste tu próprio que o fizeste?

E começou a rir soltando berros.

- Não compreendo, senhor - retorquiu o monge, corando ligeiramente -, o que possa haver de divertido nisso. . .

- Quinze anos! - disse-lhe o homem entre dois acessos de hilaridade, quinze anos! E por que motivo, és capaz de me dizer? Por um pedaço de papel! Quinze anos... Ah! Pegando com ambas as mãos na folha iluminada preparou-se para a rasgar. Então Frei Francis deixou-se cair de joelhos a meio do atalho.

- Maria Santíssima! - exclamou. - Suplico-o, senhor, por amor de Deus!

O ladrão pareceu um pouco lisonjeado; atirando o pergaminho ao chão, perguntou em tom sarcástico:

- Estarias pronto a bater-te para defender o teu pedaço de papel.

- Se o deseja, senhor! Farei tudo o que quiser! Ambos se puseram em guarda. O monge benzeu-se precipitadamente invocando o Céu, recordando-se que a luta fora outrora um desporto autorizado pela divindade - depois lançou-se ao combate. . . três segundos depois jazia sobre as pedras pontiagudas que lhe martirizavam a espinha, meio sufocado por uma pequena montanha de músculos rijos.

- E pronto! - disse modestamente o ladrão, que se ergueu e pegou no pergaminho.

Mas o monge arrastava-se de joelhos, com as mãos postas, ensurdecendo-o com súplicas desesperadas.

- Credo! - escarneceu o ladrão. - Eras capaz de me beijar as botas, se eu to pedisse, para que te devolvesse a estampa! Como única resposta, Frei Francis agarrou-o de um salto e começou a beijar com fervor as botas do vencedor.

Era demais, mesmo para um refinado patife. Com uma praga, o gatuno atirou o manuscrito ao chão, saltou para cima do burro e desapareceu... Francis imediatamente caiu sobre o manuscrito e agarrou-o. Depois começou a saltitar atrás do homem pedindo em sua intenção todas as bênçãos do Céu e agradecendo ao Senhor ter criado malandrins tão desinteressados. . .

No entanto, assim que o ladrão e o burro desapareceram atrás das árvores, o monge perguntou a si próprio, com certa tristeza, por que motivo, de fato, consagrara quinze anos da sua vida àquele bocado de pergaminho. . . As palavras do gatuno ainda lhe soavam aos ouvidos: E por que motivo, és capaz de me dizer?... Sim, porquê, de fato, por que razão?

Frei Francis retomou o caminho, a pé, muito meditativo, a cabeça inclinada debaixo do capuz. . . Em certo momento veio-lhe mesmo a idéia de atirar o documento para o meio do mato e ali o deixar, à chuva. . . Mas o Padre Abade aprovara a sua decisão de o entregar às autoridades do Novo Vaticano, à maneira de presente. O monge refletiu que não podia lá chegar de mãos vazias, e continuou, tranquilamente, o seu caminho.

Chegara o momento. Perdido na imensa e majestosa basílica, Frei Francis abismava-se com a prestigiosa magia das cores e dos sons. Depois de invocarem o Espírito infalível, símbolo de toda a perfeição, ergueu-se um bispo - era Monsenhor Di Simone, reconheceu o monge, o advogado do santo - e adjurou S. Pedro a pronunciar-se, por intermédio de S.S. Leão XXII, ordenando ao mesmo tempo a toda a assistência que prestasse atenção às palavras solenes que iam ser pronunciadas.

Nessa altura, o Papa ergueu-se calmamente e proclamou que Isaac Edward Leibowitz seria de futuro um santo. Estava consumado. Dali em diante o obscuro técnico de outrora fazia parte da falange celestial. Frei Francis imediatamente dirigiu uma prece ao seu novo amo, enquanto o coro entoava o Te Deum.

Caminhando num passo vivo, o Sumo Pontífice, um momento depois, surgiu tão bruscamente na sala de audiência onde o fradinho aguardava que a surpresa cortou o fôlego a Frei Francis, privando-o um instante da palavra. Ajoelhou-se à pressa para beijar o anel do Pescador e receber a bênção, depois ergueu-se desajeitadamente, atrapalhado com o belo pergaminho iluminado que mantinha atrás das costas. Compreendendo o motivo da sua perturbação, o Papa teve um sorriso.

- O nosso filho trouxe-nos um presente? - perguntou.

O monge rouquejou, meneou estupidamente a cabeça e estendeu finalmente o manuscrito, que o vigário de Cristo fixou muito demoradamente sem nada dizer, com o rosto perfeitamente impassível.

- Não tem importância - balbuciou Frei Francis, que sentia a sua perturbação aumentar à medida que o silêncio do Pontífice se prolongava -, é apenas uma pobre coisa, um miserável presente... Chego a ter vergonha de ter passado tanto tempo a... Calou-se de súbito, sufocado pela emoção.

Mas o Papa parecia não o ter ouvido.

- Compreende o significado do simbolismo empregado por Santo Isaac? - perguntou ele ao monge, enquanto examinava curiosamente o traçado do plano.

Como resposta, Frei Francis apenas pôde abanar negativamente a cabeça.

- Seja qual for o significado... - começou o Papa, mas interrompeu-se de súbito e começou bruscamente a falar de outra coisa. Se tinham dado ao monge a honra de assim o receber, explicou-lhe, não era porque as autoridades eclesiásticas, oficialmente, tivessem qualquer opinião a respeito do peregrino que um monge tinha visto. . . Frei Francis fora tratado daquela maneira porque o queriam recompensar por ter descoberto importantes documentos e santas relíquias. Assim tinham sido classificadas as suas descobertas, sem que aliás entrassem em linha de conta as circunstâncias que as rodearam. . . E o monge começou a balbuciar agradecimentos, enquanto o Sumo Pontífice novamente se perdia na contemplação dos esquemas tão belamente iluminados.

- Seja qual for o significado - disse ele por fim -, este fragmento de saber, de momento morto, recuperará vida qualquer dia.

Sorridente, teve um piscar de olhos em direção ao monge.

- E conserva-lo-emos sob vigilância até esse dia - concluiu. Só então Frei Francis reparou que a sotaina branca do Papa tinha um buraco e que todas as suas vestimentas estavam bastante velhas. O tapete da sala de audiência também se apresentava muito usado aqui e além e o estuque do teto caía aos bocados.

Mas havia livros sobre as prateleiras que cobriam as paredes, livros enriquecidos por admiráveis iluminuras, livros que tratavam de coisas incompreensíveis, livros pacientemente recopiados por homens cuja tarefa não consistia em compreender, mas em salvaguardar. E aqueles livros aguardavam que chegasse a sua hora.

- Adeus, filho bem-amado.

O humilde guardião da chama do saber partiu novamente a pé em direção da sua longínqua abadia... Quando se aproximou da região freqüentada pelo gatuno sentiu-se estremecer de alegria. Se por acaso o ladrão estivesse de folga, naquele dia, o fradinho sentia-se disposto a sentar-se e aguardar o seu regresso. Pois sabia, desta vez, que resposta dar à sua pergunta.

## SEGUNDA PARTE

## ALGUNS ANOS NO ALGURES ABSOLUTO

### I

**Todas as bolas no mesmo saco. - Os desesperos do historiador. - Dois amadores do insólito. - No fundo do Lago do Diabo. - Um antifascismo oco. - Bergier e eu perante a imensidão do extraordinário. - Tróia também era uma lenda. - A história em atraso. - Do visível banal ao invisível fantástico. - Apólogo do escaravelho de ouro. Pode ouvir-se a ressaca do futuro. - Não há apenas as frias mecânicas.**

Durante a ocupação alemã vivia em Paris, no Bairro Latino, um velho original que se vestia como um burguês do século XVII, só lia Saint-Simonl, comia à luz de velas e tocava espineta. Apenas saía para ir ao merceeiro e ao padeiro, com um capuz sobre a cabeleira empoada, e uma grande capa que deixava ver as meias pretas e os sapatos com fivelas. O tumulto da Libertação, os tiros e os movimentos populares perturbaram-no. Sem nada compreender, mas agitado pelo medo e pelo furor, precipitou-se um dia para a sacada da sua casa, com a pena de pato na mão, peitilho de rendas ao vento, e gritou, numa vibrante e estranha voz de solitário:

Viva Coblença!

Não compreendendo e estranhando a atitude insólita, os vizinhos excitados sentiram instintivamente que o homenzinho vivia noutro mundo e devia estar em relações com o mal. O grito pareceu alemão, subiram as escadas, arrombaram a porta, atacaram-no e ele morreu.

Nessa mesma manhã, um capitão resistente muito jovem, que acabava de conquistar a Prefeitura, mandava colocar palha sobre os tapetes do enorme gabinete e dispor as espingardas em forma de feixe, a fim de ter a ilusão de viver de acordo com um boneco do seu primeiro livro de história.

Nessa mesma hora descobriam nos Inválidos a mesa, os treze caldeirões, os estandartes, as túnicas e as cruzes da última assembléia dos Cavaleiros da Ordem tectônica, bruscamente interrompida.

E o primeiro tanque do exército de Leclerc transpunha a Porte d'Orléans, sinal humilhante da derrota alemã. Era conduzido por Henri Rathenau, cujo tio Walther fora a primeira vítima do nazismo. Como um homem vítima da maior emoção, assim uma civilização vê, num momento histórico, reviver mil instantes do seu passado, segundo uma escolha e numa sucessão aparentemente incompreensível.

Giraudoux contava que, tendo adormecido um segundo na ameia de uma trincheira enquanto aguardava a hora de ir render um camarada, morto em reconhecimento, fora acordado por picadas no rosto: o vento acabava de despir o morto, de lhe abrir a

carteira e fazer voar cartões de visita, cujos cantos fustigavam a face do poeta. Naquela manhã da Libertação de Paris, os cartões de visita dos emigrados de Coblença, dos estudantes revolucionários de 1830, dos grandes pensadores judeus alemães e dos Irmãos Cavaleiros das Cruzadas esvoaçavam juntamente com muitos outros, sem dúvida, no meio do vento que levava até muito longe os gemidos e as Marselhesas.

Se agitarmos o cesto, todas as bolas vêm à superfície em desordem, ou antes, segundo uma ordem e atritos cujo controlo seria infinitamente complicado, mas onde poderíamos descobrir uma infinidade desses encontros singularmente elucidativos a que Jung chama coincidências significativas. A admirável frase de Jacques Rivière aplica-se às civilizações e seus momentos históricos: Acontece a um homem não o que ele merece, mas o que se lhe assemelha. Um caderno escolar de Napoleão termina com estas palavras: Santa Helena, pequena ilha.

É lamentável que o historiador ache indigno da sua ciência o recenseamento e o exame dessas coincidências significativas, desses encontros que têm um sentido e entreabrem bruscamente uma porta sobre outra face do Universo, onde o tempo já não é linear. A sua ciência está em atraso sobre a ciência em geral, que, tanto no estudo do homem como no da matéria, mostra-nos cada vez mais reduzidas as distâncias entre o passado, o presente e o futuro. Separam-nos sebes cada vez mais estreitas no jardim do destino, de um passado conservado por inteiro e de um amanhã inteiramente formado. A nossa vida, como diz Alain, está aberta sobre grandes espaços.

Existe uma flor extremamente frágil e bela que se chama a saxífraga umbrosa. Também lhe chamam o desespero do pintor. Já não desespera nenhum artista, desde que a fotografia e muitas outras descobertas libertaram a pintura da preocupação da semelhança exterior. O pintor menos jovem de espírito não se senta hoje diante de um ramo de flores como o teria feito outrora. Os seus olhos vêem mais qualquer coisa além do ramo, ou antes, o modelo serve-lhe de pretexto para exprimir por meio da superfície colorida uma realidade escondida para o olhar profano.

Ele tenta arrancar um segredo à criação. Outrora contentar-se-ia em reproduzir o que o profano vê quando passeia sobre as coisas um olhar descuidado, ausente. Ter-se-ia contentado em reproduzir as aparências tranqüilizantes e, de certa maneira, em participar da fraude geral sobre os sinais exteriores da realidade. Ah, isto está escarrado! Mas quem escarra está doente. Não parece que o historiador tenha evoluído como o pintor, no decurso deste meio século, e a nossa história é falsa como o eram um seio de mulher, um gatinho ou um ramo de flores sob o pincel petrificante de um pintor conformista de 1890. use a nossa geração, diz um jovem historiador, pretende examinar lucidamente o passado, terá em primeiro lugar de arrancar as máscaras sob as quais os artífices da nossa História se mantêm desconhecidos. . . O esforço desinteressado realizado por uma falange de historiadores em favor da simples verdade é relativamente recente.

O pintor de 1890 tinha os seus desesperos. Que dizer do historiador do presente! A maior parte dos fatos contemporâneos tornaram-se semelhantes à saxífraga umbrosa: desesperos do historiador.

Um autodidata delirante, rodeado de alguns megalômanos, recusa Descartes, despreza a Cultura humanista, destrói a razão, invoca Lúcifer e conquista a Europa, perdendo por pouco a conquista do Mundo. O marxismo enraíza-se no único país que Marx achava infecundo. Londres arrisca-se a soçobrar sob uma chuva de foguetões destinados a

atingir a Lua. Reflexões sobre o espaço e o tempo conjugam-se na fabricação de uma bomba que destrói duzentos mil homens em três segundos e ameaça destruir a própria história. Saxífragas umbrosas!

O historiador começa a inquietar-se e a duvidar de que a sua arte seja praticável. Perde o seu talento lamentando já não o poder exercer. É o que se vê nas artes e nas ciências nos períodos de sufocação: um escritor trata em dez volumes da impossibilidade da linguagem, um médico dá aulas durante cinco anos para explicar que as doenças se curam por si próprias. A história atravessa um desses momentos.

Raymond Aron, desprezando com enfado Tucídides e Marx, constata que nem as paixões humanas, nem a economia dos fatos chegam para explicar a aventura das sociedades. A totalidade das causas que determinam a totalidade dos efeitos ultrapassa, diz ele desolado, o entendimento humano.

O sr. Baudin, do Instituto, confessa: a história é uma página em branco que os homens têm a liberdade de preencher à sua vontade.

E René Grousset dirige ao céu vazio este cântico quase desesperado, mas belo:

Aquilo a que nós chamamos a história, quero dizer, este desenrolar de impérios, de batalhas, de revoluções políticas, de datas, sangrentas a maior parte, será realmente a história? Confesso que não o creio, e que me acontece, ao ver os manuais escolares, riscar em pensamento uma grande parte. . .

A verdadeira história não é aquela do movimento das fronteiras. É a das civilizações. E a civilização é, por um lado, o progresso das técnicas e, por outro, o progresso da espiritualidade. Podemos perguntar a nós próprios se a história política não é, em grande parte, uma história parasita.

A verdadeira história é, sob o ponto de vista material, a das técnicas, disfarçada sob a história política que a oprime, que lhe usurpa o lugar e até mesmo o nome.

Mas, mais ainda, a verdadeira história é a do progresso do homem na espiritualidade. A função da humanidade é auxiliar o homem espiritual a libertar-se, a realizar-se, a auxiliar o homem, como dizem os hindus numa fórmula admirável, a ser aquilo que é. É certo que a história aparente, a história visível, a história da superfície não passa de um ossuário. Se a história fosse apenas isso, não havia mais nada a fazer senão fechar o livro e desejar a extinção no nirvana... Mas quero crer que o budismo mentiu e que a história não é isso.

O físico, o químico, o biólogo, o psicólogo sofreram, nestes últimos cinqüenta anos, grandes choques e tropeçaram, por sua vez, em saxífragas umbrosas. Mas hoje não manifestam a mesma inquietação. Trabalham, avançam. Muito pelo contrário, há na suas ciências extraordinária vitalidade. Comparem-se as construções acrobáticas de Spengler ou de Toynbee ao movimento torrencial da física nuclear. A história está num beco sem saída. As razões, sem dúvida, são múltiplas, mas esta impressionou-nos:

Ao passo que o físico ou o psicanalista abandonou resolutamente a idéia de que a realidade era necessariamente satisfatória para a razão e optou pela realidade do fantástico, o historiador manteve-se encerrado no cartesianismo. Uma certa pusilanimidade muito política nem sempre é alheia ao fato.

Diz-se que os povos felizes não têm história. Mas os povos que não têm historiadores franco-atiradores e poetas são mais que infelizes: asfixiados, traídos.

Voltando as costas ao fantástico, por vezes o historiador é levado a erros extraordinários. Marxista, prevê o desmoronamento da economia americana no momento em que os Estados Unidos atingem o mais alto nível de estabilidade e de poder. Capitalista, determina no Oeste a expansão do comunismo no momento em que a Hungria se revolta. No entanto, noutras ciências, a previsão do futuro, a partir dos dados do presente, tem cada vez mais êxito.

A partir de um milionésimo de grama de plutônio, o físico nuclear faz o projeto de uma fábrica gigantesca que funcionará de acordo com o que foi previsto. A partir de alguns sonhos, Freud desvenda a alma humana como nunca foi feito.

É que Freud e Einstein realizaram, no início, um colossal esforço de imaginação. Imaginaram um real completamente diferente dos dados racionais admitidos. A partir dessa projeção imaginativa estabeleceram conjuntos de fatos que a experiência verificou

No domínio da ciência aprendemos quão vasta é a estranheza do mundo, diz Oppenheimer.

Que esta aceitação da estranheza possa enriquecer a história, é do que estamos persuadidos.

Não pretendemos de forma alguma produzir no método histórico as alterações que lhe desejamos. Mas pensamos que o pequeno esboço que vão ler pode prestar algum serviço aos futuros historiadores. Seja estímulo, seja repulsão. Pretendemos, ao tomar como objeto de estudo um aspecto da Alemanha hitleriana, indicar vagamente uma direção de pesquisas válida para outros assuntos. Traçamos flechas sobre as árvores ao nosso alcance. Mas não pretendemos ter tornado praticável toda a floresta.

Procuramos reunir fatos que um historiador normal repudiaria com cólera ou horror. Transformamo-nos por algum tempo, segundo a bela frase de Maurice Renard, em amadores do insólito e escribas de milagres. Este gênero de trabalho nem sempre é confortável para o espírito. Por vezes tranqüilizavamo-nos pensando que a teratologia, ou estudo dos monstros, com que se distinguiu o professor Wolff a despeito da desconfiança dos sábios razoáveis, esclareceu muitos aspectos da biologia. Serviu-nos de apoio outro exemplo: o de Charles Fort, esse americano malicioso de que já falamos.

Foi dentro do espírito fortiano que orientamos as nossas investigações sobre acontecimentos da história recente. Portanto, não nos pareceu indigno de atenção o fato de o fundador do nacional-socialismo ter realmente acreditado na vinda do super-homem.

A 23 de Fevereiro de 1957, um homem-rã procurava o corpo de um estudante afogado no Lago do Diabo, na Boêmia. Regressou à superfície, pálido de pavor, incapaz de articular um som. Quando recuperou o uso da palavra revelou que acabava de ver, sob as águas frias e densas do lago, um alinhamento fantasmagórico de soldados alemães de uniforme, e uma caravana de carros atrelados, com os cavalos em pé.

Ó Noite, o que significam esses guerreiros lívidos? . . . De certa maneira, também nós mergulhamos no Lago do Diabo. Nos anais do processo de Nuremberg, em milhares de livros e de revistas e nos testemunhos pessoais, reunimos uma coleção de singularidades. Organizamos o nosso material em função de uma hipótese de trabalho que talvez não fôssemos capazes de elevar à dignidade de uma teoria, mas que um grande escritor inglês desconhecido, Arthur Machen, brilhantemente exprimiu : Existem à nossa volta sacramentos do mal, da mesma forma que existem sacramentos do bem, e a nossa vida e os nossos atos desenrolam-se, segundo creio, num mundo insuspeitado, cheio de cavernas, sombras e habitantes crepusculares. A alma humana ama o dia. Acontece-lhe também amar a noite, com igual ardor, e esse amor pode conduzir os homens, como as sociedades, a ações criminosas e desastrosas que aparentemente desafiam a razão, mas que, no entanto, se revelam explicáveis se nos colocarmos numa determinada óptica. Precisaremos o caso um pouco adiante ao dar de novo a palavra a Arthur Machen.

Nesta parte do nosso trabalho pretendemos fornecer a matéria-prima de uma história invisível. Não somos os primeiros. John Buchan já assinalara estranhas correntes subterrâneas sob os acontecimentos históricos. Uma entomologista alemã, Margaret Boveri, tratando dos homens com a frieza objetiva que utiliza na observação dos insetos, escreveu uma História da Traição no Século Vinte, cujo primeiro volume tem por título História Visível e o segundo História Invisível.

Mas de que história invisível se trata? O termo é cheio de armadilhas. O visível é tão rico e, no fim de contas, ainda tão pouco explorado, que se lhe pode sempre descobrir fatos que justificam não importa que espécie de teoria, e conhecem-se inúmeras explicações da história devido à ação oculta dos Judeus, dos Franco-Maçons, dos Jesuítas ou do Banco Internacional. Essas explicações parecem-nos primárias. Aliás, constantemente evitamos confundir aquilo a que chamamos o realismo fantástico com o ocultismo, e as molas secretas da realidade com o folhetim. (No entanto notamos muitas vezes que a realidade era falha de dignidade: ela não escapa ao romanesco e não se podem eliminar fatos sob o pretexto de que parecem sair, justamente, de um folhetim.)

Acolhemos portanto os fatos mais bizarros sob a reserva de os podermos autenticar. Por vezes preferimos dar a impressão de procurar o sensacional ou de nos deixarmos arrastar pelo gosto do estranho, a descurar tal aspecto aparentemente demencial. q resultado em nada se assemelha aos retratos da Alemanha nazista geralmente admitidos. A culpa não é nossa. Tínhamos por objeto de estudo uma série de acontecimentos fantásticos. Não é habitual, mas é lógico pensar que, atrás desses acontecimentos, podem esconder-se realidades extraordinárias. Por que motivo teria a história o privilégio sobre as outras ciências modernas de poder explicar todos os fenômenos de maneira satisfatória para a razão?

Seguramente o nosso retrato não está de acordo com as idéias aceites, e é fragmentário. Nada quisemos sacrificar à coerência. Esta recusa de sacrificar à coerência é aliás uma tendência muito recente em história, assim como a tendência para a verdade: Aqui e além aparecerão lacunas: o leitor deverá pensar que o historiador de hoje abandonou a antiga concepção segundo a qual a verdade era atingida assim que estivessem aplicadas, sem espaços vazios nem excedentes, todas as peças de um puzzle a recompor. O ideal da obra histórica deixou de ser para ele um belo mosaico muito acabado e muito liso: é como um campo de pesquisas que ele a

concebe, com o seu caos aparente onde se justapõem as escavações vagas, as coleções de pequenos objetos evocadores e, aqui e além, as belas ressurreições de conjunto e as obras de arte.

O físico sabe que são pulsações de energia anormais, excepcionais, que revelaram a fissão do urânio e portanto abriram espaços infinitos para o estado da radioatividade. Foram a pulsações do extraordinário que nós procuramos.

Um livro de lord Russell de Liverpool: Rápida História dos Crimes de Guerra Nazistas, publicado onze anos depois da vitória dos Aliados, surpreendeu os leitores franceses pelo seu tom de extrema sobriedade. Vulgarmente, nesta matéria, a indignação substitui a explicação. Neste livro falam por si fatos horríveis, e os leitores verificaram que continuavam sem nada perceber de tanta atrocidade. Exprimindo esse sentimento, um especialista eminente escrevia no jornal Le Monde:

A questão que se põe é a de saber como é que tudo isto foi possível em pleno século  e em regiões que passam por ser as mais civilizadas do Universo.

É estranho que tal pergunta, essencial, primordial, se ponha aos historiadores doze anos depois da abertura de todos os arquivos possíveis. Mas será que ela se apresenta realmente aos historiadores? Não é muito certo. Pelo menos tudo se passa como se eles pretendessem esquecê-la, logo depois de ser evocada, obedecendo assim ao movimento da opinião estabelecida que tal pergunta incomoda. Deste modo, acontece que o historiador seja testemunha da sua época, recusando-se a fazer história. Mal escreveu: A questão que se põe é saber se.. . , apressa-se a continuar para que ela se não possa pôr:

Eis, acrescenta imediatamente, o que o homem faz quando é abandonado ao livre impulso dos seus instintos, a um tempo desenfreados e sistematicamente pervertidos.

Estranha explicação histórica, a dessa evocação do mistério nazista por meio dos tópicos gastos da moral vulgar! No entanto foi a única explicação que nos deram, como se houvesse uma vasta conspiração das inteligências para fazer das páginas mais fantásticas da história contemporânea qualquer coisa de redutível a uma lição de história primária sobre os maus instintos. Dir-se-ia que uma pressão considerável incide sobre a história a fim de que esta seja reduzida às minúsculas proporções do pensamento racionalista convencional.

Entre as duas guerras, observa um jovem filósofo, por não terem denunciado qual o furor pagão que enfunava as bandeiras inimigas, os antifascistas não souberam profetizar o odioso futuro da vitória hitleriana.

Eram raras e pouco escutadas as vozes que anunciavam no céu alemão a substituição da Cruz Gamada em vez da de Cristo, negação pura e simples dos Evangelhos.

Não é inteiramente nossa esta visão de Hitler anticristo.

Achamos que ela não é suficiente para esclarecer totalmente os fatos. Mas situa-se, pelo menos, ao nível conveniente para julgar este extraordinário momento da história.

É esse o problema. Não estaremos ao abrigo do nazismo, ou antes de certas formas do espírito luciferino de que o nazismo projetou a sombra sobre o Mundo, senão quando

percebermos e afrontarmos na nossa consciência os aspectos mais fantásticos da sua aventura.

Entre a ambição luciferina de que o hitlerismo foi uma trágica caricatura, e o angelismo cristão que também tem a sua caricatura em fórmulas sociais; entre a tentação de atingir o sobre-humano, de conquistar o céu de assalto, e a tentação de se entregar a uma idéia ou a um Deus para que a condição humana seja transcendida; entre a recusa e a aceitação de uma transcendência, entre a vocação do mal e a do bem, ambos poderosos, profundos e secretos; - entre imensos movimentos contraditórios da alma humana e sem dúvida do inconsciente coletivo, representam-se tragédias de que a história convencional não se apercebe inteiramente, como que por receio de introduzir, com certos documentos e certas interpretações, impedimentos graves demais que a impeçam de descansar no âmago das sociedades.

O historiador que se ocupa da Alemanha nazista parece querer ignorar o que era o inimigo que foi abatido. É auxiliado nesse desejo pela opinião geral. É que ter abatido semelhante inimigo em conhecimento de causa exigiria uma concepção do mundo e do destino humano à medida da vitória. Vale mais pensar que acabamos por impedir que nos prejudicassem velhacos e loucos e que, no fim de contas, as pessoas de bem têm sempre razão. Eram velhacos e loucos, é certo. Mas não no sentido, mas não no grau em que o entendem as pessoas de bem. O antifascismo convencional parece ter sido inventado por vencedores que necessitavam de dissimular o seu vazio. Mas o vazio aspira.

O doutor Antony Laughton, do Instituto Oceanográfico de Londres, fez mergulhar uma máquina de filmar a 4500 metros de profundidade, ao largo das costas da Irlanda. Sobre as fotografias distinguem-se muito nitidamente marcas de pés pertencentes a uma criatura desconhecida. Após o abominável homem das neves, eis que se insinua na imaginação e na curiosidade dos homens este irmão da criatura dos píncaros, o abominável homem dos mares, o desconhecido dos abismos. Num certo sentido, a história, para os observadores do nosso gênero, é semelhante ao velho oceano que a sonda amedronta.

Esquadrinhar a história invisível é um exercício muito são para o espírito. Desembaraçamo-nos da repugnância pelo inverossímil que é natural, mas que muitas vezes paralisou o conhecimento. Esforçamo-nos, em todos os domínios, por resistir a essa repugnância pelo inverossímil, quer se trate das forças de ação dos homens, das suas crenças, ou das suas realizações. Assim, estudamos certos trabalhos da secção clandestina dos serviços de informação alemães. Essa secção elaborou, por exemplo, um longo relatório sobre as propriedades mágicas dos campanários de Oxford, que, segundo os seus cálculos, impedem que as bombas caiam sobre essa cidade. Que haja nisso uma aberração não é discutível, mas que essa aberração tenha grassado entre homens inteligentes e responsáveis, e que esse fato elucida diversos pontos da história visível e da história invisível, também não é discutível.

Para nós, os acontecimentos têm muitas vezes razões de ser que a razão ignora, e as linhas de força da história podem ser tão invisíveis e no entanto tão reais como as linhas de força de um campo magnético.

É possível ir mais longe. Aventuramo-nos até onde esperamos que se aventurem os historiadores do futuro com meios superiores aos nossos. Aconteceu-nos tentar aplicar à história o princípio das ligações não causais que o físico Wolfgang Pauli e o psicólogo

Jung recentemente propuseram. Era a este princípio que eu há pouco aludia ao falar de coincidências. Para Pauli e Jung, acontecimentos independentes entre si poderiam ter relações sem causa, mas no entanto significativas à escala humana. São as coincidências significativas, as linhas onde os dois sábios vêem um fenômeno de sincronicidade que revela ligações insólitas entre o homem, o tempo e o espaço, e a que

Claudel magnificamente chamava a jubilação dos acasos. Uma doente está estendida no divã do psicanalista Jung. Oprimem-na perturbações nervosas muito graves, mas a análise não progride. A paciente, prisioneira de um espírito extremamente realista, agarrada a uma espécie de ultralógica, torna-se impenetrável aos argumentos do médico.

Uma vez mais, Jung ordena, propõe, suplica:

- Abandone-se, não procure compreender, e conte-me simplesmente os sonhos que tem.

- Sonhei com um escaravelho - responde finalmente a dama, entre dentes.

Nesse momento ouvem-se pequenas pancadas contra a vidraça. Jung abre a janela e um belo escaravelho dourado entra na sala fazendo ressoar os seus élitros. Perturbada, a paciente abandona-se por fim e a análise pode realmente começar, e prosseguirá até à cura.

Jung cita muitas vezes este incidente verídico que tem a forma de um conto árabe. Na história de um homem, como na história propriamente dita, na sua opinião, há muitos escaravelhos de ouro.

A complexa doutrina da sincronicidade, em parte motivada pela observação de tais coincidências, seria talvez de natureza a modificar totalmente a concepção da história. A nossa ambição não vai tão longe nem tão alto. O que pretendemos é chamar a atenção para os aspectos fantásticos da realidade. Nesta parte do nosso trabalho dedicamo-nos à pesquisa e interpretação de certas coincidências, a nossos olhos significativas. Podem não o ser para outros.

Aplicando a nossa concepção realista fantástica à história, entregamo-nos a um trabalho de seleção. Por vezes escolhemos fatos de pouca importância, mas aberrantes, porque, em certa medida, era à aberração que pedíamos a luz. Uma irregularidade de alguns segundos no movimento do planeta Mercúrio basta para abalar o edifício de Newton e justificar Einstein. Da mesma forma, parece-nos que alguns dos fatos que pusemos em realce podem tornar necessária a revisão das estruturas da história cartesiana.

Poder-se-á utilizar este método para prever o futuro? Acontece-nos também sonhar com isso. Em O Chamado Quinta-Feira, Chesterton descreve uma brigada de polícia política especializada na poesia. Evitou-se um atentado porque um polícia compreendeu o sentido de um soneto. Há grandes verdades atrás dos gracejos de Chesterton. Correntes de idéias que passam despercebidas ao observador oficial, escritos, obras às quais o sociólogo não está atento, fatos sociais demasiado pequenos e demasiado aberrantes a seus olhos, anunciam talvez com mais certeza os acontecimentos futuros do que os fatos visíveis e os grandes movimentos aparentes do

pensamento com os quais ele se preocupa.

O clima de terror do nazismo, que ninguém pôde prever, estava anunciado nas horríveis narrativas do escritor alemão Hans Heinz Ewers: A Mandrágora e No Terror. Ele viria a ser o poeta oficial do regime e escreveria o Horst Wessel Láed. Não é impossível que certos romances, certos poemas, quadros ou estátuas, desprezados até pela crítica especializada, nos indiquem as figuras exatas do mundo de amanhã.

Dante, em A Divina Comédia, descreve com precisão a Cruz do Sul, constelação invisível no hemisfério norte e que nenhum viajante do seu tempo pode ter descoberto. Swift, em A Viagem a Laputa, descreve as distâncias e os períodos de rotação dos dois satélites de Marte, desconhecidos na época. Quando o astrônomo americano Asaph Hall os descobre em 1877 e se apercebe de que as suas medidas correspondem às indicações de Swift, invadido por uma espécie de pânico chama-lhes Phobos e Deimos: medo e terror. Em 1896, um escritor inglês, M. P. Schiel, publica um conto onde se vê um bando de criminosos horríveis destruindo a Europa, matando famílias que supõem prejudiciais ao progresso da humanidade e queimando os cadáveres. Intitula o seu conto: Os S.S.

Goethe dizia: Os acontecimentos futuros projetam a sua sombra em frente, e pode ser que se encontre, longe do que mobiliza a atenção geral, em obras e atividades humanas estranhas ao que nós chamamos o movimento da história, a verdadeira detecção e a expressão dessas ressacas do futuro.

Existe um fantástico evidente que o historiador encobre com pudor de explicações frias e mecânicas. A Alemanha, no momento em que nasce o nazismo, é a pátria das ciências exatas. O método 1 Aterrado também pelo fato de que esses satélites aparecem bruscamente. Telescópios mais importantes que o seu não os tinham avistado na véspera. Parece, muito simplesmente, que ele foi o primeiro a examinar Marte nessa noite. Hoje, depois do lançamento do Spoutnik, os astrônomos começam a escrever que talvez se trate de satélites artificiais, lançados no dia da observação de Hall. (Robert S. Richardson, do observatório do monte Palomar. Comunicação a propósito da posição de Marte, 1954). alemão, a lógica alemã, o rigor e a probidade científica alemã são universalmente considerados.

O Herr Professor incita por vezes à caricatura, mas está rodeado de consideração. Ora é neste ambiente, de um cartesianismo de chumbo, que uma doutrina incoerente e em parte demencial se propaga rápida, irresistivelmente, a partir de um foco minúsculo. No país de Einstein e de Planck começa a ser professada uma física ariana. No país de Humboldt e de Haeckel começa-se a falar de raças. Pensamos que não é possível explicar tais fenômenos pela inflação econômica. Não é este o cenário de fundo para semelhante bailado. Pareceu-nos muito mais eficaz ir procurar junto de certos cultos estranhos e certas cosmogonias aberrantes, até agora desprezadas pelos historiadores. Essa desatenção é muito singular. As cosmogonias e os cultos de que vamos falar gozaram na Alemanha de proteção e encorajamentos oficiais. Desempenharam um papel espiritual, científico, social e político relativamente importante. Com esse cenário de fundo compreende-se melhor o bailado.

Limitamo-nos a um momento da história alemã. Poderíamos igualmente mostrar, por exemplo, para apreender o fantástico na história contemporânea, a invasão das idéias asiáticas na Europa no momento em que as idéias européias provocam o despertar dos povos da Ásia. Aí está um fenômeno tão desmoralizante como o espaço não euclidiano

ou os paradoxos do núcleo atômico. O historiador convencional, o sociólogo comprometido não vêem, ou recusam ver, esses movimentos profundos que não se adaptam àquilo a que eles chamam os movimentos da história. Eles prosseguem imperturbavelmente a análise e a predição de uma aventura dos homens que não se assemelha nem aos próprios homens, nem aos sinais misteriosos mas visíveis que estes trocam com o tempo, o espaço e o destino.

O amor, diz Jacques Chardonne, é muito mais do que o amor. No decorrer das nossas investigações adquirimos a certeza de que a história é muito mais do que a história. Essa certeza é tônica. A despeito do crescente peso dos fatos sociais e das crescentes ameaças dirigidas contra a pessoa humana, nós vemos o espírito e a alma da humanidade continuar a acender aqui e além as suas fogueiras, que não são cada vez mais pequenas. Apesar de os corredores da história, aparentemente, serem mais estreitos, temos a certeza de que o homem não perde ao percorrê-los o fio que o liga á imensidade. Estas imagens são à Vítor Hugo, mas exprimem bem a nossa visão. Adquirimos essa certeza penetrando no real: é no mais íntimo que o real é fantástico e em certo sentido, misericordioso.

Ainda que as sombrias máquinas estejam a funcionar
Não se atemorize demasiado, amigo. . .
Quando os pedantes chamaram a nossa atenção
Para a fria mecânica com que os acontecimentos
Se viriam a desenrolar, as nossas almas disseram em surdina:
É possível, mas existem outras coisas. . .
(Prefácio ao Napoleão de Notting Hill, de Chesterton, 1898.)

## II

**- Na Tribuna das Nações recusam o Diabo e a loucura. - Há no entanto uma luta dos deuses. - Os alemães e a Atlântida. - Um socialismo mágico. - Uma religião e uma ordem secretas. - Uma expedição às regiões ocultas. - O primeiro guia será poeta.**

Num artigo da Tribune des Nations, um historiador francês exprime claramente o conjunto das insuficiências intelectuais usadas desde que se trate do hitlerismo. Analisando a obra Hitler Desmascarado, publicada pelo doutor Otto Dietrich, que foi durante doze anos chefe do serviço de imprensa do Führer, Pierre Cazenave escreve:

Todavia, o doutor Dietrich contenta-se facilmente demais com uma frase que repete muitas vezes e que, num século positivista, não permite explicar Hitler. Hitler, diz ele, era um homem demoníaco, vítima de idéias nacionalistas delirantes. Que quer dizer demoníaco? E que quer dizer delirante? Na Idade Média ter-se-ia dito que Hitler estava possesso. Mas hoje? Ou a palavra demoníaco nada significa ou significa possesso do demônio. Mas o que é o demônio? Acredita o doutor Dietrich na existência do Diabo? Precisamos de nos entender. A mim, a palavra demoníaco não me satisfaz.

E a palavra delirante também não. Quem diz delírio diz doença mental. Delírio maníaco. Delírio melancólico. Delírio de perseguição. E que Hitler tinha sido um psicopata e até um paranóico ninguém duvida, mas os psicopatas e mesmo os paranóicos andam pelas ruas. Daí a um delírio mais ou menos sistematizado, e cuja observação e diagnóstico deveriam ter determinado o internamento do seu possuidor, vai uma distância. Por outras palavras: Hitler será responsável? A meu ver, sim. E eis porque ponho de parte a

palavra delírio como ponho de parte a palavra demoníaco, não tendo a demonologia, a nossos olhos, mais que um valor histórico.

Nós não nos contentamos com a explicação do doutor Dietrich. O destino de Hitler e a aventura de um grande povo moderno sob a sua conduta não poderiam ser inteiramente descritos a partir do delírio e da possessão demoníaca. Mas também não nos podemos contentar com as críticas do historiador da Tribune des Nations. Hitler, afirma ele, não era clinicamente louco. E o Demônio não existe. Portanto é preciso não deitar fora a noção de responsabilidade. Isso é verdade. Mas o nosso historiador parece atribuir a essa noção de responsabilidade virtudes mágicas. Mal a evocou, a história fantástica do hitlerismo parece-lhe clara e reduzida às proporções do século positivista em que ele pretende que nós vivemos. Esta operação escapa à razão, assim como a operação de Otto Dietrich. É que, de fato, o termo responsabilidade é, na nossa linguagem, uma transposição daquilo que era a possessão demoníaca para os tribunais da Idade Média, como demonstram os grandes processos político modernos.

Se Hitler não era louco, nem possesso, o que é possível, a história do nazismo continuaria no entanto inexplicável à luz de um século positivista. A psicologia das profundezas revela-nos que certas ações aparentemente racionais do homem, na realidade são governadas por forças que ele próprio ignora ou que têm ligações com um simbolismo completamente estranho a lógica vulgar. Por outro lado sabemos, não que o Demônio não existe, mas que é diferente da visão da Idade Média. Na história do hitlerismo, ou antes em certos aspectos dessa história, tudo se passa como se as idéias-força escapassem à crítica histórica habitual, e como se precisássemos, para compreender, de abandonar a nossa visão positiva das coisas e fazer o esforço de entrar num universo no qual deixaram de se confundir a razão cartesiana e a realidade.

Empenhamo-nos em descrever estes aspectos do hitlerismo porque, como viu muito bem Marcel Ray em 1939, a guerra que Hitler impôs ao mundo foi uma guerra maniqueísta, (O maniqueísmo, que surgiu no século III, baseia-se na luta eterna entre as forças adversas do Universo: a luz e as trevas, o bem e o mal.) ou, como disse a Escritura, uma luta dos deuses. Não se trata, bem entendido, de uma luta entre fascismo e democracia, entre uma concepção liberal e uma concepção autoritária das sociedades. Isto é o exoterismo da batalha. Há ali um esoterismo z. Essa luta dos deuses, que se desenrolou atrás dos acontecimentos aparentes, não terminou no planeta, mas os formidáveis progressos da ciência humana, dentro de alguns anos, estarão aptos a dar-lhes outras formas. Agora que as portas do conhecimento começam a abrir-se sobre o infinito, importa apreender o sentido dessa luta. Se queremos ser conscientemente homens de hoje, quer dizer, contemporâneos do futuro, precisamos de ter uma visão exata e profunda do momento em que o fantástico se começou a insinuar na realidade. É esse momento que nós vamos estudar. (C. S. Lewis, professor de teologia em Oxford, tinha, em 1937, anunciado num dos seus romances simbólicos, O Silêncio da Terra, o início de uma guerra pela possessão da alma humana, de que uma terrível guerra material não seria mais do que a forma exterior. Voltou a esta idéia em duas outras obras: Perelandra e Esta Força Hedionda (não traduzidos). O último livro de Lewis intitula-se Até Que Tenhamos Rostos. É nesta grande narrativa poética e profética que se encontra a frase admirável que a seguir transcrevemos: Os deuses só nos falarão frente a frente quando nós próprios tivermos um rosto.)

No fundo, dizia Rauschning, todo o alemão tem um pé na Atlântida, onde procura uma

pátria melhor e um melhor patrimônio. Esta dupla natureza dos alemães, esta faculdade de desdobramento que lhes permite simultaneamente viver no mundo real e projetar-se num mundo imaginário, revela-se muito especialmente em Hitler e fornece a chave do seu socialismo mágico.

E Rauschning, tentando explicar a subida ao poder desse grande sacerdote da religião secreta, tentava persuadir-se de que, por diversas vezes na história, nações inteiras caíram numa inexplicável agitação. Elas empreendem marchas de flagelantes. São agitadas pela dança de São Vito. O nacional-socialismo, concluía ele, é a dança de São Vito do século XX.

Mas de onde provém essa estranha doença? Não encontrava em parte alguma uma resposta satisfatória. As suas raízes mais profundas mantêm-se em regiões secretas. São essas regiões secretas que nos parece útil explorar. E não é um historiador, mas um poeta que nos servirá de guia.

## III

**Onde se falará de J.P. Toulet, escritor menor. - Mas é de Arthur Machen que se trata. - Um grande gênio desconhecido. - Um Robison Crusoé da alma. - História dos anjos de Mons. - Vida, aventuras e desgraças de Machen. - Como descobrimos uma sociedade secreta inglesa. - Um prêmio Nobel com máscara preta. A Golden Dawn, suas filiações, seus membros e seus chefes. - A razão por que vamos citar um texto de Machen. Os acasos mostram zelo.**

Dois homens que leram Jean-Paul Toulet e que se encontram (geralmente num bar) imaginam que isso constitui um aristocratismo, escrevia o próprio Toulet. Acontece que grandes coisas residem em cabeças sem importância. Foi através deste escritor menor e encantador, ignorado apesar do esforço de alguns entusiastas, que chegou até nós o nome de Arthur Machen, o qual não é familiar a duzentas pessoas em França.

Ao investigarmos a obra de Machen apercebemo-nos de que compreende mais de trinta volumes. É de um interesse espiritual sem dúvida superior à obra de H. G. Wells.

Prosseguindo as nossas investigações a respeito de Machen, descobrimos uma sociedade iniciática inglesa composta por espíritos superiores. Essa sociedade, à qual Machen deve uma experiência íntima determinante e o melhor da sua inspiração, é desconhecida dos próprios especialistas. Por último, certos textos de Machen, e especialmente este que vamos apresentar, ilustram de forma definitiva uma noção pouco vulgar do Mal, absolutamente indispensável para a compreensão dos aspectos da história contemporânea que estudamos nesta parte do nosso livro. Portanto, se no-lo permitem, antes de entrarmos a fundo no nosso assunto, vamos falar deste curioso homem. Começará como uma pequena história literária à volta de um ínfimo escritor parisiense: Toulet. Terminará com a abertura de uma grande porta subterrânea atrás da qual ainda ardem os restos dos mártires e as ruínas da tragédia nazista, que perturbou o Mundo inteiro. Os caminhos do realismo fantástico, como mais uma vez se verifica, não se parecem com os caminhos vulgares do conhecimento.

Em Novembro de 1897, um amigo, bastante inclinado para as ciências ocultas, deu a ler a Paul Jean Toulet o romance de um escritor de trinta e quatro anos completamente desconhecido: the Great God Pan. Esse livro, que evoca o mundo pagão das origens, The Anatomy of Tobacco (1884) . the Great God Pan (1895), The House of Souls

(1906), the Hill of Dreams (1907), the Great Return (1915), The Bozumen (1915), The Terror (1917). The Secret Glory (1922), Strange Roads (1923), The London Adventure (1924), The Carning Wronder (1926), The Green Round (1933), Holy Terrors (1946). Obra póstuma: Tales of Horror and the Supernatural. (1948).

O próprio Machen tinha consciência disso: O Wells de que fala é com certeza um homem muito hábil. Em dado momento cheguei mesmo a supor que era qualquer coisa mais. (Carta a P.J. Toulet, 1899). não completamente submerso, mas sobrevivendo com prudência e, por vezes, soltando junto de nós o seu Deus do Mal e seus anjos com pés de cabra, impressionou Toulet e decidiu-o estrear-se na literatura. Começou a traduzir the Great God Paner pedindo emprestado a Machen o seu cenário de pesadelo, os seus recantos onde o Grande Pã se esconde, escreveu o seu primeiro romance: Monsieur du Paur, hommepublic.

Monsieur du Paur foi publicado no fim do ano de 1898, nas edições Simonis Empis, e não obteve o menor sucesso. E nós nada saberíamos se Henri Martineau, grande admirador de Stendhal e amigo de Toulet, não tivesse resolvido, vinte anos mais tarde, publicar novamente esse romance à sua custa, nas edições Divan. Historiador minucioso e amigo dedicado, o Henri Martineau empenhava-se em demonstrar que Monsieur du Paur era um livro inspirado na leitura de Machen, mas no entanto original. Foi portanto ele que chamou a atenção de alguns raros letrados para Arthur Machen e para o seu Great God Pan, exumando a exígua correspondência entre Toulet e Machen. Para Machen e o seu imenso gênio as coisas ficaram por ali: uma das camaradagens literárias dos começos de Toulet.

Em Fevereiro de 1899, Paul Jean Toulet, que há um ano tentava publicar a sua tradução de The Great God Pan, recebeu do autor a seguinte carta, em francês:

Caro confrade,

Nada há portanto a fazer com The Great God Pan em

Paris? Se assim é, estou verdadeiramente cuidando, quanto ao caso do livro, evidentemente, mas sobretudo porque tinha esperanças em relação aos leitores franceses; supunha que no caso de apreciarem The Great God Pan nas suas roupagens francesas e de o acharem bom, talvez eu encontrasse aí o meu público! Aqui, nada posso fazer. Escrevo, escrevo sempre, mas é absolutamente como se escrevesse num scriptorium monástico da Idade Média; quer dizer que as minhas obras se mantêm sempre no inferno das coisas inéditas. Tenho na minha gaveta um volumezinho de contos muito pequenos, a que chamo Ornaments án Jade. Encantador o seu livrinho, diz o editor, mas é completamente impossível. Há também um romance, the Garden of Avallonius, qualquer coisa como 65 000 palavras É uma arte sine peccato, diz o bom do editor, mas chocaria o nosso público inglês. E neste momento trabalho num livro que permanecerá, estou certo disso, na mesma ilha do Diabo! Enfim, meu caro confrade, encontrará qualquer coisa de bastante trágico (ou antes tragicômico) nestas aventuras de um escritor inglês; mas, como já disse, tinha esperanças na sua tradução do meu primeiro livro. Le Grand Dieu Pan apareceu finalmente na revista La Plume, em 1901, e depois foi editado ao cuidado dessa mesma revista. Passou despercebido.

Só Maeterlinck se impressionou: os meus melhores agradecimentos pela revelação desta bela e singular obra. É, segundo creio, a primeira vez que foi tentada a mistura do

fantástico tradicional ou diabólico com o fantástico moderno e científico e que dessa mistura nasceu a obra mais impressionante que conheço, pois atinge simultaneamente as nossas recordações e as nossas esperanças

Arthur Machen nasceu em 1863 no país de Gales, em Caerlson-Usk, minúscula aldeia que foi a sede do rei Artur e de onde os Cavaleiros da Távola Redonda partiram em busca do Graal. Quando se sabe que Himmler, em plena guerra, organizou uma expedição com o fim de procurar o vaso sagrado, falaremos nisso mais adiante, quando, para esclarecer a história nazista secreta, se depara com um texto de Machen, descobrindo em seguida que este escritor nasceu nessa aldeia, berço dos temas wagnerianos, pensa-se uma vez mais que, para quem sabe ler, as coincidências usam trajos de luz.

Machen instalou-se em Londres ainda jovem e aí viveu assustado, como Lovecraft em Nova Iorque. Caixeiro de livraria durante alguns meses, depois preceptor, chegou à conclusão de que era incapaz de ganhar a vida em sociedade. Começou a escrever numa penúria material extrema e total cansaço. Durante um longo período, viveu de traduções: As Memórias de Casanova, em doze volumes, por trinta shillings por semana durante dois anos. Recebeu uma pequena herança por morte de seu pai, Clergyman, e, com a subsistência garantida durante algum tempo, prosseguiu a sua obra com o sentimento crescente de que um imenso golfo espiritual o separava dos outros homens, e que era necessário aceitar cada vez mais profundamente aquela vida de Robinson Crusoé da alma.

As suas primeiras narrativas fantásticas foram publicadas em 1895. São elas The Great God Pan e The Immost Light. Aí afirma que o Grande Pã não morreu e que as forças do mal, no sentido mágico do termo, não cessam de esperar por alguns de nós para nos fazer passar para o outro lado do mundo. Nesse mesmo registro publicou no ano seguinte O Pó Branco, que é a sua obra mais poderosa juntamente com The Secret Glory, sua obra-prima, escrita aos sessenta anos.

Aos trinta e seis anos, após doze de amor, perdeu a mulher: Não chegamos a estar separados doze horas durante esses doze anos; podem portanto avaliar o que sofri e continuo a sofrer todos os dias. Se sinto algum desejo de ver os meus manuscritos impressos é para lhe poder dedicar cada um deles nestes termos: Auctoris Anima ad Dominam. É ignorado, vive na miséria, e tem o coração partido. Três anos depois, com trinta e nove anos, renuncia à literatura e faz-se ator ambulante. O senhor diz-me que não tem muita coragem, escreve ele a Toulet. Eu não tenho nenhuma. tão pouca que já não escrevo uma linha, e nunca mais escreverei, suponho. Tornei-me cabotino; dediquei-me ao teatro e neste momento represento um papel em Coriolano.

Deambula através da Inglaterra, com a companhia shakespeariana de sir Frank Benson, depois reúne-se ao grupo do Teatro Saint James. Pouco antes da guerra de 1914, tendo tido de abandonar o teatro, faz um pouco de jornalismo, para sobreviver. Não escreve nenhum livro. Na barafunda de Fleet Street, entre os seus companheiros de trabalho sempre atarefados, a sua figura estranha de homem meditativo, as suas maneiras lentas e afáveis de erudito fazem sorrir.

Para Machen, como se pode verificar em toda a sua obra, o homem é feito de mistério para os mistérios e as visões.

A realidade é o sobrenatural. O mundo exterior é pouco instrutivo, a menos que seja

visto como um reservatório de símbolos e de significações escondidas. Só as obras de imaginação produzidas por um espírito que procura as verdades eternas têm alguma probabilidade de ser obras reais e realmente úteis. Como diz o crítico Philip Van Doren Stern, é possível que houvesse mais verdades essenciais nas narrativas fantásticas de Arthur Machen do que em todos os gráficos e todas as estatísticas do Mundo.

Foi uma estranha aventura que reconduziu Machen à vida literária. Tornou o célebre durante algumas semanas e o choque que sofreu decidiu-o a acabar a vida como escritor. O jornalismo pesava-lhe, e já não sentia desejos de escrever para ele próprio. A guerra acabava de se declarar. Havia necessidade de literatura heróica. Não era esse o seu gênero. The Evening News pediu-lhe uma narrativa. Ele escreveu-a ao correr da pena, mas apesar de tudo no seu estilo. Chamava-se The Bowmen (Os Arqueiros). O jornal publicou essa narrativa a 29 de Setembro de 1914, no dia seguinte ao da retirada de Mons. Machen imaginara um episódio dessa batalha. São Jorge com a sua armadura rutilante, à frente de anjos que são os antigos arqueiros de Azincourt, vem em auxílio do exército britânico. Escreveram para o jornal dezenas de soldados: esse senhor Machen não inventara. Eles tinham visto, com os seus próprios olhos, diante de Mons, os anjos de São Jorge deslizarem para o meio das fileiras. Podiam testemunhá-lo sob a sua honra.

Inúmeras dessas cartas foram publicadas. A Inglaterra, ávida de milagres num momento tão perigoso, comoveu-se. Machen sofrera por o terem ignorado quando tentara revelar as realidades secretas. Dessa vez, com um fantástico sem categoria, agitava o país inteiro. Ou então, dar-se-ia o caso de que as forças ocultas se levantassem e tomassem tal ou tal forma ao apelo da sua imaginação, tantas vezes agarrada às verdades essenciais e que trabalhara talvez, sem ele próprio o saber, em profundidade? Machen repetiu, nos jornais, mais de doze vezes, que a sua narrativa era pura ficção. Ninguém o admitiu. Na véspera da sua morte, mais de trinta anos depois, já muito velho, constantemente se referia a essa extravagante história dos anjos de Mons.

A despeito dessa celebridade, o livro que ele escreveu em 1915 não teve o menor êxito. Tratava-se de O Grande Regresso, meditação sobre o Graal. Depois veio, em 1922, The Secret Glory, que é uma crítica ao mundo moderno à luz da experiência religiosa. Aos sessenta anos começou uma autobiografia original em três volumes. Tinha alguns admiradores em Inglaterra e na América, mas morria de fome. Em 1943 (tinha então oitenta anos), Bernard Shaw, Max Beerbohn, T. S. Eliot organizaram uma comissão para tentar reunir fundos que lhe permitissem não acabar num asilo de indigentes. Pôde terminar os seus dias em paz, numa pequena casa de Buckinghamshire, e morreu em 1947. Sempre o encantara uma frase de Murger. Em A Vida de Boêmia, Marcel, o pintor, nem sequer possui uma cama. Mas então onde é que descansa?, pergunta-lhe o proprietário. Senhor, responde Marcel, descanso na Providência.

Por volta de 1880, em França, na Inglaterra e na Alemanha fundam-se sociedades iniciáticas e ordens herméticas que agrupam poderosas personalidades. A história dessa crise mística pós-romântica ainda não foi escrita. Merecia sê-lo. Ali se encontraria a origem de várias correntes de pensamento importantes e que, por sua vez, determinariam correntes políticas. Nas cartas de Arthur Machen a P.J. Toulet encontram-se duas curiosas passagens.

Em 1899:

Quando escrevi Pã e O Pó Branco, não imaginava que acontecimentos tão estranhos alguma vez se dessem na vida real, ou até que jamais fossem susceptíveis de se produzir.

Mas depois, e muito recentemente, verificaram-se na minha própria existência experiências que alteraram completamente o meu ponto de vista a esse respeito... De hoje em diante estou convencido de que nada é impossível sobre a Terra. Tenho apenas que acrescentar, acho eu, que nenhuma das experiências que fiz tem qualquer coisa a ver com aldrabices como o espiritualismo ou a teosofia. Mas creio que vivemos num mundo de grande mistério, de coisas insuspeitadas e absolutamente espantosas. Em 1900:

Uma coisa que pode divertir o meu amigo: enviei O Grande Deus Pã a um adepto, um ocultista avançado, que encontrei subrosa! e ele escreveu: O livro prova bem que, por meio do pensamento e da meditação, mais do que pela leitura, V. Ex.a tem atingido um certo grau de iniciação independente das ordens e das organizações.

Quem é esse adepto? E quais são essas experiências? Noutra carta, após a passagem de Toulet por Londres Machen escreve:

O sr. Waite simpatizou muito consigo, pede-me que envie os seus cumprimentos.

Despertou a nossa atenção o nome desse íntimo de Machen que se dava com tão poucas pessoas. Waite foi um dos melhores historiadores de alquimia e um especialista da ordem de Rosa-Cruz. Tínhamos chegado àquele ponto das nossas investigações que nos esclareciam a respeito das curiosidades intelectuais de Machen, quando um dos nossos amigos nos fez uma série de revelações sobre a existência, em Inglaterra, no final do século XIX e princípio do XX, de uma sociedade iniciática: inspirada na Rosa-Cruz.

Essa sociedade chamava-se a Golden Dawn. Era composta por alguns dos espíritos mais brilhantes de Inglaterra. Arthur Machen foi um dos adeptos.

A Golden Dawn, fundada em 1887, era procedente da Sociedade da Rosa-Cruz inglesa, criada vinte anos antes por Robert Wentworth Little, e que angariava partidários entre os mestres maçons. Esta última sociedade compreendia 144 membros, entre os quais Bulwer-Lytton, autor de Os últimos Dias de Pompéia. A Golden Dawn, mais reduzida ainda, tinha como finalidade a prática da magia cerimonial e a obtenção dos poderes e conhecimentos iniciáticos. Os seus chefes eram Woodman, Mathers e Wynn Wescott (o iniciado de que Machen falava a Toulet na sua carta do ano de 1900). Ela estava em contacto com sociedades similares alemãs de que mais tarde se encontrarão certos membros no famoso movimento de antroposofia do período pré-nazista. Viria a ter como mestre Aleister Crowley, um homem absolutamente extraordinário e com certeza um dos maiores espíritos do neopaganismo de que seguiremos a pista na Alemanha. (Ele viria a publicar essas revelações nos números 2 e 3 da revista La Tour Saint Jacques, em 1956, sob o nome de Pierre Victor: L'ordre hermétique de la Golden Dawn).

S. L. Mathers, após a morte de Woodmann, e a retirada de Wescott, foi o grande mestre da Golden Dawn, que governou durante algum tempo de Paris, onde acabava de desposar a irmã de Henri Bergson. Mathers foi substituído na direção da Golden Dawn pelo célebre poeta Yeats, que mais tarde viria a receber o Prêmio Nobel. Yeats

tomou o nome de Irmão Diabo é Deus Inversus. Presidia às sessões de kilt escocês, mascarado de preto e com um punhal de ouro à cintura.

Arthur Machen tomara o nome de Filus Aquartá. Havia uma mulher filiada na Golden Dawn: Florence Farr, diretora de teatro e amiga íntima de Bernard Shaw. Ali se encontravam também os escritores Blackwood, Stoker, o autor de Drácula, e Sax Rohmer, assim como Peck, o astrônomo real da Escócia, o célebre engenheiro Allan Bennett e sir Gerald Kelly, presidente da Real Academia. Segundo parece, esses espíritos de elite foram marcados de forma indelével pela Golden Dawn. Como eles próprios confessaram, a visão que tinham do mundo foi alterada e as práticas às quais se entregaram não deixaram de lhes parecer eficazes e exaltantes.

Certos textos de Arthur Machen ressuscitam uma sabedoria esquecida pela maior parte dos homens, e no entanto indispensável para uma justa compreensão do mundo. Mesmo para o leitor não prevenido, emana uma inquietante verdade das frases deste escritor.

Quando decidimos apresentar-vos certas páginas de Machen nada sabíamos da Golden Dawn. Guardadas todas as proporções e salva a nossa humildade, passou-se aqui conosco o que se passa com os maiores prestidigitadores: o que os distingue dos seus semelhantes em destreza é que, no decorrer dos seus melhores exercícios, os objetos começam a ter uma vida própria, escapam-se-lhes, entregando-se a proezas imprevistas. Nós sentimo-nos ultrapassados pelo mágico. Procurávamos num texto de Machen que nos impressionara um esclarecimento geral sobre os aspectos do nazismo que nos parecem mais significativos do que tudo o que foi dito pela história oficial. Verifica-se que uma lógica implacável rege, de fato, o nosso sistema aparentemente extravagante. De certo modo, não é de admirar que esse esclarecimento geral nos venha de um membro de uma sociedade iniciática com forte inclinação para o neopaganismo.

Eis o texto que serve de introdução a um conto intitulada The White People. Esse conto, escrito depois de O Grande Deus Pã, figura numa coleção de textos de Machen publicada após a sua morte: Tales of Horror and the Supernatural (Richard's Press, Londres).

## IV

**O texto de Arthur Machen. - Os verdadeiros pecadores, da mesma forma que os verdadeiros santos, são ascetas. O verdadeiro Mal, assim como o verdadeiro Bem, nada tem a ver com o mundo vulgar. - O que é pecado é conquistar o céu de assalto. - O verdadeiro Mal torna-se cada vez mais raro. - O materialismo, inimigo do Bem e ainda mais do Mal. - Apesar de tudo, existe hoje qualquer coisa.**

- Se estais realmente interessados. . .

Ambrose disse: A feitiçaria e a santidade, eis as únicas realidades.

E prosseguiu: A magia justifica-se através dos seus filhos; eles comem côdeas de pão e bebem água com uma alegria muito mais intensa do que o epicúrio.

- Quer falar dos santos?

- Sim. E também dos pecadores. Creio que o senhor cai no erro freqüente daqueles que limitam o mundo espiritual às regiões do bem supremo. Os seres extremamente perversos também fazem parte do mundo espiritual. O homem comum, Carnal e sensual, nunca será um grande santo. Nem um grande pecador. Na maioria, somos simplesmente criaturas contraditórias e, no fim de contas, desprezíveis. Seguimos o nosso quotidiano caminho de lama sem compreender o profundo significado das coisas, e eis porque, em nós, o bem e o mal são idênticos: de ocasião, sem importância.

- Pensa então que um grande pecador é um asceta, da mesma forma que o grande santo?

- Aqueles que são grandes, tanto no bem como no mal, são os que abandonam as cópias imperfeitas e se dirigem aos originais perfeitos. Para mim, não tenho qualquer dúvida: os maiores de entre os santos nunca fizeram uma boa ação, no sentido vulgar do termo. E, por outro lado, existem homens que desceram ao fundo dos abismos do mal, e que, em toda a sua vida, nunca cometeram aquilo a que se chama uma má ação.

Deixou a sala por um momento, Cotgrave voltou-se para o amigo e agradeceu-lhe que o tivesse apresentado a Ambrose.

- É formidável - disse. - Nunca tinha visto este gênero de louco.

Ambrose reapareceu com uma nova provisão de uísque e serviu com generosidade os dois homens. Criticou ferozmente a seita dos abstinentes, mas serviu-se um copo de água. Ia recomeçar o monólogo, quando Cotgrave o interrompeu:

- Os seus paradoxos são monstruosos. Então um homem pode ser um grande pecador e no entanto nada fazer de culpável? Essa é boa!

- Está completamente enganado - disse Ambrose. - Eu nunca faço paradoxos; bem gostaria de poder fazê-los. Disse simplesmente que um homem pode ser um grande conhecedor dos vinhos de Borgonha e no entanto nunca ter provado vinho ruim nas tabernas. É tudo, e é provável que seja antes um truísmo do que um paradoxo, não é verdade? A sua reação é a prova de que não faz a menor idéia do que pode ser o pecado. Oh, evidentemente, há uma relação entre o Pecado maiúsculo e os atos considerados culpáveis: assassínio, roubo adultério, etc. Exatamente a mesma relação que há entre o alfabeto e a mais genial poesia. O seu erro é quase universal: adquiriu, como toda a gente, o hábito de apreciar as coisas através de óculos sociais. todos pensamos que um homem que nos faz mal, a nós, ou aos nossos vizinhos, é um homem mau.

E é-o, sob o ponto de vista social. Mas não compreende que o Mal, na sua essência, é uma coisa solitária, uma paixão da alma? O assassino médio, na sua qualidade de assassino, não é de forma alguma um pecador no verdadeiro sentido da palavra.

É simplesmente um animal perigoso de que nos devemos desembaraçar para salvar a pele. Eu classificá-lo-ia de muito melhor vontade entre as feras do que entre os pecadores.

- Tudo isso me parece bastante estranho.

- Mas não é. O assassino não mata por razões positivas, mas negativas; falta-lhe qualquer coisa que os não-assassinos possuem. O Mal, em contrapartida, é totalmente positivo. Mas positivo no mau sentido. E é raro. Há certamente menos pecadores verdadeiros do que santos. Quanto a esses a que chama criminosos, são seres incômodos, bem entendido, e dos quais a sociedade tem razão de se defender, mas entre os seus fatos anti-sociais e o Mal há uma enorme distância, pode crer! Fazia-se tarde. O amigo que levara Cotgrave a casa de Ambrose já ouvira sem dúvida tudo aquilo. Escutava com um sorriso fatigado e um pouco trocista, mas Cotgrave começava a pensar que o seu alienado talvez fosse um sábio.

- Sabe que estou imensamente interessado? - disse. - Julga então que não compreendemos a verdadeira natureza do mal?

- Damos-lhe valor demais. Ou então de menos. Por um lado, o que chamamos pecado são as infrações às leis da sociedade, aos tabus sociais. É um exagero absurdo. Por outro lado, damos tamanha importância ao pecado que consiste em deitarem a mão aos nossos bens ou às nossas mulheres que esquecemos completamente o que há de horrível nos verdadeiros pecados.

- Mas o que é então o pecado? - perguntou Cotgrave.

- Sou obrigado a responder à sua pergunta com outras perguntas. Que sensação experimentaria se o seu gato ou o seu cão lhe começasse a falar com voz humana? Se as rosas do seu jardim se pusessem a cantar? Se as pedras da rua aumentassem de volume sob os seus olhos? Pois bem, estes exemplos podem dar-lhe uma pálida idéia do que é realmente o pecado.

- Escutem - disse o terceiro homem, que até ali se mantivera muito calmo -, parecem-me ambos bastante excitados. Eu vou para casa. Perdi o meu autocarro e vou ser obrigado a andar a pé.

Ambrose e Cotgrave instalaram-se mais profundamente nos respectivos caldeirões depois da sua partida. Com a bruma da madrugada que gelava as vidraças, a claridade dos candeeiros tornava-se pálida.

- O senhor surpreende-me - disse Cotgrave. - Nunca tinha pensado nessas coisas. Se é realmente assim, é necessário remover tudo. Então, na sua opinião, a essência do pecado seria...

- Pretender conquistar o céu de assalto - disse Ambrose.

- Para mim o pecado reside na vontade de penetrar de maneira interdita numa esfera diferente e mais elevada. Deve portanto compreender o motivo por que é tão raro. Poucos homens na verdade, desejam penetrar noutras esferas, quer sejam elevadas ou baixas, de forma permitida ou proibida. Há poucos santos. E os pecadores, no sentido em que o entendo, são ainda mais raros. E os homens de gênio (que por vezes participam de ambos) são raros também. . . Mas é talvez mais difícil ser um grande pecador do que um grande santo.

- Por o pecado ser profundamente contra a natureza? - Exatamente. A santidade exige um esforço grande, ou quase, mas é um esforço que se exerce em vias que outrora eram naturais. Trata-se de recuperar o êxtase que o homem conheceu antes da queda.

Mas o pecado é uma tentativa para obter um êxtase e uma sabedoria que não são, e que nunca foram dados ao homem, e aquele que o tenta torna-se demônio. Eu disse-lhe que o simples assassino não é necessariamente um pecador. E é verdade, mas o pecador é, por vezes, um assassino. Estou a pensar em Gilles de Rais, (Senhor feudal do século XV, célebre pelos seus crimes; chegou a matar crianças nas suas cerimônias de magia negra.). por exemplo. Sabe que, se o bem e o mal estão igualmente fora do alcance do homem de hoje, do homem vulgar, social e civilizado, o mal é-o num sentido ainda mais profundo. O santo esforça-se por recuperar um dom que perdeu; o pecador esforça-se por qualquer coisa que nunca possuiu. No fim de contas, ele recomeça a Queda.

- É católico? - pergunta Cotgrave.

- Sim, sou um membro da igreja anglicana perseguida.

- Então o que pensa desses textos que chamam pecado aquilo que o senhor classifica de delito sem importância?

- Repare, por favor, que nesses textos da minha religião vê-se continuamente surgir o termo feiticeiro, que me parece a palavra-chave. Os delitos menores, que são chamados pecados, só são chamados assim na medida em que é o feiticeiro que é perseguido pela minha religião, sob a máscara do autor desses pequenos delitos. Pois os feiticeiros servem-se das fraquezas humanas resultantes da vida material e social como instrumentos para atingir o seu objetivo infinitamente execrável. E deixe-me dizer-lhe o seguinte: os nossos sentidos superiores estão tão embotados, estamos a tal ponto saturados de materialismo, que com certeza não reconheceríamos o verdadeiro mal se por acaso o encontrássemos.

- Mas não experimentaríamos, apesar de tudo, um certo horror? Esse horror que há pouco evocou ao convidar-me a imaginar rosas que começassem a cantar?

- Se fôssemos seres naturais, sim. As crianças, certas mulheres e os animais experimentam esse horror. Mas, na maior parte de nós, as convenções, a civilização e a educação ensurdeceram e obscureceram a natureza. Por vezes podemos reconhecer o mal pelo seu ódio ao bem; é tudo e é puramente fortuito. Na realidade, os Hierarcas do Inferno passam despercebidos entre nós.

- Pensa que sejam eles próprios inconscientes do mal que encarnam?

- Creio que sim. O verdadeiro mal, no homem, é como a santidade e o gênio. É um êxtase da alma, qualquer coisa que ultrapassa os limites naturais do espírito, que escapa à consciência. Um homem pode ser infinitamente, horrivelmente mau e nunca o suspeitar. Mas, repito, o mal, no verdadeiro sentido da palavra, é raro. Creio mesmo que se torna cada vez mais raro.

- Tento segui-lo - disse Cotgrave. - Quer dizer que o Mal verdadeiro é de uma essência completamente diferente daquilo a que chamamos vulgarmente o mal?

- Absolutamente. Um pobre tipo aquecido pelo álcool entra em casa e mata a pontapés a mulher e os filhos. É um assassino. E Gilles de Rais também é um assassino. Mas compreende o fosso que os separa? A palavra é acidentalmente a mesma em cada caso, mas o sentido é totalmente diferente. É certo que existe a mesma fraca

semelhança entre todos os pecados sociais e os verdadeiros pecados espirituais, mas aqui trata-se da sombra e ali da realidade. Se é um pouco teólogo deve compreendê-lo.

- Confesso que não dediquei muito tempo à teologia disse Cotgrave. - Lamento-o, mas, para voltar ao nosso assunto, acha que o pecado é uma coisa oculta, secreta?

- Sim. É o milagre infernal, como a santidade é o milagre sobrenatural. O verdadeiro pecado eleva-se a um tal grau que nós não podemos de forma alguma suspeitar da sua existência. Ele é como a nota mais baixa do órgão: tão profunda que ninguém a ouve. Por vezes há falhas, quedas que conduzem ao hospital de loucos ou a desenlaces mais horríveis ainda. Mas em caso algum o deve confundir com as culpas sociais. Lembre-se do Apóstolo: ele falava do outro lado e fazia uma distinção entre as ações caridosas e a caridade. Assim como se pode dar tudo aos pobres e no entanto ter falta de caridade, podem evitar-se todos os pecados e no entanto ser uma criatura do mal.

- Aí está uma singular psicologia! - disse Cotgrave.

Mas confesso que ela me agrada. Suponho que, na sua opinião, o verdadeiro pecador podia facilmente passar por uma personagem inofensiva?

- Certamente. O mal verdadeiro nada tem a ver com a sociedade. O Bem também não, aliás. Acha que teria sentido prazer com a companhia de São Paulo? Pensa que se teria entendido bem com sir Galaad? Passa-se o mesmo com pecadores e com santos. Se encontrasse um verdadeiro pecador, e nele reconhecesse o pecado, é certo que se sentiria tomado de pânico. Mas talvez não houvesse qualquer motivo para que esse homem lhe desagradasse. Pelo contrário, é muito possível que se conseguisse esquecer o pecado dele, achasse a sua convivência agradável. E no entanto!... Não, ninguém pode adivinhar quanto o verdadeiro mal é pavoroso!... Se as rosas e os lírios deste jardim começassem subitamente a cantar nesta madrugada que desponta, se os móveis desta casa começassem a andar em procissão, como no conto de Maupassant!

- Estou satisfeito por ter voltado a essa comparação disse Cotgrave -, pois queria perguntar-lhe a que correspondem, na humanidade, essas proezas imaginárias das coisas de que fala. Mais uma vez, o que é então o pecado? Gostaria enfim de um exemplo concreto.

Pela primeira vez, Ambrose hesitou:

- Já lhe disse, o verdadeiro mal é raro. O materialismo da nossa época, que muito fez para suprimir a santidade, talvez tenha feito ainda mais para suprimir o mal. Nós achamos a Terra tão confortável que não temos vontade nenhuma de subir nem de descer. Tudo se passa como se o especialista do Inferno estivesse reduzido a trabalhos puramente arqueológicos.

- No entanto, consta que as suas investigações se estenderam até à época presente?

- Vejo que está realmente interessado. Pois bem, confesso que na verdade reuni alguns documentos. . .

## V

**A Terra oca, o mundo gelado, o homem novo. - Nós somos inimigos do espírito. -**

**Contra a natureza e contra Deus. - A sociedade do Vril. - A raça que nos suplantará. Haushoffer e o Vril. - A idéia de mutação do homem. O Superior Desconhecido. - Mathers, chefe da Golden Dawn, encontra os Grandes Terrificantes. - Hitler diz que também os viu. - Uma alucinação ou uma presença real? - A porta aberta sobre outra coisa.b - Uma profecia de René Guénon. - O primeiro inimigo dos nazistas: Steiner.**

A Terra é oca. Nós habitamos no interior. Os astros são blocos de gelo. Já caíram várias luas sobre a Terra. A nossa também cairá. Toda a história da humanidade se explica pela batalha entre o gelo e o fogo. O homem não está acabado. Está à beira de uma formidável mutação que lhe dará os poderes que os antigos atribuíam aos deuses. Existem no mundo alguns exemplares do homem novo, vindos talvez de além das fronteiras do tempo e do espaço.

Há alianças possíveis entre o Mestre do Mundo e o Rei do Medo, que reina numa cidade escondida algures no Oriente. Aqueles que tiverem um pacto modificarão por milênios a superfície da Terra e darão um sentido à aventura humana.

Tais são as teorias científicas e as concepções religiosas que alimentaram o nazismo original, nas quais acreditavam Hitler e os membros do grupo de que ele fazia parte, e que fortemente orientaram os fatos sociais e políticos da história recente. Isto pode parecer extravagante. Uma explicação da história contemporânea, mesmo parcial, a partir de tais idéias e crenças pode parecer repugnante. Mas achamos que nada é repugnante no exercício da verdade.

Sabe-se que o partido nazista se mostrou anti-intelectual de maneira franca, e mesmo ruidosa, que queimou os livros e classificou os físicos teóricos entre os inimigos judaico-marxistas. Em proveito de que explicações do mundo ele rejeitou as ciências ocidentais oficiais é o que muita gente ignora. Ainda menos se sabe em que concepção do homem se baseava o nazismo, pelo menos no espírito de alguns dos seus chefes. Mas, sabendo-o, situa-se melhor a última guerra mundial no quadro dos grandes conflitos espirituais; a história recupera o fôlego à Vítor Hugo da grandeza épica.

Lançam-nos o anátema como a inimigos do espírito, dizia Hitler. Pois bem, é verdade, é isso que nós somos. Mas num sentido bem mais profundo do que a ciência burguesa, no seu imbecil orgulho, jamais sonhou. É pouco mais ou menos o que Gurdjieff declarava ao seu discípulo Ouspensky, depois de terminado o processo da ciência: O meu caminho é o do desenvolvimento das possibilidades escondidas do homem. É um caminho contra a natureza e contra Deus.

Esta idéia das possibilidades escondidas do homem é essencial. Ela conduz muitas vezes à rejeição da ciência e ao desprezo pela humanidade vulgar. Ao nível desta idéia, muito poucos homens existem realmente. Ser é ser diferente. O homem vulgar, o homem em estado natural não passa de uma larva e o Deus dos cristãos não passa de um pastor de larvas.

O doutor Willy Ley, um dos maiores peritos do Mundo em matéria de foguetões, fugiu da Alemanha em 1933. Foi por seu intermédio que soubemos da existência, em Berlim, pouco antes do nazismo, de uma pequena comunidade espiritual de verdadeiro interesse para nós.

Essa comunidade secreta fundamentara-se, literalmente, num romance do escritor

inglês Bulwer Lytton: A Raça que nos há-de suplantar. Esse romance descreve homens cujo psiquismo é muito mais evoluído do que o nosso. Eles conquistaram poderes, sobre si próprios e sobre as coisas, que os tornam semelhantes a deuses. De momento, ainda se escondem. Habitam cavernas no centro da Terra. Em breve sairão para nos governar.

Eis tudo o que o doutor Willy Ley parecia saber. Acrescentava, sorrindo, que os discípulos julgavam possuir certos segredos para mudar de raça, para se tornarem iguais aos homens escondidos no interior da Terra. Métodos de concentração, toda uma ginástica interior para se transformarem. Iniciavam os seus exercícios contemplando fixamente uma maçã cortada ao meio. . . Nós prosseguimos as investigações.

Essa sociedade berlinense, à semelhança das lojas maçônicas, chamava-se: A Loja Luminosa ou Sociedade do Vril.

O Vril é a imensa energia de que nós não utilizamos senão uma ínfima parte na vida comum, o fator principal da nossa divindade possível. Aquele que se torna senhor do Vril torna-se senhor de si próprio, dos outros e do mundo,. É a isso que devemos aspirar. É nesse sentido que devemos encaminhar os nossos esforços. Todo o resto faz parte da psicologia oficial, das morais, das religiões, do vento. O mundo vai modificar-se. Os Senhores vão sair das entranhas da Terra. Se não tivermos feito uma aliança com eles, se não formos senhores, também nós, ficaremos entre os escravos, na estrumeira que servirá para fazer brotar as novas cidades.

A Loja Luminosa tinha adeptos na teosofia e nos grupos da Rosa-Cruz. Segundo Jack Belding, autor da curiosa obra Os Sete Homens de Spandau, Karl Haushoffer teria pertencido a essa Loja. Teremos muito que falar dele, e ver-se-á que a sua passagem por essa Sociedade do Vril esclarece certas coisas.

Talvez o leitor se recorde que descobrimos, atrás do escritor Arthur Machen, uma sociedade iniciática inglesa: a Golden Dawn. Essa sociedade neopagã, da qual faziam parte grandes inteligências, nascera da Sociedade da Rosa-Cruz inglesa, fundada por Wentworth Little em 1867. Little estava em comunicação com membros da Rosa-Cruz. Recrutou os seus adeptos, em número de 144, entre os dignitários maçons. Um dos adeptos era Bulwer Lytton. Bulwer Lytton, erudito genial, célebre em todo o Mundo pela sua narrativa Os últimos Dias de Pompéia, não esperava sem dúvida que um dos seus romances, dezenas de anos mais tarde, inspirasse na Alemanha um grupo místico pré-nazista. No entanto, em obras como A Raça que nos há-de suplantar ou Zanoni, pretendia aludir às realidades do mundo espiritual, e mais especialmente do mundo infernal. Considerava-se um iniciado. Através da efabulação romanesca exprimia a certeza de que existem seres dotados de poderes sobre-humanos. Esses seres suplantar-nos-ão e conduzirão os eleitos da raça humana a caminho de uma formidável mutação.

É preciso prestar atenção a esta idéia de mutação de raça, pois viremos a reencontrá-la em Hitler, e ainda se não extinguiu. Encontra-se a mesma indicação em As Estrelas em Tempo de Guerra e de Paz de Louis de Wohl, escritor húngaro que dirigiu durante a guerra a secção de investigações sobre Hitler e os nazistas do Serviço de Informações inglês (não traduzido).

O objetivo de Hitler não é nem a criação da raça dos Senhores, nem a conquista do

Mundo; isso são apenas os meios para realizar a grande obra sonhada por Hitler. O verdadeiro objetivo era fazer obra de criação, obra divina, o objetivo da mutação biológica; o resultado será uma ascensão da humanidade ainda não igualada, a aparição de uma humanidade de heróis, de semideuses, de homens-deuses. Dr. Achille Delmas. É preciso também dar atenção à idéia dos Superiores Desconhecidos. Encontramo-la em todas as místicas negras do Oriente e do Ocidente. Habitando debaixo da terra ou vindos de outros planetas, gigantes semelhantes a esses que dormiriam sob uma carapaça de ouro nas criptas tibetanas, ou então presenças informes e terrificantes, tais como as descrevia Lovecraft, esses Superiores Desconhecidos evocados nos ritos pagãos e luciferinos existirão realmente? Quando Machen fala do mundo do Mal, cheio de cavernas e de habitantes crepusculares, é ao outro mundo, àquele onde o homem toma contacto com os Superiores Desconhecidos, que se refere, como discípulo do Golden Dawn. Parece-nos certo que Hitler partilhava dessa crença. Mais: que ele pretendia ter a experiência de contactos com os Superiores.

Citamos a Golden Dawn e a Sociedade do Vril alemã. Falaremos mais adiante do grupo de Tule. Não temos a loucura de pretender explicar a história por meio das sociedades iniciáticas. Mas veremos, curiosamente, que tudo teve importância e que através do nazismo, foi o outro mundo que exerceu autoridade sobre nós durante alguns anos. Ficou vencido. Mas não morreu, nem do outro lado do Reno, nem noutros sítios. Isso não é horroroso, a nossa ignorância é que é horrorosa.

Já fizemos notar que Samuel Mathers fundara a Golden Dawn. Mathers pretendia estar em comunicação com esses Superiores Desconhecidos e ter estabelecido os contactos em companhia de sua mulher, irmã do filósofo Henri Bergson. Eis a seguir uma passagem do manifesto aos Membros da segunda ordem, que ele escreveu em 1896: A respeito desses Chefes Secretos, aos quais me refiro e de que recebi as instruções da Segunda Ordem que vos comuniquei, nada vos posso dizer. Nem sequer sei os seus nomes terrenos e só muito raramente os vi com os seus corpos físicos... Eles encontram-se fisicamente no tempo e no lugar antecipadamente fixados. Na minha opinião, creio que são seres humanos que habitam a Terra, mas que possuem poderes terríveis e sobre-humanos. . . As minhas relações físicas com eles mostraram-me quão difícil é para um mortal, por muito evoluído que seja, suportar-lhes a presença. Não quero dizer que, durante esses raros encontros que com eles tive, o efeito em mim produzido tenha sido o de depressão física intensa que se segue à perda do magnetismo. Pelo contrário, sentia-me em contacto com uma força tão terrível que só a posso comparar ao efeito provocado numa pessoa que esteve perto de um relâmpago durante uma violenta trovoada, acompanhado por uma grande dificuldade em respirar. . . À prostração nervosa de que falei juntavam-se suores frios e perdas de sangue pelo nariz, boca e, por vezes, pelos ouvidos.

Hitler conversava um dia com Rauschning, chefe do governo de Dantzig, a respeito do problema da mutação da raça humana. Rauschning, que não possuía a chave de tão estranha preocupação, interpretava as frases de Hitler como frases de um criador de gado que procurasse melhorar o sangue alemão.

Mas não pode fazer outra coisa senão auxiliar a natureza, dizia ele, abreviando o caminho a percorrer! É preciso que a própria natureza lhe dê uma nova variedade. Até agora, só raramente o criador obteve bons resultados, em relação à espécie animal, no desenvolvimento das mutações, quer dizer, em criar ele próprio novos caracteres.

- O homem novo vive entre nós! Já chegou! - exclamou

Hitler em tom triunfante. - Isto não lhe basta? Vou dizer-lhe um segredo. Eu vi o homem novo. É intrépido e cruel. Tive medo diante dele.

Ao pronunciar estas palavras, acrescenta Rauschning, Hitler tremia num ardor extático.

E Rauschning conta também esta cena estranha, a respeito da qual se interroga em vão o doutor Achille Delmas, especialista de psicologia aplicada. De fato, neste caso, a psicologia não se aplica:

Uma pessoa da intimidade de Hitler disse-me que ele acorda durante a noite soltando gritos convulsivos. Pede socorro, sentado na beira da cama, como que paralisado. É possuído por um pânico que o faz tremer a ponto de sacudir a cama. Profere vociferações confusas e incompreensíveis. Arqueja como se estivesse a sufocar. A mesma pessoa relatou-me uma dessas crises com pormenores em que me recusaria a acreditar se a fonte não fosse de tanta confiança. Hitler estava de pé no seu quarto cambaleante, olhando em redor com ar desvairado. É ele! É ele! Ele esteve aqui!, gemia. Os lábios tremiam-lhe. O suor escorria abundantemente. De súbito pronunciou números sem qualquer sentido, depois palavras, restos de frases. Era pavoroso. Empregava termos curiosamente reunidos, absolutamente extraordinários. Depois, novamente, voltara a ficar silencioso, mas continua a mexer os lábios. Tinham-no então friccionado, e fizeram-no tomar uma bebida. Depois, subitamente, berrou: Ali, ali no canto! Está ali! Batia com o pé no chão e soltava gritos. Tranqüilizaram-no dizendo-lhe que nada se passava de anormal; e ele acalmou-se pouco a pouco. Em seguida, dormira várias horas e voltara a ser quase normal e suportável.

Deixamos ao leitor o cuidado de comparar as declarações de Mathers, chefe de uma pequena sociedade neopagã do fim do século XIX, e os ditos de um homem que, no momento em que Rauschning os coligia, se preparava para lançar o mundo numa aventura que provocou vinte milhões de mortos. Pedimos--lhe que não despreze esta comparação e a sua lição, a pretexto de que a Golden Dawn e o nazismo são, aos olhos do historiador é razoável, coisas completamente diferentes. O historiador é razoável, mas a história não o é. São as mesmas crenças que animam os dois homens, as suas experiências fundamentais são idênticas, a mesma força os impele. Pertencem à mesma corrente de pensamento, à mesma religião. Essa religião ainda não foi verdadeiramente estudada. Nem a Igreja, nem o racionalismo, que é outra igreja, o permitiram. Nós entramos numa época do conhecimento na qual tais estudos se tornarão possíveis porque a realidade desvendará a sua faceta fantástica e idéias ou técnicas que nos pareciam anormais, desprezíveis ou odiosas, apresentar-se-ão úteis para a compreensão de um real cada vez menos tranqüilizador.

Não propomos ao leitor que estude uma filiação Rosa-Cruz-Bulwer Lytton-Litlle Mathers-Cowley-Hitler, ou qualquer outra filiação do mesmo gênero, onde também se encontraria Madame Blavatsky e Gurdjieff. O jogo das filiações é como o das influências em literatura. Acabado o jogo, o problema mantém-se. O do gênio em literatura. O do poder em História. A Golden Dawn não basta para explicar o grupo Tule, ou a Loja Luminosa, a Ahnenerbe. Existem, evidentemente, inúmeras interferências, passagens clandestinas ou declaradas de um grupo para outro. Não deixaremos de as assinalar. Isso é apaixonante, como toda a pequena história. Mas o nosso objetivo é a grande história.

Pensamos que essas sociedades, pequenas ou grandes, ramificadas ou não, conexas ou não, são as manifestações mais ou menos claras, mais ou menos importantes, de outro mundo diferente daquele em que vivemos. Digamos que é o mundo do Mal no sentido em que Machen o entendia. Mas também não conhecemos melhor o mundo do Bem. Vivemos entre dois mundos, tomando este no man's land pelo próprio planeta inteiro. O nazismo foi um dos raros momentos da história da nossa civilização em que uma porta se abriu sobre outra coisa, de forma ruidosa e visível. É bastante estranho que os homens finjam nada ter visto nem ouvido, além dos espetáculos e ruídos vulgares da desordem guerreira e política.

Todos estes movimentos: Rosa-Cruz moderna, Golden Dawn inglesa, Sociedade do Vril alemã (que nos conduzirão ao grupo Tule, no qual encontraremos Haushoffer, Hess, Hitler) tinham maiores ou menores ligações com a Sociedade Teosófica, poderosa e bem organizada. A teosofia juntava à magia neopagã uma solenidade oriental e uma terminologia hindu. Ou antes, abria os caminhos do Ocidente a um certo Oriente luciferino. Foi sob a designação de teosofismo que se acabou por descrever o vasto movimento de renascimento do mágico que impressionou muitas inteligências no início do século.

No seu estudo Le Théosophisme: histoire d'une pseudo-religíon, publicado em 1921, o filósofo René Guénon mostra-se profeta. Ele vê aumentarem os perigos por detrás da teosofia e os grupos iniciáticos neopagãos mais ou menos ligados à seita de Madame Blavatsky.

Escreve :

Os falsos messias que até agora vimos apenas fizeram prodígios de qualidade muito inferior, e aqueles que os seguiram provavelmente não eram muito difíceis de seduzir. Mas quem sabe o que o futuro nos reserva? Se pensarmos que esses falsos messias nunca foram senão instrumentos mais ou menos inconscientes entre as mãos daqueles que os suscitaram, e se nos reportarmos em especial à série de tentativas sucessivamente feitas pelos teosofistas, somos levados a pensar que tudo isso foram apenas ensaios, de certa maneira experiências, que se renovarão sob diversas formas até que o êxito seja alcançado, e que, entretanto, sempre conseguem provocar certa perturbação nos espíritos. Aliás, não acreditamos que os teosofistas, nem os ocultistas ou os espíritas sejam capazes de realizar, por eles próprios e com pleno êxito, tal empreendimento. Mas não haveria, atrás de todos esses movimentos, qualquer coisa de igualmente temível, que os seus chefes talvez nem conhecessem e de que eram, por sua vez, os simples instrumentos!

É também a época em que uma extraordinária personagem, Rudolph Steiner, desenvolve na Suíça uma sociedade de investigações que se baseia na idéia de que o Universo inteiro está contido no espírito humano e que esse espírito é capaz de uma atividade sem nada de comum com o que a esse respeito nos diz a psicologia oficial. De fato, certas descobertas steinerianas, na biologia (os adubos que não destroem o solo), na medicina (utilização dos metais que alteram o metabolismo) e sobretudo em pedagogia (funcionam hoje na Europa numerosas escolas steinerianas), enriqueceram consideravelmente a humanidade. Rudolph Steiner pensava que há uma forma negra e uma forma branca de investigação mágica. Achava que o teosofismo e as diversas sociedades neopagãs provinham do grande mundo subterrâneo do Mal e anunciavam uma era demoníaca. Apressava-se a estabelecer, no âmago do seu próprio

ensinamento, uma doutrina moral incitando os iniciados a só utilizarem forças benéficas. Ele pretendia criar uma sociedade de benevolentes.

Não vamos pôr a questão de saber se Steiner tinha ou não razão, se era ou não senhor da verdade. O que nos impressiona é que as primeiras equipas nazistas parecem ter considerado Steiner o seu inimigo número um. Logo de início, os seus agentes dispersam por meio da violência as reuniões de steinerianos, ameaçam de morte os discípulos, obrigam-nos a fugir da Alemanha e, em 1924, na Suíça, em Dornach, deitam fogo ao centro edificado por Steiner. Os arquivos ardem, Steiner já não está em condições de trabalhar e morre de desgosto um ano mais tarde.

Até agora descrevemos os antecedentes do fantástico hitleriano. Agora, vamos realmente entrar no assunto. Floresceram duas teorias na Alemanha nazista: a teoria do Mundo gelado e a teoria da Terra oca. São duas explicações do Mundo e do homem que confirmam dados tradicionais, justificam mitos, verificam um certo número de verdades defendidas por grupos iniciáticos, desde os Teósofos a Gurdjieff. Mas essas teorias foram expressas com grande aparato político-científico. Quase expulsaram da Alemanha a ciência moderna tal como nós a consideramos. Foram aceites por muitos espíritos. Além disso, determinaram certas decisões militares de Hitler, influenciaram por vezes a marcha da guerra e contribuíram sem dúvida para a catástrofe final. Foi levado por essas teorias e especialmente pela idéia do dilúvio sacrificial que Hitler pretendeu arrastar todo o povo alemão para a destruição.

Não sabemos por que razão essas teorias, tão poderosamente afirmadas, às quais aderiram dezenas de homens e de grandes espíritos, pelas quais se fizeram grandes sacrifícios materiais e humanos, ainda não foram estudadas entre nós e continuam mesmo desconhecidas.

Ei-las a seguir, com a sua gênese, a sua história, as suas aplicações e a sua posteridade.

## VI

**Um ultimato aos cientistas. - O profeta Horbiger Copérnico do século XX. - A teoria do mundo gelado. - História do sistema solar. - O fim do Mundo. - A Terra e as suas quatro luas. - Aparição dos gigantes. - As luas, os gigantes e os homens. - A civilização da Atlântida. As cinco cidades de há 300 000 anos. - De Tiahuanaco às múmias tibetanas. - A segunda Atlântida. - O Dilúvio. - Degenerescência e cristandade. - Aproximamo-nos de outra era. - A lei do gelo e do fogo.**

Numa manhã de Verão de 1925, o carteiro entregou uma carta em casa de todos os sábios da Alemanha e da Áustria. Apenas o tempo de a abrir: a idéia da ciência tranqüila morrera, os sonhos e os gritos dos condenados enchiam de súbito os laboratórios e as bibliotecas. A carta era um ultimato:

Agora é preciso escolher, estar conosco ou contra nós. Ao mesmo tempo que Hitler limpará a política, Hans Horbiger expulsará as falsas ciências. A doutrina do gelo eterno será o sinal da regeneração do povo alemão! Atenção! Coloquem-se do nosso lado antes que seja demasiado tarde!

O homem que assim ousava ameaçar os sábios, Hans Horbiger, tinha sessenta e cinco anos. Era uma espécie de profeta furioso. Usava uma imensa barba branca e tinha uma

letra capaz de desencorajar o melhor grafólogo. A sua doutrina começava a ser conhecida por um vasto público sob o nome de Well.

Era uma explicação do cosmos em contradição com a astronomia e as matemáticas oficiais, mas que justificava antigos mitos. No entanto Horbiger considerava-se a ele próprio como um sábio. A ciência

Mas a ciência devia mudar de via e de métodos objetiva é uma invenção perniciosa, um totem de decadência. Pensava, como Hitler, que a questão prévia a qualquer atividade científica é saber quem quer saber. Só o profeta pode reclamar a ciência, pois ele é, em virtude da inspiração, elevado a um nível superior de consciência. Era o que pretendia dizer o iniciado Rabelais ao escrever: Ciência sem consciência é apenas ruína da alma. Ele pretendia dizer: ciência sem consciência superior. Tinham falsificado a sua mensagem, em proveito de uma pequena consciência humanista primária. Quando o profeta quer saber, pode então tratar-se de ciência, mas é uma coisa diferente daquilo a que vulgarmente se chama ciência. Por isso Hans Horbiger não podia suportar a menor dúvida, o menor esboço de contradição. Agitava-o um furor sagrado: Têm confiança nas equações e não têm em mim!, berrava. De quanto tempo precisarão ainda para compreender que as matemáticas representam uma mensagem sem valor?

Na Alemanha do Herr Doktor, cientista e técnico, Hans Horbiger, com gritos e murros, abria caminho ao saber inspirado, ao conhecimento irracional, às visões. Não era o único; mas nesse domínio era o que mais se distinguia. Hitler e Himmler tinham-se unido a um astrólogo, mas não o divulgavam. Esse astrólogo chamava-se Führer. Mais tarde, após a tomada do poder, e como que para afirmar a sua vontade, não só de reinar, como de modificar a vida, eles próprios ousariam provocar os sábios. Nomeariam Führer plenipotenciário das matemáticas, da astronomia e da física.

De momento, Hans Horbiger organizava, nos domínios da inteligência, um sistema comparável ao dos agitadores políticos. Parecia dispor de grandes possibilidades financeiras. Agia como um chefe de partido. Criava um movimento, com serviços de informações, recrutamento e quotizações, propagandistas e agentes escolhidos entre a juventude hitleriana. As paredes estavam cobertas de cartazes, inundavam os jornais de editais, distribuíam panfletos em massa, organizavam-se meetings. As reuniões e conferências de astrônomos eram interrompidas pelos partidários que gritavam: Fora os sábios ortodoxos! Sigam Horbiger! Os professores eram molestados nas ruas. Os diretores dos institutos científicos recebiam cartões: Quando ganharmos, o senhor e os seus semelhantes irão mendigar pelos passeios. Homens de negócios, industriais, antes de contratarem um empregado obrigavam-no a assinar uma declaração: Juro ter confiança na teoria do gelo eterno. Horbiger escrevia aos grandes engenheiros: Ou aprenderá a acreditar em mim, ou será tratado como inimigo.

Em poucos anos, o movimento publicou três grandes volumes de doutrina, quarenta livros populares, centenas de brochuras. Editavam um magazine mensal de grande tiragem: A Chave dos Acontecimentos Mundiais. Já recrutara dezenas de milhares de aderentes. Viria a representar um papel importante na história das idéias e na própria história.

Ao princípio, os sábios protestavam, publicavam cartas e artigos para demonstrar as impossibilidades do sistema Horbiger. Depois alarmaram-se quando a Well tomou proporções de um vasto movimento popular. A seguir à subida ao poder de Hitler a resistência diminuiu, embora as universidades continuassem a ensinar a astronomia

ortodoxa. Sábios de renome aderiram à doutrina do gelo eterno, como, por exemplo, Lenard, que, juntamente com Roentgen, descobrira os raios X, o físico Oberth, e Stark, cujas investigações sobre a espectroscopia eram mundialmente conhecidas. Hitler protegia abertamente Horbiger e acreditava nele.

Os nossos antepassados nórdicos tornaram-se fortes devido à neve e ao gelo, declarava um panfleto popular da Well, e é esse motivo por que a crença no gelo mundial é a herança natural do homem nórdico. Um austríaco, Hitler, expulsou os políticos judeus, um segundo austríaco, Horbiger, expulsará os sábios judeus. Com a sua própria vida, o Führer provou que um amador é superior a um profissional. Foi preciso outro amador para nos dar uma compreensão completa do Universo.

Hitler e Horbiger os dois maiores austríacos, encontraram-se várias vezes. O chefe nazista escutava aquele sábio visionário com deferência. Horbiger não admitia que o interrompessem no seu discurso e respondia com firmeza a Hitler: Maul zu! Cala a boca! Levou ao extremo a convicção de Hitler: o povo alemão, no seu messianismo, era envenenado pela ciência ocidental, tacanha, debilitante, separada da carne e da alma. Criações recentes, como a psicanálise, a serologia e a relatividade eram máquinas de guerra dirigidas contra o espírito de Parsifal. A doutrina do gelo mundial forneceria o contraveneno necessário. Essa doutrina destruía a astronomia aceite: o resto do edifício desmoronar-se-ia em seguida por si próprio, e era preciso que se desmoronasse para que renascesse a magia, único valor dinâmico. Os teóricos do nacional-socialismo e os do gelo eterno reuniram-se em conferências: Rosenberg e Horbiger, rodeados pelos seus melhores discípulos.

A história da humanidade, tal como Horbiger a descrevia, com os grandes dilúvios e as migrações sucessivas, com os seus gigantes e os seus escravos, os seus sacrifícios e as suas epopéias, correspondia à teoria da raça ariana. As afinidades do pensamento de Horbiger com os temas orientais das eras antediluvianas, dos períodos de salvação da espécie e os períodos de punição apaixonaram Himmler. À medida que o pensamento de Horbiger se definia, revelavam-se correspondências com as visões de Nietzsche e a mitologia wagneriana. As origens fabulosas da raça ariana, que descera das montanhas habitadas pelos super-homens de outra era, destinada a mandar no planeta e nas estrelas, estavam estabelecidas. A doutrina de Horbiger associava-se intimamente ao pensamento do socialismo mágico, aos movimentos místicos do grupo nazista. Vinha fortalecer muito o que Jung viria a chamar mais tarde a libido do sem-razão. Ela trazia algumas dessas vitaminas da alma contidas nos mitos.

Foi em 1913 que um certo Philipp Fauth, astrônomo amador especializado na observação da Lua, publicou com alguns amigos um enorme livro de mais de oitocentas páginas: A Cosmogonia Glacial de Horbiger. A maior parte da obra era escrita pelo próprio Horbiger. (Philipp Fauth nasceu a 19 de Março de 1867 e morreu a 4 de Janeiro. Ia transformar-se num dos grandes profetas da Alemanha messiânica e, como viriam a escrever depois da sua morte: Um descobridor de gênio abençoado por Deus).

Horbiger, nessa época, administrava com negligência os seus negócios pessoais. Nascido em 1860, de uma família conhecida no Tirol desde há séculos, fizera os estudos na Escola de Tecnologia de Viena, e um estágio prático em Budapeste. Desenhador na fábrica de máquinas a vapor Alfredo Collman, entrara em seguida como especialista dos compressores na fábrica de Land, em Budapeste. Foi aí que inventou, em 1894, um novo sistema de torneira para bombas e compressores. A licença fora

vendida a poderosas sociedades alemãs e americanas, e Horbiger vira-se de súbito na posse de uma grande fortuna que a guerra em breve dispersaria.

Horbiger era apaixonado pelas aplicações astronômicas das mudanças de estado da água: líquido, gelo, vapor, que tivera ocasião de estudar no seu trabalho. Pretendia explicar com isso toda a cosmografia e toda a astrofísica. Bruscas inspirações, intuições fulgurantes tinham-lhe aberto as portas, dizia ele, de uma ciência de 1941. Engenheiro e construtor de máquinas, as suas investigações sobre a Lua deram-lhe uma certa notoriedade: traçara dois mapas da Lua, e uma cratera dupla, ao sul da cratera de Copérnico, tem o nome de Fauth por decisão da União Internacional de 1935. Foi nomeado professor em 1939, por medida especial do Governo nacional-socialista.

A doutrina de Horbiger deve o seu poder a uma visão completa da história e da evolução do cosmos. Ela explica a formação do sistema solar, o aparecimento da Terra, da vida e do espírito. Descreve todo o passado do Universo e anuncia as suas futuras transformações. Responde às três interrogações essenciais: O que somos nós? De onde vimos? Para onde vamos?

E responde de forma exaltante.

Tudo assenta na idéia da luta perpétua, nos espaços infinitos, entre o gelo e o fogo e entre a força de repulsão e a força de atração. Essa luta, essa tensão variando entre princípios opostos, essa eterna guerra no céu, que é a lei dos planetas, rege também a Terra e a matéria viva e determina a história humana. Horbiger pretende revelar o mais longínquo passado do nosso globo bem como o seu mais longínquo futuro, e introduz noções fantásticas a respeito da evolução das espécies vivas. Altera aquilo que geralmente pensamos da história das civilizações, da aparição e do desenvolvimento do homem e das suas sociedades. Não descreve, a esse respeito, uma elevação contínua, mas uma série de ascensões e de quedas. Ter-nos-iam precedido, há centenas de milhares de anos, e talvez bilhões de anos, homens-deuses, gigantes, civilizações fabulosas. Aquilo que eram os antepassados da nossa raça talvez nós o voltemos a ser, através de cataclismos e mutações extraordinárias, no decurso de uma história que, sobre a Terra como no cosmos, se desenrola por ciclos. Pois as leis do céu são as mesmas que as da Terra e o Universo inteiro participa do mesmo movimento, é um organismo vivo onde tudo se repercute sobre tudo. A aventura dos homens está ligada à aventura dos astros, o que se passa no cosmos passa-se sobre a Terra, e reciprocamente.

Como se vê, esta doutrina dos ciclos e das relações quase mágicas entre o homem e o Universo fortifica o pensamento tradicional mais remoto. Volta a introduzir as antiqüíssimas profecias, os mitos e as lendas, os antigos temas do Gênesis, do Dilúvio, dos Gigantes e dos Deuses.

Esta doutrina, como melhor se compreenderá mais adiante, está em contradição com todos os dados da ciência admitida.

Mas, dizia Hitler, há uma ciência nórdica e nacional-socialista que se opõe à ciência judaico-liberal. A ciência admitida no Ocidente, como aliás a religião judaico-cristã que aí encontra cumplicidades, é uma conspiração que é preciso destruir. É uma conspiração contra o sentido da epopéia e do mágico que reside no coração do homem forte, uma vasta conspiração que fecha para a humanidade as portas do passado e do

futuro para além do curto espaço das civilizações recenseadas, que a despoja das suas origens e do seu destino fabuloso, e que a priva do diálogo com os seus deuses.

Os sábios admitem geralmente que o nosso universo foi criado por uma explosão, há três ou quatro bilhões de anos. Explosão de quê? Talvez o cosmos inteiro estivesse contido num átomo, ponto zero da criação. Esse átomo teria explodido e estaria desde então em constante expansão. Estariam contidas nele toda a matéria e todas as forças hoje empregadas no Universo. Mas, aceitando a hipótese, não se pode dizer, no entanto, que se trata do começo absoluto do Universo. Os teóricos da expansão do Universo a partir desse átomo omitem o problema da sua origem. No fim de contas, a esse respeito a ciência não faz declarações mais precisas do que o admirável poema índio: No intervalo entre a dissolução e a criação, Vishnu-Cesha repousava na sua própria substância, luminoso de energia dormente, entre os gérmenes das vidas futuras.

No que se refere ao nascimento do nosso sistema solar, as hipóteses também são vagas. imaginaram que os planetas teriam brotado de uma explosão parcial do Sol. Um grande corpo astral teria passado perto, arrancando uma parte da substância solar, que se teria dispersado no espaço e como que condensado em planetas. Depois, o grande corpo, o superastro desconhecido, continuando o seu percurso, ter-se-ia perdido no infinito. Imaginaram ainda a explosão de um gêmeo do nosso Sol. O professor H.N. Roussel, resumindo a questão, escreveu com humor: Até que saibamos como é que a coisa aconteceu, o que há realmente de certo é que o sistema solar se produziu de uma certa maneira.

Quanto a Horbiger, ele pretende saber como a coisa aconteceu. Conhece a explicação definitiva. Numa carta ao engenheiro Willy Ley confirma que essa explicação lhe saltou à vista na juventude. Tive a revelação, diz ele, quando, jovem engenheiro, observei um dia uma corrente de aço fundido sobre a terra molhada e coberta de neve: a terra explodia com certo atraso e grande violência. É tudo. A partir daí, a doutrina de Horbiger desenvolver-se-á e começará a dar frutos. É a maçã de Newton. Havia no céu um enorme corpo de alta temperatura, milhões de vezes maior do que o nosso Sol atual. Esse corpo entrou em colisão com um planeta gigante constituído por uma acumulação de gelo cósmico. Essa massa de gelo penetrou profundamente no supersol. Nada se produziu durante centenas de milhares de anos. Depois, o vapor de água fez explodir tudo.

Alguns fragmentos foram projetados tão longe que se perderam no espaço gelado. Outros tornaram a cair sobre a massa central de onde partira a explosão. Outros finalmente foram atirados para uma zona média: são os planetas do nosso sistema. Havia trinta. São blocos que a pouco e pouco se cobriram de gelo. A Lua, Júpiter, Saturno são de gelo e os canais de Marte são fendas do gelo. Só a Terra não está inteiramente tomada pelo frio: aí mantém-se a luta entre o gelo e o fogo.

A uma distância igual a três vezes a de Netuno encontrava-se, no momento dessa explosão, um enorme anel de gelo. E ali se encontra ainda. É o que os astrônomos oficiais teimam em chamar a Via Láctea, porque algumas estrelas semelhantes ao nosso Sol brilham através dele. Quanto às fotografias de estrelas individuais, cujo conjunto daria uma Via Láctea, trata-se de truques fotográficos.

As manchas que se observam no Sol e que mudam de forma e de lugar todos os onze anos continuam inexplicáveis para os sábios ortodoxos. Elas são produzidas pela

queda de blocos de gelo que se desagregam de Júpiter. E Júpiter fecha o seu círculo em redor do Sol todos os onze anos.

Na zona média da explosão, os planetas do sistema de que nós fazemos parte obedecem a duas forças:

- A força primeira da explosão, que os afasta;

- A gravitação, que os atrai em direção da massa mais forte situada nas proximidades.

Estas duas forças não são iguais. A força da explosão inicial vai diminuindo, pois o espaço não está vazio: há uma matéria tênue, feita de hidrogênio e de vapor de água. Além disso, a água que atinge o Sol enche o espaço de cristais de gelo.

Assim, a força inicial, de repulsão, acha-se cada vez mais travada. Em contrapartida, a gravitação é constante. É o motivo por que cada planeta se aproxima do planeta mais próximo que o atrai. Aproxima-se dando voltas em redor, ou antes, descrevendo uma espiral que se vai estreitando. Desta forma, mais cedo ou mais tarde, todo o planeta cairá sobre o que estiver mais próximo, e todo o sistema acabará por cair novamente em gelo no Sol. E dar-se-á então uma nova explosão, e um novo recomeço. Gelo e fogo, repulsão e atração estão permanentemente em luta no Universo. Essa luta determina a vida, a morte e o perpétuo renascimento do cosmos. Um escritor alemão. Elmar Brugg, escreveu em 1952 uma obra em homenagem a Horbiger, na qual dizia:

Nenhuma das doutrinas de representação do Universo punham em jogo o princípio de contradição, de luta entre duas forças contrárias, e de que, no entanto, a alma do homem se alimenta há milênios. O mérito imperecível de Horbiger é ter ressuscitado poderosamente o conhecimento intuitivo dos nossos antepassados por meio do conflito eterno do fogo e do gelo, cantado por Edda. Ele expôs esse conflito ante os olhos dos seus contemporâneos. Fundou cientificamente essa imagem grandiosa do mundo ligado ao dualismo da matéria e da força, da repulsão que dispersa e da atração que torna a reunir.

É então certo: a Lua acabará por cair sobre a Terra. Há um momento, algumas dezenas de milênios, em que a distância de um planeta a outro parece fixa. Mas poderemos constatar que a espiral se estreita. Pouco a pouco, no decorrer dos tempos, a Lua aproximar-se-á. A força de gravitação que ela exerce sobre a Terra aumentará. Então as águas dos nossos oceanos juntar-se-ão numa maré permanente, e aumentarão de volume, cobrindo as terras, submergindo os trópicos e cercando as mais altas montanhas. Os seres vivos achar-se-ão progressivamente libertos do seu peso. Crescerão. Os raios cósmicos tornar-se-ão mais poderosos. Agindo sobre a gênese e os cromossomos provocarão mutações. Ver-se-ão surgir novas raças, animais, plantas e homens gigantescos.

Depois, ao aproximar-se ainda mais, a Lua explodirá, girando a grande velocidade, e transformar-se-á num imenso anel de rochedos, de gelo, água e gás, girando cada vez mais depressa. Por fim, esse anel cairá sobre a Terra, e então será a Queda, o Apocalipse anunciado. Mas se sobreviverem alguns homens, os mais fortes, os melhores, os eleitos, estar-lhes-ão reservados estranhos e formidáveis espetáculos. E talvez o espetáculo final.

Após milênios sem satélite, durante os quais a Terra terá conhecido extraordinárias

imbricações de raças antigas e modernas, civilizações vindas dos gigantes, recomeços para além do Dilúvio e de imensos cataclismos, Marte, mais pequeno do que o nosso globo, acabará por se lhe reunir. Atingirá a órbita da Terra. Mas é demasiado grande para ser capturado, para se tornar, como a Lua, um satélite. Passará muito perto da Terra, roçá-la-á ao cair sobre o Sol, atraído por ele, aspirado pelo fogo. Então a nossa atmosfera achar-se-á de um momento para o outro tragada, arrastada pela gravitação de Marte, e abandonar-nos-á para se perder no espaço. Os oceanos agitar-se-ão aos borbotões à superfície da Terra, lavando tudo, e a crosta terrestre estalará.

O nosso globo, morto, continuando a girar em espiral, será apanhado por planetóides gelados que vagueiam pelo céu, e transformar-se-á numa enorme bola de gelo que por sua vez se precipitará sobre o Sol. Após a colisão haverá o grande silêncio, a grande imobilidade, enquanto o vapor de água se acumulará, durante milhões de anos, no interior da massa chamejante. Finalmente haverá uma nova explosão para outras criações na eternidade das forças ardentes do cosmos.

Tal é o destino do nosso sistema solar na visão do engenheiro austríaco que os dignitários nacionais-socialistas chamavam O Copérnico do século XX. Vamos agora descrever essa visão aplicada à história passada, presente e futura da Terra e dos homens. É uma história que, através dos olhos de tempestade e batalha do profeta Horbiger, se assemelha a uma lenda, cheia de revelações fabulosas e formidáveis estranhezas.

Estava-se em 1948, eu acreditava em Gurdjieff e uma das suas fiéis discípulas convidara-me amavelmente a passar alguns dias em sua casa, com minha família, na montanha. Essa mulher tinha uma grande cultura, uma formação de química, inteligência viva e temperamento firme. Auxiliava os artistas e os intelectuais. Depois de Luc Dietrich e René Daumal, eu viria a contrair em relação a ela uma dívida de reconhecimento. Nada tinha da discípula louca e os ensinamentos de Gurdjieff; que por vezes se instalava em sua casa, penetravam-na através do crivo da razão. No entanto, um dia, apanhei-a, ou julguei apanhá-la em flagrante delito de insensatez. Abriu-me de súbito os abismos do seu delírio, e eu fiquei mudo e aterrado diante dela, como perante uma agonia. Uma noite fria brilhava sobre a neve e nós conversávamos tranquilamente, encostados à varanda da casa. Olhávamos os astros, como os olhamos na montanha, sentindo uma solidão absoluta que noutros sítios é angustiante, mas ali purificante. Os relevos da Lua viam-se nitidamente.

- Seria melhor dizer-se uma lua - disse a minha hospedeira -, uma das luas. . .

- O que quer dizer?

- Houve outras luas no céu. Esta é simplesmente a última...

- O quê?! Teria havido outras luas além desta?

- Decerto. O Sr. Gurdjieff sabe-o, e sabem-no outras pessoas.

- Mas, enfim, os astrônomos...

- Oh!, se acredita em cientistas!..

O seu rosto estava calmo e sorria com um pouco de comiseração. A partir desse dia

deixei de me sentir em harmonia com certos amigos de Gurdjieff a quem estimava. Tornaram-se, a meus olhos, seres frágeis e inquietantes e senti que um dos elos que me ligavam a essa família acabava de se romper.

Alguns anos mais tarde, ao ler o livro de Gurdjieff As Narrativas de Belzebu, e ao descobrir a cosmogonia de Horbiger, compreendi que aquela visão, ou antes aquela crença, não era uma simples incursão pelo fantástico. Havia uma certa coerência entre essa extraordinária história de luas e a filosofia do super-homem, a psicologia dos estados superiores da consciência, a mecânica das mutações. Essa história, aliás, encontrava-se nas tradições orientais, bem como a idéia de que existiram homens, há milênios, que puderam observar um céu diferente do nosso, outras constelações, outro satélite.

Não teria Gurdjieff feito mais do que inspirar-se em Horbiger, que certamente conhecia? Ou então ter-se-ia inspirado em fontes antigas de saber, tradições ou lendas, que Horbiger corroborara como que casualmente no decorrer das suas inspirações pseudo-científicas? Eu ignorava, sobre aquela varanda da casa de montanha, que a minha hospedeira exprimia uma crença que fora a de milhares de homens na Alemanha hitleriana ainda sepultada sob ruínas, nessa hora ainda sangrenta, ainda chamejante, entre os destroços dos seus grandes mitos. E a minha hospedeira naquela noite clara e tranqüila, também o ignorava.

Portanto, na opinião de Horbiger, a Lua, aquela que nós vemos, não passaria do último satélite captado pela terra, o quarto. O nosso globo, no decurso da sua história, já teria captado três. Três massas de gelo cósmico errando no espaço teriam, sucessivamente, alcançado a nossa órbita. Teriam começado a girar em espiral à volta da Terra, aproximando-se, depois ter-se-iam abatido sobre nós. A nossa Lua atual também se precipitará sobre a Terra. Mas, desta vez, a catástrofe será maior, pois este último satélite gelado é maior que os precedentes. Toda a história do globo, a evolução das espécies e toda a história humana encontram a sua explicação nesta sucessão das luas do nosso céu.

Há quatro épocas geológicas, pois houve quatro luas. Estamos no quaternário. Antes de cair, uma lua explode e, girando cada vez mais depressa, transforma-se num anel de rochedos de gelo e de gás. É esse anel que cai sobre a Terra, recobrindo em círculo a crosta terrestre e fossilizando tudo o que fica por baixo. Os organismos enterrados não se fossilizam em período normal: apodrecem. Só se fossilizam no momento em que cai uma lua. Eis o motivo por que nos foi possível recensear uma época primária, uma época secundária e uma época terciária. No entanto, como se trata de um anel, só possuímos testemunhos muito fragmentários a respeito da história da vida sobre a Terra. Ao longo dos tempos puderam nascer e desaparecer outras espécies animais e vegetais, sem que delas ficassem vestígios nas camadas geológicas. Mas a teoria das luas sucessivas permite imaginar as modificações sofridas no passado pelas formas vivas. Permite igualmente prever as modificações futuras.

Durante o período em que o satélite se aproxima, há um momento de algumas centenas de milhares de anos em que ele gira em volta da Terra a uma distância de quatro a seis raios terrestres. Em comparação com a distância da nossa Lua atual está ao alcance da mão. A gravitação está portanto consideravelmente alterada. Ora é a gravitação que dá aos seres o seu tamanho. Eles só aumentam de tamanho em função do peso que podem suportar.

No momento em que o satélite está próximo há portanto um período de gigantismo.

No final do primário: os vegetais imensos, os insetos gigantescos. No final do secundário: os diplococos, os iguanodontes, os animais de trinta metros. Produzem-se mutações bruscas, pois os raios cósmicos são mais poderosos. Os seres, libertos do seu peso, erguem-se, as caixas cranianas dilatam-se, os animais começam a voar. talvez tenham aparecido, no final do segundo período, mamíferos gigantescos. E talvez os primeiros homens criados por mutação. Seria preciso situar esse período no final 1 do secundário, no momento em que a segunda lua gira nas proximidades do globo, há cerca de quinze milhões de anos.

É a era do nosso antepassado, o gigante. Madame Blavatsky, que pretendia ter recebido comunicação do Livro dos Dzyan, texto que seria o mais antigo da humanidade e contaria a história das origens do homem, afirmava igualmente que uma primeira raça humana, gigantesca, teria surgido no secundário: O homem secundário será descoberto um dia, e com ele as suas civilizações há muito submersas.

Numa noite dos tempos infinitamente mais espessa do que nós o imaginamos, eis portanto, sob uma lua diferente, num mundo de monstros, esse primeiro homem que mal se nos assemelha e cuja inteligência é diferente da nossa. O primeiro homem, e talvez o primeiro par humano, gêmeos expulsos de uma matriz animal por um prodígio das mutações que se multiplicam quando os raios cósmicos são gigantescos. O Gênesis diz-nos que os descendentes desse antepassado viviam entre quinhentos a novecentos anos: é que o alívio de peso diminui o desgaste do organismo. Ele não nos fala de gigantes, mas as tradições judaicas e muçulmanas compensam abundantemente essa omissão. Enfim, os discípulos de Horbiger afirmam que fósseis do homem secundário teriam sido descobertos recentemente na Rússia.

Quais teriam sido as formas de civilizações do gigante há quinze milhões de anos? Imaginam-se assembléias e maneiras de ser decalcadas sobre os insetos gigantes vindos do primário e de que os nossos insetos de hoje, ainda muito estranhos, são os descendentes degenerados. Imaginam-se grandes poderes de comunicação à distância, civilizações fundadas sobre o modelo das centrais de energia psíquica e material que formam por exemplo as termiteiras, as quais põem ao observador tantos problemas perturbantes acerca dos domínios desconhecidos das infra-estruturas - ou das superestruturas - da inteligência.

Essa segunda lua vai ainda aproximar-se, explodir em anel e cair sobre a Terra, que sofrerá um novo e longo período sem satélite. Nos espaços longínquos, uma formação glaciária em espiral alcançará a órbita da Terra, que desta forma captará uma nova lua. Mas, durante esse período em que nenhuma grande bola brilhará sobre as cabeças, só sobrevivem alguns espécimes das mutações que se produziram no final do secundário e que vão subsistir diminuindo de tamanho. Há ainda gigantes que se adaptam. Quando a lua terciária aparece já se formaram homens vulgares, mais pequenos, menos inteligentes: os nossos verdadeiros antepassados. Mas os gigantes oriundos do secundário têm atravessado os cataclismos, ainda existem, e são eles que vão civilizar os pequenos homens.

A idéia de que os homens, partindo da bestialidade e da selvageria, evoluíram lentamente até à civilização é uma idéia recente. É um mito judaico-cristão, imposto às consciências para expulsar um mito mais poderoso e mais revelador. Quando a humanidade estava mais fresca, mais perto do seu passado, no tempo em que

nenhuma conspiração bem urdida a expulsara ainda da sua própria memória, ela sabia que descendia dos deuses, dos reis gigantes que lhe tinham ensinado tudo. Lembrava-se de uma idade de ouro em que os superiores, nascidos antes dela, lhe ensinavam a agricultura, a metalurgia, as artes, as ciências e o manejo da Alma. Os gregos evocavam a época de Saturno e o reconhecimento que os seus antepassados votavam a Hércules. Os egípcios e os mesopotâmios conservavam as lendas dos reis gigantes iniciadores. As povoações a que nós hoje chamamos primitivas, os indígenas do Pacífico, por exemplo, juntam à sua religião, sem dúvida adulterada, o culto dos bons gigantes do princípio do Mundo. Na nossa época, em que todos os dados do espírito e do conhecimento foram alterados, os homens que realizaram o tremendo esforço de escapar às formas de pensar estabelecidas tornam a encontrar, na origem da sua inteligência, a nostalgia dos tempos felizes da alvorada dos séculos, de um paraíso perdido, a recordação velada de uma iniciação primordial.

Da Grécia à Polinésia, do Egito ao México e à Escandinávia, todas as tradições dizem que os homens foram iniciados por gigantes. É o período de ouro do terciário, que dura vários milhões de anos durante os quais a civilização moral, espiritual e talvez técnica atinge o seu apogeu sobre o globo. Quando os gigantes ainda estavam misturados aos homens Nos tempos em que ninguém falava escreve Vítor Hugo com intuição extraordinária.

A lua terciária, cuja espiral se estreita, reaproxima-se da Terra. As águas sobem, aspiradas pela gravitação do satélite, e os homens, há mais de novecentos mil anos, sobem para os mais altos cumes montanhosos com os gigantes, seus reis. Sobre esses cumes, por sobre os oceanos revoltados que formam um anel em redor da Terra, os homens e os seus Superiores vão fundar uma civilização marítima mundial na qual Horbiger e o seu discípulo inglês Bellamy vêem a civilização Atlântida. Bellamy assinala, nos Andes, a quatro mil metros, vestígios de sedimentos marinhos que se prolongam durante setecentos quilômetros. As águas do final do terciário chegavam até ali e um dos centros civilizados desse período teria sido Tiahuanaco, perto do lago Titicaca. As ruínas de Tiahuanaco testemunham uma civilização centenas de vezes milenária, e que em nada se assemelha às civilizações posteriores.  (O arqueólogo alemão Von Hagen, autor de um trabalho publicado em francês sob o título Au royaume des Incas (Plon, 1950), recolheu perto do lago Titicaca uma tradição oral dos Índios locais segundo a qual Tiahuanaco foi construída antes que as estrelas existissem no céu.)

Os vestígios dos gigantes ali estão, para os horbigerianos, visíveis, assim como os seus inexplicáveis monumentos. Ali se encontra, por exemplo, uma pedra de nove toneladas, entalhada com seis chanfraduras de três metros de altura, as quais continuam incompreensíveis para os arquitetos, como se o seu papel tivesse sido esquecido depois por todos os construtores da história. Pórticos com três metros de altura e quatro de largura, talhados numa pedra única, com portas, janelas falsas e esculturas talhadas a cinzel, pesando no conjunto dez toneladas. Lanços de muros, ainda de pé, pesam sessenta toneladas, e são sustentados por blocos de grés de cem toneladas, enterrados na terra como cunhas. Entre essas ruínas fabulosas erguem-se estátuas gigantescas de que só uma foi retirada e colocada no jardim do Museu de La Paz. Tem oito metros de altura e pesa vinte toneladas. tudo convida os horbigerianos a ver nessas estátuas retratos de gigantes, executados por eles próprios.

Das feições do rosto chega a nossos olhos, e mesmo até ao nosso coração, uma

expressão de soberana bondade e soberana sabedoria. Uma harmonia de todo o ser emana do conjunto do colosso, cujas mãos e o corpo maravilhosamente estilizados são concebidos com um equilíbrio que tem uma qualidade moral. Emana do maravilhoso monolítico tranqüilidade e paz.

Se ele representa o retrato de um dos reis gigantes que governaram esse povo, não se pode deixar de pensar neste princípio de frase de Pascal: Se Deus nos desse mestres das suas mãos.. .

Se esses monolíticos foram realmente talhados e colocados no seu lugar pelos gigantes em honra dos seus aprendizes os homens, se as esculturas de uma extrema abstração, de uma estilização tão avançada que confunde a nossa própria inteligência, foram na verdade executadas por esses Superiores, nelas encontramos a origem dos mitos segundo os quais as artes foram concedidas aos homens por deuses, e a chave das diversas místicas da inspiração estética.

Entre essas esculturas figuram estilizações de um animal, o todoxon, cujos ossos foram descobertos nas ruínas de Tiahuanaco. Ora nós sabemos que o todoxon só pôde viver no terciário. Finalmente, nessas minas que teriam precedido em cem mil anos o final do terciário, enterrado no lodo ressequido, há um pórtico de dez toneladas cujas decorações foram estudadas pelo arqueólogo alemão Kiss, discípulo de Horbiger, entre 1928 e 1937. Tratar-se-ia de um calendário realizado segundo as observações dos astrônomos do terciário. Esse calendário exprime dados científicos rigorosos. É dividido em quatro partes separadas pelos solstícios e os equinócios que marcam as estações astronômicas. Cada uma dessas estações é por sua vez dividida em três secções, e nessas doze subdivisões a posição da Lua é visível para cada hora do dia. Além disso, os dois movimentos do satélite, o seu movimento aparente e o seu movimento real, tendo em consideração a rotação da Terra, estão indicados nesse fabuloso pórtico esculpido, de tal forma que somos levados a pensar que os realizadores e os utilizadores tinham uma cultura superior à nossa.

Tiahuanaco, a mais de quatro mil metros nos Andes, era portanto uma das cinco grandes cidades da civilização marítima do fim do terciário, construídas pelos gigantes condutores de homens. Os discípulos de Horbiger vêem nela os vestígios de um grande porto, com os seus cais enormes, de onde os atlantas, visto que se trata sem dúvida da Atlântida, partiam, a bordo de naus aperfeiçoadas, para dar a volta ao Mundo pela orla dos oceanos e tomar contacto com os outros quatro grandes centros: Nova Guiné, México, Abissínia, Tibete. Portanto essa civilização ter-se-ia estendido a todo o globo, o que explica as semelhanças entre as mais antigas tradições recenseadas da humanidade. No extremo grau da unificação, do refinamento dos conhecimentos e dos meios, os homens e os seus reis gigantes sabem que a espiral dessa terceira lua se estreita e que o satélite cairá finalmente, mas eles têm consciência das relações de todas as coisas no cosmos, das afinidades mágicas do ser com o Universo, e servem-se sem dúvida de certos poderes, certas energias, individuais e sociais, técnicas e espirituais, para retardar o cataclismo e prolongar essa era atlantidiana, cuja recordação esfumada se manterá através dos milênios.

Quando a lua terciária cair, as águas baixarão bruscamente, mas as alterações precursoras já terão danificado essa civilização. Os oceanos tendo já baixado de nível, as cinco grandes cidades, entre as quais essa Atlântida dos Andes, desaparecerão, isoladas, asfixiadas pela queda das águas. Os vestígios são mais nítidos em

Tiahuanaco, mas os horbigerianos descobrem-nos noutros sítios. No México, os Tolteques deixaram textos sagrados que descrevem a história da Terra de acordo com a tese de Horbiger.

Na Nova Guiné, os indígenas malekula continuam, sem saberem muito bem o que fazem, a erigir imensas pedras esculpidas com mais de dez metros de altura, que representam o antepassado superior, e a sua tradição oral, que faz da Lua a criadora do gênero humano, anuncia a queda do satélite. Da Abissínia teriam vindo os gigantes mediterrâneos após o cataclismo, e a tradição faz desse altiplano o berço do povo judeu e a pátria da rainha do Sabá, detentora das antigas ciências. Por fim, sabe-se que o Tibete é um reservatório de antiqüíssimos conhecimentos baseados no psiquismo. Surgindo como que para confirmar a visão dos horbigerianos, em 1957 apareceu em Inglaterra e em França um curioso trabalho.

Essa obra, intitulada Le Troisième euil (o Terceiro Olho), é assinada por Lobsang Rampa. O autor afirma ser um lama que atingiu o último grau de iniciação. Podia dar-se o caso de ser um dos alemães enviados em missão especial ao Tibete pelos chefes nazistas [1]. Descreve a sua descida, sob a orientação de três grandes metafísicos, a uma cripta de Lassa onde residiria o verdadeiro segredo do Tibete.

Vi três túmulos de pedra negra decorados com gravuras e inscrições curiosas. Não estavam fechados. Ao olhar para o interior perdi o fôlego.

- Olha, meu filho - disse-me o decano dos Abades.

Eles viviam como deuses no nosso país, na época em que ainda não havia montanhas. Percorriam as nossas terras quando os mares banhavam as nossas margens e outras estrelas brilhavam no nosso céu. Olha bem, pois só os iniciados os viram. Obedeci, e sentia-me a um tempo fascinado e aterrado. Três corpos nus, cobertos de ouro, estavam estendidos sob os meus olhos. Cada uma das suas feições era fielmente reproduzida pelo ouro. Mas eram imensos! A mulher media mais de três metros e o maior dos homens não menos de cinco. Tinham cabeças grandes, ligeiramente cônicas na parte superior, maxilar estreito, boca pequena e lábios finos. O nariz era longo e afilado, e os olhos direitos e profundamente encovados... Examinei a tampa de um dos túmulos. Um mapa dos céus, com estrelas muito estranhas, ali estava gravado.

Os jornais ingleses, na altura da publicação de O Terceiro Olho, interrogaram-se a respeito da personalidade dissimulada sob o nome de Lobsang Rampa, sem terem conseguido chegar a uma conclusão, devido aos serviços de informação oficiais nada dizerem. Ou se trata de um autêntico lama iniciado, dizendo-se o autor filho de um dos altos dignitários do antigo governo de Lassa, e portanto obrigado a disfarçar o nome, ou então de um dos alemães das missões tibetanas realizadas entre 1928 e o final do regime hitleriano. Neste caso, dá provas de estar de posse, ou de autênticas descobertas, ou de conceitos transmitidos, ou de teses horbigerianas e nacionais-socialistas às quais dá uma ilustração fantástica. No entanto é preciso notar que não pôde ser dado pelos especialistas do Tibete qualquer desmentido categórico ao conjunto das suas revelações.

E escreve ainda, após essa descida à cripta:

Outrora, há milhares e milhares de anos, os dias eram mais curtos e mais quentes. Edificaram-se civilizações grandiosas e os homens eram mais sábios do que na nossa

época. Do espaço exterior surgiu um planeta que embateu obliquamente na Terra. Os mares foram agitados por ventos e, sob o impulso de pressões de gravitações diversas, alagaram as terras. A água cobriu o Mundo, que foi sacudido por tremores de terra, e o Tibete deixou de ser um país quente, uma estação marítima.

Bellamy, arqueólogo horbigeriano, descobre em redor do lago Titicaca os vestígios das catástrofes que precederam a queda da lua terciária: cinzas vulcânicas, depósitos provenientes de inundações repentinas. É o momento em que o satélite vai estourar em anel e girar loucamente muito perto da Terra antes de cair. Em volta de Tiahuanaco há ruínas que evocam estâncias subitamente abandonadas, utensílios dispersos. A alta civilização atlantidiana sofre, durante alguns milhares de anos, os ataques dos elementos, e vai-se esterilizando.

Depois, há cento e cinqüenta mil anos, o grande cataclismo produz-se, a lua cai, a terra é atingida por um pavoroso bombardeamento. A atração cessa, a orla dos oceanos desce de repente, os mares retiram-se, baixam novamente. Os cumes que eram grandes estações marítimas acham-se isolados até ao infinito por pântanos. O ar rarifica-se, o calor desaparece. A Atlântida não morre submersa, mas, pelo contrário, abandonada pelas águas. Os navios são arrastados e destruídos, as máquinas extinguem-se ou explodem, os alimentos que vinham do exterior faltam, a morte absorve miríades de seres, os sábios e as ciências desapareceram, a organização social é destruída.

Se a civilização atlantidiana tinha atingido o mais alto grau possível de perfeição social e técnica, de hierarquia e unificação, pôde volatilizar-se num ápice, sem quase deixar vestígios. Imagine-se o que poderia ser a destruição da nossa própria civilização dentro de algumas centenas de anos, ou mesmo de alguns anos. Os instrumentos emissores de energia, assim como os instrumentos transmissores, simplificam-se cada vez mais e os difusores multiplicam-se. Dentro em breve cada um de nós possuirá difusores de energia nuclear, por exemplo, ou viverá nas proximidades desses difusores: fábricas ou máquinas, até ao dia em que bastará um acidente no manancial para que tudo se volatilize ao mesmo tempo sobre a imensa cadeia desses difusores: homens, cidades, nações. O que seria poupado seria justamente o que não tem contacto com essa alta civilização técnica. E as ciências-chaves, da mesma forma que as chaves do poder, desapareceriam de um golpe, devido justamente ao extremo grau das especializações.

São as mais perfeitas civilizações que desaparecem de um momento para o outro, sem nada transmitirem. Essa visão é irritante para o espírito, mas é muito provável que seja verdadeira. Desta forma pode supor-se que as centrais e as difusoras da energia psíquica, que estava talvez na base da civilização do terciário, explodem de uma só vez, enquanto descampados de lodo cercam esses cumes agora esfriados e onde a atmosfera se torna irrespirável. Mais simplesmente, a civilização marítima, com os seus Superiores, os seus navios, os seus contactos, desaparece no meio do cataclismo.

Resta aos sobreviventes descer em direção às planícies pantanosas que o mar acaba de deixar a descoberto, às turfeiras do novo continente, mal liberto ainda pela retirada das águas tumultuosas, e onde só dentro de milênios aparecerá uma vegetação utilizável. Os reis gigantes estão no fim do seu reinado; os homens tornaram-se outra vez selvagens, e mergulham com os seus últimos deuses em decadência nas profundas noites sem lua que o globo irá conhecer.

Os gigantes que, desde há milhões de anos, habitavam este Mundo, semelhantes aos

deuses que povoarão mais tarde as nossas lendas, perderam a sua civilização. Os homens sobre os quais reinavam tornaram-se novamente uns brutos. Essa humanidade caída, atrás dos seus mestres já sem poder, dispersa-se em bandos pelos desertos de lodo. Essa queda dataria de há cento e cinqüenta mil anos, e Horbiger Calcula que o nosso globo se manteve sem satélite durante cento e trinta e oito mil anos. Durante esse enorme período renascem civilizações sob o comando dos últimos reis gigantes.

Estabelecem-se em planícies elevadas, entre o quadragésimo e o sexagésimo grau de latitude norte, ao passo que sobre os cinco altos cumes do terciário se mantém qualquer coisa da longínqua idade do ouro. Teriam existido portanto duas Atlântidas: a dos Andes, brilhando sobre o Mundo, com os seus quatro outros pontos. E a do Atlântico Norte, muito mais modesta, fundada muito tempo após a catástrofe pelos descendentes dos gigantes. Esta tese das duas Atlântidas permite integrar todas as tradições e antigas narrativas. É dessa segunda Atlântida que Platão fala.

Há doze mil anos, a Terra captou um quarto satélite: a nossa Lua atual. Uma nova catástrofe se produz. O nosso globo toma a sua forma levemente inchada nos trópicos. Os mares do Norte e do Sul retrocedem para o Equador e as eras glaciárias recomeçam ao Norte, sobre as planícies descarnadas pelas correntes de ar e de água da Lua iniciante. Então a segunda civilização atlantidiana, mais pequena que a primeira, desaparece numa noite, tragada pelas águas do Norte. É o Dilúvio de que fala a nossa Bíblia. É a Queda de que se recordam os homens expulsos ao mesmo tempo do paraíso terrestre dos trópicos. Para os horbigerianos, os mitos do Gênesis e do Dilúvio são simultaneamente recordações e profecias, visto que os acontecimentos cósmicos se reproduzirão. E o texto do Apocalipse, que nunca foi explicado, seria uma fiel tradução das catástrofes celestes e terrestres observadas pelos homens no decorrer dos tempos, e conformes com a teoria horbigeriana. Neste novo período de lua alta, os gigantes vivos degeneram.

As mitologias estão cheias de lutas de gigantes entre si, de combates entre homens e gigantes. Aqueles que tinham sido reis e deuses, esmagados agora pelo peso do céu, esgotados, tornam-se monstros que é preciso expulsar. Caem tanto mais baixo quanto tinham subido mais alto. São os ogros das lendas. urano e Saturno devoram os filhos. David mata Golias. Vêem-se, como diz Vítor Hugo:... horríveis gigantes muito estúpidos vencidos por anões cheios de espírito.

É a morte dos deuses. Os hebreus, quando atingirem a Terra Prometida, descobrirão a cama de ferro monumental de um rei gigante desaparecido: E vede, o seu leito era de ferro, com nove côvados de comprimento e quatro de largura (Deuteronômio).

O astro de gelo que ilumina as nossas noites foi captado pela Terra e gira a volta dela. A nossa Lua nasceu há doze mil anos e de então para cá não cessamos de lhe render um culto vago, carregado de inconscientes recordações, de lhe prestar uma inquieta atenção de que não compreendemos muito bem o sentido. Não deixamos de sentir, ao contemplá-la, qualquer coisa que se agita no fundo da nossa memória, mais vasta que nós próprios. Os antigos desenhos chineses representam o dragão lunar ameaçando a Terra. Lê-se nos Números (XIII, 31): E, além, vimos os gigantes, os filhos de Anak que descendem dos gigantes, e sentíamo-nos diante deles como gafanhotos - e aos olhos deles nós éramos como gafanhotos. E Job (vI, 5) evoca a destruição dos gigantes e exclama: Os seres mortos estão debaixo de água, e os antigos habitantes da Terra. . . Um mundo está submerso, um mundo desapareceu, os antigos habitantes da Terra

sumiram-se, e nós iniciamos a nossa vida de homens isolados, de pequenos homens abandonados, na expectativa das mutações, dos prodígios e dos cataclismos futuros, numa nova noite dos tempos, sob esse novo satélite que vem até nós dos espaços onde se perpetua a luta entre o gelo e o fogo. Um pouco por toda a parte, os homens repetem como cegos os gestos das civilizações extintas, erguem sem já saber porquê monumentos gigantescos, repetindo, em degenerescência, os trabalhos dos mestres antigos: são os imensos megalíticos de Malekula, os menires célticos, as estátuas da ilha de Páscoa. Povoações a que hoje chamamos primitivas não passam, provavelmente, de restos degenerados de impérios desaparecidos, que repetem sem os compreender, e abastardando-os, atos outrora determinados por administrações racionais.

Em certos países, no Egito, na China, muito mais tarde na Grécia, erguem-se grandes civilizações humanas, mas que se recordam dos Superiores desaparecidos, dos reis gigantes iniciadores. Após quatro mil anos de cultura, os egípcios do tempo de Heródoto e de Platão continuam a afirmar que a grandeza dos Antigos é devida ao fato de terem aprendido as suas artes e as suas ciências diretamente dos deuses.

Após múltiplas degenerescências, outra civilização vai nascer no Ocidente. Uma civilização de homens separados do seu passado fabuloso, limitando-se no tempo e no espaço, reduzidos a si próprios e procurando consolações míticas, exilados das suas origens e inconscientes da imensidade do destino das coisas vivas, ligado aos vastos movimentos cósmicos. Uma civilização humana humanista: a civilização judaico-cristã. É minúscula. É residual.

E no entanto esse resíduo da grande alma passada tem possibilidades ilimitadas de dor e entendimento. É o que constitui o milagre dessa civilização. Mas está no fim. Aproximamo-nos de outra era. Vão produzir-se mutações. O futuro vai dar novamente a mão ao passado mais recuado. A Terra verá novamente gigantes. Haverá outros dilúvios, outros apocalipses, e outras raças governarão. A princípio guardamos uma recordação relativamente clara do que havíamos visto. Depois, esta vida atual ergueu-se em volutas de fumo e obscureceu rapidamente todas as coisas, à exceção de algumas grandes linhas gerais. Presentemente, tudo nos volta ao espírito com maior clareza do que nunca. E no Universo, onde tudo se repercute sobre tudo, produziremos profundas vagas.

Tal é a tese de Horbiger e tal é o clima espiritual que ela propaga. Esta tese é um poderoso fermento da magia nacional -socialista, e evocaremos mais adiante os seus efeitos sobre os acontecimentos. Ela vem acrescentar súbitas revelações às intuições de Haushoffer, dá asas ao pesado trabalho de Rosenberg, precipita e prolonga as inspirações do Führer.

Segundo Horbiger, estamos portanto no quarto ciclo. A vida sobre a Terra conheceu três apogeus, durante os três períodos de luas baixas, com mutações bruscas, aparições gigantescas. Durante os milênios sem lua surgiram as raças anãs e sem prestígio e os animais que rastejam, como a serpente que recorda a Queda. Durante as luas altas, as raças medianas, sem dúvida os homens comuns do terciário, os nossos antepassados. É ainda preciso lembrar que as luas, antes da sua derrocada, giram em círculo à volta da Terra, criando condições diferentes nas partes do globo que não estão sob esse circuito. De forma que, após vários ciclos, a Terra oferece um espetáculo variado: raças em decadência, raças em evolução, seres intermédios,

degenerado-se aprendizes do futuro, anunciadores das mutações a vir e escravos de ontem, anões das antigas noites e Senhores de amanhã. Precisamos de distinguir no meio de tudo isso os caminhos do sol com um olhar tão implacável quão implacável é a lei dos astros.

O que se produz no céu determina o que se produz sobre a Terra, mas há reciprocidade. Como o segredo e a ordem do Universo residem o menor grão de areia, o movimento dos milênios está contido, de certa maneira, no curto espaço da nossa passagem pelo globo e nós devemos, na nossa alma individual assim como na nossa alma coletiva, repetir as quedas e as ascensões passadas, e preparar os apocalipses e elevações futuras. Nós sabemos que toda a história do cosmos reside na luta entre o gelo e o fogo e que essa luta tem poderosos reflexos neste mundo. No plano humano, no plano dos espíritos e dos corações, quando o fogo não é alimentado, vem o gelo. Sabemo-lo por nós próprios e pela humanidade inteira que está eternamente colocada perante a escolha do dilúvio e da epopéia. Eis a base do pensamento horbigeriano e nazista. Vamos agora estudar as suas conseqüências.

## VII

**Horbiger ainda tem um milhão de discípulos. - A expectativa do messias. - Hitler e o esoterismo em política. A ciência nórdica e o pensamento mágico. - Uma civilização inteiramente diferente da nossa. - Gurdjieff, Horbiger Hitler e o homem responsável do cosmos. O ciclo do fogo. - Hitler fada. - O fundo do anti-semitismo nazista. - Dos Marcianos a Nuremberg. - O antipacto. - O verão do foguetão. - Estalingrado ou a queda dos magos. - A prece sobre o Elbruz. - O pequeno homem vencedor do super-homem. - É o homem pequeno que abre as portas do céu. - O crepúsculo dos Deuses. - A inundação do metropolitano de Berlim e o mito do Dilúvio. Morte caricatural dos profetas. - O coro de Shelley.**

Os engenheiros alemães, cujos trabalhos estão na origem dos foguetões que expulsaram para o céu os primeiros satélites artificiais, foram obrigados a atrasar o acabamento dos V-2 pelos próprios chefes nazistas. O general Walter Dornberger dirigia as experiências de Peenemünde onde nasceram os engenhos teleguiados. Suspenderam essas experiências para submeter os relatórios do general à apreciação dos apóstolos da cosmogonia: horbigeriana. Tratava-se, antes de mais nada, de saber como reagiria, nos espaços, o gelo eterno, e se a violação da estratosfera não desencadearia qualquer desastre sobre a Terra.

O general Dornberger conta, nas suas Memórias, que os trabalhos foram de novo suspensos por dois meses, um pouco mais tarde. O Führer sonhara que os V-2 não funcionariam ou então que o céu se vingaria. Como esse sonho se produziu num estado de transe especial, teve maior influência nos espíritos dos dirigentes do que as opiniões dos técnicos. Para além da Alemanha científica e organizadora, o espírito das antigas magias estava alerta. Esse espírito não morreu.

Em Janeiro de 1958, o engenheiro sueco Robert Engstroem dirigia um memorial à Academia das Ciências de Nova Iorque para precaver os Estados Unidos contra as experiências astronáuticas. Antes de proceder a tais experiências seria conveniente estudar de uma maneira nova a mecânica celeste, declarava esse engenheiro. E prosseguia, em tom horbigeriano: A explosão de uma bomba H sobre a Lua poderia causar um pavoroso dilúvio sobre a Terra. Nesta estranha advertência torna a encontrar-se a idéia paracientífica das alterações de gravitação num Universo em que

tudo se repercute sobre tudo. Essas idéias (que no entanto não são inteiramente para desprezar se se pretende manter abertas todas as portas do conhecimento) continuam, na sua forma ingênita, a exercer um certo fascínio.

No final de um célebre inquérito, o americano Martin Gardner calculava, em 1953, em mais de um milhão o número de discípulos de Horbiger na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em Londres, H. S. Bellamy prossegue há trinta anos a organização de uma antropologia que tem em consideração a derrocada das três primeiras luas e a existência dos gigantes secundários e terciários. Foi ele que pediu aos russos, depois da guerra, autorização para dirigir uma expedição ao monte Ararat, onde contava descobrir a Arca da Aliança. A agência Tass publicou uma recusa categórica, por os soviéticos terem proclamado a atitude intelectual de Bellamy como fascista e serem de opinião que tais movimentos paracientíficos são de natureza a revelar forças perigosas. Em França, Denis Saurat, universitário e poeta, tornou-se o porta-voz de Bellamy e o êxito do trabalho de Velikovsky demonstrou que muitos espíritos continuam sensíveis a uma concepção mágica do mundo. É quase escusado dizer, finalmente, que os intelectuais influenciados por René Guénon e pelos discípulos de Gurdjieff concordam com os horbigerianos.

Em 1952, um escritor alemão, Elmar Brugg, publicava um volumoso trabalho em honra do pai do gelo eterno, do Copérnico do nosso século XX. Escrevia ele:

A teoria do gelo eterno não é apenas uma obra científica considerável. É uma revelação das ligações eternas e incorruptíveis entre o cosmos e todos os acontecimentos da Terra. Ela junta aos acontecimentos cósmicos os cataclismos atribuídos aos climas, as doenças, as mortes, os crimes, e desta forma abre portas completamente novas ao conhecimento da marcha da humanidade. O silêncio da ciência clássica a seu respeito só é explicável pela conspiração dos medíocres.

O grande romancista austríaco Robert Musil, cuja obra pôde ser comparada às de Proust e de Joyce, analisou muito bem o estado das inteligências na Alemanha, no momento em que Horbiger se sente inspirado e em que o caporal Hitler concebe o sonho de redimir o seu povo.

Os representantes do espírito, escreve ele, não estavam satisfeitos. . . Os seus pensamentos nunca se encontravam em repouso, porque se mantinham presos a essa parte irredutível das coisas que vagueia eternamente sem jamais poder entrar na ordem. Por isso se persuadiram finalmente de que a época em que viviam era votada à esterilidade intelectual, e só podia ser salva por um acontecimento ou um homem absolutamente excepcionais. Foi então que nasceu, entre aqueles a que chamamos os intelectuais, o gosto pela palavra redimir. Estavam persuadidos de que a vida acabaria se não chegasse em breve um messias. Era, segundo o caso, um messias da medicina, que deveria salvar a arte de Esculápio das pesquisas de laboratório durante as quais os homens sofrem e morrem sem ser tratados; ou um messias da poesia que devia estar à altura de escrever um drama que atiraria milhões de homens para os teatros e no entanto seria perfeitamente original na sua nobreza espiritual. Para além dessa convicção de que não havia uma atividade humana que pudesse ser salva sem a intervenção de um messias particular, existia ainda, evidentemente, o sonho banal e perfeitamente primitivo de um messias à maneira forte para redimir tudo.

Não é um só messias que vai aparecer, mas, se assim nos podemos exprimir, uma sociedade de messias que vai designar Hitler como seu chefe. Horbiger é um desses

messias, e a sua concepção paracientífica das leis do cosmos e de uma história épica da humanidade terá um papel determinante na Alemanha dos redentores. A humanidade vem de mais longe e de mais alto do que se supõe, e está-lhe reservado um destino prodigioso. Hitler, na sua constante exaltação mística, tem consciência de que está ali para que esse destino se cumpra. A sua ambição e a missão de que se supõe encarregado ultrapassam infinitamente o domínio da política e do patriotismo.

A idéia de nação, diz ele próprio, tive de me servir dela por razões de oportunidade, mas já sabia que não podia ter mais do que um valor provisório... Um dia virá em que pouca coisa restará, mesmo aqui na Alemanha, daquilo a que chamamos o nacionalismo. O que haverá no Mundo será uma confraria universal dos mestres e dos senhores. A política é apenas a manifestação exterior, a aplicação prática e momentânea de uma visão religiosa das leis da vida sobre a Terra e no cosmos. Há, para a humanidade, um destino que os homens comuns não são capazes de conceber, cuja visão não poderiam suportar. Isso está reservado para alguns iniciados. A política, diz ainda Hitler, é simplesmente a forma prática e fragmentária desse destino. É o exoterismo da doutrina, com os seus slogans, os seus fatos sociais, as suas guerras. Mas há também um esoterismo.

O que Hitler e os seus amigos encorajam ao defenderem Horbiger, é uma extraordinária tentativa para restaurar, a partir da ciência ou de uma pseudociência, o espírito das antigas épocas segundo o qual o homem, a sociedade e o Universo obedecem às mesmas leis, segundo o qual o movimento das almas e o das estrelas têm correspondências. A luta entre o gelo e o fogo, do qual nasceram, morrerão e renascerão os planetas, dá-se também no próprio homem.

Elmar Brugg escreve com grande exatidão: O Universo, para Horbiger, não é um mecanismo morto de que apenas uma parte se deteriora pouco a pouco para finalmente sucumbir mas um organismo vivo no sentido mais prodigioso da palavra, um ser vivo onde tudo se repercute sobre tudo e que perpétua, de geração em geração, a sua força ardente.

É o fundo do pensamento hitleriano, como bem o viu Rauschning: Só se podem compreender os planos políticos de Hitler conhecendo os seus pensamentos dissimulados e a sua convicção de que o homem está em relação mágica com o Universo.

Essa convicção, que foi a dos sábios nos séculos passados, que governou a inteligência dos povos a que chamamos primitivos e que se subentende na filosofia oriental, não se apagou completamente no Ocidente de hoje, e pode acontecer que a própria ciência lhe dê, de maneira inesperada, um certo vigor. Mas, entretanto, encontramo-la em estado bruto, por exemplo, no judeu ortodoxo Velikovski, cuja obra, Mundos a Chocarem-se, obteve êxito mundial nos anos 1956-57. Para os adeptos do gelo eterno, assim como para Velikovski, os nossos atos podem ter o seu eco no cosmos e o sol pôde imobilizar-se no céu em honra de Josué. Há alguma razão para que Hitler tenha nomeado o seu astrólogo particular uplenipotenciário das matemáticas, da astronomia e da física. Em certa medida, Horbiger e os esoteristas nazistas alteram os próprios métodos e direções da ciência. Reconciliam-na à força com a astrologia tradicional. Tudo o que em seguida se fizer, no plano das técnicas, no imenso esforço de consolidação material do Reich, bem poderá ser feito, aparentemente, fora desse espírito: o impulso foi dado, há uma ciência secreta, uma magia, à base de todas as

ciências. Existe, dizia Hitler, uma ciência nórdica e nacional-socialista que se opõe à ciência judaico-liberal. essa ciência nórdica é um esoterismo, ou antes, ela inspira-se no que constitui o próprio fundo de todo o esoterismo.

Não é por acaso que as Enéadas, de Plotino, foram cuidadosamente reeditadas na Alemanha e nos países ocupados. As Enéadas eram lidas nos pequenos grupos intelectuais místicos pró-alemães, durante a guerra, assim como liam os Índios, Nietzsche e os Tibetanos. Em frente de cada linha de Plotino. Por exemplo, na sua definição de astrologia, poderia colocar-se uma frase de Horbiger. Plotino fala das relações naturais e sobrenaturais do homem com o cosmos e de todas as partes do Universo entre elas:

Esse Universo é um animal único que contém em si todos os animais... Mesmo sem estar em contacto, as coisas agem e têm necessariamente uma ação à distância. . . O mundo é um animal único, e é esse o motivo por que é absolutamente necessário que esteja de acordo com ele próprio; não há acaso na sua vida, mas uma harmonia e uma ordem únicas.

E finalmente: Os acontecimentos deste mundo dão-se de acordo com as coisas celestes.

Mais perto de nós, William Blake, numa inspiração poético-religiosa, vê todo o Universo contido num grão de areia. É a idéia da reversibilidade do infinitamente pequeno e infinitamente grande e da unidade do Universo em todas as suas partes.

Segundo o Zohar: Tudo na Terra se passa como no céu.

Hermes Trismegisto: O que está no céu é igual ao que está na Terra.

E a antiga lei chinesa: As estrelas no seu percurso combatem pelo homem justo.

Chegamos às próprias bases do pensamento hitleriano.

Lamentamos que esse pensamento não tenha sido até aqui analisado desta forma. Contentaram-se em destacar os seus aspectos exteriores, as suas fórmulas políticas, as suas formas exotéricas. Não quer dizer, bem entendido, que procuremos revalorizar o nazismo, como é evidente. Mas esse pensamento inscreveu-se nos fatos. Agiu sobre os acontecimentos. Parece-nos que esses acontecimentos só se tornam verdadeiramente compreensíveis sob tal influência. Continuam a ser horríveis, mas, esclarecidos dessa forma, transformam-se noutra coisa além de dores infligidas aos homens por loucos e perversos. Dão à história uma certa amplitude; colocam-na de novo no nível em que deixa de ser absurda e merece ser vivida, mesmo no sofrimento, ao nível espiritual.

O que nós desejamos fazer compreender é que uma civilização totalmente diferente da nossa apareceu na Alemanha e se manteve durante alguns anos. Que uma civilização tão profundamente estranha se possa ter estabelecido de um momento para o outro não é, vendo bem, impensável. A nossa civilização humanista também se baseia num mistério. O mistério é que, entre nós, todas as idéias coexistem e que o conhecimento proporcionado por uma idéia acaba por beneficiar a idéia contrária.

Além disso, na nossa civilização tudo contribui para fazer compreender ao espírito que

o espírito não é tudo. Uma conspiração inconsciente dos poderes materiais reduz os riscos, mantém o espírito dentro de limites nos quais o orgulho não é excluído, mas onde a ambição é moderada por um pouco de para que serve isso. No entanto, como Musil bem viu: Bastaria que se tomasse verdadeiramente a sério uma qualquer das idéias que influenciam a nossa vida, de tal forma que não subsistisse absolutamente nada que lhe fosse contrário, para que a nossa civilização deixasse de ser a nossa civilização. Foi o que se deu na Alemanha, pelo menos nas altas esferas dirigentes do socialismo mágico.

Estamos em relação mágica com o Universo, mas esquecemo-nos disso. A próxima mutação da raça humana criará seres conscientes dessa relação, homens-deuses. Essa mutação já faz sentir os seus efeitos em certas almas messiânicas que reatam laços com um passado muito longínquo e se recordam do tempo em que os gigantes influenciavam o percurso dos astros.

Horbiger e os seus discípulos, como já vimos, imaginam épocas de apogeu da humanidade: as épocas da lua baixa, no final do secundário e no final do terciário. Quando o satélite ameaça desmoronar-se sobre a Terra, quando gira a pouca distância do globo, os seres vivos estão no auge do seu poder vital e sem dúvida do seu poder espiritual. O rei-gigante, o homem-deus capta e orienta as forças psíquicas da comunidade ele dirige esse feixe de radiações de tal forma que o percurso dos astros se mantenha e que a catástrofe seja adiada. É a função essencial do gigante-mago.

Em certa medida, ele ' mantém no seu lugar o sistema solar. Ele dirige uma espécie de central de energia psíquica: é ali o seu reino. Essa energia participa da energia cósmica. Desta forma, o calendário monumental de Tiahuanaco, que deve ter sido elaborado durante a civilização dos gigantes, não seria feito para registrar o tempo e os movimentos dos astros, mas para criar o tempo e para manter esses movimentos. Trata-se de prolongar ao máximo o período em que a lua está a alguns raios terrestres do globo, e pode ser que toda a atividade dos homens, sob a direção dos gigantes, fosse uma atividade de concentração da energia psíquica, a fim de preservar a harmonia das coisas terrestres e celestes. As sociedades humanas excitadas pelos gigantes são uma espécie de dínamos. Produzem forças que irão ter o seu papel no equilíbrio das forças universais. O homem, e mais especialmente o gigante é responsável por todo o cosmos. Há uma estranha semelhança entre esta visão e a de

Gurdjieff. É sabido que este célebre taumaturgo afirmava ter aprendido, em centros iniciáticos do Oriente, certo número de segredos sobre as origens do nosso mundo e a respeito de grandes civilizações submersas há centenas de milhares de anos. Na sua famosa obra All and Everything, sob a forma imaginativa de que tanto gostava, pode ler-se:

Essa Comissão (dos anjos arquitetos criadores do sistema solar), tendo calculado todos os fatos conhecidos, chegou à conclusão de que, embora os fragmentos projetados para longe do planeta Terra se possam manter algum tempo na sua posição atual, todavia, no futuro, devido ao que se chama as deslocações tastartoonarianas, esses fragmentos satélites poderiam vir a mudar de posição e provocar grande número de calamidades irreparáveis. Portanto, os altos comissários resolveram tomar medidas para impedir essa eventualidade. A medida mais eficaz, segundo decidiram, seria que o planeta Terra enviasse constantemente a esses fragmentos-satélites, para os manter no seu lugar, as vibrações denominadas askokinns.

Portanto os homens acham-se dotados de um órgão especial, emissor de forças psíquicas destinadas a preservar o equilíbrio do cosmos. É aquilo a que vagamente chamamos a alma, e todas religiões não seriam mais do que a recordação degenerada dessa função primordial: participar do equilíbrio das energias cósmicas.

Na primeira América, recorda Denis Saurat, grandes iniciados executavam com raquetes e bolas uma cerimônia sagrada: as bolas descreviam no ar o mesmo percurso dos astros no céu.

Se um desajeitado deixava cair ou perder a bola, causava catástrofes astronômicas: matavam-no então, e arrancavam-lhe coração. A recordação dessa função primordial perde-se em lendas e superstições, desde o Faraó que, pela sua força mágica, faz encher o Nilo cada ano, até às orações do Ocidente pagão para fazer mudar o vento ou cessar o granizo e às práticas encantatórias dos feiticeiros polinésios para que a chuva caia. A origem de qualquer grande religião estaria nessa necessidade de que os homens das antigas épocas e os seus reis tinham consciência: manter aquilo a que Gurdjieff chama o movimento cósmico da harmonia geral.

Na luta entre o gelo e o fogo, que é a chave da vida universal, existem ciclos sobre a Terra. Horbiger afirma que sofremos, de seis mil em seis mil anos, uma ofensiva de gelo. Produzem-se dilúvios e grandes catástrofes. Mas no seio da humanidade dá-se, todos os setecentos anos, uma explosão de fogo. Quer dizer que todos os setecentos anos o homem retoma consciência da sua responsabilidade nesta luta cósmica. Volta a ser, no sentido total da palavra, religioso. Retoma contacto com as inteligências há muito submersas. Prepara-se para as futuras mutações. A sua alma adquire as dimensões do cosmos.

Recupera o sentido da epopéia universal. É novamente capaz de fazer a distinção entre o que vem do homem-deus e o que vem do homem-escravo e de rejeitar da humanidade o que pertence às espécies condenadas. Torna-se novamente implacável e flamejante. Volta a ser fiel à função para que os gigantes o destinaram. Não conseguimos compreender de que forma é que Horbiger justificava esses ciclos, e como adaptava essa afirmação ao conjunto do seu sistema. Mas Horbiger declarava, como Hitler, aliás, que a preocupação pela coerência é um vício mortal. O que conta é o que provoca o movimento. O crime também é movimento: um crime contra o espírito é um benefício. Enfim, Horbiger tivera consciência desses ciclos por inspiração. Isso ultrapassava em autoridade o raciocínio. A última explosão de fogo dera-se com a aparição dos cavaleiros tectônicos. Estávamos agora sob uma nova explosão. Esta coincidia com a fundação da Ordem Negra nazista.

Rauschning, que se sentia desorientado, pois não possuía nenhuma das chaves do pensamento do Führer e se mantinha um bom aristocrata humanista, anotava as frases que Hitler por vezes deixava escapar na sua presença.

Um tema que aparecia constantemente nas suas conversas era o que ele chamava a curva decisiva do mundo, ou a charneira do tempo. Dar-se-ia uma alteração no planeta que nós, os não iniciados, não podíamos compreender na sua amplitude, (A quarta lua reaproximar-se-á da Terra e a gravitação está alterada. As águas subirão, os seres conhecerão um período de gigantismo. Sob a ação dos raios cósmicos mais fortes produzir-se-ão mutações. O Mundo entrará numa nova fase atlantidiana). Hitler falava como um vidente. Ele imaginava uma mística biológica, ou, se assim o desejam, uma biologia mística que formava a base das suas inspirações. Ele inventara uma

terminologia pessoal. A falsa rota do espírito era que o homem abandonasse a sua vocação divina. Adquirir a visão mágica parecia-lhe o objetivo da evolução humana. Acreditava que ele próprio estava no limiar desse saber mágico, fonte dos seus êxitos presentes e futuros. Um professor de Munique, (não de Munique, mas austríaco; trata-se de Horbiger, a que Rauschning se refere de ouvido) dessa época escrevera, além de certo número de obras científicas, alguns ensaios bastante estranhos sobre o mundo primitivo, a formação das lendas, a interpretação dos sonhos entre os povos das primeiras épocas, sobre os seus conhecimentos intuitivos e uma espécie de poder transcendente que teriam exercido para modificar as leis da natureza. Havia também referência, no meio dessa baralhada, ao olho de Ciclope, o olho frontal que em seguida se atrofiara para formar a glândula pineal. Tais idéias fascinavam Hitler. Gostava de as aprofundar. Não sabia explicar a maravilha do seu próprio destino senão pela ação das forças ocultas. Atribuía a essas forças a sua vocação sobre-humana de anunciar à humanidade o novo evangelho.

A espécie humana, dizia ele, fazia desde a origem uma prodigiosa experiência cíclica. Era submetida a provas de aperfeiçoamento de um milênio a outro. O período solar, (O período sob a influência do Sol. Os períodos áureos ficam sob a influência da Lua, quando se aproxima da Terra), do homem atingia o seu termo: já se podiam vislumbrar as primeiras amostras do super-homem. Uma espécie nova se anunciava, que iria expulsar a antiga humanidade. Assim como, de acordo com a imortal sabedoria dos velhos povos nórdicos, o mundo devia ser constantemente rejuvenescido pelo desmoronar das eras extintas e pelo crepúsculo dos deuses, assim como os solstícios representavam nas velhas mitologias o símbolo do ritmo vital, não em linha direita e contínua, mas em espiral, assim também a humanidade progredia por uma série de saltos e de retornos.

Quando Hitler se me dirigia, prossegue Rauschning, tentava exprimir a sua vocação de anunciador de uma nova humanidade I em termos racionais e concretos. Dizia ele:

A criação não está terminada. O homem atinge nitidamente uma fase de metamorfose. A antiga espécie humana já entrou no estádio do enfraquecimento e da sobrevivência. A humanidade transpõe um escalão todos os setecentos anos, e o motivo da luta, que só se realizará muito mais tarde, é o advento dos Filhos de Deus. Toda a força criadora se concentrará numa nova espécie. As duas variedades evoluirão rapidamente em discordância. Uma desaparecerá e a outra desenvolver-se-á. Ultrapassará infinita mente o homem atual. . . Compreende agora o sentido profundo do nosso movimento nacional-socialista? Aquele que só compreende o nacional-socialismo como um movimento político pouco sabe. . .

Rauschning, da mesma forma que os outros, não reuniu a doutrina racial ao sistema geral de Horbiger. No entanto, em certa medida, está-lhe ligada. Ela faz parte do esoterismo nazista de que veremos, daqui a pouco, outros aspectos. Existia um racismo de propaganda: é aquele que os historiadores descreveram e que os tribunais, exprimindo a consciência popular, condenaram justamente. Mas havia outro racismo, mais profundo, e sem dúvida mais horrível. Esse ficou fora do entendimento dos historiadores e dos povos, e não podia haver uma linguagem comum entre esses racistas, por um lado, as suas vítimas e os seus juízes por outro.

No período terrestre e cósmico em que nos encontramos, na expectativa do novo ciclo que determinará sobre a Terra novas mutações, uma nova classificação das espécies e

o regresso ao gigante-mago, ao homem-Deus, nesse período coexistem no globo espécies vindas de diversas fases do secundário, do terciário e do quaternário. Houve fases de ascensão e fases de quedas. Certas espécies são marcadas por degenerescências, outras são anunciadoras do futuro, trazem os germes do porvir. O homem não é uno. Assim, os homens não são os descendentes dos gigantes. Eles apareceram após a criação dos gigantes. Foram criados, por sua vez, por mutação. Mas também essa humanidade mediana não pertence a uma única espécie. Há uma humanidade verdadeira, designada para conhecer o próximo ciclo, dotada dos órgãos psíquicos necessários para representar um papel no equilíbrio das forças cósmicas e destinada à epopéia sob a orientação dos Superiores Desconhecidos que hão-de vir. E há outra humanidade, que não passa de uma aparência, que não merece esse nome, e que sem dúvida surgiu no globo em épocas inferiores e sombrias em que, tendo-se desmoronado o satélite, imensas partes do globo não passavam de lameiros desertos. Foi sem dúvida criada com seres rastejantes e hediondos, manifestações de vida em decadência. Os Ciganos, os Negros e os Judeus não são homens, no verdadeiro sentido da palavra. Nascidos após a derrocada da lua terciária, por mutação brusca, como que por um infeliz tartamudear da força vital condenada, essas criaturas modernas (particularmente os judeus) imitam o homem e invejam-no, mas não pertencem à espécie. Eles estão tão afastados de nós como as espécies animais da verdadeira espécie humana, disse exatamente Hitler a Rauschning, que fica aterrado, pois descobre no Führer uma visão ainda mais louca que em Rosenberg e todos os teóricos do racismo. Não é verdade, precisa Hitler, que eu considere o judeu um animal. Ele está muito mais afastado dos animais do que nós. Exterminá-lo não é portanto cometer um crime contra a humanidade: ele não faz parte da humanidade. É um ser estranho à ordem natural.

É este o motivo por que certas sessões do processo de Nuremberg eram desprovidas de sentido. Os juízes não podiam manter qualquer espécie de diálogo com os responsáveis, que aliás tinham desaparecido na sua maior parte, deixando ficar no banco dos réus apenas os executantes. Estavam em presença dois mundos, mas sem comunicação. O mesmo que pretender julgar os Marcianos sobre o plano da civilização humanista. Eles eram Marcianos. Pertenciam a um mundo separado do nosso, daquele que conhecemos há seis ou sete séculos. Uma civilização totalmente diferente do que está estabelecido chamar-se civilização fora organizada na Alemanha em poucos anos, sem que disso nos tivéssemos apercebido claramente. No íntimo os seus iniciadores já não tinham qualquer espécie de comunicação intelectual, moral ou espiritual conosco.

A despeito das formas exteriores, eram-nos tão estranhos como os selvagens da Austrália. Os juízes de Nuremberg esforçavam-se por agir como se não esbarrassem contra essa pavorosa realidade. Em certa medida, tratava-se, de fato, de lançar um véu sobre essa realidade, a fim de que ela ficasse oculta, como nas sortes de prestidigitação. Tratava-se de manter a idéia da permanência e da universalidade da civilização humanista e cartesiana, e era necessário que os acusados fossem, a bem ou a mal, integrados no sistema. Era indispensável. Estava nisso o equilíbrio da consciência ocidental, e devem compreender que não nos passa pela cabeça negar os benefícios do empreendimento de Nuremberg. Pensamos simplesmente que o fantástico foi ali enterrado. Mas era necessário que o fosse, a fim de que não fossem contaminadas dezenas de milhões de almas. Só fazemos as nossas pesquisas para alguns amadores, prevenidos e munidos de máscaras.

O nosso espírito recusa admitir que a Alemanha nazista encarnasse os conceitos de

uma civilização sem relação com a nossa.

E no entanto é isso, e mais nada, que justifica essa guerra, uma das poucas da história conhecida cujo objeto foi realmente essencial. Era necessário que uma das duas visões do homem, do céu e da Terra, triunfasse, a humanista ou a mágica. Não havia coexistência possível, ao passo que se pode facilmente imaginar o marxismo e o liberalismo coexistindo: eles assentam sobre a mesma base, pertencem ao mesmo universo. O universo de Copérnico não é o de Plotino; ambos se opõem fundamentalmente, e não apenas no plano das teorias, como no da vida social, política, espiritual, intelectual, passional.

O que nos constrange, para admitir essa visão estranha de outra civilização estabelecida em tão pouco tempo para além do Reno, é que conservamos uma concepção infantil da distinção entre o civilizado e aquele que o não é. Precisamos de capacetes de plumas, de tantãs, de choças para sentir essa diferença. Ora seria mais fácil fazer um civilizado de um feiticeiro banto do que ligarmos Hitler, Horbiger ou Haushoffer ao nosso humanismo. Mas a técnica alemã, a ciência alemã, a organização alemã, comparáveis, se não superiores às nossas, ocultaram-nos esse ponto de vista. A formidável novidade da Alemanha nazista foi que o pensamento mágico se uniu à ciência e à técnica. Os intelectuais difamadores da nossa civilização, virados para o espírito das antigas épocas, sempre foram inimigos do progresso técnico Por exemplo, René Guénon ou Gurdjieff, ou os inúmeros hinduístas. Mas o nazismo foi o momento em que o espírito de magia se apossou das alavancas do progresso material. Lenine dizia que o comunismo é o socialismo mais a eletricidade. De certa maneira, o hitlerismo era o guenonismo mais as divisões blindadas.

Um dos mais belos poemas da nossa época tem por título: Crônicas Relarcianas. O seu autor é um americano de cerca de trinta anos, cristão à maneira de Bernanos, receoso de uma civilização de autômatos, um homem cheio de cólera e de caridade.

O seu nome é Ray Bradbury. Não se trata, como se supõe em França, de um autor de ficção-científica, mas de um artista religioso. Serve-se de temas da mais moderna imaginação, mas se propõe viagens no futuro e no espaço é para descrever o homem interior e a sua crescente inquietação.

No início das Crônicas Marcianas, os homens vão lançar o primeiro grande foguetão interplanetário. Este atingirá Marte e estabelecerá, pela primeira vez, contactos com outras inteligências. Estamos em Janeiro de 1999: No instante anterior era o Inverno em Ohio, com as suas portas e janelas fechadas, as suas vidraças matizadas de geada, os seus telhados franjados de estalactites. . . Depois uma longa onda de calor varreu a pequena cidade. Uma corrente violenta de ar escaldante, como se acabasse de ser aberta a porta de um forno.

O vento quente passou sobre as casas, as moitas, as crianças. Os pedaços de gelo desprenderam-se, quebraram-se e começaram a derreter-se... O verão do foguetão. A notícia espalhava-se de boca em boca pelas grandes casas abertas. O verão do foguetão. A aragem abrasadora do deserto dissolvia nas janelas os arabescos do gelo... A neve, ao cair do céu frio sobre a cidade, transformava-se em chuva quente antes de atingir o solo. O verão do foguetão. À soleira das suas portas onde escorria a água, os habitantes contemplavam o céu que se ia avermelhando. . .

O que mais tarde aconteceu aos homens, no poema de Bradbury, será triste e doloroso

porque o autor não acredita que o progresso das almas possa estar ligado ao progresso das coisas. Mas, no prólogo, ele descreve esse verão do foguetão, destacando assim um arquétipo do pensamento humano: a promessa de uma eterna Primavera sobre a Terra. No momento em que o homem atinge o mecanismo celeste e ali introduz um novo motor, grandes alterações se produzem na Terra. Tudo se repercute sobre tudo. Nos espaços interplanetários, onde se manifesta daqui em diante a inteligência humana, produzem-se reações em cadeia que se repercutem no globo, cuja temperatura se modifica.

No momento em que o homem conquista, não apenas o céu, mas o que está para além do céu; no momento em que se opera uma grande revolução material e espiritual no Universo, no momento em que a civilização cessa de ser humana para se tornar cósmica, há uma espécie de recompensa imediata sobre a Terra. Os elementos já não oprimem o homem. Uma eterna suavidade, um eterno calor envolvem o globo. O gelo, sinal de morte, é vencido. O frio recua. A promessa de uma eterna Primavera será mantida se a humanidade cumprir a sua missão divina. Se ela se integrar no Todo universal, a Terra eternamente tépida e florida será a sua recompensa. Os poderes do frio, que são os poderes da solidão e da derrota, serão quebrados pelos poderes do fogo.

É outro arquétipo o da assimilação do fogo à energia espiritual. Quem contém essa energia contém o fogo. Por muito estranho que pareça, Hitler estava convencido que ali onde ele avançasse o frio recuaria. Essa convicção mística explica em parte a maneira como ele conduziu a campanha da Rússia. Os horbigerianos, que se declaravam capazes de prever o tempo sobre todo o planeta, com meses e mesmo anos de antecedência, tinham anunciado um Inverno relativamente suave. Mas havia outra coisa: como os discípulos do gelo eterno, Hitler estava intimamente persuadido de que contraíra uma aliança com o frio, e que as neves das planícies russas não lhe poderiam retardar a marcha. A humanidade, sob a sua orientação, ia entrar num novo ciclo de fogo. Já estava a entrar. O Inverno cederia perante as suas legiões portadoras da chama.

Ao passo que, normalmente, o Führer prestava particular atenção ao equipamento material das suas tropas, apenas mandou entregar aos soldados da campanha da Rússia um suplemento de vestuário irrisório: um cachecol e um par de luvas. E, em Dezembro de 1941, o termômetro descia bruscamente a quarenta graus negativos. As previsões eram falsas, as profecias não se realizavam, os elementos insurgiam-se, as estrelas, no seu percurso, cessavam bruscamente de trabalhar para o homem justo. Era o gelo que triunfava sobre o fogo. As armas automáticas pararam, pois o óleo gelara. Nos reservatórios, a gasolina sintética separava-se, sob a ação do frio, em dois elementos inutilizáveis. Na retaguarda, as locomotivas gelavam. Sob o seu capote e com as botas do uniforme, os homens morriam.

A mais ligeira ferida os condenava. Milhares de soldados, ao acocorarem-se sobre o solo para satisfazer as suas necessidades, caíam com o ânus gelado. Hitler recusou acreditar nesse primeiro desacordo entre a mística e o real. O general Guderian, arriscando-se a ser destituído e mesmo condenado à morte, foi de avião até à Alemanha para pôr o Führer ao corrente da situação e pedir-lhe para dar ordem de retirada.

Quanto ao frio - disse Hitler -, o assunto é comigo. Ataquem!

Foi assim que todo o corpo de batalhão blindado que vencera a Polônia em dezoito dias e a França num mês, os exércitos de Guderian, Reinhardt e Hoeppner, a formidável legião de conquistadores a que Hitler chamava os seus Imortais, golpeada pelo vento, queimada pelo gelo, desapareceu no deserto do frio, para que a mística fosse mais real do que a Terra. O que restava desse Grande Exército teve finalmente de renunciar e atacar em direção ao Sul.

Quando, na Primavera seguinte, as tropas invadiram o Cáucaso, realizou-se uma estranha cerimônia. Três alpinistas S. S. treparam ao cume do Elbruz, montanha sagrada dos arianos, importante local de antigas civilizações, vértice mágico da seita dos Amigos de Lúcifer. Colocaram a bandeira com a suástica abençoada segundo o rito da Ordem Negra. A bênção da bandeira no alto do Elbruz devia marcar o início da nova era. Dali em diante, as estações obedeceriam e o fogo venceria o gelo por vários milênios. Houvera uma grave decepção no ano anterior, mas não passara de uma provação, a última, antes da verdadeira vitória espiritual. E, apesar das advertências dos meteorólogos clássicos, que anunciavam um Inverno ainda mais de recear que o precedente, apesar dos mil sinais ameaçadores, as tropas subiram em direção ao Norte e Estalingrado para cortar a Rússia em duas partes.

Enquanto a minha filha cantava os seus cânticos exaltados, lá no alto perto do mastro escarlate, os discípulos da razão mantiveram-se afastados, com os seus rostos tenebrosos...

Foram os discípulos da razão, com os seus rostos tenebrosos, que venceram. Foram os homens materiais, os homens sem fogo, com a sua coragem, a sua ciência judaico-liberal, as suas técnicas sem prolongamentos religiosos, foram os homens sem a sagrada desmedida que, auxiliados pelo frio, pelo gelo, triunfaram. Fizeram malograr o pacto. Venceram a magia. Após

Estalingrado, Hitler deixa de ser um profeta. A sua religião desmorona-se. Estalingrado não é apenas uma derrota militar e política. O equilíbrio das forças espirituais foi alterado, a roda deixa de se mover. Os jornais alemães aparecem com banda preta e as descrições que fazem do desastre são mais terríveis que as dos comunicados russos. O luto nacional é decretado. Mas esse luto ultrapassa a nação. Reparai bem!, escreve Goebbels. É todo um pensamento, toda uma concepção do Universo que sofre uma derrota. As forças espirituais vão ser destruídas, a hora do julgamento aproxima-se.

Em Estalingrado não é o comunismo que triunfa sobre o fascismo, ou antes, não é só isso. Analisando de mais longe, quer dizer, com a perspectiva necessária para abarcar o sentido de tão amplos acontecimentos, é a nossa civilização humanista que faz parar o desenvolvimento de outra civilização, luciferina, mágica, não feita para o homem mas para qualquer coisa acima do homem. Não há diferenças essenciais entre as causas dos atos civilizadores da U.R.S.S. e dos Estados Unidos. A Europa dos séculos XVIII e XIX forneceu o motor que ainda serve. Não faz exatamente o mesmo barulho em Nova Iorque e em Moscou, e é tudo. No fundo, era de fato um mundo inteiro que estava em guerra contra a Alemanha, e não uma aliança momentânea de inimigos fundamentais. Um só mundo que acredita no progresso, na justiça, na igualdade e na ciência. Um só mundo que tem a mesma visão do cosmos, a mesma compreensão das leis universais e que reserva para o homem no Universo o mesmo lugar, nem grande nem pequeno demais. Um só mundo que acredita na razão e na realidade das coisas. Um só mundo

que devia desaparecer completamente para dar lugar a outro de que Hitler se sentia o anunciador.

É o pequeno homem do mundo livre, o habitante de Moscou, de Boston, de Limoges ou de Liège, o pequeno homem positivo, racionalista, mais moralista que religioso, desprovido do sentido metafísico, sem apetite para o fantástico, aquele que Zaratustra classifica como um homem-fingido, uma caricatura, é esse pequeno homem saído da coxa do burguês médio que irá destruir o grande exército destinado a abrir o caminho ao super-homem, ao homem-Deus, senhor dos elementos, dos climas e das estrelas. E, por um curioso capricho da justiça - ou da injustiça - é esse pequeno homem de alma tacanha que, anos mais tarde, vai lançar para o céu um satélite, e inaugurar a era interplanetária. Estalingrado e o lançamento do Sputnik são bem, como dizem os Russos, as duas vitórias decisivas, e eles aproximaram-nas uma da outra ao celebrar, em 1957, o aniversário da sua revolução Foi publicada pelos jornais uma fotografia de Goebbels. Eles acreditavam que íamos desaparecer. Era necessário que triunfássemos para criar o homem interplanetário.

A resistência desesperada, louca, catastrófica de Hitler, no momento em que, como era evidente, tudo estava perdido, só se explica pela expectativa do dilúvio descrito pelos horbigerianos. Se não fosse possível modificar a situação por processos humanos, restava a possibilidade de provocar o julgamento dos deuses. O dilúvio sobreviria, como um castigo, para a humanidade inteira. A noite ia de novo cobrir o globo e tudo ficaria sepultado por tempestades de água e granizo. Hitler, diz Speer com horror, tentava deliberadamente fazer com que tudo morresse com ele. Já não era mais que um homem para quem o fim da sua própria vida significava o fim de todas as coisas. Goebbels, nos seus últimos editais, saúda com entusiasmo os bombardeiros inimigos que destroem o seu país: Sob os destroços das nossas cidades aniquiladas estão enterradas as estúpidas realizações do século XIX. Hitler faz reinar a morte: prescreve a destruição total da Alemanha, manda executar os prisioneiros, condena o seu antigo cirurgião, manda matar o cunhado, pede a morte para os soldados vencidos, e desce ele próprio ao túmulo. Hitler e Goebbels, escreve Trevor Roper, convidaram o povo alemão a destruir as suas cidades e as suas fábricas, a fazer ir pelos ares os seus diques e as suas pontes, a sacrificar os caminhos de ferro e todo o material circulante, e tudo isto em proveito de uma lenda, em nome de um crepúsculo dos deuses. Hitler pede sangue, envia as suas últimas tropas para o sacrifício: As perdas nunca parecem bastante elevadas, diz ele. Não são os inimigos da Alemanha que ganham, são as forças universais que se preparam para destruir a Terra, punir a humanidade, porque a humanidade preferiu o gelo ao fogo, as potências da morte às potências da vida e da ressurreição.

O céu vai vingar-se. Ao morrer, resta apenas reclamar o grande dilúvio. Hitler oferece um sacrifício à água: manda inundar o metropolitano de Berlim, onde morrem 300 000 pessoas refugiadas nos subterrâneos. É um ato de magia iniciática: esse gesto provocará movimentos de apocalipse no céu e na Terra. Goebbels publica um último artigo antes de matar, no Bunker, a mulher, os filhos e de se matar a ele próprio. Intitula o seu edital de despedida: E mesmo que assim fosse. Diz que o drama não se representa à escala da terra, mas do cosmos. O nosso fim será o fim de todo o Universo.

Eles erguiam o seu pensamento demencial em direção aos espaços infinitos, e morreram num subterrâneo. Julgavam preparar o homem-deus ao qual os elementos

iriam obedecer. Acreditavam no ciclo de fogo. Venceriam o gelo, tanto na Terra como no céu, e os seus soldados morriam ao deitar as calças abaixo, com o ânus congelado. Alimentavam uma visão fantástica da evolução das espécies, aguardavam formidáveis mutações. E as últimas notícias do mundo exterior foram dadas pelo guarda-mor do Jardim Zoológico de Berlim, que, empoleirado numa árvore, telefonava ao Bunker. Poderosos, esfaimados e orgulhosos, profetizavam: A grande era do mundo renasce, Os anos de ouro reaparecem.

Como uma serpente, a Terra Renova os seus fatos gastos pelo Inverno Mas há sem dúvida uma profecia mais profunda que condena os próprios profetas e os vota a uma morte mais do que trágica: caricatural. No fundo dos seus subterrâneos, ouvindo o rumor cada vez mais forte dos tanques, terminavam a sua vida arrebatada e má entre as revoltas, dores e súplicas com que termina a visão de Shelley que se intitula Hellas: Oh! esperai! O ódio e a morte deverão reaparecer? Esperai! Deverão os homens matar e morrer? Esperai! Não esgoteis até ao sedimento.

A urna de uma amarga profecia!
O mundo está cansado do passado.
Oh! Oxalá morra ou repouse enfim!

## VIII

**A Terra é oca. - Vivemos no interior. - O Sol e a Lua estão no centro da Terra. - O radar ao serviço dos magos. - Uma religião nascida na América. - O seu profeta alemão era aviador. - O anti-Einstein. - Um trabalho de louco. - A terra côncava, os satélites artificiais e os alérgicos à noção do infinito. - Uma arbitragem de Hitler. - Para além da coerência.**

Estamos em Abril de 1942. A Alemanha lança todas as suas forças na guerra. Nada, segundo parece, poderia afastar os técnicos, os sábios e os militares da sua tarefa imediata. No entanto uma expedição organizada, com a concordância de Goering, Himmler e Hitler, deixa o Reich em grande segredo. Os membros dessa expedição são alguns dos melhores especialistas do radar. Sob a orientação do doutor Heinz Fisher, conhecido pelos seus trabalhos sobre os raios infravermelhos, desembarcam na ilha báltica de Rügen. Tinham-nos munido dos mais aperfeiçoados aparelhos de radar. No entanto, esses aparelhos ainda são raros nessa época e estão divididos pelos pontos nevrálgicos da defesa alemã. Mas as observações a que se vão dedicar na ilha de Rügen são consideradas, pelo alto estado-maior da marinha, capitais para a ofensiva que Hitler prepara sobre todas as frentes.

Assim que chega, o doutor Fisher manda apontar os radares para o céu, sob um ângulo de 45 graus. Aparentemente, nada há a revelar na direção escolhida. Os outros membros da expedição supõem que se trata de uma experiência. Ignoram o que esperam deles. O objetivo das investigações ser-lhes-á revelado mais tarde. Constatam, intrigados, que os radares continuam apontados durante vários dias. É então que recebem a seguinte notícia: o Führer tem bons motivos para supor que a Terra não é convexa, mas côncava. Nós não habitamos o exterior do globo, mas o interior. A nossa posição é comparável à de moscas a caminharem no interior de uma bola. O objetivo da expedição é demonstrar cientificamente essa verdade. Por reflexão de ondas de radar propagando-se em linha reta obter-se-ão imagens de pontos extremamente afastados no interior da esfera.

O segundo objetivo da expedição é obter por reflexão imagens da armada inglesa ancorada em Scapaflow.

Martin Gardner narra essa louca aventura da ilha de Rügen no seu livro In the name of Science. O próprio doutor Fisher viria a referir-se-lhe, depois da guerra. O professor Gerard S. Kuiper, do observatório do monte Palomar, consagrou, em 1946, uma série de artigos à doutrina da Terra oca que presidira a essa expedição. Escrevia ele em Popular Astronomy: Personalidades importantes da marinha alemã e da aviação acreditavam na teoria da Terra oca. Pensavam especialmente que ela seria útil para marcar a posição exata da armada inglesa, visto que a curvatura côncava da Terra permitiria observar a grande distância, por intermédio dos raios infravermelhos, menos curvos que os raios visíveis. O engenheiro Willy Ley narra os mesmos fatos no seu estudo de Maio de 1947: Pseudociências entre os Nazistas.

É extraordinário, mas autêntico: altos dignitários nazistas, peritos militares negaram pura e simplesmente o que parece uma evidência para uma criança do nosso mundo civilizado, como seja que a Terra é uma bola cheia e que nós estamos à superfície. Por cima de nós, pensa a criança, estende-se um Universo infinito, com as suas miríades de estrelas e as suas galáxias. Por baixo de nós estão os rochedos. Quer seja francesa, inglesa, americana ou russa, nesse ponto a criança está de acordo com a ciência oficial e também com as religiões e as filosofias admitidas. As nossas morais, as nossas artes, as nossas técnicas baseiam-se nessa visão que a experiência parece verificar. Se procuramos aquilo que melhor pode assegurar a unidade da civilização moderna, é na cosmogonia que o encontraremos. Sobre o essencial, quer dizer, sobre a situação do homem e da Terra no Universo, estamos todos de acordo, quer sejamos marxistas ou não. Só os nazistas não estavam de acordo.

Para os partidários da Terra oca que organizaram a famosa expedição paracientífica da ilha de Rügen, habitamos no interior de uma bola presa numa grande quantidade de rochedo que vai até ao infinito. Vivemos agarrados sobre a superfície côncava. O céu está no centro dessa bola: é uma massa de gás azulada, com pontos de luz brilhante que tomamos por estrelas. Ali só há o Sol e a Lua, mas infinitamente mais pequenos do que dizem os astrônomos ortodoxos. O Universo limita-se a isso. Estamos sós, e envolvidos por rochedos.

Vamos ver como nasceu essa visão das lendas, da intuição e da imaginação. Em 1942, uma nação comprometida numa guerra na qual a técnica é soberana pede à ciência que alimente a mística, à mística que enriqueça a técnica. O doutor Fisher, especialista do infravermelho, recebe como missão a ordem de pôr o radar ao serviço dos magos.

Quer em Paris, quer em Londres, nós temos os nossos pensadores excêntricos, os nossos descobridores de cosmogonias extravagantes, os nossos profetas de toda a espécie de fantasias.

Escrevem opúsculos, freqüentam as lojas dos velhos livreiros, cavaqueiam em Hyde Park ou na Sala de Geografia do Boulevar Saint-Germain. Na Alemanha hitleriana vemos pessoas dessa espécie mobilizar as forças da nação e a aparelhagem técnica de um exército em guerra. Vemo-las influenciar os altos estados-maiores, os chefes políticos, os sábios. É que estamos em presença de uma civilização completamente nova, baseada no desprezo pela cultura clássica e pela razão. Nessa civilização, a intuição, a mística, a inspiração poética são colocadas exatamente no mesmo plano que a investigação científica e o conhecimento racional. Quando ouço falar de cultura

pego no meu revólver, diz Goering. Esta frase terrível tem dois sentidos: o literal, onde se vê Goering-Ubu partir a cabeça aos intelectuais, e um sentido mais profundo e também mais verdadeiramente prejudicial àquilo a que chamamos a cultura, onde se vê Goering atirar balas explosivas que são a cosmogonia horbigeriana, a doutrina da Terra oca ou a mística do grupo Tule.

A doutrina da Terra oca nasceu na América no princípio do século XIX. A 10 de Abril de 1818, todos os membros do Congresso dos Estados Unidos, os diretores das Universidades e alguns grandes sábios receberam a seguinte carta: São Luís, Território do Missouri, América do Norte, 10 de Abril:

Ao mundo inteiro, Declaro que a Terra é oca e habitável interiormente. Ela contém diversas esferas sólidas, concêntricas, colocadas uma dentro da outra, e é aberta no pólo de 12 a 16 graus. Com prometo-me a demonstrar a realidade do que afirmo e estou pronto a explorar o interior da Terra se o mundo aceita auxiliar-me no meu empreendimento. CLEVES SYMNES, antigo capitão de infantaria de Ohio.

Sprague de Camp e Willy Ley, na sua bela obra Do Atlântico ao Eldorado, resumem da seguinte forma a teoria e a aventura do antigo capitão de infantaria: Symnes afirmou, visto tudo ser oco neste mundo, tanto os ossos como os cabelos, os caules das plantas, etc., que os planetas também o eram e que no caso da Terra, por exemplo, podiam distinguir-se cinco esferas colocadas umas no interior das outras, todas habitáveis, tanto no interior como no exterior e todas equipadas com vastas aberturas polares pelas quais os habitantes de cada esfera podem ir de qualquer ponto do interior para outro, ou para o exterior, como uma formiga que percorresse o interior e depois o exterior de uma taça de porcelana... Symnes organizava as suas tournées de conferências como se fossem campanhas eleitorais. Quando morreu deixou montões de notas e provavelmente o pequeno modelo de madeira do globo de Symnes, que se encontra atualmente na Academia das Ciências Naturais de Filadélfia. Seu filho, Americ Vespucius Symnes, era um dos seus adeptos e tentou, sem êxito, reunir essas notas num trabalho coerente. Acrescentou uma suposição segundo a qual, depois de os tempos mudarem, as Dez Tribos perdidas de Israel seriam descobertas, vivendo provavelmente no interior da mais exterior das esferas. Em 1870, outro americano, Cyrus Read Teed, proclama por sua vez que a Terra é oca. Teed era um espírito de grande erudição, especializado no estudo da literatura alquímica. Em 1869 na altura em que trabalhava no seu laboratório e meditava sobre os Livros de Isaías, tivera uma inspiração. Compreendera que habitamos, não sobre a Terra, mas no interior. Como essa visão vinha dar crédito a antigas lendas, criou uma espécie de religião e divulgou a sua doutrina fundando um pequeno jornal: A Espada de Fogo. Em 1894 reunira mais de quatro mil fanáticos. A sua religião chamava-se o Koresháme. Morreu em 1908, depois de anunciar que o seu cadáver não entraria em putrefação. Mas os seus adeptos tiveram de o mandar embalsamar ao fim de dois dias.

Essa idéia da Terra oca está ligada a uma tradição que se encontra em todas as épocas e em todos os locais. As mais antigas obras de literatura religiosa falam de um mundo separado, situado sob a crosta terrestre e que seria a morada dos mortos e dos espíritos. Quando Gilgamesh, herói lendário dos antigos Sumerianos e das epopéias babilônicas, vai visitar o seu antepassado Utnapishtim, desce às entranhas da Terra, e é ali também que Orfeu vai procurar a alma de Eurídice. Ulisses, ao atingir os limites do Ocidente, oferece um sacrifício a fim de que os espíritos dos antigos saiam das profundezas da Terra e o aconselhem. Plutão reina no fundo da Terra sobre os

espíritos dos mortos. Os primeiros cristãos reúnem-se nas catacumbas e fazem dos abismos subterrâneos a morada das almas condenadas. As lendas germânicas exilam Vênus para o fundo da Terra. Dante coloca o inferno nos círculos inferiores. Os folclores europeus supõem haver dragões debaixo da terra e os japoneses imaginam nas profundezas da sua ilha um monstro cujos arrepios provocam tremores de terra.

Falamos de uma sociedade secreta pré-hitleriana, a Sociedade do Vril, que misturava essas lendas com as teses apresentadas pelo escritor inglês Bulwer Lytton no seu romance A Raça que nos há-de suplantar. Para os membros dessa sociedade, certos seres com um poder psíquico superior ao nosso habitam cavernas no centro da Terra. De lá sairão um dia para nos governar.

No fim da guerra de 1914, um jovem aviador alemão prisioneiro em França, Bender, descobre velhos exemplares do jornal de Teed, A Espada de Fogo, assim como brochuras de propaganda a favor da Terra oca. Atraído por esse culto e por sua vez inspirado, esclarece e desenvolve essa doutrina. De regresso à Alemanha, organiza um movimento, o Hohl Welt Lehre. Prossegue a tarefa de outro americano, Marshall B. Gardner, que, em 1913 publicara um trabalho para demonstrar que o Sol não estava por cima da Terra, mas no centro da mesma, e emitia raios que exercem uma pressão capaz de nos manter sobre a crosta côncava.

Para Bender a Terra é uma esfera da mesma dimensão que na geografia ortodoxa, mas é oca e a vida acha-se encostada à face interna pelo efeito de certas radiações solares. Para além, o rochedo até ao infinito. A camada de ar, no interior, tem uma altura de sessenta quilômetros, depois rarefaz-se até ao vazio absoluto do centro, onde se encontram três corpos: o Sol, a Lua e o Universo fantasma. Esse Universo fantasma é uma bola de gás azulado na qual brilham grãos de luz a que os astrônomos chamam estrelas. É noite sobre uma parte da concavidade terrestre quando essa massa azul passa diante do Sol, e a sombra dessa massa sobre a Lua produz os eclipses. Acreditamos num Universo exterior, situado por cima de nós, porque os raios luminosos não se propagam em linha reta: são curvos, à exceção dos infravermelhos. Esta teoria de Bender viria a tornar-se popular por volta de 1930. Dirigentes do Reich, oficiais superiores da Marinha e da Aviação acreditavam na Terra oca.

Parece-nos absolutamente insensato que homens encarregados de dirigir uma nação possam, em parte, ter regulado a sua conduta segundo intuições místicas que negam a existência do nosso Universo. No entanto é necessário ver bem que, para o homem simples, para o alemão da rua cuja alma fora modelada pela derrota e pela miséria, a idéia da Terra oca, por volta de 1930, não era mais louca, no fim de contas, que a idéia segundo a qual um grão de matéria conteria fontes de energia ilimitada, ou que a idéia de um Universo com quatro dimensões. A ciência, a partir do final do século XIX, enveredava por um caminho que não era o do bom senso. Para espíritos primários, desgraçados e místicos, qualquer singularidade se tornava admissível e, de preferência, uma singularidade compreensível e consoladora como a da Terra oca. Hitler e os seus camaradas, homens saídos do povo e adversários da inteligência pura, deviam considerar as idéias de Bender mais admissíveis do que as teorias de Einstein, que punham a descoberto um Universo de infinita complexidade, de infinita delicadeza para quem quisesse abordá-lo. O mundo segundo Bender era aparentemente tão louco como o mundo de Einstein, mas para nele penetrar não era preciso mais do que uma loucura de primeiro grau. A explicação do Universo feita por Bender, embora tivesse premissas loucas, desenvolvia-se de maneira razoável. O louco perdeu tudo exceto a

razão.

O Hohl Wrelt Lehre, que fazia da humanidade a única presença inteligente do Universo, que reduzia esse Universo apenas às dimensões da Terra, que dava ao homem a sensação de estar envolvido, encerrado, protegido, como o feto no útero da mãe, satisfazia certas aspirações da alma infeliz, concentrada no orgulho e cheia de raiva contra o mundo exterior. Além disso a única teoria alemã que era possível opor ao judeu Einstein. A teoria de Einstein baseia-se na experiência de Michelson e Morley, demonstrando que a velocidade da luz que se desloca no sentido da revolução terrestre é a mesma que a da luz perpendicular a essa revolução. Einstein deduz daí que não há portanto um meio que conduza a luz, mas que esta é composta por partículas independentes.

A partir desse dado, Einstein apercebe-se de que a luz se contrai no sentido do movimento e que é condensação de energia. Ele estabelece a teoria da relatividade do movimento da luz. No sistema Bender, a Terra, sendo oca, não se desloca. Nada há ali a ver com Michelson. A tese da Terra oca, aparentemente, explica a realidade tão bem como a tese de Einstein. Nessa época, nenhuma verificação experimental viera ainda corroborar o pensamento de Einstein, a bomba atômica não viera justificar esse pensamento de forma absoluta e aterradora. Os dirigentes alemães aproveitaram a ocasião para negar qualquer valor aos trabalhos do genial judeu e a perseguição contra os sábios israelitas e contra a ciência oficial começou. Einstein, Teller, Fermi e muitos outros grandes espíritos tiveram de se isolar. Receberam bom acolhimento nos Estados Unidos, dispuseram de dinheiro e de laboratórios bem equipados. A origem do poder atômico americano está nisso. Foi a subida das forças ocultas na Alemanha que concedeu a energia nuclear aos americanos.

O mais importante centro de estudos do exército americano encontra-se em Dayton, no Ohio. Em 1957 era anunciado que o laboratório que, nesse centro, é consagrado à domesticação da bomba de hidrogênio conseguira realizar uma temperatura de um milhão de graus. O sábio que levara a bom termo essa extraordinária experiência era o doutor Heinz Fisher, o homem que dirigira a expedição à ilha de Rügen para verificar a hipótese da Terra oca. Ele trabalhava livremente nos Estados Unidos desde 1945. Interrogado a respeito do seu passado pela imprensa americana, declarou: Os nazistas obrigavam-me a fazer um trabalho de louco, o que prejudicava consideravelmente as minhas investigações. Perguntamos a nós próprios o que teria acontecido e de que maneira teria evoluído a guerra se as pesquisas do doutor Fisher não tivessem sido interrompidas em proveito do místico Bender. . .

Após a expedição da ilha de Rügen, a autoridade de Bender, aos olhos dos dignitários nazistas, diminuiu, apesar da proteção de Goering, que sentia afeto por aquele antigo herói da aviação. Os horbigerianos, os partidários do grave Universo onde reina o gelo eterno. venceram-no. Bender foi mandado para um campo de concentração, onde morreu. Desta forma, a Terra oca teve o seu mártir. No entanto, muito antes dessa louca expedição, os discípulos de Horbiger atormentavam Bender com sarcasmos e pediam que os livros a favor da Terra oca fossem proibidos. O sistema de Horbiger tem as dimensões da cosmologia ortodoxa, e não é possível acreditar simultaneamente no cosmos onde o gelo e o fogo prosseguem a sua luta eterna e no globo oco preso num rochedo que se prolonga até ao infinito. Foi pedida a arbitragem de Hitler. A resposta merece reflexão:

Não temos a menor necessidade - disse Hitler - de uma concepção do mundo coerente. Ambos podem ter razão.

O que conta não é a coerência e a unidade do conjunto, mas sim a destruição dos sistemas provenientes da lógica, das formas de pensamento racional, é o dinamismo místico e a força explosiva da intuição. Há lugar, nas trevas cintilantes do espírito mágico, para mais de uma centelha.

## IX

**Levam-nos água ao nosso horrível moinho. - O jornal dos Loiros. - O padre Lenz. - Uma circular da Gestapo. A última prece de Dietrich Eckardt. - A lenda de Tule. Um viveiro de médiuns. - Haushoffer o mágico. - Os silêncios de Hess. - A suástica e os mistérios da casa Ipatiev. Os sete homens que queriam modificar a vida. - Uma colônia tibetana. - As exterminações e o ritual. - Está mais escuro do que imaginais.**

Vivia em Kiel, após a guerra, um honesto médico dos seguros sociais, perito junto dos tribunais, bem-humorado, que chamava Fritz Sawade. No final do ano de 1959, uma voz misteriosa preveniu o médico de que a justiça ia ser obrigada a prendê-lo. O médico fugiu, vagueou durante oito dias e depois rendeu-se. Tratava-se na realidade do Obersturmbannführe S.S. Werner Heyde. O professor Heyde fora o organizador médico do programa de eutanásia que, de 1940 a 1941, fez 200 vítimas alemãs e serviu de prefácio à exterminação dos estrangeiros nos campos de concentração.

A propósito dessa prisão, um jornalista francês, que é ao mesmo tempo um excelente historiador da Alemanha hitleriana escreveu:

O caso Heyde, como muitos outros, assemelha-se aos icebergs cuja parte visível é a menos importante... A eutanásia dos fracos, dos incuráveis, o extermínio em massa de todas as comunidades susceptíveis de contaminar a pureza do sangue germânico foram realizados com uma obstinação patológica, uma convicção de natureza quase religiosa que parecia atingir a demência. A tal ponto que numerosos observadores dos processos alemães do após-guerra - autoridades científicas ou médicas pouco capazes de admitirem como provas mistificações - acabaram por pensar que a paixão política constituía uma explicação bastante fraca e que era necessário que entre tantos executantes e tantos chefes, entre Himmler e o último guarda de campo de concentração, tivesse imperado uma espécie de elo místico.

A hipótese de uma comunidade iniciática, subjacente ao nacional-socialismo, impôs-se pouco a pouco. Uma comunidade verdadeiramente demoníaca, regida por dogmas ocultos, bem mais aperfeiçoados do que as doutrinas elementares de Mein Kampf ou do Mito do século XX, e servida por ritos cujos vestígios isolados não se notam, mas cuja existência parece incontestável para os analistas (e recordamos que se trata de sábios e de médicos) da patologia nazista. Eis a água para este horrível moinho.

Todavia não pensamos que se trate de uma única sociedade secreta, solidamente organizada e ramificada, nem de um dogma único, nem de um conjunto de ritos organicamente constituído. A pluralidade e a incoerência parecem-nos, bem pelo contrário, significativas dessa Alemanha subterrânea que tentamos descrever. A unidade e a coesão em qualquer assunto, mesmo místico, parece indispensável a um ocidental cheio de positivismo e de cartesianismo. Mas aqui estamos fora desse

Ocidente; trata-se antes de um culto multiforme, de um estado de superespírito (ou de subespírito) absorvendo diversos ritos, crenças mal ligadas entre si. O importante é manter um fogo secreto, uma chama viva; tudo serve para a alimentar.

Nesse estado já nada é impossível. As leis naturais são interrompidas, o mundo torna-se fluido. Chefes S.S. declaravam que a Mancha é muito menos larga do que o indicam os Atlas. Para eles, como para os sábios hindus de há dois mil anos, como para o bispo Berkeley no século XVIII, o Universo não passava de uma ilusão e a sua estrutura podia ser modificada pelo pensamento ativo dos iniciados.

O que para nós é possível é a existência de um puzzle mágico, de uma forte corrente luciferina a respeito da qual demos algumas indicações nos capítulos anteriores. Tudo isto pode servir para explicar um grande número de fatos horríveis, de uma forma mais realista que a dos historiadores convencionais que apenas querem ver, atrás de tantos atos cruéis e insensatos, a megalomania de um sifilítico, o sadismo de um grupo de neuróticos, a obediência servil de uma multidão de cobardes.

Segundo o nosso método, vamos agora apresentar informações e confirmações respeitantes a outros aspectos desprezados do socialismo mágico: a sociedade Tule, vértice da Ordem Negra, e a sociedade Ahnenerbe. Conseguimos reunir uma documentação bastante volumosa, cerca de um milhar de páginas. Mas essa documentação deveria ser mais uma vez verificada e copiosamente completada se quiséssemos realizar um trabalho claro, poderoso completo. De momento, isso está fora das nossas possibilidades: Para mais, não pretendemos tornar excessivamente pesado o presente volume, que só a título de exemplo do realismo fantástico se refere à história contemporânea. Eis portanto a seguir um breve resumo de algumas verificações esclarecedoras.

Num dia de Outono de 1923 morreu em Munique uma personagem singular, poeta, dramaturgo, jornalista, boêmio, que o nome de Dietrich Eckardt. Com os pulmões queimados pela perita, ele fizera, antes de entrar na agonia, a sua oração muito pessoal perante um meteorito negra da qual dizia: É a minha pedra de Kaaba, e que legou ao professor Oberth, um dos criadores da Astronáutica. Acabava de enviar um longo manuscrito ao seu amigo Haushoffer. Os seus assuntos estavam em ordem. Ele morria, mas a Sociedade Tule continuaria a viver e em breve transformaria o mundo e a vida sobre a Terra.

Em 1920, Dietrich Eckardt e outro membro da sociedade tule o arquiteto Alfred Rosenberg, travaram conhecimento com Hitler. Marcaram-lhe uma primeira entrevista na casa de Wagner, em Beirute. Durante três anos rodearão sem cessar o pequeno caporal da Reichswehr, dirigindo-lhe os pensamentos e os atos. Konrad Heiden escreve: Eckardt empreende a formação espiritual de Adolfo Hitler. Ensina-lhe a escrever e a falar. Os seus ensinamentos desenvolvem-se sobre dois planos: a doutrina secreta e a doutrina de propaganda. Narrou algumas das conversas que teve com Hitler em relação à segunda num curioso folheto intitulado

O bolchevismo de Moisés a Lenine. Em junho de 1923, esse novo mestre, Eckardt, será um dos sete membros fundadores do partido nacional-socialista. Sete: número sagrado. No Outono, por altura da sua morte, diz: Sigam Hitler. Ele há-de dançar, mas a música foi escrita por mim. Nós concedemos-lhe os meios de comunicar com Eles... Não me lamentem: terei influenciado a história mais do que qualquer outro alemão. . .

A lenda de Tule remonta às origens do germanismo. Tratar-se-ia de uma ilha desaparecida, em qualquer parte no Extremo Norte. Na Groenlândia? No Lavrador? Como a Atlântida. Tule teria sido o centro mágico de uma civilização submersa. Para Eckardt e seus amigos, nem todos os segredos de Tule se teriam perdido. Seres intermediários entre o homem e as inteligências do Exterior disporiam, para os iniciados, de um reservatório de forças onde as podiam ir buscar para dar de novo à Alemanha o domínio do Mundo, para fazer da Alemanha a nação anunciadora da super-humanidade futura, das mutações da espécie humana.

Um dia agitar-se-ão legiões para destruir tudo o que constituiu obstáculo ao destino espiritual da Terra, e serão conduzidas por homens infalíveis, alimentados nas fontes da energia, guiados pelos Grandes Antigos. Tais são os mitos contidos na doutrina ariana de Eckardt e de Rosenberg, e que esses profetas de um socialismo mágico introduzem na alma mediúnica de Hitler. Mas a sociedade Tule talvez ainda não passe de uma bastante poderosa maquina nazista para misturar o sonho e a realidade. Depressa se transformará, sob outras influências e com outras personagens, num instrumento muito mais estranho: um instrumento capaz de alterar a própria natureza da realidade. Segundo parece, é com Karl Haushoffer que o grupo Tule vai adquirir o seu verdadeiro caráter de sociedade secreta de iniciados em contacto com o invisível, e se tornará o centro mágico do nazismo.

Hitler nasceu em Braunau-sobre-Inn, a 20 de Abril de 1889, às 17 e 30, no número 219 da Salzburger Vorstadt. Cidade fronteira austro-bávara, ponto de encontro de dois grandes estados alemães, foi mais tarde para o Führer uma cidade símbolo. A ela se liga uma singular tradição: é um viveiro de médiuns. É a cidade natal de Willy e Rudi Schneider, cujas experiências psíquicas fizeram sensação há perto de trinta anos. Hitler teve a mesma ama que Willy Schneider. Em 1940, Jean de Pange escrevia: Baunau é um centro de médiuns. Um dos mais conhecidos é Madame Stokhammes que, em 1920, desposou em Viena o príncipe Joaquim da Prússia. Era de Braunau que um espírita de Munique o barão Schrenk-Notzing, mandava vir os seus auxiliares, e um deles era justamente primo de Hitler. O ocultismo ensina que depois de terem conciliado forças ocultas, por meio de um pacto, os membros do grupo não podem evocar essas forças senão por intermédio de um mágico, o qual não poderá agir sem um médium. Tudo se passa como se Hitler tivesse sido o médium e Haushoffer o mágico.

Rauschning descreve assim o Führer: Somos obrigados a pensar nos médiuns. A maior parte do tempo são seres vulgares, insignificantes. Subitamente, como que lhes caem do céu poderes que os elevam acima da medida comum. Esses poderes são exteriores à sua personalidade real. São visitantes oriundos de outros planetas. O médium está possesso. Uma vez libertado, volta a cair na mediocridade. É sem dúvida desta forma que certas forças atravessam Hitler. Forças quase demoníacas das quais a personagem chamada Hitler não é mais do que a vestimenta momentânea. Essa reunião do banal e do extraordinário, eis a insuportável dualidade de que nos apercebemos logo que entramos em contacto com ele.

Este ser poderia ter sido inventado por Dostoievski. Tal é a impressão que provoca numa pessoa estranha a associação de uma confusão doentia e de um poder turvo. Strasser: Aquele que escuta Hitler vê surgir de súbito o Führer da glória humana... Aparece uma luz atrás de uma janela escura. Um senhor com um cômico bigode em vassoura transforma-se em arcanjo... Depois o arcanjo levanta vôo: apenas resta Hitler,

que se volta a sentar, alagado em suor, com os olhos vítreos. Bouchez: Examinara-lhe os olhos, uns olhos que se tinham tornado mediúnicos... Por vezes, qualquer coisa se passava, semelhante a um fenômeno de ectoplasma: qualquer coisa parecia habitar o orador. Emanava um fluido. . . Depois voltava a ser pequeno, medíocre, até vulgar. Parecia fatigado, completamente exausto. François-Poncet (ex-embaixador na Alemanha) : Ele entrava numa espécie de transe mediúnico. O rosto refletia um encantamento extático.

Atrás do médium, sem dúvida não está apenas um homem, mas um grupo, um conjunto de energias, uma central mágica.

E o que nos parece fora de dúvida é que Hitler está animado por outra coisa além daquilo que exprime: por forças e doutrinas mal coordenadas mas infinitamente mais temíveis do que apenas a teoria nacional-socialista. Um pensamento muito maior do que o dele, que constantemente o excede, e do qual só dá ao povo, aos seus colaboradores, restos grosseiramente vulgarizados. Ressoador potente, Hitler sempre foi o tambor que se gabava de ser no processo de Munique, e sempre continuou a ser um tambor. No entanto, só reteve e utilizou aquilo que, ao acaso das circunstâncias, servia a sua ambição de conquista do poder, o seu sonho de domínio do Mundo, e o seu delírio: a seleção biológica do homem-deus.

Mas há outro sonho, outro delírio: modificar a vida sobre todo o planeta. Por vezes abre-se, ou antes, o pensamento interior excede-o, e filtra bruscamente por uma pequena abertura. Dizia a Rauschning: A nossa revolução é uma nova etapa, ou antes a etapa definitiva da evolução que conduz à supressão da história. . . Ou ainda: Não sabem nada de mim, os meus camaradas do partido não fazem a menor idéia dos sonhos que faço e do edifício grandioso do qual pelo menos os alicerces estarão edificados quando eu morrer. . . Há uma curva decisiva do mundo, eis-nos na charneira dos tempos... Haverá uma alteração do planeta que vós, os não iniciados, são incapazes de compreender. . . O que se está a passar é mais do que o aparecimento de uma nova religião. . .

Rudolf Hess fora o assistente de Haushoffer quando este professava na Universidade de Munique. Foi ele que estabeleceu o contacto entre Haushoffer e Hitler. (Fugiu de avião da Alemanha, para uma expedição delirante, depois de Haushoffer lhe ter dito que o vira voar, em sonhos, a caminho da Inglaterra. Nos raros momentos de lucidez que a sua inexplicável doença lhe permite, o prisioneiro Hess, último sobrevivente do grupo Tule, teria declarado formalmente que Haushoffer era o mágico, o mestre secreto.)

Após a revolta falhada, Hitler é encerrado na prisão de Landshurt. Levado por Hess, o general Karl Haushoffer visita quotidianamente Hitler, passa horas junto dele, desenvolve as suas teorias e delas extrai todos os argumentos favoráveis à conquista política. A sós com Hess, Hitler mistura para a propaganda externa as teses de Haushoffer e os projetos de Rosenberg, num conjunto imediatamente ditado para Mein Kampf.

Karl Haushoffer nasceu em 1869. Fez diversas estadias nas Índias e no Extremo-Oriente, foi enviado ao Japão e aí aprendeu a língua. Para ele a origem do povo alemão dera-se na Ásia Central e a permanência, a grandeza, a nobreza do mundo estavam asseguradas pela raça indo-germânica. No Japão, Haushoffer teria sido iniciado numa das mais importantes sociedades secretas budistas e ter-se-ia

comprometido, em caso de malogro da sua missão, a executar o suicídio cerimonial.

Em 1914, Haushoffer, jovem general, faz-se notar por um extraordinário poder de predizer os acontecimentos: horas de ataque do inimigo, locais onde cairão as bombas, tempestades, alterações políticas em países de que nada se sabe. Terá Hitler possuído também esse dom de clarividência ou seria Haushoffer que lhe murmura-a as suas próprias inspirações? Hitler predisse com exatidão a data de entrada das suas tropas em Paris, a data da chegada a Bordéis dos primeiros arrombadores de bloqueio. Quando decide a ocupação da Renânia, todos os peritos da Europa, incluindo os alemães, estão persuadidos de que a França e a Inglaterra se oporão. Hitler prediz que não. Ele virá a anunciar a data da morte de Roosevelt.

Após a primeira grande guerra, Haushoffer retoma os seus estudos e parece dedicar-se exclusivamente à geografia política, funda a revista de Geopolítica e publica numerosos trabalhos. Muito curiosamente, esses trabalhos parecem baseados num realismo político acanhadamente materialista. Essa preocupação, em todos os membros do grupo, em empregar uma linguagem exotérica puramente materialista, em transportar para o exterior concepções pseudocientíficas baralha constantemente as cartas. O geopolítico sobrepõe-se a outra personagem, discípulo de Schopenhauer, inclinado para o budismo, admirador de Inácio de Loiola tentado pelo governo dos homens, espírito místico em busca de realidades ocultas, homem de grande cultura e de grande psiquismo. Parece muito provável que tenha sido Haushoffer a escolher a cruz gamada para emblema.

Na Europa, como na Ásia, a suástica foi sempre considerada um signo mágico. Viram nele o símbolo do Sol, fonte de vida e de fecundidade, ou do trovão, manifestação da cólera divina, que é necessário esconjurar. Ao contrário da cruz, do triângulo, do círculo ou do crescente, a suástica não é um símbolo elementar que possa ter sido inventado e reinventado em qualquer época da humanidade e em todos os pontos do globo com uma simbólica sucessivamente diferente. É o primeiro signo traçado com uma intenção precisa. O estudo das suas migrações põe o problema das primeiras eras, das origens comuns nas diversas religiões, das relações pré-históricas entre a Europa, a Ásia e a América. O seu mais antigo rasto teria sido descoberto na Transilvânia e remontaria ao final da época da pedra polida.

Voltamos a encontrá-lo sobre centenas de fusos datando do século XIV antes de Cristo e nos vestígios de Tróia. Aparece na Índia no século IV antes de Cristo e na China no século v da nossa era. Vemo-lo um século mais tarde no Japão, no momento da introdução do budismo, que dela faz um emblema. Constatação capital: é completamente desconhecido ou só aparece a título acidental em toda a região semítica, no Egito, na Caldeia, na Assíria, na Fenícia. É um símbolo exclusivamente ariano. Em 1891, Ernest Krauss chama a atenção do público germânico para este fato: Guido List, em 1908, descreve a suástica nas suas obras de divulgação como um símbolo de pureza do sangue e, ao mesmo tempo, como um signo de conhecimento esotérico, revelado pela decifração da epopéia rúnica de Edda. Na corte da Rússia, a cruz gamada é introduzida pela imperatriz Alexandra Feodorovna. Teria sido sob a influência dos teósofos? Ou antes sob a do médium Badmaiev, estranha personagem formada em Lassa e que em seguida estabeleceu numerosas ligações com o Tibete? Ora o Tibete é uma das regiões do Mundo onde a suástica - orientada quer para a direita, quer para a esquerda - é de uso corrente. Vem agora a propósito uma história bastante espantosa.

Sobre a parede da casa Ipatieff, a czarina, antes da sua execução, teria desenhado uma cruz gamada, acompanhada de uma inscrição. Teria sido tirada uma fotografia dessa inscrição, que depois se apressaram a apagar. Koutiepoff teria estado de posse de uma fotografia feita a 24 de Julho, ao passo que a fotografia oficial data de 14 de Agosto. Teria igualmente recebido em depósito o ícone descoberto sobre o corpo da czarina, no interior do qual se encontraria outra mensagem em que se aludia à sociedade secreta do Dragão Verde. Segundo o agente de informações, que viria a ser misteriosamente envenenado e que nos seus romances usava o pseudônimo de Teddy Legrand, Koutitepoff desaparecera sem deixar rasto; teria sido raptado e assassinado no iate de três mastros do barão Otto Bautenas, igualmente assassinado mais tarde. Teddy Legrand escreve: O grande barco branco chamava-se Asgard. Fora portanto batizado - teria sido fortuitamente?com um vocábulo com que as lendas islandesas designam o Reino do Rei de Tule. Segundo Trebich Lincoln (que na realidade afirmava ser o lama Djordni Den), a sociedade dos Verdes, parente da sociedade Tule, tinha as suas origens no Tibete. Em Berlim, um monge tibetano, a quem chamavam o homem das luvas verdes e que por três vezes anunciou na imprensa, com precisão, o número dos deputados hitlerianos enviados ao Reichstag, recebia regularmente Hitler. Era, segundo os iniciados, detentor das chaves que abrem o reino de Agartha.

Eis o que nos reconduz a Tule. Na altura em que Mein Kampf é publicado aparece também o livro do russo Ossendovski, Homens, Animais e Deuses, no qual, pela primeira vez, são revelados publicamente os nomes de Schamballah e Agartha. Voltarão a ouvir-se esses nomes pronunciados pelos responsáveis da Ahnenerbe no processo de Nuremberg.

Estamos em 1925 [1]. O Partido Nacional-Socialista começa a recrutar ativamente. Horst Wessel, braço direito de Horbiger, organiza as tropas de choque. É abatido, no ano seguinte, pelos comunistas. O poeta Ewers compõe, em sua memória, um canto que se transformará no hino sagrado do movimento. Ewers, que é um Lovecraft alemão, inscreveu-se no partido cheio de entusiasmo, porque vê nele, a princípio, a expressão mais forte das potências negras. (Em 1931 na sua obra Le symbolásme de la croix René Guénon põe uma nota em final de página: Assinalamos recentemente, num artigo do Journal des Debata, de 22 de Janeiro de 1929, a seguinte informação, que dir-se-ia indicar que as grandes tradições não estão tão completamente perdidas como se supõe: Em 1925, uma grande parte dos Índios Cuna revoltaram-se, mataram os polícias do Panamá que viviam no seu território, e aí fundaram a república independente de Tule, cuja bandeira é uma suástica sobre fundo alaranjado com orla vermelha. Essa república ainda existe atualmente. Notar-se-á sobretudo a associação da suástica com esse nome Tule, que é uma das mais antigas designações do centro espiritual supremo, depois aplicada a alguns dos centros subordinados.)

Essas potências negras, os sete homens fundadores, que sonham modificar a vida, estão certos, física e espiritualmente certos, de serem impulsionados por elas. Se as informações que temos são exatas, o juramento que os une, o mito a que se referem para dele extrair energia, confiança e sorte, tem a sua origem numa lenda tibetana. Há trinta ou quarenta séculos existia no Gobi uma alta civilização. Em seguida a uma catástrofe, talvez atômica, o Gobi foi transformado num deserto e os que escaparam emigraram, uns em direção ao extremo Norte da Europa, outros para o Cáucaso. O Deus Thor, das lendas nórdicas, teria sido um dos heróis dessa migração.

Os iniciados do grupo Tule estavam persuadidos de que esses emigrados do Gobi

compunham a raça fundamental da humanidade, a cepa ariana. Haushoffer apregoava a necessidade de um regresso às origens, quer dizer, a necessidade de conquistar toda a Europa oriental, o Turquestão, o Pamir, o Gobi o Tibete. A seu ver, esses países constituíam a região-centro, e quem controlar essa região controla o globo.

Segundo a lenda, tal como sem dúvida foi contada a Haushoffer por volta de 1905, e tal como à sua maneira a conta René Guénon em Le Roi du Monde, após o cataclismo do Gobi, os mestres da alta civilização, os detentores do conhecimento, os filhos das Inteligências do Exterior instalaram-se num imenso sistema de cavernas sob o Himalaia. No centro dessas cavernas dividiram-se em dois grupos, um seguindo a via da mão direita, o outro a via da mão esquerda. A primeira via teria o seu centro em Agartha, lugar de contemplação, cidade escondida do bem, templo da não-participação no mundo. A segunda passaria por Schamballah, cidade da violência e do poder, cujas forças comandam os elementos, as massas humanas, e ativam a chegada da humanidade à charneira dos tempos. Aos magos condutores de povos seria possível fazer um pacto com Schambllah, mediante juramentos e sacrifícios.

Na Áustria, o grupo Edelweiss anunciava em 1928 que nascera um novo messias. Na Inglaterra, sir Musely e Bellamy proclamavam em nome da doutrina horbigeriana que a luz atingira a Alemanha. Na América apareciam os Caminhos de Prata do coronel Ballard. Um certo número de nobres ingleses procuram alertar a opinião contra esse movimento, no qual vêem acima de tudo uma ameaça espiritual, a ascensão de uma religião luciferina. Kipling manda suprimir a cruz gamada que ornamenta a capa dos seus livros. Lord Tweedsmuir, que escreve com o pseudônimo de John Buchan, publica dois romances com personagens reais sob disfarce: O Julgamento da madrugada e Um Príncipe no Cativeiro, que contêm uma descrição dos perigos que pode representar para a civilização ocidental uma central de energias intelectuais, espirituais e mágicas, orientadas para o grande Mal. Saint-Georges Saunders denuncia, em Les Sept Dormeurs e Le Royaume Caché, as chamas lúgubres do esoterismo nazista e a sua inspiração tibetana.

É em 1926 que se instala em Berlim uma pequena colônia hindu e tibetana. No momento da entrada dos russos em Berlim encontrar-se-á, entre os cadáveres, um milhar de voluntários da morte de uniforme alemão, sem papéis nem insígnias, de raça Himalaia. Logo que o movimento, começa a dispor de grandes possibilidades financeiras organiza múltiplas expedições ao Tibete, que se sucederão praticamente sem interrupção até 1943. Os membros do grupo Tule deviam alcançar o domínio material do Mundo, deviam ser protegidos contra todos os perigos, e a sua ação prolongar-se-ia durante mil anos, até ao próximo dilúvio. Comprometiam-se a procurar a morte por suas próprias mãos se cometessem qualquer falta que quebrasse o pacto, e a realizar sacrifícios humanos. O extermínio dos boêmios (750000 mortos) não parece que tenha senão razões mágicas.

Wolfram Sievers foi designado como o executor, o carrasco sacrificial, o degolador ritual. Voltaremos ao assunto mais adiante, mas é bom esclarecer desde já, com a luz interdita que convém, um dos aspectos do pavoroso problema posto à consciência atual por esses extermínios. No espírito dos maiores responsáveis tratava-se de vencer a indiferença das Potências, de lhes chamar a atenção. Dos Maias aos Nazistas, é esse o sentido mágico dos sacrifícios humanos. Espantou muitas vezes a indiferença dos chefes supremos do assassinato no decorrer do processo de Nuremberg. Uma bela e terrível frase que Merrit põe na boca de um dos seus heróis, no romance Os Habitantes

da miragem, pode ajudar a compreender essa atitude: Tinha esquecido, como as esquecia sempre, as vítimas do sacrifício, na lúgubre excitação do ritual...

A 14 de Março de 1946, Karl Haushoffer assassinava a esposa. Marta, e suicidava-se, segundo a tradição japonesa. Nenhum monumento, nenhuma cruz marcam o seu túmulo. Acabava de saber da execução, no acampamento de Moabit, de seu filho Albrecht, preso juntamente com os organizadores da conspiração contra Hitler e do atentado falhado de 20 de Julho de 1941. Na algibeira do fato ensangüentado de Albrecht foi encontrado um manuscrito de poemas:

Para meu pai o destino pronunciara-se: Dependia uma vez mais
De empurrar o demônio para o seu cárcere meu pai quebrou o selo,
Não sentiu o bafo do maligno
E largou o demônio pelo mundo. . .

Toda esta exposição, na sua rapidez e fatal incoerência, apenas exprime um punhado de coincidências, de verificações, de signos e conjecturas. É escusado dizer que os elementos reunidos aqui de acordo com o nosso método não excluem; de forma alguma, as explicações do fenômeno hitleriano pela política e a economia. É também escusado dizer que nem tudo, no espírito e mesmo no inconsciente dos homens de que falamos, foi determinado por tais crenças. Mas as imagens loucas que descrevemos, tomadas como tais ou como realidades, povoaram os seus cérebros num momento ou noutro: isso pelo menos parece-nos certo.

Ora os nossos sonhos não se extinguem no fundo de nós próprios da mesma forma que as estrelas no céu quando nasce o dia. Continuam a brilhar atrás dos nossos sentimentos, dos nossos pensamentos, dos nossos atos. Há os fatos, e há um subsolo dos fatos: é o que nós exploramos.

Ou antes, assinalamos, com as poucas referências à nossa disposição, que haveria motivos para explorar. Só pretendemos e queremos dizer uma coisa: é que, nesse subsolo, há mais escuridão do que se imagina.

## X

**Himmler e o problema ao contrário. - A curva decisiva de 1934. - A Ordem Negra no poder. - Os monges guerreiros com emblemas de caveira. - A iniciação nos Burgs. - A última prece de Sievers. - Os estranhos trabalhos da Ahnenerbe. - O grande-sacerdote Frederico Hielscher. - Um apontamento esquecido de Jünger. O sentido de uma guerra e de uma vitória.**

Era no cruel Inverno de 1942. Os melhores soldados alemães e a fina flor da S.S., pela primeira vez, já não avançavam, bruscamente petrificados nos buracos da planície russa. A Inglaterra, obstinada, preparava-se para futuros combates e a América agitar-se-ia em breve. Numa manhã desse Inverno, em Berlim, o corpulento doutor Kersten, de mãos carregadas de fluido, encontrou o seu cliente, o Reichsführer Himmler, triste e acabrunhado.

Caro senhor Kersten, estou numa terrível angústia.

Começaria ele a duvidar da vitória? Claro que não. Desabotoou as calças para receber massagens no ventre, e começou a falar, enquanto permanecia estendido, de olhos no

teto. Explicou: o Führer compreendera que não haveria paz sobre a Terra enquanto continuasse com vida um único judeu que fosse... Então, acrescentou Himmler, ordenou-me que liquidasse imediatamente todos os judeus em nosso poder. As suas mãos, longas e secas, repousavam sobre o divã, inertes, geladas. Depois calou-se.

Kersten, estupefato, via transparecer um sentimento de piedade no mestre da Ordem Negra e o seu terror foi atravessado por uma esperança:

- Sim, sim - respondeu -, sei que no fundo da sua consciência não aprova essa atrocidade... compreendo a sua tristeza horrível.

- Mas não se trata disso! De forma nenhuma! - exclamou Himmler erguendo-se. - Não está a perceber!

Hitler convocara-o. Pedira-lhe que suprimisse imediatamente cinco a seis milhões de judeus. Era uma pesada tarefa e Himmler estava fatigado; além disso, de momento tinha imenso que fazer. Era desumano que exigissem dele um redobrar de esforços nos próximos dias. Verdadeiramente desumano. Fora o que dera a entender ao seu chefe bem-amado e o chefe bem-amado não ficara satisfeito, encolerizara-se e agora Himmler sentia-se muito triste por se ter deixado arrastar por um momento de esgotamento e de egoísmo.

Como compreender essa formidável inversão de valores? Não o conseguiríamos invocando apenas a loucura. Tudo se passa num universo paralelo ao nosso, cujas estruturas e leis são radicalmente diferentes. O físico George Gamov imagina um universo paralelo no qual, por exemplo, a bola de bilhar japonês entrasse em dois buracos ao mesmo tempo. O universo em que vivem homens como Himmler é pelo menos tão estranho ao nosso como o de Gamov. O homem verdadeiro, o iniciado de Tule, está em comunicação com as Potências e toda a sua energia está dirigida para uma modificação da vida sobre o globo.

O médium pede a um homem verdadeiro que liquide alguns milhões de falsos homens? De acordo, mas o momento foi mal escolhido. É absolutamente indispensável? Imediatamente? Pois bem, de acordo. Elevemo-nos ainda um pouco mais acima de nós próprios, sacrifiquemo-nos ainda mais...

A 20 de Maio de 1945 foi preso por soldados britânicos, na ponte de Beruweverde, a 25 milhas a oeste de Lüneburg, um homem alto, de cabeça redonda e ombros estreitos, portador de papéis em nome de Hitzinger. Levaram-no à polícia militar. Estava à paisana e tinha uma pala sobre o olho direito. Durante três dias, os oficiais britânicos tentaram descobrir a sua verdadeira identidade. Por fim, já cansado, ele tirou a pala e disse: Chamo-me Heinrich Himmler. Não o acreditaram. Ele insistiu. Para o porem à prova obrigaram-no a despir-se. Depois deram-lhe a escolher entre vestuários americanos e um cobertor. Enrolou-se no cobertor. Um investigador pretendeu certificar-se de que não dissimulava nada na intimidade do seu corpo. Outro pediu-lhe que abrisse a boca.

Então, o prisioneiro quebrou uma ampola de cianeto escondida num dente e caiu. Três dias mais tarde, um comandante e três oficiais subalternos tomaram conta do corpo. Dirigiram-se à floresta próxima de Lüneburg, cavaram uma fossa, atiraram o cadáver lá para dentro e depois aplainaram cuidadosamente o solo. Ninguém sabe exatamente onde repousa Himmler, sob que ramadas chilreantes acaba de se decompor a carne

daquele que supunha ser a reencarnação do imperador Henrique I, cognominado o Passarinheiro.

Se Himmler fosse vivo e tivesse sido arrastado para o processo de Nuremberg, que poderia ter dito em sua defesa? Não tinha uma linguagem comum com os membros do júri. Ele não habitava este lado do mundo. Pertencia inteiramente a outra ordem das coisas e do espírito. Era um monge combatente de outro planeta. Ainda não foi possível explicar de maneira satisfatória, diz o cronista Poetel, os secretos níveis psicológicos que originaram Auschwitz e tudo o que este nome pode representar.

No fundo, o processo de Nuremberg não esclareceu grande coisa e a abundância das explicações psicanalíticas, que declaravam sem cerimônia que nações inteiras podiam perder o equilíbrio mental da mesma forma que indivíduos isolados, só serviram para complicar o problema. O que se passava no cérebro de pessoas como Himmler e seus semelhantes, quando davam ordens de extermínio, ninguém o sabe. Situando-nos ao nível daquilo a que chamamos o realismo fantástico, supomos que começamos a sabê-lo.

Denis de Rougemont dizia a respeito de Hitler: Certas pessoas crêem, por o terem sentido na sua presença, por uma espécie de sagrado arrepio de horror, que ele é o alicerce de uma Dominação, de um Trono ou de uma Potência, tal como São Paulo designa os espíritos de segunda categoria, que podem igualmente caber num corpo de homem vulgar e ocupá-lo como uma guarnição. Ouvi-o pronunciar um dos seus grandes discursos. De onde lhe vem o poder sobre-humano que desenvolve?

Semelhante energia, sente-se muito bem que não é do indivíduo, e até que se não poderia manifestar, exceto no caso em que o indivíduo não conte; é apenas o suporte de uma potência que escapa à nossa psicologia. O que aqui digo seria romantismo da mais baixa categoria se a obra realizada por esse homem - e creio que por essa potência através dele - não fosse uma realidade que provoca o espanto do século. Ora, durante a subida ao poder, Hitler, que recebeu os ensinamentos de Eckardt e de Haushoffer, parece ter pretendido servir-se das Potências postas à sua disposição, ou que antes passavam através dele, no sentido de uma ambição política e nacionalista no fim de contas bastante limitada. É na origem um homenzinho agitado por uma intensa paixão patriótica e social. Dedica-se mas num grau inferior: o seu sonho tem fronteiras. Milagrosamente, ei-lo arrastado para a frente, e tudo lhe corre bem. Mas o médium através do qual circulam energias não compreende necessariamente a sua amplitude e direção.

Ele dança ao som de uma música que não lhe pertence. Até 1934 julga que os passos que executa são os que devem ser. Ora não está bem dentro do ritmo. Supõe que não tem mais que fazer do que servir-se das Potências. Mas não nos servimos das Potências: servimo-las. Tal é o significado (ou um dos significados) da alteração fundamental que surgiu durante e imediatamente após a expurgação de Junho de 1934. O movimento que o próprio Hitler supôs que devia ser nacional e socialista transforma-se no que devia ser, segue mais intimamente a doutrina secreta.

Hitler jamais ousará pedir contas a respeito do suicídio de Strasser, e mandam-no assinar a ordem que eleva a S.S. à categoria de organização autônoma, superior ao partido. Joachim Gunthe escreve numa revista alemã, após a derrota: A idéia vital que animava a S.A. foi vencida a 30 de Junho de 1934 por uma idéia puramente satânica, a da S.S. É difícil precisar o dia em que Hitler concebeu o sonho da mutação biológica,

disse o doutor Delmas. A idéia da mutação biológica é apenas um dos aspectos do aparelho esotérico ao qual o movimento nazista melhor se adapta a partir dessa época em que o médium se torna, não um louco total, como o supõe Rauschning, mas um instrumento mais dócil e o tambor de uma marcha infinitamente mais ambiciosa do que a marcha para o poder de um partido, de uma nação e mesmo de uma raça.

Foi Himmler o encarregado da organização da S.S., não como uma companhia policial, mas como uma verdadeira ordem religiosa, hierarquizada, dos irmãos leigos aos superiores. Nas altas esferas encontram-se os responsáveis conscientes de uma Ordem Negra, cuja existência aliás nunca foi oficialmente reconhecida pelo governo nacional-socialista. Mesmo no centro do partido falava-se daqueles que sabiam do círculo interior, mas nunca foi dada uma designação oficial. Parece certo que a doutrina, jamais completamente explicada, se baseava na crença absoluta em poderes que ultrapassam os poderes humanos vulgares. Nas religiões distingue-se a teologia, considerada uma ciência, da mística, intuitiva e incomunicável. Os trabalhos da sociedade Ahnenerbe, a que nos referiremos mais adiante, representam o aspecto teológico, a Ordem Negra o aspecto místico da religião dos Senhores de Tule.

O que é necessário compreender é que a partir do momento em que toda a obra de reunião e excitação do partido hitleriano muda de direção, ou antes, é mais severamente orientada no sentido da doutrina secreta (mais ou menos bem compreendida e aplicada, até aqui, pelo médium colocado nos postos de propaganda), já não estamos em presença de um movimento nacional e político. Na prática, os temas serão os mesmos, mas tratar-se-á apenas, da linguagem exotérica dirigida às multidões, de uma descrição dos objetivos imediatos, atrás dos quais há outros objetivos. Nada mais contou exceto a perseguição infatigável de um sonho pavoroso. Dali em diante, se Hitler tivesse tido à sua disposição um povo que pudesse, melhor do que o povo alemão, servir a exaltação do seu pensamento supremo, não teria hesitado em sacrificar o povo alemão. Não o seu pensamento supremo, mas o supremo pensamento de um grupo mágico agindo através dele. Brasillach reconhece que ele sacrificaria toda a felicidade humana, a sua e ainda por cima a do seu povo se o misterioso dever ao qual obedecia lho ordenasse.

Vou confiar-lhe um segredo, disse Hitler a Rauschning: estou a fundar uma ordem. Evoca os Burgs onde se realizará uma primeira iniciação. E acrescenta: É de lá que sairá a segunda categoria, a do homem medida e centro do mundo, do homem-deus. O homem-deus, a figura esplêndida do Ser, será como uma imagem do culto... Mas existem outras categorias de que me não é permitido falar.. .

Central de energia edificada em redor da central principal, a Ordem Negra isola do mundo todos os seus membros, seja qual for o grau iniciático a que pertençam. Bem entendido, escreve Poetel, não era mais do que um pequeno círculo de altos graduados e de grandes chefes S.S. que estavam ao corrente das teorias e das reivindicações essenciais. Os membros das diversas formações preparatórias só foram informados quando lhes foi imposto, antes de contraírem matrimônio, que pedissem autorização aos seus chefes, ou quando os colocaram sob uma jurisdição própria da Ordem, extremamente rigorosa aliás, mas cujo efeito era de os subtrair à competência da autoridade civil. Verificaram então que fora das leis da Ordem não tinham qualquer outro dever e que já não havia para eles existência privada.

Os monges combatentes, (Monge = grego monos = só), os S.S. com o emblema da

caveira (que é preciso não confundir com outras organizações como a Waffen S.S., compostas por irmãos leigos ou por terciários da Ordem, ou ainda por mecânicas humanas construídas à semelhança do verdadeiro S.S como reproduções côncavas do modelo) receberão a primeira iniciação em Burgs. Mas primeiro terão passado pelo seminário, a Napola. Ao inaugurar uma dessas Napola, ou escolas preparatórias Himmler reduz a doutrina ao seu mais pequeno denominador comum: Crer, obedecer, combater e é tudo.

São escolas onde, como diz o Schwarze Korps de 26 de Novembro de 1942, se aprende a dar e a receber a morte.

Mais tarde, se disso são dignos, os cadetes recebidos nos Burgs compreenderão que receber a morte pode ser interpretado no sentido de matar o seu eu. Mas se não são dignos, é a morte física que receberão sobre os campos de batalha. A tragédia da grandeza é ter de pisar cadáveres. E que importa? Nem todos os homens têm existência verdadeira e há uma hierarquia da existência, do homem-fingido ao grande mago. Mal sai do nada o cadete volta para lá, depois de vislumbrar, para a sua salvação, o caminho que conduz à figura esplêndida do Ser... Era nos Burgs que se pronunciavam os votos, e que se entrava num destino sobre-humano irreversível. A Ordem Negra traduz em atos as ameaças do doutor Ley: Aquele a quem o partido retirar o direito à camisa negra - é preciso que cada um de nós o saiba -, não só perderá as suas funções como ainda será aniquilado, na sua pessoa, nas pessoas da sua família, de sua mulher e de seus filhos. Tais são as duras leis, as leis implacáveis da nossa Ordem.

Eis-nos fora do mundo. Já não se trata da Alemanha eterna ou do Estado nacional-socialista, mas da preparação mágica, para a vinda do homem-deus, do homem-após-o-homem que as Potências enviarão sobre a Terra, quando tivermos modificado o equilíbrio das forças espirituais. A cerimônia em que se recebia a runa S.S. devia assemelhar-se bastante ao que descreve Reinhold Schneider quando evoca os membros da Ordem Tectônica na grande sala do Remter de Marienburg, inclinando-se sob os votos que dali para o futuro fariam deles a Igreja Militante: Eles vinham de países de aspectos diversos, vinham de uma vida agitada. Entravam na austeridade limitada deste castelo e abandonavam os seus brasões pessoais cujas armas tinham sido usadas pelo menos por quatro antepassados. Agora, o seu brasão seria a cruz que impõe o combate mais grave deste mundo e assegura a vida eterna. Aquele que sabe não fala: não existe qualquer descrição da cerimônia iniciática nos Burgs, mas sabe-se que tal cerimônia se realizava. Chamavam-lhe a cerimônia da Atmosfera Densa, em alusão à atmosfera extraordinariamente tensa que reinava e não se dissipava senão depois de os votos terem sido pronunciados. Alguns ocultistas como Lewis Spence pretenderam ver nela uma missa negra na pura tradição satânica. Pelo contrário, Willi Frieschauer, no seu trabalho sobre Himmler interpreta a Atmosfera Densa como o momento de embrutecimento absoluto dos participantes. Entre estas duas teses há lugar para uma interpretação mais realista e portanto mais fantástica.

Destino irrevogável: foram concebidos planos para isolar o S.S. do mundo dos homens-fingidos durante toda a sua vida. Projetaram a criação de cidades, de vilas de veteranos repartidas através do Mundo e que dependessem unicamente da administração e da autoridade da Ordem. Mas Himmler e os seus irmãos conceberam um sonho mais grandioso ainda. O mundo teria por modelo um Estado S.S. soberano. Na conferência da paz, diz Himmler, em Março de 1943, o mundo ficará a saber que a velha Borgonha

vai ressuscitar, esse país que outrora foi a terra das ciências e das artes e que a França relegou para a categoria de apêndice conservado em vinho fraco, O Estado soberano de Borgonha, com o seu exército, as suas leis, a sua moeda, os seus correios, será o Estado S.S. modelo. Compreenderá a Suíça francesa, a Picardia, a Champanha, o Franco-Condado, o Hainautl e o Luxemburgo. A língua oficial será o alemão, bem entendido. O Partido Nacional-Socialista não terá ali qualquer autoridade. Só a S.S. governará, e o mundo ficará ao mesmo tempo assombrado e maravilhado com esse Estado onde as concepções do mundo S.S. serão aplicadas.

O verdadeiro S.S. de formação iniciática situa-se, a seus próprios olhos, para além do bem e do mal. A organização de Himmler não conta com o auxílio fanático de sádicos que procuram a voluptuosidade do assassínio: conta com homens novos. Fora do círculo interior, que inclui os S.S. com o emblema da caveira, isto é, os chefes mais próximos da doutrina secreta, segundo a sua categoria, e cujo centro é Tule, o santuário, há o S.S. de tipo médio, que não passa de uma máquina sem alma, um autômato de serviço. É obtido com um fabrico Standard, a partir de qualidades negativas.

A sua produção não depende da doutrina, mas de simples métodos de preparação. Não se trata de suprimir a desigualdade entre os homens, mas pelo contrário de a ampliar e dela fazer uma lei protegida por barreiras intransponíveis, diz Hitler... Que aspecto terá a futura ordem social? Meus camaradas, vou dizer-lhes: haverá uma classe de senhores, haverá a multidão dos diversos membros do partido classificados hierarquicamente, haverá a grande massa dos anônimos, a coletividade dos servidores, dos perpetuamente menores e, mais abaixo ainda, a classe dos estrangeiros conquistados, os modernos escravos. E, acima de tudo isto, uma nova alta nobreza de que não posso falar. . . Mas estes planos devem ser ignorados pelos simples militantes.. .

O mundo é uma matéria a transformar para que dela emane uma certa energia, concentrada por magos, uma energia psíquica susceptível de atrair as Potências do Exterior, os Superiores Desconhecidos, os Mestres do Cosmos. A atividade da Ordem Negra não corresponde a nenhuma necessidade política ou militar: corresponde a uma necessidade mágica. Os campos de concentração provêm da magia de iniciação: são um ato simbólico, uma maquete. Todos os povos serão arrancados às suas raízes, transformados numa imensa população nômade, numa matéria bruta sobre a qual será lícito agir, da maneira que se quiser, e da qual brotará a flor: o homem em contacto com os deuses. É o modelo côncavo (como dizia Barbey d'Aurevilly: o inferno é o céu em côncavo) do planeta tornado o campo dos labores mágicos da Ordem Negra.

No ensinamento dos Burgs, uma parte da doutrina secreta é transmitida pela seguinte fórmula: Não existe senão o Cosmos, ou o Universo, ser vivo. todas as coisas, todos os seres incluindo o homem, não passam de formas diversas ampliando-se no decorrer das eras do universal vivo. Nós próprios não estaremos vivos enquanto não tomarmos consciência desse Ser que nos cerca, nos engloba e prepara através de nós outras formas. A criação não está terminada, o Espírito do Cosmos não encontrou o repouso, estejamos atentos às suas ordens, que nos serão transmitidas por deuses, a nós, magos bárbaros, padeiros da sangrenta e cega massa humana! Os fornos de Auschwitz: ritual.

O coronel S.S. Wolfram Sievers, que se limitara a uma defesa puramente racional,

pediu, antes de entrar para a sala de enforcamento, que o deixassem celebrar, uma última vez o seu culto, murmurar misteriosas orações. Depois entregou o pescoço ao carrasco, Impassível.

Ele fora o administrador-geral da Ahnenerbe e como tal foi condenado à morte em Nuremberg. A sociedade de estudo para a herança dos antepassados, a Ahnenerbe, fora fundada a título privado pelo mestre espiritual de Sievers, Frederico Hielscher, místico amigo do explorador sueco Sven Hedin, o qual mantinha relações estreitas com Haushoffer. Sven Hedin, especialista do Extremo-Oriente, vivera muito tempo no Tibete e fora um intermediário importante na criação das doutrinas esotéricas nazistas. Frederico Hielscher nunca foi nazista e chegou mesmo a manter relações com o filósofo judeu Martin Buber.

Mas as suas teses profundas lembravam as posições mágicas dos grandes mestres do nacional-socialismo. Himmler, em 1935, dois anos depois da fundação, fez da Ahnenerbe uma organização oficial, ligada à Ordem Negra. Os objetivos declarados eram: Investigar a localização, o espírito, os atos, a herança da raça indo-germânica e comunicar ao povo, sob uma forma interessante, os resultados dessas investigações. A execução dessa missão deve fazer-se empregando métodos de precisão científica. Toda a organização racional alemã posta ao serviço do irracional. Em Janeiro de 1939, a Ahnenerbe estava pura e simplesmente incorporada à S.S. e os seus chefes integrados no estado-maior de Himmler. Nessa altura, ela dispunha de cinqüenta institutos dirigidos pelo professor Wurst, especialista dos antigos textos sagrados e que ensinara o sânscrito na Universidade de Munique.

Parece que a Alemanha gastou mais dinheiro com as investigações da Ahnenerbe do que a América com o fabrico da primeira bomba atômica. Essas investigações iam da atividade científica propriamente dita até ao estudo das práticas ocultas, da vivissecção praticada nos prisioneiros até à espionagem das sociedades secretas. Fizeram-se conferências com Skorzeny para organizar uma expedição cujo objetivo era roubar o Santo Graal, e Himmler criou uma secção especial, um serviço de informações encarregado dos domínios do sobrenatural.

A lista dos relatórios dispendiosamente estabelecidos pela Ahnenerbe confunde a imaginação: presença da confraria Rosa-Cruz, simbolismo da abolição da harpa no Ulster, significado oculto das torres góticas e dos chapéus altos de Eton, etc. Quando as tropas se preparam para evacuar Nápoles, Himmler multiplica as ordens para que não se esqueçam de levar a grande pedra tumular do último imperador Hohenstoffen. Em 1943, após a queda de Mussolini, o Reichsführer reúne numa vivenda dos arredores de Berlim os seis maiores ocultistas da Alemanha para descobrir o local onde o Duce está prisioneiro. As conferências de estado-maior principiam com uma sessão de concentração lógica. No Tibete, por ordem de Sievers, o doutor Scheffer estabelece múltiplos contactos com os lamas. Leva para Munique, para os estudos científicos, cavalos arianos e abelhas arianas cujo mel tem virtudes particulares.

Durante a guerra, Sievers organiza, nos campos de deportados, as horríveis experiências que desde então serviram de tema a vários livros negros. A Ahnenerbe enriqueceu-se com um instituto de investigações científicas de defesa nacional que dispunha de todas as possibilidades concedidas em Dachau.

O professor Hirt, que dirige esses institutos, arranja uma coleção de esqueletos tipicamente israelitas. Sievers encomenda ao exército invasor na Rússia uma coleção

de crânios de comissários judeus. Quando, em Nuremberg, se evocam esses crimes, Sievers mantém-se alheio a qualquer sentimento humano normal, estranho a qualquer piedade. Está distante. Escuta outras vozes.

Hielscher representou sem dúvida um papel importante na elaboração da doutrina secreta. Fora dessa doutrina, a atitude de Sievers, tal como a dos outros grandes responsáveis, mantém-se incompreensível. Os termos monstruosidade moral, crueldade mental, loucura, nada explicam. A respeito do mestre espiritual de Sievers, quase nada se sabe. Mas Ernst Jünger refere-se-lhe no diário que manteve durante os seus anos de ocupação em Paris. O tradutor francês não reparou numa nota, a nossos olhos capital. É que de fato o sentido da mesma só se torna evidente dentro da explicação realista-fantástica do fenômeno nazista. a 14 de Outubro de 1943, Jünger escreve:

À noite, visita de Bogo. (Por prudência, Jünger dissimula as altas personalidades sob pseudônimos. Bogo é Hielscher, assim como Kniebolo é Hitler). Numa época tão pobre em forças originais, ele surge-me como uma das pessoas das minhas relações a respeito das quais mais refleti sem conseguir formar uma opinião. Supus outrora que ele entraria na história da nossa época como uma dessas personagens pouco conhecidas, mas de extraordinária subtileza de espírito. Agora penso que terá um papel mais importante. Muitos, se não a maior parte dos jovens intelectuais da geração que se tornou adulta após a grande guerra, sofreram a sua influência e muitas vezes passaram pela sua escola... Ele confirmou uma suspeita que há muito tempo alimento, a de que fundou uma igreja. Situa-se atualmente para lá da dogmática e já avançou muito na liturgia. Mostrou-me uma série de cantos e um ciclo de festas, o ano pagão, que engloba uma ordenança completa de deuses, de cores, animais, iguarias, pedras e plantas. Vi ali que a consagração da luz se celebra a 2 de Fevereiro. . .

E Jünger acrescenta, confirmando a nossa tese:

Pude constatar em Bogo uma modificação fundamental que me parece característica de todo o nosso escol: arremessa-se impetuosamente para os domínios metafísicos, com todo o entusiasmo de um pensamento formado pelo racionalismo. Isto já me tinha impressionado em Spengler e está entre os presságios favoráveis. Poderia dizer-se que o século XIX foi um século racional e que o século XX é o dos cultos. O próprio Kniebolo (Hitler) vive deles, daí a total incapacidade dos espíritos liberais em conceberem nem que seja uma pequena idéia do seu universo.

Hielscher, que não fora incomodado, depôs a favor de Sievers no processo de Nuremberg. Limitou-se, perante os juízes, a diversões políticas, expôs opiniões voluntariamente absurdas sobre as raças e as tribos ancestrais. Pediu licença para acompanhar Sievers ao patíbulo, e foi com ele que o condenado fez as orações particulares de um culto a que este nunca se referiu durante os interrogatórios. Depois voltou à sombra.

Eles pretendiam modificar a vida e misturá-la com a morte de uma forma diferente. Preparavam a vinda do Supremo desconhecido. Tinham uma concepção mágica do mundo e do homem. A isso sacrificaram toda a juventude do seu país e ofereceram aos deuses um oceano de sangue humano. Tinham feito tudo para se porem de acordo com a vontade das Potências. Odiavam a moderna civilização ocidental, quer fosse burguesa ou operária, aqui o seu humanismo insípido e além o seu materialismo limitado. Tinham de vencer, pois eram portadores de uma chama que os seus inimigos,

capitalistas ou marxistas, há muito tinham deixado extinguir-se dentro deles, repousando sonolentos sobre uma concepção do destino inexpressiva e limitada. Seriam os mestres durante um milênio, porque estavam do lado dos magos, dos grandes sacerdotes, dos demiurgos...

E ei-los vencidos, espezinhados, julgados, humilhados por pessoas ordinárias que mastigam chewing-gum ou bebem vodka; pessoas sem qualquer espécie de inspiração sagrada, de crenças limitadas e com objetivos sem grandeza. Pessoas do mundo da superfície, positivas, racionais, morais, homens simplesmente humanos. Milhões de homenzinhos de boa vontade punham em posição crítica a vontade dos cavaleiros das trevas resplandecentes. A Leste, esses papalvos mecanizados, a Oeste, esses puritanos de esqueleto mole tinham construído em quantidades superiores tanques, aviões, canhões.

E possuíam a bomba atômica, eles que não sabiam nada a respeito das grandes energias ocultas! E agora, como os caracóis depois da tempestade, saídos da chuva de ferro, juízes de óculos, professores de direito humanitário, de virtude horizontal, doutores em mediocridade barítonos do Exército de Salvação, carregadores da Cruz Vermelha, ingênuos porta-vozes dos amanhãs que cantam ' iam a Nuremberg dar lições de moral primária aos Senhores, aos monges combatentes que tinham assinado um pacto com as Potências, aos Sacrificadores que liam no espelho negro, aos aliados de Schamballah, aos herdeiros do Graal! E enviavam-nos para a forca acusando-os de criminosos e loucos enraivecidos!

O que não podiam compreender os acusados de Nuremberg e os seus chefes que se haviam suicidado, é que a civilização que acabava de triunfar era, também ela e com maior certeza, uma civilização espiritual, um formidável movimento que, de Chicago a Tachkent, arrasta a humanidade para um destino mais alto. Eles tinham posto em dúvida a Razão e substituíram-lhe a magia. É que de fato a Razão cartesiana não engloba o todo do homem, o todo do seu conhecimento. Tinham-na posto a dormir. Ora o sono da razão gera os monstros. O que se passava no partido adversário é que a razão, de forma nenhuma adormecida, mas pelo contrário exaltada ao máximo, alcançava por um caminho mais alto os mistérios do espírito, os segredos da energia, as harmonias universais.

À força de racionalidade exigente, o fantástico aparece e os monstros gerados pelo sono da razão não passam da sua negra caricatura. Mas os juízes de Nuremberg, mas os porta-vozes da civilização vitoriosa não sabiam que aquela guerra fora uma guerra espiritual. Não tinham uma visão suficientemente elevada do seu próprio mundo. Apenas acreditavam que o Bem vencera o Mal, sem ter visto a profundidade do mal vencido e a grandeza do bem triunfante. Os místicos guerreiros alemães e japoneses julgavam-se mais mágicos do que na realidade eram. Os civilizados que os tinham vencido não tomaram consciência do superior sentido mágico que o seu próprio mundo adquiria. Eles falavam da Razão, da Justiça, da Liberdade, do Respeito pela Vida, etc., num plano que já não era o dessa segunda metade do século XX na qual o conhecimento se transformou, onde a passagem para outro estado da consciência humana se tornou perceptível.

É verdade que os nazistas deviam ganhar, se o mundo moderno não passasse do que ainda é aos olhos da maior parte de nós: a herança pura e simples do século XIX, materialista e cientista, e do pensamento burguês que considera a Terra um local onde

devemos desfrutar o maior prazer possível. Existem dois diabos. Aquele que transforma a ordem divina em desordem, e o que transforma a ordem noutra ordem não divina.

A Ordem Negra devia vencer uma civilização que ela supunha caída ao nível dos apetites apenas materiais, dissimulados sob uma moral hipócrita. Mas ela não era apenas isso. Um rosto novo surgia durante o martírio que os nazistas lhe infligiam, como o Rosto sobre o Santo Sudário. Do aumento da inteligência nas massas à física nuclear, da psicologia dos vértices da consciência aos foguetões interplanetários, uma alquimia se operava, esboçava-se a promessa de uma transmutação da humanidade, de uma ascensão do ser vivo.

Talvez isso não se constatasse de forma evidente, e alguns espíritos medianamente profundos lamentavam os tempos muito antigos da tradição espiritual, mantendo desta forma um certo pacto com o inimigo no mais ardente de si próprios, devido à sua revolta contra este mundo no qual só viam uma mecanicidade cada vez mais invasora. Mas, ao mesmo tempo, homens como Teilhard de Chardin, por exemplo, tinham os olhos mais abertos. Os olhos da inteligência superior e os olhos do amor descobrem a mesma coisa sobre planos diferentes.

O impulso dos povos a caminho da liberdade, o canto de confiança dos mártires continham em gérmen essa grande esperança arcangélica. Essa civilização, tão mal interpretada do exterior pelos místicos adeptos do passado como do interior pelos progressistas primários, devia ser salva. O diamante risca o vidro. Mas o borazon, cristal sintético, risca o diamante. A estrutura do diamante é mais ordenada que a do vidro. Os nazistas podiam vencer. Mas a inteligência alerta pode ter uma ação criadora, edificando figuras da ordem mais puras do que as que brilham nas trevas.

Quando me esbofeteiam não apresento a outra face e também não dou um murro: atiro um raio. Era necessário que essa batalha entre os Senhores das camadas inferiores e os homenzinhos da superfície, entre as Potências obscuras e a humanidade em progresso, terminasse em Hiroshima com o sinal evidente da Potência sem discussão.

# TERCEIRA PARTE

## O HOMEM, ESSE INFINITO - UMA NOVA INSTITUIÇÃO

### I

**O Fantástico no fogo e no sangue. - As barreiras da incredulidade. - O primeiro foguetão. - Burgueses e obreiros da Terra. - Os fatos falsos e a ficção verdadeira. Os mundos habitados. - Os visitantes vindos do exterior - As grandes comunicações. - os mitos modernos. Do realismo fantástico em psicologia. - Para uma exploração do fantástico interior - Exposição do método. Uma concepção diferente da liberdade.**

Quando saí da cave, Juvisy, a cidade da minha infância tinha desaparecido. Uma espessa bruma amarelada recobria um mar de caliça de onde saíam apelos e gemidos. O mundo dos meus jogos, das minhas amizades, dos meus amores e a maior parte das testemunhas do início da minha vida jaziam sob esse vasto campo lunar. Um pouco mais tarde, quando os socorros se organizaram, os pássaros, enganados pelos projetores, regressaram e, supondo que era dia, começaram a cantar nas moitas cobertas de poeira.

Outra recordação: numa manhã de Verão, três dias antes da Libertação, encontrava-me eu, com dez camaradas, numa casa particular próximo do bosque de Bolonha. Vindos de diversos acampamentos de juventude bruscamente abandonados, o acaso reuniu-nos naquela última escola de quadros onde continuavam a ensinar-nos, imperturbavelmente, enquanto o mundo se desmoronava no meio do estrondo das armas e dos grilhões, a arte de fabricar marionetes, de representar comédias e de cantar. Naquela manhã, de pé no hall de um falso gótico, sob a orientação de um romântico chefe de coro, cantávamos a três vozes uma canção folclórica: Dêem-me água, dêem-me água, água, água para os meus dois cântaros. . . O telefone interrompeu-nos.

Alguns minutos depois, o nosso professor de canto fazia-nos entrar para uma garagem. Outros rapazes, de pistola em punho, vigiavam as entradas. Entre os velhos automóveis e os barris de óleo jaziam alguns jovens, crivados de balas, acabados de matar à granada: era o grupo de resistentes torturados pelos alemães na Cascata do Bosque. Tinham conseguido reaver os corpos. Encomendaram-se caixões. Partiram estafetas para prevenir as famílias. Era necessário lavar os cadáveres, limpar as poças de sangue, abotoar os casacos e as calças abertas pelas granadas, cobrir de papel branco e deitar dentro das suas caixas aqueles assassinados cujos olhos, as bocas e as feridas gritavam de pavor, dar àqueles rostos, àqueles corpos, uma aparência de morte decente; e naquele odor de matadouro, de esponja ou escova na mão, nós dávamos água, água, água...

Pierre Mac Orlan, antes dessa guerra, viajava em busca do fantástico social que encontrava no pitoresco dos grandes portos: tabernas de Hamburgo sob a chuva, cais do Tamisa, fauna de Antuérpia. Requinte encantador! Mas já fora de uso.

O fantástico deixou de ser uma ocupação de artista para se tornar, no meio do fogo e do sangue, a experiência vivida pelo mundo civilizado. O marroquineiro da nossa rua apareceu uma manhã estendido à porta de casa, com uma estrela amarela sobre o coração. O filho da porteira recebia mensagens de Londres em estilo surrealista e usava invisíveis galões de capitão. Uma secreta guerra de partidos colocava subitamente sujeitos enforcados nas varandas da aldeia. Vários universos, violentamente diferentes, se sobrepunham; uma aragem do acaso nos fazia passar de um para outro.

Bergier conta-me No campo Mauthausen usávamos a menção N. N., noite e nevoeiro. Nenhum de nós pensava sobreviver. A 5 de Maio de 1945, quando o primeiro jeep americano galgou a colina, um deportado russo, responsável pela luta anti-religiosa na Ucrânia que estava deitado ao meu lado, ergueu-se sobre um cotovelo e exclamou: Deus seja louvado!

Todos os homens válidos foram repatriados em fortaleza voadora, e foi por isso que me encontrei, na madrugada de 19, no aeródromo de Heinz, na Áustria. O avião vinha da Birmânia.

É uma guerra mundial, não é verdade?, disse-me o radiotelegrafista. Transmitiu a meu pedido uma mensagem para o quartel-general aliado de Reims, depois mostrou-me o equipamento de radar. Havia toda a espécie de aparelhos cuja realização eu julgara impossível antes do ano 2000. Em Mauthausen, os médicos americanos tinham-me falado da penicilina. Em dois anos, as ciências tinham avançado um século. Tive uma idéia louca:

E a energia atômica? - Falam nisso, respondeu-me o radiotelegrafista. É bastante secreto, mas correm boatos. . .

Algumas horas depois encontrava-me no boulevar de Madeleine, com o meu fato de riscas. Seria Paris? Seria um sonho? Estava rodeado por pessoas, faziam-me perguntas. Refugiei-me no metropolitano e telefonei a meus pais: Esperem um momento já aí vou. Mas voltei a sair. Era mais importante que tudo. Em primeiro lugar precisava de encontrar o meu local favorito de antes da guerra: a livraria americana Brentano's, na avenida da Ópera: Fiz uma entrada notável. Todos os jornais, todas as revistas, às braçadas... Sentado num banco das Tulherias, tentei reconciliar o universo presente com aquele que tinha conhecido. Mussolini fora pendurado num gancho. Hitler suicidara-se. Havia tropas alemãs na ilha de Oléron e nos portos do Atlântico. Então a guerra em França não terminara? As revistas técnicas eram perturbantes. A penicilina, que era o triunfo de sir Alexander Fleming, seria então uma coisa séria? Uma nova química surgira, a dos silicones, corpos intermédios entre o orgânico e o mineral.

O helicóptero, cuja impossibilidade fora demonstrada em 1940, era construído em série. A eletrônica acabava de fazer progressos fantásticos. A televisão em breve estaria tão difundida como o telefone. Desembarquei num mundo edificado pelos meus sonhos sobre o ano 2000. Vários textos eram-me incompreensíveis. Quem era esse marechal Tito? E essas Nações Unidas? E esse D. D. T.?

Bruscamente, comecei a compreender, em carne e espírito, que já não era nem prisioneiro, nem condenado à morte, e que tinha todo o tempo e toda a liberdade para compreender e para agir. Tinha, em primeiro lugar, toda aquela noite, se assim o desejasse... Devo ter ficado muito pálido. Uma mulher dirigiu-se-me e pretendeu levar-me a um médico. Fugi, corri para casa de meus pais, que encontrei lavados em lágrimas. Sobre a mesa da sala de jantar havia envelopes trazidos por ciclistas, telegramas militares e civis. Lião ia dar o meu nome a uma rua, era nomeado capitão, condecorado por diversos países, e uma expedição americana em busca de armas secretas na Alemanha pedia o meu auxílio. Por volta da meia-noite, meu pai obrigou-me a ir para a cama. No momento de adormecer, a minha memória foi inexplicavelmente assaltada por duas palavras latinas: magna, mater.

No dia seguinte de manhã, ao acordar, encontrei-as de novo e compreendi-lhes o sentido. Na antiga Roma os candidatos ao culto secreto da magna mater tinham de passar através de um banho de sangue. Se sobreviviam, nasciam uma segunda vez.

Naquela guerra, todas as portas de comunicação entre todos os mundos se abriram. Uma formidável corrente de ar. Depois a bomba atômica projetou-nos na era atômica. No momento a seguir, os foguetões anunciavam-nos a era cósmica. Tudo se tornava possível. As barreiras da incredulidade, tão fortes no século XIX, acabavam de ser violentamente sacudidas pela guerra. Agora, desmoronavam-se por completo.

Em Março de 1954, o senhor Ch. Wilson, secretário americano do Ministério da Guerra, declarava: Os U.S.A., assim como a Rússia, possuem daqui para o futuro o poder de destruir o Mundo inteiro. A idéia do final dos tempos penetrava nas consciências. Separado do passado, receoso do futuro, o homem descobria o presente como um valor absoluto, essa pequena fronteira como uma eternidade recuperada. Viajantes do desespero, da solidão e do eterno partiam em jangadas pelos mares fora, Noés experimentais, pioneiros do próximo dilúvio, alimentando-se de plâncton e de peixes alados. Ao mesmo tempo afluíam em todos os países testemunhos sobre a aparição de

discos voadores. O céu povoava-se de inteligências exteriores. Um modesto comerciante de sandes, chamado Adamsky, que tinha uma loja por baixo do grande telescópio do monte Palomar, na Califórnia, nomeia-se professor, declara que os venusianos o visitaram, conta as conversas trocadas num livro que obteve um dos maiores êxitos de venda do após-guerra e transforma-se no Rasputin da corte da Holanda. Num mundo igualmente visitado pelo trágico e pelo estranho, podemos perguntar a nós próprios como são feitas as pessoas que não têm fé e que também se não querem divertir.

Quando lhe falavam no fim do Mundo, Chesterton replicava: Porque me hei-de preocupar? O fim do Mundo já se deu várias vezes. Há um milhão de anos que os homens habitam a Terra, e sem dúvida sofreram mais de um apocalipse. A inteligência extinguiu-se e reacendeu-se diversas vezes. Um homem que se vê caminhar ao longe na noite, com uma lanterna na mão, é alternadamente sombra e fogo. Tudo nos incita a pensar que o fim do Mundo se deu mais uma vez e que fazemos agora uma nova aprendizagem da existência inteligente num mundo novo: o mundo das grandes massas humanas, da energia nuclear, do cérebro eletrônico e dos foguetões interplanetários. Talvez precisássemos de uma alma e de um espírito diferentes para esta Terra diferente.

A 16 de Setembro de 1959, às 22 h. e 2 m., todos os rádios de todos os países anunciaram que pela primeira vez um foguetão lançado da Terra acabava de pousar sobre a Lua. Eu escutava o Rádio Luxemburgo. O locutor deu a notícia e continuou para apresentar a emissão de variedades transmitida todos os domingos àquela hora e que se intitula Porta Aberta. . . Saí para o jardim para contemplar a Lua brilhante, o Mar de Serenidade sobre o qual repousavam desde há segundos os destroços do foguetão. O jardineiro também estava no jardim.

É tão belo como os Evangelhos, senhor.. . Ele concedia espontaneamente a verdadeira grandeza ao fato, colocava o acontecimento na sua dimensão. Sentia-me verdadeiramente próximo desse homem, de todos os homens simples que erguiam o rosto para o céu, naquele minuto, cheios de assombro, de uma imensa e confusa emoção. Feliz do homem que perde a cabeça, recuperá-la-á no céu! E ao mesmo tempo sentia-se extraordinariamente longe das pessoas do meu meio, de todos esses escritores, filósofos e artistas que se recusam a tais entusiasmos sob o pretexto de lucidez e de defesa do humanismo.

O meu amigo Jean Dutourd, por exemplo notável escritor apaixonado por Stendhal, dissera-me alguns dias antes: Continuemos sobre a Terra, não nos deixemos distrair com esses comboios elétricos para adultos. Outro amigo muito caro, Jean Giono, que eu fora visitar a Manosque, na Provença, contara-me que, ao passar por Colmar-les-Alpes, num domingo de manhã, vira o capitão do quartel e o padre a fazerem uma troca de amabilidades no átrio da igreja. Enquanto houver padres e capitães de quartéis que troquem amabilidades, haverá lugar neste mundo para a felicidade e estaremos melhor aqui do que na Lua. . .

Pois é verdade, todos os meus amigos eram burgueses atrasados num mundo onde os homens, solicitados por imensos projetos à escala do cosmos, principiam a sentir-se obreiros da Terra. Fiquemos sobre a Terra!, diziam eles. Reagiam como os operários das fábricas de seda de Lião quando se descobriu a tecelagem: receavam perder o emprego. Na era que iniciamos, os meus amigos escritores sentem que as perspectivas

sociais, morais, políticas e filosóficas da literatura humanista, ou do romance psicológico, em breve aparecerão como insignificantes.

O grande efeito da literatura dita moderna é impedir-nos de ser realmente modernos. Bem se podem convencer de que escrevem para toda a gente. Sentem que está próximo o tempo em que o espírito das massas será atraído por grandes mitos, pelo projeto de formidáveis aventuras, e em que, continuando a escrever as suas pequenas histórias humanas, desiludirão as pessoas com acontecimentos falsos em vez de lhes contarem fantasias verdadeiras.

Nessa noite de 16 de Setembro de 1959, quando desci ao jardim e contemplei, com os meus olhos de homem maduro fatigados e ávidos, a Lua no céu profundo, portadora doravante do rasto humano, a minha emoção duplicou, pois pensava em outrora, todas as noites, no seu miserável jardinzinho dos arredores. E, como ele, achei-me a formular a mais vasta das perguntas: Homens deste mundo, seremos nós os únicos seres vivos? Meu pai fazia esta pergunta porque possuía uma grande alma, e também porque lera obras de um espiritualismo duvidoso, efabulações primárias. Eu formulava-a, lendo a Pravada e estrelas, de rosto erguido, uni-me a ele na mesma curiosidade que acompanha uma infinita dilatação do espírito.

Evoquei há pouco o aparecimento do mito dos discos voadores. É um fato social significativo. É evidente, porém, que não se pode dar crédito a essas astronaves de onde desembarcam homenzinhos que vão discutir com guarda-barreiras ou comerciantes de sandes. Marcianos, Saturninos ou Jupterianos são improváveis. Mas, resumindo o total dos conhecimentos reais sobre a questão o nosso amigo Charles-Nóel Martin escreve: A multiplicidade dos planetas habitáveis nas galáxias, e na nossa em particular, conduz a uma quase certeza de haver formas de vida excessivamente numerosas. Sobre todo o planeta de qualquer outro sol, mesmo as centenas de anos-luz da Terra, se a massa e a atmosfera são idênticas, devem existir seres à nossa semelhança. Ora o cálculo demonstra que podem existir, apenas na nossa galáxia, dez a quinze milhões de planetas mais ou menos comparáveis à Terra. Harlow Shapley, no seu trabalho Homens e Estrelas, conta no Universo conhecido cem milhões de irmãs prováveis da nossa Terra. Tudo nos leva a crer que outros mundos são habitados, que outros seres povoam o Universo. No fim do ano de 1959 foram instalados laboratórios na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Sob a direção dos professores, Coccioni e Morrisson, pioneiros das grandes comunicações, ali se procuram os sinais que possivelmente nos dirigem outros seres vivos nos cosmos.

Mais do que a chegada de foguetões sobre os astros próximos, o contacto dos homens com outras inteligências, e talvez com outros psiquismos, poderia ser o acontecimento mais perturbante de toda a nossa história.

Se existem outras inteligências, algures, saberão elas da existência? Captarão e seguirão o eco longínquo das ondas de rádio e televisão que nós emitimos? Verão elas, com o auxílio de aparelhos, as perturbações produzidas sobre o nosso Sol pelos planetas gigantes Júpiter e Saturno? Enviarão elas engenhos em direção à nossa galáxia? O nosso sistema solar pôde ser atravessado inúmeras vezes por foguetões observadores sem que tivéssemos tido a menor percepção do fato. Já nem sequer conseguimos, na hora a que escrevo, detectar o nosso Lunik III, cujo aparelho emissor está avariado. Ignoramos aquilo que se passa nos nossos próprios domínios.

Teremos já sido visitados por seres habitantes do Algures? É muito provável que alguns

planetas tenham recebido visitas. Porquê particularmente a Terra? Há bilhões de astros espalhados pelo campo dos anos-luz. Seremos nós os mais próximos? Todavia, é lícito imaginar que grandes estranhos podem ter vindo contemplar o nosso globo, talvez pousar nele, habitá-lo durante um tempo. A vida está presente sobre a Terra pelo menos há um bilhão de anos. O homem apareceu há mais de um milhão de anos, e as nossas recordações datam apenas de há quatro mil anos. Que sabemos nós? Talvez os monstros pré-históricos tenham erguido o seu longo pescoço à passagem de astronaves mas perdeu-se o rasto de tão fabuloso acontecimento...

O doutor Ralph Stair, do N.B.S. americano, ao analisar estranhas rochas hialianas na região do Líbano, as tectites, admite que estas poderiam ser provenientes de um planeta desaparecido, situado outrora entre Marte e Júpiter. Na composição das tectites descobriram-se isótopos radioativos de alumínio e berílio. Vários sábios dignos de crédito supõem que o satélite de Marte, Phobos, seria oco. Tratar-se-ia de um asteróide artificial colocado em órbita por Marte, por inteligências exteriores à Terra. Tal era a conclusão de um artigo da honesta revista Discovery, de Novembro de 1959. Tal é também a hipótese do professor soviético Chtlovski, especialista de radioastronomia.

Num retumbante estudo da Gazeta Literária, de Moscou, de Fevereiro de 1960, o professor Agrest, professor de ciências físico-matemáticas, declarava que as tectites, que só se poderiam ter formado em condições de temperatura muito elevada e de radiações nucleares potentes, talvez sejam vestígios da aterragem de projéteis-sondas vindos do cosmos. Há um milhão de anos teriam vindo visitantes. Para o professor Agrest (que não hesita, nesse estudo, em propor tão fabulosas hipóteses, mostrando desta forma que a ciência, no quadro de uma filosofia, podia e devia abrir-se tão amplamente quanto possível à imaginação criadora, às suposições audaciosas), a destruição de Sodoma e Gomorra teria resultado de uma explosão termonuclear provocada por viajantes do espaço, quer voluntariamente, quer devido a uma destruição necessária dos seus depósitos de energia antes da sua partida para o Cosmos.

Lê-se a seguinte descrição nos manuscritos do Mar Morto: Uma coluna de fumo e de poeira se elevou, semelhante a uma coluna de fumo que tivesse vindo do coração da Terra. Derramou uma chuva de enxofre e de fogo sobre Sodoma e Gomorra e destruiu a cidade, a planície inteira, todos os habitantes e a vegetação. E a mulher de Loth voltou-se e ficou transformada em estátua de sal. E Loth viveu em Isoar, depois instalou-se nas montanhas, porque tinha medo de continuar em Isoar.

As pessoas foram prevenidas para que abandonassem os locais da futura explosão, que não se demorassem nos sítios descobertos, que não contemplassem a explosão e se escondessem debaixo da terra... Os fugitivos que se voltaram ficaram cegos e morreram.

Nessa mesma região do anti-Líbano, um dos mais misteriosos monumentos é o terraço de Baalbeck. Trata-se de uma plataforma com blocos de pedra dos quais alguns medem mais de vinte metros de lado e pesam duas mil toneladas. Nunca foi possível explicar porquê, como, ou por quem essa plataforma foi construída. Para o professor Agrest não é improvável que nos achemos em presença dos vestígios de uma área de aterragem erigida pelos astronautas vindas dos Cosmos.

Finalmente, alguns relatórios da Academia das Ciências de Moscou a respeito da explosão de 30 de Junho de 1908, na Sibéria, sugerem a hipótese da desintegração de

um navio interestelar em perigo.

Nesse dia 30 de Junho de 1908, às sete horas da manhã, um pilar de fogo surgiu por cima da taiga siberiana, elevando-se a 80 quilômetros de altitude. A floresta foi volatilizada num raio de 40 quilômetros, devido ao contacto de uma bola de fogo gigantesca com a terra. Durante várias semanas, por sobre a Rússia, a Europa Ocidental e a África do Norte flutuaram estranhas nuvens douradas que, durante a noite, refletiam a luz solar. Em Londres fotografam-se as pessoas a ler o seu jornal na rua à uma hora da madrugada. Ainda hoje, a vegetação não voltou a aparecer nessa região siberiana. As medidas tomadas em 1960 por uma comissão científica russa revelam que ali a taxa de radioatividade ultrapassa três vezes a taxa normal.

Se fomos visitados, ter-se-ão passeado entre nós os fabulosos exploradores? O bom senso reage: ter-nos-íamos apercebido. Nada é menos certo. A primeira regra de etnologia é não perturbar os animais que se observam. Zimanski, sábio alemão de Tubingen, aluno do genial Conrad Lorenz, estudou durante três anos os caracóis assimilando-lhes a linguagem e o comportamento psíquico de forma que os caracóis o tomavam realmente por um dos seus. Os nossos visitantes puderam agir da mesma maneira com os humanos. Esta idéia é revoltante: no entanto tem fundamento.

Terão vindo à Terra exploradores bem intencionados, antes da história humana conhecida? Uma lenda indiana fala dos Senhores de Dzyan, vindos do exterior para trazerem aos habitantes terrenos o fogo e o arco. Terá a própria vida nascido sobre a Terra ou teria sido depositada pelos Viajantes do Espaço? (A maior parte dos astrônomos e dos teólogos crêem que a vida da Terra principiou sobre a Terra. Mas o astrônomo de Cornell, Thomas Gold, pensa de forma diferente. Num relatório recebido em Los Angeles, no congresso dos sábios do espaço que se realizou em Janeiro de 1960, Gold sugeriu que a vida podia ter existido em qualquer outro sítio no Universo durante inúmeros bilhões de anos antes de criar raízes sobre a Terra. De que forma a vida atingiu a Terra e iniciou a sua longa ascensão em direção ao humano? Talvez tenha sido trazida pelos navios do espaço).

Teremos nós vindo de algures, interroga-se o biologista Loren Eiselev, teremos nós vindo de algures e estaremos a preparar-nos para regressar a casa com o auxílio dos nossos instrumentos? . . .

Uma palavra ainda a respeito do céu: a dinâmica estelar mostra que uma estrela não pode capturar outra. As estrelas duplas ou triplas, cuja existência se observa, deveriam portanto ter a mesma idade. Ora, a espectroscopia revela componentes de diversas idades em sistemas duplos ou triplos. Uma anã branca, velha de dez bilhões de anos, acompanha, por exemplo, uma gigante vermelha de três bilhões. É impossível, e no entanto é assim. Interrogamos a este respeito, Bergier e eu, uma quantidade de astrônomos e de físicos. Alguns, e não dos menores, não excluem a hipótese segundo a qual esses agrupamentos de estrelas anormais teriam sido formados por Vontades, por Inteligências. Vontades, Inteligências, que deslocariam estrelas e as reuniam artificialmente, fazendo assim saber ao Universo que a vida existe em tal região do céu para maior glória do espírito.

A vida existe sobre a Terra há cerca de um bilhão de anos. Gold fá-lo notar. Ela começou com formas de tamanho microscópico. Após um bilhão de anos, segundo a hipótese de Gold, o planeta semeado pode ter desenvolvido criaturas suficientemente inteligentes para viajarem mais além do espaço, visitando planetas férteis, mas virgens,

semeando-os por sua vez com micróbios adaptáveis. De fato, essa contaminação é provavelmente o princípio normal da vida sobre qualquer planeta, incluindo a Terra. Viajantes do espaço - diz Gold - podem ter visitado a Terra há um bilhão de anos e, abandonadas as suas formas residuárias de vida, estas proliferaram de tal forma que os micróbios em breve terão outro agente (os humanos viajantes do espaço) capaz de os espalhar mais além sobre o campo de batalhas.

Que acontece nas outras galáxias que flutuam no espaço muito além dos limites da Via Láctea? O astrônomo Gold é um dos partidários da teoria do Universo em estado fixo. Quando começou então a vida? A teoria do Universo em estado fixo põe a hipótese de que o espaço não tem limites e que o tempo não tem princípio nem fim. Se a vida se propaga das antigas às novas galáxias, a sua história pode ser colocada no tempo eterno: é sem princípio nem fim.

Numa espantosa premonição da espiritualidade futura, Blanc de Saint-Bonnet escrevia: A religião ser-nos-á demonstrada através do absurdo. Já não será a doutrina desconhecida que ouviremos, já não será a consciência que não é ouvida que gritará. Os fatos falarão com a sua grande voz. A verdade deixará as altitudes da palavra, entrará no pão que comemos. A luz será fogo!

À idéia desmoralizante de que a inteligência humana talvez não seja a única a viver e agir no Universo veio juntar-se a idéia de que a nossa própria inteligência é capaz de explorar mundos diferentes do nosso, de lhes apreender as leis, de ir, por assim dizer, viajar e trabalhar do outro lado do espelho. Esta abertura fantástica foi realizada pelo gênio matemático. É a falta de curiosidade e de conhecimento que nos fez julgar ser a experiência poética, depois de Rimbaud, o fato capital da revolução intelectual do mundo moderno. O fato capital é a explosão do gênio matemático, como aliás muito bem viu Valéry. O homem, daqui em diante, estará perante o seu próprio gênio matemático como perante um habitante do exterior.

As entidades matemáticas modernas vivem, desenvolvem-se, fecundam-se, em mundos inacessíveis, estranhos a toda a experiência humana. Em men Like Gods, H. C. Wells supõe que existem tantos universos como páginas num grande livro. Nós habitamos apenas uma dessas páginas. Mas o gênio matemático percorre a obra inteira: ele constitui a real e ilimitada potência de que dispõe o cérebro humano. Pois, viajando por outros universos, regressa dessas explorações carregado de utensílios eficazes para a transformação do mundo que habitamos. Ele possui a um tempo o ser e o criar. O matemático, por exemplo, estuda as teorias de espaços que exigem duas voltas completas para regressar à posição de partida. Ora é este trabalho, perfeitamente estranho a qualquer atividade na nossa esfera de existência, que permite descobrir as propriedades às quais obedecem as partículas elementares nos espaços microscópicos, e portanto fazer progredir a física nuclear que transforma a nossa civilização.

A intuição matemática, que abre o caminho para outros universos, altera concretamente o nosso. O gênio matemático, tão próximo do gênio da música pura, é ao mesmo tempo aquele cuja eficácia sobre a matéria é maior. É da algures absoluto que nasceu a arma absoluta. Enfim, elevando o pensamento matemático ao seu mais alto grau de abstração, o homem apercebe-se de que esse pensamento talvez não seja sua propriedade exclusiva. Descobre que os insetos, por exemplo, parecem ter consciência de propriedades do espaço, e que talvez exista um pensamento universal, que um

canto do espírito superior se eleva talvez da totalidade do que é vivo...

Neste mundo, em que, para o homem, já nada é certo, nem ele próprio, nem o mundo tal como o definiam as leis e os fatos outrora admitidos, nasce a toda a velocidade uma mitologia. A cibernética fez surgir a idéia de que a inteligência humana é ultrapassada pela do cérebro eletrônico, e o homem vulgar sonha com o olho verde da máquina que pensa com a perturbação, o pavor do antigo egípcio ao pensar na Esfinge. O átomo reside no Olimpo, com o raio na mão. Mal tinham iniciado a construção da fábrica atômica francesa de Marcoule e logo as pessoas dos arredores julgaram ver os tomates estragar-se. A bomba perturba o tempo, faz-nos gerar monstros. Uma literatura chamada de ficção científica, mais abundante do que a literatura psicológica, compõe uma Odisséia no nosso século, com Marcianos e Homens Superiores, e aquele Ulisses metafísico que regressa a casa, depois de vencer o espaço e o tempo. À pergunta: Estaremos sós?, vem juntar-se a pergunta: Seremos os últimos? Deter-se-á a evolução no homem?

O Superior não estará já em formação? Não estará já entre nós?

E esse Superior, deveremos imaginá-lo como um indivíduo, ou como um ser coletivo, como a massa humana inteira em vias de fermentar e de coagular, arrastada toda para uma tomada de consciência da sua unidade e da sua ascensão? Na era das massas, o indivíduo morre, mas é a morte salvadora da tradição espiritual: morrer para nascer finalmente. Ele morre em consciência psicológica para nascer em consciência cósmica. Sente exercer-se sobre ele uma pressão formidável: morrer resistindo-lhe ou morrer obedecendo-lhe. Do lado da recusa, da resistência, está a morte total. Do lado da obediência está a morte-trampolim em direção à vida total, pois trata-se da transformação da multidão para a criação de um psiquismo unânime que regerá a consciência do Tempo, do Espaço e o apetite pela Descoberta.

Observando bem, tudo isto reflete com mais fidelidade o fundo dos pensamentos e das inquietações do homem de hoje do que as análises do romance neonaturalista ou os estudos político-sociais; em breve disso nos aperceberemos, quando aqueles que usurpam a função de testemunha e vêem as coisas novas com olhos antigos forem fulminados pelos fatos. A cada passo, neste mundo aberto sobre o estranho, o homem vê surgir pontos de interrogação tão desmedidos como eram os animais e os vegetais antediluvianos, Não estão à medida. Mas qual é a medida do homem? A sociologia e a psicologia evoluíram muito menos depressa do que a física e as matemáticas. É o homem do século XIX que se encontra subitamente em presença de um mundo diferente. Mas o homem da sociologia e da psicologia do século XIX será o verdadeiro homem? Nada é menos certo.

Após a revolução intelectual suscitada pelo Discurso do método, de Descartes, após o aparecimento das ciências e do espírito enciclopédico no século XVIII, após a importante contribuição do racionalismo e do cientismo otimista do século XIX encontramo-nos num momento em que a imensidade e a complexidade do real que acaba de ser revelado deveria necessariamente alterar o que até aqui pensávamos da natureza do conhecimento humano, perturbar as idéias adquiridas a respeito das relações do homem com a sua própria inteligência - numa palavra, exigir uma atitude de espírito muito diferente daquilo a que ontem chamávamos a atitude moderna. A uma invasão do fantástico exterior deveria corresponder uma exploração do fantástico interior. Haverá um fantástico interior? E aquilo que o homem fez não será a projeção

daquilo que ele é ou virá a ser?

É portanto a esta exploração do fantástico interior que vamos proceder. Ou, pelo menos, esforçar-nos-emos por fazer sentir que essa exploração seria necessária, e esboçar um método. Evidentemente, não tivemos nem o tempo nem os meios para nos entregarmos a medidas e experimentações que nos parecem, no entanto, desejáveis e que talvez venham a ser tentadas por investigadores melhor qualificados. Mas a índole do nosso trabalho não era medir e experimentar.

Era, como em todo este nosso trabalho, recolher fatos e relações entre os fatos, que a ciência oficial por vezes despreza ou aos quais recusa o direito de existência. Esta maneira de trabalhar pode parecer insólita e prestar-se a suspeitas. No entanto esteve na origem de grandes descobertas. Darwin, por exemplo, não agiu de forma diferente, colecionando e comparando informações desprezadas. A teoria da evolução nasceu dessa coletânea aparentemente absurda. Da mesma forma, e salvas as devidas proporções, nós vimos surgir no decurso do nosso trabalho uma teoria do homem interior verdadeiro, da inteligência total e da consciência desperta.

Este trabalho está incompleto: teríamos precisado de mais dez anos. Além disso, apenas apresentamos um resumo, ou antes uma imagem, a fim de não aborrecermos, pois é com a frescura de espírito do leitor que contamos, visto termos tentado sempre manter o nosso nesse estado.

Inteligência total, consciência desperta, estamos convencidos que o homem se dirige para as conquistas essenciais, no seio desse mundo em pleno renascimento e que parece antes de mais exigir-lhe que renuncie à liberdade. Mas liberdade para fazer o quê? perguntava Lenine. A liberdade de ser apenas aquilo que é é-lhe de fato retirada a pouco e pouco. É a liberdade de se tornar diferente, de passar a um estado superior de inteligência e de consciência, que em breve lhe será concedida. Essa liberdade não é de essência psicológica, mas mística, pelo menos se nos referimos aos esquemas antigos, à linguagem de ontem. Em certo sentido, supomos que o essencial da civilização é que a caminhada dita mística se expande; sobre esta terra fumegante de fábricas e vibrante de foguetões, pela humanidade inteira. Verificar-se-á que esta caminhada é prática, que é, em certa medida, o segundo sopro de que os homens precisam para obedecer ao aceleramento do destino da Terra.

Deus criou-nos o menos possível. A liberdade, esse poder de ser causa, essa faculdade do mérito, quer que o homem se refaça a si próprio.

## O FANTÁSTICO INTERIOR

## II

**Pioneiros: Balzac Hugo, Flammarion. - Jules Romains e a mais vasta interrogação. - O fim do positivismo. O que é a parapsicologia? - Fatos extraordinários e experiências autênticas. - O exemplo do Titanic. - Vidência. - Premonição e sonho. - Parapsicologia e psicanálise. O nosso trabalho exclui o recurso ao ocultismo e às falsas ciências. - Em busca da maquinaria das profundezas.**

O crítico literário e filósofo Albert Béguin afirmava que Balzac era mais um visionário do que um observador. Essa tese parece-me exata. Num conto admirável, Le

Rèquisitionnaire, Balzac imagina o aparecimento da parapsicologia, que se produzirá na segunda metade do século XX e tentara estabelecer como ciência exata o estudo dos poderes psíquicos do homem:

Precisamente à hora a que Madame de Dey morria em Carentan, fuzilavam seu filho no Morbihan. Podemos juntar este acontecimento trágico a todas as observações sobre as simpatias que desconhecem as leis do espaço; documentos que reúnem com sábia curiosidade alguns homens solitários, e que servirão um dia para estabelecer as bases de uma ciência nova à qual faltou até agora um homem de gênio.

Em 1891, Camille Flammarion declarava ': O nosso fim de século assemelha-se ao do século anterior. O espírito sente-se fatigado das afirmações da filosofia que se qualifica de positiva. Julgamos adivinhar que ela se engana... Conhece-te a ti próprio! dizia Sócrates. Há milhares de anos aprendemos uma imensidade de coisas, exceto a que mais nos interessa. Parece que a atual tendência do espírito humano é finalmente a de obedecer a máxima socrática.

À casa de Flammarion, no observatório de Juvisy, ia Conan Doyle uma vez por mês, vindo de Londres, estudar com o astrônomo fenômenos de vidência, de aparições, de materializações, aliás duvidosos. Flammarion acreditava em fantasmas e Conan Doyle colecionava fotografias de fadas. A nova ciência pressentida por Balzac ainda não nascera, mas sentia-se-lhe a necessidade.

Vitor Hugo dissera magnificamente no seu comovente estudo sobre William Shakespeare: Todo o homem tem nele o seu Patmos. É livre de ir ou não ir a esse pavoroso promontório do pensamento desde o qual se vislumbram as trevas. Se lá não vai, mantém-se na vida vulgar, na consciência vulgar, na virtude vulgar, na fé vulgar, na dúvida vulgar, e está certo. Para o repouso interior é evidentemente melhor. Se se dirigir a esse cume, está apanhado. As profundas vagas do prodígio mostraram-se-lhe. Ninguém vê impunemente esse oceano... Ele obstina-se nesse abismo atraente, nessa sondagem do inexplorado, nesse desinteresse pela Terra e pela vida, nessa entrada no que é proibido, nesse esforço de tatear o impalpável, nesse olhar sobre o invisível, ali volta, ali regressa, ali se agarra, ali se debruça, ali dá um passo, depois dois, e é assim que penetra no impenetrável, e é assim que avançamos no alargamento sem limites da condição infinita.

Quanto a mim, foi em 1939 que tive a visão exata de uma ciência que, por trazer testemunhos irrecusáveis sobre o homem interior, em breve obrigaria o espírito a uma nova reflexão a respeito da natureza do conhecimento e, ao avançar, levaria a modificar os métodos de toda a pesquisa científica, em todos os domínios. Tinha eu dezenove anos quando a guerra se apossou de mim na altura em que decidira consagrar a vida à criação de uma psicologia e de uma fisiologia dos estados místicos. Nesse momento li na Nouvelle Revue Française um ensaio de Jules Romains: Resposta à mais vasta interrogação, que inesperadamente veio reforçar a minha posição. Também esse ensaio era profético. De fato, depois da guerra nasceu uma ciência do psiquismo, a parapsicologia, que está atualmente em pleno desenvolvimento, ao passo que no interior das ciências oficiais, como as matemáticas ou a física, o espírito, de certa maneira, mudava de plano.

Suponho, escrevia Jules Romains, que a principal dificuldade para o espírito humano, não é tanto atingir conclusões verdadeiras numa certa ordem ou em determinadas direções, mas descobrir o meio de harmonizar as conclusões às quais chega ao

trabalhar com diversas ordens de realidade, ou ao embrenhar-se por diversas direções que variam segundo as épocas. Por exemplo, é-lhe muito difícil harmonizar as idéias em si mesmas muito exatas, às quais foi levado pela ciência moderna trabalhando sobre os fenômenos físicos, com as idéias, talvez muito válidas também, que encontrara nas épocas em que se ocupava principalmente das realidades espirituais ou psíquicas, e às quais ainda hoje recorrem aqueles que, à parte os métodos físicos, se consagram a investigações de ordem espiritual ou psíquica.

Não penso de forma alguma que a ciência moderna, que é muitas vezes acusada de materialismo, esteja ameaçada por uma revolução que arruinaria os resultados a respeito dos quais tem certezas (só podem estar ameaçadas as hipóteses demasiado gerais ou prematuras de que não está certa) . Mas um dia pode encontrar-se perante resultados tão coerentes, tão decisivos, atingidos pelos métodos chamados psíquicos, que lhe será impossível considerá-los, como agora o faz, nulos e não existentes.

Muitas pessoas supõem que nessa altura as coisas se arranjarão facilmente, a ciência considerada positiva não devendo então senão conservar calmamente o seu atual domínio, e deixar desenvolver-se fora das suas fronteiras conhecimentos diferentes, que atualmente considera puras superstições, ou que afasta para o inconhecível, abandonando-as desdenhosamente à metafísica. Mas as coisas não se passarão tão comodamente. Muitos dos resultados mais importantes da experimentação psíquica, no dia em que forem confirmados - se o vierem a ser - e oficialmente considerados como verdades, virão atacar a ciência positiva no interior das suas fronteiras; e será necessário que o espírito humano, que até aqui, por medo das responsabilidades, simula não dar pelo conflito, se decida a fazer uma arbitragem. Seria uma crise muito grave, tão grave como a que foi provocada pela aplicação das descobertas físicas na técnica industrial. A própria vida da humanidade seria alterada. Julgo essa crise possível, provável e mesmo bastante próxima.

Numa manhã de Inverno, acompanhei um amigo à clínica onde devia ser operado de urgência. O dia ainda não rompera completamente e caminhávamos sob a chuva, procurando angustiosamente um táxi. A febre invadia o meu amigo cambaleante que, de súbito, me apontou com o dedo, sobre o passeio, uma carta de jogar coberta de lama.

Se for um Joker, disse, é porque tudo correrá bem. Apanhei a carta e virei-a. Era um Joker. A parapsicologia tenta sistematizar o estudo dos fatos dessa natureza por acumulação experimental. Será o homem normal dotado de um poder que ele quase nunca utiliza, simplesmente porque, segundo parece, foi persuadido de que não o possui.

Uma experimentação realmente científica parece na verdade eliminar a noção de acaso. Tive ocasião de participar, em companhia, inclusivamente, de Aldous Huxley, no Congresso Internacional de Parapsicologia de 1955, e, depois, de seguir os trabalhos interessados nessa investigação. Não seria possível duvidar da seriedade desses trabalhos. Se a ciência não acolhesse os poetas com certa reticência, aliás legítima, a parapsicologia poderia encontrar uma excelente definição em Apollinaire:

Todo o mundo é profeta, meu caro André Billy,
mas há tanto tempo que dizem às pessoas
Que não têm futuro e ficarão para sempre ignorantes
E idiotas de nascença

Que nos resignamos e que ninguém tem sequer a idéia
De perguntar a si próprio se conhece ou não o futuro.
Não há, em tudo isto, espírito religioso
Nem nas superstições nem nas profecias
Nem em tudo a que se chama ocultismo
Existe principalmente uma forma de observar a natureza
E de interpretar a natureza
Que é muito legítima.

A experimentação parapsicológica parece provar que existem, entre o Universo e o homem, outras relações além das estabelecidas pelos sentidos habituais. Todo o ser humano normal poderia ver objetos à distância ou através das paredes, influenciar o movimento dos objetos sem lhes tocar, projetar os seus pensamentos e os seus sentimentos no sistema nervoso de outro ser humano, e finalmente ter por vezes a percepção de futuros acontecimentos.

Sir H. R. Haggard, escritor inglês, falecido em 1925, apresentou, no seu romance Maiwas Revenge, uma descrição pormenorizada da evasão de Allan Quatermain, o seu herói. Este é capturado pelos selvagens ao transpor um rochedo. Os seus perseguidores agarram-no por um pé: ele liberta-se disparando sobre eles um tiro de pistola, paralelamente à sua perna direita. Alguns anos após a publicação do romance, um explorador inglês apresenta-se em casa de Haggard. Vinha propositadamente de Londres perguntar ao escritor como é que este soubera da sua aventura com todos os pormenores, pois não falara a ninguém no caso e pretendia manter esse assassínio secreto.

Na biblioteca do escritor austríaco Karl Hans Strobi, falecido em 1946, o seu amigo Willy Schrodter fez a seguinte descoberta: Abri as suas obras, colocadas numa prateleira. Havia inúmeros artigos de imprensa entre as páginas. Não eram críticas, como a princípio supus, mas notícias vulgares. Verifiquei impressionado que relatavam acontecimentos descritos muito tempo antes por Strobi.

Em 1898, um ator de ficção científica americano, Morgan Robertson, descrevia o naufrágio de um navio gigantesco. Esse navio imaginário deslocava 70000 toneladas, media 800 pés e transportava 3000 passageiros. O motor era equipado com três hélices. Numa noite de Abril, quando da sua primeira viagem, descobria, no nevoeiro, um iceberg que se afundava. O seu nome era O Titã.

O Titanic que mais tarde em 1912 viria a desaparecer nas mesmas circunstâncias, deslocava 66 000 toneladas, media 828,5 pés, transportava 3000 passageiros e possuía três hélices. A catástrofe deu-se numa noite de Abril.

Isto são fatos. Eis agora experiências feitas por parapsicólogos: Em Durham, U.S.A., o experimentador tem na mão um jogo de cinco cartas especiais. Baralha as cartas e tira-as uma após as outras. Uma máquina de filmar registra. No mesmo instante, em Zagreb, na Iugoslávia, outro experimentador tenta adivinhar qual a ordem em que as cartas são tiradas. Isto é repetido milhares de vezes. A proporção de respostas certas é mais importante do que o acaso permite.

Em Londres, numa sala fechada, o matemático J. S. Soal tira cartas de um baralho semelhante. Atrás de uma divisão opaca, o estudante Basil Shakelton procura adivinhar. Se compararmos, verificaremos que o estudante adivinhou, neste caso numa

proporção igualmente superior ao acaso, de cada vez a carta que ia sair na manipulação seguinte.

Em Estocolmo, um engenheiro constrói uma máquina que, automaticamente, lança dados ao ar e filma-lhes a queda. Os espectadores, membros da Universidade, tentam mentalmente favorecer a queda de um determinado número, desejando intensamente essa queda. Conseguem-no numa proporção que o acaso não seria suficiente para justificar.

Estudando os fenômenos de premonição em estado de sono, o inglês Dunne demonstrou científicamente que certos sonhos são capazes de revelar um futuro, mesmo longínquo, e dois investigadores alemães, Moufang e Stevens, num trabalho intitulado Le Mystère des Rêvesz, citaram numerosos casos precisos, verificados, nos quais os sonhos tinham revelado acontecimentos futuros ou conduzido a importantes descobertas científicas.

O célebre atomista Niels Bohr, quando estudante, teve um sonho estranho. Viu-se sobre um sol de gás escaldante. Vários planetas passavam assobiando. Estavam ligados a esse sol por delgados filamentos e giravam em redor. De súbito, o gás solidificou-se, o sol e os planetas desfizeram-se. Niels Bohr acordou nessa altura e teve consciência de que acabava de descobrir o modelo do átomo, tão procurado. O sol era o centro fixo em volta do qual giravam os elétrons. Toda a física atômica moderna e suas aplicações saíram desse sonho.

O químico Auguste Kékulé conta: Uma noite de Verão adormeci na plataforma do autocarro em que regressava a casa. Vi nitidamente a maneira como, por todos os lados, os átomos se uniam aos pares que eram arrastados por grupos mais importantes, eles próprios atraídos por outros ainda mais potentes; e todos esses corpúsculos rodopiavam numa roda desenfreada.

J. W. Duinne sonhou, em 1901, que a cidade de Lowestoft, nas encostas do canal da Mancha, era bombardeado por uma esquadra estrangeira. Esse bombardeamento deu-se em 1914, com todos os pormenores registrados em 1901 por Dunne.

Esse mesmo Dunne viu em sonhos os cabeçalhos dos jornais anunciando a erupção do Monte Yelé, na Martinica, alguns meses antes do acontecimento (1902).

Passei uma parte da noite a transcrever a visão do meu sonho. A teoria da estrutura estava descoberta.

Depois de ler nos jornais a descrição dos bombardeamentos de Londres, um engenheiro da companhia americana de telefones Bell teve, numa noite do Outono de 1940, um sonho no qual se viu desenhando o plano de um aparelho que permitia apontar um canhão antiaéreo sobre o local exato por onde passará um avião de que conhece a trajetória e a velocidade. Ao acordar, ele traçou o esquema, de memória. O estudo desse aparelho, que utilizaria pela primeira vez o radar, foi feito pelo grande sábio Norbert Wiener e as reflexões de Wiener a tal respeito viriam a originar o nascimento da cibernética.

Não se pode decididamente menosprezar, dizia Lovecraft, a importância titanesca que podem ter os sonhos. Também não se deverá, daqui em diante, considerar desprezíveis os fenômenos de premonição, quer em estado de sonho, quer em estado

de vigília. Indo muito além dos conhecimentos adquiridos pela psicologia oficial, a comissão de energia atômica americana propunha em 1958 a utilização de clarividentes para tentar adivinhar os locais de queda dos bombardeamentos russos em caso de guerra.

O misterioso passageiro embarcou a bordo do submarino atômico Nautilus a 25 de Julho de 1959. O submarino afastou-se imediatamente e, durante quinze dias, percorreu debaixo de água as profundezas do oceano Atlântico. O passageiro sem nome fechara-se na sua cabina. Apenas o marinheiro que lhe levava a comida e o capitão Anderson, que lhe fazia uma visita quotidiana, lhe tinham visto o rosto. Ele entregava, duas vezes por dia, uma folha de papel ao capitão Anderson. Sobre essa folha de papel achavam-se as combinações de cinco signos misteriosos: uma cruz, uma estrela, um círculo, um quadrado e três linhas onduladas. O capitão Anderson e o passageiro desconhecido punham a sua assinatura sobre a dita folha, e o capitão Anderson fechava-a num envelope depois de pôr dois carimbos no interior. Um levava a hora e a data. O segundo as palavras ultra-secreto, para destruir em caso de risco de captura do submarino. Na segunda-feira, 10 de Agosto de 1959, o submarino acostava em Croyton. O passageiro subiu para um automóvel oficial que, sob escolta, o depositou no aeródromo militar mais próximo.

Algumas horas mais tarde, o avião aterrava no pequeno aeródromo da cidade de Friendship, no Maryland. Um automóvel aguardava o viajante. Conduziu-o a um edifício que tinha a seguinte inscrição: Centro de Pesquisas Especiais Westinghouse. Entrada proibida a qualquer pessoa não autorizada. O automóvel parou diante do posto de guarda, e o viajante pediu para falar com o coronel William Bowers, diretor das ciências biológicas da Repartição de Investigações das Forças Aéreas dos Estados Unidos.

O coronel Bowers esperava-o no seu gabinete:

- Sente-se tenente Jones - disse-lhe. - Tem o envelope? Sem uma palavra, Jones entregou o envelope ao coronel, que se dirigiu a um cofre-forte, abriu-o, e de lá retirou um envelope idêntico, apenas com a diferença de que o carimbo que ostentava não tinha escrito Submarino Nautilus mas Centro de Investigações X, Friendship, Maryland.

O coronel Bowers abriu os dois envelopes para deles retirar maços de envelopes mais pequenos, que por sua vez abriu e, silenciosamente os dois homens puseram de lado as folhas cujas datas eram semelhantes. Depois, compararam-nas. Com uma precisão de mais de 70 por cento, os signos eram os mesmos, e colocados na mesma ordem sobre ambas as folhas que tinham a mesma data.

Estamos numa curva da História - disse o coronel William Bowers. - Pela primeira vez no Mundo, em condições que não permitiam qualquer batota, com uma precisão suficiente para aplicação política, o pensamento humano foi transmitido através do espaço, sem intermediário, de um cérebro para outro cérebro! Quando for possível saber os nomes dos dois homens que participaram nessa experiência, serão sem dúvida retidos para a história das ciências. De momento trata-se do tenente Jones, que é oficial da marinha, e do cidadão Smith, um estudante da Universidade de Duke em Durham (Carolina do Norte, Estados Unidos).

Duas vezes por dia, durante os dezesseis dias que durou a experiência, fechado numa dependência de onde nunca saiu, o cidadão Smith colocava-se diante de um aparelho automático que baralhava cartas. No interior desse aparelho, num tambor, um milhar de

cartas eram agitadas. Tratava-se não de vulgares cartas de jogar, mas de cartas simplificadas, chamadas cartas de Zener. Essas cartas, há muito tempo empregadas para as experiências de parapsicologia, são todas da mesma cor. Têm um dos cinco símbolos seguintes: três linhas onduladas, círculo, cruz quadrado, estrela. Duas vezes por dia, sob a ação de um movimento de relojoaria, o aparelho expelia uma carta, ao acaso, com um minuto de intervalo. O cidadão Smith olhava fixamente essa carta tentando pensar nela com intensidade.

À mesma hora, a 2000 quilômetros de distância, a centenas de metros de profundidade sob o oceano, o tenente Jones tentava adivinhar qual era a carta que o cidadão Smith olhava. Anotava o resultado, e pedia ao comandante Anderson para subscrever a folha de experiência. Sete vezes sobre dez o tenente Jones acertou. Nenhuma batota era possível. Mesmo se supusermos as cumplicidades mais extraordinárias, não podia haver qualquer ligação entre o submarino mergulhado e o laboratório onde se encontrava o cidadão Smit As próprias ondas de T.S.F. não podem penetrar várias centenas de metros de água do mar. Pela primeira vez na História da ciência obtivera-se a prova indiscutível da possibilidade, entre dois cérebros humanos, de comunicar à distância. O estudo da parapsicologia entrava finalmente numa fase científica.

Foi sob a pressão das necessidades militares que foi feita esta grande descoberta. Desde o princípio de 1957, a famosa organização Rand, que se ocupa das mais secretas investigações do governo americano, apresentava um relatório a esse respeito ao presidente Eisenhower. Os nossos submarinos, lia-se ali, são agora inúteis, pois é impossível comunicar com eles quando estão mergulhados, e sobretudo quando estiverem sob a crosta polar. Todos os processos modernos devem ser empregados. Durante um ano, o relatório Rand não produziu qualquer efeito. Os conselheiros científicos do presidente Eisenhower achavam que a idéia fazia lembrar demasiadamente as mesas giratórias. Enquanto o bip-bip do Spoutnik ressoava como um sino sobre o fundo, os maiores sábios americanos decidiram que era tempo de atacar em todas as direções, incluindo aquelas que os russos desdenhavam. A ciência americana fez apelo à opinião pública. A 13 de Julho de 1958, o suplemento de domingo do New York Herald Tribune publicava um artigo do maior especialista militar da imprensa americana, Ansel E. Talbert.

Este escrevia: É indispensável para as forças armadas dos Estados Unidos saber se a energia emitida por um cérebro humano pode influenciar, a milhares de quilômetros, outro cérebro humano. . . Trata-se de uma investigação absolutamente científica e os fenômenos constatados são, como tudo o que é produzido pelo organismo vivo, alimentados em energia pela combustão dos alimentos no organismo. . .

A amplificação deste fenômeno poderá fornecer um novo meio de comunicação entre os submarinos e a terra firme, talvez mesmo, um dia, entre navios viajando no espaço interplanetário e a Terra.

Depois deste artigo e de numerosos relatórios de sábios confirmando o relatório Rand, foram tomadas resoluções. Existem atualmente laboratórios de estudos sobre a nova ciência de parapsicologia na Rand Corporations, em Cleveland, na Westinghouse, em Friendship, no Maryland, na General Electric, em Schenectady, na Bell Telephone, em Boston, e até no centro de investigações do exército, em Redstone, Alabama. Neste último centro, o laboratório que estuda a transmissão de pensamento encontra-se a menos de quinhentos metros do escritório de Werner Von Braun, homem do espaço.

Assim, a conquista dos planetas e a conquista do espírito humano já estão prontas a dar-se as mãos. Em menos de um ano, estes potentes laboratórios obtiveram mais resultados do que séculos de pesquisas no domínio da telepatia.

A razão é muito simples: as investigações foram iniciadas a partir de zero, sem idéia preconcebida. Foram enviadas comissões para o Mundo inteiro: em Inglaterra, onde os inquiridores tomaram contacto com autênticos sábios que verificaram os fenômenos de transmissão de pensamento, o doutor Soal, da Universidade de Cambridge, pôde apresentar aos investigadores a demonstração de comunicações, a várias centenas de quilômetros de distância, entre dois jovens mineiros do país de Gales. Na Alemanha, a comissão de inquérito encontrou sábios igualmente indiscutíveis, como Hans Bender e Pascual Jordan que tinham observado não apenas fenômenos de transmissão de pensamento, mas que também não receavam escrevê-lo. Na própria América, as provas multiplicavam-se. Um sábio chinês, o doutor Ching Ju Wang, com o auxílio de alguns confrades igualmente chineses, pôde dar, aos peritos da Rand Corporation, provas aparentemente decisivas da transmissão de pensamento.

Como se procede na prática para obter resultados tão espantosos como a experiência do tenente Jones e do cidadão Smith: Para isso é necessário arranjar um par de experimentadores, quer dizer, duas pessoas das quais uma faz de emissor e a outra de receptor. Só com o emprego de duas pessoas cujos cérebros estão de certa maneira sincronizados (os especialistas americanos empregam o termo ressonância, extraído da T.S.F., mas com plena consciência do que esse termo tem de vago) é que se obtém resultados realmente sensacionais.

O que portanto se constata nos trabalhos modernos é uma comunicação num único sentido. Se se inverter, se se fizer transmitir pelo sujeito que recebia, e reciprocamente, já nada mais se obtém. Para manter comunicações eficientes nos dois sentidos será então necessário dois pares de emissores-receptores, ou por outras palavras:

- um sujeito emissor e um sujeito receptor a bordo do submarino;

- um sujeito emissor e um sujeito receptor num laboratório em terra.

Como são escolhidas essas pessoas?

Por enquanto é um mistério. Tudo o que se sabe é que a escolha é feita examinando os eletroencefalogramas, quer dizer, os registros elétricos da atividade cerebral dos voluntários que se apresentam. Esta atividade cerebral, muito conhecida da ciência, não é acompanhada de qualquer emissão de ondas. Mas ele revela as emissões de energia no cérebro, e Grey Walter, o cérebro cibernético inglês, foi o primeiro a dizer que o eletroencefalograma pode servir para revelar as atividades cerebrais anormais.

Outro esclarecimento sobre o assunto foi dado por uma psicóloga americana, Gertrude Schmeidler. A doutora Schmeidler demonstrou que os voluntários que se apresentam para servir de sujeitos nas experiências de parapsicologia podem ser divididos em duas categorias, a que ela chama os carneiros e as cabras. Os carneiros são aqueles que crêem na percepção extra-sensorial. As cabras aqueles que não crêem. Na comunicação à distância é necessário, segundo parece, associar um carneiro com uma cabra.

O que torna este gênero de trabalho extremamente difícil é que, no momento em que

se estabelece a comunicação à distância por meio do pensamento, o emissor, assim como o receptor, não tem qualquer sensação. A comunicação faz-se a um nível inconsciente, e nada transparece na consciência. O emissor não sabe se a sua mensagem atinge o objetivo. O receptor não sabe se recebe signos provenientes de um outro cérebro ou se estará a inventar.

É por esse motivo que, em vez de tentar transmitir imagens complicadas ou discutíveis, se contentam com a transmissão dos cinco símbolos muito simples das tabelas de Zener. Quando esta transmissão estiver pronta a funcionar poderemos facilmente servir-nos dessas cartas como de um código, à semelhança do alfabeto Morse, e transmitir mensagens inteligíveis. De momento trata-se de aperfeiçoar a forma de comunicação, de a tornar mais segura. Trabalha-se nesse sentido em numerosas direções e procura-se particularmente medicamentos com ação psicológica que facilitem a transmissão de pensamento. Um especialista americano de farmacologia, o doutor Humphrey Osmond, já obteve alguns primeiros resultados nesse domínio, e tornou-os públicos num relatório feito em Março de 1947 na Academia das Ciências de Nova Iorque.

No entanto, nem o tenente Jones nem o cidadão Smith utilizaram drogas. Pois o objetivo daquelas experiências das forças armadas americanas é explorar a fundo as possibilidades do cérebro humano normal. Fora o café, que parece melhorar a transmissão, e a aspirina, que, pelo contrário, a inibe, a paralisa nenhuma droga é autorizada nas experiências do projeto Rand. Sem dúvida nenhuma dessas experiências iniciam uma nova era na história da humanidade e da ciência.

No domínio das curas paranormais, quer dizer, obtidas com um tratamento psicológico, quer se trate do curandeiro possuidor do fluído, quer do psicanalista (feitas todas as distinções entre os métodos), os parapsicólogos chegaram a conclusões do maior interesse. Eles trouxeram-nos uma nova concepção: a do par médico-doente.

O resultado do tratamento seria determinado pela ligação telepática que existiria ou não entre o que trata e o paciente. Se essa ligação se estabelece - e ela assemelha-se a uma ligação amorosa - produz aquela superlucidez e aquela hiper-receptividade que se observa nos pares apaixonados; a cura é possível. De contrário, tanto a pessoa que cura como o doente perdem o seu tempo. A noção do fluído acha-se ultrapassada em benefício da noção do casal. Supõe-se que virá a ser possível desenhar o perfil psicológico profundo do que trata e do paciente. Certos testes permitiriam determinar que espécie de inteligência e de sensibilidade possuem o que trata e o paciente e a natureza das relações inconscientes que se podem estabelecer entre eles. O que trata, comparando o seu perfil ao do paciente, poderia saber desde o início se lhe é ou não possível agir.

Em Nova Iorque, um psicanalista quebra a chave do classificador onde guarda as fichas de observação. Precipita-se para a loja de um serralheiro e consegue que este lhe faça imediatamente uma chave. Não fala seja a quem for do incidente.

Alguns dias depois, durante uma sessão de sonho desperto, aparece uma chave no sonho do seu paciente, que a descreve.   Está partida, e tem o número da chave do classificador: verdadeiro fenômeno de osmose. O doutor Lindner, célebre psicanalista americano, tratou, em 1953, um reputado sábio atomista. Este desinteressava-se do trabalho, da família, de tudo. Refugiava-se, confessou ele a Lindner, noutro universo. Cada vez com mais frequência, o seu pensamento deambulava por outro planeta onde

a ciência estava mais avançada e do qual ele era um dos chefes. Tinha uma visão nítida desse mundo, das suas leis, dos seus costumes, da sua cultura. Fato extraordinário: Lindner sentiu-se pouco a pouco contagiado pela loucura do seu doente, reuniu este em pensamento ao seu universo, e perdeu em parte a razão. Foi então que o doente principiou a desligar-se da sua visão e entrou no caminho da cura. Lindner viria a curar-se, por sua vez, algumas semanas mais tarde. Acabava de reencontrar no plano experimental a imemorial injunção feita ao taumaturgo de tomar para si o mal de outrem, de resgatar o pecado de outrem.

A parapsicologia não tem qualquer espécie de relação com o ocultismo e as falsas ciências: bem ao contrário, tende para uma desmistificação desse domínio. No entanto, os sábios, vulgarizadores e filósofos que a condenam vêem nela um encorajamento ao charlatanismo. É falso, mas é verdade que a nossa época é, mais que qualquer outra, favorável ao desenvolvimento dessas falsas ciências que têm o uso e a aparência de tudo, mas que não têm a propriedade nem a realidade de coisa alguma. Estamos persuadidos de que existem no homem terrenos desconhecidos.

A parapsicologia propõe um método de exploração. Nas páginas seguintes vamos por nossa vez propor um método. Essa exploração mal principiou: segundo pensamos, será uma das tarefas da civilização futura. Forças naturais ainda ignoradas serão sem dúvida reveladas, estudadas e dominadas, a fim de que o homem possa cumprir o seu destino num mundo em plena transformação.

É esta a nossa certeza. Mas a nossa certeza é também de que o atual desenvolvimento do ocultismo e das falsas ciências num imenso público é de natureza doentia. Não são os espelhos partidos que trazem desgraça, mas os cérebros desaparafusados. Existem nos Estados Unidos, desde a última guerra, mais de trinta mil astrólogos e 20 revistas unicamente consagradas à astrologia, das quais uma publica quinhentos mil exemplares. Mais de 2000 jornais têm a sua secção de astrologia. Em 1943, cinco milhões de americanos agiam segundo a orientação dos adivinhos e despendiam 200 milhões de dólares por ano para conhecer o seu futuro. Só a França possui 40000 curandeiros e mais de 50000 gabinetes de consulta secretas. Segundo avaliações verificadas, os honorários dos adivinhos, pitonisas, videntes, vedores de água, radiestesistas, curandeiros, etc., atingem 50 bilhões de francos em Paris. O orçamento global da magia era, para a França, de cerca de 300 bilhões por ano: muito mais do que o orçamento da investigação científica.

Se um bruxo negocia com a verdade...

- Que acontece?

- Pois bem, creio que negocia com o inimigo.

É absolutamente necessário, quanto mais não fosse para desobstruir o campo de investigações, impedir essa invasão. Mas isso deve ser em proveito do conhecimento. Quer dizer que não se trata de regressar ao positivismo que Flammarion julgava ultrapassado já em 1891, nem ao cientismo limitado justamente quando a própria ciência nos conduz a uma reflexão nova a respeito das estruturas do espírito. Se o homem possui poderes até aqui ignorados ou desprezados e se existe, como estaríamos inclinados a pensar, um estado superior de consciência, importa não rejeitar as hipóteses úteis à experimentação, os fatos verdadeiros, os confrontos esclarecedores, expulsando, essa invasão do ocultismo e das falsas ciências. Há um

provérbio inglês que diz: Ao despejar a água suja da banheira tome cuidado para não despejar o bebê também.

A própria ciência soviética admite que nós não sabemos tudo, mas que não há qualquer domínio tabu, nem territórios para sempre inacessíveis. Os especialistas do Instituto Pavlove os sábios chineses que se consagram ao estudo da atividade nervosa superior trabalham no yoga. Por enquanto, escreve o jornalista científico Saparine, na revista russa Força e Saber, os fenômenos apresentados pelos yogis não são explicáveis, mas sem dúvida que o virão a ser. O interesse de tais fenômenos é enorme, pois eles revelam as extraordinárias possibilidades da máquina humana.

O estudo das faculdades extra-sensoriais, a psiônica segundo dizem os investigadores americanos por analogia com a eletrônica e a nucleônica, é de fato susceptível de dar azo a aplicações práticas de uma amplidão considerável. Os recentes trabalhos sobre o sentido de orientação dos animais, por exemplo, revelam a existência de faculdades extra-sensoriais. O pássaro migratório, o gato que percorre 1300 quilômetros para regressar a casa, a borboleta que vai ter com a fêmea a uma distância de 11 quilômetros parecem utilizar o mesmo tipo de percepção e de ação à distância. Se nós pudéssemos descobrir a natureza deste fenômeno e dominá-la, disporíamos de um novo meio de comunicação e de orientação. Teríamos à nossa disposição um verdadeiro radar humano.

A comunicação direta das emoções, tal como ela parece produzir-se no par analista-paciente, poderia ter preciosas aplicações médicas. A consciência humana é semelhante a um iceberg flutuando sobre o oceano. A maior parte está submersa. Por vezes, o iceberg oscila, pondo a descoberto uma enorme superfície desconhecida, e nós dizemos: eis um louco. Se fosse possível que se estabelecesse uma comunicação direta entre as massas submersas, no par médico-paciente, por intermédio de qualquer amplificador psiônica, as doenças mentais poderiam desaparecer por completo.

A ciência moderna ensina-nos que os métodos experimentais no seu extremo grau de perfeição, lhe fixam certos limites.

Por exemplo, um microscópio suficientemente poderoso empregaria uma fonte luminosa tão forte que esta deslocaria o elétron observado, tornando a observação impossível. Não nos é possível tomar conhecimento do que está no interior do núcleo bombardeando-o: fica alterado. Mas pode ser que o equipamento desconhecido da inteligência humana permita a percepção direta das estruturas mais secretas da matéria e das harmonias do Universo. Talvez pudéssemos dispor de microscópios psiônicas, de telescópios psiônicas que nos mostrassem diretamente o que existe no interior de um astro longínquo ou no interior do núcleo atômico.

Talvez exista um sítio, no homem, no qual toda a realidade possa ser pressentida. Esta hipótese parece delirante. Auguste Comte declarava que jamais se viria a ter conhecimento da composição química de uma estrela. No ano seguinte, Bunsen inventava o espectroscópio. Talvez estejamos prestes a descobrir um conjunto de métodos que nos permitam desenvolver sistematicamente as nossas faculdades extra-sensoriais, utilizando uma potente maquinaria dissimulada nas nossas profundezas. Foi nesta perspectiva que Bergier e eu trabalhamos, sabendo, assim como o nosso mestre Chesterton, que o charlatão não é aquele que mergulha no mistério, mas aquele que recusa abandoná-lo.

## A CAMINHO DA REVOLUÇÃO PSICOLÓGICA

### III

**O segundo sopro do espírito. - Pede-se um Einstein da psicologia. - A idéia religiosa renasce. - A nossa sociedade está moribunda. - Jaurès e a árvore ruidosa de moscas. - O pouco que nós vemos é devido ao pouco que somos.**

Terra fumegante de fábricas. Terra trepidante de negócios. Terra vibrante de cem novas radiações. Este grande organismo, no fim de contas, apenas vive por e para uma nova alma. Sol, a mudança de idade, uma modificação do Pensamento. Ora, onde procurar, onde colocar essa alteração renovadora e subtil que, sem modificar apreciavelmente os nossos corpos, fez de nós seres novos? Em parte alguma senão numa nova intuição, que modifica na sua totalidade a fisionomia do Universo em que nos movíamos - por outras palavras, num despertar.

Desta forma, para Teilhard de Chardin, a mutação da espécie humana começou: a nova alma está prestes a nascer. Essa mutação opera-se nas profundas regiões da inteligência e, devido a essa alteração renovadora, é-nos facultada uma visão total e totalmente diferente do Universo. Ao estado de vigília da consciência segue-se um estado superior, em comparação com o qual o precedente não passava de sono. Eis chegado o tempo do verdadeiro despertar.

É a uma reflexão sobre esse despertar verdadeiro que desejamos conduzir o leitor. Eu disse, no início do nosso trabalho, de que forma a minha infância e a minha adolescência se acharam impregnadas de um sentimento semelhante àquele que animava Teilhard. Quando analiso o Conjunto dos meus atos, das minhas investigações, dos meus escritos, vejo bem que tudo foi orientado pelo sentimento, tão violento e tão vasto em meu pai, de que há para a consciência humana uma etapa a transpor, de que há um segundo sopro a encontrar, e de que chegaram os tempos.

Este livro, no fundo, apenas tem como objetivo a afirmação tão poderosa quanto possível desse sentimento. Em relação à ciência, o atraso da psicologia é considerável. A psicologia dita moderna estuda um homem conforme à visão do século XIX, dominado pelo positivismo militante. A ciência realmente moderna prospecta um Universo que se revela cada vez mais rico em surpresas, cada vez menos de acordo com as estruturas do espírito e com a natureza do conhecimento oficialmente admitidos.

A psicologia dos estados conscientes supõe um homem determinado e estático: o homo sapiens do século das luzes. A física desvenda um mundo que joga diversos jogos a um tempo, com múltiplas portas abertas sobre o infinito. As ciências exatas vão dar ao fantástico. As ciências humanas ainda se encontram fechadas na superstição positivista. A noção do devir, do evolutivo, domina o pensamento científico. A psicologia ainda se baseia numa visão do homem terminado, nas funções mentais uma vez por todas hierarquizadas.

Ora, bem pelo contrário, a nós parece-nos que o homem não está terminado, parece-nos vislumbrar, através dos formidáveis abalos que neste momento alteram o mundo, abalos em altura no domínio do conhecimento, abalos em largura produzidos pela formação das grandes massas, as premissas de uma modificação do estado da consciência humana, uma alteração renovadora no interior do próprio homem. De forma

que a psicologia eficaz, adaptada aos tempos que nós vivemos, deveria, segundo cremos, basear-se não naquilo que o homem é (ou antes naquilo que ele parece ser), mas naquilo que ele pode vir a ser, na sua possível evolução.

O primeiro trabalho útil seria a procura do ponto de vista sobre essa possível evolução. Foi a essa procura que nos dedicamos. Todas as doutrinas tradicionais assentam na idéia de que o homem não é um ser completo, e as antigas psicologias estudam as condições em que se devem operar as alterações, modificações, transmutações, que levarão o homem à sua verdadeira realização.

Uma determinada reflexão absolutamente moderna realizada segundo o nosso método leva-nos a pensar que o homem possui, provavelmente, faculdades que não explora, toda uma maquinaria por utilizar. Já o dissemos: o conhecimento do mundo exterior no seu limite, provoca uma revisão da própria natureza do conhecimento, das estruturas da inteligência e da percepção. Também dissemos que a próxima revolução seria psicológica. Esta idéia não é apenas nossa: é partilhada por muitos investigadores modernos de Oppenheimer a Costa de Beauregard, de Wolfgang Pauli a Heisenberg, de Charles-Noel Martin a Jacques Menétrier.

No entanto, é verdade que no limiar dessa revolução nenhum dos altos pensamentos quase religiosos que animam os investigadores penetra no espírito dos homens vulgares, vivificando as profundezas da sociedade. Tudo se modificou em certos cérebros. Nada se modificou desde o século XIX nas idéias gerais a respeito da natureza do homem e da sociedade humana. Jaurès, num artigo inédito sobre Deus, escrito no final da sua vida, dizia com grandeza:

O que hoje queremos dizer é que a idéia religiosa, por momentos afastada, pode reapossar-se dos espíritos e das consciências, visto que as conclusões atuais da ciência os predispõem a recebê-la. Existe desde já, se assim se pode dizer, uma religião já pronta, e se ela não penetra neste momento nas profundezas da sociedade, se a burguesia é limitadamente espiritualista ou tolamente positivista, se o proletariado está dividido entre a superstição servil ou o materialismo apaixonado, é porque o regime social atual é um regime de embrutecimento e de ódio, quer dizer, um regime irreligioso.

Não é, como dizem muitas vezes os declamadores vulgares e os moralistas sem idéias, porque a nossa sociedade tenha a preocupação dos interesses materiais que ela é irreligiosa. Pelo contrário, há qualquer coisa de religioso na conquista da natureza pelo homem, na apropriação das forças do Universo pelas necessidades da humanidade. Não, o que é irreligioso é que o homem não conquista a natureza sem escravizar os homens. Não é a preocupação pelo progresso material que afasta o homem dos altos pensamentos e da meditação das coisas divinas, é o esgotamento do labor inumano que não permite, à maior parte dos homens, ter a força de pensar nem sequer a de sentir a vida, quer dizer, Deus. É também a sobrexcitação das paixões vis, a inveja e o orgulho, que desperdiçam em lutas ímpias a energia íntima dos mais valorosos e dos mais felizes. Entre a provocação da fome e a sobrexcitação do ódio, a humanidade não pode pensar no infinito. A humanidade é como uma grande árvore, cheia do ruído de moscas irritadas sob um céu de tempestade, e nesse zumbido de ódio a voz profunda e divina do Universo não é ouvida.

Foi com emoção que descobri este texto de Jaurès. Ele retoma os termos da longa mensagem que meu pai lhe havia enviado. Meu pai esperou febrilmente a resposta,

que não chegou. Foi a mim que ela chegou, por intermédio desse inédito, perto de cinqüenta anos mais tarde. . .

É evidente que o homem não tem um conhecimento de si próprio à altura do que ele faz, isto é, do que a ciência, recompensa do seu obscuro labor, revela a respeito do Universo, dos seus mistérios, dos seus poderes e das suas harmonias. E se o não tem é porque a organização social, baseada em idéias caducas, o priva de esperança, de repouso e de paz. Privado da vida, no verdadeiro sentido da palavra, como poderia ele descobrir a vastidão do infinito? No entanto, tudo nos incita a pensar que as coisas se modificarão rapidamente; que a agitação das grandes massas, a formidável pressão das descobertas e das técnicas, o movimento das idéias nas esferas da verdadeira responsabilidade, o contacto com as inteligências exteriores varrerão os antigos princípios que paralisam a vida em sociedade, e que o homem, novamente disponível no final desse caminho que vai da alienação à revolta e, depois, da revolta à adesão, sentirá nascer nele próprio essa alma nova de que fala Teilhard, e descobrirá na liberdade esse poder de ser causa que liga o ser ao fato.

Que o homem possui certos poderes: premonição, telepatia, etc., parece que está provado. Existem fatos observáveis. Mas, até aqui, tais fatos foram apresentados como supostas provas da realidade de alma, ou do espírito dos mortos. O extraordinário como manifestação do improvável: contra-senso. Portanto rejeitamos, no nosso trabalho, qualquer recurso ao oculto e ao mágico. Isto não significa que se deva desprezar a totalidade dos fatos e dos textos desse gênero. Quanto a isso, tomamos a mesma atitude de Roger Bacon 1, tão moderna e inteligente: É necessário, nestes assuntos, proceder com prudência, pois o homem pode facilmente enganar-se, e encontrar-nos-emos em presença de dois erros: uns negam tudo o que é extraordinário, e os outros, ultrapassando a razão, caem na magia. Precisamos portanto de desconfiar desses numerosos livros que contêm versos, caracteres, orações, conjurações, sacrifícios, pois trata-se de livros de pura magia, e de outros em número infinito, os quais não possuem o poder da arte nem o da natureza, mas histórias de feiticeiros. É necessário, por outro lado, considerar que, entre os livros considerados mágicos, há-os que o não são de forma alguma e contêm o segredo dos sábios... Se alguém encontrar nessas obras qualquer operação da natureza ou da arte, que a guarde.. .

O único progresso em psicologia foi o começo da exploração das profundezas, das zonas subconscientes. Nós cremos que 1613: Lettre sur les Prodiges. existem também cumes a explorar, uma zona superconsciente.

Ou antes, as nossas pesquisas e reflexões convidam-nos a admitir como hipótese a existência de um equipamento superior do cérebro, em grande parte inexplorado. No estado de vigília normal da consciência, fica em atividade um décimo do cérebro. Que se passa nos nove décimos aparentemente silenciosos? Não existe um estado onde a totalidade do cérebro se acharia em atividade organizada? Todos os fatos que vamos agora enumerar e estudar podem ser ligados a um fenômeno de ativação das zonas habitualmente adormecidas.

Ora ainda não existe nenhuma psicologia orientada para esse fenômeno. Sem dúvida será necessário aguardar que a neurofisiologia progrida para que nasça uma psicologia dos cumes. Sem esperar o desenvolvimento dessa nova psicologia, e sem querer prever os seus resultados, queremos simplesmente chamar a atenção para esse domínio. Pode ser que a sua exploração se revele tão importante como a exploração do

átomo e a do espaço.

Até aqui, todo o interesse se fixou naquilo que está por debaixo da consciência; quanto à própria consciência, não deixou de aparecer, no estudo moderno, como um fenômeno proveniente das zonas inferiores: o sexo para Freud, os reflexos condicionados para Pavlov, etc. De forma que toda a literatura psicológica, todo o romance moderno, por exemplo, corresponde à definição de Chesterton: Essas pessoas que, ao falarem do mar, só falam do enjôo. Mas Chesterton era católico: ele cria na existência dos cumes da consciência porque admitia a existência de Deus. Tornava-se necessário que a psicologia se libertasse, como qualquer outra ciência, da teologia. Nós apenas pensamos que a libertação ainda não é completa; que existe também uma libertação em altura: pelo estudo metódico dos fenômenos que se situam acima da consciência, da inteligência que vibra a uma freqüência superior.

O espectro da luz apresenta-se assim: à esquerda, a larga faixa das ondas hertzianas e do infravermelho. Ao centro, a estreita faixa da luz visível; à direita, a faixa infinita: ultravioleta, raios X, raios gama e o desconhecido.

E se o espectro da inteligência, da luz humana, lhe fosse comparável? À esquerda, o infra ou subconsciente, ao centro, a estreita faixa da consciência, à direita, a faixa infinita da ultraconsciência.

Até aqui os estudos só atingiram a consciência e a subconsciência. O vasto domínio da ultraconsciência não parece ter sido explorado, a não ser pelos místicos e pelos mágicos: explorações secretas, testemunhos pouco esclarecedores. A pequena quantidade de informações conseguidas faz com que se expliquem certos fenômenos inegáveis - como seja a intuição e o gênio, correspondendo ao princípio da faixa da direita - com os fenômenos da infraconsciência, correspondendo ao final da faixa da esquerda.

Aquilo que sabemos do subconsciente serve-nos para explicar o pouco que sabemos do superconsciente. Ora, não se pode explicar a direita do espectro de luz com a esquerda, os raios gama com as ondas hertzianas: as propriedades não são as mesmas. Assim, pensamos que, se existe um estado para além do estado de consciência, as propriedades do espírito são aí totalmente diferentes. Outros métodos, diferentes dos da psicologia dos estados inferiores, devem ser encontrados.

Em que condições pode o espírito atingir esse outro estado. Quais serão então as suas propriedades? A que conhecimentos é então susceptível de chegar? O formidável movimento do conhecimento faz-nos chegar a esse ponto em que o espírito se sabe na obrigação de se modificar, para ver o que há a ver, para fazer o que deve ser feito. O pouco que vemos é devido ao pouco que somos. Mas seremos nós apenas aquilo que julgamos ser?

## UMA REDESCOBERTA AO ESPÍRITO MÁGICO

## IV

**O olho verde do Vaticano. - A outra inteligência. A Fábrica do Bosque Adormecido. - História da relavote. - É possível que a natureza faça um jogo duplo. A manivela da supermáquina. - Novas catedrais, nova gíria. - A última porta. - A existência como instrumento. - Coisas novas e razoáveis sobre os**

**símbolos. - Nem tudo está em tudo.**

Para decifrar certos manuscritos encontrados nas margens do mar Negro foi insuficiente a ciência dos melhores lingüístas do Mundo. Instalou-se uma máquina, um computador eletrônico, no Vaticano, e deu-se-lhe a estudar um pavoroso garatujado, os restos de um pergaminho imemorial sobre todos os quais estavam inscritos em todos os sentidos pedaços de indecifráveis signos. Era necessário que a máquina fizesse um trabalho que centenas de cérebros, durante centenas de anos, não poderiam executar: comparar os traços, refazer todas as séries possíveis de traços semelhantes, escolher entre todas as possibilidades possíveis, extrair uma lei de similitude entre todos os termos de comparação imagináveis, depois, tendo esgotado a lista infinita das combinações, elaborar um alfabeto a partir da única similitude aceitável, recriar uma língua, restituir, traduzir. A máquina fixou o magma do seu olho verde, imóvel e frio, começou a estalar e a zumbir, inúmeras ondas rápidas percorreram o seu cérebro eletrônico, e finalmente fez emergir desse resíduo uma mensagem, libertando a palavra do velho mundo submerso. Ela traduziu. Sobre esses pergaminhos poeirentos, restos de letras se reanimaram, se uniram, se refundiram, e do informe, desse cadáver do verbo saiu uma voz cheia de promessas. A máquina disse: E nesse deserto traçaremos uma estrada em direção ao vosso Deus.

É sabida a diferença entre a aritmética e as matemáticas.

O pensamento matemático, desde Evariste Galois, descobrir um mundo que é estranho ao homem, que não corresponde à experiência humana, ao Universo tal como o conhece a consciência humana vulgar. A lógica que diz sim ou não é ali substituída por uma superlógica que funciona por sim e não. Esta superlógica não é do domínio da razão, mas da intuição. É neste sentido que se pode dizer que a intuição, quer dizer, uma faculdade selvagem, um poder insólito do espírito, rege atualmente grandes cantões de matemáticos.

Como funciona normalmente o cérebro? Funciona como máquina aritmética binária: sim, não, de acordo, não de acordo, verdadeiro, falso, gosto, não gosto, bom, mau. Como binário, o nosso cérebro é invencível. Grandes computadores humanos conseguiram ultrapassar as máquinas eletrônicas.

O que é uma máquina aritmética? É uma máquina que, com extraordinária rapidez, classifica, aceita e recusa, arruma os diversos fatores por séries. No fim de contas, é uma máquina que põe ordem no Universo. Imita o funcionamento do nosso cérebro.

O homem classifica. Esta é a sua honra. Todas as ciências são baseadas num esforço de classificação.

Sim, mas existem, também, atualmente, máquinas eletrônicas que não funcionam apenas aritmeticamente como também analogicamente. Exemplo: se se deseja estudar todas as condições de resistência da barragem que se constrói, elabora-se um plano da barragem. Efetuaram-se todas as observações possíveis a respeito desse plano. Fornecem à máquina o conjunto dessas observações. Esta coordena, compara a uma velocidade inumana, estabelece todas as conexões possíveis entre essas mil observações de pormenor, e declara: Se não se reforçar o calço do terceiro pilar desmoronar-se-á em 1984.

A máquina analógica fixou, com o seu olho imóvel e infalível, o conjunto das reações da

barragem, depois previu todos os aspectos da existência dessa barragem, assimilou essa existência e deduziu-lhe todas as leis. Ela viu o presente na sua totalidade, estabelecendo a uma velocidade que contrai o tempo todas as relações possíveis entre todos os fatores particulares, e pôde ver, simultaneamente, o futuro. No fim de contas, passou do saber ao conhecimento.

Ora pensamos que o cérebro pode, também ele, em certos casos, funcionar como uma máquina analógica. Quer dizer que ele deve poder:

1º - Reunir todas as observações possíveis a respeito de um caso;

2º - Estabelecer a lista das revelações constantes entre os múltiplos aspectos do caso;

3º - Transformar-se, por assim dizer, no próprio caso, assimilar-lhe a essência e descobrir a totalidade do seu destino.

Tudo isto, evidentemente, a uma velocidade eletrônica, realizando-se dezenas de milhares de conexões numa espécie de tempo atomizado. Esta série fabulosa de operações precisas, matemáticas, é o que por vezes chamamos uma iluminação, quando o mecanismo, por acaso, se põe em marcha. Se o cérebro pode funcionar como uma máquina analógica, pode, igualmente, trabalhar, não sobre a própria coisa, mas sobre uma maquete da coisa. Não sobre o próprio Deus, mas sobre um ídolo. Não sobre a eternidade, mas sobre uma hora. Não sobre a Terra, mas sobre um grão de areia. Quer dizer que deve poder, estabelecendo-se as conexões a uma velocidade que ultrapassa o raciocínio binário mais rápido, sobre uma imagem representando o papel de maquete, ver, como dizia Blake, o Universo num grão de areia e a eternidade numa hora.

Se isto se passasse assim, se a velocidade da classificação, de comparação, de dedução estivesse formidavelmente acelerada, se nossa inteligência se encontrasse, em certos casos, como a partícula no ciclotron, teríamos a explicação de toda a magia. A partir da observação de uma estrela a olho nu, um sacerdote maia teria podido reorganizar no seu cérebro o conjunto do sistema solar e descobrir Urano e Plutão sem telescópio (assim como o provam, parece, alguns baixos-relevos). A partir de um fenômeno no crisol, o alquimista poderia conseguir uma representação exata do átomo mais complexo e descobrir o segredo da matéria. Ter-se-ia a explicação da fórmula segundo a qual: O que está em cima é semelhante ao que está em baixo.

No domínio mais grosseiro da magia imitativa, compreender-se-ia de que forma o mágico pré-histórico, contemplando na sua gruta a imagem do bisão cerimonial, conseguia apreender o conjunto das leis do mundo bisão e anunciar à tribo a data, o local e as épocas favoráveis para a próxima caçada.

Os técnicos da cibernética construíram máquinas eletrônicas que funcionam primeiro aritmeticamente, depois analogicamente. Estas máquinas servem inclusivamente para o deciframento das linguagens cifradas. Mas os sábios são assim: eles recusam-se a imaginar que O que o homem criou possa também sê-lo. Estranha humildade!

Admitimos esta hipótese: o homem possui uma aparelhagem pelo menos igual, senão superior, a qualquer aparelhagem tecnicamente realizável, e destinada a atingir o resultado que se propõe qualquer técnica, a saber a compreensão e o manejo das forças universais. Por que motivo não possuiria ele uma espécie de máquina eletrônica

analógica nas profundezas do seu cérebro? Sabemos atualmente que nove décimos do cérebro humano não são utilizados na vida consciente normal e o doutor Warren Penfield demonstrou a existência, em nós, desse vasto domínio silencioso. E se esse domínio silencioso fosse uma imensa sala de máquinas prestes a porem-se em movimento, à espera de uma ordem? Se assim fosse, a magia teria razão.

Temos correios: as secreções dos hormônios ramificam-se em mil locais do nosso corpo para provocar excitações. Temos um telefone: o nosso sistema nervoso; beliscam-me, eu grito; tenho vergonha, coro, etc. Porque não teríamos também um rádio? O cérebro emite talvez ondas que se propagam a grande velocidade e que, como as ondas hiperfreqüências que penetram nos condutores ocos, circulam no interior dos cilindros de mieline que são os nervos. Neste caso possuiríamos um sistema de comunicações e conexões desconhecido. O nosso cérebro emite talvez sem cessar tais ondas, mas os receptores não são utilizados, ou então não começam a funcionar senão em raras ocasiões, como esses postos de T.S.F. mal sintonizados que um choque torna por instantes sonoros.

Eu tinha sete anos. Encontrava-me na cozinha, ao lado de minha mãe, que lavava a louça. A minha mãe pegou num esfregão para retirar a gordura dos pratos, e pensou, nesse mesmo momento, que a sua amiga Raymonde chamava esse objeto uma relavote (de lavar, limpar). Eu estava a tagarelar, mas, nesse próprio segundo parei e disse: a Raymonde chama a isto uma relavote. Não me recordaria deste incidente se minha mãe, vivamente impressionada, não mo tivesse várias vezes recordado, como se tivesse adivinhado um grande mistério e sentido, num bafo de alegria, que eu era ela, e que recebera uma prova mais do que humana do meu amor. Mais tarde, quando eu a fazia sofrer, nos momentos de trégua ela evocava esses segundos do encontro, como que para se convencer de que qualquer coisa de mais profundo que o seu sangue passara dela para mim.

Sei bem tudo o que se deve pensar das coincidências, e mesmo dessas coincidências privilegiadas que Jung chama significativas, mas parece-me, por ter vivido momentos análogos com um amigo muito caro, com uma mulher amada apaixonadamente, que é necessário ultrapassar a noção de coincidência e ousar atingir uma interpretação mágica. Basta para isso chegar a um acordo sobre a palavra mágico.

Que se passou nessa cozinha, numa tarde dos meus sete anos? Creio que involuntariamente devido a um choque imperceptível, um ínfimo estremecimento comparável à onda ligeira que faz cair um objeto muito tempo em equilíbrio, um ínfimo estremecimento provocado por puro acaso, uma máquina, em mim próprio, tornada infinitamente sensível por milhares de impulsos de amor, desse simples, violento, exclusivo amor de infância, se pôs bruscamente a funcionar. Essa máquina do meu cérebro, na fábrica cibernética da Bela Adormecida, contemplou minha mãe. Viu-a, recolheu e classificou todas as facetas do seu pensamento, do seu coração, dos seus humores, das suas sensações; transformou-se na minha mãe; teve conhecimento da sua essência e do seu destino até esse instante.

Fixou, arrumou, a uma velocidade maior que a luz, todas as associações de sentimentos e de idéias que tinham desfilado em minha mãe desde o seu nascimento, e chegou à última associação, a do esfregão, de Raymonde e da relavote. E então eu exprimi o resultado do trabalho dessa máquina, que fora executado tão loucamente depressa que o seu próprio fruto me atravessava sem deixar vestígios, como os raios

cósmicos nos atravessam, sem provocar qualquer sensação. Eu disse: Raymonde chama a isto uma relavote. Depois a máquina parou, ou então deixei de ser receptivo depois de o ter sido durante um milionésimo de segundo, prossegui a frase iniciada antes. Antes que o tempo parasse, ou melhor, se acelerasse em todos os sentidos, passado, presente, futuro; é a mesma coisa.

Eu viria a experimentar, noutras circunstâncias, coincidências da mesma natureza. Creio que é possível interpretá-las dessa forma. Pode ser que a máquina funcione constantemente, mas que nós só possamos ser receptivos ocasionalmente. Para mais, essa receptividade só pode ser raríssima. Talvez seja nula em certas pessoas. Desta forma há pessoas que têm sorte, e outras que a não tem. Os felizardos seriam aqueles que, por vezes, recebem uma mensagem da máquina: ela analisou todos os elementos da conjuntura, classificou, escolheu, comparou todos os efeitos e todas as causas possíveis e, descobrindo desta forma o melhor caminho do destino, pronunciou o oráculo, que foi recolhido sem que, nem ao de leve, a consciência suspeitasse desse trabalho formidável.

Esses são queridos dos deuses, de fato. Eles são de tempos a tempos ligados para a sua fábrica. Para só falar de mim, tenho aquilo a que se chama sorte. Tudo me leva a crer que os fenômenos que presidem a esta sorte são da mesma espécie que os fenômenos que presidem à história da relavote.

E assim nós começamos a aperceber de que a concepção mágica das relações do homem com outrem, com as coisas, com o tempo - que essa concepção não é completamente estranha a uma reflexão livre e viva sobre a técnica e a ciência modernas. É a modernidade que nos permite acreditar no mágico. São as máquinas eletrônicas que nos fazem tomar a sério o feiticeiro pré-histórico e o sacerdote maia. Se se estabelecerem conexões ultra-rápidas no domínio silencioso do cérebro humano e se, em certas circunstâncias, o resultado desse trabalho é captado pela consciência, determinadas práticas dessa magia imitativa, determinadas revelações proféticas, determinadas iluminações poéticas ou místicas, determinadas divinações, que levamos à conta do delírio ou acaso, serão de considerar como aquisições reais do espírito em estado de vigília.

Aliás, há vários anos que sabemos que a natureza não é razoável. Ela não se adapta à forma vulgar do funcionamento da inteligência. Para a parte do nosso cérebro normalmente utilizável, qualquer raciocínio é binário. Isto é negro ou branco. É sim ou não. É contínuo ou descontínuo. A nossa máquina de compreender é aritmética. Classifica e compara. Todo o Discurso do método se baseia nisso. Toda a filosofia chinesa do Ying e do Yang também (e o Livro das mudanças, único livro de oráculos do qual a antiguidade nos transmitiu as leis, é composto por figuras gráficas: três linhas contínuas, três descontínuas em todas as ordens possíveis). Ora, como o dizia Einstein no final da sua vida: Pergunto a mim próprio se a natureza joga sempre o mesmo jogo.

De fato, dá a impressão que a natureza escapa à máquina binária que é o nosso cérebro no seu estado de marcha normal. Desde Louis de Broglie fomos obrigados a admitir que a luz é simultaneamente contínua e quebrada. Mas nenhum cérebro humano conseguiu a representação de tal fenômeno, a compreensão a partir do interior, um conhecimento real. Admite-se. Sabe-se. Mas não se conhece. Imagine-se agora que, sobre um modelo da luz (toda a literatura e iconografia religiosas abundam em evocações da luz), um cérebro passa do estado aritmético ao estado analógico, no

relâmpago do êxtase.

Transforma-se na luz. Ele vive o incompreensível fenômeno. Nasce com ele. Conhece-o. Ele chega onde a sublime inteligência de Broglie não consegue chegar. Depois volta a cair, o contacto com as máquinas superiores é cortado, essas máquinas que funcionam na imensa galeria secreta do cérebro humano. A sua memória apenas lhe restitui os restos do conhecimento que acaba de adquirir. E a linguagem é impotente até para traduzir esses restos. Talvez certos místicos tenham conhecido desta forma os fenômenos da natureza que a nossa inteligência moderna conseguiu descobrir e admitir, mas não logrou integrar.

E, da mesma forma que eu, o escriba perguntava Como, ou que coisa ela via, ou se via coisa corpórea. Ela respondia assim: eu via uma plenitude, uma claridade que me enchia de tal forma que não sei explicá-la ou dar qualquer similitude. . . Eis uma passagem daquilo que Ângela de Foligno ditou ao seu confessor, passagem essa absolutamente significativa.

O computador eletrônico, sobre uma maquete matemática de barragem ou de avião, funciona analogicamente. Em certa medida transforma-se nessa barragem ou nesse avião e dá a conhecer a totalidade dos aspectos da sua existência. Se o cérebro pode agir da mesma forma, começamos a compreender por que motivo o feiticeiro elabora uma estrutura invocando o inimigo que quer atingir ou desenha o bisão de que pretende descobrir o rasto. Espera diante desses esboços a passagem da sua inteligência do estado binário para o estado analógico, a passagem da sua consciência do estado ordinário para o estado de vigília superior. Ele aguarda que a máquina comece a trabalhar analogicamente, que se produzam, no domínio silencioso do seu cérebro, conexões ultra-rápidas que lhe revelarão a realidade total da coisa representada. Ele espera, mas não passivamente. Que faz então? Escolheu a hora e o local em função de ensinamentos antigos, de tradições que talvez sejam o resultado de uma série de experiências. Tal momento de tal noite, por exemplo, é mais favorável que outro tal momento de tal outra noite, talvez devido ao estado do céu, da radiação cósmica, da disposição dos campos magnéticos, etc.

Ele coloca-se numa determinada posição bem precisa. Faz certos gestos, uma dança especial, pronuncia certas palavras, emite sons, modula um sopro, etc. Ainda se não suspeitou que poderia tratar-se de técnicas (embrionárias, hesitantes) destinadas a provocar o estremecimento das máquinas ultra-rápidas contidas na parte adormecida do nosso cérebro. Os rituais talvez não sejam mais do que conjuntos complexos de disposições rítmicas susceptíveis de provocar uma atividade das funções superiores da inteligência. Uma espécie de voltas de manivela, mais ou menos eficazes. Tudo leva a crer que o funcionamento dessas funções superiores, desses cérebros eletrônicos analógicos, exigem ramificações mil vezes mais complicadas subtis que aquelas necessárias para a passagem do sono à lucidez.

Depois dos trabalhos de Von Frisch, sabe-se que as abelhas têm uma linguagem: desenham no espaço figuras matemáticas infinitamente complicadas, durante o vôo, e comunicam desta forma entre si as informações necessárias à vida da colméia. Tudo leva a crer que o homem, para estabelecer comunicação com os seus poderes mais elevados, deve pôr em jogo uma série de impulsos pelo menos tão complexos, tão tênues e tão estranhos àquilo que habitualmente determina os seus atos intelectuais.

As rezas e os rituais perante os ídolos, perante as figuras simbólicas das religiões,

seriam portanto tentativas para captar e orientar energias subtis (magnéticas, cósmicas, rítmicas, etc), para provocar o movimento da inteligência analógica que permitiria ao homem conhecer a divindade representada.

Se assim é, se existem técnicas para obter do cérebro um rendimento sem medida comum com os resultados da inteligência binária, mesmo que se tratasse da maior, e se essas técnicas apenas foram procuradas até aqui pelos ocultistas, compreende-se que a maior parte das importantes descobertas práticas e científicas, antes do século XIX, tenham sido feitas por estes.

A nossa linguagem, assim como o nosso passado, procede do funcionamento aritmético, binário, do nosso cérebro. Nós classificamos em sim, não, positivo, negativo, estabelecemos as comparações e deduzimos. Se a linguagem nos serve para ordenar o nosso pensamento por sua vez inteiramente ocupado em organizar, é necessário verificar que ela não é um elemento criador exterior, um atributo divino. Ela não vem acrescentar um pensamento ao pensamento. Se eu falo ou escrevo, refreio a minha máquina. Não a posso descrever senão observando ao ralenti. Portanto apenas exprimo a minha tomada de consciência binária do mundo e mesmo assim quando essa consciência cessa de funcionar à velocidade normal. A minha linguagem é apenas testemunho do ralenti de uma visão do mundo também limitada ao binário. Esta insuficiência da linguagem é evidente e intensamente ressentida. Mas que dizer da insuficiência da própria inteligência binária?

A existência interna, a essência das coisas escapa-lhe. Pode descobrir que a luz é contínua e descontínua simultaneamente, que a molécula do benzeno estabelece entre os seus seis átomos relações duplas e no entanto mutuamente exclusivas; admite-o, mas não o pode compreender, não pode integrar ao seu próprio movimento a realidade das estruturas profundas que examina. Para o conseguir ser-lhe-ia necessário mudar de estado, seria preciso que outras máquinas diferentes das habitualmente usadas começassem a funcionar no cérebro, e que o raciocínio binário fosse substituído por uma consciência analógica que revestisse as formas e assimilasse os ritmos inconcebíveis dessas estruturas profundas. Talvez isso se produza, na intuição científica, na inspiração poética, no êxtase religioso e noutros casos que ignoramos. O recurso à consciência desperta, quer dizer, a um estado diferente do estado de vigília lúcida, é o leitmotiv de todas as antigas filosofias. É também o leitmotiv dos maiores físicos e matemáticos modernos, para quem qualquer coisa se deve passar na consciência humana para que ela passe do saber ao conhecimento.

Não é portanto surpreendente que a linguagem, que não consegue senão testemunhar uma consciência do mundo em estado de vigília lúcida normal, seja obscura desde que se trate de exprimir essas estruturas profundas, quer se trate da luz, da eternidade, do tempo, da energia, da essência do homem, etc. No entanto, distinguimos duas espécies de obscuridade. Uma provém de que a linguagem é o veículo de uma inteligência que se aplica a examinar essas estruturas sem nunca as poder assimilar. É o veículo de uma natureza que esbarra em vão com outra natureza. Quando muito, apenas traz o testemunho de uma impossibilidade, o eco de uma sensação de impotência e de exílio. A sua obscuridade é real. Trata-se apenas da obscuridade. A outra provém do fato que o homem que tenta exprimir-se experimentou, por instantes, outro estado de consciência. Viveu por um momento na intimidade dessas estruturas profundas. Conheceu-as. É o místico do tipo São João da Cruz, o sábio iluminado do tipo Einstein ou o poeta inspirado do tipo William Blake, o matemático arrebatado do tipo Galois, o

filósofo visionário do tipo Meyrink.

Depois da queda, o vidente é incapaz de comunicar. Mas a partir daí, ele exprime a certeza positiva de que o Universo seria controlável e manejável se o homem pudesse combinar tão intimamente quanto possível o estado de vigília e o estado de supervigília. Qualquer coisa de eficaz, o perfil de um instrumento soberano aparece em tal linguagem. Fulcanelli, ao falar do mistério das Catedrais, Wiener, ao falar da estrutura do Tempo, são obscuros, mas aqui a obscuridade não é a obscuridade: ela é o sinal de que qualquer coisa brilha algures.

Apenas a moderna linguagem matemática pode, provavelmente, traduzir certos resultados do pensamento analógico. Existem, na física matemática, domínios do algures absoluto e de contínuos de medida nula, quer dizer, medidas de universos inconcebíveis e no entanto reais. É natural que nos interroguemos a nós próprios para saber por que motivo os poetas ainda não foram ouvir junto dessa ciência o canto das realidades fantásticas, a não ser por receio de terem de reconhecer esta evidência: que a arte mágica vive e progride para além dos seus gabinetes. Esta linguagem matemática a testemunhar a existência de um universo que escapa à consciência normalmente lúcida é a única em atividade, em constante progresso.

Os seres matemáticos, quer dizer, as expressões, os signos que simbolizam a vida e as leis do mundo invisível, do mundo impensável, desenvolvem, fecundam outros seres. Para falar com propriedade, esta linguagem é a verdadeira língua verde do nosso tempo.

Sim, a língua verde, a gíria no sentido original dessas palavras ', no sentido que se lhes dava na Idade Média (e não no sentido insípido que hoje lhe atribuem certos literatos que se julgam audaciosos), eis que a encontramos na ciência de vanguarda, na física matemática que é, se analisarmos bem, um desregramento da inteligência aceite, uma ruptura, uma visão.

O que é a arte gótica, à qual devemos as catedrais? Baseando-se na similitude fonética entre argot (gíria) e art goth (arte dos godos), bem como entre argotique (de gíria) e art gotháque (arte gótica, arte dos godos), Fulcanelli escrevia [2]: Para nós a arte gótica não passa de uma deformação ortográfica da palavra argotáque, de acordo com a lei fonética que rege, em todas as línguas, sem dar a menor atenção à ortografia, a cabala tradicional. A catedral é uma obra de art got ou de argot.

E o que é a catedral de hoje, a que ensina aos homens as estruturas da Criação, senão a equação, que substituiu a rosácea? Libertemo-nos das fidelidades inúteis ao passado, a fim de melhor nos ligarmos a ele. Não procuremos a catedral moderna no monumento de vidro e betão encimado de uma cruz. A catedral da Idade Média era o livro dos mistérios dado aos homens do passado. O livro dos mistérios, hoje, são os físicos matemáticos que o escrevem, com seres matemáticos, encaixados como rosáceas nas construções que se chamam foguetões interplanetários, fábrica atômica, ciclotron. Eis a verdadeira continuidade, eis o verdadeiro fio da tradição.

Os argotáers da Idade Média, filhos espirituais dos Argonautas que conheciam o caminho do jardim das Hespérides, escreviam na pedra a sua mensagem hermética. Signos incompreensíveis para os homens nos quais a consciência não sofreu transformações, nem o cérebro sofreu aquela aceleração formidável pela qual o inconcebível se torna real, sensível e manejável. Não eram secretos por amor ao

secreto, mas simplesmente porque as suas descobertas das leis da energia, da matéria e do espírito se tinham efetuado noutro estado de consciência, incomunicável diretamente. Eram secretos, porque ser é ser diferente.

Por tradição atenuada, como em recordação de tão alto exemplo, o calão é nos nossos dias um dialeto à margem, usado pelos insubmissos, ávidos de liberdade, pelos proscritos, os nômades, por todos aqueles que vivem à margem das leis vigentes e das convenções. Esses eram os voyants (videntes), ou seja, por corrupção da palavra, os voyous (que veio a significar vadios), e entre eles havia-os que se proclamavam Filhos do Sol, sendo assim L'art got a arte da luz ou do espírito.

Mas reencontraremos a tradição sem degenerescência se nos apercebermos de que esse art got, que é arte do espírito, é hoje a arte dos seres matemáticos e dos integrais de Lebesque, dos números para além do Infinito; a dos físicos matemáticos que edificam, em curvas insólitas, em luzes interditas, em trovoadas e em chamas, as catedrais para as missas do futuro.

Estas observações arriscam-se a parecer revoltantes para um leitor religioso. Mas não são. Pensamos que as possibilidades do cérebro humano são infinitas. Isto põe-nos em contradição com a psicologia e a ciência oficiais, que têm confiança no homem, sob a condição de que ele não ultrapasse o quadro traçado pelos racionalistas do século XIX. Isto não deveria pôr-nos em contradição com o espírito religioso, pelo menos com o que tem de mais puro e de mais alto.

O homem pode atingir os segredos, ver a luz, ver a Eternidade, apreender as leis da Energia, adaptar a sua marcha interior ao ritmo do destino universal, ter um conhecimento sensível da última convergência das forças e, como Teilhard de Chardin, viver da incompreensível vida do ponto Ômega onde toda a criação se encontrará, no final do tempo terrestre, a um tempo terminada, consumida e exaltada. O homem tudo pode. A sua inteligência, equipada provavelmente, desde a origem, para um conhecimento infinito, pode, em certas condições, apreender o conjunto dos mecanismos da vida. O poder da inteligência humana inteiramente manifestada provavelmente pode atingir a totalidade do Universo. Mas esse poder cessa onde essa inteligência, chegada ao termo da sua missão, pressente que ainda há qualquer coisa para além do Universo.

Aqui, a consciência analógica perde toda a possibilidade de funcionar. Não há, no Universo, modelos do que está para além do Universo. Essa porta intransponível é a do Reino de Deus. Aceitamos essa expressão, nesta acepção: Reino de Deus.

Por ter tentado ultrapassar o Universo imaginando um número maior que tudo o que se poderia conceber no Universo, por ter tentado constituir um conceito que o Universo não pudesse preencher, o genial matemático Cantor acabou na loucura. Há uma última porta que a inteligência analógica não pode abrir. Poucos textos igualam em grandeza metafísica aquele onde H. P. Lovecraft' tenta descrever a aventura desvairada do homem desperto que teria conseguido entreabrir essa porta e portanto afirmaria ter penetrado ali onde Deus reina para além do infinito. . .

Ele sabia que um tal Randolph Carter, de Boston, tinha existido; no entanto não podia saber com certeza se era ele próprio, fragmento ou faceta de entidade para além da última Porta, ou qualquer outro, que fora esse Randolph Carter. O seu eu fora destruído, e, no entanto, graças a qualquer faculdade inconcebível, tinha igualmente

consciência de ser uma legião de eu. Se é que nesse sítio, onde a menor noção de existência individual estava abolida, podia sobreviver, sob qualquer forma, uma coisa tão singular. Era como se o seu corpo tivesse sido bruscamente transformado numa dessas efígies, de múltiplas cabeças e membros, dos templos hindus. Num esforço insensato, contemplando esse aglomerado, tentava separar o seu corpo original - se é que podia existir um corpo original...

Nessas terrificantes visões, esse fragmento de Randolph Carter que ultrapassara a última Porta foi arrancado ao nadir do horror para mergulhar nos abismos de um horror ainda mais profundo e, dessa vez, isso vinha do interior: era uma força, uma espécie de personalidade que bruscamente lhe fazia frente e o envolvia ao mesmo tempo, se apossava dele e se integrava a sua própria presença, coexistia a todas as eternidades, era contíguo a todos os espaços.

Não havia qualquer manifestação visível, mas a percepção dessa entidade e a temível combinação dos conceitos de entidade e de infinidade provocava-lhe um terror paralisante. Esse terror ultrapassava de longe todos os que, até ali, Carter suspeitara que existiam... Essa entidade era uma e um todo, um ser a um tempo infinito e limitado que não fazia apenas parte de um contínuo espaço-tempo, mas que fazia parte integrante do turbilhão eterno das forças de vida, do último turbilhão sem limites que tanto ultrapassa as matemáticas como a imaginação.

Essa entidade talvez fosse aquela que certos cultos secretos da Terra evocam em voz baixa e que os espíritos vaporosos das nebulosas espirais designam por meio de um signo impossível de reproduzir... E, num relâmpago, projetado ainda mais longe, o fragmento de Carter conheceu a superficialidade, a insuficiência do que acabava de experimentar mesmo disso, mesmo disso.. .

Voltemos ao nosso assunto inicial. Nós não dizemos: existe, na imensa superfície silenciosa do cérebro, uma máquina eletrônica analógica. Dizemos: visto que existem máquinas aritméticas e máquinas analógicas, não seria possível imaginar, para além do funcionamento da nossa inteligência em estado normal, um funcionamento em estado superior? Poderes da inteligência que pertenceriam à mesma categoria dos da máquina analógica? A nossa comparação não deve ser tomada à letra. Trata-se de um ponto de partida, de uma rampa de lançamento em direção às regiões da inteligência ainda selvagens, quase por explorar. Nessas regiões, a inteligência talvez comece bruscamente a cintilar, iluminando as coisas habitualmente escondidas do Universo. De que forma consegue ela atingir essas regiões onde a sua própria vida se torna prodigiosa? Por que operações se dá a mudança de estado? Não afirmamos que o sabemos. Dizemos que há, nos ritos mágicos e religiosos, na imensa literatura antiga e moderna consagrada aos momentos singulares, aos instantes fantásticos do espírito, milhares e milhares de descrições fragmentárias que seria necessário reunir, comparar, e que talvez evoquem um método perdido - ou um método futuro.

Pode dar-se o caso de que por vezes a inteligência roce, como que por acaso, a fronteira dessas regiões selvagens. Aí põe em movimento, durante uma fração de segundo, as máquinas superiores de que distingue confusamente o ruído. É a minha história da relavote, são todos esses fenômenos ditos parapsicológicos cuja existência tanto nos perturba, são esses extraordinários e raros fachos iluminativos, um, dois ou três, que a maior parte das pessoas sensitivas sentem no decorrer da vida, e sobretudo nas mais tenras idades. Nada resta, apenas a recordação. transpor essa fronteira (ou,

como dizem os textos tradicionais: entrar no estado de vigília) provoca um benefício muito maior e não parece ser obra do acaso. Tudo leva a pensar que essa ultrapassagem exige a reunião e a orientação de um enorme número de forças, exteriores e interiores. Não é absurdo supor que essas forças estão à nossa disposição.

Simplesmente, falta-nos o método. Também nos faltava o método, há pouco tempo, para libertar a energia nuclear. Mas talvez essas forças estejam apenas à nossa disposição no caso de nós comprometermos, para as captar, a totalidade da nossa existência. Os ascetas, os santos, os taumaturgos, os videntes, os poetas e os sábios de gênio não dizem outra coisa. E é o que escreve William Temple, moderno poeta americano: Nenhuma revelação especial é possível se a própria existência não for um instrumento de revelação.

Retomemos portanto a nossa comparação. Foi durante a segunda guerra mundial que a pesquisa operacional nasceu. Para que a necessidade de semelhante método se fizesse sentir era necessário que se pusessem problemas que escapavam ao bom-senso e à experiência. Portanto os tácticos recorreram aos matemáticos:

Quando uma situação, pela complexidade da sua estrutura aparente e da sua evolução visível, não pode ser dominada pelos processos habituais, pede-se aos cientistas para tratarem essa situação da mesma forma que, na sua especialidade, tratam os fenômenos da natureza, e para, desta forma, elaborarem uma teoria. Criar a teoria de uma situação ou de um objeto é imaginar um modelo abstrato cujas propriedades simularão as propriedades desse objeto. O modelo é sempre matemático. Por seu intermédio, as questões concretas são traduzidas em propriedades matemáticas.

Trata-se do modelo de uma coisa ou de uma situação demasiado nova ou demasiado complexa para ser apreendida na sua realidade total pela inteligência. Em pesquisa operacional fundamental, há então interesse em construir uma máquina eletrônica analógica de forma que essa máquina realize o modelo. Pode-se então, manipulando os botões de regulamento e vendo-a funcionar, encontrar respostas para todas as perguntas em vista das quais o modelo foi concebido.

Essas definições são extraídas de um boletim técnico. São mais importantes, para uma visão do homem desperto, para uma compreensão do espírito mágico, do que a maior parte das obras de literatura ocultista. Se nós traduzirmos modelo por ídolo ou símbolo, e máquina analógica por funcionamento iluminativo do cérebro ou estado de hiperlucidez, vemos que o mais misterioso caminho do conhecimento humano - aquele que se recusa a admitir os herdeiros do século XIX positivista- é um verdadeiro e grande caminho. É a técnica moderna que nos convida a considerá-lo como tal.

A presença dos símbolos, signos enigmáticos e de expressão misteriosa nas tradições religiosas, as obras de arte, os contos e os costumes do folclore provam a existência de uma linguagem universalmente espalhada no Oriente assim como no Ocidente, e cuja significação trans-histórica parece situar-se na própria raiz da nossa existência, dos nossos conhecimentos e dos nossos valores '.

Ora, o que é o símbolo, senão o modelo abstrato de uma realidade, de uma estrutura, que a inteligência humana não pode dominar inteiramente, mas cuja teoria esboça?

O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que desafiam qualquer processo de conhecimento 2. Como o modelo que o matemático elabora a

partir de um objeto ou de uma situação que escapa ao bom-senso ou a experiência, as propriedades do símbolo simulam as propriedades do objeto ou da situação assim abstratamente representados, e cujo aspecto fundamental se mantém dissimulado. Em seguida seria necessário que uma máquina eletrônica analógica fosse montada e funcionasse, a partir desse modelo, para que o símbolo mostrasse a realidade que contém e as respostas a todas as perguntas em vista das quais foi concebido.

O equivalente dessa máquina, supomos nós, existe no homem. Certas atitudes mentais e físicas ainda mal conhecidas podem provocar-lhe o funcionamento. Todas as técnicas, ascéticas, religiosas, mágicas parecem orientadas para esse resultado, e é provavelmente isso que a tradição, percorrendo toda a história da humanidade, exprime ao prometer aos sábios o estado de vigília. Assim, os símbolos talvez sejam os modelos abstratos, estabelecidos desde as origens da humanidade pensante, a partir dos quais as estruturas profundas do Universo nos poderiam ser sensíveis.

Mas atenção! Os símbolos não representam a coisa em si, o fenômeno em si. Seria igualmente falso pensar que eles são pura e simplesmente esquematizações. Na pesquisa operacional, o modelo não é o modelo reduzido ou simplificado de uma coisa conhecida. É o ponto de partida possível em vista do conhecimento dessa coisa. É um ponto de partida situado fora da realidade: situado no universo matemático. Em seguida será necessário que a máquina analógica, construída sobre esse modelo, entre em transes eletrônicos para que as respostas práticas sejam dadas.

Eis porque todas as explicações dos símbolos aos quais se dedicam os ocultistas são sem interesse. Eles trabalham sobre os símbolos como se se tratasse de esquemas traduzíveis pela inteligência no estado normal. Como se, desses esquemas, se pudesse caminhar imediatamente para uma realidade. Desde há séculos que assim ocupam o seu tempo na Cruz de Santo André, na suástica, na estrela de Salomão, e o estudo das estruturas profundas do Universo nem por isso avançou.

Devido a uma inspiração da sua sublime inteligência, Einstein conseguiu entrever (não a apreender totalmente, não a incorporar-se e a dominar) a relação espaço-tempo. Para comunicar a sua descoberta no grau em que ela é inteligentemente comunicável, e para se ajudar a si próprio, no sentido de se elevar até à sua própria visão iluminativa, desenha o signo e/ou triedro de referência. Esse desenho não é um esquema da realidade. É vulgarmente inutilizável. É um levanta-te e caminha! para o conjunto dos conhecimentos físico-matemáticos. Mas todo esse conjunto posto em movimento num cérebro potente não conseguirá senão reencontrar o que esse triedro evoca, e não passar ao Universo onde existe a lei expressa por esse signo. No final dessa marcha, porém, saber-se-á pelo menos que este outro universo existe.

Todos os símbolos são talvez da mesma categoria. A suástica invertida, ou Cruz gamada, cuja origem se perde no mais longínquo passado, talvez seja o modelo da lei que preside a toda a destruição. Cada vez que há destruição, na matéria ou no espírito, o movimento das forças é talvez conforme a esse modelo, da mesma forma que a relação espaço-tempo é conforme ao triedro. Assim também, diz-nos o matemático Eric Temple Bell, talvez a espiral seja o modelo da estrutura profunda de toda a evolução (da energia, da vida, da consciência).

Pode ser que no estado de vigília o cérebro possa funcionar como a máquina analógica a partir de um modelo estabelecido, e que desta forma ele penetre, a partir da suástica, a estrutura universal da destruição, a partir da espiral, a estrutura universal da

evolução. Os símbolos, os signos são talvez, portanto, modelos concebidos para as máquinas superiores do nosso espírito, em vista ao funcionamento da nossa inteligência noutro estado. A nossa inteligência, no seu estado vulgar, talvez trabalhe, com o seu vértice mais delicado, desenhando modelos graças aos quais, passando para um estado superior, poderia incorporar-se a última realidade das coisas.

Quando Teilhard de Chardin chega a atingir o ponto Ômega, elabora dessa forma o modelo do último ponto da evolução. Mas para sentir a realidade desse ponto, para viver em profundidade uma realidade tão pouco imaginável, para que a consciência integre essa realidade, a assimile por completo - para que a consciência, no fim de contas, se transforme ela própria no ponto Ômega e apreenda tudo o que é apreensível num tal ponto: o sentido último da vida da Terra, o destino cósmico do Espírito realizado, para além do final dos tempos no nosso globo -, para que essa passagem da idéia ao conhecimento se faça, seria necessário que surgisse outra forma de inteligência.

Ou seja uma inteligência analógica, ou a inspiração mística, ou o estado de contemplação absoluta. Assim, a idéia de Eternidade, a idéia de Transfinito, a idéia de Deus, etc., são talvez modelos estabelecidos por nós e destinados, noutro domínio da nossa inteligência, num domínio habitualmente adormecido, a dar as respostas em vista das quais nós as elaboramos.

O que é preciso ver bem é que a idéia mais sublime é talvez o equivalente do desenho do bisão para o feiticeiro pré-histórico. Trata-se de uma maquete. Em seguida será necessário que as máquinas analógicas comecem a funcionar sobre esse modelo na zona secreta do cérebro. O feiticeiro passa, por transes, para a realidade do mundo bisão, descobre-lhe todos os aspectos de uma só vez e pode anunciar o lugar e a hora da próxima caçada. Isto é a magia no estado mais inferior. No estado superior, o modelo não é um desenho ou uma estatueta, nem sequer um símbolo. É uma idéia, é o produto mais perfeito da mais perfeita inteligência possível. Essa idéia só foi concebida em vista de outra etapa da investigação: a etapa analógica, segundo tempo de toda a investigação operacional.

O que nos parece é que a mais alta, a mais fervorosa atividade do espírito humano consiste em estabelecer modelos destinados a outra atividade do espírito, pouco conhecida e difícil de pôr em atividade. É neste sentido que se pode dizer: tudo é símbolo, tudo é signo, tudo é evocação de outra realidade. Isto abre-nos portas sobre o possível e infinito poder do homem. Isto não nos dá a chave de todas as coisas, contrariamente ao que crêem os simbologistas.

Da idéia de Trindade, da idéia do transfinido, à estatueta cravada de alfinetes do mago aldeão, passando pela cruz, a suástica, o vitral, a catedral, a Virgem Maria, os seres matemáticos, os números, etc., tudo é modelo, maquete de qualquer coisa que existe num universo diferente daquele onde essa maquete foi concebida. Mas as maquetes não são intercambiáveis: um modelo matemático de barragem fornecido ao computador eletrônico não é comparável a um modelo de foguetão supersônico. Nem tudo está em tudo. A espiral não está na cruz. A imagem do bisão não está na fotografia sobre a qual o médium se exercita, o ponto Ômega do P.e Teilhard não está no Inferno de Dante, o menir não está na catedral, os números de Cantor não estão nos números do Apocalipse. Se existem maquetes de tudo, nem todas as maquetes são como mesas gigognes, e não formam um todo desmontável que revele o segredo do Universo.

(Table gigognes mesa contendo uma série de mesas que entram umas nas outras)

Se os modelos mais poderosos fornecidos à inteligência em estado de vigília superior são os modelos sem dimensão, quer dizer, as idéias, é preciso abandonar a esperança de encontrar a maquete do Universo na Grande Pirâmide ou sobre o pórtico de Notre-Dame. Se existe uma maquete do Universo inteiro, ela só poderia existir no cérebro humano, no cume extremo da mais sublime das inteligências. Mas não teria o Universo mais recursos do que o homem? Se o homem é um infinito, não seria o Universo o infinito mais qualquer coisa?

No entanto, descobrir que tudo é maquete, modelo, signo, símbolo, leva a descobrir uma chave. Não aquela que abre a porta do mistério insondável, e que aliás não existe, ou está ainda nas mãos de Deus. A chave, não de uma certeza, mas de uma atitude. Trata-se de fazer funcionar a inteligência diferente à qual essas maquetes são propostas. Trata-se portanto de passar do estado de vigília vulgar para o estado de vigília superior.

O estado desperto. Nem tudo está em tudo. Mas a vigília é tudo.

## A NOÇÃO DO ESTADO DE VIGÍLIA

## V

**À maneira dos teólogos, dos sábios, dos magos e das crianças. - Cumprimentos a um especialista em suscitar obstáculos. - O conflito espiritualismo-materialismo, ou uma história de alergia. - A lenda do chá. - E se se tratasse de uma faculdade natural? - O pensamento como forma de caminhar e de sobrevoar. - Um suplemento aos direitos do homem. - Divagações sobre o homem desperto. - Nós, honestos bárbaros. . .**

Consagrei um grande volume à descrição de uma sociedade de intelectuais que procurava alcançar, sob a orientação do taumaturgo Gurdjieff, o estado de vigília. Continuo a achar que é uma das pesquisas mais importantes. Gurdjieff dizia que o espírito moderno, nascido numa estrumeira, regressaria à estrumeira, e aconselhava o desprezo pelo século. É que de fato o espírito moderno nasceu do esquecimento, da ignorância da necessidade de uma tal procura. Mas Gurdjieff, homem de idade, confundia o espírito moderno com o cartesianismo crispado do século XIX. Para o verdadeiro espírito moderno, o cartesianismo já não é panacéia, e a própria natureza da inteligência deve ser reconsiderada.

De forma que, pelo contrário, a extrema modernidade pode levar os homens a meditar com vantagem sobre a possível existência de outro estado de consciência: de um estado de consciência desperta. Neste sentido, os matemáticos e os físicos de hoje dão as mãos aos místicos de ontem. O desprezo de Gurdjieff, como o de René Guénon, outro defensor, mas puramente teórico, do estado de vigília, não convém à época. E eu suponho que se Gurdjieff tivesse sido completamente esclarecido, não se teria enganado na época. Para uma inteligência que sente absoluta necessidade de uma transmutação, o nosso tempo não deve suscitar o desprezo, mas sim o amor.

Até agora foi em termos religiosos, esotéricos ou poéticos que o estado de vigília foi evocado. A incontestável vantagem de Gurdjieff foi mostrar que podia haver uma psicologia e uma fisiologia desse estado. Mas empregava de propósito uma linguagem

obscura e encerrava os seus discípulos num verdadeiro claustro intelectual. Vamos tentar falar como homens da segunda metade do século XX, com os processos do exterior. A respeito de tal assunto faremos, evidentemente, aos olhos dos especialistas, figura de bárbaros. E a verdade é que nós somos um pouco bárbaros! Sentimos, no mundo de hoje, que se prepara uma alma nova para uma nova idade da Terra. A nossa forma de abordar a provável existência de um estado de vigília não será nem completamente religiosa, nem completamente esotérica, ou poética, nem completamente científica. Será um pouco de tudo isto simultaneamente, e trairá um pouco, aparentemente, todas as disciplinas. É isto o Renascimento: uma panela de água a ferver, onde mergulham, misturados, os métodos dos teólogos, dos sábios, dos mágicos e das crianças.

Numa manhã de Agosto de 1957 houve grande afluência de jornalistas à partida de um navio que saía de Londres a caminho das Índias. Um senhor e uma senhora, de cerca de cinqüenta anos e de aspecto insignificante, tinham embarcado. Era o grande biólogo J. B. S. Haldane, que, acompanhado de sua mulher, deixava para sempre a Inglaterra.

Estou farto deste país, e de uma quantidade de coisas deste país, dizia ele com suavidade. Especialmente do americanismo que nos invade. Vou procurar idéias novas e trabalhar em liberdade num país novo.

Assim começava uma nova etapa na carreira de um dos homens mais extraordinários da época. J. B. S. Haldane defendera Madrid, de espingarda na mão, contra os franquistas. Aderira ao partido comunista inglês, mas rasgara o seu cartão após o caso Lysenko. E, agora, ia procurar a verdade nas Índias. Durante trinta anos, o seu humor negro fora inquietante. Respondera ao questionário de um jornal a respeito da decapitação do rei Carlos I de Inglaterra, que reacendera grandes controvérsias: Se Carlos I fosse um gerânio, ambas as partes teriam sobrevivido.

Depois de pronunciar um violento discurso no Clube dos Ateístas, recebera uma carta de um católico inglês que lhe assegurava que Sua Santidade o Papa não estava de acordo. Adaptando imediatamente essa respeitosa fórmula, escrevera ao ministro da Guerra: Vossa Ferocidade, ao ministro do Ar: Vossa Velocidade e ao presidente da liga racionalista: Vossa Impiedade. Nessa manhã de Agosto, os seus camaradas da esquerda também não deviam estar descontentes com a sua partida. Pois, embora defendesse a biologia marxista, Haldane nem por isso deixava de reclamar o alargamento do campo de prospecção da ciência, o direito à observação dos fenômenos não de acordo com o espírito racional. Respondia-lhes, com uma tranqüila insolência: Estudo o que é realmente esquisito em químico-física, mas não desprezo nada nos outros domínios.

Insistira há muito tempo para que a ciência estudasse sistematicamente a noção de vigília mística. Desde 1930, nos seus livros A Desigualdade do Homem e Os Mundos Possíveis, a despeito da sua posição de sábio oficial, declarara que o Universo era talvez mais estranho do que se supunha, e que os testemunhos poéticos ou religiosos sobre um estado de consciência superior ao estado de vigília vulgar deviam ser objeto de uma investigação científica.

Tal homem devia fatalmente embarcar um dia para a Índia, e não seria de admirar que os seus trabalhos futuros versassem sobre assuntos como Eletroencefalografia e Misticismo ou Quarto estado da consciência e metabolismo do gás carbônico. São coisas possíveis da parte de um homem cuja obra inclui já um Estudo das aplicações

do espaço de dezoito dimensões aos problemas essenciais da genética.

A nossa psicologia oficial admite dois estados de consciência: sono e vigília. Mas, das origens da humanidade aos nossos dias, abundam os testemunhos sobre a existência de estados de consciência superiores ao estado de vigília. Haldane foi possivelmente o primeiro sábio moderno a examinar objetivamente esta noção de superconsciência.

Estava dentro da lógica da nossa época de transição que esse homem aparecesse, tanto aos seus inimigos espiritualistas como aos seus amigos materialistas, como um especialista em suscitar obstáculos.

Da mesma forma que Haldane, devemos manter-nos completamente estranhos ao velho debate entre espiritualistas e materialistas. Esta é a atitude verdadeiramente moderna. Não colocarmo-nos acima do debate. Não existe acima nem abaixo: não tem volume nem sentido.

Os espiritualistas acreditam na possibilidade de um estado superior de consciência. Vêem nisso um atributo da alma imortal. Os materialistas protestam mal se lhes oferece ocasião, e agitam o nome de Descartes. Nem uns nem outros vão analisar de perto, com espírito isento de preconceitos. Ora deve haver outra forma de considerar o problema. Uma forma realista, no sentido que nós damos ao termo: um realismo integral, quer dizer, que tem em conta os aspectos fantásticos da realidade. Aliás poderia dar-se o caso de que este velho debate apenas aparentemente tivesse qualquer parcela de filosófico. Pode ser que não seja mais do que uma disputa entre pessoas que, funcionalmente, reagem de maneira diferente em relação a um fenômeno natural. Qualquer coisa como uma discussão caseira entre o senhor que gosta do vento e a senhora que o detesta.

O embate de dois tipos humanos: no interior, nada susceptível de provocar luz. Se assim fosse realmente, quanto tempo perdido em controvérsias abstratas, e como teríamos razão em nos afastar do debate para abordar, com espírito selvagem, a questão do estado de vigília!

Vejamos a hipótese:

A passagem do sono para a vigília produz um certo número de modificações no organismo. Por exemplo, a tensão arterial muda, o influxo nervoso modifica-se. Se existe, como pensamos, digamos um estado de supervigília, um estado de consciência superior, a passagem também deve ser acompanhada de diversas transformações.

Ora sabemos todos que, para certos homens, o fato de emergir do sono é doloroso ou pelo menos violentamente desagradável. A medicina moderna apercebe-se do fenômeno e distingue dois tipos humanos a partir da reação ao despertar. O que é o estado de superconsciência, de consciência realmente desperta? Os homens que fizeram a experiência descrevem-no, no regresso, com dificuldade. Em parte, a linguagem não chega para o descrever. Sabemos que pode ser atingido voluntariamente. Todos os exercícios dos místicos convergem para esse objetivo. Sabemos igualmente que é possível – como o diz Vivekananda - que um homem que desconhece essa ciência (a ciência dos exercícios místicos) atinja por acaso esse estado. A literatura poética do Mundo inteiro está cheia de testemunhos a respeito de bruscas inspirações. E quantos homens, que não são nem poetas nem místicos, se sentiram, por uma fração de segundo, prestes a atingir esse estado?

Comparemos esse estado singular, excepcional, a outro estado excepcional. Os médicos e os psicólogos começam a estudar a pedido do exército, o comportamento do ser humano na queda que anula a gravidade terrestre. Para além de certo grau de aceleração a gravidade é abolida. O passageiro do avião experimental lançado num vôo picado flutua durante alguns segundos. Verifica-se que, para certos passageiros, essa queda é acompanhada de uma extrema sensação de felicidade. Para outros, de extrema angústia, de horror.

Pois bem, pode ser que a passagem - ou a tentativa de passagem - entre o estado de vigília vulgar e o estado de consciência superior (iluminativa, mágica) provoque certas modificações subtis no organismo, desagradáveis para certos homens e agradáveis para outros. O estudo de uma fisiologia ligada aos estados de consciência é ainda embrionário. Começa agora a fazer alguns progressos com a hibernação. A psicologia do estado superior de consciência não chamou ainda a atenção dos sábios, salvo certas exceções.

Se refletirmos na nossa hipótese, compreender-se-á a existência de um tipo humano racionalista, positivista, agressivo por autodefesa desde que se trate, em literatura, em filosofia ou em ciência, de sair do domínio onde se exerce a consciência no seu estado vulgar. E compreende-se a existência do tipo espiritualista, para quem qualquer alusão à possibilidade de exceder a razão evoca um paraíso perdido. Encontrar-se-ia, na base de uma imensa discussão escolástica, o humilde: gosto, ou não gosto. Mas o que é que, em nós, gosta ou não gosta? Em verdade, nunca é Eu: isto gosta, ou aquilo não gosta, em mim, e nada mais. Afastemo-nos portanto o mais possível do problema espiritualismo-materialismo, que talvez não seja mais que um verdadeiro problema de alergias. O essencial é saber se o homem possui, nas suas regiões inexploradas, instrumentos superiores, enormes amplificadores da sua inteligência, e equipamento completo para conquistar e compreender o Universo, para se conquistar e se compreender a si próprio, para assumir a totalidade do seu destino.

Bodhidarma, fundador do budismo Zen, quando um dia estava em meditação, adormeceu (quer dizer que se deixou cair, por inadvertência, no estado de consciência habitual à maior parte dos homens). Essa falta pareceu-lhe tão horrível que cortou as pálpebras. Estas, segundo diz a lenda, caíram no solo, dando imediatamente lugar ao nascimento do primeiro pé de chá. O chá, que protege contra o sono, é a flor que simboliza o desejo dos sábios de se manter em vigília, e é por isso que se diz o gosto do chá e o gosto do Zen são semelhantes. Esta noção do estado de vigília parece tão velha como a humanidade. É a chave dos mais antigos textos religiosos, e é possível que o homem pré-histórico já tivesse procurado atingir esse terceiro estado. O método de datar com o radiocarbono permitiu constatar que os índios do sudoeste do México, há mais de dez mil anos, absorviam certos cogumelos para provocar a hiperlucidez. Trata-se sempre de mandar abrir o terceiro olho, de ultrapassar o estado de consciência vulgar onde tudo é apenas ilusão, prolongamento dos sonhos do profundo sono. Desperta, dorminhoco, desperta! Dos Evangelhos aos contos de fadas é sempre a mesma admoestação.

Os homens procuraram esse estado de vigília em toda a espécie de ritos, pelas danças, os cantos, pela maceração, o jejum, a tortura física, as drogas diversas, etc. Quando o homem moderno se tiver apercebido da importância do que está em jogo - o que não tardará -, outros meios serão sem dúvida encontrados. O sábio americano J. B. Olds prevê uma estimulação eletrônica do cérebro. O astrônomo inglês Fred Hoyle propõe a

observação de imagens luminosas sobre um écran de televisão. Já H. G. Wells, no seu belo livro Na Época do Cometa, imaginava que devido à colisão com um cometa a atmosfera da Terra ficaria cheia de um gás que provocaria a hiperlucidez. Os homens então transpunham finalmente a fronteira que separa a verdade da ilusão. Despertavam para as verdadeiras realidades. De chofre, todos os problemas, práticos, morais e espirituais, se achavam resolvidos.

A ciência mais recente mostra-nos que consideráveis porções de matéria cerebral são ainda terra desconhecida. Sede de poderes que nós não sabemos utilizar? Sala de máquinas cujo emprego nós desconhecemos? Instrumentos à espera das próximas mutações? Além disso, sabemos atualmente que o homem não utiliza habitualmente, mesmo para as operações intelectuais mais complexas, senão um décimo do seu cérebro. A maior parte dos nossos poderes continuam portanto por explorar. O mito imemorial do tesouro escondido não significa outra coisa. É o que diz o sábio inglês Gray Walter num trabalho dos mais essenciais da nossa época: O Cérebro Vivo. Num segundo trabalho, misto de antecipação e de observação, de filosofia e de poesia, Walter afirma que provavelmente não existe nenhum limite para as possibilidades do cérebro humano, e que o nosso pensamento explorará um dia o Tempo, como agora exploramos o espaço. Nessa visão aproxima-se do matemático Eric Temple Bell, que dota o herói do seu romance A Torrente do Tempo do poder de viajar através de toda a história do cosmos.

Ora eu descobri, por processos que deficientemente compreendo, o segredo de remontar o decorrer dos acontecimentos. É como nadar: uma vez compreendido, não se esquece jamais. Mas para o atingir é necessária uma prática constante e uma certa crispação involuntária do espírito ou dos músculos, estou certo do seguinte: não há nenhum homem que saiba exatamente como dominou, pela primeira vez, a dificuldade de nadar e sem dúvida os videntes mais exímios são igualmente incapazes de explicar aos outros o segredo de transpor a vuga dos tempos. Como Fred Hoyle e como muitos outros sábios ingleses, americanos ou russos, Eric Temple Bell escreve ensaios ou romances fantásticos (sob o pseudônimo de John Taine). Nem tolo será o leitor que ali não veja mais que uma distração para espíritos adultos. É a única forma de fazer circular certas verdades não aceites pela filosofia oficial. Como em qualquer período pré-revolucionário, os pensamentos do futuro são publicados disfarçadamente. A capa de uma obra de ficção científica, eis o disfarce de 1960.

Agarremo-nos aos fatos. Pode atribuir-se o fenômeno do estado de supervigília a uma alma imortal. Desde há milhares de anos que esse pensamento nos é proposto, mas nem por isso fez avançar o problema. Mas se, para se não ir além dos fatos, nos limitarmos a constatar que a noção de um estado de supervigília é uma aspiração constante da humanidade, não é suficiente. É uma aspiração. É igualmente qualquer outra coisa.

A resistência à tortura, os momentos de inspiração dos matemáticos, as observações feitas pelo eletroencefalograma dos yogis, e outras provas ainda, devem obrigar-nos a reconhecer que o homem pode aceder a outro estado sem ser o estado lúcido de vigília normal. Sobre este estado, cada um é livre de adotar a hipótese que escolher, graça de Deus ou despertar do Eu Imortal. Livre igualmente de procurar, como selvagem, uma explicação científica. Compreendam-nos: nós não somos cientistas. Simplesmente, não desprezamos nada que pertença à nossa época para explorar o que é de todos os tempos.

A nossa hipótese é a seguinte:

Habitualmente, as comunicações no cérebro fazem-se através do influxo nervoso. É uma ação lenta: alguns metros por segundo à superfície dos nervos. É possível que em determinadas circunstâncias se estabeleça outra forma de comunicação, mas muito mais rápida, por meio de uma onda eletromagnética que viaja à velocidade da luz. Atingir-se-ia então a enorme rapidez de registro e transmissão de informações das máquinas eletrônicas. Nenhuma lei natural se opõe à existência de tal fenômeno. Semelhantes ondas não seriam detectáveis no exterior do cérebro. É a hipótese que nos sugerimos no capítulo precedente.

Se esse estado de vigília existe, de que forma se manifesta?

As descrições dadas pelos poetas e místicos hindus, árabes, cristãos, etc., não foram sistematicamente reunidas e estudadas. É extraordinário que não exista, na abundante lista das antologias de toda a espécie publicadas na nossa época de recenseamento, uma única antologia do estado de vigília. Essas descrições são probantes, mas pouco claras. No entanto, se quisermos, em linguagem moderna, evocar em que é que se manifesta o estado de vigília, aqui está:

Normalmente, o pensamento caminha, como bem o demonstrou Emile Meyerson. A maior parte dos êxitos do pensamento são, no fundo, o fruto de um caminhar extremamente lento em direção de uma evidência. As mais admiráveis descobertas matemáticas não passam de igualdades. Igualdades inesperadas, mas igualdades apesar de tudo. O grande Léonard Euler considerava o expoente máximo do pensamento matemático a relação: $x^n + 1 = 0$

Essa relação, que reúne o real ao imaginário e constitui a base dos logaritmos naturais, é uma evidência. Desde que a expliquemos a um estudante de matemáticas especiais, ele não deixa de dizer que, de fato isso salta à vista. Porque foi necessário tanto pensamento, durante tantos e tantos anos, para atingir uma tal evidência?

Em física a descoberta da natureza ondulatória das partículas é a chave que abriu a era moderna. Também aí se trata de uma evidência. Einstein escrevera: a energia é igual a mc sendo m a massa e c a velocidade da luz. Isto em 1905. Em 1900, Planck escrevera: a energia é igual a hf, sendo h uma constante e f a freqüência das vibrações. Foi necessário chegar a 1923 para que Louis de Broglie, gênio excepcional, pensasse em igualar as duas equações e escrevesse: hf z

O pensamento rasteja, mesmo nos maiores espíritos. Ele não domina o assunto.

Último exemplo: desde o final do século XVIII, ensinou-se que a massa aparecia simultaneamente na fórmula da energia e 1/2 $mv^2$) e na lei de gravidade de Newton (duas cinética massas se atraem com uma força inversamente proporcional ao quadrado das distâncias).

Porque foi necessário esperar por Einstein para compreender que a palavra massa tem o mesmo sentido nas duas fórmulas clássicas? Toda a relatividade se deduz imediatamente. Por que motivo um único espírito o viu, em toda a história da inteligência? E porque não o viu de uma vez, mas após dez anos de pesquisas desesperadas? Porque o nosso pensamento rasteja ao longo de um tortuoso carreiro situado num plano único, e que se interrompe várias vezes. E as idéias talvez

desapareçam e reapareçam periodicamente, tal como as invenções são esquecidas, depois refeitas. E, no entanto, parece possível que o espírito possa elevar-se acima desse carreiro, deixar de rastejar, ter uma visão total, deslocar-se à maneira dos pássaros ou dos aviões. É aquilo a que os místicos chamam o estado de vigília.

Tratar-se-á, aliás, de um ou vários estados de vigília? Tudo leva a crer que existem vários estados, assim como existem várias altitudes de vôo. O primeiro escalão chama-se gênio. Os outros ao desconhecidos da multidão e tidos como lendas. Também Tróia era uma lenda, antes que as investigações lhe revelassem a existência autêntica.

Se os homens têm em si a possibilidade física de aceder a este ou aqueles estados de vigília, a investigação dos processos para utilizar-se essa possibilidade deveria ser o principal objetivo da sua vida. Se o meu cérebro possui as máquinas necessárias, se tudo isso não é apenas do domínio religioso ou mítico, se tudo isso não é apenas resultante de uma graça, de uma iniciação mágica, mas de determinadas técnicas, de determinadas atitudes interiores e exteriores susceptíveis de pôr em funcionamento essas máquinas, eu então concluo que atingir o estado de vigília, a capacidade de sobrevoar, deveria ser a minha única ambição, o meu trabalho essencial.

Se os homens não concentram todos os seus esforços nessa procura, não é porque sejam fúteis ou maus. Não é uma questão de moral. E, nessa matéria, um pouco de boa vontade, alguns esforços daqui e dali não servem para nada. Talvez os instrumentos superiores do nosso cérebro só sejam utilizáveis se a vida inteira (individual, coletiva) for ela própria um instrumento, considerada e vivida inteiramente como uma forma de estabelecer a comunicação.

Se os homens não têm como objetivo único a passagem para o estado de vigília, é porque as dificuldades da vida em sociedade e a procura dos meios materiais de existência não lhes deixam tempo para semelhante preocupação. Os homens não vivem apenas de pão, mas até agora a nossa civilização não se mostrou capaz de o fornecer a todos.

À medida que o progresso técnico conceder aos homens cada vez mais tréguas na luta vital, a procura do terceiro estado de vigília e de hiperlucidez substituir-se-á às outras aspirações. A possibilidade de participar nessa procura será finalmente reconhecida como um dos direitos do homem. A próxima revolução será psicológica.

Imaginemos um homem de Neandertal transportado por um milagre para o Instituto dos Estudos Avançados de Princeton. Ficaria, em face do doutor Oppenheimer, numa situação comparável àquela em que nos encontraríamos em companhia de um homem realmente desperto, de um homem cujo pensamento já não rastejasse, mas se deslocasse em três, quatro ou n dimensões. Fisicamente, parece que nós poderíamos vir a ser um desses homens. Há bastantes células no nosso cérebro, bastantes interconexões possíveis. Mas é-nos difícil imaginar o que semelhante espírito poderia ver e compreender.

A lenda alquímica assegura que as manipulações da matéria no crisol podem provocar o que alguns modernos chamariam uma radiação ou um campo de forças. Essa radiação alteraria todas as células do adepto e faria dele um homem verdadeiramente desperto, um homem que estaria a um tempo aqui e do outro lado, um vivo.

Admitamos, se quiserdes, essa hipótese, essa psicologia soberbamente não euclidiana.

Suponhamos que num dia de 1960 um homem como nós, manipulando a matéria e a energia de determinada maneira, se encontra inteiramente modificado, quer dizer, desperto. Em 1955, o professor Singleton mostrou aos seus amigos, nos corredores da conferência atômica de Genebra, cravos que ele cultivara no campo de radiações do grande reator nuclear de Brookhaven.

Inicialmente tinham sido brancos. Eram agora vermelhos-violáceos, de espécie até então desconhecida. Todas as suas células tinham sido modificadas, e persistiriam, por estaca ou reprodução, no seu novo estado. Dar-se-ia o mesmo com o nosso homem. Ei-lo transformado em nosso superior. O seu pensamento não rasteja, sobrevoa. Integrando de forma diferente o que sabemos, uns e outros, nas nossas diversas especialidades, ou simplesmente estabelecendo todas as conexões possíveis entre as aquisições da ciência humana tal e qual é expressa nos manuais do sétimo ano e nos cursos da Sorbona, pode assim chegar a conceitos que nos são tão estranhos como podiam ser os cromossomos para Voltaire ou o neutrino para Leibniz. Semelhante homem já não teria o menor interesse em comunicar conosco, e não procuraria brilhar tentando explicar-nos os enigmas da luz ou os segredos dos genes. Valéry não publicava os seus pensamentos em jornais infantis. Esse homem sentir-se-ia acima e ao lado da humanidade. Não se poderia entender vantajosamente senão com espíritos semelhantes ao seu.

Pode-se sonhar a este respeito.

Pode-se pensar que as diversas tradições iniciáticas provêm do contacto com espíritos de outros planetas. Pode-se imaginar que, para um homem desperto, o tempo e o espaço deixaram de ter barreiras, e que a comunicação é possível com as inteligências dos outros mundos habitados - o que aliás explicaria o fato de nunca termos sido visitados.

Pode-se sonhar. Sob condição, como o escreve Haldane, de não esquecer que os sonhos dessa espécie são, provavelmente, sempre menos fantásticos do que a realidade.

Eis agora três histórias verdadeiras. Vão servir-nos de ilustração.

Os exemplos não são provas, evidentemente. No entanto, estas três histórias obrigam a pensar que existem outros estados de consciência além dos reconhecidos pela psicologia oficial.

A própria noção de gênio, tão vaga, não é suficiente. Não escolhemos estes exemplos entre as vidas e as obras dos místicos, o que teria sido mais fácil, e talvez mais eficaz. Mas mantemos o nosso propósito de abordar a questão à margem de qualquer igreja, de mãos vazias, como honestos bárbaros...

## TRÊS HISTÓRIAS PARA SERVIREM DE EXEMPLO

## VI

**História de um grande matemático em estado selvagem. - História do mais espantoso clarividente. - História de um sábio de amanhã que vivia em 1750.**

### RAMANUJÃO

Num dia dos princípios do ano de 1887, um brâmane da província de Madrasta dirige-se ao templo da deusa Namagiri.

O brâmane casou sua filha há já vários meses, e a união mantém-se estéril. Que a deusa Namagiri a fecunde! Namagiri atende a sua prece. A 22 de Dezembro nasce um rapaz, ao qual é dado o nome de Srinivasa Ramanujão Alyangar. Na véspera, a deusa aparecera à mãe para lhe anunciar que seu filho seria extraordinário.

Aos cinco anos metem-no na escola. Imediatamente a sua inteligência é de espantar. Parece já saber o que lhe ensinam. É-lhe concedida uma bolsa para o liceu de Kumbakonão, onde é admirado pelos condiscípulos e professores. Tem quinze anos. Um de seus amigos faz com que a biblioteca local lhe empreste um volume intitulado: A Synopsis of Elementary Results in Pure and Applied Mathematics. Essa obra, publicada em dois volumes, é um sumário redigido por George Shoobridge, professor em Cambridge.

Contém resumos e enunciados sem demonstração de 6000 teoremas, mais ou menos. O efeito que produz no espírito do jovem hindu é fantástico. O cérebro de Ramanujão começa bruscamente a funcionar de maneira totalmente incompreensível para nós. Demonstra todas as fórmulas. Depois de esgotar a geometria, ataca a álgebra. Ramanujão contará mais tarde que a deusa Namagiri lhe apareceu para lhe explicar os cálculos mais difíceis. Aos dezesseis anos fica mal nos exames, pois o seu inglês continua fraco, e a bolsa é-lhe retirada. Prossegue sozinho, sem documentos, as suas investigações matemáticas. Em primeiro lugar põe-se em dia com todos os conhecimentos na matéria, no ponto em que eles estão em 1880. Pode desprezar o trabalho desse professor Shoobridge. Ultrapassa-o largamente. Sozinho, recria, depois ultrapassa todo o esforço matemático da civilização - a partir de um sumário, aliás incompleto. A história do pensamento humano não conhece outro exemplo. O próprio Galois não trabalhara sozinho. Fizera os seus estudos na Escola Politécnica, que era na época o melhor centro matemático do Mundo. Tinha acesso a milhares de obras. Estava em contacto com sábios de primeira ordem. Nunca o espírito humano se ergueu tão alto com tão pouco apoio.

Em 1909, após anos de trabalho solitário e de miséria, Ramanujão casa-se. Procura um emprego. Recomendam-no a um cobrador de impostos local, Ramachandra Raô, amador esclarecido de matemática. Este deixou-nos uma descrição do encontro: Um homenzinho pouco limpo, por barbear, com uns olhos como jamais vi, entrou no meu quarto, com um livro de notas usado debaixo do braço. Falou-me de descobertas maravilhosas que ultrapassavam infinitamente o que eu sabia. Perguntei-lhe o que poderia fazer por ele. Disse-me que queria apenas ter o suficiente para comer, a fim de poder continuar as suas investigações.

Ramachandra Raô concedeu-lhe uma pequena pensão. Mas Ramanujão é demasiado orgulhoso. Arranjam-lhe finalmente uma situação: um medíocre lugar de contabilista no porto de Madrasta. Em 1913 aconselharam-no a entrar em correspondência com o grande matemático inglês G. H. Hardy, na altura professor em Cambridge. Ele escreve-lhe e envia-lhe pelo mesmo correio 120 teoremas de geometria que acaba de demonstrar. Hardy viria a escrever mais tarde:

Essas notas só poderiam ter sido escritas por um matemático do mais alto calibre. Nenhum usurpador de idéias, nenhum aldrabão, mesmo genial, teria possibilidades de apreender abstrações tão elevadas. Propõe imediatamente a Ramanujão que se dirija a

Cambridge. Mas a mãe opõe-se, por razões religiosas. É uma vez mais a deusa Namagiri que resolverá a dificuldade. Aparece à velha dama para a convencer de que seu filho pode ir para a Europa sem perigo para a sua alma, e mostra-lhe, em sonhos, Ramanujão sentado no grande anfiteatro de Cambridge no meio dos ingleses que o admiram.

No final do ano de 1913, o hindu embarca. Durante cinco anos irá trabalhar e fazer avançar prodigiosamente as matemáticas. É eleito membro da Sociedade Real das Ciências e nomeado professor em Cambridge, no colégio da Trinity. Em 1918 adoece. Ei-lo tuberculoso. Regressa a Índia para morrer, aos trinta e dois anos.

Deixou em todos aqueles que dele se aproximaram uma recordação extraordinária. Só vivia no meio dos números. Hardy vai visitá-lo ao hospital, e diz-lhe que apanhou um táxi. Ramanujão pergunta o número do automóvel: 1729. que belo número!, exclama; é o mais pequeno que seja duas vezes uma soma de dois cubos! De fato, 1729 é igual a 10 ao cubo mais nove ao cubo, e também a 12 ao cubo mais 1 ao cubo. Hardy precisou de seis meses para o demonstrar, e o mesmo problema ainda não está resolvido para a quarta potência.

A história de Ramanujão é daquelas em que ninguém acreditaria. Mas é rigorosamente verdadeira. Não é possível exprimir em termos simples a natureza das descobertas de Ramanujão. Trata-se dos mistérios mais abstratos da noção do número, e particularmente dos números primos.

Fora das matemáticas não se sabe bem quais as coisas que interessavam a Ramanujão. Preocupava-se pouco com a arte e a literatura. Apaixonava-se pelo extraordinário. Em Cambridge organizara uma pequena biblioteca e um arquivo sobre toda a espécie de fenômenos desconcertantes para a razão.

**CAYCE**

Edgar Cayce morreu a 5 de Janeiro de 1945, levando consigo um segredo que ele próprio não esclarecera e que o apavorara durante toda a vida. A Fundação Edgar Cayce, em Virgínia, Beach, onde trabalham médicos e psicólogos, prossegue a análise dos dossiers. Desde 1958, os estudos sobre a clarividência dispõem na América de importantes créditos. É que se pensa nos serviços que poderiam render, no domínio militar, homens capazes de telepatia e de premonição. De todos os casos de clarividência, o mais evidente, e o mais extraordinário, é o de Cayce. O pequeno Edgar Cayce estava doente. O médico de província estava à sua cabeceira. Não havia nada a fazer para salvar o garoto do estado de coma. Mas, bruscamente, a voz de Edgar elevou-se, clara e tranqüila. E, no entanto, ele dormia. Vou dizer-lhes o que tenho. Apanhei uma bolada de baseball na coluna vertebral. É necessário fazer-me uma cataplasma especial e aplicá-la na base do pescoço. Com a mesma voz, o garoto ditou a lista das plantas que era necessário misturar e preparar. Despachem-se, senão o cérebro arrisca-se a ser atingido. Por desencargo de consciência, obedeceram-lhe. À noite, a febre descera. No dia seguinte, Edgar deixava o leito, fresco como uma alface. Não se lembrava de nada. Desconhecia a maior parte das plantas que ditara.

Assim principia uma das histórias mais espantosas da medicina. Cayce, camponês do Kentucky, completamente ignorante, pouco disposto a fazer uso do seu dom, lamentando constantemente não ser como toda a gente, tratará e curará, em estado de sono hipnótico, mais de quinze mil doentes, devidamente homologados. Trabalhador

agrícola na propriedade de um dos seus tios, depois escriturário numa livraria de Hopkinsville, finalmente proprietário de um pequeno estabelecimento fotográfico onde pensa passar calmamente os seus dias, é contra vontade que irá representar o papel de taumaturgo. O seu amigo de infância Al Layne e a sua noiva Gertrude farão toda a diligência para o convencer. De forma alguma por ambição, mas porque ele não tem o direito de guardar o poder que tem só para si, recusando auxiliar os aflitos. Al Layne é fraco, sempre doente. Arrasta-se. Cayce aceita adormecer: descreve a origem da doença e dita medicamentos. Quando acorda: Mas não é possível, eu desconheço metade das palavras que anotaste. Não tomes essas drogas, é perigoso! Não percebo nada disso, é tudo magia! Recusa voltar a ver Àl, e encerra-se na sua loja de fotografia. Oito dias depois, Al força-lhe a porta: nunca se sentiu tão bem. A vila agita-se, todos pedem uma consulta. Não é por falar enquanto durmo que me vou pôr a tratar das pessoas. Mas acaba por aceitar. Sob condição de não ver os pacientes, com receio de que, conhecendo-os, a decisão seja influenciada. Sob condição de que alguns médicos assistam às sessões. Sob condição de não receber um tostão, nem sequer o mais pequeno presente. Os diagnósticos e as receitas feitas em estado de hipnose são de tal precisão e acuidade que os médicos desconfiam que se trate de um colega disfarçado em curandeiro. Ele limita-se a duas sessões por dia. Não porque receie a fadiga: desperta desses sonos muito repousado. Mas insiste em continuar fotógrafo. Não procura de forma alguma adquirir conhecimentos médicos. Não lê nada, continua um filho de camponeses, dotado de um vago certificado de estudos equivalentes à 4.a classe. E continua a insurgir-se contra a sua estranha faculdade. Mas mal decide renunciar a ela, torna-se áfono.

Um magnata dos caminhos de ferro americanos, James Andrews, vai consultá-lo. Ele prescreve-lhe, em estado de hipnose, uma série de drogas, entre as quais uma certa água de salva. Este medicamento é impossível de encontrar. Andrews manda publicar anúncios nas revistas médicas, mas sem resultado. No decorrer de outra sessão, Cayce dita a composição dessa água, extremamente complexa. Ora Andrews recebe uma resposta de um jovem médico parisiense: fora o pai desse francês, igualmente médico, que elabora a água de salva, mas deixara de a explorar cinqüenta anos atrás. A composição é idêntica à sonhada pelo fotografozinho.

O secretário local do Sindicato dos Médicos, John Blakburn, apaixona-se pelo caso Cayce. Reúne uma comissão de três membros, que assiste a todas as sessões, com grande espanto. O Sindicato Geral Americano reconhece as faculdades de Cayce e autoriza-o oficialmente a dar consultas psíquicas. Cayce casara-se. Tem um filho de oito anos, Hug Lynn. A criança, ao brincar com os fósforos, faz explodir um depósito de magnésio. Os especialistas concluem que a cegueira deve ser total e propõem a extração de uma vista. Com terror, Cayce entrega-se a uma sessão de sono. Mergulhado em hipnose, insurge-se contra a extração e preconiza quinze dias de aplicação de pensos embebidos em ácido tânico. Para os especialistas é uma loucura.

E Cayce, no meio dos maiores tormentos, não ousa desobedecer às suas vozes. Quinze dias depois, Hugh Lynn está curado. Um dia, após uma consulta, continua adormecido, e dita sucessivamente quatro receitas, muito precisas. Não se sabe a quem podem ser dirigidas: têm quarenta e oito horas de avanço sobre os quatro doentes que se apresentarão.

Durante uma sessão, ele prescreve um medicamento a que chama Codiron e indica a direção do laboratório, em Chicago. Telefonam para lá: Como é que ouviram falar de

Codiron? Ainda não está à venda. Acabamos de elaborar a fórmula e de lhe encontrar o nome.

Cayce, atingido por uma doença incurável que só ele conhecia, morre no dia e hora que fixara: No dia 5 à tarde estarei definitivamente curado. Curado contra qualquer outra coisa.

Interrogado em estado de sono sobre a sua forma de proceder, ele declarara (para depois não se recordar de nada ao acordar, como de costume) que estava em estado de entrar em contacto com qualquer cérebro humano vivo e de utilizar as informações contidas nesse cérebro, ou nesses cérebros, para o diagnóstico e o tratamento dos casos que lhe apresentassem. Talvez fosse uma inteligência diferente que então se manifestava em Cayce e utilizava todos os conhecimentos que circulam na humanidade, da mesma forma que se utiliza uma biblioteca, mas que instantaneamente, ou pelos menos à velocidade da luz e da eletromagnética. Mas nada nos permite explicar o caso de Edgar Cayce dessa forma ou de qualquer outra. Tudo o que se sabe realmente é que um fotógrafo de aldeia, sem curiosidade nem cultura, podia, quando queria, pôr-se num estado em que o seu espírito funcionava como o de um médico de gênio, ou antes, como todos os espíritos de todos os médicos ao mesmo tempo.

**BOSCOVITCH**

Um tema de ficção científica: se os relativistas têm razão, se vivemos num Universo de quatro dimensões, e se pudéssemos disso tomar consciência, aquilo a que chamamos o senso comum estouraria. Autores de antecipação esforçam-se por pensar em termos de espaço-tempo. Aos seus esforços correspondem, num plano de investigação mais puro e numa linguagem teórica, os dos grandes físico-matemáticos. Mas será o homem capaz de pensar em quatro dimensões? Ser-lhes-iam necessárias outras estruturas mentais. Essas estruturas estarão reservadas para o homem a seguir ao homem, o ser da próxima mutação? E esse homem a seguir ao homem estará já entre nós? Romancistas do fantástico afirmaram que sim. Mas nem Van Vogt, no seu belo livro fantástico sobre os Slans, nem Sturgeon, na sua descrição dos mais que Humanos, ousaram imaginar uma personagem tão fabulosa como Roger Boscovitch.

Homem que teria sofrido uma mutação? Viajante do Tempo? Extraterrestre camuflado atrás desse Sérvio misterioso? Boscovitch teria nascido em 1711 em Dubrovnik: é pelo menos o que ele declarou, aos catorze anos, ao inscrever-se como estudante voluntário no colégio jesuíta de Roma. Ali estudou matemática, astronomia e teologia. Em 1728, tendo terminado o seu noviciado, entrou na ordem dos Jesuítas. Em 1736 publica uma comunicação sobre as manchas do Sol. Em 1740 ensina matemática no Collegium Romanum, depois torna-se conselheiro científico do Vaticano. Cria um observatório, empreende a drenagem dos Pântanos Pontinos, cerca de Roma, restaura o zimbório de São Pedro, mede o meridiano entre Roma e Rímini sobre dois graus de latitude. Depois explora diversas regiões da Europa e da Ásia e faz pesquisas sobre os próprios locais onde Schliemann, mais tarde, descobrirá Tróia. É nomeado membro da Real Sociedade de Inglaterra, a 26 de Junho de 1760, e nessa ocasião publica um longo poema em latim, sobre as aparências visíveis do Sol e da Lua, de que os contemporâneos dizem: É Newton na boca de Virgílio. É recebido pelos maiores eruditos da época, e mantém inclusivamente uma importante correspondência com o doutor Johnson e com Voltaire. Em 1763, a nacionalidade francesa é-lhe oferecida. Toma a direção do departamento

de óptica da Marinha Real, em Paris, onde viverá até 1783. Lalande considera-o o maior sábio vivo. D'Alémbert e Laplace ficarão apavorados com as suas idéias avançadas. Em 1785 retira-se para Bassano e consagra-se à impressão das suas obras completas. Morre em Milão em 1787.

É muito recentemente, sob o impulso do governo iugoslavo, que acaba de ser reexaminada a obra de Boscovitch e principalmente a sua Teoria da Filosofia Natural', editada em Viena em 1758. A surpresa foi considerável. Allan Lindsay Mackay, ao descrever essa obra num artigo do New Scientist de 6 de Março de 1958, acha que se trata de um espírito do século XX forçado a viver e trabalhar no século XVIII.

Verifica-se que Boscovitch estava em avanço, não apenas quanto à ciência do seu tempo, mas quanto à nossa própria ciência. Ele propõe uma teoria unitária do universo, uma equação geral e única, que comandaria a mecânica, a física, a química, a biologia e mesmo a psicologia. Nessa teoria, a matéria, o espaço e o tempo não são divisíveis até ao infinito, mas compostos por pontos: por grãos. Isto faz lembrar os recentes trabalhos de Jean Charon e de Heisenberg, que Boscovitch parece ultrapassar. Ele consegue dar conta tanto da luz como do magnetismo, da eletricidade e de todos os fenômenos da química conhecidos no seu tempo, descobertos depois ou a descobrir. Encontram-se nos seus trabalhos os quanta, a mecânica ondulatória, o átomo constituído por núcleos. O historiador das ciências L. L. Whyte afirma que Boscovitch ultrapassou pelo menos em duzentos anos a sua época, e que ele só poderá realmente ser compreendido quando a junção entre a relatividade e a física dos quanta for enfim elaborada. Pensa-se que em 1987, quando do 200.o aniversário da sua morte talvez a sua obra esteja avaliada com a justiça que lhe é devida. Ainda não foi proposta qualquer explicação para este caso prodigioso. Duas edições completas da sua obra, uma em sérvio, outra em inglês, estão atualmente em preparação. Na correspondência já publicada (coleção Bestermann) entre Boscovitch e Voltaire pode ler-se, entre outras idéias modernas:

- A criação de um ano geofísico internacional.

- A transmissão da malária por intermédio dos mosquitos.

- As possíveis aplicações do cauchu (idéia posta em prática por La Condamine, jesuíta amigo de Boscovitch).

- A existência de planetas em volta de outras estrelas além do nosso Sol.

- A impossibilidade de localizar o psiquismo numa dada região do corpo.

- A conservação do grão de quantidade de movimento no Mundo: é a constante de Planck, .enunciada em 1900. Boscovitch atribui uma importância considerável à alquimia e dá traduções claras, científicas, da linguagem alquímica. Para ele, por exemplo, os quatro elementos, Terra, água, Fogo e Ar, apenas se distinguem por coordenações especiais das partículas sem massa nem peso que os constituem, o que concorda com a investigação de vanguarda sobre a equação universal. O que é igualmente alucinante em Boscovitch é o estudo dos acidentes da natureza. Já ali se encontra a mecânica estatística do sábio americano Willard Gibbs, proposta no final do século XIX e admitida apenas no século XX. Ali se encontra também uma explicação moderna da radioatividade (perfeitamente desconhecida no século XVIII) por uma série de exceções às leis naturais: aquilo a que nós chamamos as penetrações estatísticas

das barreiras do potencial.

Por que motivo esta obra extraordinária não influenciou o pensamento moderno? Porque os filósofos e sábios alemães, que dominaram a investigação até à guerra de 1914-1918, eram partidários das estruturas contínuas, enquanto as concepções de Boscovitch se baseiam essencialmente na idéia de descontinuidade. Porque as investigações em bibliotecas e os trabalhos históricos a respeito de Boscovitch, grande viajante de obra dispersa, e cujas origens se situam num país constantemente agitado, não puderam ser elaboradas sistematicamente senão demasiado tarde. Quando a totalidade dos seus escritos pudera ser reunida, quando os testemunhos de contemporâneos tiverem sido encontrados e classificados, que estranha, inquietante, assombrosa figura nos surgirá!

## PARADOXOS E HIPÓTESES SOBRE O HOMEM DESPERTO

## VII

**Por que motivo as nossas três histórias desiludiram alguns leitores. - Não sabemos nada de sério sobre a levitação, a imortalidade, etc. - No entanto o homem tem o dom da ubiqüidade, ele vê à distância, etc. - A que chamais uma máquina? Como poderia ter nascido o primeiro homem desperto. - Sonho fabuloso mas racional sobre as civilizações desaparecidas. - Apólogo da pantera. - A escrita de Deus.**

Estes casos são claros. No entanto podem desiludir. É que a maior parte dos homens preferem as imagens aos fatos. Caminhar sobre as águas é a imagem que significa dominar o movimento; parar o Sol é triunfar do tempo. Dominar o que se move, triunfar do tempo, talvez sejam fatos reais, possíveis, no seio de uma consciência modificada, no interior de um espírito potentemente acelerado.

E esses fatos podem sem dúvida provocar mil conseqüências consideráveis na realidade tangível: nas técnicas, nas ciências, nas artes. Mas a maior parte dos homens, desde que se lhes fale num estado de consciência outro, querem ver pessoas que caminham sobre as águas, que fazem parar o Sol, que passam através das paredes ou aparentam ter vinte anos aos oitenta. Para começar a acreditar na infinita possibilidade do espírito desperto, esperam que a parte infantil da sua inteligência, que dá crédito a imagens e a lendas, tenha encontrado desculpa e satisfação.

Há mais. Em presença de casos como o de Ramanujão, Cayce ou Boscovitch, recusam-se a acreditar que se trate de espíritos diferentes. Apenas se admite que espíritos como os nossos tiveram o privilégio de subir mais alto que habitualmente e que, lá em cima, obtiveram certos conhecimentos. Como se existisse em qualquer parte no Universo uma espécie de armazém anexo da medicina, das matemáticas, da poesia física no qual se encerrassem algumas inteligências campeãs de altitude. Esta absurda visão tranqüiliza.

O que nós pensamos, pelo contrário, é que Cayce, Ramanujão, Boscovitch são espíritos que se mantiveram entre nós (e para onde iriam?), mas que funcionaram a uma velocidade extraordinária. Não é uma questão de diferença de nível, mas de velocidade. Outro tanto diremos dos espíritos místicos mais elevados. Os milagres estão na aceleração, tanto na física nuclear como na psicologia. É a partir dessa noção que é necessário estudar o terceiro estado de consciência, ou estado de vigília,

segundo supomos.

No entanto, se esse estado de vigília é possível, e se não é um dom vindo do céu, uma espécie de graça de Deus, mas está contido no equipamento do cérebro e do corpo, esse equipamento, uma vez posto em serviço, não poderá também modificar em nós outras coisas além da inteligência? Se o estado de vigília é uma propriedade de qualquer sistema nervoso superior, essa ativação deveria poder reagir em todo o corpo, dando-lhe estranhos poderes. Todas as tradições ligam ao estado de vigília a existência de poderes anormais: a imortalidade, a levitação, a ação à distância sobre os objetos, etc. Mas não serão esses poderes apenas imagens do que o espírito pode, quando mudou de estado no domínio do conhecimento? Ou serão realidades? Talvez tenha havido alguns possíveis casos de levitação.

Também não temos no que respeita a imortalidade, devidamente esclarecido o caso Fulcanelli. É tudo o que podemos dizer com honestidade sobre o assunto. Não temos em nosso poder nenhuma prova experimental. Ousaremos confessar, por fim, que o caso só vagamente nos interessa. Não é o esquisito que nos chama a atenção, mas o fantástico. Essa questão dos poderes paranormais, aliás, mereceria ser abordada de uma forma muito diferente. Não do ponto de vista da lógica cartesiana (que Descartes, se hoje fosse vivo, seria o primeiro a repudiar), mas do ponto de vista da ciência aberta de agora. Olhemos as coisas com o olhar de um ser vindo do exterior que desembarcasse no nosso planeta: a levitação existe, a visão à distância existe, o homem tem o dom da ubiqüidade, o homem apossou-se da energia universal. O avião, o radiotelescópio, a televisão e a pilha atômica existem. Não são produtos naturais: são criações do espírito humano. Esta observação pode parecer pueril: mas é vivificante. O que é pueril é atribuir tudo ao homem sozinho. O homem isolado não tem o dom da ubiquidade, não levita, não possui a visão à distância, etc. De fato, é a sociedade humana, e não o indivíduo, que possui esses poderes. Mas a noção de indivíduo talvez seja uma noção pueril, e a tradição, com as suas lendas, talvez se exprimisse em nome do conjunto humano, em nome do fenômeno humano...

O senhor está a brincar! Está a falar-nos de máquinas! Eis o que dirão em conjunto os racionalistas que se apóiam em Descartes e os ocultistas que se apóiam na tradição. Mas a que se dá o nome de máquinas? Eis aqui uma questão que merece ser analisada de mais perto.

Algumas linhas traçadas a tinta sobre um pergaminho serão uma máquina? Ora a técnica dos circuitos impressos, que a eletrônica moderna emprega vulgarmente, permite realizar um receptor de ondas composto por linhas traçadas com duas tintas que contêm uma grafite, outra cobre.

Uma pedra preciosa será uma máquina? Não, responde o coro. Ora a estrutura cristalina de uma pedra preciosa é uma máquina complexa e utiliza-se o diamante como detector de radiações atômicas. Os cristais artificiais, ou transistores, substituem simultaneamente as lâmpadas eletrônicas, os transformadores, as máquinas giratórias elétricas do tipo comutadoras a elevação de voltagem, etc.

O espírito humano, nessas criações técnicas mais subtis e mais eficazes, emprega processos cada vez mais simples. O senhor está a jogar com as palavras, exclama o ocultista. Eu estou a falar das manifestações do espírito humano sem qualquer espécie de intermediário.

É ele que joga com as palavras.

Ninguém jamais registrou uma manifestação do espírito humano que não utilizasse qualquer máquina. Essa idéia do espírito em si é uma perniciosa fantasmagoria. O espírito humano em ação utiliza uma máquina complexa, elaborada em três bilhões de anos de evolução: o corpo humano. E esse corpo nunca está só, não existe só: está ligado à Terra e ao cosmos inteiro por mil laços materiais e energéticos.

Não sabemos tudo a respeito do corpo. Não sabemos tudo das suas relações com o Universo. Ninguém poderia dizer quais são os limites da máquina humana, e de que forma a poderia empregar um espírito que a utilizasse no máximo das suas possibilidades. Não sabemos tudo a respeito das forças em circulação nas profundezas de nós próprios e em redor de nós, na Terra, em redor da Terra, na vastidão do cosmos. Ninguém sabe quais são as forças naturais simples, ainda não suspeitadas e no entanto ao alcance da mão, que um homem dotado de uma consciência desperta e de uma apreensão da natureza mais direta que a da nossa inteligência linear poderia utilizar.

Forças naturais simples. Vejamos ainda as coisas com o olhar bárbaro e lúcido do estrangeiro do exterior: nada é mais simples, mais fácil de realizar do que um transformador elétrico. Os egípcios da mais remota antiguidade poderiam muito bem tê-los construído, se tivessem conhecido a teoria eletromagnética.

Nada mais fácil do que a libertação da energia atômica. Basta um sal de urânio puro na água pesada, e pode obter-se água pesada tornando a destilar durante vinte e cinco ou cem anos a água vulgar. A máquina de predizer as marés de lorde Kelvin (1893), de onde partiram os nossos computadores analógicos e toda a nossa cibernética, era composta por roldanas e pedaços de guita. Os Sumerianos poderiam tê-la construído.

Esta é uma forma de ver que dá novas dimensões ao problema das civilizações desaparecidas. Se existiram, no passado, homens que atingiram o estado de vigília, e se aplicaram os seus poderes não só na religião, na filosofia ou na mística, como também no conhecimento objetivo e na técnica, é perfeitamente natural, racional, razoável admitir que eles puderam fazer milagres, mesmo com a mais simples aparelhagem. (Se a maior parte dos arqueólogos concordam em negar totalmente a existência no passado de civilizações avançadas que dispusessem de meios materiais poderosos, a possibilidade da existência, em qualquer época da humanidade, de uma pequena percentagem de seres despertos, utilizando as forças naturais com os meios ao alcance, não pode de forma alguma ser desmentida).

Nós pensamos mesmo que um exame metódico dos dados arqueológicos e históricos confirmariam esta hipótese. Como teria esse despertar começado? Evidentemente que se pode invocar intervenções do Além. Pode-se igualmente imaginar uma interpretação puramente materialista, racionalista. Era uma interpretação assim que nós queríamos propor. A física dos raios cósmicos descobriu há vários anos aquilo que ela chama acontecimentos extraordinários.

Chama-se acontecimento em física cósmica à colisão entre uma partícula vinda do espaço e a nossa matéria.

Em 1957, como o assinalamos no nosso estudo sobre alquimia foi detectada uma partícula excepcional, de uma energia fantástica Cenergia atingindo l00's elétrons-volts,

enquanto a fissão do urânio só produz 2 x 105). Admitamos que uma vez apenas, depois do surgimento da humanidade, uma tal partícula tenha atingido um cérebro humano. Quem sabe se as enormes energias exaladas não poderiam produzir uma ativação e se o primeiro homem desperto não nasceu assim. Esse homem desperto teria podido descobrir, teria podido aplicar técnicas para transmitir o despertar. Sob diversas formas essa técnica ter-se-ia prolongado até à nossa época e a Grande Obra dos Alquimistas, a Iniciação talvez fossem mais do que uma lenda.

A nossa hipótese não é evidentemente mais do que uma hipótese. Não parece ser verificável experimentalmente, pois nem sequer se pode conceber um acelerador artificial produzindo tão formidáveis, tão fantásticas energias. Tudo o que podemos dizer é que o grande sábio inglês sir James Jeans escrevera: K foi talvez a radiação cósmica que fez o homem do macaco esta citação provém do seu livro: O numeroso Universo, Hermann ed., 1929. Limitamo-nos a retomar essas idéias, com dados modernos que sir James Jeans ignorava e que nos permitem escrever: Talvez tenham sido acontecimentos cósmicos excepcionais, de energias fantásticas, que fizeram do homem o super-homem.

Um homem, sábio, segundo nos conta Jorge Luís Borges, consagrara toda a sua vida à investigação, entre os inúmeros signos da natureza, do inefável nome de Deus, o número do grande segredo. De infortúnio em infortúnio, ei-lo preso pela polícia de um príncipe, e condenado a ser devorado por uma pantera. Atiram-no para dentro de uma jaula. Do outro lado da barreira, que será erguida dentro de instantes, a fera prepara-se para o festim. O nosso sábio contempla o animal e eis que, analisando as manchas do pêlo, descobre através do ritmo das formas o número, o nome que tanto e em tantos lugares procurara. Sabe então por que motivo vai morrer, e que morrerá sabendo-o que não é morrer.

O Universo devora-nos, ou então revela-nos o seu segredo segundo sabemos ou não contemplá-lo. É grandemente provável que as leis mais subtis e mais profundas da vida e do destino de tudo o que está criado estejam claramente inscritas no mundo material que nos cerca, que Deus tenha deixado a sua escrita sobre as coisas, como para o nosso sábio no pêlo da pantera, e bastaria talvez um certo olhar. . . O homem desperto seria o homem desse olhar.

## ALGUNS DOCUMENTOSSOBRE O ESTADO DE VIGÍLIA

## VIII

**Uma antologia a fazer. - As opiniões de Gurdjieff - A minha passagem pela escola de vigília. - Uma história de Raymond Abellio. - Um texto admirável de Gustav Meyrinck, gênio ignorado.**

Se existe um estado de vigília, falta edificar um andar no edifício da psicologia moderna. Eis, no entanto, quatro documentos que fazem parte da nossa época. Não os escolhemos, por nos faltar o tempo para uma verdadeira escolha. Falta elaborar uma antologia dos testemunhos e estudos modernos sobre o estado de vigília. Seria muito útil. Estabeleceria comunicações com a tradição. Mostraria a permanência do essencial no nosso século. Esclareceria certos caminhos do futuro. Os literatos encontrariam ali uma chave, os investigadores de ciências humanas sentir-se-iam estimulados, os sábios veriam nisso o fio que corre através de todas as grandes aventuras do espírito, e sentir-se-iam menos isolados. Bem entendido, ao reunir estes documentos que estão

ao alcance das nossas mãos, as nossas pretensões são mais modestas. Queremos apenas fornecer breves indicações sobre uma psicologia possível do estado de vigília nas suas formas elementares.

Encontrar-se-á portanto neste capítulo:

1º - Excertos das opiniões do chefe de escola Georges Ivanovitch Gurdjieff, recolhidas pelo filósofo Ouspensky;

2º - O meu próprio testemunho sobre as tentativas que fiz para me colocar sobre a via do estado de vigília sob a indicação dos instrutores da escola Gurdjieff;

3º - A história narrada pelo romancista e filósofo Raymond Abellio a respeito de uma experiência pessoal;

4º - O mais admirável texto, para nós, de toda a literatura moderna sobre esse estado. Esse texto é extraído de um romance desconhecido do poeta e filósofo alemão Gustav Meyrinck, cuja obra, não traduzida à exceção do Visage Vert e Le Golenm, atinge os cumes da intuição mística.

**AS OPINIONS DE GURDJIEFF**

Para compreender a diferença entre os estados de consciência é necessário voltar ao primeiro, que é o sono. É um estado de consciência inteiramente subjetivos. O homem mergulha nos seus sonhos - pouco importa que deles conserve ou não a recordação. Mesmo se algumas impressões reais atingem o homem adormecido, tais como sons, vozes, calor, frio, sensações do seu próprio corpo, elas só despertam nele imagens fantásticas. Depois o homem acorda. À primeira vista é um estado de consciência completamente diferente. Ele pode mover-se, falar com outras pessoas, fazer projetos, ver perigos, evitá-los, etc. Parece razoável pensar que se encontra numa situação melhor do que enquanto dorme. Mas se nós vemos as coisas um pouco mais a fundo, se lançarmos um olhar ao seu mundo interior, aos seus pensamentos, às causas das suas ações, compreendermos que está quase no mesmo estado que quando dorme.

É mesmo talvez pior, porque no sono está passivo, o que quer dizer que nada pode fazer. Pelo contrário, no estado de vigília pode agir sem interrupção e os resultados das suas ações repercutir-se-ão nele e naquilo que o rodeia. E no entanto não se recorda de si próprio. É uma máquina, tudo lhe acontece. Não pode fazer parar a vaga dos seus pensamentos, não pode controlar a imaginação, as suas emoções, a sua atenção. Vive num mundo subjetivo de eu gosto, não gosto, isto agrada-me, aquilo não me agrada, desejo, não desejo, quer dizer, um mundo feito daquilo de que julga gostar ou não gostar, desejar ou não desejar. Não vê o mundo real. O mundo real está-lhe vedado pelo muro da própria imaginação.

Ele vive no sono. E aquilo a que chama a sua consciência lúcida não é mais que sono - e um sono muito mais perigoso que o seu sono da noite, na cama. Consideremos qualquer acontecimento da vida da humanidade. Por exemplo, a guerra. há guerra neste momento. O que quer isto dizer? Isto significa que vários milhares de adormecidos se esforçam por destruir vários milhares de outros adormecidos. Recusar-se-iam a isso, evidentemente, se despertassem. Tudo o que atualmente se passa é devido a esse sono.

Estes dois estados de consciência, sono e estado de vigília vulgar, são tão subjetivos um como o outro. Só quando começa a recordar-se de si próprio é que o homem pode na verdade despertar. Em seu redor toda a vida adquire então um aspecto e um sentido diferentes. Vê-a como uma vida de pessoas adormecidas, uma vida de sono. Tudo o que as pessoas dizem, tudo o que fazem, dizem-no e fazem-no durante o sono. Nada disso portanto, pode ter qualquer valor. Apenas o despertar e o que leva ao despertar pode ter um real valor.

Quantas vezes já me perguntaram se não seria possível fazer parar as guerras? Evidentemente que seria possível. Bastaria que as pessoas despertassem. Isso parece bem fácil. No entanto nada seria mais difícil, porque o sono é trazido e mantido por toda a vida ambiente, por todas as condições do ambiente.

Como despertar? Como escapar a esse sono? Estas perguntas são as mais importantes, as perguntas vitais que um homem deve pôr a si próprio. Mas, antes de as pôr, deverá convencer-se da veracidade do seu sono. E só lhe será possível convencer-se tentando despertar. Quando tiver compreendido que não se recorda de si próprio e que a lembrança de si próprio significa até certo ponto um despertar; quando tiver visto por experiência quanto é difícil recordar-se de si próprio, então ele compreenderá que para despertar não é suficiente desejá-lo.

Mais rigorosamente, diremos que um homem não pode despertar por si próprio. Mas se vinte homens combinarem que o primeiro entre eles a acordar acordará os outros, já têm uma probabilidade. No entanto, isso também é insuficiente, porque esses vinte homens podem adormecer ao mesmo tempo, e sonhar que despertam. Não é portanto suficiente. É necessário mais ainda.

Esses vinte homens devem ser vigiados por um homem que não esteja adormecido ou que não adormeça tão facilmente como outros, ou que vá dormir conscientemente quando seja possível quando disso não resulte qualquer mal nem para ele nem para os outros. Devem procurar um homem desses e contratá-lo para que os desperte e lhes não permita tornar a cair no sono. Sem isso é impossível despertar. É isso que importa compreender.

É possível pensar durante um milhar de anos, é possível escrever bibliotecas inteiras, inventar teorias aos milhões e tudo isso durante o sono, sem qualquer possibilidade de despertar.

Pelo contrário, essas teorias e esses livros escritos ou fabricados por adormecidos terão simplesmente como resultado arrastar outros homens para o sono e assim indefinidamente.

Não há nada de novo na idéia do sono. Quase desde a criação do mundo, foi dito aos homens que eles estavam adormecidos, e que deveriam despertar. Quantas vezes lemos, por exemplo, nos Evangelhos: Despertai, velai, não fiqueis a dormir! Os discípulos do Cristo, mesmo no jardim de Getsemani, enquanto o seu Mestre rezava pela última vez, dormiam. Isto diz tudo. Mas compreendem-no os homens? Tomam o fato como uma figura de retórica, uma metáfora. Não vêem de forma nenhuma que isto deve ser tomado à letra. E também aqui é fácil compreender porquê. Ser-lhes-ia necessário despertar um pouco, ou pelo menos tentá-lo. De fato, foi-me várias vezes perguntado por que motivo os Evangelhos nunca falam do sono... Fala-se em todas as páginas. Isto apenas prova que as pessoas lêem os Evangelhos a dormir.

Em regra geral, que é necessário para despertar um homem adormecido? É necessário um bom choque. Mas quando um homem está profundamente adormecido, um único choque não é suficiente. Um longo período de choques incessantes torna-se necessário. Por conseqüência, é preciso alguém para administrar esses choques. Eu já disse que o homem desejoso de despertar deve procurar o auxílio que se encarregará de o sacudir durante muito tempo. Mas quem pode ele procurar, se toda a gente dorme? Ele procura alguém que o desperte, mas esse também adormece em breve. Qual será a sua utilidade? Quanto ao homem realmente capaz de se manter desperto, recusará provavelmente perder o seu tempo a despertar os outros: pode ter trabalhos a fazer muito mais interessantes.

Há também a possibilidade de despertar por processos mecânicos. Pode usar-se um despertador. A desgraça quer que nos habituemos, depressa demais, seja a que despertador for: deixamos de o ouvir, muito simplesmente. São portanto necessários vários despertadores, com campainhas diferentes. O homem deve literalmente rodear-se de despertadores que o impeçam de dormir. E aqui surgem mais dificuldades. Os despertadores precisam de corda; para lhes dar corda é preciso lembrar-se, para nos lembrarmos é necessário acordar várias vezes.

Mas eis o pior: um homem habitua-se a todos os despertadores e, após um certo tempo, ainda dorme melhor. Por conseqüência, os despertadores devem ser continuamente mudados, é necessário inventar constantemente novos. Com o tempo, isto pode auxiliar um homem a acordar. Ora, há muito poucas probabilidades de que ele faça todo esse trabalho de inventar, dar corda e mudar todos esses despertadores por si próprio, sem auxílio exterior. É muito mais provável que ao começar esse trabalho ele não tarde em adormecer e que, durante o sono, sonhará que inventa despertadores, que lhes dá corda, que os muda - e, como já disse, cada vez dormirá melhor.

Portanto, para despertar é preciso uma conjugação completa de esforços. É indispensável que haja alguém para despertar o adormecido; é indispensável que haja alguém para vigiar aquele que acorda; é necessário ter despertadores, e é igualmente necessário inventar constantemente novos.

Mas para levar a bom termo este empreendimento e obter resultados, devem trabalhar várias pessoas em conjunto. Um homem sozinho nada pode fazer.

Antes de mais nada, precisa de auxílio. Mas um homem sozinho não pode contar com auxílio. Aqueles que são capazes de auxiliar avaliam o seu tempo por um preço muito alto. E naturalmente preferem ajudar, digamos, vinte ou trinta pessoas desejosas de despertar, a uma só. Para mais, como já disse, um homem pode muito bem enganar-se a respeito do seu despertar, tomar como despertar aquilo que não passa de um novo sonho. Se algumas pessoas decidem lutar em conjunto contra o sono, despertar-se-ão mutuamente. Acontecerá muitas vezes que uma vintena de entre elas dormirão, mas a vigésima primeira despertará, e acordará as outras. Dar-se-á o mesmo com os despertadores. Um homem inventará um despertador, um segundo inventará outro, após o que poderão fazer uma troca. Todos juntos podem ser de grande auxílio uns para os outros, e sem esse auxílio mútuo nenhum deles pode conseguir seja o que for.

Portanto um homem que pretende despertar deve procurar outras pessoas que desejem igualmente acordar, a fim de trabalhar com elas. Mas isto é mais facilmente dito que feito, porque o empreendimento de tal trabalho e a sua organização exigem um conhecimento que o homem vulgar não possui. O trabalho deve ser organizado e deve

haver um chefe. Sem essas duas condições, o trabalho não pode dar os resultados esperados, e todos os esforços serão vãos. As pessoas poderão torturar-se mas essas torturas não as farão despertar. Parece que para certas pessoas nada é mais difícil de compreender. Por elas próprias e por sua iniciativa podem ser capazes de grandes esforços, mas os seus primeiros sacrifícios devem ser obedecer a outro: nada no mundo as conseguirá persuadir disso. E não querem admitir que todos os seus sacrifícios, neste caso, de nada servem.

O trabalho deve ser organizado. E só o pode ser por um homem que conheça os seus problemas e os seus objetivos, que conheça os seus métodos, tendo ele próprio passado, no seu tempo, por semelhante trabalho organizado.

Estas opiniões de Gurdjieff estão insertas na obra de P. D. Ouspensky: Fragments d'um Enseignement Inconnu. Ed. Stock, Paris, 1950.

**OS MEUS PRIMEIROS TEMPOS NA ESCOLA GURDJIEFF**

Peguem num relógio, diziam-nos, e olhem para o ponteiro grande tentando manter a consciência de vós próprios e concentrar-se neste pensamento: Eu sou Louis Pauwels e estou aqui neste momento. Tente pensar apenas nisto, siga os movimentos do ponteiro grande mantendo a própria consciência do seu nome, da sua existência e do local onde se encontra.

Ao princípio, isto parecia simples e até um pouco ridículo. Evidentemente que posso manter presente no espírito a idéia de que me chamo Louis Pauwels e de que estou aqui, neste momento a ver deslocar-se muito lentamente o ponteiro grande do meu relógio. Depois apercebo-me de que esta idéia não se mantém muito tempo imóvel em mim, que começa a tomar mil formas e a correr em todos os sentidos, como os objetos que Salvador Dali pintava, transformados em lama movediça. Mas tenho ainda de reconhecer que não me pedem que mantenha viva e fixa uma idéia, mas uma percepção. Não me pedem apenas que pense que existo, mas que saiba, que tenha desse fato um conhecimento absoluto.

Ora eu sinto que isso é possível e que poderia produzir-se em mim, trazendo-me qualquer coisa de novo e importante. Descubro que mil pensamentos ou sombras de pensamentos, mil sensações, imagens e associações de idéias perfeitamente estranhas ao objeto do meu esforço me assaltam sem cessar e me desviam do esforço que faço. Por vezes é o ponteiro que prende toda a minha atenção e, ao olhá-lo, perco-me de vista. Por vezes é o meu corpo, uma crispação da perna, um pequeno movimento na barriga que me faz deixar a agulha e ao mesmo tempo a minha própria pessoa. Por vezes ainda creio ter feito parar o meu pequeno cinema interior, eliminado o mundo exterior, mas apercebo-me então que acabo de mergulhar numa espécie de sono do qual o ponteiro desapareceu, do qual eu próprio desapareci e durante o qual as imagens continuam a sobrepor-se umas às outras, assim como as sensações, as idéias, como que atrás de um véu, como num sonho que se desbobina por sua conta enquanto eu durmo.

Por vezes, finalmente, por uma fração de segundo, sou eu próprio a olhar esse ponteiro, sou totalmente, completamente. Mas, na mesma fração de segundo, felicito-me por o ter conseguido; se assim o posso dizer, o meu espírito aplaude, e imediatamente a minha inteligência, apossando-se da vitória para dela se congratular, compromete-a irremediavelmente. Finalmente despeitado mas sobretudo esgotado, fujo

à experiência com precipitação, pois parece-me que acabo de viver os minutos mais difíceis da minha existência, que acabo de ser privado de ar até ao limite da resistência. Como aquilo me pareceu longo!

Ora não se passaram mais de dois minutos e, em dois minutos, só tive uma verdadeira percepção de mim próprio durante três ou quatro súbitas e imperceptíveis revelações. Eu devia portanto admitir que nós quase nunca estamos conscientes de nós próprios e que quase nunca temos consciência da dificuldade de ser consciente.

O estado de consciência, diziam-nos, é antes de mais o estado do homem que sabe enfim que não está quase nunca consciente e que, portanto, aprende pouco a pouco quais são os obstáculos que se opõem, nele próprio, aos esforços que faz. À luz daquele pequenino exercício sabem agora que um homem pode ler uma obra, por exemplo, aprovar, aborrecer-se, protestar ou entusiasmar-se, sem ter a mínima consciência do fato, e portanto sem que nada da leitura se dirija verdadeiramente a ele próprio. A sua leitura é um sonho acrescentado aos seus próprios sonhos, um desbobinamento no perpétuo desbobinar do inconsciente. Pois a nossa verdadeira consciência pode estar e está quase sempre - completamente ausente de tudo o que fazemos, pensamos, queremos, imaginamos.

Compreendo então que há muito pouca diferença entre o estado em que estamos durante o sono e aquele em que nos encontramos no estado de vigília vulgar, quando falamos, agitamos, etc. Os nossos sonhos tornaram-se invisíveis, como as estrelas quando o dia nasce, mas continuam presentes e nós continuamos a viver sob a sua influência. Nós apenas adquirimos, após o despertar, uma atitude crítica para com as nossas próprias sensações, pensamentos mais ordenados, ações mais disciplinadas, maior vivacidade de impressão, de sentimentos, de desejos, mas continuamos na não-consciência.

Não se trata do verdadeiro despertar, mas do sono desperto, e é nesse estado de sono desperto que se desenrola toda a nossa vida. Ensinavam-nos que era possível despertarmos completamente, adquirir o estado de consciência de nós próprios. Nesse estado, como o entrevi durante o exercício com o relógio, era-me possível ter, a respeito do funcionamento do meu pensamento, do desenrolar das imagens, idéias e sensações, dos sentimentos e dos desejos, um conhecimento objetivo.

Nesse estado, eu podia tentar e desenvolver um esforço real para examinar, suspender de tempos a tempos e alterar esse desenrolar.

E esse próprio esforço, diziam-me, criava em mim uma certa subsistência. Esse próprio esforço não chegava aqui ou ali. Bastava-lhe ser para que se criasse e acumulasse em mim a própria subsistência do meu ser. Era-me dito que poderia então, possuindo um ser fixo, alcançar a consciência objetiva e ter assim, não apenas de mim próprio, mas dos outros homens, das coisas e do Mundo inteiro, um conhecimento totalmente objetivo, um conhecimento absoluto.

Monsieur Gurdjieff. Ed. du Seuil, Paris, 1954

**A NARRATIVA DE RAYMOND AHELLIO**

Quando, na atitude natural que é a da totalidade dos seres existentes, vejo uma casa, a minha percepção é espontânea, é essa casa que eu percebo e não a minha própria

percepção. Pelo contrário, na atitude transcendental é a minha própria percepção que é percebida. Mas essa percepção da percepção altera radicalmente o estado primitivo. O estado vivido, ingênuo a princípio, perde a sua espontaneidade precisamente pelo fato de a nova reflexão tornar como objeto o que a princípio era estado, e não objeto, e de, entre os elementos da minha nova percepção, figurarem não apenas os da casa como casa, como ainda os da própria percepção como fluxo vivido.

E o que importa essencialmente nessa alteração é que a visão concomitante que eu tenho, nesse estado birreflexivo, ou antes, reflexo-reflexivo, da casa que foi o meu motivo original, longe de estar perdida, afastada ou embrulhada por essa interposição da minha percepção segunda perante a sua percepção primária, se encontra paradoxalmente intensificada, mais nítida, mais presente, mais carregada de realidade objetiva do que antes. Achamo-nos aqui perante um fato injustificável para a pura análise especulativa: o da transfiguração da coisa como fato de consciência, da sua transformação, como dizemos depois, em sobre-coisa, da sua passagem do estado de ciência ao estado de conhecimento. Este fato é geralmente desconhecido, embora seja o mais impressionante de toda a experimentação fenomenológica real.

Todas as dificuldades com que a fenomenologia vulgar esbarra, como aliás, todas as teorias clássicas do conhecimento, residem no fato de elas considerarem o conjunto consciência-conhecimento (ou mais exatamente consciência-ciência) capaz de esgotar sozinho a totalidade do vivido, quando na realidade seria necessário considerar a tríade conhecimento-consciência-ciência - a única que permite um verdadeiro enraizamento ontológico da fenomenologia. E, decerto, nada pode tornar evidente essa transfiguração, exceto a experiência direta e pessoal do próprio fenomenologista.

Mas ninguém pode pretender ter compreendido a verdadeira fenomenologia transcendental se não tiver praticado essa experiência com êxito e não tiver sido ele próprio iluminado. Mesmo que fosse o dialético mais subtil, o logístico mais hábil, aquele que a não viveu, e que portanto não viu outras coisas sob a aparência das coisas, só pode fazer discursos sobre a fenomenologia, mas não assumir uma atividade realmente fenomenológica. tomemos um exemplo mais preciso. Tão longe quanto as minhas recordações podem ir, sempre soube distinguir as cores, o azul, o vermelho, o amarelo.

A minha vista via-as, tinha a experiência latente. Claro, a minha vista não fazia interrogações a respeito delas, e aliás como poderia fazer interrogações? A sua função é ver, não a de se ver na função de ver, mas o meu próprio cérebro estava como que adormecido, não era de forma nenhuma o olho do olho, mas um simples prolongamento desse órgão. Portanto, eu dizia simplesmente, e quase sem pensar: isto é um belo vermelho, um verde um pouco apagado, um branco brilhante. Um dia, há alguns anos, ao passear pelas vinhas das encostas que dominam o lago Leman e que formam um dos mais belos locais do Mundo, tão belo mesmo e tão vasto que o Eu, à força de ali ser dilatado, se sente dissolvido e, bruscamente, se reapossa de si próprio e se exalta, deu-se um súbito e para mim extraordinário acontecimento. O ocre da encosta abrupta, o azul do lago, o roxo dos montes de Sabóia, e ao fundo as geleiras resplandecentes do Grand-Combin, vira-os eu cem vezes. Soube pela primeira vez que nunca os olhara.

No entanto vivia há três meses. E, claro, desde o primeiro instante, aquela paisagem deslumbrara-me, mas o que em mim lhe respondia não era mais que uma exaltação confusa. Claro, o Eu do filósofo é mais forte que todas as paisagens. O sentimento

angustiante de beleza não passa de um assenhoreamento pelo Eu, que se fortifica, da distância infinita que dela nos separa. Mas naquele dia, bruscamente, soube que eu próprio criava aquela paisagem, que ela nada era sem mim: Sou eu que te vejo, e que me vejo a ver-te, e que, ao ver-me, te faço.

Este verdadeiro grito interior é o grito do demiurgo quando da sua criação do mundo. Não é apenas a suspensão de um antigo mundo, mas a projeção de um novo. E nesse momento, de fato, o mundo foi recriado. Nunca eu vira semelhantes cores. Eram cem vezes mais intensas, mais matizadas, mais vivas. Senti que acabava de adquirir o sentido das cores, que interpretava as cores, que nunca até ali vira realmente um quadro ou penetrara no universo da pintura. Mas soube igualmente que, por esse chamamento da minha consciência, por essa percepção da minha percepção, conseguira a chave desse mundo da transfiguração que não é outro mundo misterioso, mas o verdadeiro mundo, aquele de que a natureza nos conserva exilados. Nada de comum, evidentemente, com a atenção. A transfiguração é completa, a atenção não. A transfiguração conhece-se na sua suficiência certa, a atenção tende para uma suficiência eventual. Não se pode dizer, evidentemente, que a atenção seja vazia. Pelo contrário, é não-vazia. Mas o não-vazio não é a plenitude. Quando regressei à aldeia, nesse dia, as pessoas com que me cruzava estavam na sua maior parte atentas ao trabalho: no entanto todas me pareceram sonâmbulas.

Raymond Abellio: Cahiers du Cercle d'Études
Métaphysiques. (Publicação interior - 1954).

**O ADMIRÁVEL TEXTO DE GUSTAV MEYRINCK**

A chave que nos tornará mestres da natureza interior ficou enferrujada desde o dilúvio. Ela chama-se: velar. Velar é tudo.

O homem está firmemente convencido de que vela; mas na realidade, é apanhado numa rede de sono e de sonho que ele próprio teceu. Quanto mais apertada é essa rede, mais poderosamente reina o sono, Aqueles que estão presos nas suas malhas são os adormecidos que caminham através da vida como rebanhos de animais levados para o matadouro, indiferentes e sem pensamentos.

Os sonhadores vêem através das malhas um mundo quadriculado, só distinguem aberturas enganadoras, agem em conseqüência e não sabem que esses quadros são apenas os fragmentos insensatos de um todo enorme. Esses sonhadores não são, como talvez o suponhas, os lunáticos e os poetas; são os trabalhadores, os sem repouso do Mundo, os possessos da loucura de agir. Assemelham-se a escaravelhos feios e laboriosos que se arrastam ao longo de um cano liso para nele mergulharem ao chegar lá acima. Dizem que velam, mas aquilo que julgam uma vida não é em realidade senão um sonho, determinado antecipadamente nos mínimos pormenores e subtraído à influência da sua vontade. Existiram e ainda existem alguns homens que souberam que sonhavam, os pioneiros que avançaram até aos baluartes atrás dos quais se esconde o eu eternamente desperto - videntes como Descartes, Schopenhauer e Kant. Mas eles não possuíam as armas necessárias para a tomada da fortaleza e o seu apelo ao combate não acordou os adormecidos. Velar é tudo.

O primeiro passo para esse objetivo é tão simples que qualquer criança o pode dar. Só aquele que tem o espírito falsificado esqueceu como se caminha, e mantém-se paralisado sobre os seus dois pés, pois não se quer privar das muletas que herdou dos

seus antecessores. Velar é tudo.

Vela em tudo o que fazes! Não te julgues já desperto. Não, tu dormes e sonhas.

Reúne todas as tuas forças e espalha um instante pelo teu corpo este sentimento: agora, eu vejo!

Se o conseguires, reconhecerás imediatamente que o estado no qual te encontravas surge então como uma modorra e um sono.

É o primeiro passo hesitante do longo, muito longo percurso que leva da servidão ao completo poder.

Desta forma avança, de despertar em despertar.

Não existe pensamento tormentoso que desta maneira não possas banir. Ele fica para trás e já não te pode atingir. Estendeste sobre ele como a copa de uma árvore se eleva por sobre os ramos secos.

As dores afastam-se de ti como folhas mortas quando essa vigília se apossa igualmente do teu corpo.

Os banhos gelados dos brâmanes, as noites de vigília dos discípulos de Buda e dos ascetas cristãos, os suplícios dos faquires não são mais que os ritos estereotipados indicando que ali se erguia outrora o templo daqueles que se esforçavam por velar.

Lê as escrituras Sagradas de todos os povos da Terra. Em cada uma delas passa como um fio vermelho a ciência dissimulada da vigília. É a escada de Jacob, que combate toda a noite com o anjo do Senhor, até que chegue o dia e obtenha a vitória.

Deves subir, um após outro, os degraus do despertar, se queres vencer a morte.

O degrau inferior já se chama: gênio.

Como devemos nós chamar os degraus superiores? Ficam desconhecidos da multidão e são tidos como lendas.

A história de Tróia foi considerada uma lenda, até que finalmente um homem arranjou coragem de investigar por si próprio.

Sobre esse caminho da vigília, o primeiro inimigo que encontrarás será o teu próprio corpo. Ele lutará contigo até ao primeiro cantar do galo. Mas se vislumbrares a luz da vigília eterna que te afasta dos sonâmbulos que supõem ser homens e ignoram que são deuses adormecidos então o sono do teu corpo desaparecerá também e o Universo submeter-se-á a ti.

Então poderás operar milagres, se quiseres, e já não estarás reduzido, como um humilde escravo, a esperar que um cruel e falso deus seja suficientemente amável para te cumular de presentes ou te cortar a cabeça.

Há evidentemente a felicidade do bom cão fiel: servir um amo. Ela deixará de existir para ti - mas sê franco para contigo próprio: gostarias tu, mesmo agora, de trocar o lugar com teu cão?

Não te deixes apavorar pelo medo de não atingires o objetivo nesta vida. Aquele que descobriu este caminho regressa sempre ao mundo com uma maturidade interior que lhe torna possível a continuação do seu trabalho. Ele nasce como gênio.

O caminho que te mostro está semeado de acontecimentos estranhos: mortos que conheceste hão-de erguer-se e falar-te! São apenas imagens. Silhuetas luminosas aparecer-te-ão para te abençoar. São apenas imagens, formas exaltadas pelo teu corpo que, sob a influência da tua vontade transformada, morrerá de uma morte mágica e se tornará espírito, tal como o gelo, atingido pelo fogo, se dissolve em vapor.

Quando tiveres abandonado em ti o cadáver é que então poderás dizer: agora o sono afastou-se de mim para sempre. Então dar-se-á o milagre em que os homens não acreditam - porque, enganados pelos seus sentidos, não percebem que matéria e força são a mesma coisa - nem compreendem, esse milagre que, mesmo se o enterrarem, não haverá cadáver no caixão.

Só então poderás diferenciar o que é realidade ou aparência. Aquele que tu encontrares só poderá ser um dos que seguiram o caminho antes de ti.

Todos os outros são sombras.

Até ali tu não sabes se és a criatura mais feliz ou a mais infeliz. Mas nada receies. Nem um sequer dos que seguiram pelo caminho da vigília, mesmo se alguma vez se perdeu, jamais foi abandonado pelos seus guias.

Quero dar-te um sinal pelo qual poderás reconhecer se uma aparição é realidade ou miragem: se ela se aproxima de ti, se a tua consciência se perturba, se as coisas do mundo exterior são vagas ou desaparecem, desconfia. Acautela-te! A aparição não passa de uma parte de ti próprio. Se não a compreendes, é apenas um espectro sem consistência, um gatuno que consome uma parte da tua vida.

Os gatunos que adquirem a força da alma são piores do que os gatunos do Mundo. Atraem-te como fogos-fatuos nos pântanos de uma esperança enganadora, para te deixarem só nas trevas e desaparecerem para sempre.

Não te deixes enganar por nenhum milagre que eles pareçam fazer por ti, por nenhum nome sagrado que se derem, por nenhuma profecia que exprimam, nem mesmo se esta se realizar; eles são os teus inimigos mortais, expulsos do inferno do teu próprio corpo e com os quais tu lutas pelo domínio.

Sabe que as forças maravilhosas que eles possuem são as tuas próprias - desviadas por eles para te manterem na escravatura. Eles não podem viver fora da tua vida, mas se os venceres ficarão aniquilados, como ferramentas mudas e dóceis que poderás empregar segundo as tuas necessidades.

Inúmeras são as vítimas que eles fizeram entre os homens.

Lê a história dos visionários e dos sectários e compreenderás que o caminho que segues está semeado de crânios.

Inconscientemente a humanidade ergueu contra eles um muro: o materialismo. Esse muro é uma defesa infalível, é uma imagem do corpo mas é também o muro de uma

prisão que dissimula a vista.

Atualmente estão dispersos e a fênix da vida interior ressuscita das cinzas nas quais esteve deitada durante muito tempo, como morta, mas os abutres de outro mundo também começam a bater as asas. É por isso que deves tomar cuidado. A balança sobre a qual deporás a tua consciência mostrar-te-á quanto podes ter confiança nessas aparições. Quanto mais desperta ela estiver, mais se inclinará a teu favor.

Se um guia, um irmão de outro mundo espiritual te quer aparecer, deve poder fazê-lo sem despojar a tua consciência. Podes pousar a mão sobre ele como Tomé o incrédulo.

Seria fácil evitar as aparições e seus perigos. Basta conduzires-te como um homem vulgar. Mas que ganhas com isso?

Continuas a ser um prisioneiro na jaula do teu corpo até que o carrasco Morte te conduza ao cadafalso.

O desejo dos mortais de verem os seres sobrenaturais é um grito que desperta até os fantasmas do inferno, porque semelhante desejo não é puro; - porque é mais avidez do que desejo, porque quer tomar de qualquer maneira em vez de gritar para aprender a dar.

Todos aqueles que consideram a Terra como uma prisão, todas as pessoas piedosas que imploram a libertação evocam sem se aperceberem o mundo dos espectros. Fá-lo igualmente tu próprio. Mas conscientemente.

Para aqueles que o fazem inconscientemente existirá uma mão invisível que os possa retirar do pântano onde se atolam? Eu não o acredito.

Quando sobre o caminho do despertar atravessarás o reino dos espectros, reconhecerás pouco a pouco que eles são simplesmente pensamentos que de súbito poderás ver com os teus próprios olhos. Eis porque te são estranhos e parecem ser criaturas, pois a linguagem das formas é diferente da do cérebro.

Então chegou o momento em que a transformação se dá: os homens que te rodeiam transformar-se-ão em espectros.

Todos aqueles que amaste serão, de súbito, larvas. Mesmo o teu próprio corpo.

Não se pode imaginar mais terrível solidão que a do peregrino no deserto, e quem não sabe encontrar aí a fonte da vida ? morre de sede.

Tudo o que aqui te digo se encontra nos livros dos homens piedosos de todos os povos: a vinda de um novo reino, a vigília, a vitória sobre o corpo e a solidão.

E no entanto um abismo intransponível nos separa dessas pessoas piedosas: elas supõem que se aproxima o dia em que os bons entrarão no paraíso e os maus serão atirados para o inferno. Nós sabemos que um tempo virá em que muitos despertarão e serão separados dos adormecidos que não podem compreender o que significa a palavra vigília. Nós sabemos que não existe o bom e o mau, mas apenas o exato e o falso. Eles crêem que velar significa manter os seus sentidos lúcidos e os olhos abertos

durante a noite, de forma que o homem possa fazer as suas orações. Nós sabemos que a vigília é o despertar do eu imortal e que a insônia do corpo é uma conseqüência natural. Eles crêem que o corpo deve ser descurado e desprezado porque é pecador. Nós sabemos que não existe pecado; o corpo é o começo da nossa obra e vimos à Terra para transformar em espírito. Eles crêem que deveríamos viver na solidão com o nosso corpo para purificar o espírito. Nós sabemos que o nosso espírito deve primeiramente isolar-se para transfigurar o corpo.

Só a ti te cabe a escolha do caminho a tomar: ou o nosso ou o deles. Deves agir segundo a tua própria vontade.

Não tenho o direito de te aconselhar. É mais salutar colher segundo a tua própria decisão um fruto amargo sobre uma árvore, do que ver pendurar um fruto doce aconselhado por outrem.

Mas não faças como muitos que sabem que está escrito:

examinai tudo e só conservai o melhor. É preciso ir, nada examinar e agarrar a primeira coisa que aparecer.

Gustav Meyrinck: Excerto do romance Le Visage Vert, traduzido pelo doutor Etthofen e Mc Perrenoud. Ed. Emile-Paul Frères, Paris, 1932.

## O PONTO PARA ALÉM DO INFINITO

## IX

**Do Surrealismo ao Realismo Fantástico. - O Ponto Supremo. - Desconfiar das imagens. - A loucura de Georg Cantor. - O yogi e o matemático. - Uma aspiração fundamental do espírito humano. - Um excerto de uma genial novela de Jorge Luis Borges.**

Nos capítulos anteriores pretendi dar uma idéia dos possíveis estudos sobre a realidade de outro estado de consciência. Nesse outro estado, se existe, todo o homem possesso do demônio do conhecimento encontrará talvez uma resposta à pergunta seguinte, que ele acaba sempre por pôr a si próprio:

Não haverá um sítio a descobrir, em mim próprio, desde o qual tudo o que me acontece seria imediatamente explicável, um sítio de onde tudo o que vejo, sei ou sinto seria imediatamente decifrado, quer se tratasse do movimento dos astros, da disposição das pétalas de uma flor, dos movimentos da civilização de que faço parte, ou dos mais secretos movimentos do meu coração? Será que essa imensa e louca ambição de compreender, que eu passeio, como que a despeito de mim próprio, através de todas as aventuras da minha vida, não poderia ser, um dia, inteiramente e de uma só vez satisfeita? Será que não existe no homem, em mim próprio, um caminho que conduza ao conhecimento de todas as leis do mundo? Será que não repousa no fundo de mim a chave do conhecimento total?  André Breton, no segundo manifesto do Surrealismo, julgava poder definitivamente responder a esta pergunta: Tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo cessam de ser vislumbrados contraditoriamente.

É evidente que não pretendo, por minha vez, dar resposta definitiva. Aos métodos e ao aparelho do surrealismo quisemos substituir os métodos mais humildes e o aparelho mais pesado daquilo a que nós chamamos, eu e Bergier, o realismo fantástico. Vou portanto fazer apelo, para estudar este assunto, a vários planos do conhecimento. À tradição esotérica. Às matemáticas de vanguarda. E à literatura moderna insólita. Elaborar um estudo sobre planos diferentes (aqui, o plano do espírito mágico, o plano da inteligência pura e o plano da intuição poética), estabelecer comunicações entre eles, verificar por comparação as verdades contidas em cada fase e fazer finalmente surgir uma hipótese na qual se achem integradas essas verdades, tal é exatamente o nosso método. O nosso volumoso livro hirsuto não é senão um começo de defesa e ilustração desse método.

A frase de André Breton: Tudo leva a crer. . . data de 1930. Teve um êxito extraordinário. Não deixou ainda de ser citada, comentada. É que, de fato, uma das características da atividade do espírito contemporâneo é o interesse crescente pelo que se poderia chamar: o ponto de vista para além do infinito. Este conceito está vivo nas tradições mais antigas, assim como nas matemáticas mais modernas. Ele preenchia o pensamento poético de Valéry, e um dos maiores escritores vivos, o argentino Jorge Luís Borges, consagrou-lhe a sua mais bela e surpreendente novela, dando a esta o título significativo:

O Alepb. Este nome é o da primeira letra do alfabeto da língua sagrada. Na Cabala, ela designa o En-Sof, o sítio do conhecimento total, o ponto de onde o espírito distingue de um só golpe a totalidade dos fenômenos, das suas causas e dos seus sentidos. Numerosos textos dizem que essa letra tem a forma de um homem que mostra o céu e a Terra, para indicar que o mundo de baixo é o espelho e o mapa do mundo de cima.

O ponto para além do infinito é esse ponto supremo do segundo manifesto do surrealismo, o ponto Ômega do P.e Teilhard de Chardin e a finalidade da Grande Obra dos Alquimistas. Como definir claramente esse conceito? Tentemos. Existe no Universo um ponto, um sítio privilegiado, de onde todo o Universo se desvenda. Nós observamos a criação com instrumentos, telescópios, microscópios, etc. Mas, ali, bastaria ao observador encontrar-se nesse sítio privilegiado: num ápice, o conjunto dos fatos aparecer-lhe-ia, o espaço e o tempo se revelariam na totalidade e a última significação dos seus aspectos.

Para fazer compreender aos alunos do primeiro ano o que poderia ser o conceito de eternidade, o padre jesuíta de um célebre colégio servia-se da seguinte imagem: Imaginai que a Terra seja de bronze e que uma andorinha, de mil em mil anos, a roce com a sua asa. Quando desta forma a Terra tiver desaparecido, só então começará a eternidade. . . Mas a eternidade não é apenas a infinita lentidão do tempo. É outra coisa que a duração. É preciso desconfiarmos das imagens. Servem para transportar a um nível de consciência mais baixo a idéia que não poderia respirar senão noutra altitude e entregam um cadáver no rés-do-chão.

As únicas imagens capazes de transportar uma idéia superior são aquelas que criam um estado de surpresa na consciência, de expatriação, próprias para elevar essa consciência até ao nível onde vive a idéia em questão, onde é possível captá-la na sua frescura na sua força. Os ritos mágicos e a verdadeira poesia não têm outra finalidade. Eis porque não procuraremos dar uma imagem desse conceito do ponto para além do infinito. Será mais eficaz que dirijamos o leitor para o texto mágico e poético de Borges.

Borges, na sua novela, utilizou os trabalhos dos Cabalistas; dos Alquimistas e as lendas muçulmanas. Outras lendas, igualmente antigas como a humanidade, evocam esse Ponto Supremo, esse Sítio Privilegiado. Mas a época em que vivemos tem de particular isto: o esforço da inteligência pura, aplicada à investigação afastada de toda a mística e de toda a metafísica, foi dar a concepções matemáticas que nos permitem racionalizar e compreender a idéia de transfinito.

Os mais importantes, e os mais singulares trabalhos, são devidos ao genial Georg Cantor, que viria a morrer louco. Esses trabalhos são ainda discutidos pelos matemáticos, entre os quais alguns pretendem que as idéias de Cantor são logicamente indefensáveis. Ao que os partidários do Transfinito replicam: Do Paraíso aberto por Cantor ninguém nos expulsará!

Eis como se pode resumir, grosseiramente, o pensamento de Cantor. Imaginemos dois pontos sobre esta folha de papel: A e B, distantes de 1 cm. Tracemos o segmento da direita que une A a B. Quantos pontos há sobre esse segmento? Cantor demonstra que há mais do que um número infinito. Para preencher completamente o segmento é necessário um número de pontos maior que o infinito: o número aleph.

Esse número aleph é igual a todas as suas partes. Se se dividir o segmento em dez partes iguais, haverá tantos pontos numa das partes como em todo o segmento. Se construiremos, a partir do segmento, um quadrado, haverá tantos pontos sobre o segmento como na superfície do quadrado. Se se construir um cubo, haverá tantos pontos no segmento como em todo o volume do cubo. Se construiremos, a partir do cubo, um sólido de quatro dimensões um tessaract, haverá tantos pontos no segmento como no volume de quatro dimensões do tessaract. E continua assim até ao infinito.

Nesta matemática do transfinito, que estuda os aleph, a parte é igual ao todo. É perfeitamente demencial, se nos colocarmos no ponto de vista da razão clássica, e no entanto é demonstrável. Também é demonstrável o fato de que, se se multiplicar um aleph por qualquer número, chega-se sempre ao aleph. E eis as altas matemáticas contemporâneas a juntarem-se à Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto (o que está em cima é igual ao que está em baixo) e à intuição dos poetas como William Blake (todo o Universo contido num grão de areia).

Só existe um único processo de passar para além do aleph, é elevá-lo a uma potência aleph (sabe-se que A potência B significa A multiplicado por A, B vezes e, da mesma forma, aleph à potência aleph é outro aleph).

Se se chamar ao primeiro aleph zero, o segundo é aleph um, o terceiro aleph dois, etc. Aleph zero, já o dissemos, é o número de pontos contido num segmento de direita ou num volume. Demonstra-se que o aleph um é o número de todas as curvas racionais possíveis contidas no espaço. Quanto ao aleph dois, ele corresponde a um número que seria maior do que tudo o que se pode conceber no Universo. Não existem no Universo objetos em número suficientemente grande para que ao contá-los se chegue a um aleph dois. E os aleph estendem-se até ao infinito.

O espírito humano consegue portanto ultrapassar o Universo construir conceitos que o Universo jamais poderá preencher. É um atributo tradicional de Deus, mas jamais se imaginara que o espírito pudesse apoderar-se desse atributo. Foi provavelmente a contemplação dos aleph para além de dois que tornou Cantor louco.

Os matemáticos modernos, mais resistentes ou menos sensíveis ao delírio metafísico, manipulam conceitos dessa ordem, e deles chegam a deduzir certas aplicações. Algumas dessas aplicações são de natureza a desconcertar o bom-senso. Por exemplo, o famoso paradoxo de Banach e Tarski. (Matemáticos polacos contemporâneos. Banach foi assassinado pelos alemães em Auschwitz. Tarski ainda é vivo e traduz atualmente para francês o seu monumental tratado de lógica matemática).

Segundo esse paradoxo, é possível tomar uma esfera de dimensões normais, as de uma maçã ou de uma bola de tênis, por exemplo, cortá-la em fatias e reunir em seguida essas fatias de forma a ter uma esfera mais pequena que um átomo ou maior que o sol.

Não se pode executar fisicamente a operação, porque o corte deve fazer-se segundo superfícies especiais que não têm plano tangente e que a técnica não pode realizar efetivamente. Mas a maior parte dos especialistas acham que esta inconcebível operação e teoricamente admissível, pois embora as superfícies pertençam ao universo manejável, os cálculos relativos a elas revelam justos e eficazes no universo da física nuclear. Os nêutrons deslocam-se nas pilhas descrevendo curvas que não têm tangente.

Os trabalhos de Banach e Tarski chegam a conclusões que se aproximam, de forma alucinante, dos poderes que se atribuem os iniciados hindus da técnica Samadhi: eles declaram que lhes é possível dilatar-se até à dimensão da Via Láctea ou contrair-se até a dimensão da mais pequena partícula possível. Mais perto de nós, Shakespeare faz Hamlet gritar: Ó Deus, eu desejaria estar contido todo numa casca de avelã e no entanto brilhar sobre os espaços infinitos!

É impossível, segundo nos parece, não ficar impressionado pela semelhança entre esses longínquos ecos do pensamento mágico e a lógica matemática moderna. Um antropólogo participante de um colóquio de parapsicologia em Royaumont, em 1956, declarava: Os sidis yogicos são extraordinários, pois entre eles figura a faculdade de se tornar tão pequeno como um átomo, ou tão grande como um sol ou um universo! Entre essas pretensões extraordinárias encontramos fatos positivos, que temos a presunção de supor autênticos, e fatos como estes, que nos parecem incríveis e para além de qualquer lógica. Mas é preciso acreditar que esse antropólogo ignorava simultaneamente o grito de Hamlet e as formas inesperadas que acabam de enriquecer a lógica mais pura e mais moderna: a lógica matemática.

Qual a significação profunda dessas correspondências? Como sempre neste livro, limitamo-nos a formular hipóteses. A mais romanesca e excitante, mas a menos integrante, seria admitir que as técnicas Samadhi são reais, que o iniciado consegue efetivamente tornar-se tão pequeno como um átomo e tão grande como um sol, e que essas técnicas derivam de conhecimentos provenientes de antigas civilizações que dominavam perfeitamente as matemáticas do transfinito. Para nós, trata-se de uma das aspirações fundamentais do espírito humano, que encontra a sua expressão tanto no yoga samadhi como nas matemáticas de vanguarda de Banach e Tarski.

Se os matemáticos revolucionários têm razão, se os paradoxos do transfinito têm bases, abrem-se extraordinárias perspectivas diante do espírito humano. Pode conceber-se que existam no espaço pontos aleph como o descrito na novela de Borges. Nesses pontos, todo o contínuo espaço-tempo se acha representado e o espetáculo estende-se do interior do núcleo atômico a galáxia mais longínqua.

Pode-se ir mais longe ainda: pode-se imaginar que após manipulações que implicariam ao mesmo tempo a matéria, a energia e o espírito, qualquer ponto do espaço possa tornar-se um ponto transfinito. Se tal hipótese corresponde a uma realidade físico-psico-matemática, temos a explicação da Grande Obra dos Alquimistas e do êxtase supremo de certas religiões. A idéia de um ponto transfinito de onde todo o Universo seria perceptível é prodigiosamente abstrata. Mas as equações fundamentais da relatividade não o são menos, de onde derivam no entanto o cinema falado, a televisão e a bomba atômica. Aliás o espírito humano faz constantes progressos em direção a níveis de abstração cada vez mais elevados. Paul Langevin já fazia notar que o eletricista de bairro maneja perfeitamente a noção tão abstrata e delicada de potencial e até criou para ela um termo de calão.

Pode-se ainda imaginar que, num futuro mais ou menos longínquo, tendo o espírito humano dominado essas matemáticas do transfinito, poderá, auxiliado por determinados instrumentos, construir no espaço aleph pontos transfinitos de onde o infinitamente pequeno e o infinitamente grande lhe aparecerão na sua totalidade e máxima verdade. Desta forma, a tradicional busca do absoluto teria enfim alcançado o seu objetivo. É tentador pensar que a experiência já resultou parcialmente. Nós evocamos, na primeira parte desta obra, a manipulação alquímica durante a qual o adepto oxida a superfície de um banho fundido de metais.

Quando a película de óxido se quebra, a tradição afirma que aparece sobre um fundo opaco a imagem da nossa galáxia com os seus dois satélites, as nuvens de Magalhães. Lenda ou realidade? Tratar-se-ia, em todo o caso, da evocação de primeiro instrumento transfinito capaz de tomar contacto e o Universo por outros processos além dos fornecidos pelos instrumentos conhecidos. Talvez seja com uma aparelhagem dessa espécie que os Maias, que ignoravam o telescópio, descobriram Urano e Netuno. Mas não nos deixemos despistar pelo imaginário. Contentemo-nos em notar essa aspiração fundamental do espírito, desprezada pela psicologia clássica, e notar também, a esse respeito, as relações entre antigas tradições e uma das grandes correntes matemáticas modernas.

Eis a seguir o excerto da novela de Borges: Áleph.

Rua Garay, a criada pediu-me o favor de esperar. O senhor estava, como de costume, na cave, a revelar fotografias. Perto da jarra sem flores, sobre o piano, inútil, sorria (mais intemporal que anacrônico) o grande retrato de Beatriz, de colorido desajeitado. Como ninguém me podia ver, num movimento de ternura desesperada, aproximei-me do retrato e disse-lhe:

Beatriz, Beatriz Elena, Beatriz Elena Viterbo, querida Beatriz, perdida para sempre, sou eu, eu, Borges.

Carlos entrou pouco depois. Falou asperamente: percebi que era incapaz de pensar noutra coisa sem ser a perda do Aleph.

- Um copito de pseudo-conhaque - ordenou - e descerás à cave. Sabes que o decúbito dorsal é indispensável. A obscuridade, a imobilidade, uma certa adaptação visual são-no igualmente. Deitas-te no chão, sobre o ladrilho, e fixas o olhar sobre o décimo-nono degrau da escada indicada. Eu saio, fecho o alçapão e ficas sozinho. Se algum rato te incomodar, mata-o, não te importes. Após alguns minutos vês o Aleph. O microcosmo dos alquimistas e dos cabalistas, o nosso concreto e proverbial amigo, o multum in

parvo!

Ao chegar à sala de jantar, acrescentou:

- É evidente que se o não vês, a tua incapacidade não invalida o meu testemunho... Desce; muito em breve poderás empreender um diálogo com todas as imagens de Beatriz.

Desci rapidamente, fatigado daquelas palavras ocas. A cave, pouco mais larga do que a escada, assemelhava-se muito a um poço. Com o olhar procurei em vão a mala de que Carlos Argentino me falara. Alguns caixotes com garrafas e alguns sacos de tela grosseira amontoavam-se a um dos cantos. Carlos pegou num saco, dobrou-o e colocou-o num determinado lugar.

- O travesseiro é modesto - explicou -, mas se o alteio um só milímetro não verás nem uma migalha e sentir-te-ás confuso e envergonhado. Estende a tua carcaça no chão e conta dezenove degraus.

Acedi às suas ridículas exigências; por fim, foi-se embora. Fechou cuidadosamente o alçapão; a obscuridade, apesar de uma fenda na parede que pouco depois distingui, pareceu-me total a princípio. De súbito, compreendi o perigo; deixara-me sepultar por um louco, depois de beber veneno. As fanfarronadas de Carlos deixavam transparecer o terror dissimulado de que o prodígio não se realizasse: Carlos, a fim de defender o seu delírio, a fim de não saber que era louco, devia matar-me. Senti um mal-estar confuso que tentei atribuir à rigidez e não ao efeito de um narcótico. Fechei os olhos, depois abri-os. Vi então o Aleph.

Chego agora ao centro inexprimível da minha história; principia aqui o meu desespero de escritor. Toda a linguagem é um alfabeto de símbolos, cujo uso pressupõe um passado dividido pelos interlocutores; como transmitir aos outros o Aleph infinito que a minha memória receosa mal contém? Os místicos, em semelhante caso, esbanjam os símbolos: para significar a divindade, um Persa fala de um pássaro que de certa maneira, é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma; Ezequiel, de um anjo com quatro rostos, virado simultaneamente para oriente e ocidente, norte e sul. (Não é sem motivo que recordo estas analogias inconcebíveis; têm uma certa relação com o Aleph.) Talvez os deuses não me recusassem a descoberta de uma imagem semelhante, mas esta narrativa ficaria então misturada com literatura, falseada. De resto, o problema central e insolúvel: não se poderia enumerar, mesmo parcialmente, um conjunto infinito. Nesse instante gigantesco vi milhões de ações deleitosas ou atrozes, nenhuma me espantou tanto como o fato de que todas ocupavam o mesmo ponto, sem sobreposição e sem transparência. Aquilo que os meus olhos viram foi simultâneo: o que descreverei, sucessivo, porque a linguagem o é. Quero no entanto relatar algumas coisas de tantas que vi. Por baixo do degrau, para a direita, vi uma pequena esfera com um brilho quase intolerável. A princípio supus que girava sobre si própria; depois compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos espetáculos vertiginosos que ela continha.

O diâmetro do Aleph devia ser de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava dentro, sem redução. Cada coisa (o vidro do espelho, por exemplo) era uma infinidade de coisas, pois eu via-a nitidamente de todos os pontos do Universo. Vi o mar populoso, vi a madrugada e a noite, vi as multidões da América, vi uma teia de aranha prateada no centro de uma pirâmide negra, vi um labirinto quebrado (era Londres), vi

olhos intermináveis fixos em mim, imediatos, como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum refletia a minha imagem, vi num pátio traseiro da Rua Soler o mesmo ladrilho que vi há trinta anos numa casa de Fray Bentos, vi cachos, neve, tabaco, minas de metal, vapor de água, vi desertos convexos sob o Equador, e cada um dos seus grãos de areia, vi em Inverness uma mulher que não esquecerei, vi a cabeleira violenta, o corpo altivo, vi um cancro no seio, vi um círculo de terra seca sobre um passeio, no lugar onde estivera uma árvore, vi numa casa de campo de Adrogué um exemplar da primeira tradução inglesa de Plínio, a de Philémon Holland, vi ao mesmo tempo cada letra de cada página (em criança, assombrava-me sempre o fato de as letras de um livro fechado não se misturarem, até se perderem, durante a noite), vi a noite e o dia contemporâneo da noite, vi um pôr do Sol em Queretaro que parecia refletir a cor de uma rosa de Bengala, vi o meu quarto de dormir sem ninguém, vi num gabinete de Alkmaar um globo terrestre entre dois espelhos que o multiplicavam sem fim, vi cavalos com crina esvoaçante sobre uma praia do mar Cáspio, de madrugada, vi a delicada ossatura de uma mão, vi os sobreviventes de uma batalha a enviarem postais, vi numa montra de

Mirzapur um baralho de cartas espanholas, vi sombras oblíquas de fetos no solo de uma serra, vi tigres, pistões, bisontes, vi vagas e exércitos, vi todas as formigas da Terra, vi um astrolábio persa, vi numa gaveta de escritório (e a letra fez-me estremecer) cartas obscenas, incríveis, precisas, que Beatriz dirigira a Carlos Argentino, vi um monumento adorado no cemitério da Chacarita, vi a relíquia atroz do que fora deliciosamente Beatriz Viterbo, vi a circulação do meu sangue obscuro, vi a engrenagem do amor e as alterações da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a Terra e na Terra de novo o Aleph e no Aleph a Terra, vi o meu rosto e as minhas vísceras, vi o teu rosto, e senti vertigens, e chorei, porque os meus olhos tinham visto esse objeto secreto e conjetural, cujo nome os homens empregam indevidamente, mas que nenhum homem viu: o inconcebível Universo.

Senti uma veneração infinita, um desgosto infinito.

- Deves estar apavorado de tanto te imiscuíres no que te não diz respeito - disse uma voz detestada e jovial. - Por mais que te rompas a cabeça, nem em cem anos me pagarias esta revelação. Que formidável observatório, Borges, não achas?!

Os pés de Carlos Argentino ocupavam o degrau mais alto da escada. Na brusca escuridão consegui erguer-me e balbuciar:

- Formidável. É verdade, formidável.

O tom indiferente da minha voz espantou-me. Ansioso, Carlos Argentino insistia:

- Viste tudo bem, a cores?

Nesse instante idealizei a minha vingança. Benevolente, manifestamente apiedado, nervoso, evasivo, agradeci a Carlos Argentino Daneri a hospitalidade que me dera na sua cave, e aconselhei-o a aproveitar a demolição da sua casa para se afastar da perniciosa capital que não perdoa a ninguém, acredita, a ninguém! Recusei-me, com energia suave, a discutir o Aleph; abracei-o, ao despedir-me, e repeti-lhe que o campo e a serenidade eram dois grandes médicos.

Na rua, na escadaria da Constitución, no metropolitano, todos os rostos me pareciam

familiares. Receei que não houvesse mais nada no Mundo capaz de me surpreender; receei nunca mais me libertar do sentimento do já visto. Felizmente, após algumas noites de insônia, o esquecimento apoderou-se novamente de mim.

## DIVAGAÇÕES SOBRE OS MUTANTES

## X

**O garoto astrônomo. - Uma subida de temperatura na inteligência. - Teoria das mutações. - O mito dos Grandes Superiores. - Os Transformados entre nós. Do Horla a Leonardo Euler. - Uma sociedade invisível dos Transformados. - Nascimento do ser coletivo. O amor pelo vivo.**

Durante o Inverno de 1956, o doutor J. Ford Thomson, psiquiatra do Serviço de Educação de Wolverhampton, recebeu no seu gabinete um garoto de sete anos que inquietava muito os pais e o seu mestre.

Evidentemente que ele não tinha à sua disposição as obras especializadas - escreve o doutor Thomson. - E se acaso as tivesse, ser-lhe-ia possível lê-las? No entanto, sabia as respostas exatas de problemas de astronomia extremamente complexos.

Impressionado com o exame daquele caso, o doutor resolveu Fazer um inquérito sobre o nível de inteligência dos alunos e empreendeu fazer testes a cinco mil crianças através de toda a Inglaterra, com o auxílio do Conselho de Investigações Médicas Britânicas, dos físicos de Harwell e de numerosos professores de universidades. Após dezoito meses de trabalhos pareceu-lhe evidente que se estava a dar uma brusca subida de temperatura na inteligência.

Nas últimas 90 crianças de sete a nove anos que interrogamos, 26 tinham um coeficiente intelectual de 140, o que equivale ao gênio, ou quase. Creio, prossegue o doutor Thomson, que o estrôncio 90, produto radioativo que penetra no corpo, pode ser o responsável. Este produto não existia antes da primeira explosão atômica.

Dois sábios americanos, C. Brooke Worth e Robert K. Enders, num importante trabalho intitulado The Nature of Living things, julgam poder demonstrar que o agrupamento de genes está atualmente alterado e que, sob o efeito de influências ainda misteriosas, uma nova raça de homens está a surgir, dotada de poderes intelectuais superiores. Trata-se, evidentemente, de uma tese discutível. No entanto, o especialista Lewis Terman, depois de ter estudado durante trinta anos as crianças prodígios, chega às seguintes conclusões:

A maior parte das crianças prodígios perdiam as suas qualidades ao atingir a idade adulta. Parece, agora, que se tornam adultos superiores, de uma inteligência sem medida comum com os humanos de tipo corrente. Tem trinta vezes mais atividade que um homem normal bem dotado. O seu índice de êxito está multiplicado por vinte e cinco. A sua saúde é perfeita, assim como o equilíbrio sentimental e sexual. Finalmente, escapam às doenças psicossomáticas, inclusivamente o cancro. Será certo?

O que é certo é que assistimos a uma aceleração progressiva, no Mundo inteiro, das faculdades mentais, correspondendo aliás à das faculdades físicas. O fenômeno é tão evidente que outro sábio americano, o doutor Sydney Pressey, da Universidade de Ohio, acaba de estabelecer um plano para a instrução das crianças precoces,

susceptível, segundo ele, de fornecer trezentas mil grandes inteligências por ano.

Tratar-se-á de uma mutação na espécie humana? Estaremos nós a assistir à aparição de seres que se nos assemelham exteriormente e que, no entanto, são diferentes? É este formidável problema que vamos estudar. O que é certo é que assistimos ao nascimento de um mito: o do homem transformado'. O nascimento deste mito, na nossa civilização técnica e científica, não pode deixar de ter o seu significado e o seu valor dinâmico. Antes de abordar este assunto, convém notar que a subida de temperatura da inteligência, constatada entre as crianças, conduz à idéia simples, prática, racional, de uma melhoria progressiva da espécie humana por meio da técnica.

A técnica desportiva moderna demonstrou que o homem possui recursos físicos ainda longe de estarem esgotados. As experiências em curso sobre o comportamento do corpo humano nos foguetões interplanetários provaram uma resistência insuspeitada. Os sobreviventes dos campos de concentração puderam medir a extraordinária possibilidade de defesa da vida e descobrir consideráveis recursos na interação entre o psiquismo e o físico.

Finalmente, no que se refere à inteligência, a recente descoberta das técnicas mentais e dos produtos químicos susceptíveis de ativar a memória, de reduzir a zero o esforço de memorização, abre perspectivas extraordinárias. Os princípios da ciência não são de forma nenhuma inacessíveis a um espírito normal. Se se alivia o cérebro do aluno e do estudante do enorme esforço de memória que é obrigado a fazer, tornar-se-á perfeitamente possível ensinar a estrutura do núcleo e a tabela periódica dos elementos aos alunos da quarta classe e fazer compreender a relatividade e os quanta a um estudante do 7º ano. Por outro lado, quando os princípios da ciência estiverem divulgados de forma maciça em todos os países, quando houver cinqüenta ou cem vezes mais investigadores, a multiplicação das idéias novas, a sua fecundação natural, as suas aproximações multiplicadas produzirão o mesmo efeito que um aumento do número de gênios.

Um efeito até melhor, pois o gênio é muitas vezes instável e anti-social. Aliás é provável que uma ciência nova, a teoria geral da informação, permita dentro em breve precisar quantitativamente a idéia que nós aqui expomos de forma qualitativa. Dividindo equitativamente entre os homens os conhecimentos de que a humanidade já dispõe, e encorajando-os às permutas de maneira a produzir novas combinações, aumentar-se-á o potencial intelectual da sociedade humana tão rapidamente e seguramente como multiplicando o número dos gênios.

Esta visão deve ser mantida paralelamente à visão mais fantástica do homem transformado.

O nosso amigo Charles-Noel Martin, numa retumbante comunicação, revelou os efeitos acumulativos das explosões atômicas. As radiações espalhadas no decurso das experiências desenvolvem os seus efeitos em proporção geométrica. A espécie humana arriscar-se-ia portanto a ser vítima de mutações desfavoráveis. Para mais, há cinqüenta anos que o rádio é utilizado em toda a parte do Mundo sem um controlo sério. Os raios X e certos produtos químicos radioativos são explorados em inúmeras indústrias. Em que proporção e de que forma essa irradiação atinge o homem moderno? Ignoramos tudo do sistema das mutações. Não se poderiam produzir igualmente mutações favoráveis? Tomando a palavra durante uma conferência atômica de Genebra, sir Ernest Rock Carling, patologista ligado ao Home Office, declarou: Pode

igualmente esperar-se que, numa limitada proporção de casos, essas mutações produzam um efeito favorável e dêem uma criança de gênio. Sob o risco de chocar a venerável assistência, afirmo que a mutação que nos dará um Aristóteles, um Leonardo da Vinci, um Newton, um Pasteur ou um Einstein compensará largamente os noventa e nove outros que tiverem resultado bastante menos brilhantes.

Primeiro uma palavra sobre a teoria das mutações.

No final do século, A. Weisman e Hugo de Vriés renovaram a idéia que até ali se fazia da evolução. Estava na moda o átomo cuja realidade começava a manifestar-se na física. Eles descobriram o átomo de hereditariedade e localizaram-no nos cromossomos. A nova ciência de genética assim criada trouxe à luz os trabalhos efetuados na segunda metade do século XIX pelo monge checo Gregor Mendel. Parece ser hoje indiscutível que a hereditariedade é alterada pelos genes. Estes são fortemente protegidos contra o meio exterior. No entanto, parece que as radiações atômicas, os raios cósmicos e certos venenos violentos como a colquicina podem atingi-los ou duplicar o número dos cromossomos.

Observou-se que a frequência das mutações é proporcionada à intensidade da radioatividade. Ora a radioatividade é hoje trinta e cinco vezes superior ao que era no princípio do século. Foram apresentados exemplos precisos de seleção produzindo-se nas bactérias por mutação genética sob a ação dos antibióticos, por Luria e Debruck em 1943, e por Demerec em 1945. Nesses trabalhos vemos operar-se a mutação-seleção tal como Darwin a imaginara. Mitchourine e Lissenko, os adversários da tese de Lamarck sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos, parecem portanto ter razão. Mas poder-se-á generalizar, e supor que o caso das bactérias se repete nas plantas, nos animais, no homem? O caso já não parece duvidoso. Existirão mutações genéticas controláveis na espécie humana? Sim. Um dos casos indiscutíveis é o seguinte: Este caso é extraído dos arquivos do hospital especial inglês para doenças infantis, em Londres.

O doutor Louis Wolf, diretor desse hospital, pensa que nascem em Inglaterra trinta crianças com mutação fenil-cetónica por ano. Estas crianças possuem genes que não produzem no sangue certos fermentos em ação no sangue normal, e são portanto incapazes de dissociar a fenil-alamina. Essa incapacidade torna a criança vulnerável à epilepsia e ao eczema, provoca uma coloração cinzenta dos cabelos e torna o adulto vulnerável às doenças mentais. Uma certa raça fenil-cetónica, à margem da raça humana normal, está portanto viva entre nós... Trata-se aqui de uma mutação desfavorável: mas poder-se-á recusar todo o crédito à possibilidade de uma mutação favorável? Alguns seres transformados poderiam ter no sangue produtos susceptíveis de melhorar o seu equilíbrio físico e de aumentar bastante acima do nosso o seu coeficiente de inteligência.

Eles poderiam transportar nas suas veias tranqüilizantes naturais, colocando-os ao abrigo dos choques psíquicos da vida social e dos complexos de angústia. Formariam portanto uma raça diferente da raça humana, superior a ela. Os psiquiatras e os médicos descobrem as deficiências. De que forma descobrir aquilo que vai melhor que bem?

Na ordem das mutações é necessário distinguir vários aspectos. A mutação celular que não atinge os genes, que não afeta a descendência, é nossa conhecida sob a sua forma desfavorável: o cancro, a leucemia são mutações celulares. Em que medida não

se poderiam produzir mutações celulares favoráveis, generalizadas em todo o organismo? Os místicos falam da aparição de uma carne nova, de uma transfiguração.

A mutação genética desfavorável (o caso dos fenil-cetónicos) principia também a ser nossa conhecida. Em que medida é que não se poderia produzir uma mutação favorável? Também aqui seria ainda necessário distinguir dois aspectos do fenômeno, ou antes, duas interpretações:

1º - Essa mutação, essa aparição de outra raça poderia ser devida ao acaso. A radioatividade, entre outras causas, poderia produzir uma modificação dos genes de certos indivíduos. A proteína do gene, ligeiramente atingida, não forneceria mais, por exemplo, certos ácidos que provocam em nós a angústia. Ver-se-ia aparecer outra raça: a raça do homem tranqüilo, do homem que não receia nada, que não sente nada de negativo.

Que vai à guerra tranquilamente, que mata sem inquietação, que goza sem complexos, uma espécie de autômato sem qualquer espécie de mais testemunha que criador, mas testemunha hiperlúcida das aventuras extremas da inteligência moderna, o escritor André Breton, pai do Surrealismo, não hesitava em escrever em 1942: Talvez o homem não seja o centro, o ponto de mira do Universo. Podemos sonhar que existem acima dele, na escala animal, seres cujo comportamento lhe é tão estranho como o dele pode ser ao efêmero ou à baleia. Nada se opõe necessariamente a que certos seres escapem de forma perfeita ao seu sistema de referências sensorial, graças a um disfarce de qualquer natureza que se queira imaginar, mas de que a teoria da forma e o estudo dos animais miméticos estabelecem por si só a possibilidade.

Não é de duvidar que o maior campo especulativo se oferece a esta idéia, embora ela tenda a atribuir ao homem as mesmas modestas condições de interpretação do seu próprio universo que a criança atribui a uma formiga em cima da qual acaba, com um pontapé, de derruir o formigueiro. Considerando as perturbações do tipo ciclone, de que o homem é impotente em ser outra coisa senão a vítima ou a testemunha ou as do tipo guerra, a respeito das quais noções claramente insuficientes têm sido defendidas, não seria impossível, no decorrer de um vasto trabalho ao qual jamais deveria deixar de presidir a indução mais ousada, tentar definir até as tornar verossímeis a estrutura e a complexão de tais seres hipotéticos, que se manifestam obscuramente em nós no medo e no sentimento do acaso.

Creio dever observar que não me afasto muito do testemunho de Novalis: Nós vivemos, na realidade, num animal do qual somos os parasitas. A constituição desse animal determina a nossa, e vice-versa, e não posso deixar de concordar com o pensamento de William James: Quem sabe se, na natureza, nós não ocupamos um lugar tão pequeno junto de seres insuspeitados, como os nossos gatos e os nossos cães ao viverem ao nosso lado nas nossas casas? Os próprios sábios não contra dizem todos esta opinião: Circulam talvez em redor de nós seres concebidos sobre o mesmo plano que nos, mas diferentes, homens, por exemplo, cujas albuminas seriam direitas. Assim fala Émile Duclaux, antigo diretor do Instituto Pasteur.

O homem novo vive entre nós! Ele está aqui! Isto basta-lhe? Vou dizer-lhe um segredo: eu vi o homem novo. É intrépido e cruel! Tive medo diante dele!, berra Hitler estremecendo. Outro espírito, possesso de terror, atacado pela loucura: Maupassant, lívido e a transpirar, escreve de forma precipitada um dos textos mais inquietantes da literatura francesa: Le Horla. Agora, eu sei, eu adivinho. O reino do homem terminou.

Chegou Aquele que o terror dos povos ingênuos receava. Aquele que exorcizavam os padres inquietos, que os feiticeiros evocavam nas noites sombrias, sem o ver ainda, a quem os pressentimentos dos mestres passageiros do Mundo emprestaram todas as formas monstruosas ou graciosas dos gnomos, dos espíritos, dos gênios, das fadas, dos duendes. Após as grosseiras concepções dos primitivos pavores, os homens mais perspicazes pressentiram-no com maior clareza. Mesmer adivinhara-o, e os médicos descobriram, há já dez anos, a natureza do seu poder antes que ele próprio o tenha exercido. Jogaram com a arma do Senhor novo o domínio de misterioso poder sobre a alma humana, tornada escrava. Chamaram a isso magnetismo, hipnotismo, sugestão... que sei eu? Vi-os divertir-se como crianças imprudentes com esse horrível poder! Desgraçados de nós! Desgraçado do homem! Ele chegou, o . . . o. . . Como se chama ele?. . . o. . . parece-me que ele grita o seu nome, e eu não o ouço... sim... ele grita-o... escuto... não posso. . . repete . . . o. . . Horla. . . ouvi. . . o Horla. . . é ele. . . o Horla... ele chegou!

Na sua interpretação balbuciante dessa visão cheia de deslumbramento e horror, Maupassant, homem da sua época, atribui ao superior poderes hipnóticos. A literatura moderna de ficção científica, mais próxima dos trabalhos de Rhine, de Soal, de Mac Connel que dos de Charcot, atribui-lhe poderes para-psicológicos: a telepatia, a ação a distância sobre os objetos. Alguns autores vão mais longe ainda e mostram-nos o Superior esvoaçando no espaço ou atravessando as paredes: aqui há apenas fantasia, agradável aspiração dos arquétipos dos contos de fadas.

Da mesma forma que a ilha ou a galáxia dos seres superiores corresponde ao velho sonho das Ilhas Bem-Aventuradas, os poderes paranormais correspondem ao arquétipo dos deuses gregos. Mas, se nos colocarmos no plano do real, apercebemo-nos de que todos esses poderes seriam perfeitamente inúteis para seres que vivessem numa civilização moderna. De que serve a telepatia quando se tem a rádio? De que serve a levitação, quando há o avião? Se o homem transformado existe, o que estamos tentados a acreditar, ele dispõe de um poder muito superior a tudo o que a imaginação pode sonhar. De um poder que o homem vulgar não explora: ele dispõe da inteligência.

As nossas ações são irracionais e a inteligência não desempenha senão um papel ínfimo nas nossas decisões. Pode imaginar-se o Ultra-Humano, novo escalão da vida sobre o planeta como um ser racional, e já não apenas um ser que raciocina, um ser dotado de uma inteligência objetiva permanente, que toma decisões apenas depois de examinar lúcida e completamente a massa de informações em seu poder. Um ser cujo sistema nervoso fosse uma fortaleza capaz de resistir a qualquer assalto das impulsões negativas. Um ser de cérebro frio e rápido, equipado com uma memória total, infalível. Se o homem transformado existe, provavelmente ele é esse ser que fisicamente parece um humano, mas que dele difere radicalmente pelo simples fato de que ele controla a sua inteligência e a emprega sem um segundo de descanso. Esta visão parece simples. No entanto ela é mais fantástica que tudo o que a literatura de ficção científica nos sugere. Os biologistas principiam a distinguir as modificações químicas que seriam necessárias à criação dessa nova espécie.

As experiências sobre os tranqüilizantes, sobre o ácido lisérgico e seus derivados mostraram que bastaria uma dose muito pequena de certos compostos orgânicos ainda desconhecidos para nos proteger contra a permeabilidade excessiva do nosso sistema nervoso e assim nos permitir exercer em todas as ocasiões uma inteligência objetiva. Tal como existem homens transformados fenil-cetônicos cuja química está menos

adaptada à vida do que a nossa, também é admissível pensar que existem homens transformados cuja química está mais adaptada do que a nossa à vida neste mundo em transformação. São esses superiores, cujas glândulas segregariam espontaneamente tranqüilizantes e substâncias susceptíveis de desenvolver a atividade cerebral, que seriam os anunciadores da espécie destinada a substituir o homem. O seu local de residência não seria uma ilha misteriosa ou um planeta proibido. A vida foi capaz de criar seres adaptados aos abismos submarinos ou à atmosfera rarificada dos cumes mais altos.

É igualmente capaz de criar o ser ultra-humano para o qual a habitação ideal é Metrópolis, a terra fumegante de fábricas, a terra trepidante de negócios, a terra vibrante de cem novas radiações. . . A vida nunca está perfeitamente adaptada, mas tende para a adaptação perfeita. Porque se relaxaria essa tensão desde que o homem foi criado? Porque não prepararia ela melhor que o homem, através do homem? E esse homem segundo o homem talvez já tenha nascido. A vida, disse o doutor Loren Eiseley, é uma grande ribeira sonhadora que desliza através de todas as aberturas, modificando-se e adaptando-se à medida que avança 1. A sua aparente estabilidade é uma ilusão engendrada pela própria brevidade dos nossos dias. Nós não vemos o ponteiro das horas dar a volta ao mostrador: da mesma forma não vemos uma forma de vida fundir-se noutra.

Este livro tem como objetivo expor fatos e sugerir hipóteses, de forma alguma promover cultos. Nós não pretendemos conhecer seres superiores. No entanto, se admitimos a idéia de que o ser superior perfeito está perfeitamente camuflado, admitiremos a idéia de que a natureza falhe no seu esforço de criação ascensional e ponha em circulação seres superiores imperfeitos que são, estes, visíveis.

Nesse ser transformado imperfeito, as qualidades mentais excepcionais misturam-se com os defeitos físicos. Tal é o caso, por exemplo, de numerosos computadores prodígios. O melhor especialista na matéria, o professor Robert Tocquet, declara a este respeito: Vários computadores foram a princípio considerados como crianças atrasadas. O computador prodígio belga Oscar Verhaeghe, aos dezessete anos, exprimia-se como um bebê de dois anos. Para mais, já dissemos que Zerah Colburn apresentava um sinal de degenerescência: um dedo suplementar em cada membro. Outro computador prodígio, Prolongeau, nascera sem braços nem pernas. Mondeux era histérico... Oscar Verhaeghe, nascido a 16 de Abril em Bousval, na Bélgica, numa família de modestos funcionários, pertence ao grupo de computadores cuja inteligência está muito abaixo da média. As elevações às diversas potências de números formados pelos mesmos números é uma das suas especialidades. Assim, 888,888,888,888,888 é elevado ao quadrado em 40 segundos e 9,999,999 é elevado à quinta potência em 60 segundos, incluindo o resultado 35 números. . .

Degenerados ou seres superiores falhados? Eis aqui talvez um caso de homem transformado completo: o de Leonardo Euler, o qual estava em relações com Roger Boscovitch', cuja história contamos num capítulo anterior.

Leonardo Euler (1707-1783) é geralmente considerado um dos maiores matemáticos de todos os tempos. Mas esta classificação é pequena demais para demonstrar as qualidades supra-humanas do seu espírito. Ele folheava as obras mais complexas em alguns instantes e era capaz de recitar completamente todos os livros que lhe tinham passado pelas mãos desde que aprendera a ler. Conhecia a fundo a física, a química, a

zoologia, a botânica a geologia, a medicina, a história, as literaturas grega e latina. Em todas essas disciplinas, nenhum homem do seu tempo o igualou.

Possuía o poder de se isolar totalmente, quando lhe apetecesse, do mundo exterior, e de prosseguir um raciocínio acontecesse o que acontecesse. Perdeu a vista em 1766, o que não o afetou. Um dos seus alunos contou que durante uma discussão sobre cálculos que atingiam a décima sétima decimal, um desacordo se produziu no momento de estabelecer a décima quinta. Então Euler refez, com os olhos fechados, o cálculo numa fração de segundo. Via relações, ligações, que escapavam ao resto da humanidade culta e inteligente. Foi assim que descobriu idéias matemáticas novas e revolucionárias nos poemas de Virgílio. Era um homem simples e modesto e todos os seus contemporâneos estão de acordo sobre o fato de que a sua principal preocupação era a de passar desapercebido. Euler e Boscovitch viviam numa época em que os sábios eram respeitados, em que não corriam o risco de ser presos por idéias políticas ou obrigados pelo governo a fabricar armas. Se tivessem vivido no nosso século, talvez se tivessem organizado de forma a disfarçarem-se por completo. Talvez existam atualmente alguns Euler e Boscovitch. Talvez passem a nosso lado disfarçados de professores de aldeia ou de agentes de seguros, homens transformados inteligentes e racionais, munidos de uma memória absoluta e de uma inteligência constantemente lúcida.

Formarão esses homens transformados uma sociedade invisível? Nenhum ser humano vive só. Ele só se pode realizar no seio de uma sociedade. A sociedade humana que conhecemos demonstrou mais do que suficientemente que é hostil à inteligência objetiva e à imaginação livre: Giordano Bruno queimado, Einstein exilado, Oppenheimer vigiado. Se existem seres superiores que correspondem à nossa descrição, tudo leva a pensar que eles trabalham e comunicam entre si no interior de uma sociedade sobreposta à nossa, e que sem dúvida se estende pelo Mundo inteiro. Que eles comuniquem servindo-se de meios psíquicos superiores, como a telepatia, parece-nos uma hipótese infantil.

Mais perto do real, e portanto mais fantástica, nos parece a hipótese segundo a qual eles se serviriam de comunicações humanas normais para fazer circular mensagens e informações para seu serviço exclusivo. A teoria geral da informação e a semântica mostram bastante bem que é possível redigir textos com duplo, triplo ou quádruplo sentido. Existem textos chineses com sete significações encerradas umas nas outras. Um herói do romance de Van Vog, À la Poursuite des Slans, descobre a existência de outros seres superiores ao ler o jornal e ao decifrar artigos aparentemente inofensivos. Tal rede de comunicação dentro da nossa literatura, da nossa imprensa, etc., é concebível.

O New York Herald Tribune publicava a 15 de Março de 1958 um estudo do seu correspondente em Londres sobre uma série de mensagens enigmáticas publicadas nos pequenos anúncios do Times. Essas mensagens tinham chamado a atenção dos especialistas da criptografia e das diversas polícias, pois era manifesto que tinham um segundo sentido. Mas esse sentido escapara a todos os esforços de decifração. Existem sem dúvida meios de comunicação menos decifráveis ainda. Tal romance de terceira ordem, tal obra técnica, tal livro de filosofia aparentemente sem valor, talvez transmitam secretamente complexos estudos, mensagens dirigidas a inteligências superiores, tão diferentes da nossa como esta é da de um grande macaco.

Louis de Broglie escreve: Nunca devemos esquecer quanto os nossos conhecimentos continuam limitados e de que imprevistas evoluções são susceptíveis. Se a civilização humana subsiste, a física poderá dentro de alguns séculos ser tão diferente da nossa como esta é da física de Aristóteles. Talvez as concepções ampliadas que então atingiremos nos permitam englobar numa mesma síntese, onde cada um encontrará o seu lugar, o conjunto dos fenômenos físicos e biológicos. Se o pensamento humano, eventualmente tornado mais potente por qualquer mutação biológica, viesse um dia a elevar-se até lá, aperceber-se-ia, com uma clareza que nós nem sequer suspeitamos, da unidade dos fenômenos que distinguimos com o auxílio dos adjetivos físico-químicos biológicos ou mesmo psíquicos. E se esta mutação já se tivesse produzido? Um dos maiores biologistas franceses, Morand, inventor dos tranqüilizantes, admite que os homens transformados apareceram ao longo da história e da humanidade 2: Os homens transformados foram, entre outros, Maomé, Confúcio, Jesus Cristo. . . Talvez existam muitos outros.

Não é de forma nenhuma inverossímil que, na época evolutiva em que nos encontramos, seres superiores considerem inútil apresentar-se como exemplos ou pregar qualquer nova forma de religião. Há mais que fazer, presentemente, do que dirigir-se ao indivíduo. Não é improvável que eles considerem necessária e benéfica a subida da nossa humanidade a caminho da coletividade. Finalmente não é improvável que eles considerem desejável o nosso sofrimento de parto, e mesmo feliz qualquer grande catástrofe susceptível de apressar a tomada de consciência da tragédia espiritual que constitui na sua totalidade o fenômeno humano. Para agir, para que se precise ò desvio que talvez nos arraste a todos para qualquer forma de ultra-humano que eles já possuem, talvez lhes seja necessário continuar escondidos, manter secreta a coexistência, enquanto se elabora, a despeito das aparências e talvez até graças à sua presença, a alma nova para um mundo novo que nós chamamos, quanto a nós, com toda a força do nosso amor.

Eis-nos nas fronteiras do imaginário. Precisamos de parar. Apenas pretendemos sugerir o maior número possível de hipóteses não completamente insensatas. Entre elas, muitas serão, provavelmente, de desprezar. Mas se algumas abrirem à investigação portas até aqui dissimuladas, não teremos trabalhado em vão; não nos teremos exposto inutilmente ao ridículo. O segredo da vida pode ser encontrado. Se me fosse dada a ocasião. não a deixaria escapar por receio da chacota'.

Toda a reflexão sobre os seres superiores conduz a uma meditação sobre a evolução, sobre os destinos da vida e do homem. O que é o tempo, à escala cósmica onde é necessário situar a história terrestre? Se assim posso dizer, não estará o futuro latente por toda a eternidade? Na aparição dos seres superiores tudo se passa, talvez, como se a sociedade humana fosse por vezes atingida por uma ressaca do futuro, visitada pelas testemunhas do conhecimento ainda por vir. Os seres superiores não serão a memória do futuro, de que o grande cérebro da humanidade é talvez dotado?

Outra coisa: a idéia de mutação favorável é evidentemente ligada à idéia de progresso. Esta hipótese de uma mutação pode ser levada para o plano científico mais positivo. É perfeitamente certo que as regiões mais recentemente adquiridas pela evolução, e as menos especializadas, quer dizer, as zonas silenciosas da matéria cerebral, são as últimas a amadurecer. Alguns neurologistas pensam com razão que há ali outras possibilidades que o futuro da espécie nos revelará.

O indivíduo poderia vir a gozar de outras possibilidades. Uma individualização superior. E, no entanto, o futuro das sociedades bem nos parece orientado em direção a uma coletivização cada vez maior. Será contraditório? Não cremos. A nossos olhos, a existência não é contradição, mas complementaridade e síntese transcendental.

Numa carta ao seu amigo Laborit, o biologista Morand escreveu: O homem tornado perfeitamente lógico, tendo abandonado toda a paixão assim como toda a ilusão, transformar-se-á numa célula do continuum vital que constitui uma sociedade chegada ao mais alto termo da sua evolução: é evidente que ainda lá não chegamos, mas não creio que possa haver evolução sem isso. Então, e só então, emergirá essa consciência universal do ser coletivo, em direção à qual nos encaminhamos.

Perante esta visão, altamente provável, sabemos muito bem que os partidários do velho humanismo que forjou a nossa civilização se desesperam. Imaginam o homem daqui em diante sem finalidade, entrando na sua fase de declínio. Tornado perfeitamente lógico, tendo abandonado toda a paixão assim como toda a ilusão. . . Mas como o homem transformado em centro de inteligência radiante poderia estar a caminho do declínio? Com certeza, o Eu psicológico, aquilo a que chamamos a personalidade, estaria em vias de desaparecer. Mas não cremos que essa personalidade seja a última riqueza do homem. Neste ponto, creio que somos religiosos. É o signo da nossa época, o fato de todas as observações ativas se rematarem numa visão da transcendência. Não, a personalidade não é a última riqueza do homem.

Ela não passa de um dos instrumentos que lhe são dados para passar ao estado de vigília. Feita a obra, o instrumento desaparece. Se tivéssemos espelhos capazes de nos mostrar essa personalidade à qual damos tanta importância, não lhe suportaríamos a vista, tantos são os monstros e as larvas que por lá formigam. Só o homem realmente desperto ali se poderia debruçar sem se arriscar a morrer de pavor, pois então o espelho não refletiria mais nada, seria puro. Este é o verdadeiro rosto que, no espelho da verdade, não é refletido. Neste sentido, nós ainda não temos rosto.

E os deuses não nos falarão frente a frente senão quando nós próprios tivermos um rosto. Aludindo à diferença entre o Eu psicológico, móvel e limitado (moi em francês) e o Eu racional, ativo e desembaraçado (je em francês), Rimbaud já dizia: Je est un autre (Eu é um outro). É o Eu imóvel, transparente e puro, cujo entendimento e infinito: todas as tradições incitam o homem a abandonar tudo para lá chegar. Poder-se-ia dar o caso de que estivéssemos numa época em que o próximo futuro fale a mesma linguagem que o mais longínquo passado. Fora destas considerações sobre as possibilidades outras do espírito, o pensamento, mesmo o mais generoso, só distingue contradições entre consciência individual e consciência universal, vida pessoal e vida coletiva. Mas um pensamento que vê contradições no que está vivo é um pensamento doente. A consciência individual realmente desperta entra no universal. A vida pessoal, concebida e utilizada toda como instrumento de vigília, funde-se sem perigo na vida coletiva.

Finalmente, não se afirma aqui que a constituição deste ser coletivo seja o termo máximo da evolução. O espírito da Terra a alma do que está vivo não acabaram de emergir. Os pessimistas, perante os grandes acontecimentos visíveis que produz essa secreta emergência, dizem que é pelo menos necessário tentar salvar o homem. Mas esse homem não é para salvar, ele é para mudar.

O homem da psicologia clássica e das filosofias correntes está ultrapassado, condenado à inadaptação. Quer haja mutação ou não, é outro homem que convém

entrever para ajustar o fenômeno humano ao destino em marcha. Então, não é uma questão nem de pessimismo, nem de otimismo: é uma questão de amor. No tempo em que eu pensava possuir a verdade na minha alma e no meu corpo, em que imaginava ter em breve a solução para tudo, na escola do filósofo Gurdjieff há uma palavra que nunca ouvi pronunciar: a palavra amor. Não disponho hoje de qualquer certeza absoluta.

Não afirmaria como válida a mais tímida das hipóteses formuladas nesta obra. Cinco anos de reflexão e de trabalho com Jacques Bergier não me proporcionaram senão uma única coisa: a vontade de manter o meu espírito em estado de surpresa e de confiança perante todas as formas de vida e perante todos os vestígios de inteligência no que é vivo. Esses dois estados: surpresa e confiança, são inseparáveis. A vontade de os alcançar e de aí se manter sofre com o tempo uma transformação. Deixa de ser vontade, quer dizer, jugo, para se tornar amor, quer dizer, alegria e liberdade. Numa palavra, a minha única aquisição é que trago comigo, para todo o sempre, o amor pelo que está vivo, neste mundo e na infinidade dos mundos. Para honrar e exprimir esse amor poderoso, complexo, não nos limitamos, eu e Jacques Bergier, ao método científico, como o exigia a prudência. Mas o que é o amor prudente? Os nossos métodos foram os dos sábios, mas também os dos teólogos, dos poetas, dos feiticeiros, dos magos e das crianças. No fim de contas, conduzimo-nos como bárbaros, preferindo a invasão à evasão.

É que qualquer coisa nos dizia que de fato fazíamos parte das tropas estranhas, dos bandos fantomáticos conduzidos por trombetas de ultra-som, coortes transparentes e desordenadas que principiam a irromper sobre a nossa civilização. Nós estamos do lado dos invasores, do lado da vida que chega, do lado da mudança de era e de pensamento. Erro? Loucura? Uma vida de homem só se justifica pelo esforço, mesmo desafortunado, de melhor compreender. E melhor compreender é melhor aderir. Quanto mais eu compreendo, mais amo, pois tudo o que se compreende está certo.

Fim.

ÍNDICE

pouco de lirismo.

A CONSPIRAÇÃO EM PLENO DIA

I. A geração dos obreiros da Terra. - Sois um moderno atrasado ou um contemporâneo do futuro? - Um cartaz nas paredes de Paris em 1622. - Ver as coisas antigas com olhos novos. - A linguagem esotérica e a linguagem técnica. - Uma nova noção da sociedade secreta. - Um novo aspecto do espírito religioso

II. Os profetas do Apocalipse. - Uma Comissão do Desespero. - A metralhadora de Luís XVI. - A Ciência não é uma Vaca Sagrada. - O Senhor Despotopoulos quer ocultar o progresso. - A lenda dos Nove Desconhecidos.

III. Ainda uma palavra sobre o realismo fantástico. - Ali existiram técnicas. - Houve a necessidade do segredo e volta a haver. - Nós viajamos no tempo. - Queremos ver, na sua continuidade, o oceano do espírito, - Novas reflexões sobre o engenheiro e o mágico. - O passado, o futuro. - O presente atrasa-se nos dois sentidos. - O ouro dos livros antigos. - Um olhar novo sobre o mundo antigo.

IV. O saber e o poder ocultam-se. - Uma visão da guerra revolucionária. - A técnica ressuscita as Guildas. - O regresso à idade dos Adeptos. - Um romancista falara verdade: existem Centrais de Energia. - Da monarquia à criptocracia. - A sociedade secreta, futura forma de governo. - A própria inteligência é uma sociedade secreta. - Batem à porta.

A ALQUIMIA COMO EXEMPLO

I. Um alquimista no Café Procope, em 1953. - Conversa a  propósito de Gurdjieff. - Um homem que pretende saber que a pedra filosofal é uma realidade. - Bergier arrasta-me a toda velocidade para um estranho atalho. - Aquilo que veio liberta-me do imbecil desprezo pelo progresso. - O nosso pensa mento secreto a respeito da alquimia: nem revelação, nem  tentativa. - Rápida meditação sobre a espiral e a esperança.

II. Cem mil livros que nunca são interrogados. - Pede-se uma expedição científica ao país da alquimia. - Os inventores. - O delírio pelo mercúrio. - Uma linguagem cifrada. - Terá existido outra civilização atômica? - Os pilares do museu de Bagdá. - Newton e os grandes iniciados. - Helvétius e Spinoza perante o ouro filosofal. - Alquimia e física moderna. - Uma bomba de hidrogênio sobre um fogão de cozinha. Materializar, hominizar, espiritualizar.

III. Onde se vê um pequeno judeu preferir o mel ao açúcar.  Onde um alquimista, que poderia ser o misterioso Fulcanelli,  fala do perigo atômico em 1937, descreve a pilha atômica e evoca as civilizações desaparecidas. - Onde Bergier corta um cofre-forte com um maçarico e anda com uma garrafa de urânio  debaixo do braço. - Onde um maior americano anônimo procura um Fulcanelli definitivamente oculto. - Onde Oppenheimer canta um dueto com um sábio chinês de há mil anos atrás.

IV. O alquimista moderno e o espírito de investigação. - Descrição do que faz um alquimista no sem laboratório. - A repetição indefinida da experiência. - O que espera ele? - A preparação das trevas. - O gás eletrônico. - A água dissolvente. - Será a pedra filosofal emergia em suspensão? - A transmutação do próprio alquimista. - Para além começa a verdadeira metafísica.

TERCEIRA PARTE

genial novela de Jorge Luís Borges.

DIVAGAÇÕES SOBRE OS MUTANTES - X. O garoto astrônomo. - Uma subida de temperatura na inteligência. Teoria das mutações. - O mito dos Grandes Superiores. - Os Mutantes entre nós. - Do Horla a Leonardo Euler. - Uma sociedade invisível dos Mutantes. - Nascimento do ser coletivo. - O amor pelo vivo.

BERTRAND EDITORA